

A MEMORIA DE MEU PAI

O CAPITÃO-MÓR

ALEXANDRE JOSÉ DE MELLO

DE MINHA MÃI

ANNA BARBOSA DE ARAUJO MORAES

DE MINHA AVÓ MATERNA E MINHA DESVELADA

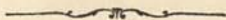
AMIGA

MARIA PAES DE ARAUJO

DE MEU PRIMO E AMIGO

O CORONEL SALVADOR PEREIRA DA ROSA E SILVA

AO MEU LEITOR



Um livro faltava na litteratura medica, e principalmente na bibliotheca da lingua portugueza, que exclusivamente tractasse do homem e da mulher, em relação ás suas paixões. Eil-o vestido á brasileira, tal, qual o podemos escrever, colligido dos numerosos escriptores que nos são familiares, e o melhor que nos agradou. Dividimol-o em tres partes : na primeira fallamos da mulher, sob todos os pontos de vista, que se a pode considerar; na segunda, do homem; e na terceira, das paixões e affecções.

O nosso livro é um ramallete de flores, que com cuidado colhemos no jardim das sciencias : se elle preencher o fim, que nos moveu escrevel-o, julgar-nos-hemos pago e satisfeito e semelhante ao philosopho portuguez (Ferreira P. L.) diremos :

*Eu desta gloria só fico contente,
Que a minha terra amei e a minha gente.*

Alexandre José de Mello Moraes

(DOUTOR EM MEDICINA)

PHYSIOLOGIA

DAS

PAIXÕES E AFFECÇÕES

PRECEDIDA DE UMA NOÇÃO PHILOSOPHICA GERAL

E POR UM ESTUDO APROFUNDADO E DESCRIPÇÕES ANATOMICAS

DO HOMEM E DA MULHER

SUAS DIFFERENÇAS PHYSIOLOGICAS, PHYSIONOMICAS, PHILOSOPHICAS

E MORAES, BASEADAS NAS THEORIAS DE

LAVATER, MOREAU, PORTA, LE BRUN, ROUSSEL, VIREY E OUTROS

SEGUIDA DE UMA CLASSIFICAÇÃO METHODICA

DE TODOS OS SENTIMENTOS AFFECTIVOS E MORAES, CONFORME

A FORÇA COM QUE OBRAM NO ESPIRITO, NA IMAGINAÇÃO

E NO CORAÇÃO

PELO

Dr. A. J. de MELLO MORAES

Natural da Cidade das Alagôas

TOMO I

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

PARÍS

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6

RIO DE JANEIRO

71, RUA DO OUVIDOR, 71

V
612
M827
P
1854-55

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

Este volume acha-se registrado

sob número 1979

do ano de 1972



À MEMORIA DE MEU TIO

O CAPITÃO-MÓR

Dr. ANTONIO DE MORAES E SILVA

(PHILOLOGO E O MAIS ERUDICTO DOS BRASILEIROS) (*)

De que serve o marmore matisado de ouro, que cobre o crapuloso, o assassino, ou o ladrão? O que exprime elle?... Tristissima lembrança!... recordações tristissimas das miserias humanas!...

.....

A grinalda, que com esmero teci no jardim das sciencias, vai ser, meu Pai, desfolhada pela nunca manchada mão de vosso filho, sobre a vossa campá, sem nodoa, da de minha Mãe, de minha Avó, da de meu Primo e da de meu Tio, como viva expressão de minha saudade na terra. E por que não vai ella, humedecida de pronto?... Na máguo verdadeira do peito, no arfar pungente do coração, não se pode chorar. Mudo como a lage do sepulchro, secco como o ouro do avaro, é o aspecto da mágoa.

Alexandre José de Mello Moraes.



(*) No Gabinete de Leitura se lê o seguinte :

Glorias litterarias da America.

Os annaes da litteratura, indicando que os maiores *Lexicographos* das linguas *Portugueza e Ingleza* nasceram no novo mundo, offerecem nesta curiosa coincidencia um perfume ao amor proprio de todo o Americano : amor proprio louvavel, e que (em verdade seja dito) necessita de tanto estimulo principalmente no Brasil... *Webster* ainda vive : elle ouve os votos de agradecimento de seus concidadãos, e recebe as oblações dos sabios estrangeiros. *Moraes*, nome de amor, nome de saudade para todo o coração brasileiro; já não existe, digam com ufania os Fluminenses, que o Rio de Janeiro foi o seo berço natalicio, e ouçam com tristeza todos os Brasileiros, e tambem os Portuguezes que ha poucos annos elle adormeceu para sempre no regaço do heroico Pernambuco. A Capella do engenho da *Muribeca* é mui pequena para conter tão grandes despojos : ella só representará a Ferney, a Esmenoville Brasileira. Tempo virá, e talvez não tardará, em que o genio creador do collegio de Pedro 2º. apparelhe no Templo de S. Joaquim jazigo de cinzas tão preciosas, cuja guarda será confiada aos alumnos desse instituto. Será um annuncio certo do reinado das letras, quando no tumulo de *Antonio de Moraes e Silva*, logo abaixo do seu nome, brilhar esta inscripção :

A Maior Gloria Litteraria do Brasil.

PHYSIOLOGIA DAS PAIXÕES

Considerações geraes e philosophicas sobre o homem.

De qualquer forma que se considere o homem, no momento em que sai das mãos da Natureza, elle se nos apresenta como o mais infeliz na ordem dos seres creados : — A DÔR — é a primeira sensação que experimenta : — seu corpo nú, e sem abrigo, sua delicada pelle ao desamparo, que o proprio menêio do ar ambiente o incommoda — sua crassa imbecillidade, tudo se apresenta para aniquilal-o, se a ternura de uma protectora mão (a maternal) o não soccorre.

Cheio de mil precisões, e rodeado de infinitas causas, que tendem a destruil-o, elle não as reconhece; e por isso mesmo que ignora os males, os não póde prever : — necessidades inherentes á sua propria natureza o vem aboccanhar : sente fome e não se sabe exprimir; não procura os alimentos para reparar as perdas, que o seu organismo principia a soffrer, porque não póde : chora, e este signal é a linguagem mais eloquente, o sentimento mais sublime e expressivo, que a Providencia deu ao homem para significar o que sente, e o mortifica. E o que val isso ?... A Providencia, crear um ente para seu ludibrio; collocal-o n'um ponto da terra ao desamparo; fornecel-o de órgãos impotentes, para servir de escarneo aos elementos; miseravel gloria teria se assim

procedesse até o fim, porque o homem com a extincção da vida poria limites a seus males, e ella ficaria sendo mera espectadora de sua impotencia.

Cheio de razão, parece gritar o homem quando entra no theatro das reflexões, ao ver que a sabia mão da Providencia não foi igual na formação dos seres animados; porque aos outros animaes, no momento em que nascem, lhes fornece uma vestimenta propria e constante, que os abriga das intemperies das estações, e um instincto (1) igual ao daquelles que lhes deram o ser; de modo que, logo que apparecem sobre a face da terra, procuram os meios necessarios á sua conservação, sem que seja mister lh'o levarem á bocca e lhes ensinar a comer. Mesmo aos vegetaes, concedeo a casca para os abrigar dos ultrages, que lhes possam fazer os objectos que os rodeam; e no lugar onde os plantou, ahí mesmo forneceu-lhes os materiaes para a sua alimentação.

A natureza, vária, rica e fecunda em seus productos nunca marcha de salto; uma immensa cadêa une todos os seres, fazendo transições tão admiraveis, que só a vista perspicaz do observador póde conhecer e apreciar.

O lithophito é o élo que une o reino inorganico ao organico; assim como o zoophito é a passagem dos vegetaes para os animaes. — Entre os animaes que compoem as diversas classes, ha uma perfeita cadêa, tão bem ordenada e tão syme-

(1) A palavra Instincto, é um termo vago, que na sua genuina significação quer dizer cousa occulta, mysteriosa; termo empregado pelos antigos, que comprehendendo certos phenomenos, não obstante serem judiciosos, não se arrojavam a dar uma explicação phantastica; e como não se achavam nas circumstancias de explicar com certeza a verdade do factio, que presenciavam, recorreram a estas e outras palavras, que querem dizer: *por ora a este respeito nada sabemos.*

Os modernos, porém, teem assentado chamarem *instincto* a um movimento ou sentimento irreflectido ou machinal, que serve a dirigir os animaes para satisfazerem suas necessidades, e velarem em geral na conservação de sua existencia; o que, no homem, sempre precede á reflexão.

A natureza seria impotente se, creando tantos e tão variados entes, não prevêsse os damnos á que estavam sujeitos logo que se mostrassem á face da terra.

Alguns querem que o instincto seja uma potencia mais firme que a razão, o que não é mui admissivel, por depender exclusivamente dos sentidos, e estes serem susceptiveis de muitos enganios. O prazer e a dor, o amor e o odio, são verdadeiramente os que geram o instincto, e con-

tricamente arranjada, que vem a ser, por ultimo, o macaco, a separação do homem para os irracionaes (1).

Neste ensejo notamos, que os mais animaes, logo que nascem, são tão instruidos como seus progenitores; e o seu saber é infinitamente limitado.

Porém não... A fins sublimes, foi creado o homem: e embora nos primeiros dias de sua existencia elle appareça fraco, imbecil, á medida que a idade cresce, seus órgãos ganham forças e actividade, e se torna o primeiro de todos os viventes, o unico apreciador do universo, e o rei da criação.

Homem, como foi grande o teu destino!
E's rei da criação! tua figura
O indica magestosa!... como aos hombros
Da cabeça em anneis lhe desce a trança!
Como na altiva fronte lhe reflecte
Da divindade um raio! aos seus olhos
Se pintam com viveza as paixões todas.

COSTA E SILVA. P.

A Providencia, depois de haver formado o universo, creou o homem dotado de razão, isto é, de intelligencia, para por meio della se assenhorear de tudo, tornando-se semi-deus na terra.

forme o gráo de relação de conveniencia ou damno, o animal se afasta do que lhe é nocivo, e busca o que se conforma com a sua maneira de existencia.

O homem possui, como os mais animaes, o instincto; porém se afrouxa, á medida que a razão se cultiva; o que se consegue pela educação. *Voltaire* (T. 5 do Dicc. de Phil., p. 233) quando tracta do instincto, diz que tudo é effeito incomprehensivel d'uma causa incomprehensivel: tudo é determinado pela natureza. Nós a respeito de tudo pensamos; e sobre o que pensamos nada dizemos, ou concluimos com segurança e acerto.

Quem quizer melhor se compenetrar das theorias, concernentes ao instincto dos animaes, póde ler o que escreveu Fénelon, Carpentier, Virey, Adelon, Magendi, Muller, etc., etc.

(1) No tomo 7.º das obras de Lavater, vem um trabalho hucurioso de *Carlos Le Brun*, sobre as relações da physionomia humana com a dos animaes. E' curioso ver-se as estampas e a semelhança dos individuos que as representam. Este trabalho e o de Porta, ácerca dos caracteres physionomicos, nos tem dado muita luz para o presente escripto.

Encheo, minha Marilia, o grande Jove
De immensos animaes de toda a especie
As terras, mais os ares,
O grande espaço dos salobres rios
Dos negros, fundos mares.
Para sua defesa,
A todos deo as armas, que convinha
A' sabia natureza.
Deo as azas aos passaros ligeiros,
Deo ao peixe escamoso as barbatanas,
Deo veneno á serpente,
Ao membrudo elefante a enorme tromba,
Ao javali o dente.
Coube ao leão a garra :
Com leve pé, saltando o cervo foge,
E o bravo touro marra.
Ao homem deo as armas do discurso,
Que valem muito mais que as outras armas,
Deo-lhe dedos ligeiros,
Que póde converter em seu serviço
Os ferros e os madeiros ;
Que tecem fortes laços
E forjam raios, com que aos brutos cortam
Os vôos, mais os passos.
A's timidas donzellas pertenceram
Outras armas, que teem dobrada força ;
Deo-lhes a natureza
Além do intendmento, além dos braços,
As armas da belleza.
Só ella ao Céu se atreve ;
Só ella mudar póde o gelo em fogo,
Mudar o fogo em neve.

(DIRCEO.)

Esta verdade, que o poeta refere, é tão manifesta que se lançarmos os olhos para as sagradas paginas (Genesis cap. 1.^o § 26) veremos o que disse Deos, no nomento de crear o homem : — Façamos o homem á nossa imagem e semelhança, o qual presida aos peixes do mar, ás aves do Céu, ás feras, e a todos os reptis, que se movem sobre a terra. — Et ait : — *Faciamus hominem ad imaginem et similitudinem nostram, et præsit piscibus maris, et volatilibus cæli, et bestiis, univæque terræ, omnique reptili quod movetur in terra.* — E ao mesmo o homem, depois de creado, e de lhe haver infundido

a alma racional — disse : — cresci e multiplicai-vos, e enchei a terra, e tende-a sugeita a vós, e dominai sobre os peixes do mar, e sobre as aves do Céu, e sobre todos os animaes que se movem sobre a terra : — Et ait. — *Crescite, et multiplicamini, et replete terram, et subjicite eam, et dominamini piscibus maris, et volatilibus cæli, et universis animantibus, quæ moventur super terram.*

Mais adiante do capitulo da criação, depois de haver o Senhor formado o homem intelligente e pensador, damos logo com o paragrapho das paixões; e apenas inceta o primeiro homem a sua existencia, começam ellas a movel-o á seu arbitrio. Apparecem a *desobediencia* e a *infidelidade*, paixões improprias de um peito forte, da lei que lhes impoz o Senhor. E depois seguiram-se o *medo*, e a *vergonha*, paixões penitentes, consciencia de haver delinquido, as quaes acompanham a terrivel pergunta feita ao culpado : — *Ubi es?* — (Genes., cap. 3) — Onde estás? — Respondeo Adão ao Senhor : — *Eu ouvi a tua voz no Paraíso, e tive medo, porque estava nû; e por isso me escondi.* — Apparece tambem a *dissimulação* em desculpa, paixão indigna d'uma alma franca, e o resultado do temor, combinado com o crime : — *A mulher que tu me deste por companheira, deo-me da arvore, e eu comi.* — *Mulier quam dedisti mihi sociam, dedit mihi deligno, et comedi.* Á transgressão da lei, seguio-se o castigo; e com este, a observação constante do primeiro preceito imposto ao homem : — *crescei e multiplicai.* — Dahi a pouco, que *odio!* Que mortifera *colera* do primeiro nascido, contra seu fraco e innocente irmão, motivado, pela *ambição* e pela *inveja*.

Tal o destino do mortal primeiro,
Nascendo vio a luz serena e pura,
Raiar a vio... esvaecer-se logo.
Houve entre o berço e o tumulto um só dia.
E tanto póde em nós seu erro e crime,
Que temos por herança o mal e a morte :
Para nós foi desterro o que era patria,
A um dia de ouro seculos de ferro
Se viram succeder; fechada noite,
Profunda escuridão pousou na terra ;
De mistura co'as brutas alimárias
O rei da criação nos bosques vive. MACEDO (*Medit.*)

Apresenta-se o homem, dotado de intelligencia e de paixões; cultiva aquella e domina a estas, e tornando-se pensador em face do universo, se vai servir dos beneficios de que o encheo a Suprema Sabedoria. E como póde elle apreciar as maravilhas da creação? Só, entregue a seus pensamentos e combinações, quando a natureza está silenciosa, quando tudo está disposto para a observação, o homem reconcentra-se, e lança as vistas para o universo e começa a admirar, no immenso espaço um fluido respiravel, envolvendo a terra que, quanto mais se afasta della, tanto mais raro fica: neste vastissimo lençol aeriforme, se apresentam tantos phenomenos, que o fazem pasmar. Nuvens de variadas fórmãs e de côres diversas, rapidas ou tardas, cruzam a terra, por diversos pontos. Um continuo moto de emanações terraqueas, sobem ou descem ás regiões aereas, a receberem as influencias electricas, pasmoso fluido, de cuja existencia fica o observador sorprendido: condensados os vapores, se transformam em nuvens, e conforme o estado do ar e a influencia planetar, em milhões de bagas, se precipitam na terra, para a tornar fecunda, e assim alimentar aquelles entes, á quem a natureza não concedeo a faculdade locomotiva. Providente e sábia essa mãi fecunda da creação jámais deixa ao desamparo, por mais miseravel e abjecto que seja o individuo: se o priva de uma ou muitas faculdades, se o estaciona, ahí mesmo lhe vem trazer as provisões, a manter a existencia; tambem se lhe priva de certos órgãos, dá-lhes outros que tem o mesmo fim.

Alargando mais a vista observa o firmamento, risonho e bello, adornado com milhões de mundos, cada um com sua atmospherã, onde gyram, sob uma força perpetua em suas orbitas, sem que se afastem do ponto onde os collocou o Supremo Artifice (1).

Vê-se a lua, astro mimoso, imagem das saudades, symbolo

(1) O movimento dos astros deo origem a imaginarem-se systemas, sendo que Ptolomeu foi o primeiro que ordenou os corpos celestes. Neste admiravel systema a terra fica no centro do universo, e os mais planetas vão-se afastando á medida dos seus movimentos e influencias.

A Lua serve de satellite á terra; mais distante fica Mercurio, e progressivamente Venus, o Sol, Marte, Jupiter, Saturno; e mais além está o firmamento marchetado de corpos fixos. Cada um destes corpos tem seus movimentos proprios, cujas revoluções particulares sobre os polos

da melancolia, tranquilla mostrar-se ao homem em suas diversas phases, e fazendo-lhe sentir, que o primor da creação é sem limites. Seu clarão mavioso, sua luz pacifica derramada sobre a face da terra, produz um não sei que, de magestoso melancolico no universo, que melhor se sente que se exprime. E' na hora mais avançada de uma bella noite de luar, quando tudo dorme, que o homem pensador contempla a natureza; e que o desditoso amante sente com mais vehemencia os tormentos do coração, porque ninguem o interrompe no encadear de suas idéas dolorosas. A lua é, para o homem viandante, a lanterna de salvação; para o philosopho, a companheira da meditação; e para o amante, a origem dos suspiros, a imagem da saudade : porque a lua se mostra risonha ao nascer; sincera quando passa pelo meio do Ceo, e melancolica quando procura esconder-se.

Se em uma noite serena e clara, espanta-se o homem com as maravilhas do universo, muito mais o confunde uma escura e tempestuosa, em que os elementos travam-se, parecendo querer acabar com a terra.

A presença do sol, não é menos para admirar, e nota que

de um circulo obliquo, a que chamam Eclitica, se executam continuamente.

Galileo, victima da Inquisição, seguindo as doutrinas de Copernico, que reformou o systema planetario, collocando o Sol no centro do universo, foi accusado de crime de lesa religião, por ir de encontro ás expressões dos livros sagrados, porque as doutrinas não concordavam com as palavras de Josué (capitulo 10, §§ 12 e 13), quando fallando ao Sol diz : « Sol, detem-te sobre o Gabaon. Lua pára sobre o valle de Ajalon. » No L. 1.º do Ecclesiastico, cap. 10, §§ 4, 5 e 6, se diz : « Uma geração passa á outra geração; mas a terra permanece sempre firme. O Sol nasce e se põe, e torna ao lugar donde partio, e renascendo ahi. Faz seu gyro pelo meio dia, e depois se dobra para o norte, etc. »

Não nos é permittido commentar o texto biblico, porque é tão claro o sentido metaphorico do escriptor sagrado, que não deixa duvida a quem o comprehende; porém, a quem temos que censurar, é á estupidez dos frades, em querer circumscrever os dominios das sciencias. Contra esses estupidos fanaticos, escreveram o celebre Pascal as suas cartas provinciaes, e o immortal padre Francisco Manoel do Nascimento (Filinto Elysio), etc.

Copernico, philosopho, medico, ao depois conego da igreja de Vormia, foi igualmente perseguido por ser o autor d'um systema, que os sabios modernos depois suppozeram o mais philosophico e verdadeiro.

essa scena magestosa, que milhões de mundos lhe offereceo de noite, desappareceram de todo :

Nesta immensa extensão milhões de globos,
Em profundo silencio, em gyro eterno,
Sem encontrar obstaculo caminham,
E a lei primeira, que escutaram, guardam;
Como surgiram na primeira noite,
Inda surgem agora, e aos olhos brilham,
D'extasiado Astronomo, que véla
No silencio da noite, absorto, immerso
No quadro encantador. Descubro, e vejo
Astro origem da luz, que fórma o dia;
Este o mais bello dos objectos todos,
Que o mortal domicilio aformoseam;
Nem póde a vista em magestade tanta
Deter-se um pouco, e supportar-lhe os raios!
Se onde as Estrellas fulgurantes brilham
Longe andasse de nós, fôra um só ponto;
E como ellas são centro, é centro a globos,
Que gyram delle em torno, e a luz lhes presta.
Ao choque horrivel de cometa errante
Foram delle arrancados (o delirio
Que tão grande te fez, ministro augusto,
Da Natureza interprete profundo,
Este aos Planetas nascimento marca!)
Aivadora chamma! A escura Terra
De luz se banha, se elle nasce, e logo,
Se elle desce dos Céos, s'envolve em sombra,
Da noite se desdobra o véo profundo,
Melancolico luto encobre o Globo!

Assim te vêm meus olhos, mas a mente
Que junta em si dos seculos o estudo,
(Que desde Athenas ao Tamiza vòu,
E aonde o Arno espraia as vitreas ondas
Comtigo, ó Galilêo, sóbe ás Estrellas)
Vai de perto encarar-te, e ver-te, immobil
Massa abrasada, pélagó insondavel,
De fogo liquidissimo, que, apenas
Rodando a Terra no seu eixo, a face
Te mostra, em vibrações tua luz s'entorna;
E vestem-se apartados horizontes
De multiforme côr; e os véos se enrolam,
Que desdobrára no hemispherio a Noite.

O' fulgerante Sol! Figura, emblema

De esplendor immortal! És delle a copia;
Vate inspirado em ti seu throno observa;
Symbolo és vivo da bondade eterna!
Com chamma ardente e pura o Mundo aclaras,
O cahos foge, se lhe a face amostras;
Os Entes todos teu fulgor aviva,
E purifica os Elementos todos:
Do sempiterno Artifice de tudo
E' copia teu clarão; dardejas raios
Do vasto espaço aos ultimos limites;
Pelos ares diaphanos te espalhas,
Chegas do mar ao seio, aos astros chegas.
E' teu calor manancial perenne
Dos thesouros e dons, que a Terra ostenta,
Tu lhe envias mil dons, tu não recibes
Da Terra galardão; renasces, vive
Á Natureza amortecida, quando
As cavernas do Polo o Inverno foge,
E do throno dos ares desce á Terra
A Primavera envolta em rosea nuvem.
Sente-te a força, a séve amortecida,
Plantas, arbustos, arvores abrolham;
Tal o supremo SER, de si principio,
De si mesmo se nutre, e se sustenta:
No throno eterno triumphante sempre
Do Tempo affronta a sanha, e quebra a fouce,
De ti se entorna o fogo, e a copia ingente
Não te enfraquece a força igual e eterna;
E brilhas tanto luminoso agora
Como brilhaste no momento, e dia,
Em que á voz do Immortal prompto acudiste,
Que te chamava do confuso Nada.
Érgues (se a vista creio) a excelsa fronte,
E os inflammados horizontes cortas,
Sem transgredir os Tropicos, em ponto
Sempre diverso, e variante sempre.
Infatigavel sempre a noite, e o dia
Publica sabias leis, e a Natureza
Ao decreto obedece, e a voz escuta
De seu supremo Author. O Sol lh'a entende;
D'onde hoje solta a rapida quadriga
Não avança amanhã; sem que transponha
Entre immudaveis terminos a méta,
Onde deve chegar. Se acaso a toca,
Eis volve, eis guia o coche ao Polo opposto.

No éther liquidissimo presente
Reguladora mão, que o traz seguro
Pelo espaço da Ecliptica brilhante :
Depois de tantos seculos, intacta
Conserva a mesma luz, sem mancha ou sombra.

Do frigido Saturno o globo ingente,
O portentoso anel, que o fecha, e cinge,
E as frouxas luas, que em continuo móto,
Qual brilha a nossa aqui, tambem lá brilham,
Vivo, immenso calor do Sol recebem,
E a viva força da attracção lhe sentem,
Qual sentiram no instante, em que do Nada
Ô quiz chamar Architector Supremo.
O diluvio ardentissimo de chammas,
Que do nascente Mundo em quarto instante
Quiz o Immortal que derramasse, entorna
Da Creação no portentoso quadro.
Não fallece o Volcão de fogo ondeante,
Que sobre o eixo sem cessar se agita
Do grão astro central; materia immensa
Ali produz continuo a mão do Eterno.

E inda tempo ha de vir, que o nome acabe!
Vaidoso Ptolomeo manda que os astros
Tenham por centro de seu gyro a Terra :
Dentre os gêlos Sarmáticos um sabio
Volve os olhos ao Céu, co' a mente os corre,
Devassa os penetraes da Natureza;
Salva do opprobrio a alampada do dia.
Do throno seu fantastico tirada
A Terra, já Planeta, e globo errante,
Gyra, tornêa o Sol, e, igual aos outros
Tristes globos sem luz, no espaço ondêa.

Do Planetar Systema, alvergue humano,
Tu foste, ó Sol, brilhante, immobil centro !
Tal te vio Galilêo, que ousado rompe
Esse véo, que a ignorancia outr'ora tinha
Lançado, audaz, no rosto á Natureza.
Olha aos Céos Galilêo, rasga-se a nuvem,
Que a mente dos mortaes té ali cercara,
Estendem-se os confins do Céu, do Mundo;
Assombroso Britano, eis mede, eis marca
(Atrevido compasso!) o gyro aos astros;
Na creação descobre oppostas forças;
Uma só da tangente os globos tira,
Outra lhes manda descrever as curvas,

D'ambas a ellipse regular se fórma;
O Sol no centro poz, e o Sol abrange,
Prende, sujeita em seu Imperio os astros
Vistos té agora no systema nosso:
Talvez que mais os seculos me mostrem.

Cego! Que apraz cuidar que os Sóes, gravados
Por todo o esmalte azul a cento, e cento,
Sirvam só de espargir (mortal soberba!)
Inuteis, sem vigor, languidas luzes
Quando a noite serena os astros mostra
Não desbobrado véo, vasto, infinito!
Acaso as semeou do Eterno a dextra
(Tantas, e mais que o tímido Oceano
Ondas em si contém, e a praia arêas)
Só porque as roupas lúgubres recamem
Da noite muda e triste? Oh sempre incertas
Conjecturas mortaes! Póde ignorante,
Não polido Pastor, que vê d'um tronco
D'alta faia assombrar co' a frente ao longe
Nobre cidade as nuvens enroladas,
Julgar inhabitado e solitario
O pomposo espectáculo que avista,
E povoada a misera choupana,
Onde do Inverno inoperosos dias
No seio passa da familia inerte?
Tão estreitos confins não sente o Mundo!

Mil vezes solitario, e pensativo
Cançado do fervor d'arido agosto,
Já quando posto o Sol, bafajem doce
Se derrama no ar co' as mudas sombras,
Sobre a relva odorifera me assento,
E no vasto painel da noite umbrosa
Meditador tranquillo os olhos fito:
No pomposo espectáculo me embebo:
Esquecido de mim, rapidas horas
Do repouso enganei philosophando.
Absorto exclamo então: talvez que o mesmo
Quadro que a Lua aos olhos me offerece,
Ora que em coche argenteo as sombras corta,
Tal de lá me mostrará o terreo globo,
Se um momento ao satéllite voára!
Elle errante tambem, e ao Sol opposto,
Ora todo illustrado, e logo em parte,
Da igual figura, e similhante marcha;
Tambem phases analogas lhe vira,

Quaes na Lua estou vendo, argenteos rios,
Ilhas dispersas, mares, promontorios.
E não será de habitador estranho
Qual vejo a Terra, povoada a Lua ?
Diverso clima embora eu me afigure,
Vapor mais denso, ou raro, e outro diverso
Palpitar de pulmões, e estranha fórma,
Ao circumfuso fluido ajustada,
Em cárcere mortal, substancia eterna,
Alma d'ordem sublime em corpo humano,
Que o quadro possa meditar da immensa
Pasmosa criação, qual eu medito ;
Que calcule da Terra a marcha incerta
Qual eu de seu Planeta a marcha indago ;
Que ali se alvergue extatico Poeta...
É que não póde o braço Omnipotente
Do Eterno Animador, se novos Mundos
Elle póde crear, mandando ao Nada
Que encha d'Astros os Céos, de luz os Astros ?
Se remontada fantasia póde
Publicar teu louvor, teu nome e gloria,
E' este o hymno da grandeza tua,
Sempiterno Motor. Seu peso immenso
A' mesma fantasia encolhe as azas,
Ao pensamento ousado o vôo encurta.
Eu neste abysmo immensural me perco !..
Globos, que o Mundo Planetario formam,
Que os já passados seculos não viram,
Que Hérschel não pôde achar, que Olbers descobre,
Que os immensos periodos não podem
N'um seculo acabar, que errantes gyram,
E deste immobil Sol recebem luzes...
E Astros, Astros não vistos, que recebam
D'outros Soes o clarão ; Globos que sejam
De pensadores Entes domicilio,
Que adorem como nós, que incensos queimem
Ao sempiterno Author, que rege o todo...
Oh sublime delirio ! A mente accesa
Rompe os estreitos circulos, que ao Mundo
Os débeis órgãos visuaes lhe marcam.
Tantos brilhantes Soes, tantos Planetas
Da vida habitação, qual gyra a Terra...
Nunca mais digna ao pensamento humano
Idéa se amostrou... De um Deos a gloria,
Como um brado sonoro, os Céos publicam...

O silencio profundo, a magestade
Com que em si mesma esconde a Natureza
Seus mysterios, seus dons, me assusta, e prende...
Debalde julgo que no espaço inertes
Brilham dispersas lúcidas Estrellas,
Quaes contemplo entre os véos da noite umbrosa ;
Se este mesquinho globo alvergue fosse
Da nobre imagem do Immortal somente (1),
Ah ! quão mesquinho globo, inda que aos olhos
Da vaidosa ambição vasto pareça !
Pois quasi confundido, e quasi ignoto
Correndo vai no Céu ; qual vae de arêa
Pequeno grão rodando em ar vazio
Nas leves azas rapidas do vento,
Do calmoso Verão nas longas tardes ;
Assim gyra, assim corre ignoto, escuro
Entre maiores lucidos Planetas,
Que tem por centro o Sol no espaço immenso...
Ah ! Que me alongo mais ! Descubro ao perto
Frouxamente movendo-se a tardia
Do frigido Saturno ingente massa !
Eu pararia attonito se ousára,
Calcular, e medir o espaço immenso,
Que me sepára do terrestre globo !
Em seculos, e seculos não fôra
Parte do bronze militar, que o mesmo
Inda proxima aqui bala, que accesa
Incalculavel impeto levasse
Com que toando sahe, e os ares corta.

MACEDO (*Medit.*)

Collocado sobre a terra, e no meio do mundo, o homem busca explora-la, e quanto mais penetra por suas entranhas, tanto mais admira o poder do Creador. Parecendo uma massa informe, estacionaria, se desvanece por fim quando vê os mais estupendos phenomenos nas profundezas da terra elaborar-se; e deste modo muitas vezes não alcançando os mysterios da natureza, e os limites do

(1) Todas estas imagens, ainda que sejam conjecturas philosophicas, como se acham expostas elegantemente por Fontenele no Tratado da Pluralidade dos Mundos, nem como taes aqui desejo que sejam recebidas ; mas como raptos e extases de um Poeta, que se deixa tocar do immenso quadro da creação.

seu trabalho, torna-se mero espectador em theatro desconhecido.

A primeira vez que o homem vio o oceano, imagem do infinito, devia naturalmente sentir um não sei que de maravilhoso. Por isso mesmo que lhe sobrepujou a attenção, reconheceo ser o unico objecto visivel, a que se não póde marcar limites. Para o homem reconhecer-lhe a profundidade (1), e saber que occupa os 3/4 da superficie da terra, os differentes lugares onde elle se eleva mais ou menos, que perigos não tem arrostado! Porém a verdadeira causa, porque em 6 horas precisamente elle ha de chegar ao mesmo ponto donde sahio, não sabe o homem.

A condição dos mortaes,
O' Marcia, não se melhora;
O que era ignoto ha mil annos
Ainda hoje se ignora.
Vae inda a causa escondida
Da agitação, que o mar tem;
Porque seis horas prefixas
Na enchente e vasante tem.

MACEDO (*Anacr.*)

Assim como elle, sobre a face da terra, vê entes sensiveis, e reconhecendo-lhes as propriedades e prestimos, os ageita a seus usos.

Não ha objecto algum na natureza, sensivel ou inorganico, de que não tire a maior somma de proveito possivel.

E depois de haver tudo estudado, por sua ordem, e per-

(1) A profundidade do oceano varia (segundo Rozuet, Pr. Elm. de Geol., § 10, p. 16, etc.), de 3,200 á 4,800 metros do Equador aos polos. Sua corrente é tambem variavel. Em. S. Malo sobe a maré de 60 a 70 pés de altura. Nas ilhas do Oceano Pacifico sobe 2 pés. No Brasil varia tambem muito a elevação das marés. Sua corrente é maior ou menor, segundo os lugares por onde atravessa.

..... largo! aos mares :
Livres corramos sobre as ondas livres
Do oceano indomado por tyrannos.
Sua feitura unica no globo
Que impias mãos d'homens não puderam inda
Avassallar, destruir.

GARRETT.

corrido o amplo dominio da criação, olha para si e vê, que é formado de duas entidades que funcçionam. Actos puramente simples, lhes são pelos objectos que o rodeiam transmittidos; *ideas*: conserva-os e combina as relações de conveniencia ou opposição, que estes sentimentos lhe offercem; *juizo*: combina estes ultimos; *raciocinio*: e finalmente se decide, pondo em ultimo resultado, e em perfeita harmonia, estes diversos actos, que dentro em si se passam; *o methodo*.

Além destes actos, investiga quaes são as propriedades, que *o Ente pensador* por excellencia possui; e reconhece ser *actividade, intelligencia e sensibilidade*.

Não pára ahi sua investigação; porque elle se apalpa, e vê que tem órgãos diversos, e que diversamente trabalham; muda d'um lugar para outro, apenas a vontade o convida; come, e vê que não é o mesmo o objecto que ingerio; respira, sente pulsar seu coração, e diversos phenomenos durante estes actos nota passarem-se; enfim ouve, sente, cheira, gosta, e vê: impaciente vae sobre o mesmo homem reconhecer, e satisfazer o objecto de sua curiosidade. E' lá no recinto de um amphitheatro, onde elle passa a estudar o sem numero de peças, de que é composto o organismo. Mas ah! quão admirado não fica com a simples vista da caixa craniana, formada de differentes peças, e sabiamente dispostas e articuladas, fiel depositaria do mais delicado órgão, o *cerebro*, centro do sentimento e do movimento. Abre essa caixa; e chegando ahi, já não é audaz; respeitoso, elle nota a bella disposição que a Natureza deo á essa importante massa, para bem se acommodar ao involucro, que a contém: vê, e nota mais a sua importancia, pela grande previdencia da Natureza á seu respeito; diversos repartimentos, diversas membranas separam o mesmo órgão, de maneira á se não dilacerar, e uma porção não incommodar a outra, para bem funcionar.

Passa ao seu interior, e que observa? Cavidades; os *ventriculos*, communicando-se: elevações; os *thalamos opticos*, os *corpos striados*, e *comissuras*: membranas e vasos; *plexos e téias chroides*: e no pavimento do 3º ventriculo e quasi no centro de quatro corpusculos (os *tuberculos quadrigemeos*) um corpo, o *Pineal*, lhe offerce côr e consistencia diversa, do mesmo órgão. Os nossos maiores davam tanta attenção a

esta glandula, que moveo a Descartes estuda-la e toma-la por objecto do seu bello romance (1).

Na base do cerebro, vê partir um grande numero de filetes electricos, os *nervos*, seguindo' diversas direcções ; uns para os olhos, os *patheticos* ; outros introduzindo-se pelos crivos ethmoidaes, os *olfactivos*, e irem presidir a olfacção. Para a orbita vae o *motor ocular commum* ; e para o mesmo lugar, o *pathetico*, caminham outros. Mais por detraz daquelle, nasce o *trigemeo ou trifacial*, que se dirigindo para a face fornece uma multidão de filetes nervosos, dos quaes, uns vão presidir as lagrimas, outros a mastigação, e finalmente outros para os diversos orgãos da face. Assim pois, para a orbita ainda seguem outros, o *motor ocular externo* : para a face, e por caminho differente, o *facial ou pequeno sympathico*, segue de companhia com o *acustico*, para dentro do canal auditivo interno, e ahi, o segundo fica para presidir a audição, emquanto que o primeiro, despedindo-se d'elle, entra no aqueducto de Falopio, tomando o canal tortuoso de Cruvêilhier, e se vae perder na face.

A lugares mais distantes, marcham novas sentinellas ; como seja para a bocca e pharynge, o *glosso-pharyngêo*, que se perde nessas partes.

As visceras contidas no peito e ventre, não ficam exemptas de sua influencia e necessaria presença ; porque o *pneumo gastrico*, nellas se vae espalhar perdendo-se. Para o pescoço parte a despejar-se o *accessorio de Willis* ; e finalmente outro, que ao depois de se expandir por outras partes, vem presidir ao paladar : o *hypoglosso*. Neste orgão e no cerebêllo, muitas hypotheses estão baseadas (Vêde o Syst. de Gall· Spurzheim, Broussais, etc.) ; de modo que seus autores presumem, achar nelles, a séde de todas as propensões e de todos os talentos. Outro centro nervoso encontra no canal rachi-

(1) Muitos Anatomicos têm achado a glandula pineal petreficada ; outros cartilaginosa, e muitas vezes s'a não tem encontrado. Em 1839, em um cadaver, que me veio para o meu estudo, notei que o interior da glandula estava cheio de liquido, o que verifiquei abrindo-a : não tinha parenchyma, e em seu lugar estava um liquido amarellado. Em 1840 me veio outro para o mesmo fim, em quem observei atrophia completa do orgão : e estes iudividuos durante a vida não accusavam encommodos cerebraes, e sucumbiram por enfermidades das visceras abdominaes.

diano, e de seus lados, vê como a principio partir novos cordões. Que delicadeza e magnificencia não se observa na estructura do olho! peças de figura e natureza differentes delicadamente collocadas, e mal arremedadas pela mão do homem, nos deo a Natureza para mais a admirar. Este bello instrumento do *amor*, tem uma linguagem tal, que muitas vezes só elle basta para persuadir. — O olho, diz Buffon, mais que nenhum outro órgão pertence á alma; elle parece tocar e participar de todos os seus movimentos; elle exprime as paixões as mais vivas, e as emoções as mais tumultuosas, como os movimentos os mais doces e os sentimentos os mais delicados. O olho recebe ao mesmo tempo, e reflecte a luz do pensamento, e o calor do sentimento; elle é o sentido do espirito, e a linguagem da intelligencia. — E que diremos do ouvido! (Sublime instrumento da harmonia) diversos canaes, diversas cavidades, communicando entre si, constituem esse importante e delicado órgão, etc., etc. (1).

Abre o peito confuso de si mesmo, e o que vê? Dous unicos órgãos; examina-os? Sim: e o que encontra? Mil objectos.

Uma estreiteza de relações, uma dependencia nas funcções, que jámais se poderá separar um, sem que destrua mais ou menos o outro; e se ambas não funcçionam regularmente, a saude é alterada; e se sómente um é quem adoce, o outro dos seus incommodos tambem participa.

Cheio de Religião abre o ventre, e o que encontra? Corpos de côr, volume e disposição differentes; cada um executando funcção diversa, á fornecer com o seu prestimo, grandes utilidades: uns, bem que tenham sua vida propria, elaboram para dentro; outros para fóra, e todos de common accordo, trabalham para um fim unico, que é sustentar a vida.

Mais embaixo encontra um apparelho simples sem duvida (na mulher composto de cinco unicas, peças, e no homem de sete) destinado á executar a mais sublime e importante funcção, a *geração*; e em quem a Natureza, confiou o inexcrutavel segredo, que tem affrontado, e affrontará

(1) O Padre Macedo [no Poema da *Meditação*, descreve, no 1.º canto, excellentemente a harmonia dos sentidos.

o homem com o seu enigma (1). Ah! Quão profundos não são os seus arcanos! Que mysteriosa não é sua comprehensão!

« Heureux qui le connaît! Plus heureux qui l'adore! »

« En inclinant mon front, j'élève à lui mes bras,

« Car la terre l'adore et ne le comprend pas. »

DE LAMARTINE.

Quanto mais simples é o objecto da Natureza, tanto mais difficil se torna o explicar-se; e por isso diremos nós, que quanto mais simples é o objecto na Natureza, tanto mais se mostra grande o Creador. La Harpe disse: « *Quoi! le monde formé prouverait moins une intelligence que le monde expliqué?* » Eis ahi o homem (diz o Dr. Broc, Intr. ao estudo da Anatomia p. 8), considerado no todo sob a relação dos seus actos physicos, intellectuaes e moraes.

Elle constitue o mais perfeito dos entes animados, podendo com orgulho proclamar-se o soberano senhor da terra. No entretanto, não poderá elle reconhecer entes, que possam equiparar-se comsigo? O animal irracional sem duvida parece ser seu rival, e muitas vezes somos levados a crer, que o nome só, fórma toda a sua inferioridade; porque assim como o homem, elle (o irracional), é sensivel, activo e intelligente, e, bem como elle, tambem, tem necessidades, sabe apreciar-las, e obra conformemente afim de as satisfazer.

Visto de todas as maneiras, o homem se suppõe animal

- (1) Ninguem nos explica como
A flor na semente esteja,
Como, lançada na terra,
Em pouco tempo viceja.
Não se conhece o profundo
Milagre da geração
Como é composto perfeito
O que era ha pouco embrião.
Eu não me occupo em romper
Tal sombra; seja o que for :
Como eu te conheço, ó Marcia,
Ao menos conheço amor.

MACEDO (*Anacreontica, ode 81, a Sciencia*).

sociavel, e é na sociedade que adquire mil padecimentos; é ahí que todos os generos de paixões, pelo menor motivo, se inflamam e se augmentam; é por isso que (com razão nota bem o Dr. Mello Franco, Elem. de Hyg. p. 8 da Introd. 3.^a ed.), de todas estas reflexões facilmente deduzimos, que quanto mais simples é a sociedade em que o homem vive, tanto mais feliz é a sua existencia como individuo; e que o contrario succede, quando as circumstancias se envertem; pois é sempre inseparavel das grandes e mui populosas sociedades, a degeneração dos primeiros habitos singellos e virtuosos. Povoando-se cidades, excessivamente pouco e pouco ficam êrmos os campos; e nellas se atêa o fogo das paixões mais violentas. A insaciavel ambição, o desmedido aferro ás riquezas, as sulapadas intrigas, o luxo, a intemperança, tudo alteram e tudo perturbam. Chega a desordem a ponto de parecer mais um enorme ajuntamento de inimigos que de consocios. O mesmo prodigioso augmento de habitantes das populosas cidades produz grandissimos males physicos.

O ar se corrompe, e fica pouco proprio para a conservação da saude. Os differentes officios e occupações, quasi todas sedentarias, concorrem em grande parte para o enfraquecimento das constituições e degeneração da especie. Se o homem (p. 9) pois podesse conservar-se no estado da Natureza, não teria que sentir tantas e tantas enfermidades, que são o resultado de sua civilisação: e aquelles povos, que mais chegados estão ao primitivo estado, são robustos; não conhecem doenças; e se algum adocece, a Natureza ainda não transtornada o cura. Quanto porém mais se afasta delle, mais fragil é a sua organização. Que tropel de molestias não tyrannisa o homem nas grandes sociedades? Com ellas appareceram todos os exanthematicos, bexigas, sarampo, febres escarlatinas, erupções, miliars, pethechias, etc.; que variedades de febres só endemicas nas cidades populosas? Que multiplicidades de doenças chronicas, se não observam nestas, já pelo abuso que se faz das riquezas, e já pela miseria da maior parte dos seus habitantes?

O homem, organizado como está, dotado da faculdade sensitiva, melhorado e aperfeiçoado pela educação, pela experiencia, é de momento em momento movido por impressões da mente, que o impellem á agir na razão directa da

força do impulso e da irritabilidade de seu systema. Ninguém ignora a influencia das *paixões e affectos* da nossa alma : ellas tomam parte em todas as acções humanas, e determinam os nossos gozos, qualquer que seja nossa posição na vida ; influindo tão evidentemente, que as expressões physionomicas, traduzem as emoções do coração e da intelligencia.

Sendo assim, é de razão que o Medico, defensor da honra da sua profissão, e zeloso do bem-estar de seus doentes, cultive cuidadosamente o estudo da Anatomia do Espirito, bem como a do corpo ; pois que ella está tão annexa á Natureza racional e methaphysica do homem e de todas as suas acções moraes, que ajunta a investigação, o saber outr'ora mais recommendado pelos nossos maiores : *nosce te ipsum*.

O estudo do homem, de qualquer fórma que se considere, é o emprego mais nobre e o mais sublime á que elle se póde dar, e para a humanidade é a sua verdadeira escola.

Cæli enarrant gloriam Dei, et opera manum ejus annunciat firmamentum — Os Céos publicam a gloria de Deos, e o firmamento annuncia as obras das suas mãos.

ESTROPHE 5.^a

Sem ti, Eterno Ser, ninguém podéra
O véo mysterioso
Que encobre a creação, com mão sincera
Rasgar ; e descobrir maravilhoso
Principio luminoso,
Que a origem fecunda da existencia
Do Orbe faça ver com evidencia.

ANTISTROPHE 5.^a

Tece embora, escriptor endurecido,
Philosopho arrogante,
Extenso fio nunca interrompido
De seres que perecem : se um instante
Vacillas inconstante
Sem novo annel prenderes á cadêa,
Do teu mundo desfaz-se até a idêa.

EPODO 5.

Abre os olhos e estende
Do frio norte ao sul tempestuoso,
Ou antes ao lugar onde formoso
O louro Sol descende,
Com passo agigantado mede a terra,
E com raios a noite escura aterra.

EPODO II.

Os Céos, a terra, os mares,
Do Creador á lei obedecendo,
Se estão nos seus limites revolvendo
Por modos regulares :
O homem só, rebelde as leis despreza
Do Supremo Senhor da Natureza.

P. CALDAS (*Ode á ex. de Deos.*)

Do homem e da mulher em geral.

DA MULHER.

Sendo o *homem* e a *mulher* os individuos em quem as paixões obram, com mais ou menos vehemencia, convem notar quaes as differenças que ha entre elles.

As fibras organicas da mulher, ordinariamente são mais delgadas, suas fórmas mais bem torneadas, o que torna nellas os sentimentos mais apurados e agudos; e as sensações internas mais delicadas.

Esta disposição natural, como diz um philosopho, lhes faz preferir os objectos sensiveis aos seres metaphysicos; as qualidades amaveis, ás essenciaes, o brilhante ao solido; o luxo e o fausto á prosperidade e ao commodo: é tambem o que as torna sensiveis á piedade; inconstantes e levianas, e muitas vezes caprichosas. A impressão, que nellas deixam os objectos, não sendo assaz profunda, são facilmente apagadas por uma outra nova; de sorte que o objecto presente sobrepuzja nellas o ausente.

que as produzem; no entanto que nós adoptamos loucamente os pensamentos e os sentimentos dos outros (*Viry-Russell*).

O primeiro merito para as damas (diz *S. Evremont*), é o amor; o segundo é entrar nas confidencias de suas inclinações; o terceiro, é dar engenhosamente muito apreço ao que ellas têm de amavel : fazei-vos amar, ou lisongei-as no que amam, ou fazei-as achar em si proprias o que devem mais amar, porque emfim é-lhes preciso amor de qualquer natureza que seja : seu coração não póde estar sem esta paixão.

Os dous sexos, diz *Duclos*, têm em commum virtudes e vicios. A virtude é mais apreciavel nas mulheres, e suas faltas, são mais dignas de desculpa, pela má educação que recebem.

Na infancia falla-se-lhes de seus deveres, sem se lhes fazer conhecer os verdadeiros principios delles; e os amantes fallam-lhes uma linguagem opposta : como se podem ellas garantir da seducção?!..

A celebre *Ninon de Lenclos*, amante leviana, amiga solida, e philosopha, lastimava-se da singularidade e injustiça gravosa á este respeito : « Tenho reflectido, dizia ella, desde a minha infancia, na partilha desigual das qualidades, que exigem os homens; e nas mulheres vejo, que carregaram do que ha de mais frivolo; e que os homens reservaram para si o direito e qualidades essenciaes — *desde este instante fiz-me homem.* »

Parece que a virtude de uma mulher é neste mundo um ser estranho, contra o qual todos conspiram : se o amor seduzio seu coração, ella deve estar em guarda contra a impressão dos sentidos. Muitas vezes a miseria, ou outras desgraças ainda mais crueis, sobrepujam toda a firmeza de uma alma nobre, muito tempo combatida : e então é preciso, que succumba : o vicio offerece-lhe soccorros, tanto mais perigosos, para se mostrar sob a generosidade : a desgraça os faz aceitar; o reconhecimento dá-lhes valor, e uma virtude arma-se contra a outra. Rodeada de tantos perigos, se uma mulher é seduzida, não se deveria antes olhar sua fraqueza, como uma desgraça, e não como um crime? A mulher é o encanto do mundo, ou antes, é a obra prima da criação (1).

(1) *Milton*, no canto 4.^o do seu *Paraíso Perdido*, traz uma bellissima descripção da mulher, a qual não transcrevo para não amontuar sobre o mesmo objecto muitas poesias : o Dr. *Lima Leitão* em 1840 fez imprimir uma traducção do famoso poema de *João Milton*, onde isto se póde vêr.

Já tinha o mundo
Jove formado,
E rei de tudo
O homem creado.

Mas solitario
Este se achava :
Brusca tristeza
O dominava.

Com mão profusa
A natureza
Em vão mostrava
Tanta belleza!

Cantavam aves
Bolia o vento ;
Tudo infundia
Contentamento.

Florido o valle
Reverdecia :
De aromas mil
O ar se enchia.

Manhã serena
Ledo brilhava :
Manto de estrellas
A noite ornava.

.
.
.
.

Fórma então Jove
Nova creatura ;
De Venus bella
Fiel pintura.

Esbelto talhe,
Menêo brando,
Mil amorinhos,
Vão rebanhando!

De ouro madeixas
Ao vento soltas
Ameigam feras
Que andam revoltas.

Os cupidinhos
Dos verdes olhos
Duros despedem
Setas a molhos.

Covas da face
Branca e rosada,
Vós soes das graças
Gentil morada!

Vozes suaves,
Que as almas prendem,
De fio em fio
Dos beijos pendem.

Ah! são seus labios
Fontes de vida!
Em neve pura
Romã partida.

As alvas tetas
De marfim puro!
Ah! são mais rijas
Que crystal puro!

Carne mimosa
Que a vista enleva,
Onde o desejo
Em vão se ceva!

Ao vê-la o homem
Pasma, estremece!
Quer abraça-la,
Corre, enlouquece!

« Quem és, és deusa?
(O homem lhe grita)
Ah! se podesses
Trazer-me a dita?

Ella responde :
Sou tua esposa ;
Deixa a tristeza,
Ama-me, e goza.

Reflexões geraes e paralelo entre o homem e mulher

SEGUNDO LAVATER.

Começarei, diz Lavater, confessando, que minhas observações, sobre essa metade do genero humano, serão muito circumscriptas. Mui poucas vezes tenho seguido as mulheres, nas occasiões em que ellas podem ser estudadas e conhecidas; não as hei visto, nem nas grandes sociedades, nem no circulo da intriga, no theatro, no baile, e nem no jogo. Fugia dellas em minha mocidade e nunca fui amoroso.

Depois d'uma tal confissão de minha parte, alguém me dirá, talvez : « Fariais melhor passar em silencio esse capitulo e incumbi-lo a um conhecedor. »

Vá feito : não se ganha sempre, cedendo-se um terreno.

Um outro, por mais habil que fosse, trataria da materia a meu gosto? a encararia elle, sobre o mesmo ponto de vista, e o pouco que eu diria, por elle seria dito exactamente?

Tremi muitas vezes, e tremo ainda, considerando até que ponto, a physionomia, póde comprometter as mulheres, e á quantos inconvenientes esta sciencia as póde expôr.

Desgraçadamente acontece á physionomia, o mesmo que á philosophia, á poesia, á medicina e á tudo que tem o nome de arte ou sciencia. A verdadeira philosophia conduz á religião, a semi-philosophia encaminha ao atheismo. Póde-se concluir disso, que as mulheres, terão muito a temer da pseudophysionomia.

Comtudo não desesperemos. Todos os conhecimentos humanos, têm seus periodos : devem ter um principio e progressos, antes de chegar á perfeição. E' pelas quedas, que aprendemos a andar; e o temor de cahir, fará com que nossos pés fiquem em inacção? Certissimamente que não. — Eis

o que é positivo. O verdadeiro juizo physionomico, a respeito do sexo feminino, é um adorno da vida e um preservativo efficaz contra a abjecção.

Digo, que é para o homem, um adorno da vida. — Adoçar a aspereza de nossos costumes, animar-nos e sustentar-nos nos momentos de fraqueza, calmar nosso espirito nos transportes mais violentos, reanimar a energia de nosso caracter, dissipar nossos desgostos e nosso mau humor, desterrar nossas tristezas, encantar nossos dias e espalhar flores nos caminhos mais espinhosos da vida, eis o que póde fazer uma mulher, com os attractivos de sua pessoa e com a nobreza de seus sentimentos. Sua presença, um brando aperto de sua mão, uma lagrima prestes a escapar de seus olhos, que mais é preciso para enternecer o homem, ainda o mais duro? Nada opera com mais efficacia em nossos corações e com mais doçura, do que o vivo e puro sentimento da eloquencia physionomica das mulheres; e não temo dizer, que esse sentimento, é um beneficio do creador; elle ajunta um interesse novo a tantos detalhes indifferentes, fatigantes e monotonos, que se succedem constantemente; adoça as amarguras, de que a carreira, ainda mesmo a mais feliz é semeada. Quantas vezes, acabrunhado, sob o peso d'um trabalho fatigante, minha alma estava opprimida: quando meus olhos estavam inundados de lagrimas ardentes, e meu peito preso d'agonia; quando, com o coração cheio de meus pensamentos, eu era inhumanamente regeitado por aquelles á quem tinha necessidade de as communicar; quando via minhas acções mais simples e honestas envenenadas pela calumnia, a sagrada empulsão da verdade, aviltada e tachada de frenesi: nesses momentos de ardor e de angustia, em que inutilmente procurava ao redor de mim um raio de consolação, meus olhos se abriam de repente, e eu era ferido de uma doce luz, que me recreava e vivificava. Era o sensivel e terno olhar d'uma mulher, de quem eu havia sufficientemente experimentado a firmeza e a coragem; era a modesta e pura physionomia d'uma mulher querida, que sabe ler no rosto de seu esposo, e distinguir no mais reconduito de sua alma a menor de suas emoções, seus mais ligeiros soffrimentos; uma mulher, que está sempre prompta a mitigar suas penas, e que nesses instantes se aformoseava á meus olhos como um anjo, sem que ella

seja dotada de nenhuma dessas vantagens naturaes, que o vulgacho julga inseparavel da belleza.

Estudar o merito e as sublimes qualidades d'um sexo, que tem tanto poder sobre nós, é o mais nobre uso que podemos fazer do nosso sentimento physionomico.

Além disto, como já disse, esse sentimento é um preservativo contra a abjecção. Guiado por elle, vós apprendereis a conhecer e a fixar a linha de separação entre o espirito e os sentidos; acompanhareis a razão até ao ponto em que ella parece confundir-se com a sensibilidade; apartareis o verdadeiro sentimento do falso, que não é mais de que um brinco da imaginação; distinguireis o galanteio do amor; e o amor da amizade; respeitareis mais a innocencia das mulheres e a pureza de seus costumes; fugireis a essas impudentes, cujos olhares revoltam a modestia e a virtude. Segui vosso guia, e dareis as costas á mulher, que attrahir as homenagens da multidão; ficareis indignado do insolente orgulho de seu silencio, da affectação de sua linguagem pretenciosa e só cheia de banalidades, de seu olhar desdenhoso, que jámais se fita nas misérias da humanidade; notareis seu nariz imperioso, seus labios relachados pela inepecia, decompostos pelo desprezo, tintos pela inveja, e meio rubros pela intriga e pela malignidade; encontrareis até na collocação de seus dentes, o ciúme, a avidez e a paixão de imperar; e todos esses traços, e outros, que nos não escaparam, serão vossa guarda, que tereis contra o engodo dos encantos, que ella ostenta sem corar. Segui vosso guia, e sentireis quanto seria humilhante deixar-se surprehender por uma physionomia, em que tendes desmascarado os vicios. Cito um unico exemplo entre mil.

Mas, se d'outro lado, vós virdes a belleza em todo seu brilho, em toda sua pureza; uma dessas mulheres candidas e sensiveis, que impressionam á primeira vista, e que exercem um imperio irresistivel em todos que d'ellas se approximam; se descobrires em sua testa avelludada, uma aptidão espantosa, em receber as instrucções do sabio; se aperceberdes em um fundo inexgotavel de prudentia; no delicado contorno suas sobranceilhas concertadas, mas não muito alongadas; de seu nariz, o mais fino e apurado gosto; na brancura de seus dentes e na frescura de seus labios, o terno interesse, que dicta a bondade; em cada movimento de sua bocca, a be-

nevolencia e a doçura, a humildade e a compaixão; no som de sua voz, uma modestia nobre; se encontrardes em seus olhos meio baixos e brandamente moveis, uma alma, que parece chamar a vossa; se ella vos parece superior a todos os quadros e a todas as descripções; se vossos sentidos encantados se dilatam nas perfeições de seu bello corpo; e se essas perfeições, vos encadeam, como os raios d'um sol benefico, vosso sentimento physionomico, tão lisongeadado, não se arrisca a vos fascinar e vos perder?

« Se tua vista é simples, todo teu corpo será esclarecido. » E o que é o sentimento physionomico, senão a simplicidade da vista? Não poderíamos estudar a alma separada do corpo, mas é pelo exterior que julgamos do interior, e quanto mais o espirito falla em nossos olhos, mais respeitamos o corpo, que lhe serve de involucro. O homem compenetrado d'um sentimento que emana da Divindade, poderia profanar o que Deus sanctificou? profana-lo, quero dizer, magoa-lo, avilta-lo, desfigura-lo e destrui-lo? Se uma physionomia nobre e bella, não vos inspira respeito e um amor fundado sobre a virtude, o sentimento physionomico não é feito para vós, pois que elle é uma revelação do espirito. E' a guarda da castidade, reprime os desejos desregrados, eleva a alma, e communica essa elevação ás physionomias, que estão em correspondencia com a vossa. A energia ordena o respeito; o sentimento do amor, produz o mesmo amor, mas um amor puro como o dos anjos!

Em geral, as mulheres são muito mais delicadas, mais ternas, mais sensiveis, mais pacificas, mais de formar corações e de conduzi-los, que o homem.

A primeira materia de sua substancia parece mais mole, mais irritavel, e mais elastica que a do homem.

Foram criadas para ser esposas e mãis. Todos os seus órgãos são delicados, flexiveis, faceis de excitar e de ferir, susceptiveis em todos os sentidos.

Entre mil mulheres conta-se apenas uma, que não tenha os caracteres distinctivos de seu sexo, a molleza das carnes, o arredondado dos musculos, e a irritabilidade do systema nervoso.

Ellas são o reflexo do homem, presas delle, feitas para lhe

serem submettidas, para consola-lo em seus desgostos, para mitigar suas penas. Sua ventura consiste em procrear filhos, e educa-los na fé, na esperança e no amor.

Com esse character de ternura, com essa subtileza de espirito, e essa amabilidade de seus sentidos, com esse tecido delicado de suas fibras e de seus órgãos, não admira, que ellas sejam tão doces, e ao mesmo tempo tão fracas e tão promptas em ceder á um sexo mais empprehendedor e mais forte. Mas o poder de seus encantos, as eleva sobre o poder do homem.

Não foi o homem o primeiro seduzido, mas sim a mulher; porém elle, o foi depois por ella.

No entanto sejamos justos: se a mulher succumbe facilmente á seducção, nem por isso, seu coração é menos inclinado á virtude e a receber todas as impressões, que o podem ennobrecer e torna-lo mais amavel. As mulheres, têm um gosto natural para tudo, que tende á decencia, á belleza e á semetria; sómente é pena, que ellas se empregando, quasi sempre, muito no exterior, não saibam apreciar o merito intrinseco. « A mulher vio que o fructo era bom ao paladar e agradavel á vista; e a arvore lhe agradou, porque dava sciencia, e comeo do fructo » (1).

O homem pensa, e a mulher sente. A força d'elle, consiste na reflexão; a força della, no sentimento.

O imperio das mulheres é muitas vezes mais solido, mais absoluto do que o dos homens: ellas o exercem por um olhar, por uma lagrima, por um suspiro. Desgraçadas dellas, quando recorrem á colera e á violencia! seu poder destroe-se, e tomam-lhes aversão.

Entre as virtudes de seu sexo, conto a mais pura sensibilidade, a inexgotavel ternura de coração, a bella simplicidade de costumes, um amor ardente, que toca as vezes ao heroismo.

(1) GENESIS CAP. 3.º §§ 1.º, até 6.º. — Prohibido o uso do fructo, a Serpente persuade a mulher que transgrida o preceito, porque com isso será immortal e semelhante a Deos — vio pois o mulher, que a arvore era boa para comer, e formosa aos olhos, e delectavel á vista: e tirou do fructo della e comeo, e deu a seu marido, que tambem comeo: — *Et tulit de fructu illius, et comedit: deditque viro suo, qui comedit.*

A physionomia da mulher, traz o cunho d'uma sanctidade inviolavel, que o homem de honra, tem como dever respeitar, e que muitas vezes impõe aos libertinos mais desenfreados, o mais severo preceito de acatamento.

Irritaveis por constituição, pouco acostumadas a pensar, a raciocinar e a discernir; arrastadas pela torrente do sentimento, tornam-se fanaticas, e nada as póde curar disso.

Entre ellas o mais ardente amor, não está ao abrigo da inconstancia; seu odio, ao contrario, é quasi sempre implacavel, e só com uma perfeita lisonja, se as póde apaziguar.

O espirito do homem, abraça o todo; o da mulher liga-se aos detalhes: ella atina com as gradações mais delicadas.

E' muito ordinario, que a timidez, seja o apanagio natural d'um sexo fraco. O homem, aprecia o espectaculo magestoso d'uma tempestade; sua alma se eleva ouvindo o ronco do trovão, por cima de sua cabeça; a mulher treme, á aproximação da borrasca, occulta-se e busca um asylo entre os braços de seu protector.

O homem, contempla o arco-iris, como um metéoro natural; a mulher, só vê o jôgo de suas côres. Ella fixa esse phenomeno, no lugar em que apparece; o homem acompanha seus raios, em todo o circulo que percorrem.

Nas mesmas circumstancias a mulher chora, e o homem fica mais serio; ella se desespera por um acontecimento, que em nós apenas excita algum pezar; ella entrega-se á impaciencia e á murmuração, e nós não cuidamos senão em nos lastimar: comtudo a fé da mulher é mais forte, que a do homem (1).

Um homem irreligioso assemelha-se á um doente, que se persuade que está bem disposto, e que póde passar sem medico. Uma mulher sem religião, é uma creatura repulsiva; revolta-nos querendo fazer-se libertina, porque é feita para a devoção e para a piedade. Foi ás mulheres, que o Salvador resuscitado, appareceu primeiro; mas soube reprimir-lhes o grande transporte com estas palavras: *Não me toqueis.*

(1) Estamos tão convencidos da firmeza de character e inflexibilidade de sentimentos da mulher para com o homem, que não temos o menor escrupulo em dizer, que o unico e verdadeiro amigo do homem é a mulher; ao menos esta é a nossa opinião e a que a experiencia nos tem mostrado por mais exacta.

Tudo, que é novo e extraordinario as impressiona e as fascina.

Entregues á um unico sentimento, esquecem-se de si mesmas, em presença do objecto amado.

São sujeitas á mais profunda melancolia; e as satisfações as arrebatam em extasi.

O sentimento do homem traz sua origem da imaginação, e o da mulher vem do coração.

Sua franqueza é mais ingenua que a nossa; reservadas, são impenetraveis: seu coração é um mysterio.

Ellas são mais pacientes, mais indulgentes, mais beneficas, mais modestas e mais cheias de confiança do que nós.

Se o homem occupa pela força da intelligencia o primeiro lugar na escala da criação, o segundo pertence á mulher. O homem só, não é perfeito; é um ente sem imperio. O homem, é a honra e o sustentaculo da mulher; mas tambem é pela mulher, que elle torna-se o que póde e o que deve ser.

« O homem não deve viver só. Por sua mulher elle deixará seu pai e sua mãe. Elle não fará mais que uma só carne com ella. » (*Genesis, Cap. 2, § 23.*)

Analógias physionomicas dos dous sexos.

A constituição do homem é forte, a da mulher fraca.

A fôrma do homem é mais direita, a da mulher mais elegante.

O homem anda com passo firme, a mulher põe os pés com desconfiança.

O homem contempla e observa, a mulher olha e sente.

O homem é grave, a mulher leviana.

O corpo do homem é grande e largo, o da mulher mais pequeno e mais delicado.

A carne do homem é dura e grosseira, a da mulher branda e macia.

A tez do homem é trigueira, a da mulher branca.

A pelle do homem é aspera, a da mulher lisa.

Os cabellos do homem são mais curtos e mais grossos, os da mulher mais compridos e mais finos.

As sobrelhas do homem são cerradas, as da mulher mais ralas.

As linhas physionomicas do homem são proeminentes, as da mulher mais apagadas. Rectas no homem e arqueadas na mulher.

Os perfis dos homens são muitas vezes menos perpendiculares que os das mulheres.

As feições do homem são mais angulares, as da mulher mais arredondadas.

Parallelo do homem e da mulher.

SEGUNDO L. J. MOREAU (DE LA SARTHE), PROFESSOR DA FACULDADE
DE MEDICINA EM PARIZ

« O bello sexo, dizem nossos *galans*, fallando das mulheres... Elle é sómente bello para quem não tem senão olhos; para aquelles que têm coração, é tambem o sexo gerador que traz nove mezes o homem em suas entranhas, com perigo de vida, e o sexo nutridor, que o amamenta e cuida de sua infancia. E' o sexo piedoso, que o conduz aos altares; é o sexo pacifico, que não verte sangue de seus semelhantes; o sexo consolador que cuida dos doentes, e trata-os sem magoa-los... (1) »

Parece-me que essas, ou o sentido dessas palavras, se deviam naturalmente achar no bico da penna e na alma de Lavater... Ou pelo menos surprehender, que esse habil e delicado observador, tenha passado com tão pouca sensibilidade, e tão circumscripto, sobre um assumpto, na verdade,

(1) Bernardino de Saint-Pierre, *Estudos da natureza*, vol. 2, in-12, p. 241.

mais agradável que fácil de tratar, e no exame do qual é muitas vezes assaz difícil conciliar o encanto, ou a amargura das recordações, com a exactidão de suas observações.

O character, que importa mais fazer sobresahir no parallello do homem e da mulher, considerado relativamente á physionomia, não é o mesmo indicado nas observações de Lavater. Esse character é a disposição particular da estructura do semblante das mulheres, e principalmente do apparelho muscular dessa parte. Este apparelho, é muito delicado no homem, e melhor apreciado por linhas salientes e relevos bem pronunciados.

A physionomia das mulheres, não reproduzindo, habitualmente, senão pensamentos menos fortes e paixões menos violentas e uniformes, não deve offerecer, quando a alma está tranquilla, essas indicações positivas, esses signaes não equívocos, que tornam a physionomia de muitos homens tão fácil de interpretar.

As mulheres têm muito mais physionomia, que os homens em movimento, e muito menos que elles em repouso. No caso mesmo, em que os sentimentos fossem tão profundos, como duraveis, elles não influiriam tão vesivelmente nas feições do rosto, donde a frescura, a delicadeza, os musculos mais fracos, a pelle mais fina, parecem excluir as riscas physionomicas profundamente impressas, nesses traços, nessas rugas, nesses vincos, nessas linhas, cuja direcção e combinação são tão notaveis e tão characteristics em muitos homens. Todavia, quando as mulheres, avançando em idade, vêm desaparecer com seus encantos alguns caracteres de seu sexo, a physionomia se desenvolve, e o que perde em belleza, ganha em expressão permanente; e a cultura do espirito, o habito dos sentimentos generosos, preenchendo, por sua indicação mais distincta, os encantos fugitivos dão á idade madura e á velhice, um genero de attractivo physionomico independente da frescura e da força da organização.

Admira, que semelhante observação, tenha podido escapar a Lavater. Ajuntaremos á esta, outras observações sobre os caracteres e a natureza da mulher, com a intenção de applicar a um assumpto tão interessante de reflexão, alguns dados physionomicos, que não são sem ligação com os meios de

melhorar a situação d'um sexo, cuja felicidade a natureza deixou aos esforços beneficis da sciencia e da civilisação.

Desmahis, Saint-Lambert, Ségur, e em geral a maior parte dos autores que escreveram sobre as mulheres, excepto Rousseau (1), Russel (2), e Cabanis (3), são philosophos superficiaes, que só têm conhecido as mulheres dos salões ou dos toucadores. Não enxergando toda a importancia, toda a extensão d'um tal assumpto, não o tractaram com benevolencia activa e desinteressada; e foram omissos em explicar em suas obras essas extensas indagações, que igualmente se applicam ás mulheres de todas as classes da sociedade, de todas as raças e de todas as variedades da especie humana.

Quando se considera a mulher, debaixo d'um ponto de vista mais amplo, para compara-la ao homem e procurar na analyse de sua organisação os differentes caracteres que a distinguem, fica-se admirado do numero e da variedade delles. Vê-se então por esse exame aprofundado e circumstanciado, que o homem e a mulher não differem em superioridade, mas que sua estrutura é muito diversa; que a physionomia do sexo apparece em toda essa estrutura que revela uma larga cadeia de effeitos physicos e moraes, que tem, por graduações mais ou menos notaveis, relação com os orgãos d'amor, e que emfim, para o naturalista, o medico e o philosopho, a mulher é mulher em todas as partes de sua constituição organica, na natureza de seus pensamentos e de suas affeições, no seu modo de sensibilidade em geral, no rythimo e na força de suas impressões interiores, no som de sua voz, na maneira de se nutrir, de respirar, e mesmo no modo de sua transpiração, menos activa e de um odôr quasi especifico. Este ultimo character, ao qual

(1) 5.º volume de Emilio ou Sophia.

(2) Systema physico e moral das mulheres.

(3) Memorias relativas á influencia dos sexos e das idades sobre as analogias do moral e do physico do homem. Surprenderá talvez o não estar o nome de Thomaz ao pé dos de Rousseau, Russel e Cabanis. Thomaz na verdade merece alguns elogios, mas seu Ensaio sobre as mulheres, é antes um panegyrico, que um tratado; importa-me menos louvar as mulheres, do que contribuir para sua felicidade, ajuntando sobre o que lhes diz respeito, conhecimentos positivos e uteis observações.

nós não podemos prestar atenção na sociedade, não escapa ao olphato subtil dos selvagens.

Um viajante celebre, conta um exemplo muito saliente á respeito dessa sagacidade. Havia a bordo uma rapariga vestida de homem, cujo disfarce nunca excitou a menor suspeita, durante muitos mezes á gente da equipagem. Chegados a um povoado d'America, qual foi sua surpresa, vendo os selvagens chegarem-se ao individuo disfarçado, cheira-lo e reconhece-lo immediatamente por essa maneira?

Nos grandes hospitaes, póde-se facilmente distinguir este caracter do sexo : e as pessoas que têm visitado os hospícios, sabem, que se reconhecem pelo cheiro as salas dos homens e as das mulheres.

Os caracteres e os signaes distinctivos da mulher podem ser resumidos em dous artigos, a saber : 1.^o, *os caracteres exteriores e physicos*; 2.^o, *os caracteres interiores e geraes*, que fazem descobrir a analyse da organisação.

Dos caracteres exteriores das mulheres, por Moreau.

Entre os caracteres exteriores, uns são essenciaes e pertencem ás mulheres de todos os climas e de todas as classes da sociedade, em todas as épocas da civilisação ; outros, menos constantes, dependendo todavia dos primeiros, não se manifestam entretanto senão na estação ephemera da mocidade, e entre povos cuja civilisação está muito avançada. Esses caracteres passageiros, e que as mulheres mostram com o mesmo desenvolvimento em todos os lugares, são o que chamamos com tão terna emoção, seus attractivos e seus encantos ; a saber : a delicadeza, a doçura, e o polido das fórmas, a elegancia e a ligeireza dos movimentos, a graça e a brandura das attitudes, as passagens faceis e graduadas entre todas as partes, o numero e a perfeita combinação da

linhas ondulantes á superficie do corpo, a elasticidade, a delicadeza dos contornos, a firmeza e a maciez voluptuosa da pelle; emfim todo esse aggregado de traços seductores, que trazem á imaginação os unicos nomes de mulher, mocidade, e belleza.

Esses caracteres do sexo, que a eloquencia e a poesia têm muitas vezes apresentado em quadros (1), não pertencem exclusivamente á mulher, assim como temos avançado, o que é facil de ver. Com effeito, a belleza e as graças que a natureza só aperfeiçoa, no meio do descanso, não se podem desenvolver inteiramente nas primeiras idades da vida social. Exercicios violentos, a exposição quasi continua, ás intemperies atmosphericas, a escravidão, a perseguição, são as principaes causas de, nas primeiras épocas da civilização, suspenderem-se ou destruirem-se esses encantos, essa belleza, de que os povos selvagens não conhecem se quer a existencia e nem o poder. A organização e a condição das mu-

(1) Vêde Colardeau, no seu poema dos Homens de Prometheo, do qual aqui apresento um fragmento. Trad. em verso por D. A. B. de L. :

« Sahido do pincel de sabio artista,
Ostenta seu poder na fronte altiva
O homem por natureza assim formado.
Nelle tudo annuncia o rei do mundo.
Soberbo seu olhar se escapa claro;
Seu porte magestoso nobre e doce
A' destreza reune herculea força,
Sobre membros nervosos, rijos musculos :
Um composto lhe formam grandí-bello;
Tal no circo se mostra atleta ousado.

« Junto delle a esposa terna o olha;
A timidez que mostra, mais lhe augmenta
As graças naturaes e os attractivos.
O pintor não cobrio com véo zeloso
Da formosa Pandora os mil encantos :
Nua estava a innocencia, e socegada,
Seu pudor a envolvia, lhe bastava;
Só perdendo o candor, córa a belleza
Pura e celeste ainda junta ao berço
A nudez não lhe tira a sã modestia.

« Para tantos encantos produzir
Arredonda-lhe o artista as fôrmas bellas;
De delicado pincel, mimosos toques

lheres, são mais favorecidas em proporção, que a arte social faz mais progressos; e sensivelmente o sexo, que chamamos bello sexo, e que durante muito tempo só foi fraco e desgraçado, adquire direitos e belleza, e differe d'uma maneira mais notavel do outro sexo: e ajuntemos mesmo, que a graça e a belleza, que são um objecto de culto nas nações policia-das da Europa, exigem cuidados particulares; é necessario desenvolve-las, conserva-las, aperfeiçoa-las, e até direi, fa-ze-las desabrochar á força de cultura, pois que brilhantes productos do luxo, raramente se encontram nas profissões peniveis e nas ultimas classes da sociedade.

Os caracteres exteriores da mulher, que não dependem de causas particulares, são muito mais importantes para o philosopho e para o physionomista.

Esses caracteres se referem ás proporções e á fôrma das differentes partes do corpo.

Em geral a estatura das mulheres é mais baixa, em pro-

Parecem só roçar nas superficies;
A' branda e linda pelle dá mais brilho
O colorido, que o sangue proprio emitta.

« No quadro só se vêem risonhas fôrmas.
Os cabellos se notam fluctuantes
Sombrear, coroar-lhe a fronte calma.
Abandonados anneis no collo rolam;
Figurae entre lirios rubra rosa
Ao despontar d'aurora, meia aberta,
Apenas do botão desabrochada,
Tal era o lindo seio, primo ornato
Que recebe a belleza da natura;
Meio-globo gentil, cujo contorno
Palpitante d'amor mais graças tem!
Para melhor retratar o sexo amavel
Nas feições de Pandora se juntaram
O que ha de encantador entre as mais bellas :
Era unida ao sentimento, á graça ingenua
Do esposo que a conduz attento e terno
Como por distracção, a mão retira,
E sobre as claras aguas d'um regato
O lindo corpo inclina, e os olhos lança;
Enlevada admira a imagem sua,
Satisfeito sorriso os labios roça-lhe
Os divinaes encantos contemplando...
Neste quadro o artista quiz mostrar
Que o amor proprio nasceo d'amor no berço. »

porção de meia cabeça; e a uniformidade entre as dimensões das differentes partes, não são as mesmas. Por exemplo, no homem, a metade do comprimento total do corpo, corresponde á bifurcação do dorso; na mulher ella estende-se acima dessa região; os membros inferiores são mais curtos, o pescoço mais comprido, assim como os hombros. Quanto ás fórmãs, sem terem a delicadeza e elegancia de que fallamos, no entanto têm entre todos os povos, e em todos os estados, tal conformação e tal feitio, que é impossivel não descobrir a ligação, que ha com a natureza inteira, e as funcções particulares da mulher. Os membros inferiores, sobretudo, apresentam essa disposição physionomica, e que facilmente se descobre mesmo atravez dos vestidos masculinos, de que as mulheres se servem para se disfarçarem, cuja metamorphose, nunca é em sua vantagem. Em geral essas partes são menos volumosas, menos arredondadas, e menos afastadas uma da outra, no homem. Nas mulheres ellas se ajuntam mais na parte inferior. Os joelhos são um tanto mettidos para dentro e ligeiramente salientes, conformação esta, que se nota na mesma Venus; conformação que manifesta, relativamente á prenhez e ao parto, vantagens, que não têm as mulheres, que se assemelham muito aos homens, e que não devem ser tidas por bemfeitas, pois que a conformação e a belleza, devem offerecer uma relação directa e bem assignalada entre a fórmula dos órgãos e seus usos. Além disso, os caracteres exteriores mais importantes da mulher, dependem da disposição e da configuração do systema osseo; mas um esqueleto feminino bem conformado, e cuja estructura possa offerecer ou lembrar os traços da mulher, difficilmente se encontra. Um celebre anatomico, *Sæmmering*, depois de longas indagações, comparações e observações multiplicadas, chegou a encontrar um, que mandou gravar para servir de modelo.

A cabeça desse esqueleto, comparada com a d'uma Georrianna, que fazia parte do museo de *Blumenbach*, se lhe assemelhava perfeitamente, diz *Sæmmering*; e não obstante os horrores de que a morte rodeava essas minas da belleza, o naturalista podia compara-las com a Venus, cujo typo fundamental e proporções, ellas lembraram.

A região das espaldas e a parte inferior do tronco, chamada bacia, apresentam, mais particularmente, os cara-

cterres femininos. As espaduas são, em geral, menos afastadas do tronco, e por consequencia mais unidas; as clavículas mais curtas e menos curvadas. Não podendo afastar o braço do eixo do corpo, tanto quanto o homem, ellas limitam necessariamente a extensão dos movimentos, e esta disposição é que nos explica o porque as mulheres, querendo vencer grandes resistencias com os membros superiores, experimentam tanta difficuldade; porque, por exemplo, quando querem lançar uma pedra, são obrigadas a inclinarem o corpo sobre o pé opposto ao braço, com que executam essa evolução. Quanto á bacia, elle é mais dilatada e menos profunda: examinando-se-a com attenção, observa-se, que sua parte posterior é mais saliente e que a arcada do pubis é mais larga, que os quadris, têm mais extensão, e que as cavidades articulares, onde são recebidos os ossos das coxas, acham-se mais afastados, menos obliquos e mais superficiaes; ajuntemos mais, que a mulher tem o peito mais estreito e mais fundo, e que emfim os pés são mais pequenos e mais unidos e a base da *sustentação*, menos larga, o tronco um tanto dirigido obliquamente, a columna vertebral menos forte; as espaduas, a cabeça e a bacia mais inclinadas para traz: estas disposições são que têm particularmente direito á attenção do physionomista, e tambem são ellas, que nos explicam porque as posições mais naturaes da mulher, annunciando fraca resistencia e abandono, são incertas e abatidas; porque, em geral, a mulher, não executa com graça grandes movimentos; e porque ella não póde fugir muito, e só foge para ser pegada, conforme a observação de *Rousseau*.

Todos esses caracteres distinctivos da mulher, são apresentados em concurso em sua estrutura. Cada parte examinada separadamente, igualmente conserva sua physionomia sexual. Não ha ninguem, diz *Russel*, que não distinga á primeira vista o braço ou a perna de uma mulher, do braço ou da perna de um homem. Essas partes, subretudo os braços, são na mulher mais arredondados; ellas têm as fórmias mais lisas e mais macias; podia-se dizer formadas de um cylindro de marfim, ou do mais bello alabastro, tão delicado é o contorno e tão docemente os perfis se baseam uns nos outros.

Os musculos, apresentam nas mulheres disposições, que

influem directamente sobre as fórmãs e que não devem ser esquecidas no parallelo dos dous sexos. Em geral, nas mulheres, os musculos fazem menor saliencia, seus relevos mais graciosos, não apparecem na superficie do corpo com character de vigor sob a fórmula dessas inchações asperas e grosseiras, que se desenhã na superficie do corpo d'um homem bem conformado, no qual os costumes afeminados, não têm feito parar o desenvolvimento dos traços exteriores da virilidade.

Todas as differenças exteriores, que acabamos de indicar, emanam da constituição e natureza da mulher. A educação e os habitos podem dar-lhes mais elasticidade, accrescentar-lhe a elegancia das fórmãs, ou a delicadeza dos órgãos, mas não podem destruir a differença radical e original, que se mostra em todos os paizes e entre todos os povos. Na verdade ha habitos, trabalhos e condições, que dão ás mulheres um aspecto mais viril e menos graciioso; que chegam mesmo a endurecer o tecido cellular, que augmentam o volume dos musculos e dos membros, que tornam a pelle dura e callosa, e a cobrem com os signaes do trabalho e da miseria. Porém essas mudanças forçadas, são verdadeiras alterações do systema physico da mulher; e além disso, conforme a observação de *Rousseau*, quando as mulheres ainda se tornam robustas, a robustez dos musculos augmenta-se; quando os homens se enfraquecem, as mulheres ainda se tornam mais fracas : e quando os dous termos igualmente mudam, a differença é sempre a mesma.

Todas as differenças que dependem da natureza do sexo, têm uma influencia directa e bem notavel sobre o genero de belleza que é proprio á mulher.

Esse genero de belleza, se approxima mais do que aquelle que é proprio ao homem, da maneira porque *Edmondo Burke* considera o bello em geral, para distingui-lo do soberbo (1). Todos os traços, todos os caracteres desse bello que queremos, que procuramos na mulher, são doces

(1) Segundo Burke, o que é sublime tem dimensões vastas e imperiosas. O que é bello deve ser arredondado, macio, pollido, e se estender em linhas rectas. O sublime massiço, solido, e um pouco obscuro; o bello delicado, brando, etc. Vêde Tratado do Sublime, 1 vol. em oitavo, por Burke.

e amaveis; inspiram mais prazer do que admiração e respeito; lisongeião tanto a vista como o espirito; fazem nascer a terna predilecção, o desejo e o amor. Um porte severo, um traço grosseiro, mesmo um ar de magestade, muito notavel, destruiria o genero de belleza, que exigimos na mulher; e *Luciano* tem razão de nos apresentar o deus d'amor, horrorisado do ar masculino de Minerva.

A belleza masculina tem, na verdade, um caracter mais sublime; occupa mais o pensamento, indica uma organisação mais perfeita, ou pelo menos, mais forte, e uma esphera de vida extensa. A belleza impõe menos, porém é mais amavel; inspira mais amor do que admiração, e se dirige mais aos sentidos e ao coração, do que ao espirito. As fórmãs do homem mais bello, as de Apollo, por exemplo, obtêm todas as idéas de perfeição e de superioridade, em todos os actos da vida, indicam força, genio, a plenitude de todas as qualidades, de que a natureza humana é susceptivel, ou mesmo uma excellencia sobrenatural. O sentimento, que faz nascer o caracter de belleza femenina, igualmente conduz ao ideal; contemplando-se, por exemplo Venus, experimenta-se sentimento mais agradavel; porém menos expansivo, mais exclusivamente relativo aos attributos do sexo, mais approximados da emoção, que do pensamento, e por isso mais ligados ás idéas de prazer, de amor e de voluptuosidade. Um homem bello, não deve ser comparado á uma mulher, como muito bem nota *Rousseau*. São iguaes no que ha de commum entre elles, mas no que são differentes, são incompativeis.

Idéa geral dos ceracteres
interiores e da natureza da mulher
por Moreau.

Procurando descobrir e congregar as circumstancias da organisação, donde se derivam principalmente as qualida-

des, os caracteres interiores e a natureza das mulheres, devemos notar primeiro, as mudanças de feições, e as perigosas revoluções que se operam em seu systema physico, em certo espaço de tempo.

Formando seres tão sensíveis e tão delicados, a natureza, diz um philosopho moderno, parece ter-se occupado mais de seus encantos, que de sua felicidade. Rodeadas constantemente de dores e de temores, as mulheres partilham todos os nossos males, e ainda por sobre tudo estão sujeitas á outros, que são exclusivamente dellas.

Esta differença, tão notavel entre os dous sexos, depende principalmente das profundas alterações, que as funcções inherentes á organização da mulher, tornam indispensaveis; e é particularmente á vida da mulher, que se refere o que alguns philosophos têm dito sobre a vida em geral, comparando-a á uma doença, cujos movimentos variados, periodos e crises, facilmente distinguem-se.

Quão numerosas e importantes são essas épocas criticas, da vida das mulheres! O apparecimento é as voltas periodicas da menstruação, os primeiros desenvolvimentos do amor physico, a passagem bem notavel á um novo temperamento; em uma palavra, a crise da puberdade, suas consequencias, e sua longa influencia; o casamento, a prenhez, o parto, a mamentação, a desmamação; o fim do menstroo, e os padecimentos, muitas vezes prolongados, da idade critica : taes são as épocas importantes, as revoluções e as variações notaveis, que modificam tão poderosamente a organização da mulher, e cujo effeito devêra sobresahir no quadro dos principaes tratados de sua constituição physica. Os resultados dessas transições, necessariamente produzem, n'uma organização, aliás originalmente mui delicada, alternativas quasi continuas de soffrimento e de doença, de vivas impressões de tremores nervosos, de espasmos e de agitações. Com semelhante maneira de existir, com a frequente volta d'um estado de indisposição, com os desmanchos e os soffrimentos, não era possivel que a organização das mulheres deixasse de estar sujeita á fraqueza, á mobilidade nervosa e á sensibilidade, donde necessariamente se devem derivar as inclinações éphemerias, a benevolencia e a piedade muito excessivas, os caprichos e as phantasias muitas vezes involuntarias, mais pensão para a emoção do que para o pensamento, e

em geral, negação á todas as operações que exigem attenção continuada, recolhimento prolongado, e grande meditação?

O poder, o extensão, e direi tambem, a continua reacção do utero sobre todos os outros orgãos da mulher, durante um certo tempo, são causa d'uma longa serie de influencias características. Este orgão, que o famoso *Vanhelmont*, chamava ente vivo dentro d'outró vivo, tem seu despertar, seus momentos de imperio, seu repouso, seus accessos, e seus augmentos, que são outros tantos acontecimentos notaveis na vida das mulheres. E' um poder interior e secreto que as governa, que as atormenta muitas vezes, e que perturba suas funcções organicas e sua existencia moral.

Diderot, comprehendendo bem toda a extensão dessa reacção, quando é exagerada, e que de certa maneira invade toda a organisação. *A mulher*, diz elle, *traz dentro de si um orgão susceptivel de terriveis espasmos, que dispõe della e lhe suscita na imaginação imagens de toda a especie. E' em delirio hysterico que ella remonta ao passado, que se lança ao futuro, e que todos os tempos lhe são presentes.* E' deste orgão, proprio á seu sexo, que partem todas as suas idéas extraordinarias. A mulher hysterica em sua mocidade, faz-se devota na idade avançada e madura. A mulher, que na idade avançada tem muita energia, era hysterica em sua mocidade; sua cabeça ainda falla a linguagem dos sentidos, quando já estão mudos. Nada ha mais contiguo do que o extasi, a visão, a prophécia, a revelação, a poesia exaltada, e o hysticismo.

São essas influencias, mais ou menos vivas, do orgão proprio á mulher, que dão ao desenvolvimento e á direcção de suas propriedades vitaes, um caracter tão notavel; da mesma causa nascem, a desigualdade de caracter, os caprichos, as aberrações de sensibilidade, que muitas vezes se observam em muitas mulheres, principalmente em certas épocas, ao que todo o homem instruido só deve oppor, esclarecida indulgencia, vivo interesse e terna commiseração.

As funcções communs aos dous sexos apresentam tambem nas mulheres disposições características, que não devem ser olvidadas neste paralelo. A digestão, e a respiração, que são funcções proprias á vida commum e puramente animal, não se excluíram inteiramente da modificação do sexo. Geralmente, as mulheres consomem muito menos alimento que

os homens, e nota-se, que todos os exemplos de voracidade extraordinaria, que as observações tem colhido, são fornecidos por homens, no entanto que os exemplos de longos jejuns e prolongadas abstinencias, de muitos mezes, nos têm sido fornecidos por mulheres.

Accrescentemos, que as mulheres dão menos apreço que nós, ás necessidades alcoolicas; que a bebedeira nellas, é sempre mais repulsiva que nos homens; que ellas preferem as iguarias agradaveis e ligeiras, e que essa maneira de viver nos parece tão natural, tão conveniente, que o espectáculo de uma rapariga, bebendo e comendo com excesso, devorando alimentos grosseiros e engulindo-os com avidéz, repugna-nos, como se estivessemos persuadidos que a belleza deve ter um regimen menos terrestre, menos material, e em parte, só viver de aroma e de ambrosia.

Os órgãos da respiração e da circulação, têm igualmente parte na physionomia geral da mulher.

Tem-se julgado notar, que o coração das mulheres tenha menos volume que o dos homens; que os pulmões tenham menos dimensão, que sejam irritaveis, as arterias menos desenvolvidas, comparativamente ás veias, e d'um tecido menos apertado; no entanto que uma predominancia do systema sanguineo inferior, depois da outra, corresponde á grande quantidade de sangue exigida para as funcções do utero, e para o volume muito mais consideravel dos membros inferiores (1).

As disposições mais importantes e menos duvidosas no modo da irritabilidade e da sensibilidade reunidas, ou de algumas partes do apparelho respiratorio, annunciam-se na mulher, pelo character da voz, cujo timbre se não póde desconhecer, por ter sempre alguma cousa de infantil, ser um pouco aflautada, e ao mesmo tempo, muito mais aguda, á ponto de se notar que, em geral, as mulheres, quando cantam com os homens, fazem constantemente, e ainda mesmo sem querer, de *triple*. Assim como as funcções e os órgãos da absorvição e da transpiração insensivel, differem em muitos pontos nos doux sexos.

(1) Estas observações são antes suppostas do que demonstradas. Vêde, para mais esclarecimentos a These de Thieri : « *An præter genitalia sexus inter se dissipant.* »

Os vasos e as glandulas lymphaticas, que servem d'absorção, são muito mais desenvolvidas nas mulheres, tomam mais parte no temperamento e na doenças de cada uma dellas, e parecem mais dispostas aos diversos e mui graves modos de alteração, taes como as escrofulas, as phtysicas tuberculosas, e as obstrucções glandulosas.

A transpiração insensivel, e a exalação pulmonar, são muito menos activas nas mulheres do que nos homens, como muito bem conheceo *Hipocrates* quando disse: « *Nam corpus muliebre minus dissipatur, quam virile.* » Além disso, quando as mulheres são delicadas, e que a molleza e o luxo as conduz á um estado de fraqueza e de abatimento, que se assemelha á uma prolongada convalescença, a transpiração insensivel se faz mais notavel, por esse defeito de actividade: as mulheres, que estão neste caso, transpiram apenas, e só tomam mui pequena quantidade de alimento; as forças da vida e o calor animal, só lhes chegam fraca e incompletamente nas extremidades inferiores; no entanto que a acção nervosa, é constantemente empregada pelos sentidos, ou concentrada no cerebro: viciosa distribuição, donde necessariamente resultam, a *fraqueza*, os *vapores*, os *espasmos*, e uma não interrompida serie de dolorosas affecções, e de indisposições.

A pelle, que é o orgão da transpiração, é, nas mulheres, muito mais branca e d'um tecido mais delicado. As que são um pouco morenas, apresentam, sobretudo, essa macieza e esse polido de pelle, que dão sensações tão voluptuosas ao orgão do tacto, e *Winkelmann* teve razão em dizer, que os homens, que preferiam as morenas ás louras, deixavam-se seduzir mais pelo tacto, do que pelos olhos. E' preciso tambem notar, que nas mulheres, a pelle é mais transparente e menos grossa, e deixam melhor aperceber as veias, que são notaveis por suas linhas, e pelas bellas gradações de azul, que a vista encantada acompanha com tanto prazer na superficie do seio e de todas as partes, onde a epiderme, é mais fina.

A organização e estructura das mulheres, muito mais delicada que a organização e estructura dos homens, se desenvolvem facilmente, e os progressos da nutrição são ahí tão rapidos, que ordinariamente o corpo da mulher, está tão bem formado aos vinte annos, como o do homem aos trinta.

A belleza e as graças exigiram menos trabalho e tempo á natureza, do que os attributos de força, que pertencem ao homem, e que constituem a virilidade.

Essa organização, cuja marcha de crescimento é tão prompta, parece mais abundantemente provida, ao menos durante a primeira metade da vida, do elemento organizado, que os anatomicos chamam tecido cellular. E' esse elemento dá estructura da mulher, que, sendo mais dilatado, mais cheio de liquidos, e dotado de maior expansibilidade, dá-lhe, durante a mocidade, essas fórmias tão docemente arredondadas, e esses contornos elasticos, olhados, com razão, como a flor da belleza.

A abundancia desse mesmo tecido cellular nas mulheres, parece contribuir particularmente para a docilidade e flexibilidade, que as torna capazes de supportar mudanças, e as revoluções perigosas, que marcam os differentes períodos de sua vida.

Esta disposição, parece essencialmente ligar-se ao character physico e ao modo de vitalidade da organização propria á mulher. O que, pelo menos, é certo, dizem os partidarios das causas finaes, é que este sexo é sujeito a crises, que perturbam todos os órgãos, se estes lhes offerecem grande resistencia. Certas partes do corpo da mulher, estão expostas a dissensão, á choques, e á compressões consideraveis; e estes effeitos não podem ter lugar senão por essa circumstancia da construcção, que toma as partes proprias a cederem á impulsão das causas, que podem obrar vigorosamente sobre ellas. A natureza, na organização do homem, subjuga os obstaculos por uma violenta reacção. Na organização da mulher, ella parece evitar ou destruir qualquer esforço nocivo, cedendo de quando em quando, decompondo, e enfraquecendo os choques no meio da geral docilidade dos differentes órgãos.

Um medico philosopho julgou, depois de ter bem comparado as observações com os factos, que o temperamento vulgarmente chamado sanguineo, era o que mais vezes se encontrava nas mulheres. Sabe-se, que debaixo desse temperamento, a organização está disposta á se mostrar de todos os modos, tomar todas as fórmias, e prestar-se á todas as circumstancias mais oppostas; que é annuciado por amaveis apparencias, e por um exterior seductor.

A mobilidade nervosa, tão natural na mulher, e as frequentes e vivas irradiações do utero, parecem contribuir para o desenvolvimento e para a exaltação do temperamento sanguineo.

O temperamento lymphatico e pitintoso, é modificado e retido em seu desenvolvimento, por essas mesmas irradiações uterinas e essa mobilidade nervosa. A combinação da predominancia lymphatica, e d'uma sensibilidade excessiva, formam um temperamento mixto, cujos numerosos exemplos se encontram entre as mulheres, em quem os habitos de opulencia e luxo, tem estragado os orgãos.

Facilmente acontece, que essa multidão de differenças geraes e exteriores da organisação, que acabamos de reconhecer na constituição physica da mulher, correspondem as differenças não menos essenciaes, no modo de sensibilidade, nos habitos intellectuaes, nos gostos, nas paixões, e nos sentimentos. As semelhanças entre o physico e o moral, tão importantes á observar no estudo do homem, parecem mais evidentes e mais directas entre as mulheres, cujos caprichos, gostos, mudanças nos habitos, alterações subitas no character, disposições á alegria ou á tristeza, aos prazeres mais doces, ou á melancolia mais sombria, se podem quasi sempre explicar por causas organicas, de que é impossivel desconhecer a influencia.

As affecções permanentes, os gostos habituaes, parecem tambem depender das mesmas causas. Por exemplo, o desejo do prazer, a negação á qualquer occupação, que exige força, a timidez, a doçura, necessariamente resultam da delicadeza da constituição. *Braços mais lindos que vigorosos*, dizia Russel, *não são feitos para lutar com trabalhos peniveis, e paixões odiosas e violentas.*

Segundo a observação de *Rousseau*, as mulheres, longe de corarem de sua fraqueza, della se gloriam. Seus debeis musculos, não têm resistencia; ellas affectam não poder levantar os menores pesos. Teriam vergonha de serem fortes.

E' por essas disposições, que o homem esclarecido julga os exercicios violentos, as voltas ou dansas, que exigem mais força do que destreza, contrarias á natureza da mulher, e é dolorosamente affectado, vendo nas nossas grandes cidades, como entre os selvagens da America, mulheres acabrunhadas, sob o peso dos fardos, ou entregues aos mais peniveis traba-

lhous; entretanto, que homens robustos, usurpam as profissões do sexo delicado e fraco; fazem das mulheres alfaiates, mercadoras de modas, e não se envergonham de passar a vida, vendendo perfumes, garças e rendas.

Aristoteles, fallando das mulheres, disse, *que mais communmente são ellas más do que boas* (1). Esta asserção é de todo desprovida de razão, e de motivo. Todas as condições, ao contrario, de um character amante e sensível estão reunidas no sexo, que não só é o bello, porém ainda mais o sexo bom e sensível; o sexo, cuja organização, funcções e habitos, que d'elle se derivam, o dispõe para a pratica de virtudes doces e amaveis.

Vêdes, diz *Voltaire*, *cem irmãos inimigos, contra uma Clytemnestra*. Entre mil victimas da justiça, entre mil assassinos executados, contaes apenas quatro mulheres; e como é possível não conhecer, que subtraidas, pela natureza de seu sexo, ás funcções de soldado, de archeiro, de carcereiro, e d'outras muitas profissões, que pervertem o coração, e o dispoem para acções crueis e sanguinarias, as mulheres devem ter mais doçura e sensibilidade no character, do que os homens?

São notaveis no systema physico e moral da mulher duas disposições principaes: 1.º, o excesso de mobilidade nervosa e de sensibilidade, propria á sua organização; 2.º, uma união mais directa do que no homem, entre o pensamento e o sentimento.

Da mobilidade nervosa derivam-se, a grande irritabilidade das mulheres, suas graças, seus movimentos faceis, e principalmente a inclinação para a irritação. Este ultimo character é extremamente notavel; e geralmente nas mulheres, as feições do rosto, os membros, o diaphragma, e até as fibras do coração, parecem tomar o modo e rythmo de tudo que as cerca. O medico e o moralista, não podem distinguir, ainda mesmo, empregando toda a attenção, nas mil circumstancias, a influencia da causa do movimento da acção e da alteração nas mulheres.

As mulheres, diz *Diderot*, *podem ser acommettidas de furor epidemico; nesse caso só a primeira que o experimente é*

(1) *Aristoteles* fallava mal das mulheres, no entanto adorava cegamente a sua bella.

criminosa, as outras são doentes. A sensibilidade nas mulheres, não é inferior á mobilidade muscular. Ella se desaranja mais facilmente, bem como as faculdades intellectuaes; e nota-se, que nos hospitaes de alienados, em certo tempo marcado, recebe-se maior numero de mulheres, que de homens. Os nomes de Psychéa e de Eva, que correspondem ás nossas expressões alma e vida, nomes dados á mulher por excellencia, designam bem essa excessiva sensibilidade, que tem mostrado entre todos os povos as adivinhas, as pythias, as sibyllas, as convulsionarias, etc., e que tão directamente se amolgam á natureza da mulher.

A grande mobilidade nervosa, e a extrema sensibilidade, que se tem observado nas mulheres, são originaes e essenciaes á sua organização, ou poderiam ellas depender das renovações de irritações impressas no systema nervoso, pelas exaltações periodicas de vitalidade do utero e exercicio das funcções sexuaes? Seria difficil responder positivamente a esta questão.

O que é certo é, que á estas disposições, é que se devem attribuir a vivacidade e a rapidez de sensações nas mulheres, a aptidão, a emoção, e a expressão, a attenção mais difficil e pouco sustentada, e mais flexibilidade de espirito e de penetração, que força e extensão nos pensamentos.

O espirito das mulheres, vòa e repousa; tem mais brilho do que solidez: o que não alcança logo, desespera de alcançar. Sua curiosidade activa, porém limitada, quasi, que não passa além do circulo das relações habituaes.

Nós conhecemos melhor os homens em geral; a mulher, conhece melhor os de seu circulo; e se interessa menos pelos segredos da natureza, do que pelos mysterios e pelas pequenas emoções da sociedade (1).

Esta differença póde, sem duvida, depender de nossos prejuizos, de nossos usos, e do genero de educação que ordinariamente recebem as mulheres. Comtudo, é custoso não se ceder alguma parte desse resultado, ao modo de sua organização.

As mulheres tem gosto e delicadeza; como suas fórmãs, o seu espirito é agradável. O pensamento no homem é mais

(1) As mulheres são aptas para tudo o que é grande e extraordinario, e quem conhecer perfeitamente a historia do genero humano, em todos os seus pontos, concordará comnosco.

forte, e sua esfera tem mais amplidão; e se as graças da imaginação e seu talento amavel e facil, brilham a par d'elle, oppõe a essas vantagens, a mais vasta e profunda concepção, os vôos do genio, e os poderes da meditação.

A união do sentimento, das paixões, e das affecções, com o pensamento e o juizo, ajudam muito a physionomia particular de seu espirito. Nas mulheres, é mais geral que uma impressão forte determine a opinião, do que o raciocinio.

Mme. Deshoulières preferia *Pradon* á *Racine*; e Ninon de Lenclos, apezar de todo o seu espirito, nega á *Richelieu* senso commum, por ter preferido a ella *Marion Delorme*.

Todavia, a influencia das paixões se tem manifestado em muitas mulheres, dando seu á espirito uma força e um brilho extraordinarios.

Guyon tem, no seu livro dos Terrores, paginas de admiravel eloquencia.

Se analysassemos mais circumstanciadamente os habitos intellectuaes e moraes das mulheres, notaríamos muitas outras maneiras de existir, e muitos outros caracteres, e seria então mais facil descobrir as variedades essenciaes da organização, que temos exposto, e que devem ser tomadas em consideração, todas as vezes que se tratar da condição, da ventura, da educação, e da medicina das mulheres (1).

Influencia das mulheres na obra da geração.

SEGUNDO O DR. P. RUSSEL.

O fluxo menstrual é um signal tão evidente de fecundidade, que andam sempre com elle, os desejos que a devem realizar. As mudanças que então se operam no caracter da

(1) Vêde, para mais esclarecimento, a obra intitulada — *Historia natural e philosophica da mulher* —, seguida de observações sobre o regimen physico e moral das mulheres nas differentes épocas da vida, vol. 3.º, em oitavo, com figuras.

mulher, talvez não sejam menos sensíveis, que as alterações physicas, que se manifestam em seu corpo. Os autores acostumados á aproveitarem todas as explicações mecanicas (1), creem, que a causa da inclinação ao amor depende, nos homens, da abundancia do liquido seminal, e nas mulheres, da grossura dos ovarios. Elles fundam-se, para dizer isso, em ter-se encontrado essa parte muito inchada, nas pessoas acommettidas do que se chama *furor uterino*, e tambem em saber-se que os animaes, que são privados dessa parte, não sentem o aguilhão, que os excita a multiplicarem-se.

Esses factos não são tão concludentes, como se poderia imaginar. Uma parte engrossa em proporção da quantidade dos humores, que a natureza ahí envia. Nas pessoas muito atormentadas de desejos, os orgãos destinados á satisfazerlos, naturalmente ficam mais cheios e mais inchados que os outros, porque os liquidos que contribuem para dar-lhes a disposição conveniente ás suas funcções, ahí se demoram mais tempo, nutrindo-os mais, e por consequencia augmenta-lhes o volume. Nesse caso a grossura dos ovarios poderia ser, com mais razão, olhada como resultado, do que como causa de desejos relativos ao conjuncto amoroso. Quanto á extirpação dessa parte, ás vezes póde cortar a origem da fecundidade; mas esse meio não aproveita sempre. É certo, que, á maior parte dos animaes castrados, a natureza torna-se indifferente á uma funcção, que sente não poder mais preencher, por falta de instrumentos: entretanto, como já dissemos fallando dos eunucos, ha alguns, que parecem mofar de sua propria natureza; é nelles tão firme, no que conserva a especie, que, por um erro que lhe occulta sua impotencia, obstina-se sempre á um combate á que só póde levar armas inuteis.

O systema animal, consiste n'uma serie de operações successivas. Cada idade (2) é caracterisada por funcções, que lhe são proprias. Com a idade da puberdade se desenvolve a que tem por fim a conservação da especie. A natureza então prepara todos os materiaes necessarios, e parece que estes, em vez de fazer nascer desejos, são precedidos por elles. Ha certo terapo na vida, em que esses desejos, enlevações sem fim, são movimentos vagos do instincto, que procuram um

(1) Haller, *Elementata physiol.* Tomo 8.^o, livro 29, sec. 1, pag. 8.

(2) Stahl. *De morbis cetatum Dissert.*

objecto sem conhece-lo. Se essa nascente necessidade faz ás vezes experimentar impressões de enternecedora melancolia (1), parece outras vezes irritar-se contra tudo que lhe é estranho, e alliviar-se por explosões ferozes. Este ultimo sentimento se abranda á proporção, que o objecto vai sendo mais conhecido e mais determinado; fica-se mais tratavel; e quizera-se que todos os entes se associassem á sua paixão, para que fosse melhor acolhida. Nota-se que os amantes, ordinariamente, são generosos, humanos, e beneficentes, quer seja pela razão de, só apreciando o objecto de que estão occupados, darem pouca importancia ao bem, que fazem aos outros, quer pelo motivo da necessidade, que experimentam, acharem-se mais dispostos para sentir as de outrem.

Tem-se insistido muito sobre as causas materiaes, que se referem á conformação das partes, para explicar os actos de um amor desordenado. Parece haver-se dissimulado o poder que em nossa alma causa uma infinidade de causas moraes, taes como a leitura dos livros eroticos, a imaginação fixada muito tempo em imagens voluptuosas, a lembrança pungente de uma felicidade perdida para sempre, ou de um prazer só entre-visto e escapado, um doce habito frustrado pela viuvez, ou por uma cruel separação.

Os sentidos uma vez abrasados por alguma dessas causas, ou por todas ao mesmo tempo, não nos apresentam os objectos taes quaes são, mas sim como convem ao sentimento que nos domina : a alma absorvida em uma unica idéa, parece nella encerrar todas as sensações que recebemos, todas as suas faculdades ao mesmo tempo, atacadas mudam a natureza das impressões, que ellas experimentam : qualquer musica escutada ás vezes sem attenção ou com indifferença, produz um doce langor, ou desperta a actividade do desejo. Se a côr das flores só nos offerece contrastes agradaveis, ou comparações, que jámais lhes dão vantagens, seu aroma causa em nossa imaginação um abalo, que se communica á todo o corpo, espalhando voluptuosa impressão. Quantos laços não encontra um amante, na sombra e no silencio de um bosque?

(1) Um dos symptomas ordinarios, que caracteriza essa disposição, é o gosto pela solidão e retiro, que apparece nos moços, e que M. de Segrais chama, *hexiga do espirito*.

Quando a mão por acaso toca n'outra, qual é o magico effeito do contacto? O individuo apaixonado que a sente, não respira, o coração palpita-lhe; uma torrente de fogo cõrrecula-lhe rapidamente as veias; e elle não se reconhece mais. Emfim, tudo se reveste da paixão de que se é agitado, augmentando-a mais; só se tem olhos para elle; e só a voz d'elle se escuta. Deve espantar por ventura, que em tal crise, a razão seja á custo ouvida? Para achar a causa desse phenomeno, não é necessario suppo-la proveniente d'um vicio organico nas partes, que servem immediatamente á geração.

A natureza, impele-nos á essa funcção pelo attractivo do prazer. Como se ha questionado sobre tudo, tem-se tambem querido saber se o prazer que a mulher sente, é tão vivo, como o que o homem experimenta. Questão occiosa, propria de escola, que é tão inutil como impossivel de resolver. E' sem duvida essencial, é mesmo dever de um ente intelligente e sensivel, não consentir em ser feliz, sem ter certeza que os outros tambem o são; porém é uma vã subtiliza o pretender-se determinar com acerto a dose de felicidade, que vem á cada um. Que importa que seja mais ou menos? Basta sabermos, que a natureza não foi madrastra com ninguem.

O impetuoso ardor com que o homem procura unir-se á mulher, parece excluir-lhe um gosto extravagante e contradictorio, que ás vezes lhe perturba o repouso. Quando chega a vencer todas as difficuldades, que se oppoem á sua paixão; quando tem destruido todas as barreiras, e que, depois de haver marchado de victoria em victoria, acha-se senhor de tudo, e que não lhe resta mais de que gozar, gostaria de encontrar ainda um obstaculo, que o detivesse de repente; quer que a passagem que deseja transpor, lhe seja vedada. A realidade dessa tapagem, é um motivo de controversia entre os anatomicos. Alguns duvidam que a pellicula, que se chama *hymen*, e que dizem fechar a entrada da vagina, exista no estado natural da mulher, e só admittem uma duplicatura da membrana, que forra o interior desse canal. Essa duplicatura, conforme elles, sómente encolhe-se, até que pelo exercicio dessa parte, ou seja de todo destruida, ou obliterada. Outros mais favoraveis aos prejuizos que correm, talvez enganados por falsas apparencias, ou por producções contra a natureza, asseveram que o *hymen*, encontra-se em

todas as mulheres a excepção d'aquellas em que algum acidente, ou imprudencia destruiu (1).

A importancia desta parte, supposta ou verdadeira, não é a mesma em todos os paizes. Entre alguns provos do norte, cuja gelada imaginação nada sabe accrescentar ao que os sentidos percebem, e que os objectos só se mostram pelo que têm de real, o *hymen*, deve ser tomado pelo que, com effeito é, quando considerado physicamente, isto é, como um embaraço. Diz-se, que entre alguns desses povos, a preguiça voluptuosa dos ricos, paga a robusta indigencia, para livra-la d'um trabalho penivel, preparando-lhe um caminho á prazeres facéis. Ao contrario, nos povos do meio dia, onde o sentimento do amor, tem prodigiosa energia, onde os homens não satisfeitos com o presente, quereriam ainda gozar do passado, dá-se grande apreço á esse signal, que constitue a integridade das mulheres. E' encarado como um bem precioso, e os homens fazem tudo para d'elle se assegurarem; seu ciume sempre prompto a incendiar-se, não sabe achar outros meios de segurança senão em brutaes precauções, ou em odiosas indicações, que fazem gemer o pudor. Finalmente, sua extravagancia como que lhes faz crer, que a natureza prestando-se á seus tyrannicos caprichos, deu-lhes o modelo de seus ferrolhos (2).

As idéas orientaes, chegadas passo á passo até nós, reduziram á arte, em nossos climas, a maneira de descobrir a virgindade. Houve, durante longo espaço de tempo, uma jurisprudencia fundada nessa arte, e resta-nos ainda actos della. Póde ver-se em Joubert e em Venette (3) as analogias juridicas concebidas nos termos technicos, e conforme a ridicula linguagem que as matronas usavam: contavam quatorze signaes, pelos quaes, diziam ellas, podia-se reconhecer se uma rapariga havia sido deflorada; mas enviamos o leitor e as matronas ao proverbio de Salomão.

E' tempo de terminar um preambulo já assás longo. En-

(1) Mulheres ha que não têm *hymen*, ou provenha isto de uma causa material, porém innocente, ou da natureza. A falta deste signal da virgindade, tem causado por ignorancia do homem grandes danos á innocencia da mulher.

(2) Chama-se á uma lamina membranosa, que fecha em parte a entrada da vagina: *columna virginitalis*, columna da virgindade.

(3) *Quadro do amor conjugal*.

tremos na materia. De que modo concorre a mulher para a producção d'um novo ser? Qual sua influencia n'uma funcção, que não póde exercer sem o soccorro do homem? Um vasto campo se abre aqui ás opiniões humanas, que, como sonhos vãos, successivamente se destroem, offerecendo ao principio fracas luzes ao espirito, para depois deixa-lo em profunda obscuridade, ou em humilhante vasio. Entretanto á primeira vista parece que os homens, nisto e em outras cousas, firmaram-se no que ha de mais seguro e melhor. O resultado de suas primeiras observações é o mais honroso monumento para a razão humana. O systema de *Hypocrates*, sobre a geração, é ainda hoje, não obstante nosso pretendido progresso, o mais claro e verdadeiro. De sorte que se póde dizer, que durante mais de dois mil annos, os enganos não têm cessado; e todos os erros, todas as descobertas e todas as chimeras, que se hão exaurido, não têm feito mais do que *Hypocrates* disse : depois de muito tempo perdido, tornamos para o caminho, que esse grande homem nos mostrou.

Seu parecer sobre a maneira da propagação e conservação da especie humana, foi reproduzido por um celebre naturalista (1), que o aformoseou com os encantos de sua eloquencia, mas que o não tornou mais solido, ajuntando-lhe accessorios, pouco compatíveis com as idéas antigas. Mesmo se póde dizer, que o systema de *Hypocrates*, perdeu mais do que ganhou com o verniz da physica moderna. Esse medico encara a semente do homem e da mulher, como extracto de todas as partes do corpo. Crê, que o licor fecundante do homem, misturado com o da mulher no conjuncto, e disposto pela natureza, ou por uma *faculdade geradora* (2), formam um novo ser. Talvez se diga, que a phrase *faculdade geradora*, é destituida de senso, que não nos dá idéa alguma; uma dessas expressões vagas, que os antigos substituíam ás explicações mais precisas que a sã philoso-

(1) M. de Buffon.

(2) Nenhum medico duvida, que as obras de *Hypocrates* sejam obscurecidas pela mistura adultera das idéas physicas de seu tempo, que os editores erradamente a emittem. Lê-se com surpresa o lugar em que diz, que o calor da mulher condensa o licor fecundante. O que nellas ha de mais constante e seguro, é que *Hypocrates*, admite ordinariamente uma natureza, que tudo dirige.

phia pede. Confessamos, que a idéa desta faculdade geradora, nada nos explica sobre sua maneira de obrar; porém cremos que esse principio, cuja existencia, attestada pela antiguidade, e confirmada por muitos modernos, uma vez admittido, destroe todos os erros, que os raciocinios physicos applicados aos corpos organisados, devem necessariamente arrastar; faz desaparecer todas as lacunas, todas as difficuldades, que á cada passo se offerecem nos differentes systemas physicos, sobre a geração.

Não se admittindo um principio activo, formado de nossas funcções corporaes, é preciso suppor-se um encadeamento de causas, cujos movimentos ligados entre si, terminam-se em dois resultados precisos e exactos, sempre iguaes, como os que produzem as molas de um relógio. Ora, não só a experiencia é contraria á esta supposição, porém ainda o mais simples exame basta para fazer ver, que isso é impossivel em corpos organisados, continuamente lutando com infinidade de agentes, que os rodeam, e que devem mudar-lhes a determinação á cada instante. Elles têm necessidade de serem regidos por um principio independente, até certo ponto, de causas physicas, que attingem á seu fim, sem que causa alguma os desvie; e é isso que fórma o principio que anima os corpos vivos. Os differentes periodos, que dividem a vida, guardam pouco mais ou menos a mesma ordem; a época da dentição, a da puberdade, a em que cessa a faculdade de reproduzir, chegam sempre quasi ao mesmo tempo, qualquer que seja o estado do individuo, gordo ou magro, fraco ou robusto.

Se o licor fecundante, como se pretende na recente hypothese, não fosse mais que o excedente da materia destinada ao crescimento e á nutrição das differentes partes do corpo, os meninos seriam para a geração, pois que não ha duvida, que os sucos nutrientes nelles sejam ás vezes superabundantes: de outro lado sugeitos sempre magros, desprovidos da materia organica superflua, jámais chegariam á puberdade: e finalmente, se o principio que serve de base á essa hypothese é verdadeiro, todo o mundo organizado seria uma confusão, e tudo estaria subordinado ao acaso.

Sem querer examinar até que ponto são provaveis as relações de attracção, pelas quaes se suppõe, que as differentes partes, que têm de formar o corpo do feto, se compoem en-

tre ellas, contentamo-nos em observar, que essa supposição torna a concepção muito precaria; pois que para o trabalho da geração ter bom exito, seria preciso sempre uma quantidade determinada de licor prolifico. Se da quantidade do licor fecundante, que deve entrar no utero, a parte que devesse formar a cabeça, o braço, ou outro qualquer órgão, se separasse das outras, ou se retivesse na passagem, a concepção seria imperfeita; e, como a quantidade precisa de licor para formar um homem ou um animal, é a reunião exacta de todas as suas partes, raramente teriam lugar n'uma materia liquida, cujas partes devem ter pouca adherencia entre si, a vida se passaria em ensaios imperfeitos e inuteis.

Pensa-se que a simples attracção das partes não formaria um todo variado em suas fórmãs, como o corpo, se essas partes fossem homogenias; tem sido preciso suppor-se, que as moleculas organicas, que devem entrar na formatura de cada membro do feto, vão já moldadas pelas do pai ou da mãe, e com a configuração que o distingue, compartilha elle um pouco da idéa de *Hypocrates*, mas sobretudo da de *Anaxagoras*. *Bonnet* (1) observa muito bem, que é impossivel essas moleculas serem moldadas, pois que sendo o superfluo da nutrição, que os moldes têm recebido, nelles não podiam ter penetrado, e por consequencia tomando-lhes a fórmula que devem ter.

A maneira pela qual os corpos se nutrem e crescem, é muito difficil de conceber. Diz-se que seu systema é por *intus-suscepção*. As fórmãs que admittem a materia organica, hão sido, por consequencia, suppostas fórmãs *interiores*, isto tem-se tentado explicar sendo uma cousa obscura com outra que repugna.

Nada mais arbitrario, como se vê nesta hypothese, do que o modo pelo qual se fórmula a placenta e as outras partes dependentes do feto. Deve-se, na verdade, ficar muito embaraçado para dizer-se alguma cousa satisfatoria sobre a formação de partes, cujos moldes ou modelos não se acham no homem e nem na mulher.

A faculdade geradora dos antigos, ou a alma architecta, que nada mais é do que as *fórmãs plasticas* de *Cudworth*, admittida por muitos modernos, e principalmente por

(1) *Corpos organisados*.

Stahl, apaga facilmente todas essas difficuldades. Portanto o systema de *Hypocrates* é, a nosso ver, em todos os sentidos, mais luminoso e mais verdadeiro, que o moderno, que o tem querido sobrepujar.

Os antigos diziam, para darem a razão da differença dos sexos, que o homem e a mulher tinham um licor fecundante forte, e outra fraco; e que se o licor do homem, era superior ao da mulher, ou por sua quantidade, ou por sua actividade, nascia um menino; e se ao contrario o da mulher excedia ao do homem, nascia uma menina. Essa distincção entre os licores fecundantes do homem e da mulher, não é fóra de verossimilhança.

Elles explicavam a semelhança dos filhos com os pais, como hoje faz o systema de moleculas organicas. A attribuiam á natureza e á constituição dos humores, cujas partes suppõe-se ter a mesma fórmula, e tomarem a mesma disposição, que tinham no corpo do pai ou da mãe. Essa era a idéa commum de todos os antigos medicos e physicos (1).

E' difficil conceber-se como um homem do saber de M. Astruc (2) póde dizer, que adoptando-se o systema de Hypocrates sobre e geração, se cahiria *na mesma obscuridade á que chegaram os Epicureos, acreditando que o universo era formado pelo concurso dos atomos agitados da vida*. Em primeiro lugar, Hypocrates não disse, que os licores fecundantes devessem sua união á um encontro fortuito. Em segundo lugar, não ha mais acaso na ordem em que se tem tomado os atomos de Epicuro, de que nas composições chymicas, que resultam da combinação de muitos mixtos. Epicuro suppunha os atomos redondos, pontudos, tortos, assim como alguns physicos suppoem, que os alcalis tem a fórmula d'uma bainha, e os acidos de agulhas pontudas, em virtude dos quaes elles operam os effectos, que se observam. Além disso, o acaso é um encadeamento de cousas, que ignoramos; e logo, as cousas mesmo que M. Astruc admite para explicar a geração, assim como todas aquellas que podem adoptar os outros medicos e philosophos, não merecem menos o nome de acaso.

O systema de Hypocrates, ou antes dos medicos anti-

(1) Valerio Maximo, Lib. XI, Cap. 15.

(2) Trat. das enfermidades das mulheres, T. 5.º, pag. 51.

gos (pois é verosimel, que elle o tivesse recebido de seus predecessores), pouca alteração soffreo dos philosophos e dos medicos, que o seguiram. Aristoteles, não necessitou fazer-lhe grande mudança, para o ajuntar á seu systema geral de physica. Elle disse, que a causa efficiente da geração, estando no licor do homem, vevifica o da mulher; isto é, conforme sua maneira de fallar, dizendo que o homem fornece a *forma*, e a mulher a *materia*. Este systema assim modificado, seguiu a sorte de todas as outras opiniões do grande philosopho, e teve a mesma fortuna entre os physicos. Os medicos continuaram a admitti-lo tal qual sahio das mãos de Hypocrates, até que a anatomia veio mudar as idéas.

Esta sciencia, que procurando a formatura dos orgãos e a natureza das relações, que fazem os animaes moverem-se, propoem-se, como se tal cousa fosse possivel, a fazer-nos conhecer todas as suas propriedades; esta sciencia, que augmentando o dominio da physica, tão pouco tem alargado o da medicina, cujas descobertas quasi todas têm sido marcadas por um numero mais ou menos consideravel de erros; quando descobriu os ovarios, deo lugar a acreditar-se que as vesiculas redondas que nelles se observam, eram ovos. O espirito humano gosta naturalmente de encontrar conformidades, porque isso allivia sua fraqueza; muitos factos reduzidos á um só, cansa-o menos que se estivessem separados; além disto, á semelhança que se julga encontrar nas diversas maneiras porque o homem e os passaros se multiplicam, devem impressionar, por sua singularidade. Não sabemos se as mulheres se accomodariam com um systema, que as comparava ás gallinhas; porém nesse systema ellas teriam mais parte na geração : são depositarias de todo o genero humano; pretende-se nelle, que o ovo contém o feto já formado, e que o licor do homem só faz dar-lhe o impulso, que deve produzir seu desenvolvimento.

Como custava a comprehender a maneira por que era formado o feto no ovo, quiz-se resolver a questão recuando : fez-se remontar a formação do feto ao principio do mundo, onde se suppõe que Deos reunio todos os ovos de todos os fetos, que têm de produzir a especie humana. Os ovos femeas não só continham uma menina, como ainda mais ovos, que a menina continha, ou meninos sem ovos, ou meninas com ovos, que diminuiam sempre de grandeza em re-



lação da primeira menina com seu ovo. Desta sorte as mulheres tinham então a maior influencia na geração.

Uma nova descoberta anatomica, e por consequencia um novo systema, as veio despojar desta vantagem. M. Hartsoecker, tendo examinado com microscopio o licor de differentes animaes, descobriu nelle uma multidão innumeravel de animaculos, que se moviam em diversos sentidos, e que nadavam como os peixes. Esta descoberta, espantou o mundo sabio; não se duvidou mais que esses animaculos fossem os germens dos homens futuros; e acreditou-se ter-se encontrado o segredo, que ha tanto tempo se buscava.

Entretanto, á medida que se examinava a cousa mais de perto, e acalmada a primeira agitação dos espiritos, as duvidas nasciam tumultuosamente. Esses pretendidos animaes, não tinham fórma humana; sua prodigiosa quantidade espantava a imaginação. Não era possivel resolverem-se á crer, que a natureza estabelecesse a existencia d'um animal sobre a destruição de muitos milhares d'outros animaes, e que um desses animaculos não pudesse viver senão sacrificando, como um sultão cruel, todos os outros que tenham o mesmo direito que elle. Esta consideração causava pezar, e affligiam-se de haverem recebido a vida por tal preço; a natureza era accusada de ser mui prodiga. E' verdade que se via nas plantas um exemplo dessa excessiva fecundidade, onde sabe-se, que um milhão de germens perecem para um vingar. Mas esta analogia, tirada dos vegetaes, tidos por insensíveis, não satisfazia completamente.

Os physicos e os medicos, em quem a descoberta dos animaculos tinha feito grande impressão, conservaram-se na convicção, que elles eram a base e a origem de todas as gerações futuras. No systema dos ovos acreditou-se, que todos os ovos tinham sido fechados no primeiro ovo; no novo systema acreditava-se, que todos os animaculos tinham sido encaixados uns nos outros, com a differença, que o animaculo macho continha todos os meninos, e todas as meninas, que deviam nascer d'elle; no entanto que o animaculo femea se limitaria á seu proprio sexo; de modo que nessa nova hypothese os homens tinham a superioridade, que os ovos haviam dado ás mulheres.

Alguns auctores prevenidos em favor dos ovos, e que não ousavam regeitar os animaes espermaticos, tractaram de

conciliar as duas hypotheses. Suppozeram, que os animaculos ensinuavam-se arrastando-se nas trompas de Fallopio, que os levava até aos ovarios; ahi o mais feliz, ou o melhor, era recebido no ovo mais proprio, por sua fortaleza, a servir-lhe de asylo; esse ovo desligado do ovario, cahiria na trompa, donde descia ao utero para nelle se feixar, crescer, e desenvolver-se; enfim, suppunham, que a pluralidade dos fetos dependia da pluralidade dos ovos promptos para receber tantos animaculos.

Se todos os physicos não acreditaram que as partes activas do licor, fossem verdadeiros animaes, outros houveram que desconfiaram tão pouco de sua imaginação, que se capacitaram não sómente da existencia desses animaculos, como ainda estabeleceram muitas fubulas ridiculas sobre seu pretendido sexo, sua união e suas outras funcções. O que uns de boa fé asseguram, M. *Plantade de Montpellier* certifica, para mangar com os sabios, publicou sob o titulo de *Dalem-patius*, suppostas observações, nas quaes encarecia os contos que corriam sobre a opinião dos animaes espermaticos.

M. de Buffon, julga que as partes que haviam sido tomadas por animaculos não são animaes; mas sim materias activas, que devem formar um animal. Suppõe elle, que o licor fecundante, bem como em miniatura todas as partes necessarias ao feto; isto é, olhos, braços, um estomago, um polmão, um coração, etc., e que essas partes tem sido fornecidas pelos orgãos correspondentes do pai e da mãe, que a mulher á esse respeito não leva vantagem alguma ao homem, e que o licor d'um e d'outro contém igualmente tudo que é preciso para a formação do feto. Ao ler-se isto, somos tentados a perguntar, porque a reunião do licor fecundante do homem e da mulher é necessario, havendo em cada um delles todas as partes que devem constituir o embryão? E' bem visivel, que faltando ao homem o lugar proprio á seu desenvolvimento, isto é, o utero, elle tem necessidade da mulher; mas não se sabe a razão porque a mulher não póde progredir sem soccorro do homem, possuindo a materia e o lugar proprio para vasá-la e germinar.

Esse systema explica as semelhanças de uma maneira muito especiosa. Suppõe, assim como já dissemos, fallando dos antigos, que tinha a mesma maneira de pensar, que as partes analogas fornecidas pelo pai e pela mãe, conservavam

no feto a mesma fórma, a mesma ordem, e a mesma posição que tinham nos órgãos d'elles. Para dar a razão, da differença dos sexos, diz, que a creança a toma do individuo que forneceo mais materia organica. Se esta idéa lisongêa e satisfaz, é muito preciso tambem, que a razão concorde com todos os factos. Segundo esse systema, é necessario não só, que o licor penetre no utero, como que seja em quantidade sufficiente. Seria inutil fallar dos exemplos, que se referem de mulheres que têm concebido sem haverem soffrido intromissão alguma da parte do homem, porque esses factos são tão raros, ou tão apocryphos, que não temos direito de negá-los. Porém ninguem ignora, que todas as experiencias d'Harvey, que em todas as multiplicadas vezes que se tem aberto a femea de differentes especies de animaes immediatamente depois do conjuncto, não se tem descoberto a menor gota de licor fecundante no utero.

Se nos fosse permittido misturar nossas conjecturas com ás de tantos sabios, sobre um ponto da historia natural, tão interessante e tão obscuro, diriamos, que os ovos parece-nos terem sido o fructo d'uma imperfeita semelhança, fornecida pelas visiculas dos ovarios, assim como os animaculos d'uma mui precepitada inducção, tirada d'um facto mal aprofundado. Como M. de Buffon, pensamos, que as moleculas viventes do licor não são animaes, mas sim uma materia propria a tornar-se um animal. Entretanto será necessario, que ella contenha em miniatura todos os órgãos, que devem entrar na formação do feto? Muitas difficuldades se oppoem á uma tal supposição. Não se poderia á esta substituir outra, que talvez, não tivessem os mesmos inconvenientes, e que certamente concordaria melhor com as experiencias de Hypocrates, as unicas que podiam esclarecer-los sobre o mysterio, que dellas tem sido objecto, se tal descoberta fosse dada ao espirito humano?

Seria contrario ás regras d'uma exacta analogia dar á cada parte do licor do homem as propriedades, como essas especies de vermes, cuja singular historia devemos á M. Trembley? Basta, talvez, que a mais pequena parte do licor penetre no utero, para despertar as faculdades que tem, e adquirir as que lhe faltam, comtanto que de seu lado o utero, esteja disposto a favorecer seu desenvolvimento; pois que essa res-

pectiva disposição é necessaria em todas as especies, em que a geração se opéra pelo concurso dos dous sexos.

Os polypps seminaes, sem duvida d'uma natureza mais composta que os polypos d'agua doce, têm necessidade de despojarem-se no utero, d'algum estorvo que obste sua actividade, ou de receberem em sua formatura alguma addição precisa ao novo genero de existencia, que vão gozar. Se alguma particula sensível do licor é um ponto, como é em apparencia, a mais segura emanção da materia seminal do homem, bastará para fecundar a mulher. Isto tornaria mais verosimel o que os auctores têm dito a respeito do espirito seminal, *aura seminalis*, que, pelo que se tem dito, introduzido nos póros organicos da mulher, proprios para a geração, póde pô-las em estado de conceber, sem que haja perfeito conjuncto. Facilmente conhece-se, que a energia do licor fecundante, póde ser tão forte em certos homens (1), e o ardor de produzir tão vivo em certas mulheres, que o mais pequeno atomo desse licor, que achasse uma abertura para penetrar no utero, ou em outro qualquer lugar proprio, e preencher o mesmo fim, ahí se fecharia para vegetar e chegar ao estado de homem.

Nesse caso não é preciso cuidar na quantidade de licor, que deve entrar ahí; basta que entre. As experiencias d'Harvey, que nunca puderam descobrir o menor vestigio de licor nos uteros das corças e nos coelhos abertos, tambem nada teriam de sorprendedoras por um atomo seminal collocado nas pequenas aberturas do utero, póde subtrair-se á vista do observador, emquanto não attrahe a si e não iguala assaz substancias da mãe para tornar-se sensível. Harvey, só vio um ponto animado, ao redor do qual estão arrançados diferentes membros que compoem o animal (2). Assim é, que o polypo mutilado recobra todas as partes que ha perdido. E' verdade que se diz, que as partes do embryão são formadas antes de serem visiveis, e que Harvey errou quando disse, que ellas se

(1) Logo, póde-se conceber, que ha circumstancias que tornam o licor fecundante mais ou menos proprio para a geração. Diz-se, que o veneno da vibora é mais activo quando o animal está irritado. Porque não aconteceria o mesmo com o licor seminal? Vêde o que dissemos sobre os effeitos do pudor, e tambem o que havemos dito sobre os da imaginação.

(2) Harvey, *De cervorum, et damarum coitu exercit.*

formavam no instante em que começavam a ser sensíveis. Porém como essa objecção não é mais que uma supposição, não póde ter a menor força contra uma correspondencia natural, tirada d'um factó que os sentidos descobriram a Harvey. Este auctor, que com um bom microscopio, vio um ponto vivo tomar gradualmente uma fórma e revestir-se de orgãos que não tinha, teve direito de affirmar, que o factó passava-se como elle tinha visto; mas seus adversarios, não o de suporem o que ninguem ainda pôde ver. Além disto, essa formação detalhada do feto, nada tem que espante, e está conforme com os outros factos naturaes. Sabe-se que as pernas do caranguejo, regeneram-se; o polypo, a que se corta a cabeça e cauda, e que recobra-os, dá-nos um exemplo d'um animal, que póde adquirir novos orgãos.

D'outro lado, custa á crer que todas as partes d'um animal, tão composto como é o homem, possam estar sempre dispostas á se juntarem e á se arranjamem n'um estado de fluidez como se devem achar, na soposição de que todas as suas partes estão já formadas no licor. O menor abalo não bastaria para destruir o ajuntamento? O menor sopro não as afastaria da esphera d'attracção que as reúne, o que faria a concepção muito incerta e furtuita?

Em nossa supposição o licor em vez de ser um monte de orgãos debuxados, não será mais que uma materia animalizada, da qual, cada parte será capaz de tornar-se um centro de actividade, como cada pedaço d'um polypo póde tornar-se um polypo. Esta materia lançada no utero, ahi ficará em totalidade, ou em parte; esse orgão, tocado pela sensação que desejava e que a presença d'essa materia procura-lhe, d'ella se amparará logo, lhe accrescentará o que lhe falta para formar o feto, a cobrirá dos envolveros que a devem pôr á abrigo dos accidentes e concorrerá com os outros meios para dar-lhe o gráo de perfeição, que tem de receber.

Ninguem póde duvidar que o utero seja um orgão activo, dotado d'um instincto particular e inexplicavel, que não só ajunta a materia fornecida pelo macho, como ainda a modifica, e a compõe de uma maneira relativa e conveniente á cada especie. Talvez surprehenda, que um instincto cego possa formar orgãos regulares. E por accaso será menos maravilhoso que isso, ver-se os passaros construirem ninhos da mais delicada e preciosa estructura? Porque razão as opera-

ções inferiores do instincto serão menos seguras, que os exteriores, que elle produz? Porque razão o utero não póde formar os tecidos, que envolvem o embryão, assim como certos insectos fiam a teia em que se devem envolver, e cuja materia mesmo fornecem?

O lugar em que o embryão se fixa, não é determinado. As diversas oscillações do utero, fazem com que a materia seminal vá tocar, ora n'um, ora n'outro lugar; todos elles são igualmente avidos de conceber, mas nem todos são proprios para fazerem chegar á um termo feliz o fructo da concepção: o feto concebido nas trompas de Fallopio ou nos ovarios, não tem bom exito. Tambem quando a dimensão dessas partes, por ser mesmo limitada, oppõem-se á seu perfeito desenvolvimento, falta-lhe o meio favoravel de dar-lhe a luz. Tem-se visto todavia embryões cahidos na cavidade do baixo ventre, onde se sabe, que ha ainda menos recursos para elles crescerem. Felizmente, esses casos são mui raros; são erros da natureza, ás vezes causados pela perturbação e agitação da alma. Observou-se que as mulheres solteiras, e as viúvas, eram mais sujeitas a essas concepções irregulares, que as casadas; a razão não é difficil de advinhar.

A materia seminal do macho póde espalhar-se no utero e cada porção tornar-se um ponto vivo, se o utero tem bastante ardor ou influencia para adoptar todas, e repartir com ellas sua influencia. De cada ponto animado, se formará um feto. Na especie humana, o utero ordinariamente emprega-se só n'um ponto d'essa materia viva.

N'um e n'outro sexo, as partes que formam o licor, quando ainda espalhadas no corpo e confundidas, com os outros humores, têm o mesmo character geral, e o mesmo gráo de vitalidade que as outras partes gozam. Actividade particular, que ellas adquirem depois, está então encadeiada.

Tornando-se mais livres e revestindo-se de attributos especificos, passam para o orgão onde, se diz que o licor seminal é preparado.

Os homens e animaes faltos desse orgão, jámais podem mostrar as qualidades, nem o signal que devem caracterisalos e distingui-los; são entes imperfeitos, votados á uma impotencia eterna, inuteis á sua especie, extranhos aos dous sexos; e fazem horror á natureza.

As partes seminaes: têm necessidade de passar pelo orgão

destinado á sua elaboração, para terem a energia que os torna capazes de concorrer para a formação d'um novo animal. Esse órgão, bem como o licor, que elle offerece, não está ainda bem determinado na mulher. Diz-se, não se sabe com que fundamento, que o licor seminal femenino, é mais limpido e mais fluido, que o do homem (1).

Ainda que não se conheça a natureza, temos fortes razões para crêr em sua existencia. Não se sabe a razão por que o licor seminal da mulher, para consumir a obra da geração, deve ser unido ao do homem. A solução d'essa difficuldade, tem circumstancias, que ainda estão encobertas para nós.

Todavia póde-se conjecturar, que a materia seminal, tem uma maneira de existir, e qualidade, relativas á cada individuo, assim como relativamente á sua especie. O licor seminal da mulher, tem pois um character, um modo de obrar, finalmente um genio, que lhe é proprio. Se, na mistura com o do homem, elle toma o principal ascendente, o novo ente que d'ahi resultar, será regido por sua acção : sua organização lhe será submetida; enfim tomará a constituição, os costumes, as feições, e o sexo da mulher; se ao contrario elle tiver o sexo do homem, o licor deste é, que domina (2).

A semelhança dos filhos com os pais, funda-se no mesmo principio. Não é effeito do arranjo mecanico de partes semelhantes, como pretendiam os antigos; depende antes do character da força activa, que preside ás funcções vitales da creança. Se essa força como é verosimel, está disposta a produzir nella os mesmos movimentos que se exercem no pai ou na mãe, disporá a materia organica, que tem de nutrir e fazer crescer as differentes partes da creança, do mesmo modo que estão dispostas nos pais, e que deve produzir uma se-

(1) Esta theoria que apresenta Russel sobre a geração, será mais circumscripta, quando descrevermos o aparelho desta funcção.

(2) Não pretendemos que esse ascendente se derive simplesmente da maior quantidade de licor, que um fornecer; porém de certas qualidades, que fazem que o licor d'um tome o character e a maneira de existir do licor d'outro, como os miasmas contagiosos nos fazem tomar a maneira de existir d'aquelles, que tendo sido infeccionados antes de nós, e que no'las communicam.

melhança de feições e de character mais ou menos perfeita, entre elles e seu filho.

As creanças se assemelharão em parte á mãe, e em parte ao pai, segundo o rastilho da materia seminal, que ambos tiverem fornecido, e que entram na formação do feto. Se o licor seminal da mulher, torna-se principio dominante, as funcções geraes do novo individuo serão determinadas por sua impulsão, deixando subsistir, até certo ponto, a acção particular das partes seminaes do homem, nos órgãos em que ellas têm entrado alguma cousa. Ao contrario, se o licor fecundante do homem é, que tem a principal influencia, elle é que dará o character geral aos órgãos, sem de todo apagar as impressões, que algumas moleculas seminaes da mulher lhes poderão ter dado.

Ha creanças, que não se parecem com seu pai, mas sim com seu avô : este facto é difficultoso nas hypotheses, principalmente na das moleculas organicas. Comtudo poderiamos dizer que as partes seminaes, que são a base dessa parecença, que têm sido transmittidas pelo ovo, não tendo podido exercer sua actividade no pai, para onde haviam passado, por quaesquer circumstancias difficeis de determinar, ahi ficaram detidas, acharam uma occasião mais favoravel de se desenvolverem no filho. Acontece o mesmo, com a semelhança dos sobrinhos com os tios.

Os irmãos recebem do pai, partes seminaes semelhantes, que n'um ficam sem acção, e que n'outro desenvolvem sua energia : os filhos do primeiro, se parecerão mais com o segundo, do que com elle proprio, se as moleculas que ficaram inactivas nelle, poderem exercer em seus filhos a propriedade de que são dotadas, e que mais se tenham manifestado no tio ou na tia.

Estas propriedades consistem principalmente n'uma certa disposição de produzir, no filho ou no sobrinho, a mesma serie de movimentos vitaes, que têm lugar no pai, no tio ou em outro qualquer parente. O que prova, que as semelhanças são fundadas na ordem desses movimentos, e que as disposições hereditarias, seguem tambem a ordem particular de cada idade. Uma creança, que nasce phtisica ou gotosa, não soffrerá as impressões senão na idade em que ellas parecem proprias. Se a parecença do filho, vem d'um arranjo de moleculas semelhantes, tal qual ellas estão no pai, o fi-

lho d'um pai phtisico, nasceria com os pulmões ulcerados, e o de um gotoso sentiria dores de gota no ventre materno. A experiencia desmente isto. Demais creança nem-uma quando nasce, parece-se com os pais; a semelhança das feições exteriores e corporeas que o filho deve ter com o pai ou a mãe, não existe quando elle vem ao mundo; só a adquire successivamente. Animal nem-um nasce com os attributos, que deve ter em certa idade. A plumagem dos passarinhos pequenos, e o pello dos quadrupedes, tambem n'esse estado, nada se assemelham com os dos pais. Esta semelhança, é uma aquisição que elles fazem crescendo; é o fructo da mesma serie, do mesmo encadeamento de feições, em que a existencia de seus pais foi fundada.

Taes são as conjecturas que julgamos poder apresentar, tocantes a uma materia, sobre a qual nada se póde dizer de positivo. Nossas observações se limitarão quasi á este capitulo, no que diz respeito ás qualidades do licor fecundante: no seguinte examinaremos se a imaginação da mãe póde estender sua acção sobre o feto.

Do effeito da imaginação da mãe sobre o filho.

CONFORME ROUSSEL

Parece-nos que todo o mundo convém, que, quando a concepção é fructo dos transportes de prazer, sentidos pelos dous individuos ao mesmo tempo, é mais segura. Esta curta alienação, em que a alma, como que passa toda inteira ao novo ser, que tem de produzir, e as circumstancias phisicas, que a precedem, são talvez uma condição necessaria, um acto proprio para imprimir o sello da vida na obra da geração: como um corpo que se electriza, as moleculas do licor recebem, talvez, d'ahi, as propriedades que ainda não tinham.

Pretende-se, que a disposição moral em que então, se pó-

de achar a mulher, tem muito poder na formação do feto, quer seja para modificar de diversos modos sua constituição physica, quer para determinar o character e a tempera de seu espirito. Além disso, já dissemos, que era verosimil, que os diversos estados dos humores, ou pela impressão local que podem fazer nas partes sensiveis, ou pela percepção geral que a alma tem, influem muito na existencia desta. Como entre ella e o corpo, ha uma correspondencia intima e constante, é provavel tambem, que seus movimentos reflectindo nos humores, causem alterações momentaneas, que augmentem ou diminuam a vitalidade. Sendo assim, haveria sobretudo lugar para o licor, no momento em que todas as faculdades d'alma se reunirem para vevifica-la, e em que toda a sensibilidade se concentra no orgão que a fornece. E' menos verdadeiro dizer-se, que não é um impossivel, o ter a imaginação da mãe, e talvez mesmo a do pai, alguma influencia na concepção.

Uma tradição popular quer, que os filhos illegitimos tenham mais espirito e sagacidade que os legaes : M. Camus deo sem duvida (1) credito á esta tradição, pois que tracta de explicar o facto que della é assumpto. Faz ver que os filhos illegitimos, ordinariamente são fructo d'um amor indus-trioso; que o espirito de seus pais continuamente agussado, por ardis necessarios á uma ternura atravessada por obstaculos continuos, exercitados pelos artificios proprios a enganar o ciume d'um marido, ou a vigilancia de uma mãe, esclarecido pela necessidade de occultar á opinião publica, prazeres que ella condemna, deve indistinctamente transmittir aos filhos que delles provém, grande parte dos talentos á que elles devem o ser; no entanto que os filhos nascidos na indolente se-gurança d'um amor permittido, devem resentir-se d'essa especie de abandono, e d'essa inercia d'alma, com que se lhes dá a existencia. Finalmente, a maior parte da gente (e as idéas do vulgo não são sempre de desprezar) pensam que a maneira por que a alma da mulher é affectada no acto da geração, não é cousa indifferente para a creança.

Ella, não deve participar menos das affecções da mãe depois da concepção; torna-se então parte de seu individuo; associa-se á sua existencia, a mãe fornece-lhe a materia pro-

(1) Médec. de l'Esprit., tomo 1.º, pag. 310.

pria para nutri-la e faze-la crescer; é animada de seu calor, e vive tanto da vida que lhe communica, como da sua propria. Assim não será para surprender, que as paixões que agitem a mãe passem ao filho. A communicação, que torna isso possível, existe: a creança, toma intima relação com o utero pela placenta e pelo cordão umbelical. E' verdade, que não se vêem nervos nessas partes; mas para que a vida circule e vá d'um lugar á outro, não é necessario que as partes sejam unidas por tramas nervosas, basta que exista entre ellas livre intimidade. Os nervos são cordões necessarios nos animaes destinados a produzir grandes movimentos, ou a carregarem grandes pesos: porém todos os corpos organisados delles não precisam. Um dos phenomenos, que podem servir para provar esse commercio reciproco, e essa communidade de movimentos vitaes que existem entre a mãe e o feto, são as creanças acephalas, isto é, que nascem sem craneo e sem cerebro; morrem assim que nascem, pois que essas partes são essenciaes e necessarias ao homem, que vive de sua propria vida; o feto sem ellas vive, porque deve á mãe uma parte da força que o anima, e que suppre os orgãos que lhe faltam.

Um dos autores (1), dos menos dispostos á crerem nos effeitos da imaginação sobre o filho, depois de haver esgotado de todo a sciencia da anatomia, para provar a impossibilidade d'uma transmissão das affecções da mãe ao filho, é forçado á confessar, que os filhos são sugeitos, durante a vida, a convulsões, porque soffre-as durante a gravidez, feridas de grande terror ou d'outra paixão viva. Esse autor disse, que pela falta de nervos, que estabelecem a communicação entre a mãe e o feto, unicos meios, pelos quaes os movimentos se podem transmittir á mãe, não póde fazer experimentar ao filho o que sente. Porém se, como elle mesmo confessa, uma communicou á seu filho as convulsões causadas por um forte terror, é evidente que a mãe, póde fazer o feto partilhar de suas affecções, sem intermediario soccorro de nervos.

Mallebranche, como todos sabem, deo ao poder da imaginação a maior extensão. Muitos autores apprehenderam refuta-lo; porém os meios de que se serviram são muito vicio-

(1) Haller, *Elem. Physiol. Comp. hum.* Tom. 8, lib. 26, pag. 450.

— 71 —
sos; são tirados da anatomia das partes, e da relação mecânica, que ha entre os órgãos. Se se quizesse explicar os phenomenos da electricidade, pelas leis geraes do movimento, achar-se-ia, que elles não combinam com ellas; talvez essa seja a causa, mas não os effeitos emittidos que estão submettidos a causas intermediarias, precisava conhecer estas para saber-se a ligação, que têm com as primeiras. O mesmo acontece com os phenomenos da vida e da vegetação. Cada ordem de existencia, tem sua mecanica particular, e querer julgar dos effeitos relativos a uma ordem pelas leis da mecanica propria á outra, é um dos maiores erros de logica, que se possa commetter. Portanto, dizer-se, que as impressões da mãe não se podem transmittir ao filho por meio dos humores, que ella lhe envia, e nas quaes, dizem nada do moral pôder ser communicado, é confundir os objectos; e tendo-a por uma simples machina hydraulica, todos os raciocinios, que dahi poderem tirar-se, serão de um principio falso.

M. Maupertuis parece-nos estar mais perto da verdade: « Que uma mulher perturbada, diz elle, por alguma paixão violenta, pela vista de um grande perigo, pelo espanto causado por algum animal feroz, pára um menino contrafeito, nada mais facil de comprehender. Certamente existe entre o feto e a mãe, uma comunicação assás íntima, por que uma agitação violenta no espirito, ou no sangue da mãe, transmite-se ao feto, e nelle causa desordens, á que as partes da mãe poderiam resistir, porém a que as delle, por muito delicadas, succumbem. » Não é porque Maupertuis explica o facto, que admittimos sua possibilidade, pois haveria muita cousa que dizer sobre a explicação dada, mas porque sendo um accidente muito commum, delle se não póde duvidar. O mesmo autor acrescenta, que quando vemos soffrer alguém, participamos de suas dores, e que a natureza não achou outros meios de tornar-nos compadecidos para os outros, senão fazendo-nos experimentar uma parte de seus males; que quando um homem recebe diante de nós um golpe violento n'um membro, sentimo-nos de repente feridos no mesmo lugar, e que, por consequencia a historia da mulher, que deo á luz um menino, cujos membros estavam rotos, do mesmo modo que ella tinha visto romper a um criminoso; nada tem, que não seja facil de conceber.

Existe outra classe de phenomenos, relativa á imaginação das mãis; são os que consistem na figura do objecto, que as impressiona, ou a fructa, ou outra qualquer iguaria que desejem durante a gravidez, que influem na creança. Esta ordem de factos é mais difficil de explicar, que o precedente, e essa razão determinou M. de Maupertuis (1) a não dar-lhe credito. Pensamos, que quando uma cousa é inexplicavel, porque é obscura, e porque ignoramos as circumstancias, que della são a chave, se as conhecemos, a duvida de-veria ser o recurso do maior sabio.

O que se não póde negar, é que o espirito das mulheres gravidas, é singularmente modificado. Seus desejos, seus caprichos, seus desgostos provam, que ellas são dominadas pelas sensações interiores, provenientes do novo estado em que se acham; os desejos sobretudo, que então são nellas uma especie de delirio, poderiam bem vir do sentimento d'alguma necessidade, que a creança experimenta. O instincto desviado liga-se a objectos extravagantes, que julga serem proprios a calma-lo; porém seus mesmos erros mostram o interesse com que véla na conservação do deposito, que lhe foi confiado.

Modificações naturaes na constituição das mulheres segundo as idades.

CONFORME VIREY.

Já se tem demonstrado, que os climas quentes animam o ardor amoroso no sexo femenino, e mesmo desenvolve mais seus órgãos sexuaes; que os gozos prematuros, ou que precedem ao inteiro crescimento, abreviam-lhe o talhe, tanto na India como em toda a parte: poder-se-iam ainda citar as observações de Otaiti e Sumatra, pois é aos casamentos pre-

(1) Venus physica, primeira parte, pag. 83.

coses á corrupção dos costumes germanicos, que um medico (1) attribue a diminuição da altura, que antigamente tinham os povos allemães, quando viviam em sua primitiva innocencia (2).

Numerosas observações fazem ver ainda, que se o calor do clima não é a unica causa da precocidade do fluxo menstrual, nella influe singularmente. Com effeito, na raça branca do Norte da Europa, as mulheres soffrem essa evacuação mais tarde, que as do Meio dia. Em Saxonia, em Thuringe, e na Alta Allemanha, a menstruação só começa, mesmo nas cidades (3), aos quinze annos; ella ainda é mais tardia nas regiões mais septentrionaes e nos territorios elevados, onde só apparece aos vinte ou vinte e quatro annos: tambem, segundo Martine, nas ilhas do Norte, nas Orcadas, e nas Hebridas, as mulheres, conservam até avançada idade sua fecundidade; mesmo na Irlanda tem-se visto mulheres de 60 annos terem filhos (4). Na França a nubilidadade, ordinariamente, começa aos 14 annos, e mesmo aos 13, nos departamentos meridionaes, ou nas grandes cidades, onde o espirito é mais precoce, a nutrição mais abundante, e as paixões mais excitaveis. Em Languedoc as raparigas são mais regradas que em Pariz (5). Na Italia as mulheres formam-se aos 12 annos, acontece o mesmo com as Hespanholas; e as de Cadiz casam-se com essa idade. Em Minorca, a puberdade é marcada desde a idade de 12 annos. Em Smyrna, tem-se visto mãis de idade de 11 á 12 annos. As Persianas, communmente, são regradas de 9 á 10 annos, segundo Chardin (6); no Kairo acontece quasi o mesmo (7); as mulheres barbarescas, são muitas vezes mãis com 11 annos, assim como as dos Agows em Abyssinia, conforme Bruce (8). Desde a

(1) Herrera Conningius, *De habitu Germanor.*, C. IX.

(2) Cæsar, *Bell. Gall.*, L., v.; et *Tact.*, *Mor. Germ.*, Cap. XVIII.

(3) Blumenbach, *Instit. Physiol.*, Gotting., 1798, em 8.º, pag. 427 e 506.

(4) Bonte, *Of Irland*, pag. 178; Plot, *Oxfordshire*, pag. 199.

(5) Titzgerald. *Memories*, pag. 3. *L'âge nubile pour les femmes juives a été fixé par la loi à douze ans et pour les hommes à quatorze ans.*

(6) *Voyage*, tomo VII, pag. 163.

(7) Resvati, *dans l'Histoire Med.*, de *Carmie d'Orient*, de M. Desgenettes, Paris 1802, parte 2.ª, pag. 44.

(8) *Voyage aux sources du Nil*, T. III, pag. 848, in-4.º.

idade de 9 á 10 annos, notam-se signaes de puberdade nas filhas do Senegal (1). Parece que a idade de 10 annos, é mais geral para a menstruação, não só na Arabia (2), como em diversas partes da Africa (3).

Exemplos ainda de maior precocidade tem-se allegado na Arabia e em Alger (4), e na costa do Malabar, á respeito de mulheres casadas na idade de 8 á 9 annos, vindo a ser mãis pouco tempo depois. Em Decano, segundo Thévenot (5), mulheres tem ficado gravidas na idade de 8 annos. Paxmon (6), vio meninas de 4 á 6 annos casarem-se; mas é totalmente impossivel, que fossem nubis; sabe-se, que ha nas Indias um costume geral de despozarem, ou mesmo, casarem as creanças; é por isso, que se vêm mulheres na idade de 10 annos mãis em Java (7) e no Indostão; porém esses factos não são geraes, pois tem-se observado mesmo nas regiões frias da Europa, excepções nesse genero. Haller cita Suissas menstruadas na idade de 12 annos (8); e Snaellié, falla de algumas Inglezas casadas nessa idade. Tem-se visto na Belgica e na Suissa (9) meninas de 9 annos conceberem e dar á luz; mas nada ha a concluir dessas particularidades. Além disso, em Guiné, é excitado o fluxo menstrual antes do tempo, pelo conjuncto entre as meninas. Em Porto-Real e Ardéa o fluxo determina-se nas negrinhas por ellas introduzirem na vagina repetidas vezes um canudo de madeira tenra, cheio de formigas, e a cosseira occasionada por esses insectos, determina o fluxo de sangue nas partes sexuaes (10). O uso de banhos estimulantes e almicarados entre as Egypticas e Asiaticas, afim de inflammar os desejos voluptuosos, não faz senão accelerar, desde a mais tenra mocidade, a evacuação

(1) Adamson, *Voyage au Sénégal*, pag. 20.

(2) Niebuhr, *Desc. de l'Arabie*, pag. 101.

(3) Demanch, *Afr. française*, T. II, pag. 60.

(4) Prideaux, *Vic. de Mahomet*, pag. 78 *Louquier de Tossy*, Hist. d'Alger, page 68.

(5) *Voyage*, parte V, L. I., C. 48.

(6) *Medicina Indor*, pag. 17.

(7) *Philos. transact.*, n.º 243.

(8) *Physiologiæ Elem.*, Lib. XXVIII, tomo V, pag. 40.

(9) Joubert, *Err. Popul.*, Liv. II. Ch. 2; et *Acta helvetica*, tomo IV, pag. 187.

(10) *Cout. et Cérém. religieuses*, de Picart, tomo VII, pag. 229.

menstrual; e os alimentos mui succulentos, que as Banianas dão ás suas filhas, produzem um effeito analogo.

Disto, sobretudo, resulta a confirmação dessa lei geral, que quanto mais a mocidade das mulheres é curta e rapida debaixo dos céos dos tropicos, quanto mais sua velhice é communmente longa : *citius pubescunt, citius senescunt*. Semelhantes ás flores das mesmas regiões, apenas desabrochadas de manhã, murcham no ardor do dia (1). Logo que ellas perdem as pretensões de agradar pelos encantos corporaes, entregam-se todas, aos cuidados domesticos e á educação de seus filhos. Todavia, como sua velhice é mais precoce, é menos velhice que a nossa; os cabellos das mulheres, não embranquecem tão depressa como os nossos; raramente ficam calvas, e sua vida extingue-se mais de vagar, que a dos velhos, porque, em geral, as mulheres chegam á uma idade muito avançada, com menos inconvenientes, que o outro sexo. Serão ellas mais vivaces por sua vida menos activa e sua constituição, naturalmente mole, adquirir menos rigidez, sequidão e aridez, que a nossa? O certo é que as mulheres, ordinariamente, morrem em menor numero que os homens; excepto dos 20 até aos 50 annos, periodos dos gozos sensuaes, mas tambem dos perigos e trabalhos que trazem a gravidez, o parto e amamentação dos filhos. Em outra qualquer época, ellas morrem mais raramente e soffrem menos, que os homens: a maior parte dellas, chegam a uma velhice muito avançada.

Na raça negra, quando mesmo os individuos são transportados á climas mais temperados que a Africa, como a America Septentrional e Europa, tornam-se mais cedo impuberes, que os brancos, pouco mais ou menos a differença é d'um anno, o que prova, que a raça negra é mais precoce, que a nossa. Este exemplo, nota-se mui evidentemente na raça Mongola. Não sómente, em Lião, em Galgonda, nas circumferencias de Methold, na China e no Japão, conforme diversos viajantes, começa a puberdade do sexo feminino aos 11 annos, como tambem nas regiões muito mais frias, que as nossas, tem-se reconhecido, que ella é mais precoce que em

(1) Voyez Des recherches sur la longévité dans notre ouvrage *De la Puissance vitale*, in-8.º : Paris, 1823, pag. 392 et suivantes. Nous développons les causes de celle des femmes.

nossos climas. Uma Klimane, uma Mongola da Siberia debaixo d'um céu tão rigoroso como o da Suecia, ficam nubis na idade de 13 annos, no entanto que uma Suissa, só o é quasi aos 15 ou 16. E mais para o norte ainda, e até nos confins do mar Glacial, as mulheres Samoiedas, são menstruadas de idade de 11 annos, e muitas vezes aos 12 (1). Ainda que fracamente, as Laponias, são regradas na idade de 12 annos (2); e parece acontecer o mesmo em todas as raças de myrmidous polares, como os Ostiacos, os Jakentes, os Hamtschadales, etc., e mesmo os Esquimaos da America.

Talvez que a pequenez natural de talhe, accelere a época da puberdade entre esses povos; mas tambem sua nutrição completamente animal, os peixes, que como se sabe, é em geral um estimulante e aphrodisiaco, sua habitação quasi continua debaixo de subterraneos onde reina suffocante calor, no meio dos vapores d'agua vertida sobre pedras quentes ao fogo; todas estas cousas, dizemos nós, podem apresrar a época da puberdade entre os povos polares.

No America, a puberdade, segundo as relações de viajantes, declara-se dos 10 aos 12 annos.

Mas essas mulheres nubis antes de tempo, não têm faculdade de conceberem antes da idade de 45 annos; que ordinariamente é para as de nossos climas, época da cessação do menstruo. Na Asia as mulheres, são velhas desde a idade de 30 a 35 annos (3). Em Java (4) não concebem mais depois de 30 annos. Mesmo na Persia ha mulheres, que perdem essa faculdade aos 27 annos (5). Ainda que puberes muito cedo, as Siamoses têm filhos até aos 40 annos. Póde-se pois estabelecer como facto constante, que a nubilidadade das mulheres começa, debaixo dos céos ardentes dos tropicos, dos 9 aos 12 annos, e termina-se aos 30, e ao mais tardar aos 40. Ao contrario, as mulheres Samoeidas, puberes muito jovens, são menstruades até a idade de 41 annos.

Parece que a quantidade do fluxo menstrual varia igualmente em razão dos climas, pois que as Laponias e as Sa-

(1) Klingstaedt, *Mém. sur les Samoïèdes*, pag. 41, 43.

(2) Linnée, *Faune suecic.*, pag. 2.

(3) Paxman, *Medicina Indorum*, pag. 17; *Grose Voyage*, pag. 243.

(4) *Philos. Transact.*, n.º 243.

(5) Chardin. *Voyage*, tome VI, pag. 236.

moiedas deitam mui pequena porção de sangue (1), e as Groenlandezas não deitam quasi nada, por causa do frio que impede o desenvolvimento das faculdades geradoras, assim como se oppõe ao florecer das plantas. Nas regiões frias da Alta-Allemanha e da Inglaterra; a evacuação periodica é de 3 onças, segundo Dehaen; de 4, segundo Smelli e Dobson; ou de 5, segundo Porta. Na Hollanda ordinariamente chega á 6 onças e até a 8 nos outros lugares da Allemanha, que parece geralmente ser a quantidade, que perdem as mulheres na França; porém quanto mais se caminha para o meio dia, mais esse corrimento augmenta (2); eleva-se muitas vezes á 12 onças na Italia e na Europa meridional. Emmett e Fitzgerald, viram na Hespanha chegar á uma libra; emfim, debaixo dos tropicos vae até 20 onças (3), e mesmo á 2 ou 3 libras, se se deve dar credito á Snellen.

Finalmente existe a maior variedade a esse respeito, conforme a constituição das mulheres, de tal fórma que as Gregas das Ilhas do Archipelago, ainda que mais precoces e collocadas debaixo d'um céu mais quente que as Italianas, quasi que não deitam mais de 3 onças de sangue menstrual. É certo que as Europeas, que vão para as colonias ou para as Indias, ficam mais expostas ás hemorragias, e mesmo aos abortos pela mesma causa, que debaixo dos céos mais temperados (4).

A mesma qualidade de sangue menstrual, tambem differe, segundo os temperamentos; pois se é em nossas regiões, é tão puro como o sangue d'uma vitella, conforme a expressão de um celebre medico; póde adquirir nos climas mais ardentes certos grãos de fedor. A opinião popular da pudridão dos menstros, não é originaria da Arabia e do Oriente, encontra-se tambem nos selvagens Americanos, pois que se separam de suas mulheres durante o tempo critico. Com effeito, no calor, quando as excessões da pelle, das glandulas sebaceas, e das cryptas da vagina augmentam em abundancia e em

(1) En été seulement, d'après Linnée, *Flor. Lapon*, pag. 324.

(2) Olearius, *Voyages*, pag. 132.

(3) Treind *Emmend*, Cap. 1, pag. 1.

(4) Tous ces faits sont développés avec plus de détails dans notre *Histoire naturelle du genre humain*, nouvelle édition, tome 1, Sect. III, Art. 2.

fetido, não é admiravel, que o sangue menstrual, por pouco que se demore nas partes visinhas ao anus, que estão em estado de orgasmo, adquiram então máo cheiro. Tavernier (1), fallando da menstruação das negras e das Hottentotes, fornece provas disso.

A excreção do leite, parece estar em relação com a menstruação, pois que as Irlandezas, como todas as mulheres dos paizes frios, dão muito pouco leite. O bispo de Troil, diz, que ellas só criam seus filhos durante 3 ou 4 dias, e depois dão-lhes leite de animaes; seus partos, tambem são muito diffultosos (2). Mas no Egypto, em Ceylão, e na maior parte dos paizes quentes e humidos, as mulheres tendo os peitos mui desenvolvidos, podem crear muito tempo. Ellas têm menos leite, e o seio menos volumoso, nos territorios secos, elevados, ou ventosos, como em Marselha, na antiga Provença, na Castalia, etc.

Diz-se, que na Russia tem-se visto homens capazes de criar meninos á seus peitos, tão lymphatica é sua constituição (3), principalmente nas regiões lodosas da Crimea.

Considerações sobre as causas do amor entre OS SEXOS.

POR VIREY

A força, que conserva, é a mesma que produz; e o mundo não se mantem senão pela continuação das mesmas, que o criaram. Deos fórma constantemente o mundo e suas crea-

(1) *Voyages*, Liv. II, Ch. 27.

(2) Horrebow, *Hist. d'Islande*, et obs., pag. 316. Os selvagens não ajudam nunca as mulheres a parir. Persuadidos. que a natureza só basta para tudo, pensam que ficamos contrafeitos por culpa das parteiras, e corcundas pela ternura de nossas amas. (Sam Hearne, *Voyage à la Bate d'Hudson*, etc., Trad. Franç., tome 1, pag. 144.)

(3) *Comment. Acad. Scienc. Petropol.*, tomo III, pag. 288. O leite das Europeas, que residem na Batavia, é tão salgado, dizem, que ellas não criam seus filhos; não criam seus filhos; não succede o mesmo com as negras. *Mem. Acad. Scienc. Paris*, 1707, Hist., p. 10.

turas, porque a conservação não é mais, que o desenvolvimento perpetuo da creação, ou antes, uma geração continua.

Nossa vida sendo produzida pelo amor, só se conserva pelo amor; é a força e o principio de nossa existencia, assim como causa de toda a reproducção. Nossa vida tambem, nunca é tão energica, como na época dos nossos maiores fogos d'amor, assim como nunca é mais languida e mais miseravel, que na velhice, que nos precipita na morte. Os filhos formados por pais esfalfados, são debeis, doentios e pouco amorosos, e sua vida é curta; no entanto que, os formados em todo o vigor da idade e do amor, tornam-se robustos, ardentes, e têm uma vida longa, se não abusam.

Nos climas quentes, onde os alimentos são mais animados, a vida e o amor adquirem uma impetuosidade extrema, d'ahi procede o findarem-se mais cedo. Acontece o contrario nas regiões glaciaes, onde o amor e a vida são languidos, inactivos, e por isso mais duraveis. O amor, que é o principio de nossa vida, proporciona-se ao estado particular de nosso globo, ou antes, recebemos uma quantidade determinada de amor e de vida da constituição e dos elementos de nosso mundo.

Com effeito, esse amor ou essa vida, não é mais que uma porção do poder geral, que muda toda a natureza segundo as leis de Deos. Pois que a *natureza*, que renova todas as cousas, suas reproducções sem numero, que mulplicam os seres animados e os vegetaes, não são senão o effeito do principio de vida, que penetra em todo o universo e obra sobre cada uma de suas substancias.

O amor, essa affecção universal, que accende a tocha de todas as existencias, que organisa, embelleza e exalta a vida, é especialmente o dominio da mulher, ou do ente depositario dos germens. Este sentimento faz o destino natural de um sexo, que é fonte da reproducção. A necessidade de amar, é mesmo da essencia da mulher, quer seja por sua timidez impedir-lhe de ser forte, quer pelos deveres da maternidade, desenvolverem em seu seio novas producções, quer pela ternura, com que véla na educação e crescimento dessas creaturas innocentes, emanadas d'ella. Seu poder e seu galanteio são elementos necessarios, d'esse sentimento reproductor, o mais sagrado, o mais respeitavel da natureza, e ao mesmo

tempo o mais ardente, mais delicioso para todas as creaturas organisadas.

A importancia capital deste assumpto impõe-nos a obrigação de mostrar sua influencia e seus resultados na constituição da mulher.

Todos os seres organisados, sendo resultado de geração, tiram do amor sua existencia, e sendo elle pois o principio de suas vidas, quanto mais transmittirem essa paixão á novas creaturas no acto da propagação, mais debilitarão sua propria vida. Entre os vegetaes e os animaes imperfeitos que, ordinariamente, reune os dois sexos, ou mesmo então as especies que não têm orgãos, masculino ou feminino (os cryptogamos, os polypos, etc.), a reproducção parece ser uma prolongação da existencia em novos corpos emanados d'um tronco primordial : tal é a propagação das plantas pelas estacas, pela divisão, etc. O amor nelles, parece frio; é um acto mecanico, que não offerece traço algum de paixão.

Entre as raças mais perfeitas e de sexos separados, observa-se já uma mutua sollicitação, desejos reciprocos, um sentimento manifesto de amar, em certas épocas, ou de sua existencia, ou do amor. Porém, é principalmente entre as especies de animaes de sangue quente, que a sensibilidade mostrando-se mais exaltada, a expressão do amor torna-se mais ardente e mais elevada. Ora sendo a raça humana, por causa do desenvolvimento de seu systema nervoso, a mais profundamente sensivel, as relações de seus sexos, devem ser mais extensas, mais completas, mais frequentes, e mais intimas que em qualquer outra especie de seres animados.

Na verdade, considerando physicamente nossa organisação, a nudez da pelle torna os ajuntamentos mais immediatos, as impressões mais voluptuosas, e os contactos mais carinhosos; nós temos idéas de bellezas, muito nobres, muito elevadas, e muito encantadoras, que sem duvida faltam aos animaes; porque nossa imaginação, nosso centro intellectual, desdobram o maior poder da illusão para encantar-nos, o que não tem o instincto limitado dos brutos. Podemos acrescentar, que a duração de nossa existencia, e a faculdade de procrear, são mais longas que as de quasi todos os outros animaes conhecidos, e que, longe de sermos como elles sujeitos a uma época particular de cio, nosso genero de vida permite-nos em todos os tempos uniões sexuaes; final-

mente a existencia social multiplica até ao infinito as affecções mutuas dos sexos entre si.

Pertence, pois, ao primeiro dos seres da criação, ao mais intelligente e ao mais sensível, mostrar-se o mais amoroso, e talvez tambem, o mais voluptuoso delles, pois que a natureza ensina-lhe o epicurismo, e o amor torna-se mais ardente e mais inflammado, quanto mais sensível é. E' por essa razão, que os passaros, cuja organização é tão avivada e como que abrasada pela vasta extensão de sua respiração, parecem mais amorosos que os reptis, os peixes, e outras classes de animaes de sangue frio.

Tambem a grande capacidade medular do cerebro, a extensão do apparelho nervoso no homem, multiplicando, exagerando sua sensibilidade, accrescenta mais poder, e chammas á suas paixões, quer moral, quer physicamente. Sabe-se a estreita ligação, que une a faculdade propagadora ás funções do systema nervoso; tanto a debilidade do cerebro pela meditação gela a energia genital, como, reciprocamente, a fraqueza genital ou a muita evacuação do licor fecundante afrouxa a energia cerebral. Tem-se o exemplo disso nos eunucos, nos quaes a resecção dos órgãos preparadores do licor fecundante, parece tambem cortar o vigor do pensamento.

A vivacidade d'alma, que se annuncia pelo fogo das vistas, pelos olhos scintillantes d'amor, languece e apaga-se nos gozos multiplicados; relativamente aos outros movimentos, as faculdades de nossa vida jámais enfraquecem; a belleza só murcha promptamente pelo abuso dos gozos multiplicados. Procrear, é com effeito morrer por si mesmo; é legar a vida á sua posteridade, é fazer de alguma maneira seu testamento. Amar é viver para a sua especie, é trazer em si mesmo os elementos da mortalidade; é não só existir para si, como para toda a sua raça; é accumular uma existencia infinita n'um tempo muito limitado, e viver mil seculos n'um instante.

Para se estabelecer o amor, entre dous entes differentes em sexo, a natureza emprega os mais engenhosos e admiraveis meios. Se os dous sexos não offerecessem entre si diversidade alguma, o amor não os poderia encadear um ao outro, porque a igualdade produz unicamente amizade, e a opposição correspondente ou harmonica, é que estabelece as rela-

ções d'amor. Na verdade, temos amizade á um individuo quasi igual a nós, na idade, no sexo, no temperamento, na maneira de sentir e de ver, no emprego, na fortuna, e (contanto que não seja nosso rival); *simile simili gaudet*. Nada disso constitue o amor, pois que de algum modo elle nutre-se de contrariedades, ou antes, de contrastes. Jámais uma mulher varonil, será mui cara a um homem; elle acreditaria ficar com ella como com seu semelhante, e quasi que experimenta a mesma repugnancia. Igualmente um homem muito effeminado, longe de ser amado e procurado pelas mulheres, é quasi tão desprezado como um castrado; ellas não acham nelle o que lhes falta.

Como se estabelece o mais penetrante e perfeito amor entre os sexos? E' quando a mulher, é completamente mulher; e o homem perfeitamente viril; é quando um homem trigueiro, cabelludo, secco, ardente e impetuoso, encontra uma mulher delicada, humida, lisa e branca, timida e pudica. Um é destinado á dar, e o outro é constituido para receber; o primeiro, por essa razão, deve ter um principio de superabundancia, de força, de generosidade e de liberalidade, que deseja diffundir-se; a segunda, pelo contrario, tendo sido constituida *com menos*, deve, por sua timidez, tractar de recolher e absorver com uma especie de economia o muito do outro, para estabelecer a igualdade e o nivel completo. Logo, o resultadò da união conjugal, ou o fim da procreação de um novo ente, não póde ser prehenchido senão pela unidade physica e moral de que fallam *Pythagoras* e *Platão*, por cujo meio os dous sexos, se igualam e se saturam, por assim dizer, reciprocamente.

Se alguns entes de sangue ardente, como o passaro, o homem, e o quadrupede, fossem hermafroditas, e pudessem contentar-se a si mesmos, se destituiriam então pelos meios destinados a perpetua-los. Quem os poderia impedir de se entregarem frequentemente á copulação, de se enfraquecer, de matar-se por seus proprios excessos? Com uma sensibilidade tão irritavel, com a continua estimulação da proximidade dos sexos, principalmente nos climas ardentes, que individuo resistiria a esse imperioso peccado? Não obstante a separação dos sexos, não obstante os obstaculos, que a natureza, o pudor, as conveniencias sociaes, as leis da honra, e as prohibições da religião oppoem para temperar a febre do

amor, custa assás a impedir os homens de arremessarem-se aos prazeres e corromperem seu vigor: entre as abrasadoras regiões dos tropicos, as mesmas leis são insufficientes; é absolutamente necessario aprisionar-se o sexo femenino nos harens, para conter os estragos morticinios do amor. Se a natureza não tivesse feito a maior parte dos animaes quasi indifferente á reproducção, excepto no tempo do cio, como poderiam resistir, quando muitos d'entre elles, cahem quasi esgotados após d'um só acto de conjuncto, quando os mesmos insectos machos morrem depois desse esforço, como se legassem sua vida inteira a seus descendentes? *Et animas in vulnere ponunt.*

Mas n'um frio mollusco, como a ostra, ou o caracol, apenas o amor faz sentir seu aguilhão; sua carne mole e babosa, quasi que não tem nervos, é como uma massa insensivel. Portanto, não haveria perigo de reunir ahi os dous sexos, assim como nos vegetaes.

Além disto, essas créaturas imperfeitas, e immoveis pela maior parte, não poderiam procurar seu semelhante, para a elle unir-se, nem reconhecê-lo, por faltarem-lhe os sentidos exteriores, e principalmente escapar ás differentes causas de destruição que os rodeam; era necessario pois, que um individuo desses, pudesse só representar a especie completa e inteira; que trouxesse em si os elementos de sua immortalidade, por isso mesmo que é mais facilmente destructivel e mortal.

O dom da fecundidade deve corresponder ao perigo das destruições, por uma admiravel compensação, pela perpetuidade das especies.

Temos observado que, em geral, os sexos estão reunidos nos entes organisados providos de fórmãs radiantes, como as flores, os zoophitos, as radiadas, etc.; porém, que a separação dos sexos existia nos animaes formados de duas partes symetricas, juntas em seu comprimento. Temos demonstrado, que essa constituição organica, dupla, ou symetrica, tendo os sentidos duplos, procura sensações de consonancia harmonica e proporções de symetria, d'ordem, e de unidade na variedade. Temos feito ver ainda, que a separação dos sexos, masculino e feminino, em individuos differentes, os fazia eminentemente susceptiveis do amor, dessa grande harmonia do universo; d'ahi procede os sexos procurarem-se para

a unidade ou consonancia sexual; os outros satisfazem-se á si mesmo, como as plantas hermaphroditas; esses entes faltos de symetria, não sentem amor (1).

Com effeito, um ente hermaphrodita ou androgynio, cujas necessidades oppostas, á dar á masculina ou á receber da feminina, fossem sempre satisfeitas e compensadas reciprocamente, não teria desejos; seria um ente neutro e farto. Não amaria, e nem seria capaz de ser amado. Seria esse um individuo equivoco, ambiguo, indifferente, e frio em todos os sentidos. Pela mesma razão, a mulher virago, tendo muitas qualidades masculinas em sua constituição, tenta juntar-se com seu sexo, como para se effeminar e encontrar suas qualidades naturaes. Do mesmo modo, o homem muito effeminado, é dado a um vicio, que parece mostrar a necessidade que elle tem de se prover em seu sexo do elemento creador que lhe falta. Essas uniões de individuos do mesmo genero, por mais abominosas e ultrajantes que sejam para a natureza, notam-se frequentemente nos climas quentes: a mulher masculina tem pouco menstruo, e o homem effeminado pouco esperma.

Resulta ainda destes principios, que tudo que tende a diminuir a energia de cada sexo, e a enfraquece-lo, como a devassidão, é contrario á propagação; assim, quanto mais os sexos se abandonam, entre si, a uma incontinnencia illimitada, ou neutralisam por seus desregramentos o ardor do amor, mais se degradam e menos preenchem o fim da união sexual. E' por essa razão, que as cortezãs, quasi todas são estereis; ellas destroem constantemente a obra do amor; portanto, a corrupção dos costumes é opposta á população (2). Nada deprime, avilta, e deprava mais as raças, que a multipli-

(1) Demais, parece que os animaes só amam em suas femeas, o novo ente, que d'ellas deve sahir. Os peixes machos, por exemplo, não gostam de suas femeas, e não as cobrem (excepto um pequeno numero de especies); porém seguem os ovos que ellas põem, e fecundam-os com seu leite. Mesmo o homem, distingue dous seres na mulher: ella, e o ente futuro, ou germen de que é depositaria: por isso elle prefere uma rapariga, a uma mulher velha ou esteril: ha mais vantagem d'amor, onde se pôde operar mais impregnação.

(2) *Os palacios dos ricos, transbordam de mulheres; e as cabanas dos pobres de filhos* (proverbio chinéz). A população cresce, assim como tudo, em razão inversa da corrupção dos costumes.

cidade dos conjunctos, que enfraquecem os individuos, para augmentar-lhes os gozos. Disso procedem esses entes miseraveis, que pullulam nas cloacas do vicio das cidades corrompidas, degradando-se de mais em mais, e abreviando a vida na prodigalidade constante de gozos obscenos: elles acabariam, na continuação dos seculos, reduzindo a especie degeneradora, a uma multidão de embryões, disformes, degradantes, vergonha da natureza, abortos ignobeis e abjectos, sem merito e sem alma, que entremeando-se n'uma promiscuidade universal, findariam por tudo confundir e destruir. Tem-se notado, que as mulheres publicas, que não produzem por causa da profusão de gozos lascivos, que as enfraquecem, tornam-se fecundas quando são forçadas pela reclusão ou pelo casamento, á economia mais salutar dos prazeres. E não só ficariamos fartos, ou mesmo revoltados pelo abandono lubrico que uma Messalina fizesse de seus encantos, como o pudor do sexo, e sua *crudeldade* seria, ao contrario, o mais doce adubo da voluptuosidade, e o mais vivo estimulante do ardor amoroso. Quantos encantos ajunta a essa paixão, que cedendo a custo, lisongea nosso amor proprio! Quanto a nobre altivez d'uma mulher bella, que põe ao mais alto preço sua derrota, augmenta a honra da victoria! O pudor, é pois um galanteio inspirado pela natureza a todas as mulheres, para attingirem com mais segurança ao fim da geração. O recato aperfeiçoa mais a secreção prolifica, e augmenta a rejecção; tende, assim como a emulação entre os homens, á ennobrecer a raça (1). Logo, qualquer separação, qualquer opposição, qualquer barreira, qualquer obstaculo que retarde o prazer, aviva a necessidade, e abre uma das mais deliciosas fontes d'amor. E' então que a mulher torna-se uma deosa para o homem, e este um deos para ella; é então, que a illusão e o delirio do encanto, tocam ao

(1) Uma belleza que se abandona, perde todo o apreço; extingue o amor:

Galla, nega, satiatur amor nisi gaudia torquent.

MARTIAL, Lib. IV, Epigr. XIII.

Lycurgo, diz Montaigne, ordenou que houvesse mysterio no amor dos casados, para que não esfriasse. A difficuldade d'uma cousa, augmenta-lhe o merito. A voluptuosidade é mais assucarada, quando custa: a facilidade esmorece.

apogeo e que nesses transportes ineffaveis de mysterios e chimeras, durante os quaes respira-se a immortalidade, a vida se communica a um novo ente. Sim, o amor n'um paiz de atheus, faria com que se adorasse a Divindade, como diz um poeta (1). A alma, absorve-se toda inteira n'um abysmo de felicidade; e se, depois desse instante de extasi, ella cahe n'um langor secreto; se depois de haver experimentado os sentimentos d'um Deos, acha-se aviltada até quasi ao estado do bruto, é pelo resultado da communicação de nossa vida, que dá-nos presentimentos de nossa morte :

..... *Medio de fonte lepórum
Surgit amari aliquid quod in ipsis floribus angit.*

Independente da inclinação geral, que attrahe um sexo para outro, pergunta-se, porque uma mulher, menos bella que outras, produz n'um homem impressão mais viva que essas? Uma mulher, tambem prefere o homem que a admira, áquelle que a domina. Uma mulher fraca, ama um sustentaculo poderoso; a forte, procura um escravo docil.

Muitas vezes, nem é a belleza, e nem a fealdade, que decide do amor entre os sexos, mas sim uma certa harmonia de desigualdades correspondentes. Não se tem visto mulheres horrivelmente feias, sem fortuna, e mesmo sem espirito, conquistarem de tal modo o amor de um homem, bello, rico e dotado de brilhantes qualidades, que fazem o mais inesperado e inexplicavel casamento, á vista de tantas rivaes altivas de sua belleza, e das magnificencias da opulencia e do espirito? Eis o milagre; eis a explicação.

O homem não gosta menos que as bellas, de ser eclipsado; teme o imperio d'um tyranno feminino, tão orgulhoso de seus encantos e do esplendor, de suas riquezas, e tão superior talvez pelos dotes de seu espirito, ou energia do caracter, que não se contenta com um papel subalterno. Que delicias, ao contrario, para uma alma generosa e sensivel, o poder offerecer ao merito humilde, ás graças modestas, desdenhadas do grande mundo, os dons do amor, e os thesouros da fortuna? Então quantas delicadezas e reconhecimentos, devem pagar os mais ternos sentimentos do coração? Desgra-

(1) *Rochester.*

ça sobre o esposo que só visse na doce companheira, que voluntariamente escolheo, uma escrava, acabrunhada de seus beneficios e humilhada a condescender com todos os seus caprichos! Não; ordinariamente essas uniões são cheias de encantos; o bemfeitor idolatra, mesmo pelos dons que faz, áquella que os recebe; não quer aviltar aquella, que honrou com o titulo de sua esposa; n'ella não foi a belleza que foge com o tempo, que o seduzio. Encontrando em seu esposo sua gloria e sua felicidade, a esposa de sua parte lhe consagra sua vida e seu terno amor; e onde poderia ella obter na terra, uma existencia mais afortunada?

Como poderia acontecer o mesmo com uma mulher rica, bella e espirituosa, que se ligasse a um homem inferior a ella em todos os sentidos? Uma tal união não seria senão forçada, ou então por uma embriaguez momentanea dos sentidos, um inevitavel desprezo espera o esposo até no leito nupcial. Então a mulher, sem duvida, brilha e reina. Bem que seu orgulho se satisfaça com esse papel, ella não gozará felicidade domestica, fazendo de seu esposo um escravo, ainda que este consentindo nessa situação abjecta, lhe vote o mais sincero amor. A duração d'um tal estado é impossivel, pois que o inexoravel tempo murcha os encantos da esposa. Mesmo, quando se encontra igualdade entre dous esposos, muitas vezes nascem, a rivalidade e as richas, porque ambos querem dominar; e quantas disputas secretas resultam dessas mutuas pretensões, á fazer valer a superioridade do proprio merito; até nas mais intimas relações da vida domestica? Rivaes de belleza e de espirito, repellem-se e temem-se.

Não succede o mesmo com uma esposa mais modesta em seus encantos, ou que póde menos ensoberbecer-se de sua belleza; porque quasi sempre ella, a preenche com um merito mais solido; e ordinariamente estuda com vontade e orna seu espirito com mais delicadeza. Menos insensada das homenagens seductoras do outro sexo, será menos vezes victima dos perigos d'um mundo corruptor; e sua virtude ficará mais intacta, por isso mesmo que a maior parte dos homens, repara mais nos dotes do corpo, que nas qualidades do coração. Geralmente, a belleza é antes bem d'outrem, do que do individuo que a possui; e se é necessario traçar aqui o elogio da fealdade, direi, que a do rosto faz sobresahir mais as graças do corpo; admira-se uma bella figura, porém

muitas vezes a esposa terna, a mulher virtuosa e boa, é sempre capaz de imperar, apoiada na estima do coração, e não nesses fogosos caprichos, que uma pomposa belleza excita durante o brilho passageiro da mocidade. Que esperança de ventura pôde ter o esposo d'uma *Helena*, celebre por seus encantos vencedores, que a expõe a todos os perigos da infidelidade? Se só é casta aquella que não foi solicitada nunca, como assevera *Ovidio*, que se pôde esperar d'aquella que está constantemente rodeada de adoradores? Pelo que diz *Propercio* :

Formosís levitas semper amica fuit.

Quantos ciumes e tormentos para um amante, que inferno para um velho Titão, que o brilho d'uma joven aurora, nos bailes, nas assembléas, nos espectaculos, attraiam sobre ella olhares ardentes, que devoram seus encantos? Como poderá ella entregar-se no seio de sua familia aos deveres maternas? Quantas tentações não se offereceriam á sua vaidade, e o que seria capaz de preencher todos os seus desejos de casquilharia, constantemente executados no mundo? Reduzido ao papel mais subalterno, desprezado e invejado de todos; cada um tenta roubar a esse pobre marido o thesouro que possui, e tanto os deoses como os homens riem-se sempre d'um desgraçado Vulcano. Que alma abjecta supportará o impertinente desdem d'uma esposa, que o olha sempre, orgulhosa de sua belleza, como um ente muito inferior a ella? Senhora imperiosa, mãe muitas vezes desnaturada em seu egoismo; o homem prudente foge della, como do antro de Circe e da voz das sereias. Que digo eu! ella se aviltaria; e os annos, destruindo-lhe os attractivos, não lhe deixarão, nem a pudicidade, nem as virtudes do sexo; e não lhe restará de sua belleza, senão suas faltas e sua desgraça. Perdida na estima publica, será, por assim dizer, precipitada do throno com os encantos, que ahí a tinham elevado : quèda terrivel, pois que perde-se n'ella a honra e a vida.

Portanto, não é, nem a belleza e nem a fealdade, que estabelecem d'uma maneira absoluta os laços d'amor, entre os sexos; mil outras relações differentes o decidem, e muitas vezes, as mais extravagantes escolhas na apparencia são fun-

dadas em secretas impressões, que se hão sentido, mas que se não pódem definir.

Em uma numerosa sociedade dos dois sexos, quantas d'essas sympathias particulares, apparecem sem se poder dar o motivo d'ellas ! O profundo physiologista póde entretanto estabelece-las e adivinha-las, quando tem estudado bem as relações da opposição harmonica, que forçam os dous sexos á approximarem-se. Cada um d'elles mesmo por sua constituição, possui seu interior modelo, sua proporção d'affenidade, assim como nos acidos e nos alcalis as preferencias, as escolhas ou as selecções que formam diferentes combinações salinas. Mas o que só é simples attracção nas materias inorganizadas, opera-se no homem pelo concurso simultaneo d'uma multidão de analogias entre o homem e a mulher. Se todas as uniões conjugaes, fossem livremente irmanadas conforme a escolha da natureza ou instincto innato da sympathia, nada sem duvida, seria mais afortunado que o laço do hymeneo. Por essas proporções naturaes bem irmanadas, os dous sexos se formam certamente melhores e mais perfeitos; a confiança mutua em que vivem á respeito um do outro, formando delles um só ente por assim dizer em dous corpos, dobra-lhes os sentimentos e a vida; os desgostos partilhados são mais ligeiros, os prazeres unidos parecem mais vivos e mais intimos, a fecundidade da mulher torna-se maior, e sua saude mais segura.

Como a mulher é mais precoce que o homem, envelhece, relativamente á seu sexo, mais depressa que o homem. E' necessario portanto, que ella seja mais moça que seu marido, para estar em proporção com elle. Assim como á um homem muito secco, muito magro e ardente de constituição, é preciso uma mulher humida, gorda e um pouco languida. Na circumstancia opposta, a relação deve ser igualmente contraria. Na verdade, só dous temperamentos, semelhantes masculino e feminino, se unem, como Voltaire, e a marquezia du Châtelet, que não se podiam deixar, e nem tambem estar muito tempo juntos; essa igualdade produz uma serie de disputas; e torna-se uma causa muito notavel de esterilidade. Tem se visto, em semelhantes casos dous esposos estereis, accusarem-se de impotencia ou de frieza, tornarem-se, pelo divorcio, fecundos e ardentes com outros individuos de constituição opposta. A mulher viril se accommodaria

mais com um homem afeminado, com o qual ella d'algum modo tomaria o papel masculino, do que com um, cuja compleição completamente varonil, offendesse, por assim dizer, a sua. Assim tambem dous entes muito frios concordariam mal e seriam desgraçados. Eis pois a causa das consonancias dos sexos entre si e d'essa dose de sympathia, que se declaram espontaneamente no amor. As sympathias d'amizade entre os sexos semelhantes, ou d'homem á homem, ou de mulher á mulher, sendo fundadas na semelhança physica e moral, se determinam por um principio totalmente contrario ao do amor.

A affeição das mãis para os filhos adquire mais vivacidade, á medida que elles lhes custam mais trabalho e tormentos. Os animaes selvagens tomando pouco cuidado de seus filhos, abandonam-os logo que estão em idade de passar sem mãe; o mesmo succede com a mulher, que não amamenta os seus, pois que experimentando menos amor maternal por elles, é assim punida. Quanto mais soffre a esposa para ser mais terna, em compensação, mais lhe inspira ternura a natureza por sua progenie: assim a mulher, de todos os viventes é o mais desgraçado em seus amores, pelos padecimentos do parto e os longos cuidados da maternidade, e tambem o mais ternamente offerecido a seus filhos, principalmente se são fracos e desditosos; economia admiravel da natureza, que paga com um cumulo de trabalhos encantadores uma mãe para recompensa-la de todos os seus sacrificios!

Logo a pessoa que dá mais, é a que melhor sabe amar, por isso tem se visto paes bemfeitores inclinarem-se muito á seus filhos ou a seus protegidos, sem que esses lhes retribuam affeição. O homem ama mais ardentemente que a mulher, antes da união sexual, e faz então mais empenho e mais sacrificios; porém depois da consumação do acto, a mulher por seu turno, immola-se aos maiores trabalhos futuros, ama mais, e tambem liga-se mais desde então; torna-se por este modo subordinada, e sua fraqueza, a gestação e o cuidado que reclama um novo ente, a submettem á dependencia do marido. Emquanto solteira, era uma rainha, rodeada de adoradores, que disputavam seus favores; tornada mãe, uma multidão de necessidades á sujeitam á seu protector. Além disto, qualquer que seja o brilho de sua belleza, começa a murchar e vem-se particularmente raparigas muito gordas perderem totalmen-

te toda sua niediez com o casamento, como se a energia do licor fecundante, imprimisse mais tensão e sequidão em suas fibras.

Pois que o amor, como temos observado, resulta na mulher da *falta* e no homem da *superabundancia*, que buscam igualar-se, a indiferença provém, do estado neutro ou medio; é tambem isso que se observa no castrado ou em qualquer ente incapaz de formar ou de conceber. As mulheres muito gordas, por exemplo, são frias ou pouco amorosas, e ás vezes estereis como os eunucos. Quando na idade de quarenta annos, ellas engordam muito, é signal evidente de deminuição de energia uterina; a maior parte deixam de ser fecundas; tambem a abundancia do tecido gorduroso sub-cutaneo, apaga as rugas que começavam a sulcar a pelle, arredondando de novo as fórmas, e dá um ar de mocidade e de frescura; e é por isso, que se chama á essa época *idade do remoçamento*.

Parece que na mocidade e na velhice, o homem domina menos os productos da concepção, que na época de sua força ou do maior ardor viril, e a mulher então obtem a preponderancia. Disto resulta nascerem as meninas em maior numero, nas épocas de que fallámos a respeito do pai, no entanto que na idade florescente deste, nascem mais rapazes. Estas mulheres, muito louras e muito brancas, além de serem muito leucorhoicas (flores brancas), têm os orgãos sexuaes muito relaxados, principalmente se se entregam aos contactos embriagantes. Os effeitos das doenças syphiliticas, causam igualmente mais estragos em sua constituição molle, que nas compleições duras e tenazes dos homens seccos e melancolicos.

A mulher considerada em relação ás suas paixões.

CONFORME VIREY.

A natureza, por uma admiravel economia, fez o galanteio, essa antiga necessidade de agradar, innata da mulher, derivar-se da mesma delicadeza da organização, fonte de todas as

suas inclinações. Não é para obter a protecção do forte, que o fraco busca ligar-se a elle? Por esse motivo é que *Venus*, segundo a fabula, foi amante de *Marte*: maravilhosa providencia da natureza, para manter as especies em todo o seu vigor e perfeição originaes. No *amor*, como na *guerra*, a victoria é sempre da valentia. A mulher apaixonou-se pelos caracteres bellicosos, atrevidos e emprehendedores; julga-se mais forte, porque é timida; e toda a sua gloria está em domar um coração indomavel, em fixar um inconstante, e em sujeitar uma altiva independencia. Ha tal, que despreza vossos suspiros respeitosos, vossas ternas supplicas, picada da fria indifferença, do ar de desdem d'um joven e soberbo *Hipolyto*, e caro pagará sua indifferença; de reservada, que era, tornar-se-ha cedo amante apaixonada; e ajuntará em seu amor todos os fogos, que recusava aos outros empenhos; no entanto que aquella, que é dotada de facil bondade, e escuta um enxame de frivolos adoradores, só fórma ligações passageiras, e muitas vezes sem consequencias.

E' necessario um apoio á vinha flexivel (1). Vêde essa triste viuva; os sentimentos ternos lhe nascem atravez das lagrimas; um consolador faz-se amar; o luto desaparece. O *amor*, que só é, dizem, um episodio da vida do homem, é na mulher a norma de toda a sua existencia. A menina ama sua boneca, na idade util liga-se a seu esposo e a seus filhos; na velhice, desesperando por não agradar mais ao homem por sua belleza, vota-se á seu Deos; cura um amor com outro amor, sem delle se desabusar; a mulher póde principiar por amar um ou outro, mas depois ama pelo amor, isto é, pelo prazer.

Que mulher será capaz de resistir sempre ás occasiões, á perseverança, e ás seducções continuas e adaptadas ás inclinações? Muito poucas sem duvida: foi isso que fez *Montaigne* exclamar: « *O' furiosa vantagem da oportunidade!* » Todas as mulheres, jovens ou velhas, bellas ou feias, ficam encantadas, quando se as admiram ou se lhes dirigem homenagens. Se a orgulhosa resiste ás vezes mais tempo, que a casta,

(1) A liberdade, ou independencia, de fórma alguma convem á mulher: *nunquam salvis suis exsultur servitus muliebris, et ipsæ libertatem quam viduitas et orbitas facit, detestantur.* Tit. Livius, Dec. IV, Lib. IV, *De lege oppia.*

lisongea-se comtudo, em sua vaidade, com o epitheto de cruel: nunca se zanga de ser desobedecida por excesso de amor; este sentimento justifica-se em si mesmo, porque a resistencia excita e inflamma, e então uma liberdade autorisando outra, a mulher, que cede o mais ligeiro favor, vê-se obrigada a tudo perdoar, pois que está vencida, sem haver succumbido.

Uma vez subjugada, a mulher não pôde mais ser livre; é mais facil para ella, viver sem contracto algum, que limitar-se a um só, quando ousa dar o primeiro passo (1). Ella liga-se por seus favores, aos que a recebem; a qualidade de libertino nem sempre é nociva, mesmo para as mais prudentes, que se lisongeiam de serem as reformadoras. As mulheres, são libertinas de coração, segundo um poeta inglez. Platão assegura, que ellas primeiro foram rapazes depravados, e accrescenta, que as mais determinadas espertalhonas estão bem longe de desagradar-lhes :

Et mentem Venus ipsa dedit.

Que se examine quão pouco ellas se estimam naturalmente entre si, por serem rivaes; que suas amizades nunca chegam a sacrificar-se a uma paixão; que os unicos laços que as podem prender, são os segredos do amor, que mutuamente temem, que se não traiam. Quantas vezes tambem se não ouvem essas meias palavras, esses epygrammas, e essas picantes reticencias, que as impustoras, e mesmo as devotas,

(1) Não é bem cruel, para os melhores maridos verem precisamente as mulheres mais devassas, a maior parte das vezes por causa de sua mesma indulgencia? Não queremos por provas senão os dous imperadores, *Antonino*, e *Marco-Aurelio*, que esposaram as duas *Faustinas*, mãe e filha, ambas infames por seus desregramentos desenfreados, e no entanto ambas collocadas por seus esposos na classe das deosas, a ponto de serem honradas publicamente nos templos depois de mortas.

O imperador *Claudio*, foi certamente um marido *paciente e commodo*, e evidentemente levado ao excesso por *Messalina*, e todavia tudo lhe teria perdoado. — Estamos convencidos, que a mulher, que franqueia seus favores á outro homem, que não o seu primeiro amante, franqueia a quantos a provoquem. O primeiro passo dado, o véo mysterioso do pudor rompe-se, e tudo esta perdido: ordinariamente a verdadeira amante, que sente a morte do seu amado, se sobre-vive, é para morrer depois em tormentos de dor e de saudades.

sanctamente lançam nas mais amáveis de seu sexo! *Montaigne* julga a mulher, incapaz d'uma verdadeira amizade; não lhe acha uma alma assás firme, e exempta de ridiculos ciumes, uma por outra mulher; diz, que é só no homem ou nos meninos, que esse sentimento se exalta ao heroismo.

Porém se a mais prudente não perdôa ás outras as voluptuosidades á que se entregam, nada tambem ha comparavel ao odio com que as mulheres perdidas, perseguem as mais virtuosas; a honrada conducta destas, como que é uma insultante testemunha de sua infamia: é por isso, que as prostitutas são tão encarniçadas em corromper a mais pura virtude, afim de que tendo perdido toda a vergonha, por causa de repetidas quédas, á mulher não tenha outro partido senão gozar da mesma ruina de sua reputação. Quanto mais a mulher se entrega aos homens, menos merito conserva aos olhos dos mesmos homens; quanto mais julga firmar seu ascendente pela profusão de seus favores, mais desmerece a estima que havia adquirido (1). Ao contrario succede com aquella, que custando mesmo a ceder, por isso o homem a ella mais se liga, assim como acontece com tudo; a raridade enriquece a virtude, e o amor se aguça com seus generosos sacrificios,

Uma das paixões que o sexo feminino sente com mais violencia, é o ciume. Na verdade, como a mulher faz mais sacrificios que o homem no amor, e expõe-se a todos os incommodos da maternidade; como as leis são mais severas contra novos laços, para ella, que para elle, ver-se abandonada, é sentir-se immolar á mais cruel injuria e deshonra. Portanto,

(1) Dahi procede o desgosto dos homens polygamos para as mulheres; por muito fortes entregam-se a vicios infames. Assim a *pederastia* é, tambem por isso, tolerada entre os Turcos, e vê-se em Constantinopla mancebos disfarçados, ou mascarados, instruindo-se em todos esses vicios do luxo. *Olivier, Voyage, emp. Othaman*, tomo I, pag. 92. Resulta ainda outro inconveniente desse abandono das mulheres, principalmente nos paizes em que ha muitas: é entregarem-se entre si á paixões desordenadas, pelo effeito do desleixo em que vivem.

As mulheres orientaes sempre passaram por *libidinosas*, diz *Chardin*. Tenho ouvido asseverar isso por muitas pessoas, acrescentando, que ellas têm um modo de satisfazerem mutuamente suas paixões, o que tenho por muito certo. Impede-se ahi de se satisfazerem tanto, quanto podem, porque pretendem que isso desmerece seus encantos, e as torna menos sensiveis ao amor dos homens. (*Voyage en Perse*, tomo II, pag. 280.)

é natural que ella se entregue com furor ao ciume. E talvez que a privação dos prazeres, á que ella julga ter direito, não seja o menor movel dessa paixão, que absorve toda a sua alma (1). Se o amor não se póde occultar muito, o ciume se patenteia tambem facilmente, em uma amante aos olhos de outra mulher. Taes são os funestos arrebatamentos que conduzem tantas esposas e amantes sensiveis, á demencia e ás doenças de abatimentos, de que ellas em vão disfarçam a causa, e que, como o amor secreto, têm necessidade de serem adivinhadas por intelligentes Erasistratos. Como se explica com effeito, as mãis odearem quasi sempre sua nora, no entanto que muitas vezes amam seu genro?

Todas as mulheres perdoam a *Orosmane*, o ter apunhalado Zaira, por excesso de ciume; pois, como essa paixão devorante é prova do mais violento amor, que mulher não se offenderia mais com a frouxa indolencia de um amante, que a visse quasi sem desgosto, roubar por outro? Quantas d'entre ellas não têm honra, que duelos sanguinolentos assignalem a todos os olhos o poder de seus encantos (2)?

(1) E' principalmente pelo secreto despeito de sua nullidade, que os enucos são tão intrataveis guardas dos serralhos; gostam de se oppor ás menores recreações das mulheres, como todo o ente fraco e impotente, quereria ver todos reduzidos a seu miseravel estado. Muito inferior para chegar á elevação de seu adversario, esforça-se em curvalo, e arrasta-lo á sua própria baixaza.

O invejoso tem ao menos isso de bom, pois pune-se a si mesmo, assim como o ferro se estraga com a ferrugem.

(2) Entre os antigos Gaulezes, as mulheres só recebiam por amantes homens corajosos e direitos. Arbitras das acções gloriosas, fim e preço das mais brilhantes façanhas, eram juizes muitas vezes em pontos de honra nos duelos: os *Kempes*, especie de cavalheiros, que combateram sempre entre os Scandinavos da idade media, viam muitas vezes sua audacia e suas proezas guerreiras recompensadas com a mão de alguma princeza; as moças mais ricas eram tambem ganhas á ponta d'espada; e era ainda preciso que o vencedor estivesse sempre prompto á conserva-la contra qualquer pretendente. (Mallet, *Introd. à l'hist. de Danemark*, liv. IV, pag. 128. Thorlacius, *Mém. sur les duels*, en danois, Copenhag., 1812.) Os noivos, sempre occupados de suas amantes, viajavam, como ainda hoje fazem os jovens Dinamarquezes e Norwegueses.

Entre os mais bravos Caraibas, a mulher foi tambem o preço do valor; os Brasileiros não podiam dantes casar-se, sem terem morto um inimigo, costume igualmente usado entre os Tartaros (*Vincent Leblanc*, *Relat.*, part. I, ch. XXX.) Um pai, tendo como honra ter por genro

Como todas as paixões são impetuosas nos entes mais fracos, e mais sensíveis, o ciume torna-se mais terrível a respeito das mulheres para os maridos.

..... *Notumque furens quid femina possit.*

Quanto mais elegancia, merito, mocidade, e qualidades brilhantes tem o esposo, ou o amante, mais ellas se entregam a supposições e desconfianças sobre sua infidelidade, e mais se enfurecem contra qualquer mulher, que delle se aproxima. Quem desconhece a raiva d'uma Medea, enviando á sua rival um vestido envenenado, e degolando seus proprios filhos? Quem não terá ouvido retinir as scenas de dores de uma *Hermiona*, desdenhada por *Pyrrhus*?

Nullæ sunt inimicitæ, nisi amoris acerbæ.

PROPERCIO.

« Quando se apossa dessas pobres almas, fracas e sem resistencia, diz ainda Montaigne, faz piedade ver com que « crueldade elle as despedaça e tyrannisa. Ensinua-se com o « titulo de amizade, mas depois que as possui, as mesmas « causas que lhe serviam de fundamento á benevolencia, « servem de base ao odio capital : é das doenças do espirito, « a que mais alimenta, e menos se cura. »

Nota-se nas casas de alienados muito mais loucas, que loucos por ciume (1). O abandono de um feroz parece, principalmente para a belleza, um ultraje atroz ; é por isso que se vêem mesmo em sua primavera, brilhantes flores murcharem com o envenenado sopro do desprezo de seus encantos : deste modo, uniões formadas sob os mais afortunados auspicios, só apresentam então renhidas disputas, até

um homem de coragem, lhe offerencia sua filha, et desta era disputada a possessão do vencedor quando voltava d'uma guerra ; assim não era o homem que solicitava com seu amor uma joven belleza, mas sim os encantos della eram os que se tornavam o preço de seu valor.

(1) Um dos mais notaveis exemplos do ciume, é o de uma rapariga, que exigia que seu amante trouxesse um anel com um cadeado, do qual só ella tivesse a chave. Tal era o *botão* que se punha dantes em Roma aos cantores para conservar-lhes a voz, privando-os dos gozos do amor. Porém a inflammação e a gangrena, que sobrevinham ao pre-

mesmo no leito nupcial ; d'ahi nascem os desgostos roedores, que fazem da vida domestica um tormento infernal. Qual seria a existencia do mahometanismo no meio do harem, onde as mulheres disputassem com furor sua paixão, se elle ahi não fizesse reinar o terror e a sujeição ? Mas então aviltada nessas voluptuosidades sem encantos, a odalisca de um sultão, não tendo senão os restos de suas rivaes, emprega em seus filhos toda sua ternura : elles a consolam dos pezares do amor, e tornam sua esperança e sua alegria. Onde estão essas mulheres corajosas, tão affeiçoadas á ventura de seus maridos, que lhe sacrificuem todo o seu ciume, e lhe levem, mesmo jovens, bellezas á sua cama ? *Sara*, dizem, o fez por Abrahão ; *Stratonica*, pelo rei Dijotaro, e *Livia*, por Augusto ; mas é provavel, que essas mulheres achassem melhor ceder de boa vontade a uma causa, que seria permitido á seus maridos, sem o consentimento dellas, afim de escolherem rivaes incapazes de supplantá-las. O mesmo nos conta a historia da *marqueza de Pompadour*, quando *as flores brancas nasciam debaixo de seus passos* ; e essa astucia servio de perpetuar-lhe o imperio.

Estude, pois, o medico a mulher, e veja como a natureza tem disposto essa temida e requebrada *Galathéa* :

Et fugit ad salices, et se cupit ante videri ;

seu pudor, e esse encantador attributo da belleza, que finge recusar o que arde por dar ; essa amavel vaidade, que condescendendo com as immunidades femininas (*mundus muliebris*) inveja o novo ornato, que brilha n'uma rival, e que chora secretamente a perda d'uma graça. Observe as profundas raizes desse amor proprio, entretido, exaltado por tantas ho-

puicio assim trespassado pelo anel, que os obrigaram a praticar a circumsisão. Facto chegado a Pariz em 1823.

A *infibulação* pratica-se, em diversos paizes, nas mulheres e nos animaes do sexo feminino. Os santos fakirs da India, trazem tambem ás vezes aneis por espirito de castidade ; os devotos do Indostão que vão beija-los, dizem, ser objectos sagrados. Martial fallou dos cantores que quebravam ás vezes seus aneis, e era preciso mandar fazer outros ;

Et cujus resbulavid turgidum faber penem.

Lib. VII, epigr. LXXXI.

menagens sedutoras ; examine-se a joven e viva elegante de nossos circulos mais brilhantes : é uma criança estragada pela adulação e parte de louvores insipidos ; a dissipação, os espectaculos e os bailes, ajudam á seus requebros e á sua graciosa impertinencia ; elles imprimem em seu systema nervoso, uma extraordinaria mobilidade, é preciso vapores, enxaquecas e nervos erritados, á essa nympa educada nas delicias e na molle ociosidade. Tudo sorri á seus menores caprichos, e ella é indifferente a tudo ; mais quando o tempo, *esse insigne ladrão*, lhe rouba seus encantos, quando ella vê diminuir as homenagens e os prazeres, que doloroso erro de sua altivez ! que cruel humilhação para seu amor proprio ! que enganadores elogios indignamente desmentidos ? quanto custa resolver-se á não poder agradar mais ! e como se tornam os espelhos perfidos. Em vão accusa-se os homens de falsidade e de ingratitude, lisongeando-os a antiga politica de nossos avós ; no fundo do coração eleva-se não sei que desgosto, que róe a vida e sulca as faces. Feliz então a esposa modesta e sensata, que sabe resignar-se á seu destino, preenchendo cuidados mais importantes do que os das ruinas de sua belleza !

Quando a mulher não póde mais contestar o titulo de *velha*, conhece, que não tem mais o direito de reinar pelo amor ; e que lhe é menos permittido então ficar imperfeita ; seu espirito, estende-se e fortifica-se com mil reflexões que o uso do mundo e a sociedade lhe haviam d'antes inspirado. Em sua mocidade, um instincto sagaz indica-lhe repentinamente o que agrada e o que póde desagradar, mostrando-lhe o vicioso e o nocivo ; que na idade madura adquire um tacto maravilhoso para surprehender um ridiculo, para sondar o coração, para descobrir uma inclinação inappercebivel ; ella descirne, com uma vista d'olhos, o que convém á tal ou tal pessoa ; sua politica torna-se mais profunda e mais refinada, sustenta-se por sua destreza e arte de interessar, em dirigir a inexperiente mocidade nos atalhos do mundo : é *Ulysses* de saia, como se dizia de *Livia*, mulher de *Augusto*. Se ella sabe principalmente evitar a lembrança da belleza passada, merece então todos os respeitos dos homens. Um moço nunca é bem educado se lhe falta os conselhos prudentes d'uma mãe idosa ; só ella possui o segredo de torna-lo verdadeiramente amavel ; politica alguma é perfeita sem suas lições ;

conhece mil affectuosas attenções essas habeis providencias que sabem encantar e o commercio da vida.

Seus filhos tornam-se sua gloria e n'elles, e por elles, é que essa illustre *Cornelia* se lisongeia de ainda brilhar em seu occaso sobre a terra.

Da amizade entre a mulher e o homem.

O celebre Lafontaine, fallando da amizade, disse, exclamando : « *Que doce cousa, é a posse de um verdadeiro amigo! Porém mais doce ainda, é a de uma verdadeira amiga.* » Lafontaine lembrava-se das senhoras *de la Sablière* e *Hervart*, com quem viveo, e de quem tinha sempre recebido os mais ternos, e impagaveis testemunhos de amizade. Lafontaine, tendo residido por mais de 20 annos em casa da Sra. de *la Sablière*, estava tão tranquillo e identificado, como pessoa de sua estima, que havendo em uma occasião despedido todos os seus creados, disse, tão aguda quão graciosamente : « *Estou agora sem pessoa alguma em casa; só deixei comigo os meus tres animaes, o meu cão, o meu gato e Lafontaine!* »

A natureza, sempre constante em seus trabalhos, e sempre admiravel em seus productos, formando a mulher da propria substancia do homem, ligou-os de tal modo, que nem mesmo nos sentimentos os quiz apartar. Esta verdade é tão palpitante, e cheia de fundamentos, que fallando no mesmo assumpto, diz um homem de juizo : « *Pessoas grosseiras e malignas não podem descobrir nem perceber (na amizade entre o homem e a mulher), mais do que o prazer dos sentidos e o amor. Porém a mulher, póde inspirar um sentimento mais refinado e duradouro que o do galanteio, e é capaz do cultivo dasagrada amizade. Ninguem mais do que ella sabe apreciar uma união pura e nobre, e nutrir sentimentos cheios de delicias, fundados sobre a estimação e virtude. Quem conhe-*

cer o caracter do virtuoso Dr. *Pedro Russell*, autor do *Systema Physico e Moral da Mulher e do Homem*, e souber dos seus costumes singellos, comprehenderá, que o Dr. *Russell*, tinha uma alma, como a natureza, cheia de imagens amenas, e mais que muito vivissimas. Desconhecia o imperio das paixões violentas, que atormentavam o coração, e o seu amavel desleixo fez com que a inveja lhe perdoasse a superioridade dos seus talentos. Era um phylosopho pratico, e nenhum homem de genio se havia mais assemelhado a *Lafontaine* em tudo. Era tão amigo de Mme. *Helvecio*, viuva do phylosopho deste nome, como *Lafontaine* de Mme. de *la Sablière*. Reputava a conversação o mais suave remedio para os corações enfermos: amou sempre as mulheres, porém nos ultimos tempos da sua vida, dava preferencia á companhia das mulheres propectas, persuadido de achar ainda nellas muitas vezes o encanto das paixões, sem communicar o delirio dellas, á maneira dos bellos quadros cujas cores modificadas pelo tempo, agradam, mas não deslumbram.

A amizade da mulher, sendo um formoso sentimento (ainda concorda esse escriptor), não tem o fogo e os transportes do amor: tem uma parte do seu suave colorido, e em tão placida união se gosta e saborea a voluptuosidade do coração.

Dizia *J. J. Rousseau* que não tomaria por esposa e nem por amante uma Parisiense; mas que em Pariz escolheria uma terna e modesta amiga que amplamente o compensasse da falta de uma e de outra.

A verdadeira amizade, ou, pelo menos, a mais exquisita doçura, talvez que só possa dar-se entre mulheres e homens.

A amizade entre os homens, é muitas vezes alterada e completamente destruida pelo mesquinho interesse, pela ambição, por certas rivalidades de espirito, pelo desejo de proeminencia e disputas mui calorosas e muitas vezes acerbos, e finalmente pelas colisões do amor proprio e da vaidade. Muitas vezes, a nimia familiaridade produz uma especie de frieza, um desgosto, que enfraquece todas as presilhas; porém, as atenções, as condescendencias, os delicados disvelos e as galantes maneiras, que costumam praticar-se com o sexo amavel, dão á amizade graça, doçura, duração e dignidade; e são ellas, quem corrobora, conserva e enfeita todos os bons sentimentos.

O homem com o homem, tem relações de negocios, de credito, de dividas, de projectos: com a mulher, não havendo nada disso, o seu sincero commercio é mais vantajoso e duradouro. Ella possui francamente o seu suavissimo encanto, por que é uma creatura feita para adornar os dias do homem.

A mulher, que *Pope* chama — *Softer Man* —, o homem mais brando, derrama a felicidade e a doçura, por tudo quanto a circunda; têm a alma forte do homem, a sensibilidade nimia da mulher.

A amizade de uma mulher por um homem, é desinteressada, e por isso mais nobre e apreciada. Se ella se interessa em vossos bens, é com um zelo e ardor infinito; entende os vossos negocios com uma sagacidade incrível, e é incansavel em vos servir e assistir. *Madame Thianges* dizia á *Marmontel*: « Uni-vos mais depressa a uma mulher do que a um homem, se quereis dar largos passos pela estrada da fortuna. Uma mulher cuidará em vós com fervor, emquanto os vossos protectores e amigos cuidam de si. Ella escolherá todos os momentos, repetirá vezes mil os assaltos, triumphará pela sua insistencia, pelas suas graças e pelos seus macios rogos. »

Dizia *Zoroastro*: « Sê protegido por uma mulher, e nada temas. »

A mulher participa de todos os sentimentos briosos, de todas as generosas paixões do amigo, não se occupa com elle em unicas bagatellas, eleva o seu character, associa-se com a sua fama, veste-se com a sua gloria. Tendes um projecto? comvosco o examina e discute. Seu juizo é fino, seu conselho salutar, e parece que prophetisa.

Atormenta-vos alguma acerba mágoa, algum triste cuidado? Uma terna e verdadeira amiga participa de vossas penas, e é um encanto para suavisar os vossos males.

As mulheres são piedosas enfermeiras dos corpos doentes, são um balsamo para as chagas do coração, têm palavras magicas com que adormentam as dores.

A mulher, como temos tido a fortuna de conhecer, é a amiga do nosso coração, e se torna o nosso conselho, conforto, allivio dos nossos trabalhos e prazer das horas placidas da vida. *Thomas*, dizia, e com muita razão, que era mister um amigo nos grandes lances da vida e uma amiga para o prazer diario: mas pela historia se prova, que tambem

nas mais arduas circumstancias, as mulheres foram mais do que homem, e mostrando na amizade uma adhesão sublime, uma firmeza heroica, como adiante mostraremos, affrontaram todos os perigos, insultaram os tyrannos, e souberam morrer.

O amor, delirio dos sentidos, perturbação da razão, poderá ao homem de grave character e de grandes bens, que for insensivel aos attractivos da existencia, parecer fraqueza e este lhe cederá com pejo: mais o homem de maior coração, mais envolvido em grandes estudos e negocios, precisa de uma amiga para descansar suavemente depois de uma vida agitada. O sabio *Periclis* consultava a douta *Aspasia*: muitos outros homens de estado tiveram uma doce amiga que lhes inspirou magnanimidade. Abri as venerandas paginas da historia, e lá achareis em cada um de seus capitulos e paragraphos, variados exemplos do que acabamos de dizer.

Uma amiga é necessaria para um homem de letras: tal era *Mme. de la Sablière* para *Lafontaine*, *Mme. Helvecio* para o *Dr. Russell*, a marquiza du *Chatellet* para *Voltaire*, *Mme. la Villete* para *Bolingbroke*; *Elisa Drapier* para *Stern* e *Raynal*, *Mlle. L'Espinasse* para *D'Alembert* e *Mme. Lambert* para *Sacy*.

Todos sabem que o mundo deve ás mulheres o que tem de mais precioso: ellas estimulam as artes, as sciencias e a poesia. Quem foi, senão *D. Catharina de Ataide*, que accendeo no animo de *Camões* o amor da patria, e fez arrancar da harpa sonora os maviosos sons que têm de levar o nome portuguez aos confins das eras!

Laura; as princezas *Leonor* e *Beatriz*, não foram as musas de *Petrarca*, de *Tasso*, de *Bernardín Ribeiro*? Entre nós não foi *D. Maria Joaquina Dorothea de Seixas* que inspirou, ao desterrado de *Angoche* (*Dr. Thomaz Antonio Gonzaga*), as lyras immortaes que por ahí correm com o titulo de *Marilia de Dirceo*?

As mulheres, têm um sentimento delicado; uma intelligencia prompta, um gosto finissimo, e são excellentes juizes em materia de sentimento; julgam mais com o coração, que com o espirito: o espirito vê, e o coração sente. Uma sabia amiga, póde ser utilmente consultada; póde inspirar um grande escriptor, inflamma-lo no amor do bello e da verdade. « Parece-me (diz *Raynal*) ouvi-la do alto dos céos: esta musa

« severa que te contempla (diz ella), é a Historia, que tem
« a seu cargo determinar a opinião da posteridade; esta dis
« vindade que sobre o globo passeia, é a Fama, que se não
« despreza de entreter-se um momento contigo: ella me
« trouxe as tuas obras e preparou a nossa doce união pelo-
« sagrados vinculos da estima. Olha esta Phenix que nunca
« morre; estes emblemas te exhortam continuadamente a
« mostrares-te o defensor da humanidade, da virtude e dos
« sagrados direitos do homem: do alto dos céos, tua primeira
« e ultima patria, recebe Elisa, o meu juramento: — Juro
« não escrever uma só linha que não faça honra ao meu
« coração, e em que se não conheça o teu amigo. »

Tal é a felicidade do que se une a uma mulher em vin-
culos de honesta amizade; então se conseguem aquelles ter-
nos desvelos que os homens não têm entre si senão pela
metade; a differença dos sexos, que não póde de todo es-
quecer-se, põe um encanto novo nesta amizade; prova-se um
sentimento mysterioso, indefinido, dulcissimo, que não é
amor, não é amizade, porém que participa de ambos, e tem
todas as delicias delles. Tem menos transportes que o pri-
meiro; tem mais vivacidade do que o segundo.

Porém, esta amizade, assim considerada e observada, só
póde dar-se entre pessoas bem creadas, de espirito fino e
alma cheia de delicadeza: feliz, quem tem a fortuna de se
achar nestas circumstancias. O homem, mais do que nin-
guem, se considera venturoso, porque conseguiu uma tal
amiga: ao contrario, é um tormento quando nos vemos sepa-
rados e privados da pessoa que tinha o segredo da nossa alma,
e a quem nós devemos a vida do coração e a vida celeste! O
celebre *d'Alembert*, perdeu ao mesmo tempo *Mme. Geof-*
frin, que costumava visitar todas as manhãs, a *Mme. L'Es-*
pinasse, com quem passava as tardes. « Ah! (dizia *d'Alem-*
« *bert* a seus conhecidos, cheio do mais acerbo pezar) depois
« que a morte me roubou estas pessoas, tão queridas da mi-
« nha alma, já para mim não ha manhã nem tarde. — Quem
« teve uma terna amiga, e a grande infelicidade de a per-
« der (exclama um philosopho), perdeu quanta doçura
« ha no mundo, tudo quanto lhe fazia amavel a vida; cahio
« do céo sobre a terra! » Exemplifiquemos com um factio,
bem que embellezado pelo pincel da imaginação, comtudo

como é elle facto real, aqui se verá a mulher na adversidade (1):

CARLOS DA SILVA (*á parte, olhando para HENRIQUETA, enquanto ella põe a roupa na condeço*).

Anjo do céo, que á terra me prendeste,
Com teu amor tão puro, e teus cuidados !
Por ti, e só por ti, que eu sinto as mágoas,
D'insoffridó penar... se tu não fôras...
Os tormentos da vida acabaria...
Desta vida infernal, peor que a morte...
Horriovel pensamento... e meu filhinho...
Innocente... sobre elle meu duro fado
Descarrega tambem seu golpe injusto...

HENRIQUETA (*indo ao pé de CARLOS*).

Adeos, Carlos ! Adeos...

CARLOS (*com melancolia*).

Assim me deixas ?

HENRIQUETA (*com candura*).

E' forçoso sahir... tu bem o sabes...
Vou levar essa roupa a meu freguezes...
Não lhes devo faltar... disso vivemos.

CARLOS (*erguendo-se com amargura*).

Obrigada a servir, para que eu viva !
Tu !.. que outr'ora feliz, e na abundancia
De nada carecias !.. hoje... tudo !..
Em vez de lauta mesa, pão de rala...
Em vez de festas... lagrimas, suspiros...
Que suffocas até para que os não veja...
Em vez d'um pae, que é rico e poderoso...
Um marido proscripto... homisiado...
-Cuja vida talvez não seja longa...
E tenha de acabar n'um cadafalso...

HENRIQUETA (*com ternura*).

Não digas tal... as penas que tu sentes
Eu as quero tambem soffrer contigo.

(1) *Henriqueta ou o Proscripto*, drama portuguez.

Qu'importa o que eu perdi?... sou tua esposa ;
Deste nome sagrado me glorio...
Quando todos na terra te abandonam
Eu estou perto de ti... Um peito amante
Palpita junto ao teu, por ti suspira,
E vive de te amar... e de provar-to...
Se barbaros algozes te procuram
E querem no teu sangue embriagar-se,
Eu posso proteger tua innocencia,
Esconder-te a seus olhos, carneiros,
Velar ao pé de ti, e defender-te.

A amizade e o amor da mulher para o homem, é tão antigo e tão exemplar e heroico que a propria historia se admira de tamanha magnanimidade. Ella é sempre a mesma como mãe, como filha, como amante, como esposa, como amiga, como agradecida, e como tudo : vejamo-la.

Da mulher como mãe.

Principiaremos pela SAGRADA VIRGEM, typo dos soffrimentos e de dor, que nunca desamparando a seu FILHO, acompanhou-o até o Golgotha. Quereis ver até onde chega a vehemencia da dor do coração materno, ouçamos, com profundo respeito, e com santa veneração as proprias palavras da DIVINA SENHORA, dirigidas á sua amada serva Santa Brigida, segundo refere o Padre Frei Sarmiento, no seu estimavel e classico livro, o *Flos Sanctorum*.

« Era meu FILHO de milagrosa compleição, e assim trabalhava n'ELLE a morte com a vida; as dores que padecia subiam dos pés e mãos cravados, da cabeça traspassada, e dos nervos e veias rotas, até o seu coração ternissimo, e o atormentavam com incrível angustia. Resistia a valentia do coração á violencia das dores, e assim tornava a diffundir-se pelos nervos, e se prolongava a morte com indizível amargura. Estando nesta batalha de innumeraveis agonias,

« voltou para mim os seus olhos, e conhecendo a grandeza do
« tormento que a minha alma padecia, foi tanta a amargura
« e tribulação do seu coração amantissimo, que rendendo-se
« á inexplicavel angustia da morte, segundo a humanidade,
« exclamou a seu ETERNO PAI, dizendo: — PAI, NAS VOSSAS
« mãos encommendo o meu espirito. —

« E como Eu, a mais triste de todas as creaturas, ouvisse
« o clamar do meu FILHO, e conhecesse que era signal da
« sua morte, tive tanta tristeza e dor na minha alma e corpo,
« que principiei a tremer com tal força, que as entranhas se
« me estremeciam e todos os membros e ossos do meu corpo
« tremendo, batiam uns nos outros, com tanto pavor e es-
« panto, e com tão amarga dor do meu coração, que faltam
« palavras para o explicar. Olhei então para meu FILHO
« SANTISSIMO, e conheci que o seu coração se lhe partia de
« dor; vi, que todos os membros do seu Divino Corpo, hor-
« rorosamente estremeciam; vi, que levantou um pouco a
« sua santissima cabeça, e logo a inclinou para mim, sua
« afflicta e dolorosa mãe; vi, que a boca se lhe abria e que
« a lingua se divisava toda coberta de sangue gelado; vi,
« que as suas mãos sacratissimas se retiravam um pouco dos
« cravos, alargando as feridas, e que todo o peso do corpo
« se deixava cahir sobre os divinos pés; vi, que os dedos das
« mãos e os braços se estiravam, e que as costas se apertavam
« fortemente contra a cruz... »

« Estão, pois, consummados os oraculos (continúa o Padre
« Sarmiento) dos Prophetas Santos, consummados os decre-
« tos da justiça divina, e consummados os excessos da barba-
« ridade humana. O autor das nossas vidas, o esposo amado
« e amante fino das nossas almas, na bella flor dos seus annos,
« á vista de todo o mundo, á hora do meio dia, com horror
« dos Anjos... com assombro da natureza... fecha os be-
« nignos olhos, inclina a sacrosanta cabeça, e põe termo fi-
« nal á sua preciosa vida. E á vista de um tal excesso, fica
« penetrado summamente todo o insensivel; tudo nelle era
« assombro, tudo horror e confusão. Sepultou-se o sol em
« um medonho eclipse, cobrindo com negro manto a ma-
« gestade dos seus raios; escureceo-se funestamente a lua
« entre o horror de sanguinolentas manchas, e logo o céu se
« vestio de luto, o ar se cobrio de trevas, a terra se encheo
« de sombras, o mar contrastou as rochas, o véo do templo

« se rasgou, o profundo abysmo estremeceo, as pedras dos
« montes se quebraram, e as sepulturas dos mortos se abri-
« ram; tudo em testemunho authenticico do sentimento uni-
« versal que tinham todas as creaturas pela morte do seu
« Creador. »

Cornelia, a filha de Scypião o Africano, mãe de Tiberio e de C. Gracho, sendo visitada por uma matrona da Campania, esta lhe mostrou por ostentação varias joias preciosas, que de proposito levava, e pedindo a *Cornelia* que lhe mostrasse as suas, immediatamente *Cornelia* foi buscar seus filhos, e, apresentando-os á sua amiga disse-lhe : « *Eis aqui as duas joias mais preciosas que eu possuo* (1). »

As Spartanas eram tão nobres de sentimentos, e tinham sobre os homens um tamanho poder, que uma estrangeira, admirada, fallando á esposa de Leonidas, lhe disse : « Vós, « ó Lacedemonias, sois as unicas que governaes os ho-
« mens »; ao que lhe tornou a matrona Spartana, que a razão era por serem as unicas que sabiam parir homens.

Uma mãe deo a seu filho, ao sahir para a guerra, um escudo com esta legenda : « Volta com elle, ou sobre elle. » E outra senhora, ouvindo dar-lhe más novas de seu filho, responde com a serenidade de uma alma magnanima : « Mor-
« reu meu filho com o destino para que eu lhe dei o ser. »

Na guerra da independencia da America, os generaes Inglezes faziam tantas crueldades, que não poupavam as proprias crianças. *Fergusson*, *Brown* e *Tarletan* (coroneis), adquiriram tamanha reputação de crueldades e perfidia, que ficou proverbial, que ainda hoje na America do Norte, aos contractos de má fé, chamam *convenções á Tarletan*.

Fergusson mandava arcabuzar os habitantes em presença de suas mulheres, a quem ameaçava com a mesma sorte quando imploravam a sua piedade. Um dia, em que havia reunido grande numero, para as executar em massa, foi atacado d'improviso por um corpo de tropas do general americano *Simpiter*, que o matou e a todos os seus satelites.

Quando o coronel *Brown*, fois aprisionado no forte *Cornwallis*, que commandava, e se lhe deo uma escolta para voltar

(1) Os Romanos, vendo que o luxo era excessivo, estabeleceram lei *Opia*, para modera-lo e circumscreve-lo.

a Savannah, teve de atravessar os paizes, cujas casas muito recentemente tinha queimado e feito enforcar os seus moradores; e quando chegava a Sylver-Bluff, uma mulher, mettendo-se rapidamente por entre a escolta, se collocou em frente d'elle, e segurando-o: lhe diz : « Coronel Brown, lem-
« bras-te do dia em que fui ao teu acampamento pedir-te de
« joelhos a vida de meu filho, e que tu, surdo ás minhas sup-
« plicas, mandaste enforcar, á vista da propria mai, um jo-
« ven que apenas entrava na adolescencia? Ah! eu mesma
« vi, com estes olhos, os selvagens que capitaneavas, desco-
« zerem-lhe a sangrenta pelle da cabeça! Agora, barbaro,
« que és prisioneiro dos chefes da minha patria, suspendo
« momentaneamente a vingança, mas desde o dia em que
« tiveres recuperado a liberdade, armarei as minhas debeis
« mãos, e irei onde te achares, pedir-te satisfação da morte
« do meu filho. »

No tempo da revolução franceza, quando o espirito vertiginoso nada respeitava, viam-se as emoções mais fortes da natureza, e o character sublime e compassivo que sente tudo com excesso na alma apaixonada de uma mãe.

Uma mulher, a quem algumas pessoas da sua amizade reprehendiam por chorar no momento que a arrebatavam do seio da sua familia, para a conduzirem diante do tribunal de sangue, respondeo com doçura : « Por ora pertenço ainda
« aos meus filhos, e devo este desafigo á natureza; logo vos
« mostrarei que sei morrer com valor. » Ouvio depois a sentença, e morreo como christã.

Entre 22 mulheres que foram levadas de uma só vez diante do tribunal revolucionario, em 25 de julho de 1794, para serem sentenciadas, havia uma senhora que levava uma creança ao peito. O espectaculo compassivo de a ver dando de mamar ao filhinho em tão terrivel lance enterneceo a todos os assistentes. Os juizes, observando esta scena, mandaram-na retirar para uma sala vizinha, sem nada lhe perguntarem, e finda a sessão, foram dizer-lhe que estava condemnada á morte, e arrebataram-lhe a creança dos braços. Vendo-se esta triste mãe sem seu filho, e na camara dos condemnados, deo tamanhos gritos de desesperação, pedindo a morte, que a nada attendia senão a isso. Vendo que ainda assim nada conseguia, no horror da sua desesperação lança-se aos pés de seus algozes, antes de partir para o supplicio, com as

mais supplicantes vozes pedindo o seu filhinho, que por fim (surdos estes tigres), em dilirio de raiva e de desesperação, acabou esta infeliz no supplicio, bem que em estado de perfeita alienação mental.

Uma senhora ia para Nantes com seu filho que tinha tirado de um hospital militar, onde se achava desde muito tempo por causa das feridas que recebêra em muitos combates contra os insurgentes da Vendée. Bem que extremamente fraco este individuo, sua intrepida mãe, tinha esperanças de o levar sem perigo. Posta em viagem, e suppondo já ter atravessado os lugares de maior perigo, avisinhando-se dos postos dos republicanos, ouviu tiros, e sentio zunir balas á roda da sua carruagem. O seu primeiro impulso foi de lançar mão das pistolas, mas a presença de muitos homens a cavallo, dos quaes um lhe disse com muito bom modo que se apeasse, suspendeo o seu resentimento. « Não me posso apeiar (respondeo ella), porque tenho comigo um moribundo que me foi confiado; supplico-vos, que tenhaes compaixão do seu triste estado. »

« Com muito boa vontade (responderam os cavalleiros), mas queremos saber quem é esse homem? »

« E' o meu proprio filho (disse esta respeitavel senhora) »; mas os ladrões, vendo que ella estava em extremo consternada, suppozeram que o filho era algum dos inimigos que elles procuravam; intimaram-lhe novamente que se apeasse, sob pena de ser arcabuzada com o filho. Esta ameaça fez conhecer á intrepida mãe as apertadas circumstancias em que se achava. Medio o terreno, e vendo a desigualdade das forças, disse para o criado que a seguia e em quem muito confiava : « Elles são 9, defendamo-nos. » Dito isto, poz-se por diante do filho, atacou os aggressores, e matou 2; vendo que seu filho estava ferido na cabeça, e que mataram o postilhão, criado e os cavallos, deo um grito de horror, e, saltando fóra da carruagem, atacou com mais heroicidade que dantes com a espada do filho; porém cercada de todos os lados, não pôde resistir, e foi amarrada a uma arvore e o filho a outra, para ser em presença della arcabuzado. Os tormentos que elles queriam fazer soffrer a esta desolada mãe, prolongando diante della o spectaculo horrivel da execução do desgraçado que, coberto de pó e de sangue, hesitava já entre os soffrimentos e a morte; foi justamente o que salvou a vida

de um e outro. Como esta scena se passava a pouca distancia de um posto de republicanos, o commandante, ouvindo os tiros, destacou um piquete de 50 homens de cavallaria, os quaes ouvindo a pouca distancia uns gritos, carregaram a toda abrida e chegaram no momento em que os ladrões iam consummar o crime. Os ladrões foram, apezar da resistencia, passados a fio de espada. Em consequencia do que tinha a senhora visto, desmaiou e ficou sem sentidos, e os soldados republicanos não podendo ahi prestar-lhe todos os soccorros, levaram-na para o posto do destacamento, onde ella viveo. Vendo-se sem seu filho, e que ninguem lhe dava noticia, e que talvez os soldados o não conduzissem por suppo-lo morto, pedio com instancia que a levassem ao campo da batalha. « Meu filho suspira ainda (exclamou ella), e merece « os vossos cuidados e a vossa compaixão porque derramou « o seu sangue no serviço da patria. Ai! Quem sabe se terá « sido victima de outros ladrões? » Não era preciso tanto para excitar o zelo dos seus bemfeitores.

Elles tomaram com ella o caminho por onde tinham vindo, e foram ao lugar do combate. Alguns soldados, dos que iam descobrindo campo adiante do destacamento, viram um homem com um lenço ensanguentado atado á roda da cabeça, fazendo diligencias por se esconder. Era o filho que a consternada mãe procurava com tanta ancia, o qual tendo recobrado os sentidos fugia do sitio onde fôra testemunha de tantos horrores. O sangue em que o viam tinto, e os esforços que fazia para fugir, motivavam a suspeita aos soldados da vanguarda ser algum dos ladrões que tendo escapado á morte, fazia diligencias para salvar a vida, o que os determinou a cutila-lo sem attenção aos gritos e ás supplicas do desgraçado mancebo. O destacamento chegou no mesmo momento em que os primeiros soldados que vieram, acabavam de o lançar em uma vala. A triste mãe, que ia lançando a vista para toda a parte, vendo este corpo estendido por terra, conheceo instantaneamente ser seu filho, deo um grito horrivel, precipitou-se da carruagem, e foi abraçar-se com elle.

A reunião de tantas desgraças esgotou as forças de ambos: os republicanos os conduziram ao seu posto, incertos se conduziam duas creaturas vivas ou dous cadaveres. Este in-

feliz restabeleceo-se, e sua heroica mãe teve a consolação de o conduzir para Nantes.

Madama L. C., a quem o furor do Jacobinismo tinha arrebatado um esposo estimavel para o entregar ao ferro da guilhotina, dormia com 2 filhinhos, quando sentio arrombar-se-lhe com grande estrondo a porta de sua camara pela meia noite, ouvindo ao mesmo tempo algumas vozes de máo agouro que a chamavam pelo seu nome.

Espavorida com um acontecimento tão cruel, toma os filhinhos nos braços e apresenta-se aos seus algozes, como um signal da sua innocencia, para-os mover á compaixão com um espectáculo tão terno. « Ha hoje 8 annos (lhes diz ella), « que eu dei a luz a estes 2 gemeos. Seu pai, foi já victima « da vossa raiva. Não quereis deixar sobre esta terra ensanguentada senão a gente perversa, orphãos, cinzas e caba- « nas? » Os infames satellites da tyrannia arrebataram-na, sem lhe darem tempo para se vestir, e conduziram-na a uma masmorra, donde foi levada para o supplicio.

Diz a historia que em Lião horrorosas scenas se praticaram, e que no momento em que se interrogava um preso, a sua sorte era secretamente decidida. O carcereiro conhecia a mysteriosa senhia, e conduzia a desgraçada victima para o lugar da prizão que lhe era destinado. No primeiro lanço da escada do edificio havia uma porta á que se tinha posto uma cancella. As mãis que tinham seus filhos presos, quando sabiam que elles eram chamados a interrogatorios, esperavam consternadas da parte de fóra desta cancella para os ver passar; se o carcereiro voltava logo, era signal de que o preso tinha sido deposto na prisão de favor; mas se se demorava, era signal certo de morte.

Quando os presos passavam junto desta grade, atrás do seu funesto conductor, viam o triste espectáculo que offereciam estas afflictas mulheres. Mais atrás desta grade viam-se outras de joelhos, banhando o ladrilho de lagrimas, esquecendo-se de que eram vistas naquella situação humilhante por toda a gente que passava, para se occuparem unicamente em supplicar ao Autor da vida pelos infelizes objectos por demais queridos por quem estavam submersas de afflicção.

Não referimos exemplo algum entre nós de amor mater-

no, porque são tantos e tão multiplicados, que seria infadonho mencionar: olhae para cada uma brasileira, e sem a menor duvida tereis um exemplo sem replica de amor materno.

De mulher como esposa.

Eu estimaria (diz um escriptor) *poder eternisar todas as heroínas do amor conjugal, e trazer á memoria os seus nomes e os numerosos monumentos de sua magnanimidade;* porém como isto é quasi impossivel, referiremos alguns d'entre um grande numero.

Theogena, esposa de Agathrocles, rei da Sicilia, de nenhuma sorte se quiz apartar d'elle em uma molestia contagiosa, dizendo que casára para ser sua companheira em todas as circumstancias da vida.

As mulheres *Lacenas* tendo os consortes captivos, mudaram o traje e metteram-se disfarçadas nas prisões, e deram traças com que elles fugissem.

Na conspiração contra Cesar, alguns escriptos anonymos que *Bruto*, então Pretor, achou sobre a mesa do seu tribunal, despertaram na sua alma os sentimentos republicanos: — O' Bruto, tu dormes; tu já não és o mesmo. Bruto pensativo vivia, e *Porcia*, a illustre filha de Cãtão, a mulher de Bruto, conhecendo que seu marido estava muito agitado e que lhe escondia alguma cousa de grande importancia, fez uma profunda ferida em uma das suas coxas para experimentar a sua força contra a dor; certa de poder guardar um segredo nos proprios tormentos, descobriu a sua chaga a Bruto, communicando-lhe o motivo daquella valorosa acção, e obteve a confidencia que desejava. « Queira o céo (exclamou Bruto), que eu me mostre digno esposo de *Porcia*. » « A alma de Cãtão (diz o abbade Millot) respirava em uma « mulher educada pela philosophia, com superioridade aos « homens do seu seculo. »

Marcella, romana, de peregrina formosura, perdeu seu

esposo 7 annos depois do seu desposorio : ficando viuva no verdor dos annos e cheia de attractivos, foi por *Cercale*, consul romano, loucamente amada, homem maduro, e que a desejava para esposa, prometendo faze-la herdeira dos seus muitos haveres. Não podendo obter della a menor demonstração de affecto, *Cercale* empenha-se com Albina, mãe de Marcella, para obter o consento da filha em presença das vantagens que lhe offerecia semelhante união, e posto que regeitando, a illustre viuva disse a sua mãe, que « se ella não « pretendesse guardar perpetua castidade, buscaria marido, « e não herança. » Ao que tornou o pretendente « que os « velhos tambem podiam viver muito, e os moços morrer « cedo. » « Assim é, disse ella, que podem morrer cedo os « moços, mas não podem viver muito os velhos. »

Porcia, a menor, ouvindo louvar a uma matrona romana, que casou segunda vez, disse : *Fœlix et pudica matrona, nunquam præterquam semel nubit.* A senhora ditosa e honesta não casa mais que uma unica vez.

A outra senhora a quem perguntou-lhe a mãe se estava contente de se ter casado, respondeo : « Estou tão contente que « não quero casar mais. »

Valeria, por morte de seu marido Servio, sendo instada para novamente casar-se, respondeo : que seu esposo Servio sempre para ella estava vivo.

Os parentes de *Annia*, persuadiram-na para que se casasse segunda vez, visto ter ficado moça e mui gentil, e respondeo « De nenhum modo farei isto, porque se achar um bom « marido, sempre viverei com susto de o perder ; e se o achar « máo, de que me servirá elle, depois de ter tido o bom que « eu perdi ? »

Catharina da Suecia, filha de Santa Brigida e de Hulfo, principe de Nericia, depois da morte de seu esposo, sendo pretendida, jamais consentio que seu pai lhe fizesse um novo contraeto.

Margarida de Este, filha do marquez de Ferrara, casou-se com Roberto Malatesta, senhor de Rimini, e fallecendo este, voltou para a companhia de seu pai com o firme proposito de passar o resto de sua vida com a saudosa idéa de seu esposo, e sendo constringida por este, que havia contractado casa-la, fez tamanhos excessos de resistencia que por fim conseguiu o seu intento.

Como exemplos de fidelidade conjugal, no estado de viuvez, a historia nos conserva a memoria das rainhas Isabel de Portugal (1). Isabel de Hungria, a imperatriz Conegunda, Margarida da Escocia, Thereza de Leão e Clotilde de França.

Na occasião em que os Turcos cercavam a cidade de Agria, na Alta Hungria, no anno de 1552, com um exercito de 70 mil homens, muito concorreo para a defeza o valor das mulheres. Uma, assistindo sobre uma muralha, entre sua mãe e seu marido, veio uma bala o matou; e dizendo-lhe a sogra que cuidasse em enterrar o cadaver, respondeo-lhe a nora: « Nunca Deos queira que eu enterre o corpo sem « alma, e ainda para mim amado, de meu marido, sem que « primeiro o haja vingado. »

Joanna de Hespanha, filha de Fernando e Isabel, depois da morte de seu marido, Filippe I, conservava tão vivas as saudades, que, todos os dias, abria o caixão em que conservava o seu cadaver para o banhar de lagrimas e encher de caricias.

Quando *Canuto* III tomou Winsperg, deo permissão ás mulheres para que sahisses da cidade, levando consigo o que tivessem de mais precioso; e qual não foi o seu espanto, quando vio que, desprezando tudo, levavam, essas heroínas do amor, ás costas, umas seus esposos, outras seus pais, irmãos, amantes, etc.? Por semelhante causa, tudo o mais foi por amor della perdoado.

Roberto, rei da Bretanha, na guerra contra os Syros, recebeu no braço um golpe com ferro envenenado, o qual não podia sarar, sem que alguém extrahisse com a boca o mal que se achava ali depositado. Não querendo elle expor a vida de ninguem, dispunha-se a morrer; e quando dormia, sua esposa lhe desatou a ferida, extrahio-lhe todo o veneno, salvou-lhe a vida, perdendo ella a sua.

(1) E' por demais tocante a allocução que por duas vezes essa mulher exemplar fez ao infante D. Affonso, seu filho, quando se rebellou contra D. Diniz, seu prudentissimo pai. As chronicas portuguezas falam com tanto respeito dessa santa mulher, e da sua resignação quando degradada injustamente por infundadas suspeitas, que transcreveram, para monumento eterno, as suas formaes palavras, e os pormenores deste acontecimento.

Clara Cervante, dama mui formosa, casou-se em Flandres com *Bernardo de Valdaura*, que passava de 40 annos. Tempos depois do seu consorcio, Bernardo cahio enfermo de molestia hedionda e contagio sa. Os medicos, que assistiam ao marido, desconfiavam da sordidez e podridão das feridas, e por isso temiam toca-las; porém *Clara*, tratava a seu esposo com tão anciosa diligencia, que admirava a todos, chegando mesmo a vender tudo o que possuia para salva-lhe a vida. Morrendo Bernardo, sentio esta caridosa amante tantos pezares que esteve em risco de perder a vida. Ficando viuva, ainda muito moça, talvez pelo acrisolado amor e não mentida caridade, foi rogada instantemente por um cavalleiro para que se cacasse com elle, ao que formalmente recusou, dizendo que Bernardo tinha sido o seu unico amor, e que elle para ella ainda vivia porque o seu apartamento era o de uma viagem. Elle, indo com mais pressa, foi esperar por ella na Eternidade.

A Srna. D. Maria da Gloria, rainha de Portugal, quando sentio por annuncios que a morte se approximava ao seu leito de tormentos e dores, a primeira lembrança que teve foi a de chamar por seu esposo, e, entre caricias e abraços, arrancou d'alma estas ultimas palavras: « Muito me custa « deixar-te; não ha remedio. » E expirou.

A mulher na adversidade é ainda maior que tudo no mundo: vejamo-la.

A mulher de Mr. Lefort, preso como conspirador em um dos departamentos do Occidente (em França), depois de tentar todos os meios para lhe conseguir a liberdade, comprou a permissão de o ir ver. Chegada a hora indicada pelo carcereiro, correo á cadeia, e sem se demorar com vãs demonstrações de ternura, determinou-o a que se vestisse de mulher com fato que ella levava de mais, e a que sahisse da prisão com este disfarce. Tudo lhe sahio á medida do seu desejo; o marido escapou-se sem que se descobrisse o engano até o dia seguinte. « Desgraçada (lhe disse um representante, que fizeste? » « A minha obrigação (respondeo ella com firmeza), faze tu agora a tua. »

Madama de B., nascida na opulencia, mas privada pela revolução de todos os seus bens, vivia retirada em um arrabalde do Pariz, sem mais meios de subsistencia, do que o

que podia ganhar pelo trabalho das suas mãos. A unica consolação que suavizava a sua pobreza, era a lembrança de um esposo que ella adorava e de quem ignorava a sorte. Esta virtuosa mulher devia ao retiro em que vivia, a esperança consoladora de que tornaria a ver um esposo que o cada-falso lhe roubára havia muito tempo. Ella estava possuida desta doce esperança, quando a lei, que fazia sahir todos os nobres de Pariz no prazo de tres dias, a veio reduzir á mais horriavel desesperação, privando-a dos fracos meios de subsistencia que ainda lhe restavam. Reduzida pela sua indigencia á impossibilidade de se transportar para um paiz estrangeiro e á de poder subsistir nelle, tomou a resolução de se deixar ficar no seu escondrijo, exposta ao rigor da lei, esperando talvez que a sua obscuridade e a sua probeza a salvariam da vigilancia publica. Vã esperança! Ella tinha já sido observada e reconhecida pelos agentes da junta revolucionaria da sua secção, os quaes foram fazer a visita domiciliaria da casa onde ella assistia, logo que expiraram os 3 dias prescriptos pela lei, com ordem de a prender, se se não tivesse retirado. Ella estava só, trabalhando na sua costura, quando os satellites da tyrannia se apresentaram no seu asylo. Ella ouviu com todo o socego a leitura da ordem de prisão até o momento em que pronunciaram estas palavras: *Viuva de M. B., morto no cada-falso como conspirador.* Dando então um grande grito espavorido, cahio por terra quasi fóra de si. Os satellites espantados de uma mudança tão extraordinaria e tão repentina, levantaram-na, e conhecendo o motivo da sua afflicção, fallaram-lhe assim: « Acaso ignoravas que teu marido foi guilhotinado? Ha já muito tempo « que isto succedeo, e tu devias ter deitado luto. » Este tom ironico e cruel, fez tomar a Mma. B. toda a energia da sua dor. « Barbaros! (lhes disse ella) vós vindes insultar ainda a minha desgraça; não imagineis que haveis de gozar « do espectaculo da minha desesperação; sabei que nem vós, « nem todos os vossos supplicios são capazes de abalar a minha constancia. Eu tenho mais desejo de morrer do que « vós de derramar o meu sangue: sim, desejo a morte com « tanta ancia, que vos quero dar todos os pretextos possiveis « para que sacieis a vossa raiva, assegurando-vos que não cesei ainda um só instante de conspirar pela volta da Realeza. » Não era preciso tanto para excitar o zelo dos agen-

tes da Junta. Madama de B. foi conduzida para uma cadeia, donde sahio alguns dias depois para o cadafalso.

Clavière, natural de Genebra, muito versado no ramo das finanças, tinha sido elevado pelo seu merecimento ao emprego de ministro das contribuições. Proscripto depois pela facção de *Marat* e lançado em uma masmorra, apunhalou-se para evitar o cadafalso. *Clavière* tinha uma esposa que amava ternamente e de quem era amado do mesmo modo. Antes de se privar da vida, achou um meio para a informar da resolução que tinha tomado. A esperança de ver o seu querido esposo justificado e de o poder possuir, era o unico motivo que ligava ainda á vida esta esposa desolada e inaccessible a toda a especie de consolação que não tivesse por objecto a liberdade de seu marido. Esta infeliz suppunha já proximo o momento de ver realizar os seus desejos, quando recebeu a fatal carta que elle lhe escrevêra. A dôr não teve talvez nunca uma expressão tão tranquillã e tão concentrada. Logo que soube dos papeis publicos da morte de seu marido, tomou a sua resolução, encerrou-se em um quarto por alguns instantes, tomou veneno, e mostrou-se friamente aos seus amigos e aos seus parentes, que se tinham ajuntado em sua casa para a consolar. Ninguem conheceo que ella se envenenara senão quando os effeitos do veneno se começaram a manifestar. Ella fez então ajuntar a sua familia, e declarou aos seus filhos e aos seus parentes que o seu ultimo momento estava proximo. « A minha morte (lhes disse ella) não vos « deve affligir, porque põe termo aos meus votos; vou ajun- « tar-me áquelle para quem não cessei nunca de existir, e « sem o qual me seria impossivel viver. Abençoi para sem- « pre a sua memoria (acrescentou ella, voltando-se para « os seus filhos), vós, a quem elle inspirou todos os princi- « pios das virtudes que existiam no seu coração! Derramai « tambem algumas lagrimas pela sua infeliz esposa e por « vossa mãi. » Depois deste discurso fez algumas disposições relativas a diversos interesses da sua familia, poz os seus negocios em ordem, recusou toda a qualidade de soccorros e dispoz-se para morrer. No meio de horriveis convulsões que soffreo por espaço de uma hora, teve sempre presente na imaginação a imagem de seu marido. De tempos á tempos, proferia algumas palavras entrecortadas pela dôr, mas fortemente articuladas. « Esposo generoso! (exclamava ella) eu

« sou digna de ti!... Eu te ouvi deliberar sobre a tua morte, « sem desmaiar. Eu aprovei a tua resolução republicana... « Eu vi dirigir o punhal sobre o teu peito e a tua mão fir- « me marcando com constancia o lugar, onde o devias cra- « var. Tu me déste o signal, e eu te imitei; recebe o sacrificio « da minha vida como o ultimo penhor do meu amor! » Esta mulher celebre, que a sua modestia fez sempre estrangeira a todos os negocios, que procurava um nome brilhante, morreo no meio destes sentimentos. Os seus talentos e a força da sua alma, a teriam sem duvida collocado na ordem das mulheres mais extraordinarias do seu seculo, se ella tivesse tido a amor proprio de se fazer valer.

Quando a cidade de Lião era o theatro das mais sanguinolentas execuções, uma mulher sabendo que seu marido fôra inscripto na lista dos proscriptos, communicou-lhe esta fatal noticia, deo-lhe o seu dinheiro e as suas joias, e determinou-o a que fugisse, e vestio-se com o fato deste esposo ameaçado. Ainda o sol se não tinha escondido no horizonte, quando os esbirros dos sanguinarios facciosos o foram procurar. Sua mulher se apresenta, e como estava vestida como elle, foi conduzida á junta revolucionaria na supposição de que era o marido. Ainda bem os juizes não tinham principiado os interrogatorios quando conheceram o seu engano. Perguntando-lhe onde estava seu marido, respondeu: « Eu « o puz ao abrigo das vossas perseguições. Eu o fiz fugir (lhes « disse ella), e glorio-me muito de me ter exposto para lhe « conservar a vida. » Ameaçando-a com o supplicio, se não declarasse o caminho que elle tinha seguido, respondeo constantemente: « Feri, ferí á vossa vontade, aqui me tendes « prompta. »

« E' o interesse da patria (replicaram os juizes) quem vos « obriga a fallar. »

« Barbaros! (respondeo ella) a patria póde determinar que « se ultrage a natureza? »

Uma firmeza tão varonil enterneceo os deputados da Junta, e uma acção generosa prevaleceo por esta vez sobre o systema de crueldade que parecia ter transformado a França em um vasto sepulchro.

Que mulher se conheceo jámais tão grande e tão generosa, como Madama *Lavergne*, de quem todos conhecem a sublime generosidade, mas de que poucos estão em circumstan-

cias de avaliar a força de character porque se tem quasi sempre sacrificado á principal e ultima circumstancia da sua generosa amizade, as particularidades que a acompanhavam e que lhe davam o maior valor! Madama *Lavergne*, era, havia pouco tempo, a esposa do commandante de *Longwy*, quando esta praça se rendeo ás armas d'El-Rei da Prussia. Uma mulher bella e espirituosa, que se casa na idade de 20 annos com um militar de perto de 60, mostra bem que a estimação é o unico motivo que a determina a esta união tão desproporcionada. Comtudo, as qualidades amaveis do velho militar, juntas aos cuidados assiduos de um coração verdadeiramente inflammado, fizeram uma sensação tão forte na virtuosa esposa, que ajuntando o sentimento do amor ao sentimento de estimação que a tinham determinado a este feliz consorcio, chegou a amá-lo com os mesmos transportes com que poderia amar uma pessoa da sua idade. Depois da retomada de *Longwy* pelos Francezes, *Lavergne* foi preso para Pariz, para onde esta respeitavel esposa o acompanhou com o designio de o não abandonar nunca. Chegadas as épocas calamitosas da revolução em que o cadafalso devorava diariamente centos de victimas, *Lavergne* estava a ponto de comparecer diante do tribunal que havia de decidir da sua sorte, quando cahio enfermo na masmorra em que o tinham encerrado. Este accidente, que teria atormentado cruelmente em outra occasião a enternecida esposa, deo alguma luz de esperança á sua alma. Discorrendo segundo os sentimentos humanos e compassivos do seu sensivel coração, Madama *Lavergne* não suppunha que houvesse um tribunal tão barbaro que chamasse á um juizo de morte um homem a quem o excesso da mais terrivel febre tinha posto em lastimavel estado. Assim, olhando como um beneficio o acontecimento cruel que devia subtrahir o seu esposo á sentença sanguinaria do tribunal encarregado de o julgar, ella esperava que as circumstancias actuaes viessem a mudar com o tempo, e terminassem a seu favor o que a natureza começara. Vã esperança! O nome de *Lavergne* estava irrevogavelmente escripto sobre a lista de morte de 31 de março de 1793, e havia de ser sentenciado neste dia. Instruida desta fatal decisão, Madama *Lavergne* recorreo ás lagrimas e ás supplicas, esperando enternecer os magistrados e juizes com a pintura das desgraças em que a sua sensibilidade fundava

todas as suas esperanças. Em consequencia disto apresentase na Junta da Segurança geral pedindo unicamente alguma suspensão de tempo para o seu esposo, que ella representou devorado por uma molestia perigosa e cruel, consumido por uma terrivel febre e fóra de estado de comparecer diante de um tribunal onde o accusado tem precisão de toda a sua força para defender e disputar a sua vida contra os denunciantes que lha querem arrebatár. « Representai-vos, cidadãos (lhes disse então a afflicta esposa), representai-vos um « desgraçado conduzido diante de um tribunal que ha de « decidir da sua sorte. Que quereis vós que elle responda aos « accusadores animados pelo odio e que são sustentados por « todas as forças moraes e phisicas, quando a vehemencia da « molestia lhe conserva á elle apenas o pouco alento indis- « pensavel para entreter os fracos restos de uma existencia « dolorosa? Permittireis vós, que um homem, a quem o seu « mal priva da possibilidade de se defender, que não tem « razão nem sangue frio para responder ás accusações dos « seus inimigos, que expira talvez neste momento na sua « cama de dôr, permittireis vós, que seja chamado a um jui- « zo irrevogavel que não lhe offerece meio algum entre a « liberdade e o cadafalso? Se a humanidade se deve ajuntar « aos deveres da justiça, como quereis vós que um velho?... » A estas ultimas palavras, todas as vistas se fixaram sobre Madama *Lavergne*; o contraste da sua belleza e dos seus poucos annos, com a idéa de um esposo sexagenario e carregado de enfermidades, despertou na alma dos deputados da Junta pensamentos obscenos. Elles a interromperam com ditos picantes. Um delles lhe disse com um sorriso de derisão, que como era moça e bella, lhe não seria tão difficil, como ella suppunha, o consolar-se da perda de um esposo que a tumba reclamava. Outro accrescentou que o interesse que ella parecia tomar tanto a peito pela conservação de um tal esposo, não era natural, nem merecia por isso mesmo que a Junta fizesse caso das suas supplicas. O horror, a indignação e todos os sentimentos que consternam e dilaceram no mesmo tempo a alma, se apoderaram neste momento de Madama *Lavergne*. Ultrajada e reduzida á ultima humilhação, elle não pôde responder uma só palavra, e sahio suffocada pelo excesso da sua dôr, depois de lançar uma vista de indignação e de desprezo sobre os barbaros que ousa-

vam insultar a sua desgraça. Uma fraca esperança era a unica consolação que lhe restava em tão tristes circumstancias. Ella conhecia, por anteriores relações á revolução, um dos juizes do tribunal, o famoso *Dumas*. Apezar da sua repugnancia para se abater a semelhante gente, a infeliz senhora vai procura-lo, lança-se aos seus pés, supplicando-lhe com as lagrimas nos olhos, que empregasse a influencia que tinha no tribunal para que suspendesse a sentença de seu marido até que elle estivesse melhor. O' cumulo de desgraça e de ultraje! O barbaro *Dumas*, depois de lhe dizer que se não queria arriscar a pedir aquelle favor ao tribunal, mudou de tom, olhando para ella com olhos impudicos. « Então « (lhe disse elle), suppões que é uma grande desgraça para « ti, o ver-te livre de um marido insupportavel, que te deixa « com a sua morte toda a liberdade de empregar mais util- « mente os teus encantos? » Um raio, que cahisse sobre a desgraçada esposa de *Lavergne*, não podia fazer uma impressão mais forte no seu espirito do que fizeram as expressões atrevidas deste malvado. Levantando-se com furor, deo um grito espavorido ao insulto, o qual a fez lembrar do que tinha recebido na Junta da Segurança geral. « Justo céo (clama ella), é possivel que eu não encontre hoje senão homens atrozés! Ah monstro! (acrescentou ella, voltando-se para *Dumas*), já não pretendo nada, não tenho precisão dos teus favores, eu te espero no tribunal, onde tu verás se tenho merecido o ultraje com que acabas de me insultar. » Madama *Lavergne*, a quem tudo o que respirava se tinha tornado odioso, tomou desde este momento a resolução de morrer. Fortificando-se nesta resolução, foi para o tribunal, confundio-se na multidão do povo, e esperou em silencio a hora da audiencia. O seu esposo é chamado, levam-o sobre um colchão, fazem-lhe algumas perguntas, a que elle respondeo com uma voz moribunda, e sem embargo disso foi condemnado á morte. Madama *Lavergne*, levantando no mesmo momento os braços, clamou muitas vezes: *Viva el-Rei!* Disseram-lhe de toda a parte que se calasse; mas quanto mais a instavam, mais agudos e mais repetidos eram os seus clamores. Chamou-se logo a guarda, a qual a levou presa, cercada de immensa gente. Enquanto desceo a escada e atravessou o pateo para chegar á sala, onde lhe deviam fazer os interrogatorios sobre aquelle procedimento, não

cessou de clamar : *Viva el-Rei!* Perguntada pelo accusador publico sobre os motivos da sua conducta, respondeo que obrára com muita reflexão e premeditadamente ; « e afim « (acrescentou ella) de vos persuadir disto mesmo, sabeí, « que não foi por um sentimento exaggerado e digno de in- « dulgencia que eu fallei assim ; pois que meu marido é ve- « lho e eu moça. O desejo do governo do rei é o unico mo- « tivo que me determina a conduzir-me deste modo, e per- « sisto no voto que acabo de fazer publicamente e que fa- « rei até á morte. »

Uma declaração desta natureza era sem réplica. Poucos momentos depois que se lavrou o auto de prisão, Madama *Lavergne* compareceo diante do tribunal, fez a mesma confissão, e foi condemnada á morte. Uma doce serenidade se patenteou desde este instante no seu semblante, e dispoz-se para a morte com tanto socego quanto o seu coração estava satisfeito. Esta mulher sublime foi a primeira que subio para o carro e pediu que a puzessem de modo que pudesse ver seu marido. Este velho tinha perdido os sentidos no momento da pertida; de modo que o estenderam por morto sobre uma pouca de palha com a cabeça aos pés da sua esposa. Os saltos do carro romperam a sua camisa, e deixaram-lhe a barriga exposta aos raios do sol que era então bastante ardente.

Madama *Lavergne* pediu ao executor que tirasse um alfinete do lenço della e que pregasse a camisa de seu marido. Este infeliz esposo recobrou os sentidos; Madama *Lavergne*, aproveitando-se deste momento para lhe dizer o ultimo Adeos, chamou-o. *Lavergne* fitou a vista sobre ella. « Não « te atemorises (lhe disse então esta mulher extraordinaria), « é a tua esposa quem te falla; tu sabes, que eu não podia « viver sem ti; nós vamos morrer juntos. » Os olhos do infeliz velho arrazaram-se então de lagrimas e inchou-lhe o peito; mas, pouco tempo depois, teve ainda forças para exprimir á sua virtuosa esposa os sentimentos de gratidão de que era penetrado a seu respeito. Madama *Lavergne* foi a unica que comprehendeo as suas ultimas expressões. O cadafalso, que os devia separar, reunio-os para sempre!

A esposa de Mr. *Dudon*, procurador geral do parlamento de Bordeos, gemia afflicta pelo perigo que ameaçava seu marido, preso desde o estabelecimento da Commissão rev-

lucionaria nesta cidade, quando soube que se tinham livrado muitos proscriptos da morte á força de dinheiro. Toda a sua fortuna consistia em cem luizes de ouro que salvára do sequestro da sua casa. Sem embargo de ter precisão deste dinheiro para sustentar a sua familia, foi offerece-lo pela liberdade de seu marido. *Lacombe*, presidente da Junta revolucionaria, acceitou a offerta. Esta infeliz foi buscar o dinheiro transportada de alegria, e levou-o ao agente do presidente, mas a pressa com que o tirara do lugar onde o tinha escondido fez com que lhe ficassem lá nove luizes. O infame agente contou o dinheiro, e vendo que faltavam nove luizes, enfureceo-se, insultou-a, e disse-lhe que os fosse buscar immediatamente, se não queria ver seu marido guilhotinado.

A consternada esposa correo a toda a pressa a casa, e trouxe os nove luizes; mas o infame *Lacombe*, desde que pillhou toda a somma, enfureceo-se, e disse que queria mil luizes. Seria impossivel exprimir o espanto e a afflicção que esta pérvida proposição causou á infeliz senhora, sobretudo, quando lhe disseram que veria conduzir seu marido ao cadafalso se não apromptasse este dinheiro no prazo de tres dias. Que cruel alternativa para uma pessoa que não podia ajuntar a somma pedida! Ella supplicou, chorando, que lhe dessem tempo, dizendo que como os seus bens estavam debaixo de sequestro não podia achar quem lhe emprestasse nada, enquanto seu marido não estivesse em liberdade. Vãs supplicas! Responderam-lhe que se não tivesse o dinheiro prompto no terceiro dia, veria guilhotinar Dudon no quarto. Mma. Dudon corre consternadissima á casa de todos os amigos de seu marido e dos capitalistas mais ricos que conhecia, implorando a beneficencia de uns e tentando com promessas de lucro a cobiça de outros; mas todos foram surdos ás suas lagrimas e ás suas supplicas. A infeliz esposa, depois de milhares de tentativas inuteis foi no terceiro dia lançar-se aos pés do seu verdugo, pedindo-lhe em nome da humanidade, da justiça e da compaixão, que lhe dêsse mais um dia de espera. O tigre, que ella implorava, respondeo com estas palavras dirigidas ao seu agente: « Eu vou para o tribunal, « virás dizer-me se te entregaram a somma. » Dito isto, despedio a esposa de Dudon, a qual vendo, que não podia livrar seu marido da morte, ficou tão desesperada, que rompeo em

gritos horríveis. Chegada a hora da audiência, o agente de *Lacombe* foi dizer-lhe que não recebera o dinheiro. O barbaro presidente fez comparecer immediatamente Dudon e cendernou-e o morte.

Entre os pedaços curiosos de um folheto publicado par *Lower*, deputado do partido da Gyronda, em que descreve os perigos que correo quando fugia á proscricção de Marat, o mais curioso é o que encerra as particularidades dos meios que sua mulher empregou para o livrar das perseguições dos seus inimigos. « Ouve (me dizia a minha esposa), resta-nos « ainda uma consolação que nos não podem arrebatat a « de morrermos juntos. Eis aqui o meu plano. Eu alugarei « amanhã uma casa em um dos arrabaldes de Pariz, dizendo « que sou solteira, onde te prepararei um escondrijo. A po- « lícia ha de indagar miudamente quem eu sou, e posto que « não suspeite que te dou asylo, bastará que conheça que « sou tua esposa e a companheira dos teus trabalhos para « me conduzir ao cadafalso; mas nesta extremidade, eu terei « como tu, animo para os privar desta satisfação, matando- « me pelas minhas proprias mãos. Entretanto, podemos es- « capar oito dias, quinze, e talvez um mez ou dous. O' meu « amigo! Neste curto espaço de tempo podemos nós viver « mais do que muita gente, que morre velha. » Eu a abra- cei, apertando-a ternamente contra o meu coração, e os nossos olhos derramavam lagrimas deliciosas que attesta- vam o doce sentimento que nos animava. « Todavia (lhe disse « eu), póde succeder que chegues a ver-te livre de mim, e « que a vida te seja então menos pesada; que com o tem- « po... »

« Que mal te fiz (interrompeo ella inquieta), para me in- « sultares deste modo? Eu juro (disse ella pondo as mãos, e « levantando os olhos para o céu), eu juro, que a vida é um « tormento para mim sem a tua companhia e um tormento « insupportavel. Se me visse só, morreria desesperada. Ah! « permite-me que morranos juntos. » Minha mulher apres- sou-se a executar o seu projecto; alugou uma casa, para on- de eu fui viver com ella, ainda antes de dispor o escondrijo que me preparava. As bellas mãos da minha *Ladoiska* (é o nome que Louvet tinha dado a sua mulher), estas mimosas mãos não timham maneado nunca a enxó, a plaina e a tro- lha, e sem embargo disso, prepararam-me um escondrijo de

madeira e cal, tão bem imaginado e trabalho com tanta arte, que podia passar por uma obra dos melhores mestres deste genero. Em uma palavra, a parede estava tão igual, que era impossivel conhecer o que escondia, se se não soubesse anticipadamente. Se alguém batia á porta, minha mulher não a abria antes de me dar tempo para me esconder mansamente. Eu tinha no meu escondrijo uma cadeira, as gazetas do dia, uma vela e um phosphoro para a accender sem estrondo. Como nós tinhamos visinhos ao lado e por cima, forrámos as paredes e o tecto com tapeçarias para que me não percebessem quando passeiava. Minha mulher, em tudo engenhosa, fez-me sapatos de baeta com palmilhas de clina. Comtudo, estas precauções e outras muitas me nos consideraveis que tomámos, não podiam pôr-nos inteiramente ao abrigo de uma ordem da Junta de Segurança geral ou da municipalidade. « Se baterem á porta de noite « (me disse a minha estimavel companheira) não a havemos « de abrir, nem disputar um instante á morte a preza que « ella procurar. Desde que os satellites da tyrannia arrom- « barem a primeira porta, ainda precisam arrombar mais « duas bem trancadas. As tuas pistolas estão á cabeceira da « cama, não para os assassinos, mas para nós. Pelo menos « teremos tempo para nos matarmos; supplico-te que me dei- « xes morrer antes de ti. Quantas vezes adormecemos quasi « certos de que não haviamos despertar, senão para passar- « mos a um somno perpetuo! Quantas vezes os visinhos, que « se recolhiam tarde, nos faziam despertar em sobresalto, « batendo fortemente ás suas portas! Quantas vezes pegámos « nas pistolas e nos abraçámos, julgando que nos diziamos « o ultimo adeus? »

Louvet deveo a vida á ternura activa de sua esposa, a qual desde esta circumstancia até que pôde apparecer em publico sem susto, não cessou de o subtrahir á vingança dos seus inimigos.

Entre os presos estrangeiros da cadeia de Plessis, havia um mancebo gentil, casado com uma mulher moça e bella, que elle amava com excesso. Tão inseparaveis na desgraça, como o tinham sido no tempo da sua felicidade, estes dous esposos lisonjeavam-se de que o mesmo golpe reuniria as suas almas, terminando no mesmo tempo a existencia de ambos; e a esperanza de uma reunião eterna suavizava os

horrores, que os cercavam de todos os lados. Um dia em que a esposa passeiava em um pateo interior da prisão, ouviu chamar por seu marido; presentindo o signal da sua morte, correu para elle e acompanhou-o. O carcereiro se oppoz a esta resolução, mais ella o lançou por terra, e apertando o marido entre os braços, gritou *que o queria acompanhar e morrer junto com elle*. Os guardas a separavam do objecto do seu amor. « Barbaros! (exclamou ella então) enganais-vos, se pensais que tendes força para me privar da satisfação de acompanhar meu marido na morte. » Dito isto, lançou-se contra a porta da prisão com tanta força, e deu uma pancada tão forte com a cabeça, que cahio sem sentidos e expirou passados alguns minutos.

Madama de Monchy, vendo prender o marechal de Monchy, seguiu-o, e quiz ficar presa com elle. Dizendo-lhe os guardas que a ordem de prisão era sómente para o marechal, respondeu: « Pois que meu marido está preso, tambem eu estou. » Quando o marechal foi conduzido ao tribunal revolucionario, acompanhou-o, e dizendo-lhe o accusador publico que ella não era chamada, respondeu: « Pois que meu marido é chamado, tambem eu o sou. » Depois da sentença de morte, pronunciada contra seu esposo, subio com elle á carreta, e representando-lhe o executor que ella não era condemnada, respondeu: « Pois que meu marido é condemnado, tambem eu o sou. » Tal foi a unica resposta desta mulher extraordinaria, a qual teve a satisfação de morrer com aquelle que não cessára nunca de amar.

A mais compassiva de todas as scenas, que se observavam a cada passo, era a que offereciam constantemente as esposas que de todos os bairros de Pariz se transportavam ao Jardim do Luxembourg para esperarem a occasião de verem por momento ás janellas da prisão os doces objectos da sua ternura. Não havia nada que as pudesse apartar d'aquelle lugar: passavam dias inteiros expostas ao rigor do tempo, soffrendo umas vezes a chuva e outras o frio, ou um calor excessivo, segundo a ordem das estações. Muitas pareciam, como Niobé, transformadas em rochedos, petrificadas por uma temperatura gelada, á espera do momento de verem os esposos; a sensibilidade produzia effeitos tão fortes em algumas que cahiamdesmaiadas quando elles se offereciam á sua vista. Houve tempo em que todo o signal exterior de senti-

mento, era olhado como um crime; estas sensíveis e intrepidas esposas recorreram então a diferentes meios para mostrarem a seus maridos a afflicção que as consumia. Uma apresentava-se com o innocente filhinho nos braços, banhando-o com as suas lagrimas e offerecendo-o assim á vista de seu pai. Outra, para poder lamentar a desgraça de seu esposo, vestia-se de trapos, fingindo-se pobre das portas; assentava-se todo um dia junto de uma arvore, donde o pudesse ver de tempos a tempos, e mostrar-lhe que não havia nada que a pudesse consolar na sua consternação. A situação destas virtuosas esposas, tornou-se ainda mais compassiva, quando os tyrannos mandaram cercar a prisão com um ripado para evitar toda a communicação com os presos; e ainda mais, quando deram uma ordem barbara ás sentinelas do Jardim para que não consentissem pessoa nenhuma parada neste sitio, ellas recorreram nesta extremidade ao unico expediente que lhes restava, que era o de atravessar muitas vezes o Jardim, olhando a furto para os muros do edificio que escondia os ternos objectos do seu amor.

Que quadro mais compassivo do que o de uma esposa que, depois de ter tentado inutilmente todos os meios para ver seu marido preso na cadêa de Plessis, se unio á porta desta cadêa, onde se conservou quarenta e oito horas de pé, sem comer, nem beber, exposta a todas as injurias do tempo, até que cahio sem sentidos, tanto por causa de sua excessiva fraqueza, como pelo effeito da terrivel afflicção que a atormentava. Ella ficou 4 horas estendida por terra nesta triste situação, sem que o cruel carcereiro e a gente que passava lhe dessem algum soccorro.

Madama *Rebaut-Saint-Etienne* não podendo sobreviver á morte deploravel de seu marido, se precipitou em um poço, para pôr termo á terrivel situação em que se achava.

Madama *Camillo-Desmoulins*, tão amavel como sensível, a quem o desgosto da vida e o desejo de se ir ajuntar com seu infeliz esposo, inspiraram tanto valor e firmeza, que causou admiração aos seus proprios algozes. Quando se instrua o ridiculo processo que a condemnou á morte como conspiradora, sorria-se algumas vezes com a ingenuidade da innocencia, da extravagancia dos interrogatorios que lhe faziam. Quando ouviu a sentença de morte, exclamou: « Eu « terei logo a satisfação de me ir ajuntar com o meu querido

« Camillo! Deixando esta terra, onde não posso já possuir o
« que me ligava á vida, sou menos infeliz do que vós (ac-
« crescentou ella, voltando-se para os seus juizes), porque
« vós sereis devorados pelos remorsos que acompanham o
« crime até que uma morte infame vos arrebate a existen-
« cia. »

Antes de ir para o cadafalso, preparou-se como quem tinha de fazer uma visita de cerimonia, e toucou-se com um lenço de garça, mais branco do que a neve, que lhe dava muita gentileza, fazendo sobresahir o seu cabello negro. Subio para o carro com um ar tão risonho, que parecia que ia para uma festa. Pelo caminho conversou alegremente com um mancebo que ia ao seu lado; e quando chegou ao lugar do supplicio, subio ao cadafalso, e offereceo o pescoço á guilhotina com tanta serenidade de espirito que causou admiração.

Da mulher como filha.

Do poema da Compaixão (*la Piété*), de *Delille*; traducção do meu amigo o *Viscondo da Pedra Branca* :

Quem não conhece que delicia pura
A natureza unio á voz do sangue?
Fidelia o prova, cujo amavel nome,
Ao porvir foi por Addison levado.
Na infancia sua mãe roubou-lhe a morte,
Mas offerecia ao pai vivo retrato
Nas mimosas feições, no ar suave.
Esse pai que d'amor a idolatrava.

D'um amante adorada, qual a Nympha
Que para ornar-lhe a corte amor buscava,
Seus attractivos ella mesma admira,
Mas o amor filial, a amor vencia.
Curar das precisões de um pai querido
Farta aos cuidados se não farta o peito!
A tão gratos serviços dedicada
Os misteres do velho servo inveja.
Tocam-lhe o terno orgulho, humildes prestimos.

Ella mesma a seu pai dava os vestidos,
Faz-lhe o comer, o banho lhe prepara;
De joelhos o calça, e ella mesma
Lhe pentea a madeixa encanecida.
Ao pé lhe punha os moveis favoritos,
E os amigos da infancia, os caros livros.
Conquistas meditando, quando as bellas
Para o baile e o festim se aderessavam.
Ella ao canto do lar, junto ao seu velho,
Lhe ouvia a historia dos guerreiros feitos.
Dansava, ou já na cythara cantava
Velhas arias qu'outr'ra o encantaram.
Ao leito o conduzia, e á cabeceira
Velando, attenta o somno lhe espreitava.
Ella a mesa lhe punha, e do cheiroso
Nectar das plantas d'Asia o aquecia
Debalde seus amigos lhe diziam.
— « De fastio piedoso em leis austeras
Ha de ir-se a mocidade supportando
Ignara d'hymeneo, viuvez triste?
Segurai esses rapidos instantes
Vós os lamentareis, porém já tarde :
Qual relampago, vai-se a juventude,
Tristes deveres aligeire o esposo. » —
« Ai ! minha mãe morreo (dizia), e a morte
« Do já cansado pai confiou-me a guarda
« Deleite a multidão prazeres futeis,
« No prazer evitar, minha alma goza,
« Gozo quando deixando o somno vejo
« Um raio d'alegria em seu semblante ;
« Gozo, quando a leitura á noite alongo
« E junto ao leito lhe adormento as dores.
« Gozo de dia, quando no meu braço
« Apoiado, lhe ajudo os debeis passos.
« Em novos laços prês a mocidade
« Repartindo entre objectos dois queridos
« De meus cuidados parte amor lhe obstará.
« Amado-o tanto, menos os servirá.
« De minha mãe pela alma juro ; nunca
« Haverá de meu pai, quem me separe. »
Assim fallava ; e assim possa meu canto
Nutrir, firmar tão puros sentimentos.

Salomão, entre os grandes preceitos que dá a seu filho,
lhe recommenda instantemente que honre a sua mãe, e lhe

abrace os conselhos para que elle viva longos annos sobre a terra.

O mundo abunda, diz o Snr. *Cantú*, de benções derramadas sobre os filhos, que honraram seus progenitores, e lhes prestaram os mais disvelados e affectuosos serviços e sacrificios.

Entre nós, conhecemos tantas pessoas sensiveis, tão caridosas, e tão amigas de seus pais, que não só se têm compromettido por amor delles, como mesmo se exposto a sacrificios. Convinha aqui exemplificar, chamando pelos nomes a essas heroínas do amor filial.

A. Snra F., na Bahia, por occasião da revolta de 7 de novembro de 1837, estando occulta com seu pai, foi, não sabemos por que motivo, descoberto, e quando o vinham prender um dos da diligencia, enrostando a arma para lhe atirar, a bella filha antepoz-se, e com voz supplicante disse : « Ma-
« te-me antes a mim, que a meu pai. » Contaram-nos varios casos de verdadeiro amor filial por essa occasião, de senhoras a respeito de seus pais.

Durante a revolução franceza, Mlle. *Carotte*, era filha unica de um pai que, na época da revolução, contava setenta e dous annos, passados em acções virtuosas. A amizade que este homem velho tinha com *Laporte*, intendente civil, foi a causa da sua desgraça. Sendo preso por se acharem cartas suas entre os papeis do seu amigo, foi encerrado com sua filha na prisão da *Abbadia*, depois do dia 10 de agosto. Mlle. *Carotte* foi julgada innocente, e solta alguns dias depois; mas não querendo separar a sua sorte da de seu pai, esta virtuosa donzella solicitou, e conseguiu, o favor de ficar com elle.

Na vespera do funesto dia 2 de setembro, que foi o ultimo para muitos homens da França, Mlle. *Carotte* interessou tanto com os encantos da sua figura e com o calor dos seus discursos os Marselhezes que faziam a guarda da prisão, que a ajudaram a guardar a vida de seu pai.

Muitas vezes chamaram fortemente por *Carotte* na horri-
vel noite de 2 de setembro, depois de 3 horas de continuados assassinios. A filha do desgraçado velho, conhecendo o perigo que o ameaçava, foi apresentar-se diante dos assassinos que se dirigiam para seu pai. A sua belleza e o seu valor suspendeo-os por alguns instantes. « Por que motivo estás tu

« aqui preso com tua filha? » (perguntou um dos assassinos a Carotte.)

« Examinai o livro do carcereiro, se o quereis saber » (respondeo elle sem se perturbar).

Dous dos assassinos separram-se, voltando alguns instantes depois, disseram que Carotte fôra preso por contra-revolucionario... Ainda bem estas palavras não foram de todo pronunciadas, quando um delles levantou o alfange para degolar o infeliz velho. A filha deo um grito horrivel, quando vio esta acção; lançou-se ao pescoço do pai, cobrio-o com o seu corpo, e sem se demorar em supplicas humilhantes, mostrou que pretendia unicamente que a matassem primeiro a ella.

« Feri, barbaros! (lhes disse esta virtuosa filha) vós não « assassinareis meu pai sem me traspassardes primeiro o « coração. »

A' vista deste espectaculo, e a força com que a filha de Carotte exprimia o sentimento da natureza, suspenderam o furor os assassinos e fizeram cahir o alfange da mão do verdugo. Um delles disse que lhe perdoassem, e esta voz foi repetida successivamente por outras. Os Marselhezes que estavam de guarda á prisão, penetrando até o lugar onde se passava esta scena horrivel, arrebataram as duas victimas das garras da morte (porque sem embargo dos homens que se inclinavam ao perdão, todos os outros eram inflexiveis), e retiraram-nas deste espectaculo de desgraça e de crime. Livres depois, foi Carotte preso de novo, por ordem do Tribunal Criminal, estabelecido pela lei de 17 de agosto. Que diligencias não fez este pai sensivel para apartar a filha do designio de o seguir? Supplicas, instancias, ordens positivas, tudo foi inutil. « Se eu desprezei o furor dos assassinos que « vos queriam sacrificar (dizia ella), porque não tomarei « parte na vossa desgraça quando ha menos perigo? A es- « perança de vos poder livrar da morte basta para me susten- « tar; eu mostrarei aos vossos juizes, o vosso semblante ru- « gado pelos annos; eu lhes perguntarei, se um velho, a quem « restam apenas alguns momentos de existencia entre os « seus semelhantes, não é digno de compaixão aos olhos da « justiça, depois de ter passado por lances tão cruéis; se « aquelle, emfim, de quem os cabellos brancos poderam « desarmar os algozes e os assassinos, não deve achar nos ma-

« gistrados a indulgencia que inspira a humanidade? O grido da natureza se fará ouvir de novo, e talvez que eu vos possa arrebatara á sorte cruel que vos persegue. » Um funesto presentimento embarçou por muito tempo o pai de consentir na proposição de sua filha; mas vendo por fim que ella se obstinava a quere-lo acompanhar, cedeo.

O consentimento do pai ficou inutilisado, porque o carcereiro não quiz que ella entrasse para a prisão; mas o desejo de o acompanhar e de o servir era tão forte, que não socego emquanto não conseguiu dos magistrados, com supplicas, lagrimas e empenhos, a permissão que solicitava. Ella ficou ao pé de seu pai, deixando-o só quando ia cuidar dos meios da sua defeza ou protecção para amaciar os juizes do Tribunal Criminal. Ella interessou em seu favor até os proprios Marselhezes que salvaram antes a vida a seu pai, e mesmo o empenho de algumas mulheres de valimento; porém tudo foi baldado.

Carotte comparaceo no tribunal encostado á sua filha, quando foi chamado para ser julgado. A multidão immensa de gente que se achava na sala, não podendo presenciar um espectáculo tão compassivo sem se commover, manifestou este sentimento por um sussurro de felicitação. Ella tinha os olhos fixos em seu pai, como quem o queria consolar. Observou-se logo que principiaram os debates, e sobretudo no tempo que durou a leitura do processo e o discurso do accusador publico, que a alma da filha de *Carotte* parecia impressa no seu semblante, manifestando sensivelmente os sentimentos diversos de esperanza e de temor que a agitavam. Ella manifestou por differentes vezes desejo de fallar, porém seu pai, antes de comparecer no Tribunal, tinha-lhe recomendado que não fallasse, e um signal de reprovação da sua parte bastava para a obrigar ao silencio. Filha desgraçada, a quem o amor filial fez testemunha do mais horrivel lance!! Ella teve a dor de ouvir as terriveis conclusões do accusador publico que presagiavam a condemnação de seu pai. Pallida e tremula, não havia já nada que a pudesse sustentar, á excepção da voz daquelle que ella amava com tanta ternura. *Carotte* disse-lhe algumas palavras em voz baixa, mostrando-lhe o céu para onde as suas vistas se voltaram ao mesmo tempo, e estas expressões religiosas poderam soccorre-la. Alguns instantes antes que pronunciassem a sentença do

pai, fizeram-na sahir da sala. Esta scena foi tão compassiva que enterneceo e fez gemer quasi todos os circumstantes.

Parecia que esta infeliz tinha communicado a sua dôr a todas as almas; desde que desapareceo da vista dos circumstantes, desde que os seus gemidos cessaram de penetrar nos corações das pessoas que se interessavam por ella, entregou-se inteiramente a uma consternação difficil de descrever. O momento desta terrivel separação foi o em que a filha de *Carotte* vio seu pai pela ultima vez. Permittio-se a algumas pessoas que se interessavam na sua sorte que entrassem na prisão para a tirarem deste lugar de horror. Succumbindo então aos horriveis presentimentos da condemnação de seu pai, ella perdeo inteiramente os sentidos. Desde que os recobrou, cahio em uma terrivel desesperação, fazendo esforços para se escapar e ir morrer com seu pai no mesmo cadafalso. Vendo-se por fim cercada de pessoas da sua amizade, e observando a dôr e a afflicção que ellas manifestavam, principiou a tranquillisar-se. Aproveitaram-se deste ensejo para a conduzir ao seio da sua familia.

Mlle. *Sombreuil* gemia desde 8 dias com seu pai nas prisões da Abbadia, nos dias 2 e 3 de setembro. Já muitas pessoas tinham morrido ás mãos dos assassinos, e a ferocidade destes monstros, tornando-se cada vez mais medonha em presença de tanto sangue, procurava novas victimas. Entretanto que tudo gemia á roda delles, fugindo da morte, Mlle. *Sombreuil* se lança entre os assassinos que já arrastavam seu pai para o sacrificio. « Barbaros (exclama ella) é meu « pai, suspendei!!! » A estas palavras, põe-se de joelhos e beija as suas mãos tintas em sangue. Uma vez suspende o braço que quer cortar a vida de seu pai, e outras offerece-se ella mesma ao ferro homicida, cobrindo com o seu corpo o da amada victima que os assassinos queriam sacrificar. Um heroismo tão generoso em uma donzella de tão poucos annos, e a quem a sua afflicção e as suas lagrimas tornavam ainda mais interessante, enterneceram por tal modo os assassinos, que por um instante suspenderam a execução. Mlle. *Sombreuil*, aproveitou-se deste momento favoravel, incita-os e applaca-lhes o furor: mas um dos assassinos põe um preço horriveil á vida de seu pai. « Bebe (lhe disse elle) um copo de « sangue, se queres salvar a vida de teu pai. » Mlle. *Sombreuil* ficou pasmada quando ouviu esta cruel proposição;

mas a ternura com que amava seu pai, era-tão forte em sua alma, que a determinou a aceitar.

« Innocente ou culpado (disse nesta occasião um dos que « faziam as funcções de juiz) eu creio que seria indigno do « povo derramar o sangue deste velho, porque é necessario « ao mesmo tempo matar esta donzella. »

Este discurso foi applaudido e acompanhado de um grito geral de perdão. A filha ficou tão contente quando ouviu aquella decisão, que se lançou ao pescoço de seu pai, abraçando-o e se gloriando de o ter salvado. Livres, foram gozar da felicidade que parecia ter-se-lhes mostrado, porque não durou muito, pois *Sombreuil*, pai e filha, foram presos novamente em dezembro do anno seguinte, e encerrados em uma das cadêas de Pariz. O amor desta moça para com seu pai, foi cada vez mais forte, sem embargo das horriveis convulsões que experimentava pelo espaço de 3 dias, em cada mez, desde que bebo o copo de sangue para livrar seu pai da morte.

Vivendo continuamente na prisão, e jámais se apartando do adorado ente que lhe dera o ser, foi arrancada violentamente da cadêa, por ordem da Junta de Segurança geral, e ao apartar-se de seu pai, apesar do horrivel presentimento que tinha, disse-lhe: « Não vos póde succeder mal, vós tendes sempre sido virtuoso, e a Junta não póde deixar de « proteger a innocencia. Comtudo, se a perversidade de « juizes crueis e barbaros vos condemnar á morte, asseguro- « vos que não hei de sobreviver á vossa desgraça. » Era plano urdido contra o honrado *Sombreuil*; elle, logo depois, foi décapitado. A infeliz filha ficou na mais cruel e profunda situação, mil vezes peor do que a morte.

A marquiza de *Bois-Béranger* estava presa em uma das cadêas do Luxembourg com seu pai, sua mãe e uma irmã mais moçaa. Mais occupada da sorte de seus pais do que das suas proprias desgraças, a senhora *Bois-Béranger* não se apartava um só instante de sua mãe, desvelando-se em servi-la e consola-la com o maior cuidado e carinho. Os seus olhos não podiam apartar-se desta infeliz mãe que a seguia para toda a parte, animando-a com o seu exemplo e com as suas palavras.

No dia em que intimaram a seu pai, a sua mãe e a irmã, o auto da accusação, exclamou ella afflicta e consternada

desta preferencia : « Vós morrereis primeiro, e eu sou con-
« demnada a sobreviver á vossa morte? »

Esta infeliz macerava-se e arrancava os cabellos, entregue á mais horrivel desesperação, abraçando successivamente o pai, a mãe e a irmã, e repetindo com gritos espavoridos : « Nós não morreremos juntos!! »

No momento em que a consternação de sobreviver á morte de seus pais, tinha exaltado a sua dôr até o ponto de a tornar furiosa, chegou outro auto de accusação que designava tambem a ella. Desde o instante que lh'o intimaram, cessou de chorar e de se affligir, passando repentinamente dos accessos de furor á transportes de alegria que patenteavam os sentimentos do seu coração. Foi abraçar immediatamente a seu pai, sua mãe e sua irmã, mostrando-lhes o auto de accusação com signaes de tão grande contentamento, que quem não soubesse o motivo de seus transportes, devia suppor que aquelle papel era uma ordem de soltura para restituir a liberdade á toda a familia.

« Mamã (exclamou ella, mostrando-lhe o auto de accusação) nós morremos juntos. »

Ella se asejou como o poderia fazer para assistir a uma festa, e cortou as tranças dos seus cabellos. Quando sahio da prisão para o cadafalso, sustentou sua mãe, á quem o estado de fraqueza á que se achava reduzida e um grande abatimento lhe davam apenas forças para se conservar em pé. « Consolai-vos (lhe dizia esta intrepida e extremosa filha), « consolai-vos; vós ides ser feliz. Não vos affligaes, vós de- « veis marchar para a sepultura sem a menor saudade deste « mundo; não só porque toda a vossa familia vos acompa- « nha, mas porque ides receber a recompensa que merecem « as vossas virtudes. »

Esta mulher sustentou até á morte os mais extraordinarios sentimentos de que é capaz uma filha sensivel.

Fougeret, rendeiro oppulento, por não querer dar 30 mil libras tornezas para uma contribuição revolucionaria, foi preso, e suas 3 filhas regularmente iam 2 vezes por dia á prisão de seu pai para o visitar. Amado extremosamente por suas filhas, desejavam ellas compartilhar com seu pai de sua sorte. Seus votos foram acceitos, e ellas foram encerradas com seu pai na prisão : « Nós estamos satisfeitas (dis- « seram ellas, com viva alegria). Nós pediamos todos os dias

« que nos prendessem para fazermos companhia a nosso pai; a sua innocencia nos tranquillisa, e nós o amamos tanto! Ah! nós não devemos duvidar do seu triumpho. »

As lagrimas de alegria que derramava esta virtuosa familia por se ver junta, continuavam a correr sem se esgotar. « Minhas filhas! minhas queridas filhas! (dizia o pai a estas « almas sensiveis, abraçando-as com ternura) todos os meus « males se desvanecem, pois que gozo a satisfação da vossa « companhia. Agora desafio afoutamente a sorte á que abale « a minha constancia.

Fougeret, alguns mezes depois, foi conduzido ao cadafalso. Mma. *Fougeret* annunciou a suas filhas esta triste noticia no dia do seu supplicio, dizendo-lhes : « Vosso pai foi execu- « tado. »

Os gritos espantosos e horriveis destas infelizes fizeram conhecer a todos os presos a desgraça desta familia estimavel, que, sem poder alliviar a sua pena, conserva com profundo respeito a memoria de um pai tão digno do amor de sua mulher, de suas filhas e de todos, por suas virtudes sociaes.

Mma. *Malizey* assistia com seu pai, mãe e uma irmã, a uma leitura de *Seneca* sobre a brevidade da vida, quando lhe annunciaram ter chegado a hora de comparecer no Tribunal Revolucionario para ouvir a sua sentença de morte. Depois de ter visto entregar a seus pais e a sua irmã o auto da accusação, e de os abraçar, entrou animosamente n'um corredor, seguida da sua familia, onde se achavam já muitos infelizes, esperando para serem transferidos, como ella, diante do tribunal de sangue. Vendo um velho septuagenario, que cedendo ao horror da morte, chorava como uma criança, encarou-o, e de um modo agradável fallou-lhe assim :

« Que! vós sois homem e choraes? Eu não tenho menos « motivos do que vós para me affligir; sou mãe de familia, « vou separar-me para sempre de meus filhos; tenho aqui « meu pai, minha mãe e minha irmã que vão soffrer a mes- « ma sorte, e comtudo isso não me afflijo com um aconte- « cimento que me reune para sempre a elles, e que nos le- « va á uma habitação onde viveremos juntos para não nos « apartarmos nunca. »

Os presos, que a ouviam, tomaram-na como um anjo de

consolação, e o velho desde este instante enxugou as lagrimas. Quando ella ouviu a sua sentença de morte, observou-se-lhe tomar uma physionomia alegre; e ao entrar com sua familia na sala onde o executor os havia de ir buscar, tirou do seio uma tesoura e disse a sua mãe: « Quero cortar-vos eu a mesma o cabello; é melhor que este serviço seja feito por vossa filha do que pelo algoz. » O mesmo fez ao pai e irmã. Com a maior calma confortava a todos, e ao abraçar pela ultima vez a seu pai, disse-lhe com toda a candura: « Eu me apertarei tanto comvosco, meu amado pai, que Deos me deixará passar sem embargo de todos os meus peccados. » Ella indo ao lugar da execução, morreu tranquilla.

Mma. *Lachabeaussière* teve a infelicidade de associar-se com um homem perverso e ingrato, porque não só abandonou sua mulher, como teve a barbaridade de denunciar toda a familia como contra-revolucionaria.

Este perfido, conscio do mal que fazia, levou *Lachabeaussière* ao cadafalso. A senhora deste infeliz, sendo posta na prisão da Borba, em segredo, e as suas duas filhas na de Santa Pelagia, tambem em segredo, aconteceu que a desditosa esposa do infame denunciante foi para a prisão da senhora de *Lachabeaussière* para poder prestar algum serviço á sua desgraçada mãe. Bem que estivesse na mesma prisão, não podia fallar á sua mãe; porém observando a barbaridade com que a tractavam, affligiu-se tanto, que cahio em um frenesi que a tornava louca por alguns intervallos. A's vezes os guardas tiravam a mãe do calabouço onde estava encerrada, para fazerem-na aquecer por algum tempo ao lume onde se iam aquecer outros presos. A infeliz mãe, encontrou um dia a filha neste lugar, a qual se precipitou a abraça-la com tanta ternura, que se conservaram algum tempo assim sem poderem articular uma palavra sequer. Os signaes da loucura da filha foram mais frequentes depois este encontro; podia dizer-se que era a Nina do amor filial. Uma situação tão terrivel não podia deixar de affligir aos que a viam. Se trabalhava na costura, dava alguns pontos, depois, levantando-se precipitadamente, corria aos corredores e ia assentar-se á porta do calabouço de sua mãe; escutava com muita attenção, observando se sentia algum movimento, e exclamava afflicta: « O' minha mãe! minha terna e infeliz mãe! » Se sentia alguem andar, ou fazer algum movimen-

to, fallava-lhe e ficava horas inteiras estendida no chão. Sua voz suave exprimia ao mesmo tempo os accents da dor e da loucura. Quando se assentava ao lume, olhava para toda a parte, e se não via ninguém, gemia e suspirava inquieta, soffrendo algumas vezes crueis convulsões. Chegava em alguns momentos a tão grande estado de alienação, que não podia tomar cuidado de sua propria pessoa; sem alinho, passava as noites ao desamparo. Todos os dias levava á sua mãe uma parte da sua ração, o que lhe conservava a vida, porque os guardas esqueciam-se muitas vezes della. Um dia que solicitava com expressões compassivas que lhe abrissem a porta do calabouço de sua mãe, para satisfazer este acto de caridade e de amor filial, os guardas que estavam á mesa comendo um gato guizado, zombaram muito della, e disseram-lhe: « Nós não somos criados de sua mãe; que espere se « quizer. »

As injurias destes esbirros obrigaram-na a chorar.

« Tu choras (lhe disse então um delles); espera, eu quero « tomar a meu cuidado o abrir-te a porta da prisão de tua « mãe, mas com duas condições: a primeira é que has de « comer um bocado de gato; a segunda, que has de beber « pelo meu copo. »

Ella lhe representou com muito bom modo a sua repugnancia para comer o gato e beber vinho que não tinha bebido nunca, e o perigo a que se expunha por estar muito adiantada a sua gravidez.

« Se não fazes o que te digo (tornou o malvado cerbero), « não se abre hoje a porta da prisão de tua mãe. »

Vendo ella que não havia outro remedio, passou pela repugnancia e pela humilhação de satisfazer a estas duas condições, soffrendo as zombarias grosseiras e indecentes dos guardas, e assim mesmo esperou muito tempo primeiro que lhe abrissem a porta da prisão de sua mãe para lhe levar o comer e passar alguns instantes com ella. Esta infeliz senhora pario uma menina na prisão, e os guardas tiveram a deshumanidade de a não deixar ver sua avó.

Esta virtuosa familia salvou-se com a revolução que levou ao cadafalso a Robespierre e a seus infames partidarios.

Mma. de *Rozambeau*, succumbio tanto á força da afflicção que lhe causou o supplicio de seu marido, que cahio em delirio. As consolações de seu pai, o celebre *Malesherbes*, e

as carícias de seu genro e de sua filha não puderam moderar a sua dor. No dia em que lhe levaram o auto da sua condenação e da de seu pai, fez um grande esforço, e antes de partir para o supplicio foi ter com Mlle. *Sombreuil*, e fallou-lhe nestes termos : « Senhora, vós tivestes a fortuna de « salvar vosso pai, e eu vou ter a de morrer com o meu, e a « de seguir meu marido. »

Esta luz de razão durou pouco, porque esta infeliz creatura tornou para o seu estado de loucura, e assim foi suppliciada.

Delleglace, estando preso, devia ser transferido dos calabouços de Lião para a Conciergerie de Pariz ; e sua filha, que o não desamparou nunca, desde o instante em que o prenderam. Esta estimavel filha, depois de fazer inutilmente todas as diligencias para que a admittissem no carro que havia de conduzir seu pai, acompanhou-o por mais de cem leguas que dista de Lião a Pariz, não obstante a educação fina e delicadeza do seu sexo. Como o carro levava grande quantidade de presos, ia de vagar, o que dava a Mlle. *Delleglace* tempo para se adiantar algumas horas para ir pedir esmola, e preparar alguma comida para seu pai no lugar onde o carro havia de parar ao meio dia. De tarde precedia-o igualmente algumas horas para pedir alguma coberta com que lhe facilitasse o somno nos differentes calabouços onde ia pernoitar. Chegando á porta da Conciergerie, empregou os mesmos meios de que já estava acostumada, que era enternecer a todos, e ao carcereiro se dirigio. Foi aos magistrados e juizes para desarmar-lhes o furor, com tanta constancia e bondade, que conseguiu salvar seu pai. Contentissima com a felicidade de ter ella só concorrido para conservação dos dias do ente á quem ella só amava neste mundo, puzeram-se a caminho para o seio de sua familia, e em viagem cahio Mlle. *Delleglace* enferma em uma estalagem, cedendo naturalmente á força das fadigas á que se tinha entregado, morrendo nos braços de seu pai, que a pranteava loucamente pela certeza que tinha no objecto que perdia.

A filha do duque de *Rochefoucault*, condemnada á morte commo seu pai, achou meios de se escapar com elle, subtrahindo-se ambos á execução de uma barbara sentença que os condemnava á morte, para esperarem uma época mais fa-

voravel á justiça que tinham direito de reclamar e conseguir.

A filha, depois de esconder o pai em casa de um artista, que em outro tempo fõra seu criado, buscou outro asylo para si.

Ambos viviam ao abrigo dos assassinos publicos; mas como os seus bens tinham sido confiscados e a caridade cansa depressa, viram-se logo reduzidos á penuria. A filha, no tempo em que principiava a experimentar os rigores da mais horrivel pobreza, soube que seu pai estava nú e morrendo á fome. Não o podendo socorrer nestas crueis circumstancias, tomou a resolução de se sacrificar por elle. Sabendo que tinha chegado um general republicano á cidade onde ella se achava com seu pai refugiado, escreveu-lhe uma carta nestes termos :

« CIDADÃO GENERAL. — Em toda a parte, onde as vozes
« da natureza são attendidas, uma filha tem direito de re-
« clamar a sensibilidade dos homens a favor de seu pai. Con-
« demnada á morte, com o que o céo me deo, eu tentei to-
« dos os meios para o livrar da sorte funesta que o espera-
« va; mas subtrahindo-o ao cutello dos algozes, eu me vejo
« na impossibilidade de o poder alimentar. Meu infeliz pai,
« de quem todos os bens se acham confiscados, geme actual-
« mente na mais horrivel miseria. Sem vestimenta nem
« pão, e destituído de todos os recursos, a sua dasgraça che-
« ga até ao ponto de não poder mendigar um bocado de
« pão, implorando a comiserção publica, e apresentando
« os seus cabellos brancos aos corações sensiveis para os
« interessar na sua desgraça. Meu pai, se não é logo soccor-
« rido, morre de miseria no seu asylo; assim, o gosto de o
« ter livrado do supplicio, vai mudar-se na terrivel afflicção
« de o entregar a uma morte, muito mais cruel do que o
« cadafalso, a que nasce da nudez e da fome. Julgai, cidadão
« general, se a minha infelicidade é digna de compaixão.
« O unico meio que me resta, é o de recorrer á vossa ge-
« nerosidade; eu vos offereço a minha cabeça, entregando-a
« á execução da sentença que me condemnou, se vós me
« prometteis de socorrer promptamente meu pai que se
« acha quasi a ponto de expirar. Nesta mesma carta acha-
« reis indicado o lugar do meu asylo, onde esperarei a morte
« contente, se puder ter a certeza de que vos compadeceis

« das minhas supplicas e da deploravel situação do meu in-
« feliz pai. »

O general republicano correu ao asylo logo que leu a carta, e apresentou-se á filha de *Rocheffoucault*, não como um amigo, mas como um protector, o qual não se dando por contente com soccorrer o pai, salvou a filha. Depois do dia 9 Thermidor, revisto o processo, foram absolvidos, e entraram no gozo de seus bens.

Conta-se que em Pariz, todos sabem da historia de uma menina de 8 annos que ia chorar por sua mãe todas as manhãs na Praça da Revolução. Esta interessante menina tomava a precaução de se esconder em um canto; mas por fim foi observada pelas regateiras que vendiam fructas naquelle lugar. « Minha mãe (disse ella a essas mulheres), minha boa mãe, que eu amava tanto, foi guilhotinada nesta praça. Ah! pelo amor de Deos, não digais que me visteis chorar, porque se souberem, matam tambem a meu irmão e minhas irmãs. »

Depois destas palavras, que exprimio com tanta candura, que fez chorar de compaixão a todos que tinha em roda de si, retirou-se, e não voltou mais ao lugar. Algum tempo depois, soube-se que este anjo de ternura tinha morrido de paixão, pelas saudades de sua mãe, no curto espaço de seis semanas.

Foi nas prisões de Lião, a consolação de um pai, até o momento de morrer no cadafalso, uma innocente criancinha de 5 annos.

Esta criancinha ia todos os dias de manhã e de tarde á prisão, onde fazia mil negações para arrebatár a cruel melancolia que causava a sua triste situação. Quando os carcereiros a não queriam deixar entrar, fazia-lhes tantos afagos e instava com tanta graça, que lhe não podiam resistir. Quando algum dos guardas a não deixavam entrar, assentava-se á porta da prisão até que a abrissem de novo á alguém, e escondendo-se então ao lado da pessoa que entrava, corria com toda a força pelos corredores até chegar ao quarto onde estava o pai, que a acariciava e beijava mil vezes, rindo-se para a alegrar, e chorando quando a não podia tirar da profunda tristeza á que se entregava algumas vezes. Esta amavel creaturinha parecia superior á sua idade, e enviada do céu para consolar o desgraçado, porque dava provas de que

conhecia a desgraça do seu pai, a necessidade de o arrancar á afflicção que o abysmava. Contava-lhe, para o distrahir, algumas vezes as novidades do seu bairro, e as aneddotas que succediam em casa das familias do seu conhecimento. Todos os presos a adoravam, admirando-a pelos meios de que se servia para lhes procurar alguma distracção. Fazia alegremente os recados de todos, trazendo-lhes de fóra o que lhe encommendavam, fazendo admirar a todos os que a tractavam o seu profundo amor filial.

Da mulher como irmã.

Diz um escriptor que não ha sentimento generoso que as mulheres não levassem á um grao extraordinario de força e de energia nos tempos calamitosos da revolução franceza, do seculo passado. Igual aos outros, o amor fraternal produzio estupendos prodigios.

A irmã do livreiro *Gatly* esperava tranquillamente a decisão de sentença que decidia o destino de seu irmão e o seu. Senhora de si e do segredo que occultava o seu coração, tinha-se introduzido no meio dos assistentes, onde ninguém a via, mas ao ouvir proferir a sentença que o condemnava á morte, gritou com grande esforço: *Viva El-Rei!* Sendo presa, disse que assim o praticára, porque queria morrer com seu irmão. Deferindo-se-lhe a supplica, marchou para o supplicio, onde acabou a vida.

Antes que o dia 9 Thermidor pozesse termo ás inauditas scenas de verdadeiro canibalismo, aconteceu entrar na prisão da rua de Sèvres um esbirro para chamar algumas victimas e levá-las ao cadafalso. Entre os nomes, pronunciou o de *Maillé*, que atravessando por entre aquellas desgraçadas pessoas que circumdavam as infelizes victimas da perversidade, se apresentou, esquecendo-se de si, para se lembrar sómente dos seus 4 filhos que recommendou aos infelizes que a cercavam. O esbirro, tanto que a vio junto de si, leu todo o nome que vinha por extenso na lista, designando-a com o indicativo de solteira. Não era ella a pessoa indigitada

pelo Tribunal, e o satellite dos juizes de morte, reconhecendo então o seu erro, perguntou-lhe a morada da pessoa designada na lista, que era sua cunhada. « Eu não desejo a morte (respondeo Mme. *Maillé*), mas prefiro-a mil vezes á vergonha de me salvar á custa de outrem. Estou prompta para te seguir. » Mme. *Maillé* foi livre como outros infelizes, em consequencia dos movimentos do dia 9 Thermidor.

A Princeza *Maria Thereza Isabel de França*, filha do Delfim, e de *Maria Josepha de Saxonia*, ama extremamente a seu irmão, Luiz XVI, e não querendo desampara-lo, e em uma occasião do dia 20 de junho em que o tumulto se amontoava em roda della e em que se ouviam ameaças de todos os lados, notavam-se algumas imprecações contra *Marie-Antoinette*. « Onde está ella? (exclamavam alguns sediciosos.) « Queremos a sua cabeça! » A princeza *Isabel*, voltando-se então para os assassinos, apresentou o peito aos seus punhaes e disse-lhes com firmeza: « A rainha? ei-la aqui. » Observando que alguns dos seus criados affirmavam que não era ella, disse-lhes: « Para que os designaes? Não é melhor que derramem o meu sangue do que o de minha irmã? » Nas Torres do Templo, *Isabel* esquecia-se de si para se occupar unicamente das desgraças de seu irmão, de sua cunhada e de seus sobrinhos. Por muito tempo permaneceu presa esta infeliz senhora, e foi só em 1774 que ella ouviu a sentença de morte. Quando a conduziram para o cadafalso, os balancos do carro fizeram desprender e cahir o lenço que lhe cobria o seio, e assim se vendo descoberta diante da multidão dos espectadores, disse para o carrasco: « Respeita o pudor; cobre-me o seio ».

Quando os Jacobinos tomaram Lião, e uma junta militar condemnava á morte os desgraçados habitantes dessa cidade, entrou na sala de julgamento uma donzella, e fallou desta maneira, lançando-se de joelhos aos pés dos infames juizes: « De toda a minha familia já me não restavam senão meus irmãos; vós tendes ordenado que sejam arcabuzados. Ah! pelo amor de Deos! determinai tambem que eu morra com elles. »

Esta triste supplica, que ella acompanhou com os mais horriveis signaes de desesperação, foi-lhe recusada. Vendo

que lhe negavam esta funesta graça, foi-se atirar no Rhodano, onde morreu afogada.

Por esta mesma occasião, e nesta mesma cidade, as irmãs de um mancebo que se achava preso, em vespera de ser suppliciado, venderam as suas joias e compráram com o valor do seu producto a permissão de lhe irem fallar á prisão, onde lhe levaram alguns instrumentos que lhe facilitavam os meios de se escapar. Este mancebo e mais quatro presos, se achavam em identicas circumstancias; trabalharam com tanta felicidade em limar os ferros da prisão, que puderam fugir. Vencida esta grande difficuldade, havia ainda outra, que era a de poder illudir a vigilancia dos melhores guardas que rondavam constantemente a cidade e os suburbios. As irmãs, vendo que lhes não era possivel fazer passar o preso com segurança pelo meio de tantos perigos, tinham preparado antecipadamente um escondrijo, onde o occultaram até que as circumstancias lhes permittiram que se puzesse em salvamento.

Em Nantes, uma donzella foi ter-se com *Carrier* para elle se interessar por seu irmão que se achava preso. « Que idade tem elle? perguntou *Carrier*. « Trinta e seis annos. » « Mão (replicou o perfido commissario da commissão nacional), deve morrer, e as tres quartas partes dos outros com elle. »

Quando a consternada irmã ouviu uma resposta tão deshumana e cruel, prostrou-se de joelhos, clamando contra a sua sentença barbara. O cruel *Carrier* lançou-a fóra ás pancadas com a bainha da espada. Um instante depois deste evento, chamou-a, e lhe disse: « que livraria seu irmão da morte se ella consentisse na satisfação dos seus infames appetites. »

« Eu sou sensivel aos sentimentos da honra (respondeo a donzella, horrorizada de semelhante proposição), eu peço unicamente justiça, e a justiça não se deve comprar por uma infamia. »

Dito isto, retirou-se, e soube que seu irmão fôra conduzido para Pambeuf, e lá morrêra no supplicio. Certa ella disto, em desesperação suicidou-se.

Da mulher como amante.

SACRIFICIOS PELO AMOR.

Tu, só, tu puro amor, despir pudeste
Da estúpida bruteza a humana especie ;
Só tu soubeste unir em firmes laços

Os dispersos humanos.

Sem ti insociáveis viveriam,
Nas escarpadas serras, embrenhados,
Ou nos sombrios, verde-negros bosques,
Em pasmada tristeza.

As fugitivas horas passariam
Em languido lethargo submergidas,
Té que o pungente estímulo da fome
Lhes espantasse o somno.

Os singelos prazeres da amizade,
Prazeres suavísimos, só dados
Aos peitos generosos e sensíveis
Provar não poderiam.

As sciencias, as artes sepultadas
No seio da ignorancia inda jazeram,
Que inerte e froxo a nada se atrevêra
Um peito irregelado.

As bellas Marcias, as gentis Lycoces
Em vão dos vivos olhos fuzilaram
Accesos raios com que audaz fulminam
Rebeldes esquivanças.

Suas vermelhas, engraçadas boccas,
Em vão meigos sorrisos soltariam
Tingindo as juvenis, mimosas faces
De pudibundas rosas.

Anhelantes suspiros, brandas queixas,
Ternos agrados, carinhosos gestos,
Nada mover os peitos poderia
Dos animados troncos.

Dos risos, e das graças rodeada,
Venus com farta mão não derramára
Em seus rusticos leitões brandas flores,
Flores que tu só colhes.

O gosto de abraçar a cara esposa,
De se ver renascer nos doces filhos,
De educar cidadãos, nutrir virtudes,
Coitados! não sentiram.

· · · · ·
Ah! crê-me, Sousa, amor, amor, sómente
A nossa natureza vivifica:
Amor nossos prazeres todos gera,
Nossos males adoça.

O soldado animoso, que se arroja
Com brio denodado a expor a vida
Em defeza da patria ameaçada
De inimigas phalanges;

Depois de haver soffrido longas marchas,
Por aridos sertões, por frias serras,
Arrastando cansado os cavos bronzes
Nas pesadas carretas;

Depois de ouvir nas horridas batalhas
Troando a furiosa artilheria,
Pelos ares silvar os ferreos globos
Que a morte envolta levam;

Depois de ver os rapidos ginetes
Atropellando os fulminados corpos
Dos cahidos guerreiros, que em vão pedem
Vingança, ou piedade;

Entre os braços da timida donzella,
Que amor lhe promettêra, prompto esquece
As passadas fadigas, os horrores
Da guerra sanguinosa.

· · · · ·
Assim, ó Sousa, na fiel balança
Onde a razão os bens e os males pesa,
Se vê que, sem amor, a vida humana
Seria insupportavel.

P. CALDAS.

Cause, negociante em Tolosa, sendo condemnado á morte pela commissão revolucionaria, sua amante, que tinha já vendido grande parte do que possuia para comprar á força de dinheiro algum valimento que lhe pudesse salvar a vida, recorre depois da sentença a um estratagem para conseguir o seu fim. Esta senhora comprou immediatamente uma casa pegada á prisão onde o seu amante devia passar a noi-

te, e encerrando-se nella com uma criada de sua confiança, trabalharam ambas com tanta ancia para romper a parede de separação, que por fim conseguiram fazer uma abertura, por onde pôde sahir o preso que ellas queriam salvar da morte.

Vencida esta grande difficuldade, restava ainda outra, que era illudir a vigilancia das guardas estabelecidas em diferentes pontos da sua passagem e as rondas que corriam constantemente por todas as ruas da cidade. Esta mulher singular, tinha já prevenido tudo : acompanhou o seu amante, disfarçados ambos com fardas da guarda nacional, que comprára naquella mesma noite, e passaram livremente pelo meio das rondas, e pela praça onde se estava levantando a guilhotina que o tinha de decapitar.

Dubois (residente em Bordeos), preso nas cadêas daquella cidade, foi mandado, por causa de molestias, para um hospital, onde foi tratado com desvelo por uma enfermeira de nome *Therèza*. Como *Dubois* era gentil, inspirou á boa enfermeira um sentimento mais terno do que o da humanidade. O continuo tracto de o ver e de o ouvir, e sobretudo a compaixão que lhe inspiravam as suas desgraças, acabaram o que um terno interesse e a caridade tinham começado.

Vendo ella que não poderia sobreviver á morte de seu amante, communica-lhe o meio de salvamento, que era elle fingir-se perfeitamente convulso, e ao depois morto, por um effeito deste accidente. Tudo aconteceu conforme o plano. *Therèza*, depois de se mostrar sentida pela morte do enfermo, cobrio-o com um lençol da cama, e disse na visita seguinte ao medico que elle expirára, o qual se retirou sem a menor suspeita do estratagemma.

Therèza mandou o supposto morto para a sala da dissecação, dizendo que fôra pedido pelos estudantes de anatomia. Desde que *Dubois* se vio na sala anatomica, vestio-se com roupa que lhe deu um cirurgião que *Therèza* tinha interessado neste segredo, e escapou-se sem ser conhecido. Apesar das cautellas, no dia seguinte se pôde descobrir a trama, e *Therèza* foi presa e chamada a perguntas pelo Tribunal Jacobino, e ella alegre por ter salvado o seu amante, confessou tudo, sem dissimulação. A sua belleza, e um resto de respeito para as acções generosas, salvaram esta donzella.

Dubois, que se achava tocado do amor que lhe inspirára sua libertadora, escreveu-lhe do asylo onde se achava, chamando-a para se unir a elle com os vinculos do casamento.

Thereza fugio com *Dubois* para a Hespanha, e lá se desposaram.

Mma. C... (a historia não revelou o nome), viuva conhecida nos departamentos do norte da França pela sua formosura e por quilates estimaveis, concebeo grande paixão por um militar, o qual foi logo comprehendido nas proscricções da revolução, e encerrado em uma prisão. A amante fez immediatamente tudo o que podia para solicitar a liberdade do seu amor ; mas tudo foi baldado, e até mesmo a supplica que ella instantemente fazia para ser encerrada com elle na prisão. Vendo que tudo era em vão, foi assentar-se defronte de uma janella da cadêa onde seu amante se achava preso, esperando occasião de o ver na grade : mas no momento em que elle lhe appareceo, cahio por terra sem sentidos. Logo que tornou a si, fitou a vista na janella onde tinha visto o amante, e ficou muitas horas nesta posição.

Na manhã seguinte, foi para o mesmo lugar, onde passou o dia, e nos seguintes continuou sem interrupção, desprezando a chuva, o vento, o frio e as sentinellas, ainda mais cruéis do que todas as injurias do tempo.

Em uma manhã, no instante em que chegava ao lugar do seu costume, vio sahir um carro da prisão, apresentando-lhe o mais horrivel espectaculo que se podia offerecer aos seus olhos. Este fatal carro conduzia o seu amante para o supplicio, com outros infelizes. O seu primeiro impulso foi de lançar-se diante dos cavallo, para os fazer parar, chamando o povo em seu soccorro, e supplicando-lhe com grandes instancias que livrasse da morte o objecto do seu amor. Os meirinhos retiraram-na de diante dos cavallo, e quizeram segurá-la, mas ella se escapou das suas mãos, e foi agarrar-se ao carro, renovando as supplicas ao povo para que acudisse a seu amante.

Vendo que ninguem se compadecia da sua afflicção, rompeo em imprecações contra os satellites que acompanhavam as victimas ao supplicio, reprehendendo-lhes a infame condescendencia com que obedeciam aos tigres que determinavam tão nefandas execuções, conjurando-os á que a conduzissem ao cadafalso. Os meirinhos, tiraram-na para um

lado; porém os gritos dessa infeliz tomavam o tom da mais horrivel desesperação: neste momento ella arranca inesperadamente a espada de um soldado, e cravou-a no seu proprio coração.

Todos os circumstantes ficaram horrorisados, vendo jorrar do seu peito todo o sangue do corpo. Os soldados ficaram immoveis de espanto, e o desgraçado amante deo gritos lamentaveis a fazer com que os companheiros da sua miseranda sorte se esquecessem da cruel posição em que se achavam, occupando-se do novo espectaculo que se offerencia a seus olhos. Os soldados retiraram para um lado o cadaver de Mma. C..., e conduziram o carro para o cadafalso, onde os condemnados foram todos guilhotinados.

Mma. Cr..., e o cidadão *Boyer*, seu amante, estavam presos em uma cadêa de Pariz, donde *Boyer* foi chamado para comparecer no Tribunal. O primeiro pensamento dos tristes companheiros da sua desgraça foi de que o não tornariam a ver, e voltaram todos a vista para a sua amante; porém ella, sem embargo de se ter mostrado agitada até então de crueis afflicções, tranquillizou-se inteiramente no momento desta separação e vio partir o caro objecto de seu amor com tanto socego, que causou admiração a todos que foram testemunhas das suas desgraças. Ella se metteo em um quarto no momento em que o cidadão *Boyer* desapareceo de sua vista. Um preso da sua amizade, suspeitando que o seu socego apparente occultasse algum projecto sinistro, espreitou-a, e conseguiu o meio de lhe interceptar uma carta que lhe escreveu o accusador publico, a qual patenteava os horriveis pensamentos que agitavam a sua alma. A carta continha as seguintes palavras:

« CIDADÃO. E' inutil o disfarçar-vos por mais tempo os
« sentimentos favoritos do meu coração e os ardentes votos
« que faço pela volta da realza. Eu consagrarei todas as mi-
« nhas forças e todos os meus meios a esta volta tão deseja-
« da; e seguro-vos de que o meu ultimo suspiro será ani-
« mado com a esperança de que os meus votos se realizem. —
« VIVA EL-REI! »

Mma. Cr... sabia que escrevendo deste modo conseguia ser decapitada, o que ella anciosamente desejava; mas vendo que esta carta não produzia o effeito intencional, escreveu

outra, tomando medidas seguras para que ella chegasse ao seu destino.

Os seus amigos não lhe deixavam ler as gazetas, porque *Boyer* se achava inscripto na lista dos supplicados. « Não « me occulteis nada (lhes disse ella), eu sei que o terno ob- « jecto do meu amor foi executado, e tenho animo para « supportar esta desgraça. » Em consequencia desta confissão, disseram-lhe que era verdade.

Esta noticia, que confirmou os seus presentimentos, tornou na apparencia ainda mais tranquilla. Ella se encerrou pela segunda vez no seu quarto ; leo todas as cartas de seu amante, fez uma cinta dellas, cingio-as á roda da cintura, e passou o resto da noite a chorar.

No dia seguinte vestio-se e asseiou-se, como se tivesse de fazer uma visita de cerimonia : á hora do almoço, achando-se á mesa com os outros presos, ouviu tocar a campainha da porta da prisão. « Felicitai-me, meus amigos (disse ella, le- « vantando-se com precipitação) ; agora sim, é que me vem « buscar. Adeos ! eu sou feliz, eu me vou unir para todo o « sempre ao meu querido *Boyer*. »

Depois disto cortou os cabellos, e os repartio com os presos de sua amizade, e tambem suas alfaias e joias, dando á um, um anel, á outro, um colar, e á outro, uma fita, e assim por diante, como lembrança da sua amizade.

Chegando ao Tribunal Sanguinario, disse ao accusador publico ser ella a autora da carta : « Eu fui a mesma que « escrevi a carta que ahi está : vós assassinastes o meu aman- « te, assassinai-me tambem a mim ; aqui tendes a minha ca- « beça. » Quando ouviu pronunciar a sentença de morte, ficou tão contente, que parecia ter-lhe succedido um bom evento. E ao chegar ao cadafalso, exclamou com força : « Eis « aqui o lugar, onde elle morreo hontem á mesma hora ; e eu « vejo ainda o seu sangue. Carrasco, apressa-te, e mistura o « meu sangue com o do meu amante. »

Ditas estas palavras, offereceo a cabeça á guilhotina, e morreo pronunciando o nome sempre lembrado do seu querido *Boyer*.

A mulher é generosa, magnanima e sublime !!!
Ninguém a imita.

O deputado *Lanjuinais* proscripto, pelo decreto de 31 de maio, foi refugiar-se á casa de sua mãe em Rennes, onde havia uma criada antiga na casa. Este deputado não querendo atemorizar a tal criada, não disse que era proscripto; mas sabendo depois pelos papeis publicos que *Gandet* fôra executado em Bordeos, e que o governo envolvêra na mesma proscripção todos os amigos que o tinham escondido, e mesmo os domesticos que não tinham declarado o seu asylo, determinou-se a apartar a criada do risco que corria, confessando-lhe as circumstancias em que ella se achava, e pedindo-lhe que sahisse de casa, com recommendação de que não dissesse nada. Esta mulher foi tão sensível á sua desgraça, que lhe declarou formalmente que o não havia de abandonar no perigo em que o via, e que lhe importava pouco o morrer, quando a vida de seu amo estava arriscada. *Lanjuinais* instou-a muito a que se retirasse, e a que não expuzesse a sua vida por amor d'elle, mas tudo foi inutil, porque a criada persistio na sua resolução, supplicando-lhe como uma graça a felicidade de ficar com elle até o seu ultimo momento. *Lanjuinais*, admirado de tanta generosidade, foi por fim obrigado a ceder. A vigilancia desta estimavel mulher foi tão grande depois disto, que conseguiu a felicidade de salvar a vida a seu amo, escondeu-o ás perseguições dos satellites da tyrannia até a época da morte de *Robespierre*, tempo em que acabou a proscripção com que este sanguinario despota tinha atterrado a França. A fortuna de conservar a vida ao filho de sua ama, foi para esta respeitavel criada um premio superior á gratificação com que a recompensaram.

Raubaud de Saint-Etienne, posto fóra da protecção da lei em consequencia da proscripção de 31 de maio, andava errante em Pariz de asylo em asylo, exposto a cair a cada momento nas garras dos stellites da tyrannia. Mma. *Paysac*, uma mulher respeitavel, que habitava em Pariz, sabendo o perigo que elle corria, fez todas as diligencias possiveis para o descobrir. Depois de conseguir o seu intento,

foi ter com elle, e offereceu-lhe um asylo na sua propria casa. O respeitavel Rabaud representou-lhe vivamente todos os perigos a que se ia expôr, se acceitasse esta offerta; mas a virtuosa senhora fez-lhe taes instancias, e insistio com tanta energia, que o determinou a aproveitar-se do asylo que lhe offerecia. « Porque corro algum perigo, disse ella, « devo desistir do projecto de vos livrar da morte? Que « merecimento será o nosso, se fizermos bem sómente « quando não custa nada a fazer? » Rabaud vencido pela força desta generosidade, foi para casa de Mma. Paysac, onde achou todos os soccorros que podia esperar nas suas tristes circumstancias. Mas, que infeliz escapava então ás perseguições activas da tyrannia? Rabaud foi descoberto em casa da sua bemfeitora, a qual o seguio para o supplicio, com um animo igual ao que tinha mostrado quando instára a que acceitasse o asylo da sua casa.

Não se viram nunca mais graças e gentilezas reunidas com tanto espirito e animo do que as que se encontravam na Princeza Stainville de Monaco. A Junta Revolucionaria, depois de lhe intimar a ordem de prisão, em virtude da lei de 16 de setembro, prometteo-lhe que a havia de deixar ficar em sua casa, com guardas; mas longe de satisfazer o que lhe promettêra, mandou-a prender. Escandalisada da má fé da Junta, buscou pretexto para entrar em um gabinete, quando a iam buscar, e escapou-se. Sem embargo das grandes diligencias que fizeram os commissarios da Junta Revolucionaria para a prender, conseguiu por esta vez a grande fortuna de illudir a vigilancia destes Argos, escondendo-se em casa de uma amiga, que a recebeo com grandes demonstrações de affecto, sem embargo de expor a sua propria vida.

Sahindo depois de algum tempo de casa desta amiga, por imprudencia ou por motivos particulares, andou errante pelos campos, sem poder achar um asylo seguro onde se abrigasse das perseguições dos seus inimigos. Depois de muitos sustos e sobresaltos, voltou para Pariz, com a esperança de que poderia viver escondida nesta capital; mas a sua esperança não pôde realisar-se, porque as espias e esbirros, espalhados por todos os bairros de Pariz, deram logo com ella, e conduziram-na a uma prisão. Como a qualidade illustre e a riqueza eram crimes irremissiveis, esta virtuosa

Princeza recebeu dahi a poucos dias o auto de accusação, preliminar certo de morte. Antes de sahir da prisão, quebrou um vidro da janella e cortou com elle o cabello, que era louro, e que fazia sobresahir muito a sua grande formosura.

Quando foi para o Tribunal, disse estas palavras memoraveis aos presos que encontrou na sua passagem : « Cidadãos, « eu vou morrer com toda a tranquillidade que a innocencia inspira ; eu vos desejo a todos melhor sorte. » Voltando-se depois disto para o guarda que a conduzia ao carro, tirou do seio um mólho do seu cabello, e entregou-lh'o, dizendo-lhe estas palavras : « Quero pedir-vos um favor, pro- « metteis de m'o fazer ? »

« Sim (respondeo o guarda). »

« Peço-vos (continuou ella, entregando-lhe o mólho de cabelo embrulhado em um papel) ; peço-vos, em meu nome « e em nome de todos os que nos ouvem, que o mandeis a « meu filho ; neste mesmo papel achareis designado o lugar « da sua habitação. Jurai-me em presença destes honrados « cidadãos, destinados a morrer como eu, que me fareis este « ultimo serviço. »

Voltando-se depois para uma das criadas envolvida na mesma proscipção, mas de quem o abatimento contrastava com a firmeza de sua ama : « Animo, minha amiga, animo ; « os criminosos são os unicos que devem mostrar fraqueza. » Quando a condemnaram á morte, ouviu ler a sentença com todo o socego de espirito ; lembrando-se pouco depois dos seus filhos, declarou-se pejada ; mas sabendo que o Tribunal tinha mandado executar 4 mulheres, sem embargo de terem feito a mesma declaração, não quiz prolongar mais tempo uma confissão inutil e indigna dos seus principios. Em consequencia desta resolução, escreveu uma carta a Fauquier-Tinville que decidio a sua morte.

No momento de ir para o cadafalso, pedio carmim. « Se « a natureza vencer, fazendo-me ceder por um instante á « fraqueza humana (disse ella), empregarei a arte para a « disfarçar. »

Dito isto, marchou para o cadafalso tranquillamente, com um animo sublime, acompanhado de decencia e de graças que fizeram os seus ultimos momentos a imagem interessante da sua vida.

Certa donzella, de uma figura interessante, foi accusada diante da Commissão Revolucionaria de Lião por não querer trazer o tópe nacional. Perguntando-lhe os juizes que motivo tinha para aborrecer aquelle distinctivo da nação, respondeo: « Eu não aborreço o tope, mas como vejo que « vós o tendes, parece-me o signal dos horrores a que vós « vos entregais, e não o quero trazer por amor disso. »

Um guarda que estava por trás desta intrepida donzella pregou-lhe com um alfinete este distinctivo; porém ella, olhando-o com horror, arrancou-o do lugar onde lh'o tinham pregado, lançou-o sobre a mesa do Tribunal, e foi morrer.

O animo com que se portou Mma. Roland, mulher do ministro deste nome, merece que se cite aqui, por ser uma das principaes qualidades com que esta mulher extraordinaria e superior ao seu sexo, se fez digna de grandes elogios. Eis aqui o que ella mesma diz a respeito do seu encerro na *Conciergerie*, e do espirito philosophico que a animava na desgraça: « Quando me vi encerrada entre quatro pa- « redes negras (diz ella), onde havia uma má cama sem « cortinas e uma janella com duas ordens de grades, e « quando fui affectada do fartum que sentem as pessoas « acostumadas a viver com limpeza quando entram em al- « gum lugar immundo, conheci que era obrigada a habitar « uma prisão, e que me devia conformar com isto. Toda- « via, o espaço comprehendido entre estas quatro paredes « era bastante grande, e tinha uma chaminé; a coberta da « cama era soffrivel, e deram-me um travesseiro; assim jul- « gando as cousas sem entrar em comparações, pareceo-me « que não estava muito mal.

« Deitei-me com o designio de ficar na cama emquanto « me achasse bem; e com effeito, quando o meu defensor « me veio vêr no dia seguinte, ainda me achou deitada. « Elle lançou a vista por todas as paredes com um ar de « aborrecimento por me vêr em um quarto tão máo, o qual « me parecia já soffrivel, porque tinha dormido. Observei pelo « seu semblante, que a sua alma estava mais consternada do « que no dia antecedente.

« Havia grande reboliço nos outros quartos da prisão, e « chamava-se com muita frequencia pelos presos; mas eu « ignorava a causa desta agitação.

« Que me importa tudo isto? dizia eu comigo, os tyran-

« nos não me podem embaraçar de viver até o ultimo instante
« da vida: eu sou mais feliz com a segurança da minha in-
« nocencia do que elles o podem ser no meio do furor que
« os anima; podem vir buscar-me, quando quizerem; eu
« sei sahir do mundo, como quem entra no repouso. Quando
« fui para o quarto do carcereiro para jantar, vi a minha
« fiel aia, a qual se lançou aos meus braços, banhada em
« lagrimas, e quasi suffocada pela oppressão que lhe cau-
« sava a minha desgraça. Este momento foi terrivel para
« mim, porque me enterneci a tal ponto com este encontro,
« que não podia respirar, por me parecer que a tranquil-
« lidade de espirito é de algum modo reprehensivel quando
« as pessoas que se interessam no nosso destino soffrem
« grandes afflicções por nos verem na desgraça.

« Eu não gosto de fazer grande despeza comigo, e acho
« algum prazer em exercitar as minhas forças, privando-
« me das mesmas cousas que me são agradaveis. Em con-
« sequencia disto, experimentei até que ponto a vontade
« humana póde reduzir as suas precisões. Principiei, pas-
« sados quatro dias, por diminuir os almoços, substituindo
« pão e agua ao café e ao chocolate. Determinei que me
« não déssem senão carne cosida com hortaliças ao jantar, e
« á noite algumas hervas cosidas, sem sobremesa. Princi-
« piei a beber cerveja para me desacostumar de vinho, e
« por fim deixei tambem a cerveja. Comtudo, como a minha
« diéta tinha um fim moral, dava todo o producto desta
« economia aos desgraçados que viviam na miseria, para
« ter a satisfação, quando comia o meu pão secco ao al-
« moço, de que elles poderiam ajuntar alguma cousa ao seu
« jantar.

« Quando Mma. Roland chegou á *Conciergerie*, diz o autor
« das Memorias de um preso, fumava ainda alli o sangue de
« vinte e duas victimas; e posto que ella soubesse perfeita-
« mente que ia ser condemnada á morte, a sua firmeza foi
« inalteravel. Esta senhora era alta e gentil, e supposto
« não estivesse já na flôr da idade, era naturalmente en-
« graçada e agradável. Os seus grandes olhos negros ti-
« nham ao mesmo tempo muita expressão e doçura, qua-
« lidades que se acham raramente reunidas na mesma pes-
« soa. Ella fallava muitas vezes á grade com a liberdade e
« animo de um grande homem. O seu sexo tomava alguns

« momentos á superioridade; conhecia-se então que ella
« tinha chorado de saudades, lembrando-se de sua filha e de
« seu marido. Esta mistura de compaixão natural e de força
« tornava-a mais constante.

« No dia em que foi chamada aos interrogatorios, pas-
« sou diante de todos com a sua costumada firmeza, e quando
« voltou, trazia os olhos humidos; mas as lagrimas que der-
« ramára no Tribunal eram procedidas da indignação a que
« a tinham provocado os Juizes, os quaes levaram a barba-
« ridade até o ponto de lhe fazerem perguntas ultrajantes á
« sua honra. »

No dia em que foi condemnada, vestio-se de branco, com mais asseio do que o ordinario; o cabello, que era negro, pendia solto, e chegava-lhe até a cintura, o que a tornava mais gentil. Depois que ouviu a sentença que a condemnava á morte, retirou-se para a sala dos padecentes, sem dar o menor signal de fraqueza. Na passagem do Tribunal para a dita sala, olhou para as pessoas do seu conhecimento de um modo que lhes fez conhecer que fôra condemnada. Quando chegou á praça da execução, voltou-se para a estatua da Liberdade, e pronunciou estas palavras memoraveis: « O' LIBERDADE! QUE CRIMES SE NÃO COMMITTEM EM TEU NOME! »

Mma. Grimaldi, conhecida já pela firmeza do seu caracter, não se desmentio no momento em que o animo cessa de ser uma ostentação, e em que a alma se acha só com as suas fraquezas ou com a sua força. Quando lhe apresentaram o auto de accusação, não o quiz ler; não por desesperação, como succedeo a outros accusados, mas para não perder tempo a ler um procedimento injusto, que considerava com razão como uma formalidade ridicula porque o rejeitou, sem se inquietar, e sem que se observasse no seu semblante o menor signal de alteração ou de descontentamento. Ella distribuiu aos indigentes que soccorria habitualmente todo o dinheiro que lhe restava; abraçou a sua aia e as pessoas da sua amizade, e despedio-se de todos com a mesma tranquillidade com que um viajante se póde despedir dos seus companheiros no fim de uma longa jornada.

A formosa princeza Lamballe nasceu a 8 de setembro de 1749. Todos sabem qual foi o seu destino com o marido que a sorte lhe deo, e como o perdeo no fim de algum tempo

de casada. Ella vivia ligada á familia real, e tinha tanta amizade á Rainha que a acompanhou constantemente nos seus desgostos. Não havia mais de um mez que ella tinha voltado de Londres quando a Revolução mudou de face pelo acontecimento de 10 de agosto. A côrte de Inglaterra tinha-a tractado com grande distincção, instando-a muito para que ficasse em Londres até que se restabelecesse o socego em França; porém ella, sabendo que as perturbações deste paiz tomavam uma face mais terrivel, e que a sua amiga era ameaçada de novas desgraças, quiz reunir-se á ella, e tomar parte na sua boa ou má fortuna. Os exemplos de amizade tão fortes, são de ordinario pouco communs nas côrtes dos reis. Mma. de Lamballe foi encerrada em uma das prisões da *Casa de Força*, depois do dia 10 de agosto. No dia 3 de setembro de manhã foram dizer-lhe que ia ser transferida para as prisões da *Abbadia*, instando-a a que se apromptasse para esta mudança. Ella estava ainda na cama, e respondeo que prisão por prisão, lhe era indifferente o ficar em uma ou em outra, e não se quiz levantar.

Um homem vestido com o uniforme de guarda nacional chegando-se então mais perto della, disse-lhe com aspereza que obedecesse porque dependia disso a sua vida. A infeliz senhora, enganada vilmente por este pérfido, disse que faria o que lhe determinavam; supplicou ás pessoas que tinham entrado na sua prisão a que se retirassem, e depois de se vestir apressadamente, chamou o guarda nacional, o qual lhe deo o braço para a conduzir a um postigo da prisão por onde se faziam sahir os presos. Quando chegou ao Tribunal sanguinario, teve tanto horror de ver as armas e os algozes escorrendo em sangue e de ouvir os gritos de dôr das victimas que elles estavam degolando na rua, que cahio em convulsões. Os infames assassinos, que se tinham erigido em juizes, fingiram que lhe queriam fazer interrogatorios. « Eu não tenho que responder (disse a Princeza), morrer mais cedo ou mais tarde, é para mim indifferente porque estou preparada para a morte. »

« Ah! (disse o que presidia a este ajuntamento de assassinos), ella não quer responder, conduzam-na á *Abbadia*. »

Esta expressão era o signal de morte em que estes barbaros tinham concordado. Os algozes, arremeçando-se então á victima, levaram-na ao supplicio. Ainda bem não tinham

sahido do Tribunal, deram-lhe uma cutilada tão forte pela parte detrás da cabeça que lhe fez correr o sangue a cachões. Um grito lastimoso foi a unica expressão desta infeliz. Os dous algozes, que a levavam pelos braços, fizeram-na passar por cima dos cadaveres dos desgraçados que acabavam de sacrificar. Como a grande quantidade de sangue que lhe sahia pela ferida a fazia desmaiar e perder as forças, ia cruzando as pernas para não cahir descomposta. Quando os algozes viram que ella se não podia levantar por ter perdido todas as forças, profanaram o seu corpo com mil excessos de barbaridade e de infamia. Que homem sensivel poderia contemplar este horrivel espectaculo! Os nossos descendentes acreditarão acaso o que eu tenho visto, e o que vejo ainda gemendo de horror? Todo o inferno e todas as furias com figura humano disputavam entre si os restos de um corpo que tinham lançado na enxurrada depois de o terem despedaçado; e ajuntando a derisão á ferocidade, obrigaram um cabelleireiro a pentear a sua bella cabeça para a levarem em triumpho no meio dos dous peitos do coração sanguinolento, e de outros... A penna cahe da mão (diz o historiador horrorisado), descrevendo atrocidades que escandalisam a natureza e o pudor.

Citemos aqui um rasgo de generosidade e de valor de uma amiga da infeliz Lamballe, a gentil e virtuosa Lowendal. Quando esta mulher extraordinaria soube o perigo que corria Mma. Lamballe na prisão em que se achava encerrada, reuniu a toda a pressa as pessoas da sua amizade e muitos criados fieis, vestio-os com o uniforme dos assassinos das prisões, deo-lhes espadas e piques, e untando-lhes os semblantes de sangue e de lodo, poz-se á frente delles, e marchou para a prisão onde se achava a sua amiga, com o designio de a arrebatara á sorte cruel que lhe destinavam os seus inimigos. « Ai! Ella chegou tarde; já o barbaro e perfido duque de Orléans se tinha adiantado a satisfazer a raiva que o devorava contra a infeliz Lamballe, sua cunhada. » Elle tinha jurado desde muito tempo a perda desta Princeza, e a sua vingança era instigada pela infame cobiça; porque com a morte de sua cunhada ganhava cento e vinte mil cruzados annuaes que era obrigado a pagar-lhe por ter herdado os bens immensos de seu pai com esta condição.

Sabendo que se tinham offerecido 60 mil cruzados a Ma-

noel para a livrar, o duque de Orléans apressou-se a mandar á prisão um bando de assassinos dos que elle estipendiava para a sacrificarem.

Rotondo, um vil italiano que vivia desde dous annos em grande amizade com este Principe, foi quem capitaneou o tropel dos assassinos. A desgraça quiz que este pèrfido chegasse primeiro do que Mma. Lowendal; assim esta intrepida mulher teve a dôr de não ver senão os tristes restos da sua amiga entregues aos infames assassinos que os disputavam entre si, como outros tantos tropheos da sua ferocidade.

O ciume era uma das paixões mais fortes de Robespierre; tudo o que realçava o merecimento de seus collegas, que olhava como seus rivaes, tudo o que lhes procurava a attenção publica, ou tendia a augmentar a sua celebridade, irritava a inveja deste tyranno e fazia o tormento da sua existencia. Entre os factos que attestam esta verdade, o que vamos contar é sobretudo notavel pela singularidade das circumstancias de que foi acompanhado, e pelas suas funestas consequencias. Collot d'Herbois, um dos rivaes de Robespierre em poder e atrocidade, foi atacado por um assassino; as sociedades populares, as secções e as autoridades revolucionarias reuniram os seus votos para felicitar a Convenção Nacional pela fortuna que teve Collot d'Herbois de escapar da morte. Este acontecimento procurou-lhe tanto a attenção publica que se não fallava senão de Collot d'Herbois. A sua existencia politica tornou-se desde esta occasião muito mais importante do que antes, porque apenas representava um papel secundario: o primeiro pertencia a Robespierre. Este tyranno, receando que a popularidade de que gozava se enfraqucesse com o accidente de Collot d'Herbois, tomou a resolução de attrahir sobre si a attenção publica a todo o custo. Taes eram as suas circumstancias, quando a visita de uma donzella que o procurou em occasião em que elle se achava fóra de casa, servio de motivo ao triumpho que o seu pèrfido coração ambicionava. Este monstro foi incensado com as mesmas honras que se tinham concedido a Collot; as sociedades populares e as secções correram novamente á sala da Convenção Nacional, para felicitar o mais infame de todos os perversos por ter escapado ao punhal de um assassino.

A moça Renaud tinha vinte annos quando deo causa ao acontecimento singular que a levou ao cadafalso. Esta donzella tomando as cousas em todo o rigor, não devia ser contada entre o numero das mulheres formosas; mas tinha uma certa graça, e um não sei que, que agradam muitas vezes mais do que a mesma belleza. As suas feições, tomadas em particular, não formavam o que se chama uma belleza, mas o todo, e sobretudo a gentilleza e a sua figura, davam-lhe tanta graça, que era olhada como a mulher mais interessante do seu bairro. Seu pai assistia na rua da Lanterna, onde tinha uma loja de papel, e gozava da reputação de grande probidade entre toda a gente que o conhecia, e entre os mesmos mercadores da sua corporação. A sua familia era numerosa e bem criada; dous de seus filhos serviam debaixo das bandeiras da Republica no exercito do Norte.

Não se soube se a moça Renaud tinha alguma paixão amorosa; formaram-se a este respeito diversas conjecturas, mas todas vagas e destituidas de fundamento e de provas. Não se pôde attribuir outra causa á sua conducta senão a que lhe assignou ella mesma nos interrogatorios. O dia em que a moça Renaud se apresentou em casa de Robespierre, foi a 23 de maio de 1794, de tarde. Perguntado por elle, responderam-lhe que não estava em casa; ella disse então, um pouco enfadada, que se admirava de que um funcionario publico não estivesse em casa para fallar ás pessoas que o procuravam. Os satellites de Robespierre pouco acostumados a ouvir fallar assim, e suppondo que a visita da moça Renaud encerrava algum misterio, fizeram-lhe muitas perguntas, ás quaes ella respondeo com tanta firmeza e segurança, que se deram por offendidos.

Que vens aqui buscar? (lhe perguntou um delles) tu vens com má tenção.

« Eu venho vêr que figura tem um tyranno (respondeo ella). Os guardas de Robespierre enfurecendo-se com esta resposta, olharam logo esta donzella como uma segunda Carlota Corday. Conduzamo-la á Junta da Segurança Geral (disseram elles então), é um monstro que queria apunhalar Robespierre. Elles a conduziram com effeito á Junta da Segurança Geral, onde os Juizes lhe fizeram logo os interrogatorios seguintes :

« Como vos chamaes, que idade tendes, e em que vos occupaes? »

« Chamo-me Amada Cecilia Renaud (respondeo ella), tenho vinte annos, e moro em casa de meu pai, que tem uma loja de papel na rua da Lanterna. »

« Quem vos prendêo, e em que lugar? »

« Fui presa em casa de Robespierre, por pessoas que não conheço. »

« Que motivo vos levou á casa do representante do povo Robespierre? »

« Fui lá para lhe fallar? »

« Em que negocio lhe querieis fallar? »

« Conforme o tivesse achado. »

« Tinha-vos encarregado alguém de lhe fallar! »

« Não. »

« Querieis entregar-lhe algum requerimento? »

« Não vos importa. »

« Conheceis o cidadão Robespierre? »

« Não, pois que eu o queria conhecer. »

« Porque motivo o querieis conhecer? »

« Para vêr se me convinha. »

« Perguntada o que entendia por estas ultimas palavras, respondeo que escusavam de se cançar a este respeito, porque não responderia mais nada. »

« Quando procurastes por Robespierre (continuaram os que lhe faziam as perguntas), enfadasteis-vos pelo não achar em casa? »

« Sim (respondeo ella). »

« Conheceis a rua da *Estrapade*? »

« Não. »

« Dissestes aos cidadãos que vos prenderam, que derramariéis todo o vosso sangue, se isso fosse preciso para ter um rei? »

« Sim, eu o disse. »

« Sustentaes isso? »

« Sim. »

« Que motivos vos determinaram, e vos determinam ainda, a desejar um tyranno? »

« Desejo um rei para não soffrer cincoenta mil tyrannos, e fui á casa de Robespierre para vêr como era um tyranno. »

Os deputados da Junta fizeram-lhe apresentar uma trouxa com roupa de mulher que ella déra a guardar em uma loja de bebidas, antes de entrar em casa de Robespierre, e perguntaram-lhe com que designio trazia a dita trouxa. A isto repondeo : « que como sabia para onde a haviam de « conduzir, queria levar comsigo roupa lavada para o seu « uso. »

« E aonde suppunheis que vos haviam de conduzir? »

« A' prisão, e de lá á guilhotina. »

« Que uso querieis fazer de duas facas que vos acharam? »

« Nenhum; eu nunca tive tenção de fazer mal à ninguem. »

A moça Renaud foi conduzida á *Conciergerie*, depois deste interrogatorio; o cuidado de punir os seus attendados foi incumbido a Fouquier-Tinville. Este digno ministro da raiva de Robespierre não esqueceo nada neste negocio de tudo o que podia lisongear seu amo. Elle principiou fazendo-lhe interrogatorios particulares. No primeiro empregou todos os meios capazes de espantar esta donzella, para a fazer confessar quem eram seus cumplices; mas ella protestou : « que não queria matar Robespierre, e « que fôra á sua casa sómente para vêr a figura de um « tyranno. »

Fouquier-Tinville ameaçou-a, em outro interrogatorio, de que a havia de fazer guilhotinar com seu pai, com seus irmãos e com toda a sua familia, se não confessasse o seu crime e declarasse os cumplices delle. A isto repondeo : « que a podiam matar por ter concebido a idéa de querer « vêr um tyranno; mas que commetteriam uma injustiça « atroz se punissem uma familia innocente. » Mlle Renaud conservou nestes interrogatorios a mesma presença de espirito, e respondeo com a mesma firmeza com que tinha respondido na Junta de Segurança Geral, o que Fouquier-Tinville olhou com uma audacia orgulhosa de que se indignou muito. Para a punir, lembrou-se de a fazer passar por uma especie de tormento. Como sabia que ella era muito asseiada, deo ordem ao carcereiro da prisão para que a fizessem despojar do seu fato, e a obrigassem a vestir-se de farrapos immundos e nojentos. Depois de a reduzirem a esse estado, levaram-n'a á Camara do Conselho, onde lhe repetiram as mesmas questões e as mesmas ameaças que lhe tinham feito nos interrogatorios precedentes. Em vez

de se vexar por se vêr coberta de farrapos, zombou do accusador publico por se servir de meios tão baixos. As suas respostas foram sempre as mesmas, persistindo em negar « que não tinha cumplices, nem pretendêra assassinar Robes-« pierre ; mas a sua perda e a da sua familia estavam « decididas. » Esta donzella extraordinaria compareceo no Tribunal, a 19 de junho, onde teve a dôr de vêr seu pai e uma tia que a criára entre os accusados, que lhe associaram. Os seus olhos arrasaram-se de lagrimas com este espectaculo, mas passados alguns momentos, tornou a tomar a sua costumada serenidade. Não menos de oito carros foram necessarios para conduzir ao cadafalso os seus suppostos cumplices. Contava-se entre elles a formosa Mme de *Santa Amaranthe*, sua mãe, e seu marido, o filho do ex-ministro Sartine, Sombreuil pai e filho, o assassino de Collot d'Herbois, e outros muitos individuos que ficaram admirados de se verem reunidos e condemnados como cumplices do mesmo delicto. Á vista de cincoenta e quatro condemnados, vestidos cada um com uma alva vermelha, distinctivo reservado para os assassinos, incendiarios, e cercados de tropas de cavallaria, infantaria e artilharia, parecendo que iam para uma festa, offerecia um espectaculo capaz de irritar as almas, ainda menos sensiveis.

Todo o mundo olhava com attenção para Mlle Renaud ; a approximação da morte não produziu a menor alteração no seu semblante ; pelo contrario, observou-se que conservou até o ultimo momento tanta presença de espirito, que olhava para toda a gente com incrível tranquillidade. Esta heroína não patenteou um só instante de fraqueza no espaço de meia legua de caminho que ha desde a *Conciergerie* até o lugar do supplicio, que era então na extremidade do arrabalde de *Santo Antonio*. Conversou tranquillamente com os companheiros da sua desgraça, e observou-se que se sorrio muitas vezes no meio da conversação. No lugar do supplicio descêo do carro com toda a firmeza, abraçou seu pai e sua tia, e exhortou-os á que morressem com animo. Quando lhe chegou a sua vez de subir ao cadafalso, lançou-se promptamente para a guilhotina, e offereceu a cabeça ao ferro destruidor, com grande socego. Assim morreu Mlle Renaud, de quem se não pôde descobrir o projecto ; as suas respostas podiam motivar algumas suspeitas, mas estas suspeitas

não deviam de modo algum dar motivo á sentença barbara do Tribunal que a julgou. Seria impossivel achar Juizes tão depravados, que, por indicios tão leves, a condemnassem á morte, e toda a sua familia, exceptuando os infames e sanguinarios satellites do jacobinismo. Fouquier-Tinville tinha mandado conduzir a Pariz os dous irmãos desta donzella, que serviam no exercito, para os executar; elles tinham já chegado a essa Capital a 9 de thermidor (27 de julho), e deviam ser guilhotinados pouco tempo depois; mas a revolução deste dia salvou-lhes a vida, dando cabo de Robespierre e dos seus satellites.

Maria Carlota Corday, de quem fallámos, merece, por todos os titulos, o primeiro lugar entre as mulheres celebres da revolução Franceza. Esta heroína vivia retirada em casa de seus pais, occupando uma grande parte do tempo no estudo da historia antiga, estudo que lhe inspirou os primeiros sentimentos da liberdade. Achando-se em Caen, quando a mocidade desta cidade se alistava debaixo das ordens de Winfen para marchar em soccorro da maioridade da Convenção Nacional, opprimida pelos Jacobinos, o ardor com que esta mocidade se sacrificava pela patria despertou na sua alma os sentimentos que a acção verdadeira ou supposta de Mucio Scevola lhe tinha inspirado, o que a determinou a renovar este exemplo, apunhalando Marat, que as expressões sanguinarias do seu jornal faziam olhar naquelle departamento como o principal motor das calamidades que desolavam a França. A paixão de vêr o seu amante assassinado em um tumulto excitado pelos jornaes de Marat, podia ser o principal motivo da sua resolução; mas este facto não é tão evidente, como supõem alguns escriptores.

E' certo que Carlota Corday foi de proposito a Pariz para matar Marat, e executou o seu projecto cravando-lhe uma faca no coração. Longe de defender a vida diante do Tribunal revolucionario, onde a conduziram no mesmo dia, ella fallou da sua acção como de um dever com que tinha cumprido para com a sua patria... « Eu tinha direito de matar Marat » (disse ella), convencido desde muito tempo da mais infame « perversidade, e condemnado pela opinião publica, de quem « eu executei a sentença. »

Percebendo que a desenhavam, quando lhe estavam fazendo os interrogatorios, poz-se em uma attitude que apresentava ao artista o todo das suas feições, e pediu-lhe que mandasse um dos seus retratos á sua familia. Depois de ouvir lêr a sua sentença com attenção e sangue frio, fallou alguns momentos com o seu defensor officioso, e sahio com a mesma tranquillidade. Tirou tres cartas do seio, depois de ouvir a sentença, e que as deo aos Juizes, rogando-lhes que as mandassem aos seus destinos. Duas eram para o deputado Barbaroux, e continham a relação exacta de tudo o que lhe tinha succedido, desde a sua partida de Caen até o momento do processo. Na terceira, despedia-se de seu pai.

E' difficil de pintar o heroismo com que Carlota Corday se portou desde a prisão até o cadafalso. As regateiras conhecidas com o nome de *furias da guilhotina*, que os Jacobinos tinham estipendiado para que a amaldiçoassem com apupadas quando subisse ao fatal carro que a havia de conduzir para o supplicio, ficaram tão confusas quando observaram o modo respeitavel com que ella se portava, que não puderam proferir um só palavra. Ella subio ao cadafalso com firmeza.

O carcereiro tinha-a informado em grosso do genero do seu supplicio; mas ella ignorava os accessorios, e quando o algôz lhe quiz amarrar os pés, julgando que elle a queria insultar, agitou-se para se defender; mas logo que lhe explicou o motivo daquella acção, sorriu-se do seu engano, e cessou de resistir. O pudor fez corar fortemente as suas faces quando o algôz lhe tirou o lenço que lhe cobria o seio no momento em que o ferro da guilhotina a ia privar da vida. Esta ultima impressão da modestia offendida subsistia ainda quando o executor mostrou a cabeça ao povo.

A esposa de Lépinai, general da Vendei, estava presa em Nantes com uma criada, natural de Chatellerault, a qual a servia com tanta amizade que se tinha encerrado voluntariamente com ella na prisão. Um dia em que os soldados foram buscar os presos para os conduzir á morte, esta criada ouvindo chamar por Mma. Lépinai, que por amor de certa indisposição se tinha recolhido por um instante ao seu quarto, e sabendo que a ama ia morrer, apresentou-se

no lugar della, foi para o supplicio muito contente por sacrificar a sua vida para salvar a de Mma. Lépinai. Esta heroina da amizade morreo affogada nas ondas do Loira, com outras muitas victimas.

Da mulher como Irmã da Caridade (1).

C'est toi, dont la piété plus tendre
Verse l'aumône à pleines mains,
Guide l'aveugle et vient attendre
Les voyageurs sur les chemins;
C'est toi qui, dans l'asile immonde
Où les deshérités du monde
Viennent pour pleurer et souffrir,
Donne, aux vieillards, de saintes filles,
A l'enfant sans nom, des familles,
Au malade, un lit pour mourir.

LAMARTINE, *Hymne à J.-Christ.*

Junto ao leito agonisante de um moribundo que luta com a morte, permanece uma virgem de feições angelicas, ins-

(1) Não nos recordamos onde lemos que uma Irmã da Caridade, durante o espaço de 50 annos que servio em tão santo mister, cuidou de 300 mil enfermos, do que se admira o escriptor de tamanha virtude.

No dia 19 de julho de 1849, S. Exa. Rvma. o Snr. D. Romualdo Antonio de Seixas, arcebispo da Bahia (por nossas instancias), fundou a confraria de S. Vicente de Paulo naquella cidade, com o fim de mandar vir de França algumas Irmãs da Caridade, o que se realisou felizmente.

O primeiro que teve a lembrança de pedir para o Brasil Irmãs da Caridade, foi o nosso respeitavel amigo o Exm. Snr. visconde da Pedra Branca, como se verá dos documentos que aqui transcrevemos.

« Illm. Snr. Dr. Alexandre José de Mello Moraes. — O mimo das honrosas e benignas expressões de V. S., atiçavam a vaidade, quando devi á frieza da velhice lembrar que o apreço nasce da impressão que recebe nossa alma em momentos favoraveis, e que foi de certo em um desses, que V. S. leo os versos tocante ás Irmãs da Caridade; d'ahi vem a fortuna delles, e a estima que tanto me lisongeia.

« O assumpto disfarça, e encobre os defeitos : gostamos de ler o que pensamos, e o prazer guarda o sabor de sua origem; o milagre é d'esses anjos que mostram ser a mulher assim virtuosa, o esmero de Deos.

pirando com sua presença tranquilla, confiança e conforto; mais adiante, outro anjo de Deos, encostado á cabeceira de um homem, que lhe é estranho, suavizando-lhe as dores com a candida mão. E quem são esses anjos que symbolisam a mulher na terra? São Irmãs da Caridade.

Nascemos para sentir, e só a mulher é que bem comprehende as mais pequeninas mudanças da sensibilidade. Amamos, quando apenas somos possiveis, quando realidade, e mesmo ainda além do tumulto. Seu amor é unico, unico o seu pensamento de affecto mavioso ou afflictivo.

Ei-la no mundo, como mensageira de Deos, providenciando e repartindo com o homem a metade da vida, a fazer-lhe menos pesada a propria existencia, e menos tormentosa a peregrinação. Innocente, sem mancha, impecavel, esse anjo de candura, á medida que a existencia se prolonga, entrega-se á descripção do homem, com vontade e sem acção. Nesse viver de prisões, nessa existencia circumscripta, a mulher se julga feliz, por ser mais nobre que a do homem a sua missão na terra. Anjo de Deos, os homens tudo te devem : o teu imperio, não se acabará na terra. O que ha de grande, indifinido, no sentir dos homens, tu o symbolisas. A religião, a virtude, a sabedoria, a prudencia, a mag-

« Admirando os prodígios, apanhei a occasião que podia dar ao nosso Brasil o exemplo dos santos desvelos das filhas de S. Vicente de Paulo, como V. S. vio no documento, que a meu pedido, lhe apresentou o Snr. Alexandre Borges, não para reclamar prioridade inutil, pois sei que o merecimento não está no sonho, e sim na realisação; porém á mostrar a satisfação de ver, passados vinte annos, verificar-se o que, com mágoa minha, então falhara.

« Desculpe não dizer o porque, a cada um fique o que lhe toca.

« Hoje, á piedade de um digno prelado, e ao empenho de homens bemfazejos como V. S., deveremos o que outr'ora seria demasiada fortuna de um só.

« Teremos de ver brevemente estabelecida a irmandade, que V. S. me annuncia, graças ao extremo cuidado de V. S., e á paternal valiosa protecção de S. Exa. Rvma. : tão dignos exemplos serão gostosamente seguidos. — Bem haja aquelle, que pela imprensa estendeo a mão do mendigo a pedir esmola pelo amor de DEOS, para obra tão admiravel.

« Agora, que conheço a mão, vou aperta-la em signal de veneração, e nella deporei a minha offrenda : o Snr. João Gonsalves Ferreira me faz o obsequio de ser o portador, e eu peço o de não saber a mão esquerda, o que faz a direita.

« Nenhuma occasião me podia ser tão grata, quanto esta, para offe-

nanimidade, a fortaleza, a caridade, e as demais virtudes, vestem-se com as tuas galas, adornam-se com os teus vestidos.

Que amigo mais fiel possui um homem, do que uma mulher?

Nos prazeres da vida, ou na adversidade, é a mulher a inseparável companheira do homem : ninguém a iguala no amor, nem na fidelidade, e mais ainda na piedade. Só a mulher comprehende a piedade, ninguém como ella exerce a caridade, e mais virtudes sociaes.

A par das miserias humanas, ella apresenta o balsamo da consolação, por existir nella a força precisa para o exercicio pleno, infatigavel do seu empenho no mundo.

Votada ao serviço do homem, e até mesmo aos seus caprichos, encara os males sem murmurar.

A mulher, do berço á sepultura, é a amiga desinteressada do homem; e abraçada com a innocencia, carinhosa se desvela á lhe servir de mãe; e qual rainha do universo, por sobre tudo atravessa á se mostrar protectora. Votada ao amor, até depois da existencia, a mulher venera a sombra do homem, adora a sua lembrança. O modo por que comprehende as affeições exteriores, e a facilidade dos desenvolvimentos,

reçer-me a seu serviço, e levar-lhe os protestos da distincta consideração, com que prezo ser de V. S. o mais attento venerador, amigo, etc.

« Engenho S. João, 1 de abril de 1849. »

« Pedra Branca. »

A' S. M. l'imperatrice du Brésil, D. Amelia.

Madame. — Qu'il soit permis à celui de vos sujets qui de premier a eu l'honneur d'être employé à votre service, d'être aussi le premier qui ait le bonheur de saluer V. M. du nom de son imperatrice. Que la première grâce qui émane de V. M. I. soit aussi la récompense des services d'un serviteur fidèle. Que V. M. commence par pardonner mon ambition; je profite, madame, de la fortune qui me sourit. Je supplie donc V. M. I. de vouloir bien emmener dans sa suite deux soeurs de charité, pour établir au Brésil cette institution, le chef-d'œuvre de la vertu des femmes. Que V. M. emmène aussi avec elle, deux dames de St. Denis, pour instituer une maison d'éducation pour les filles des brésiliens qui ont bien mérité de la patrie. Que V. M. fasse établir des caisses de rachat, et d'épargnes pour la liberté des esclaves, et la civilisation des Indiens. Que V. M. établisse une société à l'instar de S. M. l'imperatrice de Russie, pour la colonisation et le mariage des pauvres. Que V. M. I. apprenne-la sous sa protection particulière les enfans trouvés, et qu'elle fasse établir une société de belles lettres à Rio de Janeiro, et des sociétés d'agriculture dans tout l'empire, et qu'elle choisisse pour fondateurs des ces divers établissemens l'Evêque d'Anemuria, et Mr. M Calmon du Pin e Almeida. J'ose encore prier V. M. d'accepter l'exem-

sua nimia sensibilidade, a collocam na subida da nossa particular estima e adoração.

A cada instante, sua sensibilidade se affecta, e conforme o modo porque lhe toca, ei-la compadeçida, em lagrimas, em cuidados sem fim; e quando o homem, ufano do triumpho, busca vence-la, lhe não disputa a gloria.

A beneficencia e a caridade são os seus distinctivos de gloria.

E' talvez por este conhecimento que o homem, profundamente tocado dos males affrontosos de seus semelhantes, congregou por meio da religião, a essas filhas do céo, para exercitarem e repartirem com o homem infeliz os seus mais valiosos cuidados; e ellas, com o pensamento na Divina Providencia, e o coração no amor da beneficencia, a tudo se expoem! Filhas muito amadas de Deos, os soffrimentos dos homens vos são penosos!!! Não importa... Vosso coração sensível, é maior que a adversidade. A miseria é um mal; preveni-la, repara-la, é um bem; vós nascestes para o bem dos homens... Prehenchei vossa missão sublime.

A religião christã, tão maravilhosa em philosophia, quanto simples em preceitos, é fundada na caridade e na liberdade do homem.

plaire ci-joint de la constitution de l'empire, pour que V. M. I. prenne la langue nationale. C'est déjà trop demander, et cependant ma femme et une fille ont aussi leur prière. Elles supplient V. M. d'accepter les deux objets d'art brésilien, que le chevalier de Plannu déposera aux pieds de V. M. Elles seront fières de penser que les premiers objets de parure brésilienne dont V. M. se soit servi, viennent de leurs mains.

En daignant nous accorder les graces que nous demandons à V. M., qu'elle nous permette de lui baiser la main, en signe de notre reconnaissance.

De V. M. I. Le très humble et très dévoué serviteur. — (Signé) Le Vicomte de Pedra Branca. Cantorbery le 30 mai 1829.

A son altesse royale madame la princesse Auguste Amélie de Bavière, duchesse de Leuchtenberg.

Madame. — Ayant eut le bonheur d'assister à la signature du contrat de mariage, qui, dans mon opinion, va faire la félicité de ma patrie, je crois qu'il me sera permis de porter mes félicitations jusqu'aux pieds de votre altesse royale. Fier de cette faveur du sort, j'en abuse peut être, en suppliant votre altesse royale de vouloir bien présenter ma très humble requête ci-jointe à mon auguste souveraine.

Madame, pardonnez la fierté d'un homme de bien, et d'un serviteur dévoué, et daignez agréer l'hommage des sentimens de la vénération profonde avec lesquels je suis,

Madame, de votre altesse royale, très humble et obéissant serviteur,

Cantorbery 30 mai 1829.

(Signé) LE VICOMTE DE PEDRA BRANCA.

As anteriores religiões adoptadas, desconheciam a caridade, por julgar antes um erro dos sentidos do que uma realidade de facto, que eleva o homem ácima das intelligencias. O christianismo, fallando ao espirito e ao coração, comprehendendo a dignidade do homem, e se fundou na caridade.

A caridade, sendo a mais nobre de todas as virtudes, e a mais necessaria para a humanidade, é a bandeira do christianismo, e o sentimento que mais approxima o homem do seu creador. A sciencia murcha, mas a caridade edifica. A caridade é paciente, é benigna; a caridade não inveja e nem obra temeraria nem precipitadamente; não se ensoberbece, não é ambiciosa, não busca os seus proprios interesses, não se irrita, não suspeita mal, não folga da injustiça; pois folga com a verdade; tudo tolera, tudo crê, tudo espera e tudo soffre.

A caridade, como diz S. Paulo (1.^a E. aos Corynthios), nunca jámais ha de acabar, ou deixem de ter lugar as prophcias, ou cessem as lagrimas, ou seja abatida a sciencia. A humanidade, sentimento nobre, que nos enche de compaixão, ou de verdadeiro amor para com os nossos semelhantes. de algum modo nos faz participar dos mysterios da Divindade quando protege e vela sobre os miseros que padecem. Este sentimento, que tão de perto nos toca, quando vemos a dor ou a infelicidade, é tão poderoso em nossos corações, que, obrando sobre o instincto, faz gerar a sympathia. Sentimos um não sei que de mysterioso que nos obriga a voarmos em socorro do miseravel.

Ouçamos o que diz o Espirito-Santo por boca de Moysés (Deut. 15, 78):

« Se estando tu no paiz, que o Senhor teu Deos te ha de dar, cahir em probezá um dos teus irmãos, que moram das portas para dentro da tua cidade, não endurecerás o teu coração, nem cerrarás a tua mão, mas abril-a-has para o pobre, e lhe emprestarás o que vires que elle ha mister. »

Jesus Christo com as suas obras exemplificou o que estava escripto, e perguntado por um doutor da lei o que era preciso fazer para entrar na posse da vida eterna? (Lucas, 10, 25 e seg.) « Amarás ao Senhor teu Deos de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de todo o teu entendimento: e ao teu proximo, como a ti mesmo. »

O christianismo dá tanta força ao espirito, que o eleva ao verdadeiro enthusiasmo. A' tudo se sujeita o christão por amor de Christo. Sua fé não enfraquece, ao contrario, mais robusta se apresenta nos tormentos da vida. O christianismo tanto vigora o homem como a mulher, cada qual se esforça nos santos trabalhos á que se entregam. « Assim (diz o conselheiro Bastos), os cenobitas do monte de S. Bernardo, tão elevados acima dos sentimentos vulgares, como sua habitação o é acima das outras habitações terrestres, rodeados de neve e cadaveres, respirando um ar humicida, practicando actos da mais extremada virtude, passam uma vida que, para os apathicos egoistas e para os impios, não pôde deixar de ser um incomprehensivel mysterio. Quem se não enternecerá contemplando estes heróes do christianismo? Quem, vendo-os, não cahirá de respeito e admiração a seus pés?

As Irmãs da Caridade são outro prodigio permanente desta sublime virtude. Até a revolução Franceza as respeitou, não respeitando outra alguma associação religiosa. As paixões desenfreiadas que atacavam tudo, suspendiam sua furia á vista desses anjos da terra. Soldados freneticos, invadindo seus hospicios, vociferando injurias, sahiam arrependidos, edificados e cheios de veneração por ellas.

Ao só nome de Irmãs da Caridade, todas as idéas de virtuoso heroismo se despertam. Talvez (diz o patriarcha dos philosophos), não ha nada maior sobre a terra que o sacrificio que faz um sexo delicado da belleza, da mocidade e muitas vezes do alto nascimento, para tractar nos hospitaes a reunião de todas as miserias humanas, cuja vista é tão humilhante para o nosso orgulho e tão revoltante para o nosso melindre: mas o que não diz, é que isto são prodigios da piedade; é que toda a antiguidade pagã não offerece nada de comparavel a esta admiravel instituição; é que antes do christianismo senão havia visto nada tão grande; é que os inglezes, tão ufanos de seus philanthropicos estabelecimentos invejam ao catholicismo, estes que elles não têm podido aclimar.

Assim como o enthusiasmo do genio faz os poetas e oradores, o enthusiasmo da gloria faz os grandes capitães, será o enthusiasmo da caridade que faz as filhas de S. Vicente de Paulo? Talvez não faltará quem o pense: mas o

o enthusiasmo ama a publicidade, electriza-se aos sons dos clarins da fama, e as filhas de S. Vicente trocam as delicias, o esplendor e as vaidades do mundo pela obscuridade dos hospitaes, pelos retirados asylos em que se pena e chora. O enthusiasmo não tem senão accessos; a sua luz é como a do relampago, que rasga subitamente os ares e desaparece; e ellas permanecem sempre da mesma sorte; a sua vida é o sacrificio da manhã, da tarde e da noite, é o trabalho, é o sacrificio de toda a vida. Onde houve uma constancia superior á dellas, em soffrer e em soccorrer os que soffrem? Quem unio tanta severidade comsigo á tanta sensibilidade com os infelizes? Uma paciencia tão inalteravel, uma abnegação tão heroica, uma coragem tão magnanima, entre tantos objectos que revoltam os sentidos, entre tantas ingratições que revoltam o espirito? Que força desconhecida sustenta este sexo delicado? Que mão poderosa defende estas virgens innocentes, e repelle para longe dellas os males que ellas alliviam? Porque milagre salvam ellas a sua vida, com a sua vida, com a sua virtude? Alguma columna protectora marcha diante dellas, ou é um raio da gloria divina que brilha em seus semblantes! Ellas, porém, não se dedicam só nos hospitaes ao serviço da humanidade. Onde se geme, onde se chora, onde a morte lucha com a vida, onde se precisam seus cuidados, ou seus desvellos, ellas estão lá. Correm para prestar, as ruas das cidades, os caminhos tortuosos dos campos, sem que algum estorvo, sem que motivo algum as embarasse: e anjos enviados do céo aos desditosos da terra, o seu ministerio não se limita aos soccorros temporaes. Quantas vezes de seus labios purissimos, ellas destillam o doce maná da religião com que animam entes extraviados, proximos a ficar nos desertos de crime? Quantas vezes com um gesto, com uma palavra cheia de unção divina, ellas introduzem a luz da fé nas trevas da incredulidade, no labyrintho desanimador do crime, as consolações da esperança? Aqui temos a mulher e as Irmãs da Caridade.

Da mulher perante o Evangelho.

SEGUNDO S. LUCAS.

Houve em tempo de Herodes, rei de Judéa, um sacerdote por nome Zacarias, da turba de Abias, e sua mulher era da familia de Arão, e se chamava Isabel. E não tinham filhos, porque Isabel era esteril, e ambos se achavam em idade avançada.

Succedeo, pois, que exercendo Zacarias diante de Deos o cargo do sacerdocio, na ordem de sua turma, cahio-lhe por sorte, segundo o costume que havia entre os sacerdotes entrar no Templo do Senhor a offerecer o incenso : e appareceu a Zacarias um Anjo do Senhor, posto em pé da parte direita do altar do incenso; o que vendo Zacarias, ficou todo turbado, e foi grande o temor que o assaltou. Mas o Anjo lhe disse : « Não temas, Zacarias, porque foi ouvida a tua oração; e Isabel, tua mulher, te parirá um filho, e pôr-se-lhe-ha o nome de João. » Algum tempo depois concebeo Isabel, sua mulher, que por 5 mezes se deixou estar escondida, dizendo : « Isto é a graça que o Senhor me fez nos dias em que attendeo a tirar o meu opprobrio dentre os homens. »

Estando Isabel no 6.º mez, foi enviado por Deos o Anjo Gabriel á uma cidade da Galiléa, chamada Nazareth, a uma virgem desposada com um varão, que se chamava José, da casa de David, e o nome da virgem era MARIA. Entrando o Anjo onde Ella estava, disse-lhe :

« Deos te salve, cheia de graça; o Senhor é contigo; benta és tu entre as mulheres. »

Ella como o ouviu, turbou-se do seu fallar, e descorria pensativa, que saudação seria esta. Então o Anjo lhe disse :

« Não temas, MARIA, pois achaste graça diante de Deos : eis conceberás no teu ventre, e parirás um filho, e pôr-lhe-has o nome de JESUS. Este será grande, e será chamado Filho do ALTISSIMO, e o Senhor Deos lhe dará o throno de seu pai David, e reinará eternamente na casa de Jacob; e o seu reino não terá fim. »

E disse MARIA ao Anjo :

« Como se fará isso, pois eu não conheço varão? »

E, respondendo, o Anjo lhe disse :

« O ESPIRITO-SANTO descera sobre Ti, e a virtude do ALTISSIMO Te cobrirá de sua sombra; por isso mesmo o Santo, que ha de nascer de Ti, será chamado Filho de Deos. Que ahí tens tu, Isabel, tua parenta, que até concebeo um filho na sua velhice, e este é o 6.º mez da que se diz esteril; pois que a Deos nada é impossivel. »

Então disse MARIA :

« Eis-aqui a escrava do Senhor, faça-se em mim, segundo a tua palavra. »

E naquelles dias, levantando-se MARIA, foi com pressa ás montanhas de uma cidade de Judá, e entrou em casa de Zacarias e saudou a Isabel. E aconteceu, que tanto que Isabel ouviu a saudação de MARIA, deo o menino saltos no seu ventre; e Isabel ficou cheia do Espirito-Santo; e bradou em alta voz, e disse :

« Benta és tu entre as mulheres, e Bento é o fructo do teu ventre. »

Então disse MARIA :

« A minha alma engrandece ao Senhor, e o meu espirito se alegrou por extremo em Deos meu Salvador. Por'elle « ter posto os olhos na baixeza de sua escrava; porque eis ahí « de hoje em diante me chamarão bemaventurada todas as « gerações. Porque me fez grandes cousas o que é Poderoso, « e santo o seu nome. E a sua misericordia se estende de « geração a geração sobre os que o temem. Elle manifestou « o poder do seu braço : dissipou os que no fundo do seu coração formavam altivos pensamentos; depoz do throno os « poderosos e elevou os humildes. Encheo de bens os que « tinham fome, e despedio vazios os que eram ricos. Tomou « debaixo da sua protecção a Israel, seu servo, lembrado da « sua misericordia. Assim como tinha promettido a nossos « pais, a Abrahão, e á sua posteridade para sempre. »

Mulier, ecce filius tuus... Ecce Mater tua.

(S. J. Cap. XIX, Vers. 26 e 27.)

Em pé junto da Cruz, Maria, estavas,
Vendo morrer na Cruz o Autor da vida.
Morrer ESSE, que o céo cobre de nuvens,
E de um aceno a noite enche de estrellas!

Choravas que eras mãe... mas filha d'Eva.
Sorrias vendo a pobre humanidade
No sangue dessa CRUZ lavando a nodoa,
Que o primitivo crime lhe estampára.
Do alto da montanha Tu mostravas
Aos povos, a Israel, aos céos e infernos,
Que ali vinhas cumprir sobre o Calvario,
Ó que ao celeste nuncio prometteras,
— Corredemptora ser da raça humana, —
A prol do homem, como Eterno, dando
O mais que tinhas... Deus... TEU proprio FILHO.

Chorosos, como TU, os milhões d'anjos,
Que pelos céos e terra, e mar revoam.
(Quasi invejando o homem que valia
Do FILHO e do SENHOR o sangue todo)
Prostrados ante o CHRISTO soluçavam.
Vendo humilhado, como rei. AQUELLE.
Que sobre os mundos erigio SEU throno.
As festas de BELEM, as alegrias
Em prantos se mudavam sobre o GOLGOTHA...
Tudo era luto e dor, saudades tudo.
Mas quando a Ti JESUS volveo seus olhos
« Mulher (dizendo) os homens são teus filhos,
« Em meu lugar T'os deixo, EU T'os entrego;
« D'elles todos sê mãe, mãe carinhosa, »
Foi então, que o sonoro hosana ouviste
Que inteira a criação TE descantava.

Os anjos das nações banhando as azas
No sangue de TEU FILHO moribundo,
Voaram para os povos, que guardavam;
E sobre elles o balsamo espargindo,
Que das nevadas plumas lhes manava.
Em concerto c'os orbes Te disseram.

Hosana ao TEU nome que E's cheia de graça,
Bemditada entre todas, hosana ó Maria!
A serpe do abysmo TEU pé despedaça,
As furias lhe domas, hosana, ó Maria!

Ó FILHO não chores, que houveste do Eterno,
O homem por filho, TE fica, ó MARIA,
Invejiam-no os anjos, pragueja o inferno,
Acatam-no os mundos, hosana, ó Maria!

Das obras divinas não é a mais bella?
Não foi o seu preço TEU CHRISTO, ó Maria?
Tu mesma o remiste, celeste donzella,
Tu mesma o salvaste... hosana, ó Maria.

O que Eva de males causou peccadora,
Sarastes accitando ser Mãi, ó Maria,
E Mãi dos homens tornaste-te agora :
O' gentes reunidas, hosana a Maria.

Que és Mãi, Tu lhes mostra, que nunca TE esqueces,
Que a CRUZ tantos filhos TE deo, ó Maria,
Ao VERBO apresenta seus rogos e preces,
Dizendo-TE, escuta-os : hosana, ó Maria.

Do alto lhe brilhas estrella dos mares,
Nas trevas da vida, piedosa Maria.
Nas angustias consola-os, ó Mãi dos pezares,
Recebe-lhe os cultos : hosana, ó Maria.

(D. J. M. DA P. E LENCASTRE.)

Do Bello e da Belleza.

Dessa mesma harmonia absorto o mundo,
Vio brotar mór poder do que a Belleza,
Que sempre a enfeita mais, e a suppre ás vezes,
Que em todo o tempo e sitio apraz a Graça.
Mas como defini-la, e seus encantos?
Ah! percebe-se a Graça e não se explica.
Vence as exhallações, e é grato á vista
As formas passageiras vislumbrar-lhe;
Scintilla a furto, mostra-se um momento;
E' fragancia que mansa enfrasca os ares,
E' flor que desabrocha ao desalinho
E proxima de abrir-se hesita ainda.
A idéa, que transcende o véo, que a furta,
Gosto de imaginar ao dever junta;
E da imaginação é preferida
A' sempre regular Belleza insulsa.
Acho em suas feições, bem que indecisas,

Um chiste, que não tem cantor no exacto
Da Belleza : a ligeira fórma sua
Onde está ? na princeza, ou na pastora ?..
Onde d'arte a despeito, a Natureza
Passando a faz nascer, e a lança á toa.
Com o mesmo feitiço, em tudo amavel,
Falla ou reprime a voz, descança ou lida.
É da singella infancia o dom primeiro ;
Deo-lhe a Graça o seu facil abandono,
Lesteza, que Montagne exalçou tanto.
Com ella sempre vem ditoso á tempo,
Seus philtros mais gentis do acaso tira,
Ella nunca procura, e sempre encontra.
Poucos a topam, mas sem custo a topam.
Receia a compressão, teme a fadiga.
O esforço lhe despraz ; quando risonha
Os malhos de Vulcano impunha Venus,
O ar da felicidade a faz mais bella.
O capricho se molda á encantadora,
Vem quando a esquecem, quando a buscam foge.
É nympha que ao pastor, que a segue, escapa,
E volve arrependida, e mais amavel ;
Traz em desleixo, em desalinho encanta ;
Tibullo é seu poeta ; e seus cantores
De Lilia nas feições ella inspirava.

DELILLE.

A Belleza, considerada abstractamente, não é outra cousa mais que os caracteres reaes e distinctos, e os signaes exteriores e conhecidos da perfeição de um individuo.

Condillac chama bello a tudo que agrada á vista, ao ouvido e ao tacto ; do que se póde concluir, com outro pensador, que o bello não é absoluto ; e que é relativo ao caracter daquelle que o julga, e á maneira de que é organizado. O bello póde ser considerado sob quatro modos, que são : o bello que affecta o sentido da vista ; o bello moral, que é a mola do coração ; o bello nas obras do espirito, que á elle mesmo pertence ; o bello musical, que é do dominio do ouvido ; o bello visivel, que é uma concordia que resulta das producções que a natureza ou arte põe em seus trabalhos, e consiste na variedade, reduzida á unidade.

O bello moral, é a analogia das acções do homem, com o

fim para que veio ao mundo, e consiste no amor do bem publico e da ordem civil.

O bello nas obras do espirito, se divide em bello essencial, bello natural e bello arbitrario. O bello essencial consiste na honestidade e na verdade unidos á clareza : O natural consiste nas imagens, nos sentimentos e nos movimentos. As imagens devem encerrar em si, o grande e gracioso ; ou pelo menos, um dos dous : os movimentos devem contêr o forte e o terno, e bem, o que se chama pathetico. O bello arbitrario, consiste no gosto proprio de cada nação. O bello musical, consiste na melodia, ou na harmonia. Estes sentimentos vistos como se devem, não têm em resultado senão conduzir-nos ao gosto do bom e do honesto.

O Dr. *Pedro Russel* (1) fallando do *bello*, diz, que examinando os objectos proprios para delinear a idéa do *bello*, acharemos que vai com ella envolvida a idéa do bom, que sempre se lhe mistura por uma daquellas rapidas operações do nosso espirito, que de muitas idéas parece formar só uma. Todos concordam em que, para os objectos serem *bellos*, devem ser *grandes*, isto é, devem ter toda a relativa grandeza, que a sua especie permite; porque o mais pequeno objecto pôde ser *bello*, comparado aos seus semelhantes : uma rosa é *bella*, quando tem toda a grandeza e lustre possivel de uma rosa, e então é mais activa e mais agradavel a impressão que faz em nossos sentidos ; um cavallo é *bello*, em proporção á sua corpulencia, á flexibilidade de seus jarretes, o luzir de sua pelle, a soberba do seu aspecto, e o fogo que respira pelos olhos, pelas ventas, attestam o seu vigor e ligeireza. O author do artigo *Bello*, na *Encyclopedia*, serve-se do exemplo de um bello cavallo, para combater o author do *Ensaio sobre o Merito e a Virtude*, que refere ao *bom*, o principio do *bello* : um bello cavallo, que passa pela rua (diz elle), parece bello á quantos o vêm, posto que nenhuma esperança tenham de o possuir. Esta objeccão é pouco reflexionada ; quando admiramos a belleza de um objecto que parece não ter comnosco relação alguma, por uma illusão momentanea, tomanos o lugar daquella pessoa que está em circumstancias de o gozar ; esta acção reflexa do nosso entendimento, ou antes da

(1) Syst. Phy. e Mor. da Mulher, cap. 1.º, part. 2.

nossa sensibilidade, repete-se a cada instante da vida; e é provavelmente com este fio que á natureza nos prendeo aos outros seres, sem o que para todos seríamos indifferentes : deste modo, quando um campo nos parece bello, nós por um momento nos identificamos com aquelle que lhe recolhe os fructos. A belleza do universo nasce da ordem em que está posta e em especial das vantagens que della resultam aos entes sensiveis que encerra, em cujo numero nos contamos.

Nas producções da arte, assim como nas da natureza, consiste o *bello* nas idéas da grandeza e exacta correspondencia da execução com um designio util que sempre em nosso espirito accordam. A idéa da grandeza excita ordinariamente a do poder : e quem é que não sabe porque motivo esta ultima atrahê tanto os homens? Querer-se-hia por ventura ser poderoso, se dahi não viesse proveito? A grandeza e a humildade seriam maneiras de existir absolutamente indifferentes, se não fossem as vantagens inherentes á uma, e aos inconvenientes que acompanham sempre a outra.

As proporções de um bello edificio agradam-nos porque exactamente preenchem o fim proposto, e concorrem para a grandeza e solidez da obra, ainda mais que para a sua belleza : pouco admira-nos os mais bem acabados capitéis, corinthios, collocados sobre columnas, cujas dimensões não promettessem bastante segurança ao peso daquellas grandes maças que tinha de sustentar; os ornatos só produzem bom effeito quando reúnem as qualidades essenciaes : desdenham-se os prazeres frivolos quando se não gozam aquelles que são indispensaveis : um tecto pintado por Miguel Angelo não deleitaria um homem que receiasse vel-o desabar sobre a sua cabeça : por semelhantes impressões, ainda que menos manifestas, é que ordinariamente julgamos os objectos, sem que o nosso espirito pareça adverti-lo. A architectura gothica desagrada-nos porque os ornatos, de que excessivamente se carrega e a falta sensivel da proporção em seus meios, ainda mais do que provam o máo gosto do artista, annunciam a fragilidade do edificio; por isso que, servindo-lhe de regra o capricho, offerece muitos objectos sem designio; e que as suas multiplicadas figuras, em vez de nos recordarem a Natureza, nol-a fazem anto-

lhar desordenada, atormentando em consequencia a nossa imaginação. Dir-se-ha talvez, que se tudo consiste na grandeza e na solidez, nada é mais facil do que obter essas prerogativas; porém esta idéa é falsa: ellas dependem de uma certa proporção nos meios empregados para as obter; prodigados estes meios, prejudicam o objecto proposto, e estorvam o seu uso. E' pois a peritica correspondencia dos meios, com um fim util e grande, que faz com que as cousas sejam bellas; e é isto o que os nossos sentidos observam logo que são feridos por algum objecto com que se depara esta feliz correspondencia.

Nem tudo o que é *bom*, é *bello*; vejamos agora como melhor se póde comprehender esta idéa: o *bello* é tudo o que agrada a nosso espirito, pelo conhecimento que temos do ente em que o observamos; ou para fallarmos na linguagem dos discipulos de Leibnitz, bello é ser perfeito, em quanto d'elle observamos a perfeição. A *Belleza* é em si mesma a qualidade que tanto gostamos de encontrar nos objectos. Encaçada só por si e abstractamente, a *Belleza* não é mais que os caracteres reaes e distinctos, e os signaes exteriores e conhecidos da perfeição de um ente; considerada nos objectos, que por causa della chamamos bellos, dizemos que a *Belleza* é o poder que tem um ente de agradar-nos, quer pelos caracteres reaes que nos apresenta de sua perfeição, quer pelos signaes exteriores pelos quaes elle no-la annuncia. Finalmente (como quer um dos redactores do grande codigo da humanidade), se se toma a *Belleza* como um sentimento que nos occupa, é ella o sentimento reflectido do prazer que experimentamos pelo conhecimento que adquirimos da perfeição de um ente, quer por descobrir elle seus caracteres essenciaes, quer por distinguir-lhe os signaes que della annunciam a presença. Dizer *Belleza* é dizer uma qualidade, que quando a vemos impressiona-nos agradavelmente; o sentimento de sua presença é essencialmente um sentimento de prazer, um movimento de approvação e de preferencia. Segue-se disto, que tudo o que não faz em nós alguma impressão, tudo que não distinguimos, tudo cuja presença physica ou moral para nós não tem principio de prazer algum, não tem para nós *Belleza*.

A verdadeira *Belleza*, é essencialmente distincta, e não é outra cousa senão a perfeição percebida nos individuos per-

feitos. O sentimento que a belleza nos faz experimentar, não é um sentimento cego, não é uma sensação que só dá ao nosso espirito uma idéa simples e confusa, que é independente de nossas idéas, de nosso intendmento. E' um sentimento reflectido do que somos affectados só pelo conhecimento, menos confuso que o que delle temos a principio; um sentimento cuja causa não é uma qualidade physica, uma impressão material de um corpo sobre nossos sentidos; porém um objecto puramente ideal e intellectual que só é percebido pelo pensamento. Nós o descobrimos mesmo mui distinctamente nos seres puramente intellectuaes por meio do espirito, como n'um discurso, n'um poema, n'uma proposição composta, n'um systema scientifico. Se em muitos casos devemos fazer uso de nossos sentidos para distinguirmos a Belleza, provém isso de a encontrarmos nos corpos que percebemos pelos sentidos: porém mesmo neste caso, os sentidos servem-nos para descobrir a Belleza, assim como a vista nos serve para descobrir os pensamentos de um autor, n'um escripto que temos, ou com o ouvido a apanhar as idéas do orador que nos falla: estamos certos que ninguem dirá que a vista e o ouvido é que servem as perfeições intellectuaes do escripto, ou do discurso. Dizer, como nós, que o sentimento da Belleza, é um sentimento reflectido, não é dizer, como alguns escriptores, que percebemos e sentimos a Belleza por um instincto tão pouco esclarecido e reflectido, como o que nos faz distinguir quanto é bom ama-la, distinguirmos o doce calor do corpo humano e o ardor abraçador do fogo.

Com effeito, se o systema desses escriptores tivesse fundamento, porque razão o menino não perceberia alguma Belleza no que por esta qualidade encanta ao homem feito? Porque razão um ignorante, cujos sentidos são tão perfeitos como o do mais habil conhecedor, não encontraria alguma Belleza no que encanta o homem instruído? Não é necessario conhecimento algum preferivel, nenhuma meditação, nenhuma indagação, nenhuma experiencia precedente, para que um menino, ou um ignorante, que nada tem visto, e que pouco tem reflectido, ache agradável o leite de sua ama, o cheiro de uma rosa, o som de uma flauta, e o gosto de uma fructa bem madura. Dirão do mesmo modo que não é necessario ter uma luz de experiencia e de reflexão para en-

contrar e sentir a Belleza n'um pedaço de architectura, n'um quadro de Raphael, n'um discurso, n'um poema, n'um pedaço de musica, n'uma armada, n'um governo e n'uma acção moral : porque se o sentimento da Belleza fosse uma sensação, se a mesma Belleza fosse uma qualidade, da qual se julga sem razão, o menino ou o ignorante, que nem a sente e nem a vê de presente em um objecto realmente Bello, ahí a descobrirá quando houver adquirido mais luzes, quando pela experiencia e observação diuturna do succedido na natureza puzer-se em estado de julgar do que é perfeito. Porque, diariamente, vimos, que quanto mais a experiencia nos esclarece sobre o que constitue a perfeição dos entes, mais Belleza descobrimos no que é perfeito. Se nos objectará aqui, sem duvida, que vê-se os meninos preferirem ás pessoas bellas, ás feias; um ignorante distinguir um bello homem e uma mulher bella, de uma pessoa feia.

A Belleza não é mais *que os caracteres distinctos e bem visiveis, e os signaes bem pronunciados e conhecidos da perfeição dos entes.*

Os dous membros desta definição necessitam ser distinguidos. *Os caracteres da perfeição d'um objecto* são sua mesma perfeição, o que constitue a essencia; ver esses caracteres, é vêr a mesma perfeição do ser, sua aptidão em preencher seu destino. Para julgal-o, é preciso saber : 1.º ao que o ente é destinado ; 2.º o que é exigido para que elle possa corresponder á seu destino. Ora, nem uma, nem outra cousa está no poder dos sentidos ; só se adquire disso o conhecimento pela reflexão e pela experiencia, que fórma as materias com que a reflexão se exerce. Vemos o homem andar, e julgamos que essa é uma das cousas para que o destino o chama : não o vejo andar de quatro pés como os brutos, vejo-o andar direito : vemos conservar-se de pé, servir-se dos braço para pegar nos corpos, e dos olhos para descobrir em torno de si o que existe e o que o interessa. Eis uma parte de seu destino ; á principio não advinharemos como deve elle ser configurado para poder executar essas diversas cousas com a maior facilidade ; mas pela experiencia que em nós mesmo fazemos, pela que vemos fazer nos outros, instrui-mo-nos bem depressa, e então julgamos que para elle conservar-se em pé, é necessario que as partes de seu corpo estejam em exacto equilibrio : sabemos que si só um lado es-

tiver mais carregado decidirá logo sua quêda. A symetria das partes que compõem seu corpo parece-nos então uma condição essencial á sua perfeição e destincção bem pronunciada dessas partes, que são iguaes de ambos os lados, tornam-se á nossos olhos um traço notavel de belleza, porque a symetria constitue a essencia da perfeição do homem, no que se chama andar direito, e conservar-se em pé. Esses são os caracteres que nós chamamos *caracteres distinctos e bem visiveis de perfeição*. Dizemos caracteres distinctos e bem visiveis, porque se esses caracteres fossem invisiveis, nós não veriamos ahi belleza alguma; se apenas fossem observaveis, nós só teriamos uma ligeira idéa de sua perfeição e só á custo perceberia sua belleza, nosso espirito avido de conhecer as causas do que vemos succeder, ficaria pouco satisfeito, pois que não encheria as razões do que existe e os meios empregados para produzirem o effeito do qual sente a utilidade. Póde-se fazer o mesmo raciocinio sobre todas as partes do corpo humano.

A applicação destes principios é principalmente sensivel na architectura. Um edificio póde ser essencialmente perfeito e não ter entretanto belleza; sua massa uniforme póde firmar-se n'uma base assaz sólida para que não corra riscó de se abysmar; ser assaz elevada perpendicularmente para que se não tenha temor que se desenrole: os lugares por onde a luz deve entrar collocados de modo que possam esclarecer os repartimentos, as portas abertas e dispostas de uma maneira propria á facilitar a entrada e as communições; os repartimentos providos de tudo que exigem as necessidades, as commodidades e os prazeres dos habitantes. Entretanto tudo isso póde ser sem belleza; porque, em parte, se haverá expremido os caracteres de diversas perfeições para que o espirito as distingua.

Porém, quaes são aqui esses caracteres? A experiencia do que a physica e a natureza nos ensina, nos dirá. A' uma reunião de pedaços de certa elevação, da qual se quer prevenir o desmoronamento, a quêda ou a destruição, a natureza exige que o outro seja mais elevado, que as partes lateraes lhe sirvam de apoio e firmem-se bem umas sobre as outras: que tudo que excede da base, ou da linha paralela sirva de apoio para impedir que elle se derrubê; que se possa sustentar por escóras perpendiculares os pesos

maiores, sobre tudo quando pela natureza de suas feições exigem que saiam do corpo principal; essas escóras devem ter uma grossura proporcionada ao peso que devem carregar: todas as peças devem ligar-se e apoiarem-se, e sustentarem-se de modo proprio á prevenir a separação, a destruição e a quédia: tal é a regra da solidez; a da estabilidade, que consiste no que é destinado á sustentar-se em pé e não poder ser derrubado nem de um, nem de outro lado, não só exige uma exacta perpendicularidade observada na accumulção das peças, porém apoios cuja base seja proporcionada á altura do corpo principal; e além disso, uma distribuição bem igual do peso de cada lado, as massas mais grossas no centro, ao menos nos lados, com dimensões e talhes iguaes. Muito peso d'um lado faria abater o todo; apoios mais longos, mais fortes e mais altos que o corpo principal, não seriam apoios; tornar-se-hia o corpo principal, e contra a natureza das cousas o apoio mais baixo e mais paqueno ficaria no centro, onde perderia a força e deixaria de ser apoio. E' esse o defeito de muitos edificios cujas alas, que são julgadas ser os apoios do corpo principal, são maiores e as vezes mais altos; é esse tambem o grande meio dos edificios gothicos, cujas extremidades são ordinariamente massas gigantescas, ao das quaes o corpo essencial do edificio só parece um lugar muito fraco para contêr o que segundo o bom gosto, que não é mais que a lei da natureza, deveria servir de simples apoios destinados á sustentar a estabilidade do outro, que sendo o corpo principal deveria ser mais elevado do que seus apoios. Vamos procurar nos raciocinios vagos a essencia da belleza; as proporções das quaes não sei dar a razão, o gosto do instincto do qual não conheço as regras, e que fica arbitrario, não poderia me instruir. Porém vemos a belleza, sentimola com prazer, quando sabendo o que deve ser uma cousa para ter todas as qualidades requeridas para sua perfeição, vemos em caracteres distinctos a expressão dessa qualidade, a prova de sua existencia, e os traços essenciaes da perfeição do objecto. E' facil agora fazer applicação destes principios a todos os objectos imaginaveis que são susceptiveis de belleza, ás producções da natureza e ás obras d'arte. Em tudo que existe perfeição, si o ente é de natureza a poder ou pelos sentidos ou pela reflexão descobrir-se a perfeição,

os traços distinctos e percebíveis dessa perfeição serão sempre a belleza. Já dissemos que, além dos traços que exprimem immediatamente perfeição, e que são caracteres essenciaes e constituintes, havia uma Belleza que constituia signaes percebíveis de uma perfeição, que sem elles não poderiam perceber-os, porém da qual elles são indícios por instituição da natureza, de sorte que é preciso conhecer o sentido dessa linguagem da natureza para descobrir-lhe a Belleza. Explicar-nos-hemos por um exemplo. Admiramos como uma Belleza no corpo da mulher, o arredondamento dos membros e das juntas, a passagem agradável, correcta e pouco notavel d'uma parte á outra, d'onde provém a apparencia de custo nos movimentos, e por isso mesmo mais graciosos. Vemos com igual sentimento de approvação e encaramos como uma Belleza no corpo do homem, musculos bem pronunciados, expressados de um modo saliente, passagens bem sensíveis e decididas d'uma parte do corpo á outra, juntas que se annunciam, e d'onde nasçam apparencias de movimentos mais duros, mais bruscos e mais decididos, menos arredondamento nos braços, barba bem fornida, o que nas mulheres olhariamos como um traço de fealdade.

Estes não são caracteres constituintes, porém sim os signaes annunciativos da perfeição. Si estes traços fossem a mesma perfeição, a Belleza á esses diversos respeitos seria a mesma, tanto no homem como na mulher. São estes os signaes dos quaes muitas vezes não vemos a ligação com a perfeição que annunciam. Mas afóra o differente destino, mais natural ao homem e á mulher, a experiencia nos ensina que esses traços mais distinctivos no homem são signaes do vigor e da agilidade, que sua vocação natural tornam-lhe necessarios, que muitos annunciam a coragem e a firmeza de que elle tem precisão por seu estado e destino, no entanto que os traços apagados, qualidade do sexo feminino, são indícios de menos força, de mais doçura e de sua aptidão em preencher o fim para que foi creado e para representar o papel que a natureza lhe assignalou. Esses traços uma vez conhecidos, para serem signaes das disposições requeridas em cada um dos sexos, tornam-se á nossos olhos bellezas reaes. Succede o mesmo a respeito da vivacidade e da côr dos olhos, de certas feições do semblante, da

reunião que caracteriza a physionomia, da têt, da brancura e do unido da pelle, etc; essas diversas apparencias são menos Bellezas reaes que signaes reconhecidos como annuncio ordinario das disposições do corpo ou do espirito, do character dominante, das paixões, das inclinações e dos costumes, por consequencia, como signaes de perfeições amaveis ou de defeitos reprovaveis. O mesmo dá-se com a fórma e a côr das fructas e de certos animaes. Julgo que ninguem negará os diversos factos que acabamos de expôr, e nem desconvirá que nos differentes objectos de que vimos de fallar, o effeito da Belleza não seja, como temos observado, *a perfeição percebivel e distincta*, quer por seus proprios caracteres, quer pelos signaes com que a natureza a annuncia. Porém onde irmos nós aprender a julgar dessas perfeições? Já insinuado tambem o temos, que não será pois, como a maior parte dos autores, que tem escripto sobre o *bello*, na supposição de um gosto innato que não existe, ou que não é mais que uma experiencia começada com a nossa vida; nem será tambem nas idéas vagas d'uma *unidade original e sobrenatural, n'uma combinação de verdade e uniformidade*, do que a razão composta fórma a Belleza; n'uma *variedade, n'uma regularidade, n'uma ordem, n'uma uniformidade, n'uma proporção*, d'onde nasce uma qualidade que exerce o espirito sem mortifica-lo; na obscura propriedade de despertar em nós *idéas abstractas de relações*: e nas *regras eternas e immutaveis da geometria*.

Apezar de todas essas noções, nós ignorariamos sempre o que é a Belleza, e ficaríamos sem regras fixas para julgar de sua existencia. Porém tomamos á natureza observada por mestre, o conhecimento do destino das cousas por guia, e acharemos que tudo quanto faz distinctamente perceber a perfeição d'uma cousa; tudo quanto sobre ella traça caracteres claros e intelligiveis constitue a Belleza; que emquanto n'um ente nada ha pintado em nosso espirito a perfeição e não nos torna sensiveis, por mais perfeito, todavia, que realmente seja esse ente não é Belleza para nós; que ao contrario, quando nosso espirito nelle distingue um grande numero de grãos de perfeição e quanto mais distinctamente os percebe separadamente, mais Belleza lhe encontra.

Entretanto, ha dous objectos muito susceptiveis de

Belleza, e nos quaes todavia não é muito facil em apparencia descobrir o destino, e do mesmo modo a perfeição, á vista do que parece que é por sorte de instincto que se o julga; e não por um juizo esclarecido, como é certo, á respeito de outro qualquer objecto: um é a côr, o outro os sons.

As côres e os sons podem-se offerecer á nossos olhos sob dous pontos de vista, como empregados pela arte, para imitar e retratar em nossos sentidos os objectos conhecidos ou imaginados; a pintura, representa á nossos olhos, pelo emprego das côres, as apparencias exteriores e visiveis dos seres corporaes; a musica, serve-se dos sons para representar, ferindo nossos ouvidos, os movimentos d'alma e os accentos das paixões. Consideradas sob esse ponto de vista, as produções da pintura e da musica tiram sua Belleza da exactidão com que ellas correspondem á seu destino, isto é, da perfeição da imitação; nesse caso ellas por si mesmas entram na classe dos seres da Belleza, dos quaes temos fallado.

Em segundo lugar, as côres e os sons offerecem-se como susceptiveis de Belleza, ou como della dando-nos o seu tamanho só pelo effeito de sua combinação, sem que possamos indicar por destino preciso de sua existencia senão sua mesma existencia e sensação agradável, que a impressão que ellas fazem sobre nós nos faz experimentar.

As côres agradam á nossos olhos, tomada cada uma á parte, e os sons agradam á nossos ouvidos, tomando cada um individualmente, como os sabores á nosso paladar, e os perfumes de nosso olphato; mas os outros só produzem sob esse ponto de vista simples sensações agradaveis ou desagradaveis, os quaes se não podem attribuir Belleza sem appartar-se das regras de uma exacta impressão.

Sob outro ponto de vista, as côres e os sons podem ser dispostos e combinados de uma maneira propria á produzir sobre as razões da vista e do ouvido, novas impressões previstas pelo pensamento e criadas pela arte de confundir, ou de as dispôr: aqui é propriamente que começa a difficuldade que nos consta, e que para ser inteiramente destruida, exigiria discussões improprias de entrar nesta obra, cujo fim é a moral. Entretanto mostramos aqui; 1.º, em relação ás côres, que muitas vezes se chama *bella* uma só côr,

logo que agrada á vista da pessoa que a julga: nesse caso, se deveria dizer, para fallar exactamente, que é agradável assim como se diz que o gosto de um fructo agrada ao paladar: chama-se *bella* tambem quando é de perfeita uniformidade, sem mistura alguma de tinta diversa; nesse caso, olha-se como tendo um destino, que se não póde dizer que essa côr preenche mais ou menos perfeitamente: se ella preenche perfeitamente esse destino, tem algum direito de attribuir Belleza á essa côr, pois que offerece ao espirito um character real de sua perfeição, offerecendo-lhe uma perfeita igualdade de tintas em toda a extensão de sua superficie, e portanto um destino exactamente preenchido. O mesmo diremos dos sons, encarados sob um ponto de vista semelhante. Notaremos em 2.^o lugar que as côres e os sons podem tambem ser combinados uns com os outros, collocados successivamente, reunidos e misturados de diversas maneiras; porém aqui, onde as combinações não têm regras, nem desenho, e sem outro guia senão o capricho, de um tal ajuntamento não poderia resultar Belleza, porém tão sómente uma raridade de sensações, sem character decidido e sem significação: e não se teria mais direito de chamar *bello* uma tal reunião de sons e de côres, do que o cosinheiro faz de differentes sabores em um guisado. Quando se reune essas côres e esses sons, segundo as regras da harmonia, da qual a observação produz sempre um effeito agradável para os olhos ou para os ouvidos; e quando a harmonia das côres é bem observada e bem distincta, della resulta uma verdadeira Belleza. A vista distingue a concordancia das côres e o ouvido a dos sons. As gradações se sustentam umas nas outras e fazem experimentar sensações, nas quaes o espirito distingue as relações fixas e determinadas, com elle os distingue nas proporções das fórmas do corpo, percebe tanto no todo como nas partes, e vê o fim de cada idéa parcial concorrer para formar uma concordancia que elle procurava. Então ha ahi um desenho, um destino, meios, concurso das partes, e uma perfeição. Se os caracteres dessa perfeição são distinctos e o espirito as percebe, então elle encherá ahi Belleza.

O' dos olhos enlevo, alma do peito,
Aos corações ó despota querido,
 Dos bens da vida causa!

Acceita os votos meus, assim tão puros,
Como os que dás prazeres ineffaveis,
O' divina Belleza!

Se por um favor teu dás mil desgostos,
Que importa? Um favor teu, não dá mais gosto,
Que pena teus tormentos?

Os desgostos que dás medir-se podem,
Mas os prazeres não, sempre são novos
No favor concedido.

Na mesma tyrannia és deliciosa,
Se um instante a atormenta, é para dar-nos
Mais gostosos momentos.

Os caprichos, desdens, ciume, enfados,
São incentivos, precursores tristes,
De amorosa alegria.

Se as nuvens offuscar o sol parecem,
Quando as dissipa e surge, mais brilhante
A vista se afigura.

Vem no meu coração ver como imperas!
Vem só, ah vem qual és, vem como as ondas
De Gnido a Deosa virão?

Quanto mais nua, tanto mais agradas:
Se disfarçar defeitos pode o adorno,
Dá quebra á formosura.

Essa arte só que falta d'arte finge
Emprega, sejam postos teus enfeites
Pela mão do descuido.

Em roupas de manhã deixando o leito,
Antes que o toucador te insulte, encantas,
Qual leda madrugada.

Quasi despida, destocada Venus,
Ante as rivaes no Ida se apresenta,
E Paris não balança.

Não empregues Belleza alheio adorno;
Da lua o brilho nota como é baço,
São emprestadas cores.

A teus pés vês curvado o mundo inteiro
Contente de render-te vassallagem,
Tão grato é teu dominio!

E se existe um mortal que te resista,
Toma as fórmãs de Lilia, e entõa affoita
O hymno da victoria.

O merecimento das mulheres.

POR G. LEGOUVÉ (TRAD. PELO V. DA P. BRANCA).

O mordaz Juvenal tomado d'ira,
Boileau menos raivoso, e tão severo (1),
Contra o mimoso, delicado sexo,
Da satyra o veneno despejaram.
Bem que entre elles, e eu muito medeie,
Vou deffender-vos sexo que respeito ;
Opponho á seus ataques, vosso imperio,
Canto da humanidade a melhor parte (2).

Quando do cahos, em que os Mundos eram,
Deos os astros chamou, a terra, e os mares,
Os campos estendeo, alçou montanhas,
Os bosques sombreou com verde manto,
E espectador da nova scena, o homem,
Por milagre maior, mandou surgisse :
Foi a belleza sua obra extrema (3),
Foi o remate do poder divino ;
E o supremo poder que mais podia?

(1) Accrescentemos mais Pope e Milton, ao numero dos injustos, ou contradictorios. Não se comprehende como o pintor delicado d'Eva satyrisasse as mulheres, e nem como quem sustentou que tudo é bom, achasse má a melhor obra do Creador. Se no reinado de Caligula se pudesse encontrar a virtude em Roma, razão teria Juvenal : Boileau, porém, que desculpa terá escrevendo no seculo de Luiz XIV ? Então subio tanto de ponto a amabilidade das mulheres, quanto o talento dos homens ; é que para um poeta parece mais picante sustentar um paradoxo do que dizer a verdade. Os que lerem esses autores, leam tambem ; Diderot, Thomas, Grétry, Bernardin de Saint-Pierre, Ségur le jeune, Greg. Porcio, Crist. Bronzini, Lod. Dominichi, Ortensio Landi, Vinci Maggi, Gir. Ruscelli, C. Agripe.

(2) Vej. M. M. Campton, Auguste Creuzi, e du Saussoir.

(3) Vej. *Paraiso perdido* de Milton. — Creação d'Eva.

Celeste aspecto que a innocencia exalça,
Bocca, olhos, que tudo despotisam,
Ella sorrindo, pranteando elles :
Esses cabellos, que em anneis ondeam,
Seio, que a fórma attrahe, e o peito agita,
E a tez na transparencia, um vivo sangue,
O alabastro d'azul matiza, em fios,
Convida mais que á amor, á idolatria.
Vendo o emblema dos Numes na belleza,
Um povo já lhe deo por patria o impireo (1):
A vontade dos céos dictava aos Celtas,
No som da sua voz, branda, ou terrivel ;
Mais que humano poder lhe attribuiam ;
Tudo quanto tocava era sagrado.
De amavel fanatismo deslumbrados,
Diziam : « Ella é Deos, pois que a adoramos. »
Inda esse culto existe, ainda julgam
Rir-se, enlutar-se o céo, quando os seus olhos.

Qual o vaso conter não póde o cheiro

(1) Os povos em suas differentes religiões têm conhecido a necessidade da intervenção das mulheres : basta que lancemos os olhos sobre a Mythologia dos Gregos e dos Romanos, para vermos a veneração em que eram tidas ; ellas prediziam o futuro, e sem que da tripode sagrada sabissem os decretos, nada de importante se arriscava : acharemos as festas de Venus, os mysterios da Boa Deosa. Sempre os seus Deoses, guiados ou seduzidos por uma mulher, — Jupiter por Leda ; Apollo por Daphné. — As virtudes das mulheres mereciam monumentos publicos, como o silencio de Leona, a eloquencia de Mirthe ; e antes delles, entre os Egyptios, Isis bemfeitora, etc. Essa mesma veneração fez com que os talentos, as virtudes, as qualidades moraes, as sciencias, as artes, enfim, tudo quanto mais honra a humanidade, fosse representado por nomes e traços femininos. Venus é a belleza, Minerva a sabedoria, Themis a justiça, Pallas o valor : a bondade, a temperança, as graças, etc. Tacito diz, que entre os Gallos, a mulher tinha alguma cousa de divino.

No Mahometanismo, as hueris são a recompensa das eleitas. (Verset 30 do sura 33 do Alcorão.)

A seita dos Talmudistas pretende que a mulher é a metade do homem, que continuamente tende a unir-se : quando se encontram, apparece a ventura, e as duas almas se reúnem depois da morte em feliz união, que faz a perpetua felicidade ; o que lembra o dito de Santa The-reza, que, perguntada sobre qual seria o tormento dos condemnados, respondeo : « Não amarão nunca. » Enfim os christãos dão culto á mulher admiravel, que, unica no segredo da Divindade, deo ao mundo o libertador das nações.

Todavia houve tambem quem dissesse que a alma da mulher era

Do aroma fugaz, tal no serralho
Escrava soberana, o seu tyranno,
As cadêas d'amor soffrer obriga.
Entre nós onde livres tudo estrellam,
No bosque, nos jardins, ou já nas salas,
Bastam mostrar-se, nem fallar precisam,
Pois logo ao coração mandam os olhos,
Involuntaria commoção gostosa.
E agradam d'um só modo? Alma do mundo
A mudos, exteriores dotes, juntam,
Das prendas os encantos que não morrem.

Se d'harpa docil ao sonoro accento,
Casa Cloris a voz suave e clara,
Passeia a vista do instrumento á Cloris,
Duplo deleite saborêa a mente :
Pára a harmonia, e o mestre o lugar toma,
Se mais sciencia tem, ha tantas graças ?
Mais atrevidos sons tira, mas vê-se
Por amor torneado um braço airoso,

differente da do homem : *Mulieres homines non esse*, é o titulo da Dissertação; e a Inquisição condemnou um livro hespanhol no qual se sustentava que as mulheres não têm alma; mas só na Italia achou sectarios. Vej. *l'Observateur de la femme*, que bem contrasta com Egeria dictando as leis a Numa, Aristocléa iniciando a Pythagoras na sciencia dos costumes, Aspazia a Periclês na politica, e a Socrates na philosophia. Leoncia traçando a Epicuro o Codigo dos prazeres; Debutade dando os primeiros rudimentos de pintura; Sapho ensinando a cantar amor em versos inimitaveis; Agatis inspirando a Cleomenes o restabelecimento das leis de Lycurgo. Quanto com o respeito que lhe tinham os Romanos, que a vista de uma Vestal salvava ao criminoso, como para lhe pagar o have-las a lei privado de darem por outro modo aos homens. Com a attenção que Lycurgo em suas leis deo á influencia que ellas têm sobre os homens, sendo até nos jogos publicos ellas, que em seus cantos, reprehendessem os vicios, e louvassem as virtudes; ao que attendiam tanto, que era a idéa com que na batalha de Salesla o rei Cleomenes animava a seu irmão. Emfim, como com a influencia que têm tido no mundo. O roubo das Sabinas, foi causa de uma guerra. A morte de uma mulher, a mancha do triumpho dos Horacios. Uma mulher causou a morte do filho de Bruto. Lucrecia fez cahir o throno dos Tarquinius, e motivou o triumpho da liberdade. Sem Isabel de Castella, Colombo não descobria o Novo-Mundo. Sem Catharina, Pedro não teria o nome de grande. Que influencia não teve Catharina de Medicis? O que por uma mulher não viram os Portuguezes? Lembrem-se de Ignez de Castro.

A aquelles que as accusam de ambiciosas, apresentaria Christina da Suecia.

Que em torno d'harpa mollemente a abraça?
Vê-se o rubôr, o amavel embarço,
Que da Virginea face eleva as graças?
Qual o ouvido seduz, agrada aos olhos?
Segue a dansa ao concerto, novo encanto:
Lucinda, e Laura no verdor dos annos,
De lindas louçanias enfeitadas,
Na elegancia do corpo esbelto e leve,
Semelham lirios, que favonio agita
E sente o par nos passos cadenciados,
Que sem Cyprina não agrada Momus.

Sem Venus o theatro que valêra?
Certo dos versos a magia pôde
Commover por Zaïra, suspirando
Seu amor, seus combates, seus tormentos,
Mas na scena tomando um poder novo,
Gausin (1) dos olhos conquistou mais pranto.
Só á mulher foi dado, ó bellas artes!
Empregar teu segredo, a arte escondendo.
Se Valayer na têa espalha flores (2),
Colhê-las cuida a mão que a vista illude.
Cuida-se que respiram os retratos
De Lebrun immortal; a mão das Graças (3)
Em seus toques resumbrá; inexprimivel,
Em tudo as Graças, novo gosto imprimem.
Lê Tencin, Lafayette, Ricoboni (4),
Amor o esboço fez das obras suas,
Em Cecilia, Senange, e Theodoro (5),

(1) Tal realce deo esta insigne actriz no papel de Zaïra, que M. de Voltaire escrevendo-lhe, diz: « Zaïra é obra tua. »

(2) Madame Vallayer Coster foi, na idade de 19 annos, recebida membro da Academia Real de Pintura, pelo talento de pintar flores e a natureza morta. Dous dos seus quadros se vão admirar no museo de Versailles.

(3) Mad. Le Brun não é sómente celebre nos retratos, no que rivalizou com Vandik, mas ainda por bem acabados, quaes os da paz trazendo a abundancia, Venus atando as azas a Amor, e a ternura materna, em que se representou com sua filha nos braços. Foi estudar á Italia como pensionaria.

(4) Estas tres senhoras são autoras; a primeira das Memorias de Cominge; a segunda de Zaïde, e da Princeza de Cleves; a terceira do Marquez de Cressy, Ernestine, e outros contos agradaveis.

(5) Cecilia é obra de Miss Burney: foi tão bem recebida em Londres, como em Pariz. Tres obras de Mad. de Flahaut, depois Mad. de Sousa, autora de varios outros escriptos. Adèle e Theodoro é de Mad.

Retratado tão bem amor se encontra
A's mulheres prohibir quiz um poeta (1)
Extravios temendo, a arte d'Apollo :
Convenho que em viril, feroz delirio,
Não façam resoar Mavorcia tuba,
Mas por mimosos dedos dirigida (2)
A avena pastoril, melhor suspira.
Priva-las da poesia !... Quem d'amores
Falla melhor, talvez que melhor ame :
Exerce-las deixemos sem receio,
Arte que a bem d'amor tornar-se pôde.
Censor do sexo, á tua austeridade
São futeis esses dons, ah ! se mover-te
Suas prendas não podem, seus serviços
Saberão desamar-te : quem os nega ?
Por nós com a existenciam principiam
Da mulher os extremos, sim é ella
Que no seu seio nove mezes guarda
Ó fructo de hymeneo, tão triste ás vezes ;
E no leito da dôr, da sua á custo,
Vida lhe dá ; é ella que votada
Ao novo ente, lhe consagra attentos
Cuidados, que no berço exige a infancia.
Oh ! que ternos desvelos ! Se adormece
Affasta o insecto, que voando o inquieta :
Vedar parece ao despertar que chegue ;
Nem do filho arreda-la pôde a noite :
Das sombras ao silencio applica o ouvido,
E se Morfêo lhe illude a vigilancia.

de Genlis, obra, como quantas escreveo, guiada pela habilidade e gosto, e cheia de attractivos.

(1) O poeta Le Brun.

(2) Os lindos versos de Mad. Beaufort, Bourdic, Viot, Verdier, Pi-pelet de Salm. Beauharnay, Dufrenoy, Babois, Guichelin, Du Châtelet. E hoje mesmo muitas podemos nomear, como sejam a condessa d'Oey-nhausen, Francilia, Maldonado, D. Barbora, viuva do poeta Alvarenga, da provincia de Minas.

D. Beatriz Ferrão, compositora de musica, e de quem se conhecem versos em portuguez, latim e italiano, filha da mesma provincia ; D. Marianna (das contendias), tambem de Minas.

E em tempos mais retirados mui eruditas foram : a infanta D. Maria, filha d'el-rei D. Manoel ; Luiza Segea, filha de seu mestre ; a condessa da Ericeira, D. Joanna ; Paula Vicente, filha de Gil Vicente, etc.

D. Isabel de Castro, 2.^a condessa d'Assumar, que não só se distinguio em poesia como em pintura ; e como ella, em ambos os ramos, a duqueza d'Abrantes, D. Anna de Lorena.

Abrindo os olhos ao menor susurro,
Ao berço do filhinho inquieta corre.
Se dorme, attenta se recrea em vê-lo,
Tranquilla apenas a seu leito volta.
Se acorda, logo os peitos lhe offerece,
E saude lhe dá no leite puro.
Para o materno amor não ha fadiga,
Vive mais do que em si no filho caro (1).
E se aos olhos do esposo se apresenta,
Mais bella é quando o filho ao collo pende.
Conjugal fructo, maternal thesouro,
Perfeição sem pár na estima sua.

Vêde a joven Izaura tão festiva,
Como quando do mal que ultraja o rosto,
Tocado sente o filho, seu retrato,
Do contagio aterrados fogem todos :
Ella sem medo aspira o ar infecto ;
Não se afasta do filho moribundo.
Espalha-se a peçonha, ataca os olhos,
O mal cumpre arredar, cumpre que hajam
Labios fieis que sorvam o veneno,
A tudo a mãe se atreve, não balança,
Esquecendo a belleza, a vida, o esposo,
Com destemida boca os olhos preme (2),
Que nevoa impura a claridade véda :
É pouco a pouco as palpebras soltando,
Pela segunda vez dá luz ao filho.
Que pai excessos faz tão generosos ?
Tem outras precisões, outras bondades.
Cresce em idade o filho, e qual os d'Aguaia,
Que de medir o céo cedendo ao impulso,
As deveis azas junto ao ninho exercem,
Das forças infantis o ensaio inceta.
Docemente o sustem co'a mão tremendo,
Mede os terinhos passos mal seguros,
Segue o vagar do tímido passeio,

(1) Diz Gretry no seu ensaio sobre a musica, que o coração de uma mãe é a obra prima da natureza; e em seu abono memoro a resposta daquella, a quem na perda do filho, um padre procurava consolar, lembrando-lhe o sacrificio de Abraham. « Meu padre, exclamou ella, por certo Deos não o exigiria de uma mãe. »

(2) Esta acção é verdadeira; e Mad. de Genlins refere outra muito semelhante.

Sua ama foi outr'ora, hoje é seu guia.
Entra a balbuciar, ella é seu mestre,
E o nome que mil vezes lhe repete
« Mãi » o nome é primeiro que articula.
Seu mestre é inda quando a ler começa,
Com elle a soletrar finge que aprende,
Para ensinar melhor lhe finge a idade.
Vem-lhe os mestres moldar a tenra mente,
E os descuidos da infancia austeros punem;
A quem as magoas vão contar queixosos,
E affavel os castigos lhe apadrinha?
Sua mãi, ella é sempre que o defende,
Pequenas dores, grande mal da infancia
Affaga, e em seu pezar tomando parte,
Com meiguices, c'um brinco, a dôr disfarça.
Anda na infancia o riso junto ao pranto.

Foges quadra innocente, idade amena,
Vem o tempo, em que o somno dos sentidos
Passando, o homem para amar desperta.
Já timido rubor lhe tinge as faces,
Já viva chamma nos seus olhos brilha,
Já bate o coração, geme, e os suspiros
Lutam no peito, que ancioso arqueja;
Precipitado sangue arde nas veias,
Agitado desperta, inquieto dorme,
Avido, afanoso entra no mundo,
Leva ao acaso tumultuosos votos,
Segue um prazer que sente, e não conhece,
E em ti mulher, é só onde elle o encontra.
Tu pagas em segredo seus suspiros,
E a seus vagos desejos te abandonas.
Favor primeiro, da primeira amada!...
Quando nos labios de engraçada bocca,
Bebe dos beijos o ignorado nectar,
De favor em favor quando subindo,
Toca da amada em extasis nos braços,
Da voluptuosidade pura o auge,
N'outro universo julga-se elevado,
Onde a terra se eclipsa, e os céos se abrem.
Não se conhece mais, suspira, anhela;
Absorto na magia que o circunda,
Da mente ao coração o enleio passa;
Nada n'um ar que todo é delicioso.
Sua amada!... Ah! seus olhos a devoram!

Ella é seu Numen a quem rende culto.
Hontem ardia o peito, hoje arde o peito;
Sente que existe, e não se nelle, ou nella.
Se a uma festa vão, não perde a vista
Um movimento só do bem que o enleva.
Na solidão do campo a amôr propicia,
Se o nascer vai saudar de um claro dia,
Em cada objecto a vê; de Flora o esmalte,
Lembra-lhe as faces, que o pudor colora :
Do firmamento o azul que o dia acclara,
D'uns olhos celestiaes o azul semelham.
A luz macia que a manhã derrama,
Dá do seu terno olhar vivas lembranças (1).
« O murmurio do preguiçoso arroio,
« O susurro do bosque suspiroso,
« De Zephiro sereno o subtil sopro,
« Philomella saudosa gorgeando, »
O som da sua voz despertam n'alma.
Tudo lhe falla da paixão que sente.
Não mais langores já, não mais tristezas,
De mimos doura Amor a noite e dia,
E enlevado no objecto que o enfeitiça,
Em continuo prazer a vida espraia.
Taes melindres só sente o namorado,
Mas nem sempre o que val conhece o homem.
Cede á inconstancia, e qual a abelha busca,
Dos jardins nos cheirosos ramalhetes,
Veloze voando, ás mais viçosas flores :
Sorve ligeiramente a côr e os succos,
Corre de bella em bella, e errantes fogos
Aqui, e ali lhe dão graças diversas.
Mas esse movel bem, ventura incerta,
Move o sentido só, toca a vaidade,
Cansa alfim, e o vasio reconhece.
Pede então a Hymeneo bem, que mais dure,
E consorte escolhendo acha a ventura.
Vê de flores o templo engrinaldado,
O dia, que do amigo faz nas faces
Borbulhar a alegria, e essa donzella
Que ante os altares vem docil, submissa,
A elle unir-se em laço indissolúvel :
Bella em candura, em graça, em juventude,
Dar-lhe d'amor a publica promessa;

(1) Estes versos são de mais, e do traductor.

E a Religião que nos céos grava,
Com poder santo, o grato juramento,
E a veneranda mão d'um pai amante,
Que entrega a filha com seu nome ornada.
É essa noite feliz, quando ardor casto,
Assaltando o pudor da ingenua esposa,
No modesto silencio, ouve o primeiro
Grito d'amor, surpresa a innocencia.
Tudo a mente, e os sentidos reanima,
De dia em dia entregue á chamma nova.
Se os fogos, que o verdor da idade atêa,
Ella sentir não faz, no peito infunde
Duradoura affeição, dita perfeita.
A fida confiança, paz, ternura,
Bens verdadeiros da innocencia, firma.
Os prazeres augmenta, a dôr tempera,
O trabalho minora, enche o descanso,
E o mais pesado emprego lhe suavisa.
Repousa o artista ao lado da consorte.
Nos braços da consorte a si fugindo,
Busca o ministro do commando allivio,
Esquecer vai do tedio, da suspeita,
O fastio que róa a alma dos grandes;
O orgulho amor distrahe, da esposa ao lado
Do peso d'honras livre, em paz descansa,
Vivendo só com quem se consolara?
E quando pai se vê!... Feliz esposo!
Que joia sem igual! com que transporte,
Sente-se acarinhar d'outro si mesmo!
O penhor precioso ao peito estreita,
Nas infantis feições as suas busca,
O filho á mãe compara, e mais lhe agrada
Se o retrato da mãe divisa nelle.
Dos braços quando o larga, attento estuda
Dos modos seus o movel embaraço,
E transportado vê na inquieta casa,
Brincar, correr, crescer a imagem sua.
Como na inclinação, que mostra lhano,
Divisa o que será!... E se persuade,
Da fraqueza da idade distrahido,
Ver nelle a honra dos seus velhos dias?
E se Hymeneo irmã deo a teu filho,
Dobra n'alma paterna o jus querido.
A filha junto á mãe vê satisfeito
Buscar do irmão diversos passa-tempos :

Crescer, por seus cuidados, cada dia,
No espirito, costumes, nos talentos;
E no ar pudico de virtuoso sexo,
Prometter graças, feminil modestia.
Tão dourado destino á esposa deves.

Qual o de amor existe um terno laço,
Pura amizade és tu, que sem ciumes,
Quanto mais prendes, tanto mais delectas;
Se vens d'uma mulher inda és mais doce,
Então é que és d'amor a irmã querida :
Tens então esses mimos, ar fagueiro,
Delicada attenção, finos cuidados
Que os homens entre si não sabem dar-se.
Têm-se menos que amante, e mais que amigo.
Gostamos nos projectos que formamos,
Que a mulher seja o nosso confidente;
Em pratica feliz, comnosco pesa
O que ha de certo, e de precario nelles.
Se nos punge o pezar, o mal deseja
Da mulher o interesse; ella é que sabe
O tom que as dores calma, e os seus olhos
Sabem chorando serenar o pranto;
E o puro coração lhe dicta os termos
Que n'alma do infeliz o allivio espargem.
D'amizade cantor, bom Lafontaine !
De Sablière ao lado, assim viveste (1);
Sem praticar de amor, ella te ouvia
O coração, as fabulas, as magoas;
Buscava o teu pensar no fundo d'alma,
Sabia de teus gostos perguiçosos,
Desviar os cuidados : e te dava
Sorte tão simples, quaes as tuas obras.
Taes beneficios faz o sexo amavel.

Qual nos guia ao prazer, convida á gloria;
A gloria é obra d'um sorriso ás vezes.
Quem ha que d'uma bella enamorado,

(1) Mad. de la Sablière teve Lafontaine em sua companhia por espaço de 20 annos; todos sabem o humor desleixado do Phedro francez, e por tanto o trabalho, que sem querer, daria. Morta sua amiga, Mad. d'Hervart foi buscar Lafontaine para sua companhia, e vendo-o lhe disse : « Venho convida-lo para morar em minha casa »; e elle respondeo : « Para lá ia eu. » Este dito faz o elogio de ambos.

Se pago fôr d'um ar que os olhos sabem,
Louros não busque se um talento goza?
Apenas falla amor, desperta o genio.
Lê noite e dia os mestres em poesia,
Sem hobrear com elles não respira;
E das Musas no grave estadio, offerece
Seu trabalho aos juizes, todo é fogo!
De sentimento, que diverso embate!..
A côr da phantasia aos versos passa.
E mórmente na scena, onde a acção pinta
Os ardores do amante, a dôr, d'amada,
Do estro em cada verso offrime o cunho,
Que dar não póde quem amor não sente :
Da doce inquietação sujeita o encanto,
O coração applaude, a voz, as lagrimas :
Goza, triumpho, e arrebatado exclama :
O' mulheres, a vós devo os meus louros!..
Em um ocio vulgar este mancebo
Jazia, e agora quem á guerra o chama?
E' que aos olhos do objecto que o enobrece,
Por Marte honrado, subirá de preço :
A' mulher o valor agradou sempre.
Vós o provais ó tempos de heroismo (1).
Quando, na quadra reino de Belleza,
D'um cavalleiro a amada o signal dava
Para os combates excitando o brio,
Altiva lhe offerecia o arnez, a espada,
E os adornos marciaes em que arte dextra
Tinha enlaçado cifras amorosas ;
Ora d'amante intrepida acceitava
Por banda um véo, por egide um retrato ;
Vaidoso pela mão que assim o armava,
Corria aos p'rigos, anhelando a gloria :
Qual se armas encantadas revestisse,
Estandartes tomava, hostes vencia.
Voltando ovante, qual o premio era ?
D'accordo com a honra, a dama em pompa,
Seu amante o acclamava, e a frente sua,

(1) Nada mais nobre do que proteger a fraqueza opprimida, guardar a tranquillidade publica, defender o sexo fraco; e taes eram os objectos a que se dedicavam os cavalleiros : jurando só por Deos e pela sua dama, mostravam a que ponto a religião e as mulheres podem elevar o homem : assim, as medalhas e as fitas, que substituíram as cifras e as divisas, fossem tão bem dirigidas, que aos cavalleiros se não seguiriam os Quixotes.

Dado lhe era então cingir a corôa.
A coragem e o amor assim brindados,
No terno e altivo peito sublimavam
Porque hoje uso tão nobre que inflammara
De nossos pais o animo, não vemos
Nosso vôo impellindo, ornar o berço
Da nascente republica? invencíveis
Sem tal magico estímulo já fomos,
E menos hemos ser se amaveis formos?
Dignos do nome nosso vêr quizera,
Nossos guerreiros, da victoria em graça.
De gentis damas por virgineas dextas,
As palmas receber; assim os Gregos,
Tão grandes em destinos, coroavam
Pelas mais lindas mãos, de Marte os filhos,
E os favores da gloria assim brincados,
De mais renome os fastos lhe adornavam.
Esses briosos tempos imitemos,
Seja sempre de Marte, a amante Venus;
E em concordia a belleza e a valentia,
De força e graças a mistura off'reçam.
Quem melhor que a belleza o briô eleva?
De Mavorte tambem sente o ardimento.
Outr'ora, qual heroe, vio-se uma dama
Em Palmira, afrontar de Roma o impeto (1)

(1) Zenobia subio ao throno de Palmira em 267, e bateo os Românos no Egypto e na Persia.

Semiramis, rainha de Babylonia nos annos de 1229 antes de J. C., foi arbitra dos monarchas d'Asia, tirou e deo sceptros a mais de um rei.

Tomyris, rainha dos Scythas, venceo a Cyro.

Baodicæa, rainha dos Bretões, combateo os Romanos.

Margarida de Waldemar, rainha de Dinamarca, conquistou dous reinos.

Margarida d'Anjou, rainha de Inglaterra, deo 12 batalhas para pôr no throno a Henrique IV, seu esposo. Igualmente Joanna de Montfort, duqueza de Bretanha, para pôr a corôa na cabeça de seu filho.

Henriqueta d'Inglaterra passou 9 vezes o Oceano para combater Crommwel. Muitas mulheres se distinguiram pelas armas nos tempos das cruzadas; muitas na invasão dos Turcos nas ilhas do Archipelago, e Mediterraneo; muitas nas guerras d'Aix, Marseille, Perone, etc. Na antiga Lusitania foi celebre a batalha chamada das mulheres. Com Isabel Fernandes, e Isabel Madeira no cerco de Dio muitas outras mulheres, cujos nomes os homens não memoram, se distinguiram.

A infanta D. Berenguella, filha d'el-rei D. Sancho, morreo valorosamente na guerra, acompanhando seu marido o rei de Dinamarca.

E outra ás suas leis domando o Eufrates,
Conquistar, imperar : que digo? As palmas
São privativas ás rainhas? Outras
Não soberanas, já no campo ousaram.
Generaes, ou soldados, d'aço e ferro,
Opprimirem os membros delicados,
D'Elmo rude insultar o rosto angelico,
A lança subpesar com as mãos mimosas,
E os perigos buscando oppor aos golpes,
Mimos, devidos a mais brandas lutas :
Ganhando o nobre esforço gloria dupla,
O braço, e os olhos davam-lhe a victoria.
Tuas façanhas, Telesia attesto (1),
Attesto o teu valor, da França arbitrio.
O' Joanna d'Arco! d'Orléans os muros (2),

Maria Fernandes, ou segundo outros, d'Almeida (padeira de Aljubarrota), é bem conhecida pelo seu denodo. Conserva com razão a memoria os nomes de D. Filippa de Vilhena e D. Marianna de Lancastre, que armaram seus filhos na aclamação d'el-rei D. João IV.

D. Isabel, mulher de Jorge Cabral, vice-rei da India.

A condessa da Ericeira, já citada, é tambem celebre pelo valor com que expoz a vida por seu marido.

Em a colonia do Sacramento, a mulher de Manoel Galvão, morreo defendendo o paiz.

Em Hespanha, D. Maria Pacheco, mulher de João de Padilha, depois da morte do marido, vencendo a D. Pedro de Gusmão, teve com elle tanta generosidade, quanto valor havia mostrado.

Maria Pita, defensora da Corunha.

D. Mencia de Nidos, celebre na batalha de Arauco. Em Pernambuco, D. Maria de Sousa, tendo morrido seus tres filhos mais velhos batendo-se contra os Hollandezes, mandou aos dous que lhe restavam occupar o lugar daquelles, unindo-se a Mathias de Albuquerque.

Uma senhora Paulistana escreveu aos deputados de sua provincia ás Córtes de Lisboa (1882) : « Deixem-se de inuteis debates, venham tomar « lugar entre os nossos guerreiros. E' no campo da honra que se ha « de sellar a independencia do Brasil : lá me encontrareis com o arco e « seta. »

Na expulsão dos Lusitanos, da Bahia, no batalhão n. 3, uma mulher, d'aquella provincia, servio como soldado, e com tal distincção, que subio a alferes, e obteve a ordem do Cruzeiro.

(1) Telesilla, filha d'Argos, poeta e guerreira, salvou sua patria, sitiada por Cleomene, rei de Sparta, no anno de 557, antes de J. C. Erigiram-lhe, com razão, uma estatua.

(2) Joanna d'Arco, camponeza de Domremi, em 1429, obrigou aos Inglezes levantar o assedio d'Orléans, e conduzio Carlos VII a Reims para ser sagrado. Os Inglezes a queimaram; e os Francezes lhe levantaram uma estatua em Rouen. Em 1472, Hachette salvou Beauvais, sitiada pelo duque

Tremiam ; vòas da choupana ás armas :
Torna o brio ao soldado, e crê do empyreo
Vir ás suas fileiras o anjo amigo,
Pelejas, e do Inglez o orgulho abates,
Salvas a França de estrangeiro jugo,
E liberta Orléans, a Reims absorta,
Dás o rei, que sem throno já fugia.
Sexo feliz, é teu sempre o triumpho,
Mas não te quadra o ferro, tens nas lagrimas
Mais certas armas, e poder mais digno.
Esp'rança dos Judeus que Aman bania,
D'Assueros aos pés de pranto ornada,
Esther a graça pede, e a graça alcança.
O altivo Coriolano unido aos Volscos,
Roma, que o degradou, vem pôr em cinzas ;
Pontifices, vestaes, tribunos, velhos,
Tudo a seus pés se prostra ; os Deoses mesmos
Parecem supplicar, ante elle curvos,
Porém nadando em raiva, a nada attende,
La ferir... a mãi se lhe apresenta (1) !
Roma em vão de seu filho a separava,
Sacrificando a injuria ao bem da patria,
Implora ao vencedor, que cede á prece ;
Roma salvaram de Vetruria as lagrimas.
Quantos heroes a lagrimas cederam !
Eduardo em Calais, tenta debalde,
Seis victimas expôr do algoz ao alfange ;
Defende as nobres victimas a esposa (2)
Do principe terrivel quebra a furia,
Dá gloria ao vencedor, vida aos vencidos.
E' para o rei fortuna, e é para o povo,
Que sensivel mulher o throno occupe.
E' refugio do oppresso, generosa
Foge ao fausto da còrte, e da choupana,

de Borgonha : apresentou-se na brecha á frente das mulheres daquella cidade, arrancou a bandeira, e lançou da muralha abaixo o soldado que a arvorava.

(1) Bem conhecido é este facto na historia. A mãi de Cleomenes antes quiz ficar escrava do que consentir que para liberta-la seu filho fizesse alliança com os Acheos.

(2) Na guerra de Philippe de Valois e Eduardo III pelo throno da França, Calais sustentou 11 mezes de assedio ; esta constancia irritou ao vencedor, que querendo passar os habitantes a fio d'espada, convieram que seis lhe fossem levados descalços, e com cordas ao pescoço. Eduardo os mandou matar, mas a rainha obteve livra-los.

Das prisões na importuna sombra, o grito
Recolhe do infortunio, e ao throno leva.
Dos tristes sons o coração doído,
Alcançam do poder que torne affavel,
Perdão o criminoso, abrigo o pobre,
E o beneficio ao rei, amor grangea :
E' grande o rei se o povo é venturoso.
Então quando a virtude resplandece !
E é só quando rainha ? não, sua alma,
Seja qual for o estado, é sempre boa.
Abri-vos, eia, estancias da miseria,
Mesquinho asylo do doente pobre,
Mutilado guerreiro ! A mulher vejam
Tomando ali de irmã o nome caro (1),

(1) *Sœurs de la Charité* (Irmãs da Caridade), nome de uma ordem de mulheres que se votam por certo tempo, ou por toda a vida, ao celibato, e se dedicam ao serviço dos hospitaes. Não ha voto mais digno, e nem elogio que iguale á constancia com que preenchem tão penivel e virtuoso ministerio. Onde não ha mulher, o doente geme, e languece, diz Salomão (*).

(*) Por nossa assidua diligencia, e pela summa bondade de S. Exa. o Sr. arcebispo da Bahia, podemos fundar naquella cidade, como já dissemos, uma confraria, affim de manter a pia instituição de S. Vicente de Paulo, como se verá do seguinte auto de sua installação.

Auto de installação solemne da pia confraria de S. Vicente de Paulo, instituida nesta cidade de S. Salvador, e Bahia de Todos os Santos, pelo venerando e douto arcebispo, o Exm. e Rvm. Sr. D. Romualdo Antonio de Seixas, do conselho de S. M. I., grande do imperio, e primaz do Brasil, etc.

Aos 19 dias do mez de julho do anno de nascimento de N. S. Jesus-Christo, nesta cidade de S. Salvador, e Bahia de Todos os Santos, no palacio archiepiscopal, achando-se presentes na sala do docel de S. Ex. Rvma., os Exms. Srs. barão dos Fiaes, conselheiro Joaquim Marcellino de Brito, desembargador João José de Oliveira Junqueira, chefe de divisão José Joaquim Raposo, e os Srs. Dr. Alexandre José de Mello Moraes, vigario Lourenço da Silva Magalhães Cardoso, conego-vigario José Joaquim da Fonseca Lima, vigario Dr. Joaquim de Almeida, conego cura Vicente Maria da Silva, chronista do imperio Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva Custodio Joaquim da Costa, Alexandre Rouen, Dr. José Antunes da Luz, Wencesláo Miguel de Almeida, Manoel Antunes de Abreo, Manoel dos Santos Corrêa, Dr. José Nunes Barbosa de Madureira, Camillo José da Rocha Bittencourt, juiz de direito Dr. Francisco Marques de Araujo Góes, José Manoel de Amorim, Manoel Joaquim de Azevedo Costa, Dr. Francisco Muniz Barreto de Aragão, padre Marianno de Santa Rosa de Lima, capitão Alexandre Balbino de Proença, Antonio Peixoto de Miranda Veras, Pedro Seaupiquet, padre Miguel Antonio Luiz Ferreira, João Baptista Barbosa, padre Antonio de Cerqueira Daltro Pinto, vigario Licinio Francisco dos Santos Andrade, A. de Oliveira e Sousa, e Manoel Pinto Leite; appareceu o venerando prelado diocesano, que foi recebido com profundo acatamento, e se dirigindo aos circumstantes disse, que antes de tudo os convidava a assistirem á missa do Espirito-Santo, que se ia celebrar em honra do dia na capella do seu pala-

Do zelo affectuoso, da piedade
O balsamo entornar : outras no claustro,
A bem da terra em prece, o céo fatigam,
E dos altares o infeliz buscando,
Para bem dos mortaes, á Deos se immolam.
Coragem terna ! As meigas bemfeitoras,
Vencem o tedio do lugar infecto,
Para as dores o allivio adivinhando.
Nada lhes pesa se o infeliz consolam.
De salutarío linho as chagas cobrem,
Compoem d'angustia o leito companheiro,
Misero leito, que piedade escassa,
A' dôr apenas dá meio agazalho
Da humanidade imagem, esses tristes

do; ao que todos reverentemente obedeceram, principiando o acto ás onze horas e nove minutos da manhã. Finda a missa, S. Ex. Rvma, acompanhado por todos os irmãos, dirige-se para a sala do docel, e ás onze horas e trinta e cinco minutos deo principio á installação, por um eloquente discurso analogo ao dia e á instituição, o qual foi ouvido com profundo respeito. Findo o discurso, o venerando prelado dirige a palavra a todos os irmãos, afim de se proceder á organização da mesa, e de accordo com os demais encarregou ao irmão Dr. Mello Moraes, como um dos mais interessados na instituição, de organiza-la, ao que submissamente obedeceo, e pondo-se em pé, um pouco por detrás da cadeira do venerando prelado, nomeou para provedor nato da irmandade de S. Vicente de Paulo, o Exm. e Rvm. Sr. arcebispo; vice-provedor, Exm. Sr. barão dos Fiaes; escrivão, o negociante Manoel Pinto Leite; thesoureiro, o proprietario Custodio Joaquim da Costa; irmãos mesarios, o Exm. conselheiro Dez. Joaquim Marcellino de Brito, o Dez. João José de Oliveira Junqueira, conego cura Vicente Maria da Silva, Manoel dos Santos Corrêa, conego vigario do Pilar José Joaquim da Fonseca Lima.

Finda esta eleição, e approvada por unanime vontade e geral contentamento, o venerando prelado propoz de novo aos irmãos instituidores, que a irmandade de S. Vicente de Paulo tomasse por seu protector nato a S. M. o Imperador, o que foi muito approvado e geralmente applaudido; e por todos os irmãos foi pedido ao douto prelado provedor para que se incumbisse de fazer sciente ao Exm. Sr. ministro da justiça, para que leve á augusta presença de S. M. I. este voto sincero da irmandade. Outrosim propoz mais o Exm. e Rvm. irmão provedor, para que o Exm. presidente da provincia fosse considerado sempre provedor honorario da irmandade de S. Vicente de Paulo, o que foi tambem geralmente approvado. O irmão Dr. Mello Moraes, propondo os relevantes serviços prestados pelo Exm. Sr. visconde da Pedra Branca, em favor das Irmãs da Caridade, a irmandade lhe conferio o lugar de provedor nato e honorario. Feita esta eleição, S. Ex. Rvma, determinou que o irmão Dr. Mello Moraes fizesse sempre parte da mesa, e estivesse presente á todos os actos e deliberações da irmandade de S. Vicente de Paulo, A irmandade confiada na alta bondade e patrocínio de S. Ex. Rvma, pediu-lhe que desse tudo por feito, e que com os demais membros da mesa se encarregasse da confecção do compromisso para ser apresentado á assemblêa legislativa e ser approvado. Depois disto S. Ex. Rvma, abençoou a sua obra; e não havendo mais nada a tratar, se lavrou o presente auto de installação, e approvação, em que eu escrivão Manoel Pinto Leite, assignei com todos os irmãos presentes. — Arcebispo, P. — Barão dos Fiaes, V.-P., etc., etc.

A quem vós soccorreis, sentem com jubilo,
E com amor talvez, mulher, que o amigo,
Sejaes, a cujos bens os dias devam.

Mulheres, sem razão vos chamam timidas,
A' voz do coração sois sempre intrepidas.
Porque em Thebas outr'ora vis algozes,
Antigone votando ao horror da fome (1),
Viva sumiram em caverna hedionda ?
Porque aos fraternos insultados restos,
Pelo odio aos abutres promettidos,
Com piedosa mão deo sepultura.
Vio na lei o supplicio, e Polinice
Pedindo a tumba vio ; mais não balança
Em sepultar o irmão, e a si com elle.
Eponine o que faz levada á morte (2) !
Seu vencedor dez annos illudindo,
Nos perigos do esposo vai ter parte.
O' de Hymeneo exemplo memoravel !
A cova torna em templo de ventura.
Ao medonho do sitio, oppõe carinhos,
Disfarça o luto de sombrios écos,
Da ternura c'os sons, os seus cobrindo ;
E na gruta onde á noite ambos se unem,
Thalamo finge d'Hymeneo ditoso
Brança fez mais ; Bassano sitiado,
Morto o esposo a seu tumulo off'recia,
O diario tributo da saudade.
Ao ferro vencedor Bassano cede ;
Por entre o sangue que a vingança entorna
De Branca no palacio entra Aciolino.

(1) Expirando Polinice ás mãos de Eteocle, pediu a Antigone sua irmã, que o enterrasse. Elle havia pegado em armas contra a patria, e a lei lhe negava a sepultura; todavia a irmã o sepultou, apesar de ser condemnada a morrer de fome em uma caverna.

(2) Eponine acompanhou durante 9 annos, a seu marido Sabino, príncipe Gallo, o qual em um subterraneo se occultava a Vespasiano seu vencedor; sendo descobertos, foram ambos ao cadafalso. A bella Panthéa esposa d'Abirate, Porsia de Bruto, Paulina de Seneca, Arria de Petus, Camma, viuva de Sinate, sacrificaram-se por seus maridos.

As senhoras Bahianas offereceram as suas joias e adereços para as despezas da guerra que expelio os Portuguezes de sua patria, e ao mesmo tempo que se offerciam a sacrificar tudo pela salvação do paiz natal, por esse predicado, só natural ao sexo, requereram ao Imperador para que excluísse da expulsão os Portuguezes casados com Brasileiras.

Elle a vê, elle a adora, os pés lhe abraça,
E amoroso triumpho exigir tenta.
Ella resiste, e elle ameaça, e freme.
Ao respeito d'amor, succede a audacia ;
Quasi a ceder a rispídos transportes,
« Não insultes aos mortos ! Branca exclama,
« Aqui repousa o esposo, ai ! Por quem choro ;
« Dá que abraça-lo eu vá ; sem testemunhas,
« Dá-me um' hora, e depois de mim decide.
Enternecido o vencedor concede.
A loisa sepulchral, erguer mandando,
Esperançoso sahe ; e afouta Branca
Sobre o gelado corpo o seu lançando,
O extremoso seio aperta, e a pedra
Que as sagradas religiosas acobria,
Com mão afouta sobre si tirando,
Cahe, e quebrada, a vida lhe desata.
Salva-lhe a honra do consorte a tumba (1).
Tudo póde o dever nas almas puras.

Por que tão longe vou buscar modelos !
Banhado em sangue, o sceptro dos decenviros,
Quando a França opprimia, ellas mostraram
Magnanimos sublimes sentimentos.
O dó surdo, a amizade foragida,
Calado o coração, reinava o espanto :
O Francez do Francez era inimigo,
Nenhum defender sabe, e morrer todos ;
Só com zelo sagaz, terno, as mulheres (2),

(1) Este facto é historico : a heroína era mulher de João Baptista de la Porte, governador de Bassano.

(2) Fôra infinita a lista, se tentasse nomear todas quantas mulheres na revolução franceza fizeram acções raras e sublimes. Este sexo é sempre a melhor porção entre todos os povos, ou formam nação separada : para admira-lo lancemos os olhos sobre os Almanaks das prisões.

Mad. Reynard, sendo o marido condemnado pelo infame Robespierre, e esgotados debalde os meios de salva-lo, afogou-se no rio Marne.

Mad. Lavalette, não quiz largar o marido que levavam para ser sentenciado, e abraçada com elle, não cedeo senão á força dos barbaros que lho arrancaram.

Mad. Davaux, acompanhou da provincia a Pariz seu velho enfermo esposo ; quiz ser presa com elle, e com elle foi acabar no cadafalso.

Mad. S... acompanhava a seu marido na prisão, ouviu chamarem por elle, era a voz da morte : abraça-o, e sendo arrancada de seus braços,

Para a morte afastar que irada esvoaça,
Ousam dos tigres affrontar a sanha.
Tal se arranca ao repouso quando a Aurora,
Espera o monstro, e denodada o encara.
Outra do carcereiro ao pranto immovel,
O avarento furor com ouro doma.
Outras do pai, do esposo na masmorra,
Vão com os affagos olvidar as magoas.
Esta do amante que ao patibulo arrastam,
Quer ter parte na sorte, e alegre o implora.
Esta a juiz perverso cede, e o esposo

exclama : « Barbaros! não deixarei por isso de morrer tambem », e partindo a cabeça nas grades da prisão, expirou.

Mad. E...., amante de Caussé, negociante de Tolosa, depois de haver despendido quasi quanto possuia para salva-lo, comprou uma casa contigua á prisão, e na vespera do supplicio, vestida de soldado, entrou por um buraco, que com uma criada havia praticado na parede, e salvou-o.

Outra amante assistio á execução do objecto que amava, acompanhou o cadaver á sepultura, e deo ao coveiro cem luizes para que lhe dêsse a cabeça; e com ella envolta em um véo, marchava, quando á natureza cedendo amor, desmaiou na rua, e sendo publico o facto, foi condemnada á morte.

Mad. C..., filha de Sens (este nome lembrando Eloisa e Abeilard, é caro ás almas sensiveis), levou a generosidade a seu auge, morrendo na guilhotina por um amante infiel. Legou sua filha á sua rival, a qual immediatamente a adoptou.

Todos os dias viam-se em França as prisões cercadas de mulheres de todas as classes, que anhelavam o momento de ver o pai, o marido, o irmão, o amante : a quadra mais desabrida, os lugares os mais immundos, nada as estorvava.

Os vinculos do sangue foram igualmente honrados com nobres sacrificios.

Mad. Gattey, pediu morrer com sua irmã, e só um dia depois lhe foi concedida a graça.

Em Lyão, uma donzella, depois de clamar no tribunal em defesa de seu irmão, condemnado elle, ella afogou-se no Rhone.

Na mesma cidade e época, as irmãs do mancebo Poral o salvaram, e a mais quatro companheiros de prisão, empregando para a evasão a maior sagacidade e coragem.

O amor filial não desmentio a natureza.

As meninas de Bussy e de Brion, uma de 15, outra de 18 annos, preferiram a prisão em companhia de suas mãis, á liberdade sem ellas.

Mad. Grimoard, e depois Potier, solicitou ir para a prisão de sua mãe, Mad. Lachabaussière; fez para isso uma longa viagem, estando muito adiantada na gravidaçãõ; ao ver a mãe no segredo, enlouqueceo, e na loucura mostrou todos os extremos do mais terno amor filial.

Com virtuoso adulterio salva, e morre (1).
Todas servem de amparo aos desditosos,
Rogam, choram, immolam-se por elles.
Constantes sempre, e humanas nos perigos.
Volvam-se os olhos á septembro, a quadra,
Que ao vasto assassinato abriu caminho :
Das leis, e do Senado na dormencia,
Monstros que Bacco, e as furias irritaram,
Horrores nas prisões urrando espalham.
Sexos, ordens, seus golpes não distinguem,
C'os mortos, moribundos amontoam.
Tudo treme?.. Só tu, só tu, Sombreuil,
Na flôr dos annos, co' a carnage affrontas ;
« Parai !.. Vêde !.. He meo pai !.. Barbaros, grita ! »
Cahe a seus pés ; e as mãos, as mãos sanguentas
Lhes beija : é pouco, redobrando alentos,
Ora sustenta um braço que ameaça,
Ora ao ferro homicida o corpo expondo,

Muitas mulheres houveram, a quem sómente a humanidade inspirou o nobre desprezo da vida em bem do seu semelhante.

Maria, creada em uma prisão de Bordeaux, fez com que dous presos se evadissem, e querendo elles dar-lhe 500 francos, muito affrontada se mostrou, e disse : « Não merecieis o que por vós fiz, pois em tão pouco me estimais, que me julgais captiva do vil interesse ; abraçai-me, e não quero outra recompensa.

Mad. Boyer, costureira, quiz antes morrer do que depôr contra um accusado, que não conhecia. Já em outro tempo Epichares, quiz antes morrer do que denunciar.

Mad. Ruvilly, em Brest, acolheo um velho de 80 annos, proscripto, e que ella não conhecia. O velho, ao cabo de dous dias lhe declarou que era padre e proscripto, que com medo de lhe vir a ser funesto, se retirava. Enternecida a hospeda, não o consentio ; foi condemnada á morte ; e o que mais é, o foi tambem madame Desmarests, sua irmã, por não a haver denunciado.

O celebre Condorcet, de modo algum quiz aceitar a hospitalidade que uma senhora, sua amiga, lhe offerencia com instancia ; e algum tempo depois appareceo ao pé de Pariz, victima do suicidio.

Mad. Le Jay, livreira em Pariz, acolheo Doulcet de Pontecoulant em sua casa, e seu zelo foi tão engenhoso, que salvou a si e a elle.

A sobrinha de um sacristão de Bruxellas foi igualmente feliz, occultando a um francez emigrado por muito tempo em um carneiro da igreja. Os passos desse factó offercem bellos rasgos de theatro.

Mad. Bedée, Bouquet, e muitas outras, tiveram a gloria de morrer victimas da hospitalidade.

(1) Não é imaginação poetica, é verdade : vejam-se os processos de Carrier, e de José Lebon, e encontrar-se-ha essa virtude no sacrificio da virtude mesma.

Do pai o corpo com o seu defende :
Disputa aos golpes o adorado velho,
Arranca-o, perde-o, e a arranca-lo torna,
E seu pranto, seus gritos, seus esforços,
Os assassinos um momento abalam.
Nota-lhe a compaixão, apanha o ensejo,
Das garras do verdugo o pai arranca,
E ovante leva em generosos braços,
Por sanguentada estancia o peso caro.
Io! triunfo! Antigone moderna!
Seja qual fôr do throno, e povo a luta.
Teu santo esforço irá de idade, a idade;
Para admirar-te os corações se unem,
E as oppostas facções teu zelo applandem :
Ès dos filhos o exemplo, e dos pais gloria.
Em vão salvaste o pai?.. Dos máos o evades,
E dos juizes cahe sobre elle a espada.
Dessas que deprimis, eis as virtudes.
Se a nossos pés a sorte o abysmo rasga,
Ou nos tem, ou commosco nelle cahe.
E's, mulher, do infeliz seguro abrigo,
E's do feliz origem dos prazeres.
Quando o rosto dos annos mostra o ultrage,
A consorte a velhice inda embelleza.
No fim da vida, o homem goza a dita.
D'esposa ter, modesta e carinhosa,
Com que da vida o curso finalise
E meiga filha que ensinou a ama-lo.
Mostrando-lhe o caminho, que trilhára.
Deve á cuidosa terna complacencia,
Os alivios de incommodos frequentes,
Peso de velhos annos companheiro.
E amigas taes deixando, acham seus olhos,
Olhos que affastam o terror da tumba.
Vós do extremoso sexo, inimigos,
Aos rasgos que offereci, dizei, que oppondes?
Pintaes a avara, a jogadora, a altiva (1).
A caprichosa, a futua, a desdenhosa,
A Megéra em ciume incendiada,
Do consorte flagello, algoz do amante!
Mas taes defeitos cumpre-nos correr-lhes,
E somos Anjos nós que a deprimimos?
Nós temos suas faltas, seus defeitos,

(1) Defeitos de que Boileau increpa ás mulheres na X Satyra.

E para oppôr-lhes, temos os seus dotes?
« Na educação adrede apoquentadas (1),
« De algumas atenções em pago, oh! quantos
« Damnos lhe causam nossas leis injustas!
« Por caprichos dos pais, quantas languecem.
« Nascidas para amor, n'um claustro austero,
« Onde amor suffocando, são seus dias
« D'agro dever mui longo sacrificio?
« E quantas de Hymeneo em ferreos laços,
« Pelos vicios do esposo padecendo,
« De fome e de nudez caros filhinhos,
« Tanto mal deslembrando, ainda o amam;
« E a extremosa virtude, inda excogita
« Uma razão, com que defenda o ingrato! »
Quantas!.. mas sem me ouvir, com ar severo,
D'Eriphile o adulterio me apresentas (2),
De Medéa o furor que espanta Cholcos (3),
Crimes que em Lemnos maculára o sexo (4),
De Messalina Saturnaes horriveis.
E d'antigos annaes, passando aos nossos,
Medicis fera apresentaes, medonha (5),
A' carnagem franceza o filho instando!
Quem não detesta sanguinarios entes?
Mas alguém julga os reis pelos Tiberios?
Do justo aos olhos, a mulher perversa,
Deve tornar odioso o sexo inteiro?

(1) O traductor julgou a proposito juntar mais este quadro (que ao vivo observou), aos do original.

Nada ha tão extravagante e contradictorio, quanto á conducta dos homens a respeito das mulheres, ellas não concorrem para as leis, e são sugeitas a ellas; não têm as vantagens da sociedade, e hão de soffrer os incommodos e penas. Nós as queremos, não só virtuosas, porém acima das suspeitas; tramamos laços á sua virtude, fazemo-las culpadas, e punimo-las de o ser. Provocamos a sua fraqueza, e as insultamos na quéda: nada as desculpa, e todos tentam seduzi-las.

(2) Eryphile, seduzida pelos presentes de Polonice, descobriu o valhacouto de seu marido Amphiarus.

(3) Sabem todos, que Medéa, ao fugir com Jason, despedaçou seu irmão Absyrthe, e espalhou os membros pelo caminho. Não era mulher, era um monstro, tambem os ha entre as flôres.

(4) As Lemniannas degoláram seus maridos de volta de uma longa viagem.

(5) Catharina de Medicis passa por haver incitado a seu filho Carlos IX, rei de França, a horrorosa carniceria de Saint-Barthelemy. (Consultai, neste sentido, a obra intitulada — *Les Crimes des Reines de France*, etc., etc.).

Scintilam sobre nós milhões de estrellas?
São de procella algumas precursoras,
E bem que o aspecto seu desgraça indique,
Suas irmãs por isso brilham menos,
Quando da noite abrindo o véo sombrio,
A tristeza das trevas afugentam?
Ornam flores os prados, e s'entre ellas
Algumas a traições veneno prestam,
Admiram-se menos as que lembram
N'haste pendentés, da innocencia as côres?
Que a vista alegam, e o olfato animam
No halito cheiroso que derramam?..

Sois, ó mulheres, apezar da inveja,
As flôres que da vida o campo adornam;
Tu que murcha-las tentas, deixa o erro.
Ah! sabe-as respeitar, quanto quere-las,
E se do sangue a voz não é chimera,
Curva ante o sexo, ao qual tua mãe deves.

« Sexo mimoso de meiguice enleio (1),
« Perdoa a minha audacia, ousei cantar-te,
« Só voz divina poderia tanto.
« Se cantar-te não sei como te quero,
« Se falta o estro, o coração sobeja,
« A bem do coração disfarça o canto. »

Das mulheres illustres em letras e em bellas-artes.

Não são sómente os impulsos do coração, a extrema sensibilidade, quem por sobre tudo tem elevado a mulher; também as letras e os encantos da harmonia as artes, as têm collocado no templo da memoria, com não menos distincção, que as que se têm ennobrecido pelas grandezas da alma.

Deixando aos estranhos os illustres nomes das *Saphos*, da Grecia, das *Staele* e *Dacie* da França, das *Falconias* da Italia, das *Segéas* da Hespanha, fallaremos das nossas, cujo ca-

(1) Estes seis versos são do traductor.

talogo é por demais extenso. Entre os nomes distinctos, que a historia litteraria portugueza e brasileira revela, sobresaem as autoras seguintes :

BIOGRAPHIA.

- D. Adrianna Fagundes, morta em 1713.
- D. Antonia de S. Domingos.
- D. Brigida de Alarcão, morta em 1622.
- D. Brites de Sousa e Mello.
- Soror Francisca da Conceição.
- D. Joanna da Piedade, morta em 1688.
- D. Josefa Maria da Madre de Deos.
- D. Luiza dos Anjos.
- D. Margarida Pinheiro.
- D. Filippa Nunes.
- D. Leonor Gil da Gama.

HISTORIADORAS, CHRONISTAS, ARCHIOLOGAS
E GENEALOGICAS.

- D. Antonia Baptista.
- D. Antonia de S. Caetano, morta em 1705.
- D. Catharina de Calvos Muniz.
- D. Filippa de S. Iago, morta em 1574.
- D. Francisca de Campos Coelho, morta em 1708.
- D. Guiomar dos Anjos.
- D. Giomar da Silva.
- D. Ignacia Xavier, morta em 1647.
- D. Joanna Baptista.
- D. Leonor Coutinho, condessa de Vidigueira.
- D. Leonor de S. João Baptista, morta em 1648.
- D. Leonor de Magalhães, morta em 1688.
- D. Leonor de Noronha, filha do marquez de Villa Real, morta em 1573. Esta senhora foi discipula do celebre mestre André de Rezende.
- D. Maria Baptista.
- D. Maria da Conceição, morta em 1680.
- D. Maria Magdalena de S. Pedro, morta em 1747.

RELIGIÃO E THEOLOGIA.

Soror Auta da Madre de Deos. (Estudou regularmente Theologia e Direito na Universidade de Coimbra.)

D. Brigida de Santo Antonio, ou por outra, D. Leonor de Mendonha, morta em 1655.

D. Brites do Espirito-Santo, morta em 1679.

D. Catharina de Christo.

D. Cecilia do Espirito-Santo morta, em 1727.

D. Jacintha do SS. Sacramento, morta em 1752.

D. Maria do Céu, morta em 1752.

D. Maria Magdalena, morta em 1701.

GEOGRAPHIA.

D. Maria Joaquina Josefa.

POESIAS VARIAS.

D. Leonor de Almeida. (Filinto Elysio tece á esta illustre senhora os mais lisongeiros encomios).

D. Beatriz Francisca de Assis Brandão.

D. Delfina Benigna da Cunha (cega).

D. Guiomar da Silva.

D. Francisca Columna.

D. Filippa Barreto.

D. Isabel.

D. Isabel de Castro e Andrade, morta em 1595.

D. Anna de Lima, condessa da Castanheira.

D. Guterre da Silva, morta em 1484.

D. A. B. da L. (Suas producções estimaveis conservam-se ineditas, e nós as temos lido.)

POESIA EPICA E DRAMATICA.

D. Helena da Silva (autora de la *Passion de Christo*), morta em 1590.

D. Brites de Sousa e Mello.

D. Bernarda Ferreira de Lacerda, autora do poema epico *A Hespanha Libertada*, e outras producções litterarias.

A respeito desta illustre senhora diz o Dr. Agostinho Rebello da Costa, na sua descripção topographica e historica da cidade do Porto, que ella foi singular na Rhetorica, na Poesia, na Philosophia, na Mathematica, nas Humanidades, e até na Musica, tocando com a maior perfeição muitos instrumentos harmonicos. Além das linguas mais cultas da Europa, que fallava como a nacional, sabia tambem a Hebraica, a Grega e

a Latina. Na arte de debuxo e miniatura, ninguem houve que a igualasse. Aos 18 annos de idade compoz o 1.º tomo da *Hespanha Libertada*, e o 2.º aos 24. Foi a primeira que escreveu a respeito do celebrado deserto do Bussaco, e a que em 50 cartas, sobre esse assumpto esteril, se explicou em cada uma dellas por conceitos e palavras differentes. As suas virtudes em nada excederam á sua admiravel sabedoria, exercitando-se em multiplicadas obras de piedade, entre as quaes reluz o convento de Carmelitas descalças, que pela efficacia dos seus rogos se fundou em Gôa. Philippe III de Castella, respeitando nella estas raras qualidades, a preferio a tantos homens sabios de que abundava o seu seculo, elegendo-a mestra de seus filhos D. Carlos e D. Fernando. Este alto e honorifico emprego, ella (ignora-se o motivo) o regeitou. Nasceo em 1595, e morreo no 1.º de outubro de 1644.

POESIA SAGRADA, LITTERATURA E HERMENEUTICA

D. Catharina, infanta de Portugal, morta em 1463.

D. Maria da Encarnação, morta em 1680.

TRAGEDIAS.

D. Anna da Rocha (quinhentista).

POESIA LATINA E GREGA.

D. Anna Josefa de Menezes (Foi mestra da lingua latina da infanta D. Maria).

ROMANCISTA.

D. Luiza de Azevedo, morta em 1679.

D. Leonor Coutinho (condessa da Vidigueira).

D. Catharina Damasia Borges Teixeira.

ELOQUENCIA, E NO GENERO EPISTOLAR.

D. Josefa de Menezes (3.ª condessa de Ericeira), morta em 1709.

JURISPRUDENCIA.

D. Catharina, duqueza de Bragança, morta em 1614.

TRADUCTORAS.

São tantas as senhoras que se têm dedicado a este genero de litteratura, que é enfadonho mencionar-lhes os nomes.

HARMONIA.

Entre nós o genio musico é por demais espantoso, e podemos ufanar-nos que as senhoras Brasileiras são de um gosto particular para os encantos de harmonia.

PINTURAS E DESENHO.

D. Loureana Adelina de Moraes (residente em Maceió), Esta senhora é d'um talento transcendente para a pintura, e tão admiravel para retratos, que temos ouvido a alguns profissionaes tecerem-lhe subidos elogios. Como esta ha outras de muito merecimento.

MEDICINA E SCIENCIAS NATURAES.

D. Joanna Vieira, formada pela escola de medicina da Bahia : exerce com singular talento a arte obstretica, e os demais ramos dos conhecimentos medicos.

Ultimamente têm sahido das escolas medicas do Brasil, formadas algumas senhoras, dignas de todos os respeitos por seu grande aproveitamento nas sciencias medicas; e não mencionamos por ignorar-lhes os nomes.

JORNALISTA.

D. Antonia Pussich, redactora do periodico *Beneficencia* em Portugal.

Entre nós (no Brasil), existe um periodico intitulado *Jornal das Senhoras*, escripto por Brasileiras. Este jornal é de instrucção variada e faz honra ao paiz.

PHARMACIA E CHIMICA.

D. Virginia Maria Ribeiro Diniz, senhora mui instruida em pharmacia, e outros ramos dos conhecimentos humanos.

As dignas irmãs do nosso illustrado collega e nobre amigo, o Exm. Sr. desembargador e doutor medicina Candido Ladisláo Japi-Assú de Figueiredo e Mello.

MUSICA E CANTO.

D. Henriqueta dos Santos Arêas.

São em tanta copia, e de tão subida instrucção e gosto no Brasil, as senhoras na arte da musica, que podemos dizer ser

o genio musico representado por ellas (1). E quem é que ouvindo na hora a mais avançada da noite, ao som de harmoniosos instrumentos, uma das *nossas modinhas*, não sentirá saudosas recordações por ellas despertadas? Uma Brasileira exprime pelos accentos de sua voz a linguagem dos sentimentos, e o coração palpitando no peito, manda ao centro da organização os transportes d'alma. A *modinha* é, no nosso parecer, a musica mais sentimental, e a que melhor exprime e se accomoda ao gosto e genio brasileiro.

Modo de conhecer a mulher pelos caracteres physionomicos.

(SEGUNDO LAVATER)

O orgulho e a vaidade são o caracter geral de todas as mulheres; basta ferir uma destas paixões para fazer sobresahir os signaes e tudo o que ella sente internamente. Estes traços caracteristicos encontram-se mais raramente na fronte, do que nas alas do nariz, e no arregaçamento das ventas, nos vincos das faces e dos labios, e principalmente no sorriso.

Uma mulher de um espirito desdenhoso e caustico jámais pôde ser propria para amiga; e esta disposição, por mais astuta e feia que seja, uma mulher não o poderá nunca occultar; reparai sómente no movimento das alas do nariz e do labio superior, vistos de perfil, todas as vezes que se fallar diante della de suas rivaes, ou de qualquer outra mulher, sem ser rival, faz-lhe sensação.

As mulheres com verrugas vermelhas, cabelludas ou com muita barba no queixo, principalmente em sua parte inferior,

(1) Em consequencia de nunca irmos ás reuniões e aos bailes, e por tanto inteiramente afastados das occasiões de podermos apreciar e avaliar o merito individual de nossas bellas cantoras, não mencionamos aqui por seus nomes as mais distinctas senhoras nesta parte dos conhecimentos humanos.

ou no pescoço, são ordinariamente boas dona de casa, vigilantes, activas, porém de um temperamento excessivamente sanguineo, amorosas até a loucura, e mesmo até a raiva; tagarelam muito e de boa vontade sobre o mesmo objecto: são importunas, e só dellas se desembaraçam os homens com custo: convém tracta-las com circumspecção, e não testemunhar-lhes senão um interesse tranquillo, e fazer por uma especie de fria e doce dignidade com que estejam sempre em certa distancia.

Se o andar de uma mulher fôr sinistro, isto é, decididamente sinistro, não só desagradavel como torto, impetuoso, sem dignidade, atirando-se para diante e para o lado, com um ar desdenhoso, acautelai-vos. Não vos deixeis seduzir, nem pelo encanto de sua belleza, nem pelas graças de seu espirito, e nem mesmo pelo attractivo da confiança que ella vos poderá testemunhar; sua bocca terá os mesmos caracteres do seu andar, e sua conducta será tão dura e falsa como esta: tudo quando fizerdes por ella, pouco a tocará, ou commoverá, porém vingar-se-ha da mera falta que praticardes com ella. Comparai seu andar e as linhas de sua frente, seu andar e os vincos ao redor de sua bocca, e ficareis espantado da maravilhosa concordancia de todos estes signaes caracteristicos.

As mulheres de olhos bolicosos, pelle singularmente flexivel, enrugada, molle, e quasi pendente, de nariz aquilino, face corada, bocca raramente tranquilla, queixo bem assinalado, e a testa muito redonda, coberta de uma pelle macia, e ligeiramente enrugada, não são sómente eloquentes, de imaginação viva e fecunda, de prodigiosa memoria, e cheias de ambição; têm tambem muita inclinação ao galanteio, e não obstante toda a sua prudencia, esquecem-se facilmente do seu dever.

Uma mulher com a raiz do nariz muito abatida, ou afundada, muito secco, dentes caninos um pouco salientes, por feia que seja, e por poucos encantos que além disso tenha, terá para o vulgar dos libertinos e dos voluptuosos um attractivo mais facil, mais certo e mais irresistivel que uma mulher verdadeiramente bella. As mais perigosas meretrizes, que hão apparecido perante os tribunaes, distinguiam-se todas por estes caracteres. Fugi, como da peste, das mulheres marcadas pela natureza por estes traços, e não formeis

laço algum serio jámais com ellas, ainda mesmo que gozem da mais intacta reputação.

Da physionomia das mulheres,
consideradas em suas diferentes
idades.

(CONFORME LAVATER E MOREAU)

A physionomia da mulher quasi nunca está de todo socegada : os musculos do rosto e essas faces elegantes, cujo rapido movimento e animado jogo exprimem todas as gradações do sentimento e do pensamento, têm mais acção do que volume : os traços do semblante não têm um character permanente, como acontece no homem, e não revelam com tanta fraqueza a direcção do espirito e a natureza dos sentimentos. A agitação que succede, apaga os traços do que succedeo, e que não é assás prolongada para imprimir um character duravel : a propria natureza da organisação da mulher contribue para esta differença.

Os angulos, as saliencias e os contornos mui pronunciados é que fazem os traços physionomicos : nas mulheres tudo é arredondado, pelo menos durante a mocidade : um tecido delicado, expansivo, elastico destroe todos os angulos e une todas as partes pelas mais doces transições. Além disto, os musculos são mais moveis ; estão menos tempo entregues á mesma contracção e não modificam tanto a physionomia que lhê cheguem a dar a expressão habitual que permite-lhe descobrir a paixão dominante, a natureza das inclinações, o emprego das faculdades e as direcções do coração e do espirito. Nas meninas, a physionomia é ainda mais moveil ; e além disto, menos desenvolvida. No entretanto, ella é já mui significativa ; e é espantoso (como diz *Rousseau*), a expressão que já têm essas physionomias mal formadas ; seus traços mudam de um instante para outro com inconcebivel rapidez. Vêdes nascer e passar ahi, como relampago, o sorriso, o desejo e o terror ; e de cada vez, julgaes ver um novo

semblante. Esta grande mobilidade, este jogo tão rapido nas mulheres e nas meninas, só póde informar no momento presente e no instante em que se experimenta a emoção; a physionomia, ainda que muito expressiva, não offerece caracteres physionomicos. Entretanto Lavater explicou seus principios e suas observações em um grande numero de mulheres e de meninas; chegou a differençar em seus traços signaes de um character já formado, ou a natureza das inclinações e das affecções que se devem desenvolver (1).

(1) De uma publicação periodica antiga, extractamos as seguintes observações que nos parecem filhas de um espirito attento e reflectido.

PHYSIONOMIA DA MOÇA SOLTEIRA.

E' a moça solteira uma creatura essencialmente fallaz, complexa e mysteriosa — especie de Protheu, de Camaleão — ente á um tempo astuto e ingenuo, timido e audaz, mas cujos costumes, apezar das differenças de climas, de raças e habitos, offerecem admiraveis analogias.

Divide-se esta variedade de especie *Mulher*, em muitas categorias. Mas antes de enumerar as suas divisões e subdivisões, esboçaremos alguns traços geraes que a distinguem.

E' activa, inconstante, curiosa, excessiva e sensivel; está sujeita a subitas sympathias, e nunca arrazoadas; enamora-se repentinamente de um sem numero de paixõesinhas, movimentos instinctivos de um coração que procura com instancia novas affeições — flôres de um dia que emmurhecem logo ao desabrochar!

E' a moça por natureza dissimulada; tem sempre reservado um numero infinito de pequenos estratagemas.

Repare-se como está aquella moça com os olhos baixos, como são seus ademans timidos e circumspectos... não erguerá uma só vez sequer os olhos durante a vossa visita, mostrar-se-ha inteiramente entregue ao seu trabalho: aposto como ireis jurar, que é surda e muda? Coitado de vós! ainda mal não chegastes á porta da rua, que já ella vos analysa, distilla, disseca... E' um chuveiro de reflexões ácerca de vossa pessoa, rosto e maneiras: — um diluvio de observações — uma inundação de críticas engenhosas, malignas... Em summa, submette-vos a uma autopsia moral.

Examinemo-la agora, quando se acha em reuniões.

Um dos traços característicos das reuniões de moças é que ellas só andam, sahem, entram, correm e param *collectivamente*. Todos estes diversos movimentos executam-se com tal união e exactidão, que honrariam a uma companhia de caçadores. Não fazemos menção da funesta e estranbolica mania que têm as moças de se abraçarem e beijarem ao pé de todos....

E' tão conhecido este facto, que se torna superfluo tocar nelle. Tambem não ha uma só pessoa que não tenha observado a differença que existe entre uma reunião de meninas, e a em que se acha algum ho-

Da mulher virtuosa e da má mulher.

POR SALOMÃO

Ouve, meu filho, a instrucção de teu pai, e não largues a lei de tua mãe para se accrescentar engraçado adorno á tua

mem. Acha-las-heis, quando a sós, simples e naturaes.... Mas se entra um homem? Notareis immediatamente gatimanhas, posturas estudadas, inflexões particulares, etc., etc. Esta toma um ar pensativo, aquella sorri-se, aquell'outra estira os pés. Mas desgraçado de vós se tiverdes a imprudencia de aventurar-vos em um circulo de moças que se conhecem!... Antes ser um viandante extravindo nos bravios sertões da America, e cair d'improviso no meio d'uma mysteriosa assembléa de cascaveis. Achar-vos-heis sem guia, em especie de *Cité* ou *Cour des miracles*, onde se falla um dialecto inintelligivel.... Surprehendereis palavras desconhecidas, risos a sob-capa; signaes inexplicaveis; ouvi-reis; ouvireis, sem perceber, murmurinhar a vossos ouvidos uma lingua-gem metaphysica, phantastica, cabalistica, satanica, hyeroglyphica!!!!

— E dar-se a perros.

Se pozermos de parte as observações geraes, e entrarmos nas diversas categorias da especie chamada *moça solteira*, observaremos primeiramente a moça da capital e a da provincia.

Aquella é frivola, elegante, *artificial* e graciosa; esta pesada, im-mobil, desgeitosa e embiucada: reconhecereis aquella pela sua fórma desembaraçada, e esta pela immensidade de seu chapéo, quando é de uso traze-los pequeninos, pelo talho gothico de todo o seu fato, pelo modo com que pega no leque, assim como pelas cores vivas que a distinguem.

Tem-se muitas vezes comparado as mulheres com as borboletas. Não queremos repetir esta comparação, mesmo por já ser um tanto *rococó*; mas sempre diremos que ha um ponto desta semelhança que infelizmente escapou aos rabiscadores de madrigaes. Queremos fallar da transformação. Com effeito, existem duas épocas mui distinctas para as moças. A primeira, é a era das lições de piano, bordar, etc.; isto dura dos 13 aos 16 annos, e nos paizes do norte até aos 19: fórma nascente, trajó singelo, rosto infantil. Pensa pouco, e raras vezes, e não sonha senão com bagatellas. Mas apenas troa a outra época, quebra a borboleta immediatamente o involucro... Então é que ella é verdadeiramente *moça*. Torna-se-lhe o coração um abysmo — o pensamento um mysterio — a mente um volcão. Se foi solida a sua educação, é um bom casamento sua idéa fixa; mas se a educaram com levandade, se é abrasada a sua imaginação pela cultura das artes e da poesia, oh! então ser-lhe-ha a vida um meditar sem fim — continuo aborrecimento; fóra da sociedade será sua existencia inteiramente ideal, sem fallar de um gasto prodigioso de fitas, mantas, chapéos, vestidos... Adopta en-

cabeça, e um collar ao teu pescoço (1), porque eu fui tambem filho de meu pai, tenrinho, e unigenito diante de minha mãe. Filho meu, attende á minha sabedoria, e inclina o teu ouvido para a minha prudencia, afim de vigiares sobre a guarda dos teus pensamentos, para que os teus labios conservem a disciplina. Não te deixes ir atrás dos artificios da mulher (*Salomão falla da má mulher*); porque os labios da meretriz são como o favo que destilla o mel, e a sua garganta é mais lustrosa do que o azeite; mas o seu fim é amargoso como o absynthio, e talhante como a espada de dous gumes. Os seus pés descem á morte, e os seus passos penetram até aos infernos. Elles não andam pela vereda da vida; os seus passos são vagabundos e inevitaveis.

A tua veia seja bemdicta, e vive alegre com a mulher que tomaste na tua adolescencia; ella seja para ti a corça que muito amas, e o teu engraçadinho veadinho; os seus peitos te embebedem em todo o tempo; no seu amor busca sempre o teu prazer.

Conserva, filho meu, os preceitos de teu pai, e não largues a lei de tua mãe. Traze-os incessante a todos ao teu coração, e põe-os á roda da tua garganta. Quando andares, elles te acompanhem; quando dormires, elles te guardem, e em acordando, falla a elles; porque o mandamento, é uma candeia, e a lei uma luz, e a reprehensão da disciplina o caminho da vida, para que te guardem da má mulher e da lingua lisongeira da estranha. Não cobice o teu coração a sua formosura, nem te deixes prender dos seus acenos; porque o preço da meretriz apenas é de um pão: mas a mulher captiva a alma do homem, a qual não tem preço. Acaso

tão a moda em todo o seu rigor. São todas as suas acções calculadas; se se levanta, é para lhe admirarem a esbelta fôrma; se sorri, é para mostrar os lindos dentes. Reparae que só borda ou concerta o cabello para que lhe noteis as candidas mãosinhas. Já lhe não servem as artes de enlevo, mas sim de casquelharia. O trabalho então deixa de ser occupação — é mais um meio de agradar. Não gosta mais do baile por si, occupa-se mais com o par do que com a dança: nunca mais come diante dos homens. Vivía outr'ora de instincto, agora só vive pela cabeça e pelo coração.

(1) Proverbios. Cap. 1, V. 8 e 9; Cap. 4, V. 3; Cap. 5, V. 2, 3, 4, 5, 6, 18 e 19; Cap. 6, V. 20, 21, 22, 23, 24, 25 e 26; Cap. 7, V. 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 24 e 25; Cap. 10, V. 1; Cap. 11, V. 22; Cap. 12, V. 4; Cap. 14, V. 1; Cap. 19, V. 14.

póde o homem esconder o fogo no seu seio sem que ardam os seus vestidos? ou póde elle andar por cima das brazas sem que se queime a planta dos pés? assim, o que se chega á mulher do seu proximo, não ficará limpo depois de a tocar. E tendo á mão um mancebo, o beija, e com uma cara sem vergonha lhe faz caricias dizendo : « Pela tua saude offereci victimas, hoje dei cumprimento aos meus votos desejando ver-te : eis aqui te achei. Fiz sobre cordões a minha cama, cobri-a com colchas bordadas do Egypto! perfumei a minha camara de myrrha, de aloe e de cinamomo. Vem, embriaguemo-nos de amores e gozemos dos abraços desejados até que amanheça o dia; porque meu marido não está na sua casa, foi fazer uma jornada muito dilatada : levou consigo um saquitel de dinheiro : lá para o dia da lua cheia, é que ha de voltar á sua casa. »

Ouve-me, pois, agora, filho meu, e está attento ás palavras da minha bocca. Não se deixe arrastar o teu espirito a ir pelos caminhos desta mulher; nem te deixes enganar dos seus.

O filho sabio, a seu pai dá alegria; porém o filho insensato é a tristeza de sua mãe. A mulher formosa e insensata é como um anel de ouro na tromba de uma porca. A mulher diligente é a corôa de seu marido; e a que obra cousas dignas de confusão, far-lhe-ha apodrecer os ossos. *A mulher prudente, edifica a sua casa; A INSIPIENTE destruirá ainda com as suas mãos a que está já feita.* O filho insensato é a dôr do pai, e a mulher amiga de litigios é como o telhado que está revindo continuamente em gotteiras.

Os pais dão casas e riquezas; porém o Senhor dá propriamente uma mulher de prudencia (1).

(1) INSTRUCCÃO QUE BERSABÉ DEO A SEU FILHO SALOMÃO (Extr. do Cap 31 dos P.). E O ELOGIO DA MULHER FORTE.

Que te direi eu, meu amado filho, que te direi eu, amado fructo das minhas entranhas, que te direi eu, querido objecto dos meus desejos? Não dês os teus bens ás mulheres, nem empregues as tuas riquezas em destruir Reis.

Não dês aos reis, ó Samuel, não dês vinho aos reis; porque não ha segredo onde reina a bebedice; e para que não succeda que elles bebam e se esqueçam da justiça e transtornem a equidade na causa dos filhos do pobre. Mas, dá aos que estão afflictos, um licor capaz de os em-

Do Pudor (1).

Mas vejo que o Pudor lhe segue o trilho,
E quem pôde apartar da graça o pejo?
Com seus olhos discretos ousa apenas
Mesmo a imaginação notar-lhe arcanos;
Mas do amavel rubor, ditoso enleio,
O inefavel feitiço adora muda.
Vicio audaz se refreia ao seu conspecto,
E o respeito ao desejo a chamma esfria.
Recata-se de si, de si não sabe,

briagar, e vinho aos que estão em amargura de coração, para que elles hebam e se esqueçam da sua pobreza e não se lembrem mais da sua dôr.

Abre a tua bocca a favor do mudo e para defenderes as causas de todos os filhos que passam : abre a tua bocca e ordena o que é justo, e fazes justiça ao necessitado e ao pobre.

Quem achará uma mulher forte? Seu preço excede a tudo o que vem de remontadas distancias e dos ultimos confins da terra.

O coração de seu marido põe nella a sua confiança, e elle não necessitará de despojos.

Ella lhe tornará o bem e não o mal em todos os dias de sua vida. Buscou lã e linho, e o trabalhou com a industria de suas mãos. Fez-se como a não do negociante, que traz de longe o seu pão. E se levantou de noite, e repartio a preza aos seus domesticos, e os sustentos ás suas escravas. Considerou um campo e comprou-o; plantou uma vinha do fructo das suas mãos. Cingio os seus rins de fortaleza, e corroborou o seu braço. Tomou-lhe o gosto, e vio que a sua negociação é boa : a sua candeia não se apagará de noite. Ella metteo a sua mão a cousas fortes e os seus dedos pegaram no fuso. Abrio a sua mão para o necessitado, e estendeo os seus braços para o pobre. Não temerá que venham sobre a sua familia os rigores da neve, porque todos os seus domesticos trazem vestidos forrados.

Ella fez para si moveis de tapeçaria; ella se vestio de finissimo linho e de purpura. Seu marido será illustre na assembléa dos juizes quando estiver assentado com os senadores da terra. Ella fez delicados lenços e vendeo-os, e entregou um cinto ao Cananeo. A fortaleza e a formozura é o de que ella se reveste, e ella rirá no ultimo dia. Ella abrio a sua bocca á sabedoria, e a lei da clemencia está na sua lingua. Considerou as verdades da sua casa, e não comeo o pão ociosa. Levantaram-se seus filhos, e acclamaram-na ditosissima : levantou-se seu marido, e louvou-a.

Muitas filhas ajuntaram riquezas : tu excedestes a todas. A graça é enganadora, e a formosura é vã : a mulher que teme ao Senhor, essa é a que será louvada. Dai-lhe do fructo das suas mãos; e as suas obras a louvem na assembléa dos juizes.

(1) O Dr. Gonzaga, descrevendo o modo por que começou o seu

E nua esta virtude inda é modesta.
Cobre-a o véo da decencia, está vestida
A Venus pudibunda aos nossos olhos
Mas melindrosa, e timida, qual vemos
Murchando a sensitiva em nossos dedos
Um gesto, uma palavra, um nada a espanta ;
Corre a encontrar-lhe a timidez mimosa,
Fria inflamma ; e o Pudor a graça é d'alma,
Mas quando neste quadro eu me affadigo,
Elle proprio o pincel nas mãos me embarga.
Misto ineffavel de altivez, modestia,
Teme reprehensões, louvores teme,
Vejo corar seus tímidos feitiços,
Profanar-lhe as feições temo ao pintál-as.

DELILLE (*Imag. Cant. 3*).

amor com D. Maria Joaquina Dorothéa de Seixas, dá-nos a idéa mais clara
possivel do Pudor desta virgem, na seguinte Lyra :

Os seus compridos cabellos,
Que sobre as costas ondeam,
São que os de Apolo mais bellos ;
Mas de loura côr não são.
Têm a côr da negra noite,
E com o branco do rosto
Fazem, Marilia, um composto
Da mais formosa união.

Tem redonda e lisa testa,
Arqueadas sobranceilhas
A voz meiga, a vista honesta,
E seus olhos são dous sóes :

Aqui vence amor ao céu,
Que no dia luminoso
O céu tem um sol formoso,
E o travesso Amor tem dous.

Na sua face mimosa,
Marilia, estão misturadas
Purpureas folhas de rosas,
Branças folhas de jasmim.

Dos rubins mais preciosos
Os seus beiços são formados ;
Os seus dentes delicados
São pedaços de marfim !

Mal vi seu rosto perfeito
Dei logo um suspiro, e elle
Conheceo haver-me feito
Estragos no coração.

« Punha em mim os olhos, quando
« Entendia eu não olhava,
« Vendo que os via, baixava
« A modesta vista ao chão ;
« Chamei-lhe um dia formoso ;
« Elle, ouvindo os seus louvores,
« Com um gesto desdenhoso
« Se surrio, e não fallou.
« Pintei-lhe outra vez o estado,
« Em que estava esta alma posta ;
« Não me deo tambem resposta,
« Constrangeo-se e suspirou !
« Conheço os signaes, e logo
« Animado da esperanza,
« Busco dar um desafogo
« Ao cançado coração.

« Pego em seus dedos nevados
« E querendo dar-lhe um beijo,
« Cobrio-se toda de pejo,
« E fugio-me com a mão. »

Tu, Marilia, agora vendo
De Amor o lindo retrato,
Comtigo estarás dizendo,
Que é este o retrato teo !

Sim, Marilia, a cópia é tua :
Que Cupido, é deos supposto,
Se ha Cupido, é só teu rosto,
Que elle foi quem me venceo !

O Pudor é o sentimento natural do honesto, e este sentimento póde ser distincto sob dous pontos de vista, conforme tambem comprehende um dos redactores do Codigo da Humanidade (T. XI, p. 599); um, a infantil, e outro, por effeito do habito, e consequencia não reflectida de educação; é o que consiste nas precauções do decoro usado na sociedade, relativamente ás acções e aos passos innocentes, e não mo- raes por si mesmo. E' elle que ensina aos meninos a não descobrirem o corpo na presença de testemunhas, a subtra- hirem-se á vista dos outros para satisfazerem certas neces- sidades da natureza; a nem mesmo nomear as partes do cor- po que se lhes ensina a nunca deixar ver e nem tocar. Por mais desprovido que seja de moralidade este Pudor nos me- ninos, decencia machinal e falta de reflexão, não é uma cousa indifferente, e que se possa sem inconveniente deixar de inculcar ás crianças e converte-la em habito indelevel, porque é o germen do Pudor real nas pessoas que são ca- pazes de uma virtude: um salva-guarda de sua pureza, du- rante muito tempo, e uma barreira que os defende contra os ataques daquelles que parecem abusar da ignorancia da mocidade sobre as consequencias da muita familiaridade em seus gracejos. Esses gracejos, contrarios ás regras restrictas do decoro, podem ser muitas vezes causas de um perigoso abuso, tanto mais á temer que d'elle se não desconfia, seus jovens á elles se entregam, quando estão desembaraçados de testemunhas incommodas; se serão máos sempre, ainda mes- mo que abuso algum os acompanhou, basta só os mancebos se familiarisarem com os olhares e contactos maliciosos, e fi- carem por isso no caso de não estarem em guarda nas cir- cumstancias em que o Pudor póde ser essencialmente ata- cado, porque elles deixarão ir as cousas muito mais longe, sem se assustarem com emprezas temerarias, e sem experi- mentarem esse temor, essa emoção salutar que constitue o Pudor, e que os induz a se pôrem em guarda contra um mal do qual ainda não têm uma idéa clara. Quantas moças noviças se têm assustado com emprezas, desconfiando das intenções, e defendendo-se com fogo e successo contra as tentativas de um impudico, sem ter outro guia para se con- duzirem senão o habito que têm formado dessa decencia, desse Pudor infantil, que olhava como um insulto os esforços feitos para descobrir e tocar nas partes de um corpo, que

desde a infancia os tinham desacostumado ás vistas e aos contactos de quem quer que fosse? Uma moçoila, ou um rapaz, a quem se tinha feito adquirir o habito de olhar como deshonroso para si deixar ver ou tócar nas partes de seu corpo, que o uso nos ensina a occultar, e jámais fallar nellas sem necessidade indispensavel, teriam nesta disposição machinal um presentimento muito mais forte contra as acções licenciosas, que todos os raciocinios com que se lhes quizesse inspirar aversão para elles.

Com a idade, vem um tempo em que é preciso fazer algumas modificações nesse Pudor infantil e machinal; a elle, se junta a idéa de uma moralidade que encara como virtude as precauções, que elle nos havia posto em habito; e que dá em razão da civilidade e regras da decencia; é então que se conhece as consequencias das pessoas que lhes são permitidas e das que lhes são interdictas, e que hão aprendido pelos discursos que ouvem, pelas acções que vêem os outros praticar, pelas relações novas que vêem se estabelecer na sociedade, pelas leis particulares de que hão adquirido o conhecimento, e, mais ainda, talvez por certos sentimentos naturaes que experimentam por certos desejos que se levantam, sem que se saiba como, e por certas pinturas que a imaginação traça, aprende-se, digo, por todos estes meios, que ha um uso particular e interessante a fazer, que dessas partes que se está habituado a cobrir com cuidado, que este uso, causa de consequencias mui importantes, está sujeito a regras que se não podem violar sem grandes riscos; que esse uso legitimo, em certos casos, o é tão pouco em outros, que póde expor aquelles que o permitem em si contra as regras a todas as desvantagens do desprezo publico e da mais desperada deshonra.

Uma secreta inclinação ao prazer solicita a serventia dessas partes do corpo, como orgãos da voluptuosidade, mas uma outra inclinação, tornada habitual, põe um freio a este desejo, pelo temor do desprezo que se lhe seguiria, tendo-se o habito do Pudor, tudo quanto o ataca parece um insulto, que se não poderia soffrer sem deshonrar-se tanto aos olhos daquelles a quem se permite esses ataques, como aos dos que sabem que se os hão permitido, sem a elles oppor toda a resistencia de que se é capaz. Entretanto, ha casos, em que a resistencia é reprehensivel, e então é um dever vencer

essa repugnancia em favor de certas pessoas; desde então o Pudor torna-se uma virtude moral reflectida, sugêita ás regras da conveniencia.

Tem-se disputado muito, sobre o enigma deste sentimento: uns olham como natural e independente da educação, e affirmam que se encontra em todos os humanos, em quem se não tem procurado apagá-lo; outros pretendem que elle é só fructo da educação, dos usos e das leis. Se agitamos esta questão, não é porque sua decisão possa influir realmente na qualificação do Pudor, para delle fazer uma virtude ou um simples uso, e nem mudar as obrigações dos humanos á tal respeito, dando-lhes o direito de se eximirem, sob o pretexto de que este sentimento não é devido á natureza, mas sim ás instituições humanas. Bastará que no estado actual das cousas, o maior bem da humanidade faça uma lei pela qual a falta de Pudor seja um vicio deshonoroso.

Para bem julgarmos da natureza e do principio deste sentimento, permitta-se-nos suppor pessoas educadas n'um estado de perfeita ignorancia, principalmente, no que póde interessar ao Pudor, dotados de um character innocente, e que desde o seu nascimento não tenham recebido nenhuma das regras de conveniencia ás quaes os meninos entre nós estão acostumados, e que, em muitos individuos, é a unica origem do Pudor.

Supponmos pois, que as pessoas que ignoram absolutamente o que a theoria e a pratica póde ensinar-lhes, principalmente tudo o que se passa entre pessoas de sexos diferentes, desde os mais simples carinhos até aos ultimos favores do amor, habitam um clima quente, que os dispensa de trazer vestidos, de sorte que apparecem sempre nus; poderiamos encontrar entre nós muitos jovens criados em tanta circumspecção, que vivem n'uma inteira ignorancia sobre as relações dos sexos; entre a gente do povo, que vivem em habitações solitarias e recolhidos nos bosques e nas montanhas, póde e acham pessoas que não têm idéa alguma das regras de conveniencia. Ha na Africa e aqui na America povos onde a mocidade anda inteiramente nua; os mancebos, no caso de que se trata, não deveriam ser julgados na idade da puberdade, ao menos no estado em que estão as crianças, sem terem o menor vislumbre de Pudor? Deixarão vêr seu corpo nú, sem a menor

emoção como fazemos com nossas mãos e nosso rosto; e temos toda a razão de crêr, que se não déssemos vestidos aos nossos filhos, se pelas censuras que lhes dirigimos quando se descobrem, não os acostumassemos a encarar esta acção como uma falta, se pelas precauções, que se quer que elles tomem, quando qualquer necessidade exige que se descubram, não déssemos um ar de mysterio á essas partes occultas e naturalmente não excitassemos sua curiosidade, elles chegariam á adolencia completa sem saberem o que era Pudor; a menina mais modesta, mas tímida, apparecia diante dos homens, nua, sem enrubecer e sem o menor embaraço; verosimilmente a completa puberdade procederia aos primeiros movimentos do Pudor, comtanto que esse acto tivesse precedido toda a theoria sobre os prazeres do amor e ousos dos sexos.

Não negaremos entretanto, que nessa interessante época da vida humana, uma mocidade viva e de temperamento ardente, sentisse necessidade, não experimentasse desejos, dos quaes não teria senão uma idéa confusa, mas que, não obstante sua ignorancia, diversas sensações involuntarias lhe fariam descobrir a séde e os órgãos; a presença dos dous sexos excitaria n'um e n'outro movimentos desconhecidos, emoções vivas, que procurariam acalmar sem saber como. Experimentariam uma tendencia á se approximarem, á qual todavia, elles não se entregariam senão com terror, porque isso augmenta sua emoção, e não sabem o que lhes poderá succeder. Insensivelmente o habito de se verem, a confiança, a amizade, dão ás suas maneiras e seus discursos maior familiaridade; fazem-se confidencias reciprocas do que experimentam á vista um do outro; alguns carinhos feitos ao acaso, tão sem consirangimento como sem providencia, atearão em seu sangue um fogo encommo, levarão a perturbação á seus sentidos e causarão novas e notaveis revoluções; um impetuoso ardor, cheio de delicias, ainda que acompanhado de perturbações, fará seus carinhos mais activos e sem outro guia mais que essa céga impulsão, porém com tanto temor, quanta impaciencia, conseguiriam tocar ao termo á que a natureza se propoz e apagar assim esse fogo tão voluptuoso, quanto penivel. Se n'esse momento critico sobreviesse um terceiro, duvidamos que elles tivessem vergonha; mas cremos a presença dessa testemunha que, dis-

trahindo sua attenção, interrompia o curso de sentimentos que experimentassem, desagradaria-lhes muito, unicamente porque os distrahia d'um sentimento que queriam inteiramente satisfeito. D'onde provirá a vergonha n'elles, não tendo violado lei alguma que lhe seja conhecida, não tendo prejudicado á nenhum de seus camaradas e tendo-se occupado á provarem-se por todos os meios possiveis sua terna inclinação?

No momento de seus transportes amorosos, não ha idéa alguma de falta ou de irregularidade em sua conducta; porém depois de passado o delirio, que pensarão elles? que sentirão? de que aniquilação saíram elles? em que esquecimento de si mesmo estiveram em vida? Tornam-se mais caros um ao outro; e descobrem uma fonte nova de prazeres, dos quaes antes não tinham idéa alguma; não lhes aconteceria olharem essa descoberta como uma conquista de que elles só fossem proprietarios, e que querem reservar só para si, temendo diminuir-lhe o preço, repartindo com os outros? E' um precioso thesouro de que só elles têm a chave, Demais, a presença da testemunha que sobreveio, lhes causou uma interrupção de prazeres que elles acharam dolosa; de então por diante, elles cessarão ao abrigo de olhares incommodos e longe de testemunhas que os distraham: d'ahi nascem as mysteriosas precauções, os occultos signaes de intelligencia e todo esse pequeno trama, feito para as vistas daquelles de quem querem fugir, mas á quem não enganam por isso mesmo que ignoram aquillo de que se trata; primeiro germen do Pudor, sem ser ainda Pudor propriamente dito.

Entretanto fica aos dois jovens discipulos de amor uma origem de inquietação. O estado violento em que se acham, a perturbação que sentiram, e sendo seus prazeres quasi dôres, não teriam feito elles um mal real? Examinam-se, experimentam em si uma mudança d'estado que lhes era desconhecido, e uma fonte de emoções indefiniveis das quaes antes disso não tinham idéa alguma. Talvez que por essa revolução haja para elles consequencias funestas: desde então não podem vêr os orgãos de sentimentos tão vivos, sem sentirem atear-se o fogo e as emoções que experimentaram: não será sem temor que elles de novo se entreguem á seus transportes e nem sem pezar que á elles se recu-

sem. Os objectos tentadores não estando presentes, os sentidos se acalmam e os dous sexos ficam tranquillos. O meio mui natural de prevenir a volta muito frequente de taes movimentos, tão temidos como desejados, que se tornam damnosos e aos quaes se arrecciam de entregar-se, o meio mais natural, dizemos, é separarem-se; mas os tranquillos encantos da sociedade, os attractivos d'amizade, o prazer de ver-se a quem se ama e fallar-lhe, oppoem-se á essa separação : só resta pois a precaução de cobrir objectos tão proprios á commover a pessoa de que já está instruida do seu mister; aquelle dos dois sexos que tem mais sensibilidade e delicadeza, sentirá mais vivamente a violencia dessas convulsões e que terá comprado as delicias com mais dôres, sem duvida, sentirá os instrumentos com mais emoções, se sentirá mais agitado sómente com a idéa delles, que virá retratar em sua imaginação, temerá mais a vista delles e lhe fugirá com mais promptidão, seu sangue em movimento, affluirá com mais força para as partes mais delicadas, e se, como em seu rosto, os vasos sanguineos são em maior numero e cobertos d'uma pelle mais transparente, se verá no mesmo instante um rubor que revella uma emoção interior, a agitação da sensibilidade, o esforço do temor e ás vezes o fogo d'um desejo que se julga haver mui fortes razões de reprimir. Neste caso, é o Pudor propriamente dito, isto é a contenção natural ao sexo mais delicado e mais sensível.

Esse temor mui vivo a principio e após as primeiras experiencias, apaga-se em parte, quando novas provas hão familiarisado duas pessoas que se amam, como causas dessas emoções, e que julgam poder, sem temer consequencias funestas, entregarem-se completamente na occasião e fazer de sua complacencia um meio de se provarem mais efficaamente n'um amor sem reserva. Entretanto, quando mesmo se quer fazer o temor, que se chama Pudor, em favor da pessoa com que se faz os primeiros ensaios e com que se consente partilhar os primeiros transportes d'amor, todo aquelle que é dado aos excessos nunca cumpre os ajuntamentos sem uma emoção mais ou menos penivel, porém que vai todos os dias diminuindo, pelo habito, fructo dos actos reiterados.

Mas por mais familiarisadas que estejam duas pessoas ligadas com essas provas d'uma confiança sem reserva, o

temor, o Pudor, toma todo seu imperio quando se trata com pessoas com quem nunca se teve familiaridade; a confiança, a viva amizade, o habito de se verem, que conduz enfim os dois amantes aos ultimos penhores d'um amor sem reserva, não subsiste em nenhum dos dois como uma pessoa extranha; então nada contrabalança ao temor que inspira, principalmente ao sexo mais fraco, á aproximação dos momentos convulsivos de prazer; receia este estado novo, dahi provêm os temores, as inquietações, os obstaculos, a defesa e a fuga. Instruido pelas primeiras experiencias, que é um caminho para quem deseja prazeres, e que é para esse fim que é pretendida da parte d'outro sexo, quer esteja disposta a goza-los ou a dar-se de má vontade, a mulher, que não quer excitar esses movimentos no homem terá cuidado de evitar tudo que puder despertar a idéa, e induzir alguém a formar sobre ella pretensões que está resolvida a não favorecer. Nesse intuito, occultará aos homens tudo o que de perto ou de longe puder sua presença atear fogos que ella não quer apagar e excitar desejos que está resolvida a não satisfazer; menos precauções a esse respeito as exporia a solicitações que talvez descahiram com custo.

Desta sorte o Pudor, que nasce do temor de accender desejos n'aquelles á quem se não quer satisfazer, não poderia ser conhecido de dous amantes, que só têm por unicas testemunhas elles mesmos. Adão e Eva não o experimentaram enquanto foram os unicos humanos sobre a terra; o que sentiam só tinha por fim precaverem-se contra a repetição mui frequente de seu proprio ardôr; era contra si mesmo que queriam estar em guarda: d'outro lado é verosimil que depois do que sentiram, tivessem medo, que deixando descobertas as partes por onde haviam peccado, seu Creador, não conhecesse o novo estado em que se tinham posto e que á vista desse estado, não depuzesse contra elles, os transportes a que indiscretamente se haviam entregado; por isso Deos lhes disse: « Donde soubeste tu que estavas nú, senão porque « comeste da arvore de que Eu te tinha ordenado que não comesses? » (Gen., cap. 3, v. 11).

Se o Pudor, que toma precauções contra os assaltos daquelles á quem não quer favorecer, não póde ser conhecido de dous amantes que se crêm unicos no mundo, será certamente de todas as pessoas sensiveis, que vivem em socieda-

de, ainda que lei alguma positiva lhes houvesse prescripto qualquer regra á esse respeito, e que tivesse por unico guia a natureza não depravada. Creio firmemente que a natureza em sua pureza, inspira-nos o amor, que faz com que o homem ligue-se de preferencia á uma mulher e esta exclusivamente a elle só; que o casamento, que consiste na união de dois individuos, é pedido pela natureza das causas, que o bem da humanidade exige, e faz da castidade uma lei, e que por consequencia é a natureza que dá ás mulheres este Pudor, que é o mais seguro guarda da castidade. Se a natureza por si só, independente das leis sociaes, dos usos dos povos e dos preceitos religiosos aos dous sexos fez do Pudor uma lei; se, como já temos observado, ella se torna mais efficaz no sexo mais fraco e mais sensivel; quanto mais forte não deve elle ser ainda, nas sociedades policiadas, onde as leis civis e religiosas, os costumes, os usos communs, os habitos da infancia e mesmo os prejuizos se juntam á natureza para exigir Pudor, e d'elle fazer um dever muito importante, porque é a mais poderosa barreira á impudicia e ao deboche?

O Pudor tem, pois, por fundamento o temor das paixões. Aquelles que arrastam as paixões, devem ter banido todo o Pudor; e ao contrario, aquelles em quem se não vê Pudor, não conhecem freio ás suas paixões: então não ha mais modestia em suas maneiras, decencia em seus discursos, e nem em suas acções.

Não ha Pudor, sem costumes; e não ha bons costumes para as mulheres senão n'uma vida retirada e domestica. Se dizemos que os cuidados da familia e da casa são partilha dellas, que a dignidade de seu sexo está na modestia, que a vergonha e o Pudor são nellas inseparaveis da honestidade, que procurar os olhares dos homens é já deixarem-se romper, e que toda mulher que se mostra, se deshonra; se avançamos tal moral, no mesmo instante se elevará contra nós a philosophia d'um dia que nasce e morre no canto d'uma cidade, e que tenta abafar o grito da natureza e a voz unanime do genero humano.

A respeito do Pudor do sexo em particular, que arma mais doce poderia a natureza dar ao sexo que ella destinou a defender-se? Os desejos são iguaes! Que se tem a dizer a isto? Não ha as mesmas faculdades de satisfaze-lo n'uma e

n'outra parte! Que seria da especie humana, se a ordem de ataque e de defeza fosse mudada? O assaltante escolheria ao acaso occasiões em que a victoria fosse impossivel; e o assaltado se deixaria ficar em paz, quando não tivesse necessidade de se render, e seria perseguido sem deixar-se vencer quando se achasse fraco para succumbir; finalmente o Pudor e a vontade sempre em discordia, e não deixando jámais partilhar desejos, o amor não seria mais o sustentaculo da natureza, della seria o destruidor e o flagello.

Se os dous sexos tivessem sido feitos igualmente, e recebido as primazias, a vã impetuosidade não se teria salvado, e os fogos sempre languecendo em aborrecida liberdade, jámais se irritariam, e o mais doce sentimento a custo penetraria no coração humano, mal preenchendo seu fim. O aparente obstaculo que parece alongar esse fim, é o mesmo que o aproxima. E os desejos encobertos pela vergonha, tornam-se mais seductores; mortificando-os, o Pudor os inflamma: seus temores, seus desvios, suas reservas, suas timidas confissões, sua terna e ingenua fineza, dizem melhor o que ella julga calar, pensando que a paixão não o teria dito sem ella: ella é que dá preço aos favores e doçura ás recusas. O verdadeiro amor, com effeito possui, o que só o Pudor lhe disputa; essa mistura de fraqueza e de modestia, o torna mais tocante e mais terno; quanto menos obtem, mais augmenta o valor do que obtem, e é desse modo, que elle goza ao mesmo tempo de suas privações e de seus prazeres.

Porque razão, se perguntará, o que não é vergonhoso para o homem, o é para a mulher? Porque será crime n'um sexo, o que é permittido no outro? Como se as consequencias fossem as mesmas de ambos os lados! Como se todos os austeros deveres da mulher não se derivassem disto: que um filho deve ter um pai! Quando mesmo estas importantes considerações nos faltassem, teriamos sempre a mesma a dar, e ella seria sempre sem replica: assim o ordenou a natureza, e abafar sua voz, é um crime. O homem póde ser audacioso, que tal é seu destino; pois que era preciso que um se declarasse. Mas toda a mulher sem Pudor, é culpada, vil e depravada, porque calca aos pés um sentimento natural á seu sexo.

Como se póde disputar a verdade deste sentimento? A terra toda não dá disso pomposa testemunha? A comparação só dos sexos, bastára para certifica-la. Não é a natureza

que orna as jovens com esses traços tão doces, que se tornam ainda mais tocantes pela vergonha? Não é ella que põe em seus olhos esse olhar tímido e terno ao qual só com muito trabalho se resiste? Não é ella que dá á sua tez mais brilho, e á sua pelle mais finura afim de que um modesto rubor melhor se deixe perceber? Não é ella que as torna timidas para que fujam, e fracas para que cedam? Com que fim lhes daria ella um coração mais sensível á piedade, menos ligeireza no andar, menos robustez no corpo, menos estatura, musculos mais delicados se as não tivesse destinado a se deixarem vencer? Sugeitas aos incommodos da gravidez e ás dôres do parto, esse accrescimo de trabalho exigiria diminuição de forças? Para reduzi-las a este penoso estado, ella as fez assás fortes para não succumbirem se não á sua vontade, e assás fracas para terem sempre um pretexto de se entregarem. Eis precisamente o ponto, em que a natureza as collocou.

Passemos agora do raciocinio á experiencia. Se o Pudor fosse um prejuizo da sociedade e da educação, esse sentimento deveria augmentar nos lugares em que se tem mais cuidado na educação e em que as leis sociaes se aperfeiçoam incessantemente, e deveria portanto ser mais fraco onde se está mais perto do estado primitivo. Acontece totalmente o contrario. Nos campos, as mulheres são timidas e modestas, uma palavra as faz corar, ellas não ousam erguer os olhos para os homens, e guardam silencio diante delles. Nas cidades, o Pudor é ignobil e baixo; é a unica cousa de que uma mulher bem educada teria vergonha, porque se julgaria deshonrada nas sociedades que frequenta, onde seria olhada como uma pessoa falta de trato; e a honra de fazer corar um homem honesto só pertence ás mulheres da melhor roda (1).

(1) Qual é o homem honesto e pensador que se não aborrece de ver uma moçoila, apertada excessivamente, só pela louca pretensão de se tornar bem feita! Qual é o homem prudente que não aborrece uma mulher desonestamente vestida e cheia de denguice, frivola, e mais ainda, sem proposito e fundamento, que tão bem adornam uma senhora em qualquer situação em que se colloca? Esses bailes, essas grandes reuniões, verdadeiras escolas de corrupção, não servem mais que de passar o tempo precioso da vida em sonhos, com divertimentos sem fructo, que por fim trazem a ruina das que os frequentam. A experiencia nos tem mostrado que poucas são as moçoilas que frequentam os bai-

O argumento tirado do exemplo das animaes não é concludente e verdadeiro. O homem não é um cão e nem um lobo. Não é preciso que estabeleça em suas especies as primeiras relações da sociedade para dar a seus sentimentos uma modificação desconhecida sempre aos brutos. Os animaes têm coração e paixões ; mas a simples imagem do honesto e do bello só entra no coração do homem.

Não obstante isso, quem poderá asseverar que o instincto não produz nos animaes o que a vergonha produz no homens? Vemos todos os dias provas disso. Vemos-los occultarem-se em certas necessidades para esconderem aos sentidos, um objecto de desgosto ; vemo-los depois, em vez de fugir apressarem-se á cobrir os vestigios d'elle. Que falta a esses cuidados para que tenham um ar de decencia, honestidade e Pudor, senão ser por tal tomado pelos homens? Em seus amores, vemos caprichos, escolhas, recusas estudadas, que roçam de bem perto a *maxima de irritar as paixões* pelos obstaculos. No instante em que escrevemos isto, temos ante os olhos um exemplo confirmativo. Dois pombinhos, nos felizes tempos de seus primeiros amores, oferecem-nos um quadro bem differente da estúpida brutalidade que os nossos apologistas da petulancia lhes attribue. A branca pombinha vai seguindo passo a passo o seu bem amado, e foge ligeira logo que elle se volta. Fica elle em innação? Com mimosas bicadas o excita ; se elle foge, ella o persegue ; se se defende, com pequeno e certo voo o attrahe ainda ; a innocencia da natureza maneja as meiguices e a branda resistencia, com tal arte que daria trabalho ao mais habil casquilho. Não ; a faceta Galatêa não o faria melhor, e Virgilio poderia ter tirado d'um pombal encantadoras imagens.

Quando mesmo se podesse negar que um sentimento particular de Pudor fosse natural nas mulheres, seria menos verdade que na sociedade sua partilha deve ser uma vida domestica e retirada, e que se as deve crear nos principios, que á isso se referem? Se a timidez, o Pudor, a modestia que lhe são proprios, são invenções sociaes, importa cul-

les, que se casam vantajosamente ; e se alguma tem tido a fortuna de originar o seu consorcio dessas grandes reuniões, é logo privada dellas, desde o instante em que se casa. As reuniões de familia são mais felizes e proveitosas ; porque á ellas só vão pessoas da amizade e de confiança.

tiva-las nellas, e toda mulher que as desdenha offende os bons costumes. Haverá um espectáculo tão tocante, tão respeitavel como o d'uma mãe de familia, rodeada de seus filhos, regendo os trabalhos de seus famulos, procurando á seu marido uma vida feliz, e governando convenientemente sua casa? E' ahi, que ella se mostra em toda sua dignidade de mulher honesta; é ahi, que ella impõe verdadeiramente respeito e que a belleza partilha com honra as homenagens rendidas á virtude. Uma casa, cuja senhora está ausente, é um corpo sem alma, que cahe logo em corrupção: uma mulher fóra de sua casa perde o seu maior lustre, e despedaça seus verdadeiros ornamentos; mostra-se com indecencia. Se possui um marido, que busca ella entre os homens? Se o não tem, como se expõe a afastar, por uma parte pouco modesta, aquelle que talvez a quizesse por esposa? Ella mesma sente que não está em seu lugar, e até sua belleza, que agrada sem interessar, não é mais que um erro que seu coração lhe exproba. Quer esta impressão venhanos da natureza, quer da educação, é commum a todos os povos do mundo; por toda parte a mulher é considerada em proporção de sua modestia; por toda parte se está convencido, que abandonando as maneiras de seu sexo, ellas abandonam seus deveres; por toda parte se vê que então a veril e firme segurança do homem torna-se em atrevimento n'ellas, se aviltam por essa odiosa imitação, e deshonram tanto seu sexo, como o nosso.

Pensamos que não temos prestado muito á natureza attribuindo-lhe só o Pudor, tal qual o havemos descripto, sem fazer ahi entrar o que certamente o caracteriza entre os povos civilizados, a idéa do despreso á que a falta de Pudor expõe um e outro sexo, principalmente aquelle que por sua sensibilidade e fraqueza deve ter mais reserva e contenção. Entre os povos, cujos costumes são mui simples, onde a ambição e o interesse não são que fazem os casamentos, essas uniões contraem-se com facilidade, são numerosas e effectuam-se cêdo; ahi são só celibatarios aquelles que não são capazes de amar; os amores illicitos quasi que são desconhecidos a esses povos; as pretensões de um homem sobre uma mulher que não é sua, são extravagancias tão raras, que quasi nunca se apresentam ao espirito, sem duvida as precauções do Pudor são ahi pouco procuradas, e a ausencia d'elle

pouca emoção causa; satisfeitos os sentidos sem custo e legitimamente, quasi que não são susceptíveis de movimentos irregulares, capazes de faze-los obrar contra as leis: por esta razão, quanto mais simples e puros são os costumes entre esses povos, menos severo e escrupuloso é o Pudor; basta que seja casto. Porém se os costumes se corrompem, já não é o mesmo; então a falta habitualmente de reserva nas maneiras e nos discursos, fornece um elemento ao deboche. Só as pessoas virtuosas e delicadas é que conhecem ahí o amor e não a depravação, e que dão seu coração unicamente á um objecto, e que sem elle (coração) jámais entregam seu corpo; n'ella é sómente que os principios da depravação produzem o effeito de augmentar-lhes o Pudor, torna-las mais escrupulosas, e fazendo crescer as precauções que estão dispostas a tomar contra tudo que revela desejos relativos a uma paixão, que a pessoa não de certo quer autorisar e nem favorece. Comprehende-se que é principalmente, para não dizer unicamente, nas mulheres, que esses effeitos têm lugar; como ellas não são que dão os primeiros passos, e em geral os homens gostam de atacar o lugar em que acham recusa, é pelo mais ou menos Pudor e reserva que elles percebem nas maneiras e nos discursos da mulher que conhecem até que ponto podem chegar os favores que ella lhe deve conceder.

Entre os povos civilizados, como nós, e na Europa, pelo menos entre os homens que não são do commum, geralmente acontece o mesmo; os exteriores sómente do Pudor é que variam a algum respeito conforme o tempo, os lugares e as circumstancias particulares. Ainda que os costumes europêos, no assumpto da castidade, não sejam dos mais regulares, comtudo não têm ainda chegado ao ponto de que uma rapariga namoradeira e uma mulher libertina não sejam desprezadas por todos aquelles que não são cúmplices de seus desregramentos. Não ha um só pai que não olhe como affronta a sedução d'uma filha; um marido que não seja desprezível, que não encare uma infidelidade de sua mulher como um crime capital; nem um homem delicado que queira tomar por esposa uma moça suspeitada sómente de máos costumes, ou que um marido consinta que sua mulher, em quem elle confia, tenha familiaridade com outra que seja tida por infiel a seu marido,

Toda a menina e toda mulher nesse caso são objecto do desprezo de todas as pessoas honradas ; mas como não se toma testemunhas quando se quer ser culpado desses desvarios, a necessidade de serem estimados empenha em particular as mulheres, pouco cuidadosas de sua honra, a tomarem todas as possiveis precauções para envolver nas sombras do mais profundo mysterio seus desregramentos, e é só quasi pela indiscrição de seus *galans*, e por seu pouco Pudor, ou antes por seu pudor mui facil, que elles vêm ao juizo do publico ; as que são prudentes, ainda mesmo só exteriormente, devem ter sentido, e sentem quanto as apparencias do severo Pudor são essenciaes á conservação de sua honra, e para prevenir os máus juizos, que a falta das precauções, que a contenção exige, dá direito a apparecerem.

E' facil a toda mulher prudente deduzir destas observações a conducta que dever ter para prevenir os desejos, as solicitações, as pretensões illegitimas que ella não quer e nem deve querer favorecer, afim de afastar de si qualquer desconfiança que injuria á sua honra. Tomamos aqui por honra das mulheres, o direito real ou supposto, que ellas têm para pretenderem ser dignas do amor, da estima e da confiança dos homens delicados, e a isenção de toda e qualquer mancha feita á sua innocencia pela qual se teria direito de as desprezar ou estimar menos. Dissemos que a honra tem jús ao amor, á estima e á confiança ; estas tres cousas são essenciaes : é pelas graças do corpo que as mulheres agradam aos sentidos, e pelas do coração, ou do character moral, que são a sensibilidade, a doçura, a complacencia, a providencia e a bondade, que ellas agradam á alma e conciliam o amor ; é pelas virtudes, quero dizer pelo doce gosto, por todos os seus deveres, quer communs aos dois sexos, quer particulares ás mulheres, por sua sinceridade, sua assiduidade ao trabalho, seu amor pela ordem e por uma prudente economia, sua piedade, sua decencia, a dignidade de seus discursos, a gravidade, seu andar, sua caridade, sua justiça, sua contenção e sua modestia, que ellas conciliam a estima ; é finalmente, por sua firmeza em não ceder aos motivos de proceder mal, em as tentações, pela sinceridade de suas palavras, franqueza de seu procedimento, constancia no seu amor para aquelle á quem deu seu coração, que as mulheres adquirem confiança ; a falta de

Pudor as faz perder todas essas preciosas vantagens, esses direitos que, bem conservados, constituem sua honra. Toda mulher sem Pudor, ou é um ente d'uma frieza estúpida, d'uma repugnante insensibilidade, incapaz de inspirar amor, ou conserva-lo onde a primeira apparencia o havia accendido; ou então é um ente, que á força de se ter entregue sem contenção á libertinagem, se tem familiarizado com os modos mais vergonhosos do deboche e que de nada mais córa; esta só poderia agradar aos mais debochados devassos: e póde-se formar outro juizo, que não este, d'uma mulher que se mostra descoberta a outros, sem ser aquelle á quem seu coração e seu corpo pertencem, que permite liberdades indecentes aos que não têm direito algum sobre ella, que soffre, sem se irritar, que em sua presença se faça acções deshonestas, ou que tenham em sua presença discursos licenciosos e que toma parte nas conversações livres e obscenas?

Que estima se póde dar a uma mulher, a quem em nosso seculo é permittido brinquedos e jogos de mãos e familiaridades, que necessariamente conduzem a familiaridades maiores; uma mulher que parece procurar a vista e os olhares dos homens, que permite, áquelles que á vêem mais vezes, dar-lhe beijos e abraços, pegar-lhe no corpo, chegar-se mesmo a seu cólo e excitar n'ellas sensações mais ou menos voluptuosas? Que toda mulher se lembre, que não ha um só homem, por pouco experimentado que seja, que não julgue, que aquella que permite essas familiaridades, que ella quer que se creia innocentes, permittiria tambem outras maiores ainda, estando segura de escondel-as áquelles de quem temem o desprezo, e que perde assim a estima de quem ella queria pretender (1); e quanto uma moça que leva a tal ponto a falta de contenção, perde no conceito d'aquelles senão ha confiança, que talvez a quizesse para esposa; porque vendo n'ella tão pouca reserva, a olham como uma pessoa em quem o gosto da voluptuosidade do-

(1) A estima por uma mulher, é uma consequencia natural do Pudor e da modestia; não se illuda ella quando vê que querem tomar liberdades sobre ella, é isso mais segura prova de que é desprezada: deve então mostrar, por meio de indignação, que só é desprezível aquelle que insulta seu Pudor. Todo galanteio na mulher a expõe a esses desprezos, e é desprezível porque é por ahí que ella se torna criminosa. No Pudor, nem mesmo a mais ligeira falta é innocente.

mina muito para que a deixe de resistir á tentação, quando ella se apresentar assás favoravelmente para que julgue poder impunemente succumbir !

Finalmente, que confiança póde um amante depositar na amante, da qual quereria fazer sua mulher; que confiança póde ter um marido em sua esposa, vendo que elle não era o unico de quem buscava os olhares e de quem quizesse captivar o coração; e que tem outros objectos esses olhos de quem quer fazer brilhar seus encantos secretos, a quem dá a liberdade de vel-os, de local-os, de gracejar e de fazer-lhe caricias tão agradaveis para quem as faz como para ella que as recebe, em quem elle procura excitar desejos e nada poupa que seja proprio para fazel-os nascer. Se se lembrarem que o amor é um sentimento de preferencia exclusiva, comprehenderão que uma conducta que annuncie que essa exclusão está tirada é o veneno do amor, e não subsistir com elle.

O Pudor real tornará uma mulher extremamente reservada em seus olhares, no que ouve, em suas palavras, em suas leituras, em seus prazeres, em suas maneiras e suas vestimentas. Em seus olhares, arredando-os de todo o objecto que puder excitar n'ella idéas libidinosas, e que ella não ousará contar a um extranho sem corar; no que ouve, guardando-se de dar ouvidos a discursos que uma pessoa, que realmente a respeitar e estimar, não se atreverá a dirigir-lhe; no que diz, cohibindo-se de fallar no que se refere aos prazeres do amor, principalmente na presença dos homens, e mesmo só na presença de mulheres; isso seria sembre imperdoavel a uma menina. Um homem de educação jámais terá taes discursos, excepto com sua esposa, na presença de mulheres á quem respeita e estima, se ella mesmo não o autorisar a isso (1).

(1) Concluiremos este artigo com a seguinte nota que nos parece corroborar mais as nossas idéas relativamente ao Pudor :

Uma mulher deve-se livrar das leituras que são licenciosas, e fornecendo materia á imaginação só servem para deprava-la, ateando-lhe o fogo mui vivo e dando-lhe um forte motivo de preocupação. Exemplo da leitura que fallamos, os livros puramente phisicos, a historia natural, d'anatomia ou de physiologia, que a certos respeitos e em certos casos, poderiam dissipar uma ignorancia muita profunda. Uma mulher, mesmo em seus prazeres, deve conservar Pudor: se é só de um divertimento que se trata, como a dança, o passeio, a musica, a

Importancia da mulher.

POR A. G. TEIXEIRA E SOUSA.

Si fluxiveis encantos,
Tão caros pastos ao tragar da idade,
Unicos fossem, que a elevada séde,
Por entre a humanidade te elevassem,
Seriam teus encantos irrisorios,
Miseravel seria a gloria tua :
Ambos seriam antes teus algozes,
Ou patibulo cruel onde espirasses
A todos os momentos entre os golpes
De saudosas lembranças do passado,
De uma reminiscencia dolorida,
Olhando nos vestigios dos encantos
Os andrajos, adornos do sepulchro,
O sudario da morte,
Ou as mentidas pompas da belleza
Soltas em vago, fugitivo fumo !

mulher que tem cuidado de sua reputação, não entregará a elle senão com uma condição que não autorise ninguem a faltar-lhe o respeito, e não se abandonará realmente, e nem affectará a abandonar-se aos prazeres simplicis com esse ar de voluptuosidade e de indolente sensibilidade, que tão claramente annuncia o desejo de ser seduzida e a disposição de ceder á essa seducção.

Em suas maneiras, uma mulher que tem Pudor, sem ser falta de graça e grosseira, conservará sempre dignidade; affavel e previdente, jámais será insultada; alegre sem desenvoltura, brincalhona sem indecencia, regosijando-se com moderação na occasião em que tem innocente motivo para isso, porém nunca mostrando-se inconsiderada e nem esquecendo o que deve a si mesma, a seu marido e á sociedade; reservada sem timidez, ella mostra que não procura os homens e nem os teme, porque sente-se capaz de resistir a suas pretensões e de recusar a seus desejos. Uma menina deve ter mais timidez n'uma reunião de homens, e não se lhe pôde censurar isso.

Finalmente, em sua maneira de vestir, uma mulher que tem Pudor, se guardará de apresentar-se d'um modo que annuncie que seu fim é mostrar os encantos destinados a accender desejos e que o uso geral não exija que deixe descobertos e nem que traga á vista. Nisto sem duvida, é preciso consultar a moda da época: o que é indecente n'um tempo, deixa de ser n'outro; ha muito tempo, que o par rebique era tido por falta de bons costumes; hoje em certos paizes é esse uso tão geral,

Ah não! não, ó Mulher; de mais sublime
Preço encerras em ti magos encantos,
Belleza mais real, e mais angelica!

Acaso vês o tumulo?

Pois ali mesmo, aonde o Anjo da morte
As purpuras dos reis dilacerando,

Esmaga as suas c'roas,

Espalhando os pedaços de seus sceptros,

Entre vermes, ossadas, e arcabouços,

Ali pois se aniquilam n'um repente

Os flacidos encantos, que ufanosos,

Em frocos enflorados,

Em preciosas gemmas, aureos fios,

Já tanto se extremavam

Esplandecendo em sericos adornos!

E quando, pelas leis da natureza

Impellidos, balroam sobre o tumulo,

Um só ai, um gemido, uma só lagrima,

Eis o atrôo de tão grande baque!

Não, Mulher, ha em ti cousa maia alta
Que encantos materiaes.

Si existisse na externa formosura.

que o não pôr rebique é querer affectar uma modestia que mesmo as mais prudentes não levam em conta. Temos nas grandes rodas, mulheres com a garganta, as espaduas e parte das costas e do peito inteiramente descobertos; as primeiras que se encarregaram de mostrar nuas tantas partes de seu corpo, de certo não temiam ferir um Pudor á que já tinham renunciado; porém o que espanta é que mulheres que possuíam essa virtude, se houvessem podido resolver a romper a barreira que até então a prudencia tinha respeitado; mas o desejo de provar que ellas não cediam em belleza áquellas que só mostravam seu cóllo, para pôr á venda seus encantos, foi um motivo que fez callar toda outra qualquer consideração; e logo que o uso tornou-se geral, essa indecencia tem tido consequencias menos perigosas. Ha nisso uma consideração que deveria ter contido as pessoas sensiveis, que vêm ser, que quanto mais se descobrem esses encantos secretos, mais se diminuem a somma dos prazeres legitimos, cujo gozo secreto é que faz a felicidade dos verdadeiros amantes. Que devo eu áquella que faz o publico partilhar comigo o favor de admirar seus attractivos?

Se os encantos secretos de uma mulher são feitos para excitar o gozo da união conjugal, desde que esses encantos forem publicos, não terão mais para o marido um forte attractivo; e naturalmente será levado para onde tem mais a admirar.

Entretanto ha aqui uma observação] que nos tem impressionado umas poucas de vezes; e vem a ser, que uma mulher reservada que es-

Toda belleza, então que de mais lindo
Que a rosa a des'brochar rubi-fragante;
De aperolados globos irrorado
O seio voluptuoso?

Não é da forma o elegante garbo
Que dá-te alto valor;
Que a palmeira, dos bosques, circumdada
De relvas, de florinhas, e de arbustos,
Branda negociando á mansa brisa
Com os faceiros, oscilantes leques
Em garbo excede, e d'elegante sobra.

Não é a meiga voz com que em torrentes
De nectar, deslisando de teus labios
Em ondas de ternuras,
Levas ao coração do homem fraco
O revoltante — *sim* —, hospede incommodo,
Que despeitado o — *eu* — hospitalisa
Máo grado a intelligencia
Sensível ao imperio da vontade!
Não é a meiga voz tua belleza,
Que o sabiá dos campos
Tambem sensível voz no valle espraia.

tando ornada, torna-se em publico decotada e excessivamente descoberta, sem corar, sem vexame, e talvez mesmo fazendo disso uma gloria, terá corado vivamente se é sorprendida por um homem em traje caseiro, que deixará ver só metade do que ella tem patenteado aos olhos de todo mundo, nos bailes; julgaria isso uma indecencia reprehensivel, e teria razão: no grande mundo, no meio da sociedade, ella se olharia como uma pessoa que vai representar seu papel n'um theatro respeitavel, onde ninguem ousaria faltar-lhe o respeito; porém em seu gabinete, em seu *desalinho*, era uma mulher e uma mulher que não podia impuramente mostrar seus encanto sem excitar desejos; pareceria autorisar a que se os manifestasse n'uma circumstancia em que os olhares do publico não a incommodassem; logo o que fosse de uso, e o que em publico não seria censuravel, tornava-se no particular pouco prudente. Neste caso, uma mulher que necessita e quer ser respeitada, não poderá ser muito reservada em nenhum dos casos de que acabamos de fallar.

A menor falta de sua parte, a menor complacencia, o menor galanteio, lhe attrahirá o desprezo publico; sua reputação se tornará equívoca, e sua perda será certa.

Pelas pinturas que ornam sua habitação, pelos livros que lê, pelas palavras que pronuncia, pelas maneiras que tem e pelos vestidos de que usa, é que se tira a consequencia para se formarem os juizos sobre seu Pudor e sobre seus costumes.

Tão pouco externas graças
De encantos ext'riores!
Não são lindas madeixas,
Nem feiticeiros derretidos olhos
Em amoroso, seductor effluvio;
Não são faces de neve,
Que pudibundo o iris purpurêa,
Nem labios que diluem
Entre celeste e magico sorriso
Forçada convicção nos seios d'alma:
Não é um todo emfim formoso e bello
Nos traços ext'riores,
Suave effusão d'alma,
Ou mavioso enlevo
De uma alma sensitiva, alma amovavel,
Que constitue aos olhos do philosopho
Um ser celestial, um ente angelico.

Ha mais sublimes dons, ha outros dotes,
Que constituem *pessoa*
É quasi divinisa;
Que os dotes do ext'rior apenas formam
Cousa cheia d'encantos.

Quando, ó Mulher, fiada no teu sexo,
Em teus frageis encantos passageiros,
Soberba, do teu ser além te exaltas;
Quando, estudando leis imaginarias
Oppostas á razão e á natureza,
Ao homem sup'rior te crês vaidosa,
Então és *cousa* apenas.
Mas quando intelligente
Estudando o teu ser com serio exame,
Fracas te encontras, fraca te acreditas,
E confessando do teu ser o fragil
Em teu favor appellas
Para a do hom' indulgencia angelica,
Então tu és *pessoa*, então o homem
A teus pés vem depôr fieis respeitos.
Porque então és formosa, és linda, és bella!

Quando, acolhendo torpes lisongeiros,
De teu culto venal servis ministros,
Que, no profano altar onde collocas,
De sordida ignorancia ataviado,
O de tua vaidade

Ridículo delubro,
Sobre as aras mephyticas te queimam,
De assás libidinoso
Corruptor interesse,
Com gangrenadas mãos corrupto incenso,
Quando, verdades crês baixa lisonja
Pagando essas torpezas
Com impensadas phrases,
Com requebros indignos que envilecem,
Então és *cousa* apenas.

Mas quando amiga da razão suprema
Prestas ao sabio teu cuidadoso ouvido,
Quando, apoiada na louçã virtude
Oppões os dotes soberanos d'alma
Aos delicados traços ext'riores,
Quando, timida, cauta, e receiosa
Ante a tua fraqueza
Nobre, e discreta evitas
Do lisongeiro a indigna sociedade ;
Quando, grave, sisuda, esperta estudas
O serio de teu rosto,
Teus ademans honestos,
E teus breves discursos,
Então tu és *pessoa*, então o homem
Vem depôr a teus pés submissos cultos,
Porque então és formosa, és linda, és bella!

Oh! quando terna, e respeitosa filha
A mão paterna carinhosa afagas,
Onde mil filiaes beijos estampas,
E lhe aligeiras da pesada idade
Gravoso cargo de abhorrido imposto ;
Quando, extremosa mãe, doce, e terníssima
Acarinhas entr'osculos, entre abraços
O mimoso filhinho, que em teu seio
Extrahindo da vida o doce nectar
Sorrindo te enamora ;
Quando, cheia de Deos, ditosa cumpres
Sacrosanta missão, que só compre'nde
A que sabe ser mãe, porque outro tempo
Filha extremosa fôra ;
Quando, esposa fiel, honrada, e amante
Tu reconheces no querido esposo
Um ser, que tu mais forte, e mais sublime,

Teu protector, o guarda de tuá alma,
De teus bens, de teu corpo, e tua vida,
Companhia fiel, sincero amigo,
A quem na vida te entregaste toda ;
Quando em tão prazenteira sociedade
 Tão bem-aventurada,
Reconheces em ti um ente fragil
 Carecedor de amparo ;
Quando, terna rodêas o consorte
De meiguices, de amores, e de encantos,
 De honra, e de respeitos,
Que amor divino e sacra fé sustentam ;
Quando, em tudo, e p'ra tudo lhe procuras
A sua approvação, e seus conselhos,
Suas consolações em tuas dores,
E felicitações em teus prazeres ;
Quando, com esse ente formalisado
Só uma intelligencia, um sentimento.
Uma vontade enfim, um — *Eu* só quasi...
Mulher, como és foizmosa ! Oh como és linda !
Então tu és *pessoa*, então o homem
Acha a teu lado o quanto de mais doce
A vida tem em si ; tu lhe revelas
Os encantos do céo porque em tua alma
Habita então um Deos, e um Deos te inspira !
E com que nobre sentimento exaltas
 As faculdades tuas,
Lá quando a voz de Socrates ouvindo
 Tu entras em ti mesma,
E á força de estudos reflectidos
 A ti propria conheces,
 E então te possues !
Tu compre'ndes então como Aristoteles,
 Sentes como Platão,
 E queres como Zênon !
Quanta moral belleza não revelam
 Ora os teus sentimentos.

Mas quando desvalido o teu consorte,
Ou de inopia infeliz misera victima,
Dura arrasta existencia desgraçada
Nas lacerantes garras da indigencia ;
Tu fida, ao lado seu, quantas o affligem
Ferrenhas privações soffres com elle ;
Cantas com elle, se elle acaso canta,

Com elle choras, se elle acaso chora ;
Com elle a prantear, e a rir com elle ;
Quando por fragil erro maneatado
Entre as cadêas pelas leis forjadas,
Tu, com elle, supportas, a seu lado,
Expiatoria, merecida pena,
Severa punição de atroz delicto,
Que unico elle perpetrára incauto ;
Quando seus duros ferros partilhando,
Seus cruentos desgostos, seus pezares,
Suas dores, seus prantos, seus gemidos,
Tu lhe suavisas parte de seus males,
Alliviando um tanto de seus ferros ;
Quando tu maviosa, e compassiva
Ó seu livido corpo entre teus braços
Roubas, ligeiro instante, á acerba barra
Do carcere hediondo ;
Quando, um teu puro, angelico sorriso,
Ante seus tristes olhos mal-abertos
Espanca, em parte, as sombras da masmorra,
Desesperada luz de um condemnado ;
Quando, por elle os delicados membros
Maceras nesse chão amáro, ingrato,
Argila reprovada do proscripto,
Arrojada aos mais agros soffrimentos
Só para partilhar do esposo a sorte ;
Quando, junto do seio, entre teus braços
Ó tenro filho melindrosa afagas
Mostrando-lhe o esposo,
Tu a balbuciar então lhe amestras
O tão querido nome,
Que respeitar lhe cumpre ; desta sorte
Ensinando do berço ao caro filho,
Esse pedaço d'alma,
A respeitar, e amar ao pai miserrimo,
Esse que é de teu ser metade infausta ;
Então, Mulher, Mulher, oh quanto és nobre !
Então és bella, és grande, immensa em tudo !
Então, Mulher sublime,
És heroína, és Anjo, és Divindade !

Se, porque deo-te acaso a natureza,
Nas fórmias ext'riores,
Magicas graças, lépidos encantos,
E feitiçeiros mimos,

O homem te idolatra, e Anjo te chama.
Se moraes perfeições, moraes encantos
Tua alma desenvolve, a que mór titulo,
Mulher, tens tu direito?
Então és mais que um Anjo, um Deos és quasi!

Um Deos!... E que milagres tu não podes
Quando em teu coração, quando em teu rosto
Vem revelar-se um Deos, e um Deos palpita?
Oh prodigio! Oh portento! Oh maravilha!
Do imperio da belleza e da virtude!

Teus encantos!... são elles que amor geram,
Mas impensado amor surdo á verdade,
Amor cego á razão, amor sem luzes.

Mulher, os teus encantos...

O bem, e o mal do mundo; a paz, e a guerra;
Desgraça, e f'licidade; amor, e odio;
Trevas, e luz; mentiras, e verdade;
Virtude, e o vicio; a innocencia, e o crime;
Desespero, esperanza; o certo, a duvida;
Alegria, e prazer; dôr, e tristeza;
Céo de delicia, inferno de amargura...
Um cahos emfim; são elles, teus encantos,
Que no trilho da vida espinhos vertem,
Que no trilho da vida espargem flôres!

Sim, quando incuriosa

Tu em ti reconheces

O poder liberal da natureza
N'uma chusma de encantos graciosos,
Em perfeições cravadas em teu rosto,
Em dotes engastados em teu corpo;
Com elles tôrpes vicios esmaltando,
Com elles refalsando infaustos erros,
Libras teu bem no mal da humanidade...
Então, Mulher perversa, ó ente iniquo,
Maldição sobre ti, odio a teus dotes!
E á tua formosura, aos teus encantos
Anáthema do céo, do mundo anáthema!

Organographia physiologica, physionomica
e philosophica do homem e da mulher.

DO HOMEM.

Existo; mas quem sou? Brado intimo
E' este d'uma voz que eu n'alma sinto :
Fito em mim mesmo atonito meus olhos,
Todo o meu ser em si se immerge e pensa ;
Rompe um clamor universal silencio,
E me diz que sou corpo organizado,
E um de infinitos animaes, que a terra
Mui carinhosa mãi produz e nutre :
Como elles nasço e vivo, cresço e morro ;
Como elles sinto a dôr, sinto os prazeres ;
São mui iguaes nas sensações corporeas ;
Em todos vejo identicos sentidos ;
Existe em todos machinal instincto,
Que em varias gradações se eleva, ou desce
Desde o vasto elephante ao verme ignoto.
A vigilia tenaz me cansa e prostra ;
A fadiga aturada inerva as forças ;
Exhaustas forças me restaura o somno.
Hei mister respirar nos livres ares,
Obra do Eterno, fluido pasmoso !
Nenhum homem, nem arvore, nem bruto,
Nenhum composto organico e vivente,
A vida póde conservar no vacuo.
E sem almo calor, que a Natureza
Em toda a parte accende, em toda espalha,
Nenhum, nenhum dos animaes existe.
Do mar no escuro, no profundo seio
Prende o calor vital, e anima os entes

Do vasto abysmo, mudos habitantes
D'agua e terra tambem, que em mim renovam
Quanto um segredo ignoto e profundo
Consumidor principio acaba e gasta,
Para viver como animal preciso.
Mas que pasmosa architectura é esta
Deste corpo, que eu palpo, eu sinto.

MACEDO (*Medit.*)

Encontram-se no corpo do homem certos compostos que os anatomistas e physiologistas denominam por elementos organicos, e estes são: *a gelatina, a fibrina, a albumina e a gordura*. Estes elementos existem nos solidos e fluidos, em diversas proporções, segundo as partes onde se extrahem, a idade e o temperamento individual: e contém principios communs, conhecidos pela analyse (como sejam o carbono, o azote, o hydrogeneo, uma pequena quantidade de oxygeneo e saes), os quaes se organisam, ou por uma impulsão geradora, ou por uma irritação morbida, que é originariamente fluida, e se solidificam, e os solidos se reduzem a fluidos, para se renovarem pelo processo da nutrição. Os fluidos disseminados (diz um escriptor) por toda a parte, enchem os vasos e humedecem as paredes das cavidades, e impregnam o parenchyma das partes, e, associados com os órgãos, concorrem ao exercicio das funções que os mesmos executam. Os humores são communs, como os que se acham espalhados por toda a economia: taes são o sangue e a lympha, proprios a certas partes e differentes entre si por suas propriedades physicas e sua composição, sua origem e usos taes como a bilis, a urina e o esperma, etc.; outros se desenvolvem sob a fórma de vapores como a sorosidade, a materia da transpiração pulmonar e cutanea; outros no estado do liquido, como o sangue, a urina e a lympha; outros apparecem sob uma consistencia média, como a gordura, a bilis e o licor espermatico.

Bichat (o immortal reformador da Anatomia physiologica), julgando comprehender melhor a estructura organica, fez sentir o variado cruzamento e reunião das fibras dos diversos tecidos do corpo do homem, embora differentes pela natureza das moleculas contidas nos intervallos que as mes-

mas fibras deixam entre si; e então é que associados estes tecidos formam a estrutura primitiva dos órgãos, em cujos intervallos são depostas as substancias nutritivas que lhes são indispensaveis. Os systemas de que se compõe o corpo do homem são : o *Cellular*, o *Exhalante*, o *Absorvente*, o *Arterial*, o *Venoso*, o *Capillar*, o *Nervoso*, o *Osseo*, o *Medular*, o *Cartilaginoso*, o *Fibroso*, o *Fibro-cartilaginoso*, o *Muscular*, o *Mucoso*, o *Glanduloso*, o *Dermoide*, o *Epidermoide* e o *Pelloso*.

E' o *tecido cellular* uma substancia filamentosa, mais ou menos branca, que se encontra geralmente em todas as partes do corpo, e se compõe de uma infinidade de fibras e de laminas dispostas de maneira a formar uma multidão de pequenas cavidades ou cellulas, que communicam entre si e contém limpha ou gordura. Este tecido, percorrido por um consideravel numero de vasos, entra na formação de todas as partes do corpo, e lhe serve de meio de união. O estudo desta substancia tem feito conhecer que ha duas especies deste tecido : uma, que se compõe de laminas contiguas e parallelas, entre as quaes não se encontram cellulas nem cavidades; e outra, em que se encontram não só laminas contiguas, como filamentos que se entrecruzam e formam cellulas areolares, onde a gordura é contida, e a sorosidade é exhalada. Conforme as idades, o *tecido cellular* é formado de um mucos espesso, no feto, que augmenta em densidade até se manifestarem as laminas e filamentos; e, á medida que a idade caminha, se encontra impregnado de succos *albuminosos* e *gelatinosos*. Depois de nascida a criança, em vez de albumina, encontra-se gordura, que se conserva até á idade viril, e, á medida que se declina para a velhice, tambem vae-se diminuindo, e o *tecido cellular* torna-se pouco contractil.

DOS VASOS EXHALANTES. — Os *vasos exhalantes* são a continuação dos capilares arteriaes, e cujas terminações abrem-se na superficie interna das paredes das cavidades, onde depõem os liquidos necessarios a manter essas partes, para bem exercerem suas funcções; ou na mesma substancia dos órgãos, a fornecer-lhes os elementos de sua nutrição.

DOS VASOS ABSORVENTES. — Estes vasos, que compõem um

systema, são os vasos lymphaticos, ou absorventes, ou glan-glionarios; são elles de côr esbranquiçada e de fórmula nodosa, por causa das valvulas que guarnece o seu interior. Nas-cem por orificios imperceptiveis na superficie do corpo, nas paredes das cavidades internas, e nas mesmas substancias dos orgãos, oppostos por toda a parte aos vasos exhalantes. Em sua distribuição, elles se encontram em toda a parte onde ha abundancia de tecido cellular.

O SYSTEMA MEDULLAR comprehende a rede de malhas delicadas que se desenvolve na substancia esponjosa dos ossos, onde exhala um succo oleoso que enche todas as cellulas osseas.

O SYSTEMA CARTILAGINOSO são substancias brancas flexi-veis, elasticas, menos duras que os ossos, porém muito mais que todos os outros tecidos da organização. Acham-se na cabeça, ligando os ossos entre si, nas superficies articulares moveis, cobertas por uma membrana synovial, que lhe dá uma apparencia polida e brilhante, na circumferencia das cavidades, onde concorre á sua formação. As cartilagens, embora existam no interior do corpo e cobertas por diffe-rentes tecidos, comtudo têm uma membrana fibrosa pro-pria, que se denomina pericondro. Sua organização é forma-da do *tecido cellular* e de vasos brancos.

O SYSTEMA FIBROSO é o que serve de intermedio aos musculos e ossos, e é continuo consigo, mesmo em quasi todas as partes. A sua fórmula é membranosa no periosteo, dura mater, aponevrozes de envoltura dos membros e de alguns orgãos, e em outras partes elle tem a fórmula de molhos nos tendões e nos ligamentos articulares. Em sua orga-nização, elle se compõe de fibras brancas luzentes e côr de perola, parallela nos tendões, e encruzada variadamente nas aponevrozes.

O SYSTEMA FIBRO-CARTILAGINOSO participa da natureza do fibroso e cartilaginoso, porque executa algumas vezes as funcções de ambos, como se vê nas fibro-cartilagens inter-vertebraes, que reúnem mui solidamente as vertebraes entre si, não obstante permittirem-lhe mover-se um pouco, umas sobre outras. Bichat, comprehendendo bem a natureza deste systema, quer que essas fibro-cartilagens sejam membranosas, como as que forram as aberturas das orelhas e nariz; outras inter-articulares, como as que se encontram nas ar-

ticulações, temporo-maxillares, sterno-claviculares e outras; e uma terceira especie, que é a que fórma canaes, para o escorregamento e reflexão dos tendões, etc.

O SYSTEMA MUSCULAR é considerado sob dous pontos de vista, que são, um que está sujeito ao imperio da vontade, e o outro é-lhe independente. Os primeiros são perfeitamente conhecidos, e servem para os movimentos, e os segundos são destinados aos movimentos dos órgãos da nutrição, e se encontram no peito, no ventre, no tubo intestinal, etc. Os musculos no feto são pallidos e muito delgados, e, á medida que o feto se vae desenvolvendo, adquirem uma côr roxa, e ao depois do nascimento, logo que respira o ar atmospherico, tomam a côr vermelha (1).

O SYSTEMA MUCOSO não é outra cousa mais que a pelle que se introduz no interior do corpo pelas differentes aberturas de sua superficie, e vae formar por continuação as membranas mucosas, das quaes uma é a gastro-pulmonar, que é a mais extensa, e forra os olhos, as vias lacrimaes, nasaes, pulmonares e digestivas; a outra é a genito-urina-ria; e finalmente ha uma que forra o interior dos conductos excretorios das mamas. Esta membrana de côr rosacea, mui delicada, tem a mesma organização da pelle. Acham-se entre a espessura das membranas mucosas pequenas glandulas isoladas ou agrupadas, que se chamam criptas mucosas, as quaes segregam o mucus destinado a lubrificar a face da membrana por onde têm de passar os objectos que se põe em contacto.

O SYSTEMA GLANDULAR comprehende um numero consideravel de órgãos differentes por sua organização; porém approximados pelo uso commum, que é extrahir do sangue os elementos mais ou menos compostos das substancias que devem segregar. Umas com a idade diminuem, tendo antes mui grande volume, como thymos, athyroide e as capsulas superrenae; outras augmentam, como os testiculos e as mamas.

(1) Os musculos (conforme o Dr. J. Cloquet) são órgãos vermelhos ou avermelhados, eminentemente contracteis, por meio dos quaes se executa a maior parte dos movimentos animaes.

Os musculos dividem-se em musculos da vida animal, isto é, que pertencem á vida de relação, executam os movimentos sob a influencia da vontade: taes são os musculos dos membros, da cabeça, do tronco, etc.: e em musculos da vida organica, ou que se contraem sob

O SYSTEMA SOROSO, é de fôrma membranosa e á maneira de um sacco sem abertura; porém as suas superficies internas mutuamente se correspondem, e são continuamente humedecidas pelo soro que exhala. Esta membrana forra a face interna das cavidades splanchnicas e a externa das visceras

a influencia de certos estímulos especiaes, como o coração, as fibras carnudas do estomago, etc.

Os *musculos da vida animal* offerecem numerosas variedades relativas á sua fôrma, grandeza, situação, usos, etc. Podem-se dividir, como os ossos, em *musculos longos, largos e curtos*; cada uma destas expressões apresenta *musculos simplicés* ou *compostos*.

Os *musculos simplicés* têm todas as suas fibras em direcção semelhante, e têm sómente um corpo, como o musculo costureiro e o musculo quadrado pronodor.

Os *musculos compostos* são aquelles que têm um só ventre e varios tendões, como o biceps brachial e o musculo sacro-lombar.

Aos musculos compostos pertencem tambem os musculos raionados. Suas fibras partem de um centro commum, e são dispostas como os raios de um circulo: taes são o diaphragma, o musculo iliaco e o temporal.

Os *musculos peniformes* têm suas fibras dispostas em dous ramos ou em duas ordens, que se unem sobre uma haste média, fazendo angulos mais ou menos abertos, pouco mais ou menos, como as barbas de uma penna, inserem-se sobre sua haste commum: tal é o grande palmar.

Musculos semi-preniformes. Suas fibras são obliquas, como no caso precedente, mas inserem-se sómente sobre um dos lados do tendão.

Differe-se muito na indicação do numero dos musculos. Alguns autores elevam-os a 400 e mais: M. Chaussier não admitté senão 368. A maxima parte dos musculos é aos pares; ha muí poucos que sejam impares.

Os musculos são denominados conforme:

1.º *Os seus usos*: como o diaphragma, o buccinador, os extensores, os flexores, os adductores, os levantadores, os abaixadores.

2.º *Sua posição*: taes são os musculos inter-espinhosos, inter-osseos, subclavio, popliteo, anconeo, cubital, iliaco, temporal, etc.

3.º *Sua figura*: como o trapezio, o splenius, os lombricoides, dentados, digastricos, deltoide, scaleno, rhomboide, etc.

4.º *Sua dimensão*: assim como o musculo grande peitoral, grande recto anterior da cabeça, pequeno peitoral, o grande, o médio e o pequeno, musculos das nadegas (gluteos), etc.

5.º *Sua direcção*: os musculos obliquos, o transverso do abdomen, o recto anterior da coxa, etc.

6.º *Sua composição*: os musculos semi-membranosos, semi-tendinosos, o complexus, etc.

7.º *Suas ligações* aos diversos pontos do esqueleto a que se fixam:

que ella contém. Compõe-se a *membrana sorosa* de vasos absorventes e exhalantes. Entre as articulações e as bainhas dos tendões estão as capsulas synoviales, que não são outra cousa mais que membranas sorosas destinadas a exhalar o fluido necessario a facilitar o exercicio dessas partes. A unica

como os musculos sterno-cleido-mastoideo, occipito-frontal, sterno-hyoidiano, etc. E' sobre esta consideração que se acha baseada a Nomenclatura do professor Chaussier e a de M. Dumas.

As ligações dos musculos com os ossos são por meio de tendões e de apomroses.

ENUMERAÇÃO DOS MUSCULOS.

MUSCULOS DO TRONCO.

MUSCULOS DA CABEÇA.

A. MUSCULOS DO CRANEO.

NOMES ANTIGOS E MODERNOS.

1.º *Região epicranea.*

Musculo frontal-occipital — Occipito-frontal.

2.º *Região auricular.*

Musculo auricular superior — Temporo-oricular.

» anterior — Zigmato oricular.

» posterior — Mastoido oricular.

3.º *Região occipito cervical anterior.*

Musculo grande recto anterior da cabeça — Grande trachelo sub-occipital.

» pequeno recto anterior da cabeça — Pequeno trachelo sub-occipital.

4.º *Região occipito-cervical posterior.*

Musculo grande recto posterior da cabeça — Axoido occipital.

» pequeno recto da cabeça — Atloido occipital.

» grande obliquo da cabeça — Axoido atloidiano.

» pequeno obliquo da cabeça — Atloido sub-mastoidiano.

5.º *Região occipito-cervical lateral.*

Musculo recto lateral da cabeça — Atloido sub-occipital.

B. MUSCULOS DA FACE.

1.º *Região palpebral.*

Musculo orbicular das palpebras — Naso-palpebral.

» superciliar — Fronto superciliar.

» levantador da palpebra superior — Orbito palpebral.

2.º *Região occular.*

Musculo recto superior do olho — Idem.

diferença que se encontra é ser o fluido das capsulas mais espesso e unctuososo que o das cavidades splanchnicas; e isto provém da necessidade local.

O SYSTEMA DERMOIDE. A pelle comprehende todo o systema dermoide. Esta membrana participa da vida animal pelas

- Musculo interno do olho — Idem.
- » externo do olho — Idem.
- » inferior do olho — Idem.
- » obliquo superior do olho — Grande obliquo do olho.
- » obliquo inferior do olho — Pequeno obliquo do olho.

3.º *Região nasal.*

- Musculo pyramidal do nariz — Fronto-nasal.
- » triangular do nariz — Sub-maxillo nasal.
- » levantador commum da aza do nariz — Grande sub-maxillo labial.
- » abaixador da aza do nariz — Comprehendido no labial.

4.º *Região maxillar superior.*

- Musculo levantador do labio superior — Médio super-maxillo labial.
- » canino — Pequeno super-maxillo labial.
- » grande zygomatico — Grande zygomatico labial.
- » pequeno zygomatico — Pequeno zygomatico labial.

5.º *Região maxillar inferior.*

- Musculo triangular dos labios — Maxillo labial.
- » quadrado do labior inferior — Mento labial.
- » levantador da barba — Comprehendido no mento labial.

6.º *Região intermaxillar.*

- Musculo bucinador — Aveolo labial.
- » orbicular dos labios — Labial.

7.º *Região pterygo-maxillar.*

- Musculos pterygordianos interno — Grande pterygo-maxillar.
- » externo — Pequeno pterygo maxillar.

8.º *Região temporo-maxillar.*

- Musculo masseterino — Zygomato maxillar.
- » temporal — Temporo maxillar.

9.º *Região lingual.*

- Musculo hyoglosso — Idem.
- » genioglosso — Idem.
- » stylo glosso — Idem.
- » lingual — Idem.

10.º *Região palatina.*

- Musculos peristaphylinos externos — Pterygo staphylino.
- » interno — Petro staphylino.
- » palato staphylino — Idem.

numerosas sensações que transmite á intelligencia e á vida organica, pelo vasto emunctorio que offerece ás materias heterogeneas da economia, e pela entrada que dá a diversas substancias exteriores por meio dos vasos lymphaticos, cujos orificios inhalantes ella contém.

Musculos pharyngo staphylino — Idem.

» glosso staphylino — Idem.

MUSCULOS DO PESCOÇO.

1.º Região cervical anterior.

Musculo cutaneo — Thoraco Facial.

» sterno mastoidiano — Idem.

2.º Região hyoidiana superior.

Musculo digastrico — Mastoido geniano.

» stylo-hyoidiano — Idem.

» mylo hyoidiano — Idem.

» genio hyoidiano — Idem.

3.º Região hyoidiana inferior.

Musculo omoplata hyoidiano — Scapulo hyoidiano.

» sterno hyoidiano — Idem.

» sterno thyroidiano — Idem.

» thyro hyoidiano — Idem.

4.º Região pharyngiana.

Musculo constrictor inferior

» » médio

» » superior

» stylo-pharyngiano

Comprehendidos nos stylo-pharyngianos
de cada lado.

5.º Região dorso cervical.

Musculo trapezio — Dorso super-acromiano.

» rhomboide — Dorso scapular.

» splenius — Cervico mastoidiano e dorso trachiano.

» grande complexus — Trachelo occipital.

» pequeno » — Trachelo mastoidiano.

6.º Região cervical lateral.

Musculo scaleno anterior — Costo tracheliano.

» » posterior — »

MUSCULOS DA COLUMNA VERTEBRAL.

1.º Região prevertebral.

Musculo longo do pescoço — Predorso atloidiano.

» grande psoas — Prelombo throchantiano.

» pequeno psoas — Prelombo pubiano.

2.º Região vertebral posterior.

Musculos inter-espinhosos cervicaes — Inter-cervicaes.

A sua face externa, coberta pela epiderme, em diversos lugares apresenta pregas: a sua face interna está em contacto com o *tecido celular*. Os musculos que exprimem as paixões prendem-se á pelle que cobre o rosto.

Musculos inter-espinosos dorso lombares — Idem.
» sacro-espinal, longo dorsal, sacro-lombar — Sacro-espinal.

3.º *Região vertebral lateral.*

Musculos inter-transversarios do pescoço — Inter-trachelianos.
» do dorso — Compreendidos no sacro-espinal.

MUSCULOS DO PEITO.

1.º *Região thoracica anterior.*

Musculo grande peitoral — Sterno humeral.
» pequeno peitoral — Costo coracoidiano.
» sub-clavio — Costo clavicular.

2.º *Região thoracica lateral.*

Musculo grande dentado, reunido ao angular do omoplata — Costo scapular e trachelo scapular.

3.º *Região inter-costal.*

Musculos inter-costaes externos — Idem.
» internos — Idem.
» supercostaes — Idem.
» triangular do sternum — Sterno costal.

4.º *Região diaphragmatica.*

Musculo diaphragma — Idem.

5.º *Região vertebro-costal.*

Musculo pequeno dentado, posterior e superior — Dorso costal.
» inferior — Lombo costal.

6.º *Região thoracica posterior.*

Musculo grande dorsal — Lombo humeral.

MUSCULOS DA PELVIS (OU DA BACIA).

1.º *Região anal.*

Musculos levantador do anus — Super-pubio coccygiano.
— ischio coccygiano — Idem.
— sphincter do anus — Coccygio anal.

2.º *Região genital.*

A. Do homem.

Musculo ischio cavernoso — Ischio sub-peniano.
» bulbo cavernoso — Bulbo-urethral.
» transverso do perineo — Ischio-perineal.

Tres partes differentes constituem a estrutura essencial da pelle :

1.^a O *chorion* : tecido denso analogo ao systema fibroso, penetrado de aberturas estreitas e obliquas, que dão passagem aos vasos, nervos e pellos.

B. Da mulher.

Musculo ischio cavernoso — Ischio sub-clitoriano.
» constrictor da vagina — Perineo clitoriano.

MUSCULOS DO ABDOMEN.

1.^o *Região abdominal.*

Musculo grande obliquo — Costo abdominal.
» pequeno obliquo — Ilio abdominal.
» transverso — Lombo abdominal.
» recto — Sterno pubiano.
» pyramidal — Pubio sub-umbelical.

2.^o *Região lombar.*

Musculo quadrado lombar — Ilio costal.

MUSCULOS DOS MEMBROS.

MUSCULOS DOS MEMBROS THORACICOS.

A. Musculos da espadao.

1.^o *Região escapular superior.*

Musculo super espinhoso — Pequeno super scapulo trochiteriano.
» sub-espinhoso — Grande super scapulo trochiteriano.
» pequeno redondo — Mais pequeno super scapulo throchiteriano.
» grande redondo — Scapulo humeral.

2.^o *Região escapular anterior.*

Musculo sub-scapular — Sub-scapulato trochiniano.

3.^o *Região escapular externa.*

Musculo deltoide — Sub-acromio humeral.

B. MUSCULOS DO BRAÇO,

1.^o *Região brachial anterior.*

Musculo coraco brachial — Coraco humeral.
» biceps brachial — Scapulo radial.
» brachial anterior — Humeró cubital.

2.^o *Região brachial posterior.*

Musculo triceps brachial — Scapulo humero-olecraniano.

C. MUSCULOS DO ANTE-BRAÇO.

1.^o *Região ante-brachial, anterior e superficial.*

Musculo grande pronador — Epitrochlo radial.
» grande palmar — Epitrochlo metacarpiano.

2.^a O *corpo reticular* é uma rede vascular muito delicada que se associa ás pupillas nervosas. Uma porção dos seus vasos contém estagnado um fluido sem côr nos Europeus, e mais ou menos córado nos outros povos: a outra porção contém fluidos brancos em circulação, os quaes são substituidos pelo sangue,

Musculo pequeno palmar — Epitrochlo palmar.

» cubital anterior — Epitrochlo ou Cubito carpiano.

» flexor superficial dos dedos — Epitrochlo phalangiano commum.

2.^o *Região anti-brachial anterior e profunda.*

Musculo flexor profundo dos dedos — Cubito phalangiano commum.

» grande flexor do pollegar — Radio phalangiano do pollegar.

» quadrado ponador — Cubito radial.

3.^o *Região anti-brachial posterior e superior.*

Musculo extensor commum dos dedos — Epicondylo super phalangiano commum.

» extensor do dedo minimo — Epicondylo super phalangiano do dedo minimo.

» cubital posterior — Cubito super metacarpiano.

» anconeo — Epicondylo cubital.

4.^o *Região anti-brachial posterior e profunda.*

Musculo adductor do pollegar — Cubito super metacarpiano do pollegar.

» pequeno extensor do pollegar — Idem.

» grande extensor do pollegar — Cubito super phalangiano do pollegar.

» extensor proprio do indicador — Cubito super phalangiano do index.

5.^o *Região radial.*

Musculo grande supinador — Ilumero super radial.

» pequeno supinador — Epicondylo radial.

» primeiro radial — Ilumero super metacarpiano.

» segundo radial — Epicondylo super metacarpiano.

D. MUSCULOS DA MÃO.

1.^o *Região palmar externa.*

Musculo abductor do pollegar — Carpo super phalangiano do pollegar.

» opponente » — Carpo metacarpiano do pollegar.

» pequeno flexor » — Carpo phalangiano do pollegar.

» adductor » — Metacarpo phalangiano do pollegar.

2.^o *Região palmar interna.*

Musculo palmar cutaneo — Idem.

» adductor do dedo minimo — Carpo phalangiano do dedo minimo.

» pequeno flexor » — Idem.

» opponente » — Carpo metacarpiano do dedo minimo.

quando por qualquer irritação a sensibilidade da pelle se augmenta: dahi nasce a razão por que em certas circumstancias o rosto adquire subitamente uma côr vermelha.

3.^a O *corpo papillar*: pequenas eminencias formadas da expansão das extremidades nervosas, conforme a opinião

4.^o *Região palmar média.*

Musculos lombricoides — Palmi-phalanganos.

» inter osseos — Metacarpo phalanganos lateraes palmares e super palmares.

MUSCULOS DOS MEMBROS INFERIORES.

(*Abdominaes.*)

A. MUSCULOS DAS NADEGAS E DA COXA.

1.^o *Região das nadegas.*

Musculo grande das nadegas (gluteos) — Sacro femural.

» pequeno das nadegas — Pequeno ilio-trochanteriano.

» mediano » — Grande ilio-trochanteriano.

2.^o *Região iliaca.*

Musculo iliaco — Iliaco trochanteriano.

3.^o *Região pelvitrochanteriana.*

Musculo pyramidal — Sacro trochanteriano.

» obturador interno — Sub pubio trochanteriano externo.

» » externo — Sub pubio trochanteriano interno.

» gêmeo superior — Ischio trochanteriano.

» inferior — »

» quadrado crural — Ischio sub-trochanteriano.

4.^o *Região crural anterior.*

Musculo costureiro — Ilio pretibial.

» crural anterior — Ilio rotuliano.

» triceps crural — Trifemoro rotuliano.

5.^o *Região crural posterior.*

Musculo semitendinosos — Ischio pretibial.

» semi-membranosos — Ischio popliti tibial.

» biceps crural — Ischio femorso peroneano.

6.^o *Região crural interna.*

Musculo pectineo — Super pubio femural.

» recto interno — Sub-pubio pretibial.

» grande adductor da coxa — Pubio femural.

» pequeno » — Ischio femural.

» médio » — Sub-pubio femural.

7.^o *Região crural externa.*

Musculo tensor da aponevrose crural — Ilio aponevrose femural.

commum, as quaes se perdem na pelle, é o que chamamos corpo papillar. Estas papillas percebem-se facilmente através da epiderme que as protege, nas palmas das mãos e plantas dos pés, onde formam linhas concentricas, separadas com regos superficiaes.

B. MUSCULOS DA PERNA.

1.º Região anterior da perna.

- Musculo tibial anterior — Tibio super-tarsiano.
» extensor do dedo grosso do pé (artelho) — Peroneo super phalangiano do dedo pequeno.
» extensor commum dos artelhos — Peroneo super phalangiano commum.
» peroneano anterior — Pequeno peroneo super metatarsiano.

2.º Região posterior e superficial da perna.

- Musculo triceps da perna — Bifemuro calcaneano.
» plantar delgado — Pequeno femuro calcaneano.
» popliteo — Femuro popliti tibial.

3.º Região posterior e profunda da perna.

- Musculo grande flexor dos artelhos — Tibio phalangiano commum.
» tibial posterior — Tibio sub-tarsiano.
» grande flexor do grosso artelho — Peroneo sub-phalangiano do primeiro artelho.

4.º Região do peroneo.

- Musculo longo peroneano lateral — Peroneo sub-tarsiano.
» curto peroneano lateral — Grande peroneo sub-metatarsiano.

C. MUSCULOS DO PÉ.

1.º Região dorsal do pé.

- Musculo pedioso — Calcaneo super phalangiano commum.

2.º Região plantar média.

- Musculo pequeno flexor dos artelhos — Calcaneo sub-phalangiano commum.
» accessorio do grande flexor — Porção do tibio phalangiano commum.
» lombricoides — Planti sub-phalangianos.

3.º Região plantar interna.

- Musculo adductor do grosso artelho — Calcaneo sub-phalangiano do grosso artelho.
» pequeno flexor do grosso artelho — Tarso sub-phalangiano do grosso artelho.
» abductor obliquo do grosso artelho — Metatarso sub-phalangiano do grosso artelho.
» abductor transverso do grosso artelho — Metartaso sub-phalangiano transversal do grosso artelho.

Não se devem reputar papillas as pequenas eminencias seccas que fazem a pelle de algumas pessoas aspera ao tacto; porque ellas são produzidas por tuberculos gordurosos ou vasculares que levantam a epiderme.

O aspecto dolido e luzente que a pelle mostra em alguns

4.º Região plantar externa.

Musculo abductor do pequeno artelho — Calcaneo sub-phalangiano do pequeno artelho.

» curto flexor do pequeno artelho — Tarso sub-phalangiano do pequeno artelho.

5.º Região inter-ossea.

Musculos inter-osseos dorsaes e plantares — Metatarso sub-phalangianos » lateraes, super-plantares e sub-plantares.

Em geral, dá-se o nome de *ventre* á porção média dos musculos, e as suas extremidades chamam-se *cabeça e cauda*: daqui vem os nomes de gastro-enomianos, de digastrico, de biceps, triceps, quando elles offerecem dous ventres, duas ou tres cabeças, etc.

Os musculos são formados:

1.º Essencialmente pela *fibra muscular* ou *carnuda*.

2.º Por *tecido cellular*: elle une entre si as fibras carnudas. E' pouco visivel entre as mais delicadas; porém torna-se mais visivel á medida que as fibras se reúnem em feixes mais consideraveis. Forma além disso em cada musculo um envoltorio exterior que o une ás partes vizinhas e lhe permite mover-se.

3.º Por *arterias*. Vêm dos troncos vizinhos e são em geral mui consideraveis; sua grossura e numero são sempre em relação com o volume dos musculos. A' excepção de algumas visceras, como os pulmões e os rins, ha poucos orgãos que recebam tanto sangue como os musculos.

4.º Por *veias*. Seguem ellas nos musculos a mesma marcha que as arterias que acompanham em todo o seu trajecto. Bichat pensa que, em geral, são desprovidas de valvulas.

5.º Por *vasos lymphaticos*. São pouco conhecidos, e não podem ser seguidos facilmente entre as fibras carnudas.

6.º Por *nervos*. São numerosos e de volume variavel; vêm quasi todos do cerebro; alguns porém vêm dos gangliões, e acompanham as arterias. Em geral, elles penetram o tecido carnudo ao mesmo tempo que os vasos, aos quaes são inteiramente unidos. Uma vez entrados nos musculos, os nervos se dividem e subdividem até desaparecer de todo.

Não se sabe ainda ao certo se cada fibrilla muscular recebe um filete nervoso. Os musculos são os orgãos activos do movimento (*).

(*) DA MARCHA. — A marcha é o modo da progressão ordinaria: executa-se do modo seguinte: todo o corpo tem-se sobre uma das pernas, que fica immovel, para fornecer um ponto de apoio, enquanto o pé da outra se suspende do solo, pela flexão successiva das articulações de todo o membro; a coxa se

lugares, é devido ao humor gorduroso que os *folliculos sebaceos* segregam : estes folliculos são pequenos saccos membranosos e vasculares que se acham engastados na espessura da pelle.

O Dr. Gualtier, na sua dissertação inaugural á Faculdade

dobra sobre a bacia : a perna sobre a coxa, e o pé sobre a perna : porém a flexão da coxa sobre a cabeça não pôde ter lugar sem trazer para diante o joelho, assim como todo o membro ; então os musculos que tinham concorrido para esta elevação total do membro se relaxam ; a cabeça e o corpo inteiro se inclinam para diante ; a linha vertical que passa pelo centro de gravidade do corpo deixa o membro fixado, e passa para o outro que vae servir de ponto de apoio a todo o corpo, enquanto o outro membro executará um mechanismo igual.

Os braços movem-se na marcha, mas em um sentido contrario áquelle dos membros inferiores ; elles servem como de maromas e sustentam o equilibrio afim de garantir as vacilações do corpo.

A MARCHA se faz em linha recta, mas não tardaria ella a tomar sobre o lado esquerdo por causa da força maior do lado direito, se a vista não corrigisse este desvio. A segurança da marcha está sempre em razão directa do gráo de afastamento do pé, na inversa da mobilidade do solo que sustenta e do plano.

A MARCHA, sendo um movimento natural, é de tanta importancia que, por meio della, um homem experiente pôde conhecer o caracter do individuo. Não especificamos aqui em resumo todas as idéas que possuímos sobre esta materia, porque, no decurso deste nosso trabalho, teremos occasião de fallar em separado.

DO SALTO. — O mechanismo do salto baseia-se inteiramente sobre a flexão preliminar de todas as articulações, e sobre a sua extensão subita. As partes que têm a maior influencia no salto são as pernas ; é alli, com effeito, que o peso a suspender é mais consideravel. A carreira augmenta muito a extensão do salto, pela impulsão que lhe communica. Nos quadrupedes, quanto mais compridos são os membros posteriores, maiores e mais prodigiosos são os saltos.

DA CARREIRA. — A carreira resulta da combinação da marcha e do salto. Ha mui poucos animaes tão bem construidos para a carreira como seja o homem. Os corredores respiram com uma admiravel celeridade ; deitam para trás a cabeça e as espaduas ; não apoiam mais que as extremidades dos pés sobre o solo, e movem os braços a tel-os sempre n'uma opposição constante com suas pernas.

O NADAR consiste na acção de empurrar a agua afim de sustentar o corpo e levá-lo para onde se quer. A quantidade da agua que o nadador desloca influe consideravelmente para a velocidade dos movimentos.

A estes movimentos geraes convém ajuntar os particulares da cabeça e da face, cujo conhecimento é mui importante para o pintor e para o medico. Nos lugares correspondentes de cada um delles, fallaremos com a maior clareza possível, afim de chegarmos ao termo que nos propuzemos.

DA DANSA. — E' um movimento regular do corpo, e passo medido, feitos ao som de instrumentos ou da voz. Ella vem de todos os povos, mesmo os mais selvagens, e tem diversas applicações.

Um escriptor portuguez fallando da danza diz « que deve, como a pintura e a poesia, ser uma copia da bella Natureza. Um baile é um quadro, a scena

de medicina de Pariz, reconhece no corpo reticular quatro partes, que designa na ordem da sua superposição de dentro para fóra com os nomes : 1.^a, de *botões sanguineos*; 2.^a, de *camada albida profunda*; 3.^a, de *gemulas*; 4.^a, de *camada albida superficial*. Conforme o mesmo autor, o corpo papil-

a tela, o movimento mechanico das figuras equivale ás côres, a physionomia dellas ao pincel; o todo e vivacidade das scenas, a musica e o vestuario formam o colorido, e o compositor é o pintor. Porém nesta arte se offerecem ao artista mais obstaculos para vencer do que nas outras; porque o pincel e as côres não estão na sua mão, e os quadros devem ser variados e momentaneos.

« Os bailes que até agora temos tido são em geral monotonos e languidos, faltalhes aquelle character de expressão que lhes serve de alma: nada mais raro do que encontrar genio em sua composição, elegancia em suas fórmãs, facilidade em seus grupos, exactidão, e limpeza nos meios de que as diversas figuras se servem. Deveriam os mestres de dança, se tivessem amor á perfeição e enthusiasmo pela gloria, consultar assiduamente os quadros dos grandes pintores: este exame os approximaria da Natureza. Então, melhor instruidos, fugiriam quanto lhes fosse possível daquella symetria de figuras que, fazendo repetição de objectos, offerece dois quadros semelhantes na mesma tela. Quadros symetricos de direita á esquerda só podem ter lugar nas entradas de figurantes que não têm character algum de expressão, e servem unicamente de dar aos dançarinos lugar para que tomem a respiração. Também poderia caber em um dansado geral, com que se termine uma festa em quartetos e sextetos, apezar de que é ridiculo sacrificar nestes passos a expressão, e o sentimento á flexibilidade do corpo e agilidade das pernas. Nas scenas de acção deve a symetria ceder infallivelmente á Natureza. Quem é que vio symetria em um rebanho de ovelhas que foge dos dentes mortiferos do lobo, ou em camponezes que desamparam seus casaes e campinas para forrar-se ás iras do inimigo que os persegue? A arte consiste em saber disfarçar a arte. Não presumam que intentamos prégãr a desordem e a confusão; o que nós queremos é que na mesma irregularidade se encontre a regularidade. Queremos engenhosos grupos, sentimentos fortes, porém sempre naturaes. As figuras só podem agradar sendo apresentadas com ligeireza e desenhadas com tanto gosto como elegancia.

« Uma dança bem composta é uma viva pintura das paixões, costumes, usos, ceremonias e trajes de todos os povos da terra, e por consequência deve fallar á alma pelos olhos. Dança que é fallida de expressões, de quadros vivos e de situações fortes, fica necessariamente sendo um espectáculo monotono e fastidioso.

« Como as dansas entram na ordem das representações, devem reunir as partes do drama. De ordinario não ha sentido algum nos assumptos que se tratam em dança, e são um apontado de scenas desligadas e tão confusas como desagradavelmente conduzidas. E' comtudo em geral indispensavel a observancia de algumas regras. Todo o assumpto de baile deve constar de exposição, nexo e solução.

« A variedade é o attributo essencial de uma dança; os incidentes e quadros que resultam della devem seguir-se com rapidez; se a marcha da acção não é rapida, se a attenção enfraquece, se o fogo não se communica igualmente a todas as partes, se não aquista novos grãos de calor, ao passo que se desenvolve a intriga, é certo que o plano é mal combinado e concebido; pecca contra a poetica do theatro, e não faz effeito nos espectadores. Não ha porém defeito tão capital como querer associar generos contrarios, misturar o serio com o comico, o nobre com o trivial, o galante com o grotesco. Estes quotidianos e

lar são os botões sanguíneos situados immediatamente acima do chorion.

A pelle do feto, nos primeiros tempos depois da concepção, é uma camada mucosa transparente; no segundo mez da prenhez, as fibras do chorion apparecem debuxadas; passado

grosseiros defeitos accusam o compositor de falta de juizo e de mediocridade de genio, de gosto depravado e de crassissima ignorancia. O caracter e genero de um baile não devem desfigurarem-se com episodios de caracter e genero diverso e muito menos opposto.

« Todo o baile complicado e diffuso, e cuja acção não corre limpamente e sem tropeços, e que para entender-se necessita de que se recorra a um programma; todo baile que se não compõe das tres necessarias partes, exposição, nexo e solução, nunca será (fazendo-lhe muito favor) mais do que um frivolo divertimento, melhor ou peor dansado, despido de expressão e caracter, e só proprio para entreter crianças e parvos. Confessamos que a expressão mechanica da dansa tem subido a um grande ponto de perfeição, e que algumas vezes tem graça; porém a graça não é mais do que uma parte desta arte; a brilhante facilidade e encadeamento dos passos, as difficultosas opposições das pernas e braços não são (fallando em rigor) mais do que o mecanismo da dansa; o bailarino ou bailarina mais idiota pôde adquirir esta perfeição, que só depende de mero exercicio e da maior ou menor flexibilidade muscular. Quando estas cousas não são adoptadas pelo espirito; quando o genio não dirige estes movimentos todos: quando o sentimento e a expressão lhe não dão forças para commover e interessar, fica o espectador tranquillo e desgostoso, apezar de quantos applausos der á execução.

« O bom exito deste genero de espectaculos nasce da boa escolha do assumpto e sua distribuição. Ha muitas cousas que não podem expressar-se com gestos. Tudo que se chama *dialogo tranquillo* não tem lugar na pantomima. Nunca poderá fazer effeito um baile em que o compositor não souber evitar o que fór monotono e frio. As grandes paixões não são mais proprias da tragedia do que da pantomima, e ainda esta em alguns casos lhe leva vantagem, porque a acção acompanhada da palavra não exprime mais do que ella restrictamente diz; e, quando é só, ajuda-se de quanto a imaginação dos espectaculos ajunta áquelle signal vago e indeterminado. A pantomima segue a ordem da perspectiva em que as miudezas se perdem nos longes. Os quadros da dansa requerem traços bem distinctos, caracteres vigorosos, opposições e contrastes tão artificiosos como realçados. Um mestre que é habil deve apresentar em um golpe de vista todo o effeito da machina, e nunca sacrificar o todo a uma parte; e só deslembrando-se por alguns instantes das principaes personagens é que poderá cuidar da totalidade dellas. Se acaso põe toda a attenção nos primeiros dansarinos, fica-lhe a acção suspensa, enfraquecida a marcha das scenas e a execução sem effeito. Não têm cabimento no theatro cousas inuteis, e por consequencia deve banir-se da scena tudo que a possa arrefecer, introduzindo nella sómente o numero de actores que a execução do drama restrictamente pedir. Dissemos acima que devem por alguns instantes esquecer-se as personagens principaes, e com effeito temos para nós que é menos difficultoso fazer que Hercules e Omphale, Ariadna e Baccho, Ayax e Ulysses representem partes transcendentes, do que vinte ou trinta pessoas que andam com estas personagens: ora, se ellas não dizem nada em scena, cumpre pô-las fóra, e, se dizem alguma coisa, deve sempre a sua conversação dizer respeito á dos primeiros actores. Não está logo a duvida em dar um caracter distincto ás primeiras figuras, porque estas o têm de si e são os herões da scena; a grande habilidade está em introduzir com

algun tempo mais, a pelle adquire uma côr roxa, devida ao grande numero de vasos capillares que nella se distribuem : ella está em contacto com as aguas do amnios, de cuja impressão irritante a defende a materia unctuosa de que se acha coberta.

decencia os figurantes, e, dando-lhes partes mais ou menos importantes, associa-os ás acções dos heróes.

« Segundo estas idéas, é facil de entender que a dança pantomimica deve ser toda em acção, e que os figurantes não devem occupar a scena que o actor deixou, só para entretel-a com figuras symetricas e passos cadenciados ; mas sim para a encher com uma representação viva e animada, que conserve o espectador sempre attento ao assumpto que os actores precedentes lhe expuzeram. Não se entenda porém disto, que os figurantes e as figurantas devem representar papeis tão fortes como as primeiras partes ; mas que, em razão de esfriar toda a acção de um baile que não é geral, é força que se empenhe toda a solercia e arte em elles participarem della, pois é justo que as personagens principaes conservem superioridade sobre todos os objectos que as circumdam. Está pois o artificio do compositor em reunir todas as suas idéas em um só ponto, a que vão dar todas as operações do genio e espirito. Com este talento brilharão os caracteres em toda a sua luz, sem serem ofuscados por objectos que só devem servir-lhes de sombra. Um mestre de dança deve dar a cada figura acções, character e expressão que a distingam das outras. Todas as figuras devem chegar ao mesmo fim por caminhos oppostos, e com unanime concordancia concorrer para, com a verdade de seus gestos e sua imitação, colorirem a acção que o compositor lhes desenhou. Se a monotonia se introduz n'um baile ; se não vemos nelle aquella constante variedade de expressão, fórma e character que observamos na natureza ; se os leves e imperceptíveis traços que pintam as mesmas paixões, com rasgos mais ou menos distinctos e côres mais ou menos vivas, não são applicados com arte e distribuidos com gosto, é então o quadro um mediocre transumpto de um excellente original ; e como não apresenta verdade nenhuma, não tem força nem jús de commover e excitar affectos. A mescla das côres, sua gradação e os affectos que produzem na luz merecem tambem a attenção do mestre de dança. O realce que isto dá ás figuras, a limpeza que espalha sobre as fórmas e a elegancia que disto tiram os grupos, é bem pela experiencia conhecido. Foi Mr. Noverre o primeiro que em França, nos *Ciumes do Serratho*, imitou a diminuição da luz que os pintores observam nos quadros. As côres fortes e inteiras estavam em frente e formavam as partes salientes do painel pantomimico ; seguiam-se as menos vivas, e tinha reservado para os fundos as côres brandas e vaporosas ; seguiu a mesma diminuição nas estaturas, e este feliz invento fez realçar a execução. Tudo era harmonia, tudo era tranquillidade ; nada se empecnia, nada se destruia ; esta concordancia encantava os olhos que, sem fatigar-se, as partes todas abrangiam.

« Toda a decoração, de qualquer especie que seja, é um painel preparado para receber figuras. Os actores e as actrizes, os dansarinos e as dansarinas são as personagens que devem adornal-o e embellecel-o ; mas, para que semelhante painel possa agradar e não offenda a vista, cumpre que nas differentes partes que o compõem brilhem proporções exactas. As côres dos pannos e dos vestidos devem regular-se pela decoração, que pôde comparar-se a um bello fundo ; se este não fór tranquillo e harmonioso, se tiver as côres mui vivas ou mui brilhantes desfará o encanto do quadro, privando as figuras do resalto que devem ter ; não haverá nada que destaque, resaltando uma confusa radiação ou affogamento de côres e recortes não graduados, que fature a vista e desgoste o espectador. »

Logo que o infante nasce, apparece a pelle côr de rosa. O excesso de vitalidade que ella goza nesta época a expõe a diversas e frequentes erupções.

A sua susceptibilidade na idade adulta é entretida pela attenção que temos de a defender de todas as variações da atmosphera.

Finalmente, no velho torna-se secca e amarellada, e apenas conserva uma pequena parte nos phenomenos da vida.

O SYSTEMA EPIDERMÓIDE comprehende : 1.º, a epiderme exterior ou *sobre-pelle*; 2.º, a pellicula das membranas mucosas; 3.º, as unhas.

A *epiderme* cobre o systema dermoide em toda a sua extensão, e o acompanha nas differentes desigualdades da sua superficie. Ella é uma membrana fina e transparente que se suppõe ser inorganica e formada de laminas quasi sobrepostas. A sua natureza é tão desconhecida, como o modo por que se regenera quando é destruida. Muito adherente aos corpos reticular e papillar, preserva este da irritação que o contacto immediato dos corpos estranhos lhe pôde produzir. Dá passagem pelos orificios, que a penetram, aos pellos e extremidades dos vasos exhalantes e absorventes.

A *epiderme* é muito delicada no feto; porém a das palmas das mãos e plantas dos pés, desde o momento da sua formação, é mais espessa e densa. Na velhice, cahe em fórma de escamas furfuraceas, por se achar demasiadamente secca.

As *unhas* são appendices da epiderme que as fórma dobrando-se; o derme as reveste na sua raiz e nos seus lados, depois se insinua por baixo dellas, sem se lhes apegar. Quando pela maceração ou fervura se destaca a epiderme, destacam-se com ella tambem as unhas.

O SYSTEMA PILLOSO. Toda a superficie externa da pelle é coberta de pellos, cujo nome e modo de existencia variam segundo as regiões; no rosto existem as sobrancelhas, as pestanas e a barba; no craneo os cabellos, etc.

Os *pellos* nascem de pequenos bulbos alojados no tecido cellular subcutaneo, e sahem para fóra da pelle, passando através da mesma pelas aberturas obliquas que já acima fizemos observar.

Cada *pello* compõe-se : 1.º, de um dobrado tecido vascular, do qual uma porção encobre a materia estagnada que lhe dá a côr : a outra contém em circulação succos brancos,

os quaes são substituidos pelo sangue na *plica polonica*; 2.^o, de um canal membranoso, que se estende desde o bulbo até á extremidade do pello, e contém immediatamente os pequenos vasos de que fallámos; 3.^o, de uma envoltura externa, fornecida pela epiderme.

Os cabellos no feto apparecem desde o seu principio sem a materia córante; o resto do seu corpo está coberto de uma pennugem, que desaparece depois do nascimento.

Os pellos crescem rapidamente na idade da puberdade, fazem-se cinzentos nos velhos, e perdem o seu bulbo e a substancia interior que os assemelhava ás partes organisadas; reduzidos neste estado sómente ao seu canal membranoso, não tardam a cahir, sem deixarem vestigio algum da sua existencia (1).

O SYSTEMA ARTERIAL compõe-se de vasos elasticos, que partem do coração, do qual recebe o sangue para o distribuir pelas diversas partes do corpo. Este systema de vasos contém ora sangue vermelho, que recebe immediatamente do coração para o distribuir por todo o corpo, ora sangue negro, que o distribue exclusivamente nos pulmões. As arterias compõem-se de uma tunica interna

(1) Ainda que todos os tecidos que examinámos abracem quasi a totalidade das partes que compõem a nossa organização, comtudo restam alguns que se não podem arranjar entre elles, taes são : 1.^o, a *choroide*, que assemelha algum tanto á estrutura do tecido reticular da pelle e dos pellos; 2.^o, a *pia mater*, que pôde ser incluída no systema medullar da substancia esponjosa dos ossos; 3.^o, o *crystalino* e *corpo vitreo*, que não se podem comparar com tecido algum da economia animal; 4.^o, o *tecido esponjoso* ou o *cavernoso* do mentulo, do mameão, do clitoris, do baço e da placenta, cuja natureza parece ser cellulosa e vascular, e nestes ultimos tempos foi designada por algumas pessoas como *tecido erectil*, etc.; 5.^o, os *ovarios* e as pretendidas *glandulas* de Pacchioni, ou *granulosidades cerebraes*; 7.^o, as *trompas* de Falopio, etc.

Todos os tecidos que formam o objecto da anatomia geral, por virtude da sua estrutura, são dotados de certas propriedades independentes da vida; taes são : 1.^o, a *extensibilidade do tecido*, pela qual se podem estender e augmentar de volume, quando qualquer causa mecnica obrar sobre elles; 2.^o, a *contractibilidade do tecido*, pela qual se podem apertar e contrahir, quando cessar a acção que os estender; 3.^o, a propriedade de se encresparem como as substancias corneas, quando se acham em contacto com o fogo, ar secco, acidos concentrados, etc. (Leg.)

mui fina, de outra média, elastica e mui fragil, e de outra externa cellulosa.

O SYSTEMA VENOSO parte das extremidades arteriaes e recebe o sangue para o levar ao coração. No seu interior, as veias são guarnecidas de valvulas, afim de retardar a marcha do sangue a ser levado proporcionalmente ao coração.

O SYSTEMA CAPILLAR são tenuíssimos vasos que succedem ás ultimas ramificações arteriaes, e entram na estructura dos tecidos dos órgãos. Bichat (T. 2.^o, p. 470), na sua Anatomia geral, fallando dos capillares, diz que todos os nossos órgãos contêm uma infinidade de capillares que se cruzam, reúnem, separam, communicando-se de mil modos uns com os outros; e é por isso que se póde considerar o corpo animal como um ajuntamento de vasos capillares, cuja extensão é immensa e abraça as mais pequenas divisões dos nossos órgãos, de sorte que apenas se podem conceber algumas moleculas organicas reunidas sem capillares; do que se segue que este sytema não é sómente o intermedio das arterias e veias. E' delle que nascem todos os exhalantes, os excretorios, etc. E' elle quem fornece todos os vasos que levam aos nossos órgãos a materia nutritiva: deve-se portanto representar existente, assim nas partes onde as arterias não penetram, como naquellas onde ellas se distribuem.

O SYSTEMA NERVOSO são cordões esbranquiçados, cylindricos, que se ramificam em todos os órgãos destinados a imprimir-lhes sensibilidade e movimento. Têm por origem uns o *cerebro*, o *cerebello*, a *medulla oblongada* ou *espinhal*, que mandam para os diversos órgãos sentinellas presidir á vida; e outros, situados nas grandes cavidades, nascem dos ganglios nervosos, e se distribuem nas entranhas, independentes dos outros nervos com que se anastomosam. Os nervos têm no interior pequenos canaes membranosos que contêm uma polpa medullar, cobertos de uma membrana (*nevrileme*), que conservam estes canaes reunidos aos vasos que mantêm a vida.

A' medida que partem de sua origem, os nervos, entrelaçam-se em varias partes e formam *plexus*, e em outras formam intumescencias denominadas ganglios, em grande numero, nos nervos que presidem á vida interna ou organica.

O SYSTEMA OSSEO é o mais resistente e duro do corpo do

homem. Elle é destinado á protecção de órgãos importantes, e a servirem de agentes passivos da locomoção. Reunidos por presilhas naturaes ou artificiaes, formam o esqueleto (1).

A fórma dos ossos varia segundo o seu destino, e sua estructura não é a mesma em todas as idades, porque nas crianças são elasticos, e nos velhos têm um tecido duro e compacto, com as cavidades maiores, e são menos pesados que na idade adulta (2).

Dividem-se os ossos, conforme as dimensões geometricas, em longos, largos, curtos ou mistos, como por exemplo, o *humerus* ou o ossos do braço; o *femur* ou o osso da coxa, que são ossos longos; os osso do *punho* ou do corpo são curtos; as *espadoas* e os *parietaes* são ossos largos; os ossos mistos, como os temporaes, participam de muitos generos. A substancia

(1) Os ossos que compõem o esqueleto humano são: 1 frontal, 2 Parietaes, 2 Temporaes, 1 Occipital, 1 Sphenoide, 1 Ethimoide, os 2 ungnis ou lacrimal, os 2 ossos do nariz, 1 Vomer, 2 Pomolus ou faciaes, 2 Maxillares superiores, 2 Palatinos, 1 Maxillar inferior (8 ossos do ouvido, sendo o Martello, o Estribo, a Bigorna e osso orbicular), 1 Hydoide, 24 Vertebraes, sendo 7 cervicaes, 12 dorcaes, e 5 lombares; 24 costellas, 1 Sterno, 2 Espaduas, 2 Claviculas, 2 Humerus, 2 Radius, 2 Cubitus. O carpo é composto: 1.º do Scafoide, 2 Semilunares, 3 Pyramidal, 4 Pisiforme, 5 Trapesio, 6 Trapesoide, 7 Osso grande, 8 Ganchoso. A bacia é composta dos 2 ossos iliacos, 1 sacro, e o coccyx (*), 2 ossos da coxa, 2 rotulas, 2 Tibias, 2 Peroneos. Em cada pé 1 Astragalo, 1 Calcurneo, 1 Scaphoide, 1 Cuboide, 3 Guniformes, 5 ossos do metatarso, e varios ossos chamados Sezamoides.

(2) Descobrio-se no fim do seculo 17 (anno de 1692), no Bourg de Lasse em Anjou, um terreno que continha 15 ou 16 sepulturas, que tinham 10, 12, 14 e 17 pés de comprimento, com cadaveres do mesmo tamanho.

(*) O coccyx é o rudimento no homem, da cauda dos animaes. No homem parece espantoso o apparecimento desta parte, que não é ordinario nos individuos de sua especie, e no entanto não nos devemos admirar que se tenham visto homens de cauda. Em Orléans, um homem desta especie singular, desgostoso de assim se ver classificado na classe dos quadrupedos, voluntariamente se resignou a uma operação que o levou ao tumulo. Este facto está consignado no « Mercurio » de setembro de 1718. Em Aix, na Provança, uma rapariga chamada Martine e um procurador de nome Berard estavam no caso do cidadão de Orléans; porém não se sujeitaram á operação. O Sr. Cruveillier de la Cloutat, tão conhecido por suas acções de valor contra os Turcos, é uma nova prova de tal variedade. Na parte meridional da Ilha Formosa, nas Molucas e Philipinas existem raças inteiras, segundo o Dr. Guindant, de homens com cauda; e entre os negros e negras que habitam os ardentes desertos do Borno, a maior parte é sujeita a esta singularidade.

destes corpos é *compacta, esponjosa e reticular* : a compacta é a exterior ; a esponjosa é aquella que vae formando pequenas cavidades á medida que se caminha para a extremidade ; a reticular é uma modificação da precedente, e se acha na cavidade medullar dos ossos. Nos ossos longos existe interiormente uma cavidade cylindrica que serve para conter a medulla.

A superficie dos ossos é coberta de uma membrana fibrosa, chamada *periosteo*, cheia de eminencias e cavidades destinadas para a articulação dos ossos entre si, e inserção dos musculos, reflexão de tendões, etc. As eminencias que são continuas com as substancias dos ossos chamam-se *apophysis*, e as que são sómente contiguas chamam-se *epiphisis*, que ao depois se tornam em apophyses á medida que os ossos caminham para o seu verdadeiro estado de aperfeiçoamento. O esqueleto do homem, quer natural quer artificial, se divide em 3 porções : em cabeça, tronco e extremidades.

Da cabeça.

A cabeça comprehende o craneo e a face. O craneo é uma especie de boceta ossea ovoide, formada pela reunião de 8 ossos, que serve a proteger o cerebro, o cerebello e suas membranas dos choques e impressões exteriores (1). O 1.^o osso é o frontal, que está situado na parte anterior do craneo e superior da face, onde fórma a testa e uma parte das orbitas oculares ; o 2.^o, os dous parietaes, quasi da fórma de um quadrado, situado aos lados e em cima da cabeça, e constituem a maior parte da abodada craneana ; 3.^o, o occipital, situado atrás dos parietaes, e é dos ossos do craneo o mais

(1) Assim como tem acontecido nascerem fetos sem a menor apparencia de cabeça, tem succedido viverem outros com o craneo vazio e sem visceras. O craneo offerece ainda muitas variações, e as duas observações seguintes devem ser deste numero. Mr. de N... nasceu com a parte cabelluda, ou antes, com toda a parte posterior da cabeça sulcada de cima a baixo. Cada vinco representava exactamente uma talhada de melão.

O cardeal de *Richelieu* tinha duplos os ventriculos do cerebro. Cada um delles tinha por cima um outro, formando assim duas ordens, tanto para diante como para trás.

espesso e recebe a parte posterior do cerebro, e principalmente o cerebello, de que as mais ligeiras lesões são promptamente seguidas da morte. Articula-se este osso com a columna vertebral por meio da vertebra denominada *Atlas*. Os temporaes são 2 ossos situados sobre as partes lateraes e inferiores do craneo, onde formam as fontes ou temporas, e se dividem em 3 porções, uma *escamosa*, outra *mastoidea*, e a terceira conhecida pelo nome de *rochedo*, atravessada por canaes e cavidades que contêm os instrumentos da audição, e mais de cada lado o martello (ossos do ouvido), a bigorna, o estribo, o lenticular, e é obliterada pela membrana do timpano. O *sphenoide*, situado na base do craneo, está formando realmente a chave, e a sua figura, como o nome exprime (cunha), se tem comparado a um morcego de azas abertas. Este osso, por sua fórma e situação, articula-se com todos os ossos do craneo e com a maior parte dos da face.

O Ethimoide (osso crivoso), é um osso que, entre as suas duas massas lateraes, apresenta uma lamina horizontal crivada de uma porção de buraquinhos, que servem a dar passagem aos filetes nervosos dos dous nervos olfactivos.

Considerações physiologicas e physionomicas do craneo do homem.

Lavater, apreciando em muito a construcção do craneo, e acompanhando o seu desenvolvimento desde os nucleos osseos, affirma que os contornos destes orgãos e a configuração do craneo podem fornecer conhecimentos mais ou menos approfondados das propensões do individuo, a energia ou fraqueza do character daquelle a quem pertencia; porém as outras fórmas do craneo, suas proporções e sua rigidez, ou sua molleza é que melhor e approximadamente póde indicar a fraqueza ou a força individual. Assim, quando se encontram em qualquer craneo traços de grande solidez, ninguem está autorizado a concluir que o homem a quem elle pertencia era um ladrão ou um santo; porém, nada se arriscará em affirmar que alli se descobre uma abundancia de força impulsiva, seja ella applicada a esta ou áquelle propensão.

Lavater affirma que, pela inspecção dos ossos de certos cra-

neos, se poderá dizer que o tecido, a fórma, a molleza de suas partes, indicam evidentemente uma pessoa fraca, dotada da faculdade de conceber idéas, e privada de toda a força impulsiva ou virtude creadora; que em tal conjectura os individuos que têm o craneo assim construido, obram fracamente e são por natureza incapazes de resistir ás fortes tentações e de emprehender grandes cousas. Assim, é claro que o individuo que tiver um pouco de penetração póde em presença de varios craneos conhecer, sem muita difficuldade, o talento ou a força, as propensões e os habitos do sujeito a quem pertenceu.

Sentimentos de Herder.

Que mão poderá pegar nessa substancia encerrada na cabeça e no craneo do homem? Um órgão de carne e sangue poder penetrar nesse abysmo de faculdades e forças internas, que ou fermentam ou repousam? A mesma Divindade teve cuidado de cobrir esse cume sagrado, morada e laboratorio das mais secretas operações, com uma floresta, emblema dos bosques sagrados, onde eram d'antes os mysterios celebrados. Fica-se possuido de um terror religioso, com a idéa desse monte sombreado que encerra raios, com que um sol escapado do cháos póde esclarecer e embellezar, ou devastar e destruir o mundo. O pescoço, onde a cabeça se apoia, mostra não só o que está no interior do homem, como tambem o que elle quer exprimir. Designa a firmeza ou liberdade, a molleza e a doce flexibilidade. Ora, sua attitude nobre e desembaraçada annuncia a dignidade da condição : ou, curvando-se, exprime a resignação do martyr, ou, firme como uma columna, modela a força de Alcide. Finalmente, suas deformidades, seu enterramento nas espaduas, são ainda signaes caracteristicos e cheios de verdades.

Lavater e Gall comparados em seus systemas por seus commentadores.

Os commentadores de Lavater, querendo dar ao seu trabalho mais lucidez e valor, julgaram confrontal-o com o do

Dr. Gall, feito sobre o estudo do craneo; e dizem, fallando do systema de Gall :

« O novo genero de indagações não interessou só aos sabios ou a alguns homens de letras; passou do retiro philosophico e da academia para os salões, e até, entre os homens mais frivolos, tem sido o assumpto de todas as conversações e objecto de uma activa curiosidade. » Lavater e Gall differem pelo fim, pela intenção e meios de observações, sob muitas semelhanças, porque ambos buscaram conhecer o interior pelo exterior, o homem moral pelo homem physico; e quizeram perceber os segredos do coração e as direcções do espirito na linguagem escripta pela natureza, nas partes mais solidas da organização. Os outros homens, não impressionam sem a physionomia em movimentos, a sensação presente e os caracteres das paixões. Em suas indagações Lavater e Gall occupam-se da physionomia em repouso, e mesmo de uma especie de *physionomia passiva*; tractam um e outro desta parte do corpo humano, ou de sua copia fiel em relevo, como um monumento que nada exprime ao observador vulgar, cujas diversidades, entre certo numero de individuos diferentes, são percebidas e interpretadas pelo physionomista, e podem fazer-lhe as mais importantes revelações : e bem assim, os diferentes grãos de curvatura de uma testa, uma ligeira differença na fórma da cabeça, forneceram muitas vezes a Lavater as mais importantes indagações. Gall mostrou igualmente a maior sagacidade em observações semelhantes. Lavater fez entrar em seus estudos da physionomia todas as partes do semblante, e mesmo todas as do corpo; as attitudes, os gestos, o som da voz e até o character da escripta; enfim, tudo que no exterior do homem póde ter uma significação e uma linguagem lhe não escapou.

O Dr. Gall limitou suas observações ás diversidades do craneo, e restringio o theatro das observações, com o desigño de penetrar mais que todos os physionomistas que o precederam. Lavater muitas vezes julga ao primeiro olhar; e, em todas as cousas, interrogava com a vista. Gall faz suas observações ajudado pelo tacto, os signaes dos quaes suas observações lhe iam ensinando; indicava o valor nas diversas regiões do craneo. Quanto ao fim, Lavater refere-se á physionomia, e não mistura ás suas indagações dado algum de anatomia e de physiologia. Dirá por exemplo : « Esta con-

vexidade das fontes, este arco superciliar, esta fórma do craneo, indicam ordinariamente uma disposição notavel do coração ou do espirito ». Porém não cuida, como physiologista ou anatomico temerario, em achar a causa material e organica dessa disposição; limita-se a conhecer o signal e os effeitos. Gall, ao contrario, quer conhecer as causas, e, depois de ter passado uma parte de sua vida no estudo anatomico do cerebro, persuadio-se ter encontrado em sua organização os segredos da alma; e no exterior do craneo, as revelações desses segredos e os signaes das disposições interiores, donde resultam as grandes variedades do coração e do espirito entre os homens.

Da face.

A face compõe-se de 2 partes: uma quasi immovel e superior, e outra movel, denominada queixo ou maxillar inferior. A primeira porção da face comprehende os maxillares superiores, os ossos do nariz, os mallares ou pomolos ou ossos da face. Os lacrimaes ou ungueis (pela semelhança que tem com a unha), estão situados na fossa orbitaria, junto á base do nariz: os palatinos ou ossos da abobada palatina; as cornetas ethimoidaes inferiores, situadas nas cavidades nasaes; e o vomer, osso comparado com a relha do arado, de que tem recebido o nome latino, o qual unido a uma lamina cartilaginosa, divide em duas a cavidade nasal, e fórma as ventas.

O maxillar inferior primitivamente é composto de dous ossos, que se reúnem depois e formam um só, de figura parabolica, ou por outra, semelhante a uma ferradura de cavallo aberta.

Os dous maxillares são guarnecidos de fortissimos ossos duros (cobertos em grande parte de uma substancia esmaltoforme), em numero de 32, sendo 16 para cada maxilla, os quaes estão encravados em buracos apropriados, a que se chamam alveolos. Estes ossos são por todos conhecidos sob o nome de dentes, e se têm dividido em 3 classes: 1.^a, INCISIVOS (cortantes): seu numero é de 8, sendo 4 em cima e 4 em baixo, situados na parte anterior da face; 2.^a, CANINOS ou laniars, em numero de 4, sendo 2 para cada maxilla, os

de cima, são voltados para baixo, e os de baixo para cima; 3.^a, OS MOLARES, em numero de 20, sendo 5 para cada lado dos queixos. Estes dentes receberam o nome do seu uso, por se assemelharem ás mós, e se dividem em pequenos e grossos molares. Os dentes vulgarmente chamados do *siso*, são os ultimos grossos molares, que apparecem mui tarde.

Considerações physiologicas dos dentes.

Os dentes servem para a mastigação e para a boa pronuncia das palavras, e tambem impedem que a saliva corra para fóra da bocca : são os dentes um dos principaes ornamentos do rosto.

Na época do nascimento, os dentes não são apparentes: ficam occultos por algum tempo na espessura dos alveolos, afim de evitar as dores á mãe, no acto da mamentação. Singular providencia ! Nem isto esqueceo á Suprema Sabedoria ! Os primeiros dentes ordinariamente apparecem ao 6.^o mez depois de nascida a criança ; aos 4 annos, vêm os 2 molares, em cada maxillar ; na idade de 7 annos, pouco mais ou menos, os 20 dentes, que existiam antes dos 4 annos, cahem. Dos 8 aos 10 annos, observa-se em cada queixo, romper um dente MOLAR. O dente da SABEDORIA ou do siso apparece muitas vezes ao 18, aos 30, e aos 33 annos, e então é que se completam em numero os dentes que se encontram na bocca do homem.

O osso *Hyhoideo* (assim chamado por se assemelhar ao Y grego), é um pequeno circulo osseo situado entre a base da lingua e o larynge. Não se articula com osso algum, e como que suspenso, se une ás partes vizinhas por musculos e ligamentos ; elle serve de ponto de apoio aos musculos da lingua.

Physionomia dos dentes.

Nada mais positivo, diz Lavater, mais saliente, do que a significação caracteristica dos dentes, não sómente considerados quanto á sua fórma, como tambem pela maneira por que se apresentam. Temos feito algumas observações, e em re-

sultado são que os dentes pequenos e curtos, tidos pelos antigos physionomistas como signal de constituição fraca, no adulto, são attributo de extraordinaria força corporea. Tenho-os tambem encontrado em pessoas de grande penetração; porém tanto em uns, como em outros, não eram nem bem brancos, nem formosos. *Dentes grandes*, são indicio certo de fraqueza e de timidez. Os *dentes brancos, adequados e bem arranjados*, que quando se abre a bocca parecem avançar, sem a exceder, e que não se mostram sempre de todo descobertos, annunciam decididamente no homem feito, espirito brando, polido, e coração bom e honesto. Isto não quer dizer que se não possa ter character mui estimavel com dentes estragados, feios ou desiguaes; porém este desarranjo physico, provém á maior parte das vezes de doenças, ou de alguma mistura de imperfeição moral. Aquelle que não tem cuidado em seus dentes, e que não trata ao menos de limpá-los, annuncia já por este deleixo, sentimentos ignobeis.

A *fórma dos dentes*, sua *posição e propriedade* (comtanto que esta ultima dependa de nós), indicam nossos gostos e nossas inclinações. Quando as gengivas da fileira superior apparecem, assim que se abre a bocca, ordinariamente é annuncio de frieza e fleugma.

Os dentes por si sós, bem estudados, podem guiar-nos no conhecimento das inclinações dos individuos.

E' tão saliente esta parte da bocca, que não escapou á agudeza do poeta (Marcial) quando epygrammando disse:

Tinhas, Elysia, se bem me lembro agora,
Por todos, quatro dentes. Escarraste
D'uma vez, c'o tossir, dous juntos fóra;
D'outro tossir os outros dous lançaste
Tosse sem susto, que ainda que arrebetes,
Já não has de escarrar mais outros dentes.

(Trad. por F. Elysio.)

Dos caracteres do genero humano,
tirados da fórma do semblante
e extrahido das observações de Lavater.

Em physiologia, as palavras *rosto e physionomia* não devem ser tomadas como synonymos. Rosto, é a grande divisão

da cabeça que está abaixo e adiante do craneo do homem, e que comprehende os sentidos da vista, do ouvido, do paladar e do olfato, uma parte do orgão da mastigação, e aquelles que servem para a expressão da physionomia. O espaço que comprehende os cabellos da barba, tanto superior como inferior, e o angulo posterior do maxillar inferior, marcam os limites do rosto, cuja figura approxima-se da elegante fórma de um oval, insensivelmente comprimido e estreado em sua extremidade inferior.

Physionomia, em linguagem physionomica, é só o rosto, considerado relativamente ao exercicio da vista (1).

(1) A palavra Physionomia vem do latim barbaro *visagium*, que significa o que exerce a vista.

O Sr. padre Roquette fazendo a distincção do valor das palavras *cara*, *fronte*, *rosto*, *semblante*, *face*, *vulto*, diz :

« *Cara* é palavra grega *kara* ou *karé*, e significava cabeça, cume ou cimo; mas entre nós só significa a parte anterior da cabeça do homem e de alguns animaes brutos. E' expressão vulgar, e ás vezes incivil e grosseira. Não é admittida em estylo elevado, e em lugar della usam os poetas a palavra *fronte* ou *fronte* (que ambas vêm de *frons*). José Agostinho de Macedo diz na *Meditação* :

« Mas que pasmosa architectura é esta
« Deste corpo que eu palpo, eu sinto? A *fronte*,
« Qual soberana lhe preside e manda! »

« E Camões :

« Que não no largo mar, com leda *fronte*,
« Mas no lago entraremos de Acheronte.
« Estando c'um penedo *fronte* à *fronte*,
« Que eu pelo *rosto* angelico apertava,
« Não fiquei homem não, mas mudo e quedo
« E junto d'um penedo outro penedo. »

(*Lus.*, I. 51, V. 56.)

« Chamavam os latinos *rostrum* ao bico das aves, ao esporão da prôa das embarcações e ao que com elle se parecia; os nossos antigos chamavam e ainda hoje os Castelhanos chamam *rostro* a *cara* dos racionaes, por ser a parte saliente do corpo, sobretudo visto de perfil, em que o nariz fórma uma especie de bico. Por suavidade de pronuncia se diz *rosto*. E' expressão mais elevada que *cara*. pois só se diz dos racionaes e é poetica, como se vê da precedente citação de Camões e da seguinte :

« E com o seu apertando o *rosto* amado,
« Que os soluços e lagrimas augmenta. »

(*Lus.*, II, 41.)

« *Semblante* (talvez do francez *semblant*) é o *rosto* considerado como

A parte do rosto aonde mais apparece a physionomia é desde o labio superior, até a parte mais alta da testa. Os animaes têm pouca physionomia, ou rigorosamente fallando, a têm, e o que se vê do seu parecer, não tem relação alguma com a vida intellectual e moral. No homem, o rosto comparado ao craneo, parece pequeno, entretanto nelle ha muito mais expressão; differença extremamente notavel, e que depende da extensão que occupam no rosto humano, as regiões assignaladas para a expressão das vias moral e intellectual. A physionomia não é tanto como se diz o espelho da alma, um meio passivo de expressão, quanto um dos órgãos mais eloquentes e mais activos da linguagem do coração e do espirito, uma das superficies da organização, que mais relação tem com as affecções da alma, e onde as doenças, as paixões, os vicios, e as virtudes, operam as mais notaveis mudanças.

O coração, o pulmão, o cerebro, são tidos sem duvida, como órgãos essenciaes á vida interior: a physionomia e o órgão essencial da vida, quando ella se espalha exteriormente e que apparece em todo o seu desenvolvimento e brilho na expressão variada das paixões. A' vista desta reflexão, é evidente que na fórma da physionomia e da cabeça, em geral, é que

expressão dos affectos ou paixões, e muitas vezes equivale á representação exterior que no *rosto* se mostra do que n'alma se passa.

« Da palavra latina *facies* vem a nossa *face*, que significando rigorosamente a maçã do *rosto* ou a parte da *cara*, desde os olhos até á barba, significa por extensão toda ella; usa-se muito a proposito quando a consideramos voltada para nós.

« A' palavra latina *vultus* muitas vezes corresponde a nossa *semblante*, como se vê deste lugar de Cicero: « *Vultus animi sensus plerumque indicant* (de Orat. 2,35). O *semblante* muitas vezes indica os sentimentos da alma. » Porém o mais ordinario é significar o relevo do corpo humano, e como no *rosto* é onde mais avultam as feições humanas, como se infere daquelle lugar de Camões:

« Quem (1) d'uma peregrina formosura,

« D'um *vulto* de Medusa propriamente,

« Que o coração converte que tem preso,

« Em pedra não, mas em desejo acceso? »

(Lus., III, 142.)

(1) Subentende-se: pôde livrar-se.

principalmente se deve procurar os caracteres essenciaes do homem, e a prova mais decisiva que o genero humano é um genero separado de todos os generos de animaes por um vasto intervallo, sendo uma familia isolada, e que deve ter na historia o seu retrato á parte no quadro da natureza. Basta sem duvida olhar para a physionomia de um homem, com attenção, para ver-se e reconhecer-se, ainda mesmo entre os mais hediondos selvagens, o sello da humanidade, e as differenças essenciaes e characteristics que collocam o homem na grande distancia que o separa dos irracionaes que revelam, que proclamam de algum modo sua superioridade de organização, sua nobreza e sua classe, e o gráo de perfeição e de excellencia de sua natureza.

No entanto os moralistas, e mesmo os naturalistas, não apreciam muito a physionomia, e dão muita importancia ás relações interiores e exteriores do homem, ou cedendo a um habito de classificações e congressamento, trazido de muito longe, recusam admittir, relativamente ao material da organização, as differenças essenciaes entre o homem e os animaes. Desta arte, Moscati e Monbaldo viram apenas no interior da organização humana caracteres capazes de distingui-la dos macacos.

Linêo collocou o homem (*Systema naturæ*) na familia dos primatos, confundindo-os com os macacos e os morcegos; reunião ridicula, e pelo que a respeito destes ultimos Daubeton, na *Encyclopedia Methodica*, altamente se conspira. O proprio Buffon, que ás vezes profundamente penetra os umbraes da natureza animal, faz tambem ás vezes comparações approximadas, que com prudencia verificadas não exprimem os caracteres com a natureza dos individuos que este famoso naturalista quiz confrontar. A cabeça do homem, não sendo pendente como a dos quadrupedes, e nem pegada ao corpo pela extremidade superior, porém sustentada e apoiada ao pescoço, como sobre uma columna, o rosto está completamente voltado para o horizonte, e lhe é permitido ver em cheio e á primeira vista tudo o que o exterior do homem apresenta de mais caracteristico e nobre. Os olhos estão collocados o mais vantajosamente possivel, e a situação dos outros sentidos igualmente concorre para augmentar seu poder, estender sua esphera de acção, e multiplicar as percepções com que cada um delles enriquece constan-

temente o imperio do pensamento. Accrescentamos que no rosto do homem os sentidos, tão favoravelmente dispostos para o exercicio das suas funcções, relativamente aos objectos exteriores, são mais chegados uns aos outros que nos animaes, vantagem mui grande para a intelligencia, e que o naturalista deve fazer sobresahir com cuidado no quadro dos caracteres do genero humano.

A physionomia, tão vantajosamente conformada á contribuir para a superioridade do pensamento no homem, é principalmente notavel pelas vantagens que sua fórma e sua estructura lhe dão para servir á expressão da affecção da alma; vantagem que não partilham com elle os animaes, ainda mesmo aquelles cuja conformação geral mais se approxima do modo da organização humana. O que mais caracteriza o rosto do homem são as favoraveis disposições e a risueza variada dos meios de expressão que indicam o pensamento, e a variedade das paixões que podem agitar nossa alma. Estas disposições são mui difficeis de estabelecer, por comprehender o rosto duas ordens de musculos diferentes, para seus usos; a saber: os musculos que contribuem á vida animal, movendo com força o maxillar inferior; os musculos que concorrem para a vida intellectual e moral, pelo jogo e movimentos da physionomia.

Musculos do craneo que servem para exprimir as paixões e os sentimentos.

Os musculos da cabeça e da face são: 1.^o, o *occipito frontal*, situado na parte posterior da cabeça, destinado á mover-lhe a pelle e levantar as partes superiores da face e da nuca; 2.^o, o *auricular superior*, situado sobre as temporas e acima da orelha, destinado á suspender a orelha, e esticar a aponevrose craneana; 3.^o, o musculo *auricular posterior*, situado por detrás da orelha, e tem por uso puxar esta parte, para trás e dilatar-lhe a concha; 4.^o, o *auricular anterior*, situado adiante da orelha, e serve para levanta-la e traze-la para diante; 5.^o, os *grandes e pequenos rectos anteriores da cabeça*, collocados na parte anterior, lateral e profunda do pescoço, e destinados á flexão da cabeça com a columna

vertebral, e inclinar aquella para diante e um pouco para o lado; 6.º, os *grandes e pequenos rectos posteriores da cabeça*, collocados atrás da articulação da cabeça com a columna vertebral, e servem para sustenta-la e move-la, rodando-a de seu lado; 7.º, os *pequenos obliquos*, situados na parte postero superior e lateral do pescoço, tendo por uso estender a cabeça e inclina-la de um lado; 8.º, o *grande obliquo da cabeça*, collocado na parte postero superior e lateral do pescoço: este musculo imprime ao *atlas* um movimento de rotação á fazer voltar a face do individuo para o seu lado; 9.º, os *rectos lateraes da cabeça*, situados na parte postero lateral do pescoço, e servem para inclinar a cabeça para seu lado e para diante.

Musculos da face que exprimem as paixões.

1.º O musculo *frontal*, situado na parte anterior e superior da face. O insigne Bichat affirma que este musculo na sua contracção isolada, puxa para diante uma parte dos tegumentos do craneo, bem como levanta os que cobre o supercilio; enruga transversalmente a fronte. Elle, por sua acção, serve para exprimir as paixões alegres e angustiosas; tambem exprime os sentimentos tempestuosos do coração. 2.º O *orbicular das palpebras*, situado na parte superior da face, na espessura das palpebras; serve para approximar as 2 palpebras e para exprimir os sentimentos de admiração e de ternura. 3.º O *superciliar*, acha-se collocado na parte superior da face e na espessura do supercilio, e serve para approximar o supercilio e exprimir os sentimentos peniveis. 4.º O *levantador da palpebra superior*, situado na parte anterior e superior da orbita; destinado para levantar a palpebra superior e puxa-la para cima. 5.º O *pyramidal do nariz*, posto na parte superior e anterior de nariz, serve para a expressão da dôr e do constrangimento, encolhendo a pelle do nariz. 6.º O *triangular do nariz*, situado ao lado do nariz, serve para estreitar as aberturas do nariz. 7.º O *levantador commum da ala do nariz e do labio superior*, situado ao lado do nariz, um pouco comprido, partindo de cima da apophyse montante do osso maxillar superior, e vindo terminar-se na ala do nariz e no labio superior: este musculo serve para

exprimir o desdem, o aborrecimento e a alegria, puxando um pouco para fóra a ala do nariz e o beijo superior. 8.º O *abaixador da ala do nariz*, situado abaixo desta parte, e por detrás do labio superior; elle serve para abaixar a ala do nariz, levando-a para dentro, e tambem o labio superior. Este musculo tem emprego nas momices e na melancolia. 9.º O *levantador proprio do labio superior*, situado na parte média e interna da face, desde a base da orbita até ao labio superior: elle serve para a expressão da dôr e do pranto, e para o riso, levantando o labio superior. 10.º O *canino*, permanente na parte média da face e na excavação ou fossa do mesmo nome. Segundo todos os anatomicos elle serve para suspender a commissura dos labios, e Bichat affirma servir elle para a expressão do riso sardonico. 11.º O *grande Zigomatico*, collocado na parte lateral e média da face, estendendo-se do osso molar á commissura dos labios; serve para suspender a commissura dos labios, para trás e para fóra. Este musculo é importante no riso. 12.º O *pequeno Zigomatico*, situado na mesma parte e com o mesmo fim. Parece que o Creador o pôz como auxiliar do seu homonymo, e para o que ás vezes falta. 13.º O *triangular dos labios*, á quem o professor Chaussier chamava maxillo labial, e Soemmering de pressor anguli oris; situado na parte inferior e lateral da face, entre a commissura dos labios e a base do maxillar inferior: seu uso é abaixar a commissura dos beiços e servir para a expressão da duvida, para o choro e para o riso. 14.º O *quadrado do labio inferior*, tambem chamado *mento labial* por Chaussier, acha-se na parte inferior da face, desde o labio inferior, até á base do maxillar inferior; seu uso é abaixar o labio inferior, e serve para exprimir as momices e a dôr. 15.º O *levantador do mento*, situado na parte inferior da face, sua longura é mui insignificante, porque parte do osso maxillar á pelle do mento; serve para suspender o mento. Bichat (fallando da acção deste musculo) diz que no movel quadro da physionomia, o labio inferior representa o principal lugar na expressão das paixões deprimentes. 16.º O *bucinator*, collocado na espessura das bochechas, comprehendendo os bordos alveolares e vindo até ás commissuras dos labios; seu uso é levar para fóra e para trás a commissura dos labios, serve para a mastigação e exprimir o sentimento de desesperação. 17.º O *orbicular dos labios*, que fórma (pro-

priamente fallando) os labios, serve para fechar a abertura da bocca, para a apprehensão dos alimentos e a articulação da voz e do som.

Além destes, ha os pterygoidanos externo e interno; o *masseter* e temporal, cujos usos são exclusivamente ás funções da mastigação.

Por economia admiravel da natureza (diz *Lavater*), os musculos no rosto humano são pouco apparentes e acham-se profundamente situados e reclusos nos lados, e só tomam parte na expressão geral da physionomia quando o homem por um genero de vida contraria á sua natureza encarregalhes o desenvolvimento. O rosto do homem, aliás muito mais desenvolvido que o dos animaes, offerece em sua extensão transversal espaço conveniente á expressão dos sentimentos interiores, onde (conforme a expressão de Shakespeare) as paixões se pintam á vontade em todas as suas gradações e combinações.

Na estreita e comprida cara dos animaes não se pódem mostrar as paixões; ellas se manifestam fracamente e com traços mal desenhados; e no entanto que o homem acha meios de patentear todos os sentimentos, todas as suas mais occultas agitações, em alguns pontos da sua superficie exterior, emquanto que nos mais animaes, para se poder manifestar, é mister fazer fallar todas as partes do seu corpo. E' sobretudo admiravel a estructura da physionomia que explica como póde esta parte ser tão expressiva; tudo parece disposto para favorecer as relações do moral e do physico do homem que se manifestam pela physionomia. Uma *pelle* transparente e branda, o exterior e o elemento superficial da organização do rosto; os vasos e os musculos collocados por baixo deste involucro, variando á cada instante de aspecto, os movimentos e as tintas sob a influencia da acção nervosa que em grande numero de nervos faz circular de todos os lados com tanta rapidez e abundancia.

Todos esses elementos organizados, todas essas partes que se agitam, obram em cada região da physionomia separadamente, fallam na sua linguagem, tomam um character em cada acção e formam um traço particular no quadro das paixões. Nos outros animaes isto não se encontra, e se alguma coisa ha, é tão grosseiro, que não equivale comparar-se á physionomia do homem. E' á finura e transparencia da pelle que

a figura do homem é devedora dos attractivos que possui e deste aspecto tão amavel e animado, dessas ondulações e desses movimentos que dão á vista encantada o espectáculo indefinido e variado do sentimento e da vida.

Da pelle sob as relações anatomicas,
physiologicas e moraes.

As brandas faces... portentoso quadro.
Que intimida donzella a natureza
De leite e rosas fez nos mostra o pejo
Na purpura que mais se accende e aviva;
Imagem da innocencia e da virtude,
Que na terra ficou depois do crime.

MACEDO (*Medit.*)

A PELLE (1), conforme *Bichat, Cloquet, Bourger, Cruveillier*, e outros, comprehende todo o *systema dermoide*, e participa da vida animal pelas numerosas sensações que transmite á intelligencia e á vida organica, pelo amplo envoltorio que offerecem as materias heterogeneas da economia e entrada que dá á diversas substancias exteriores por meio dos vasos lymphaticos, cujos orificios inhalantes ella contém. A face externa da pelle é coberta pela epiderme, e apresenta em diversos lugares pregas mais ou menos salientes: a sua face interna está em contacto com o tecido cel-

(1) Quem se quizer instruir profundamente nos conhecimentos geraes de anatomia, póde consultar o que sobre esta materia escreveu o nosso antigo amigo e mestre, o illustre Dr. Jonatha Abbott, professor de anatomia geral e descriptiva na Faculdade da Bahia. Este famoso professor, sem duvida nenhuma o mais distincto anatomico brasileiro, á sua custa preparou um gabinete anatomico, rico de todas as peças de que se compõe o corpo do homem, onde se póde estudar a organização sem a menor repugnancia. Sendo esse importante recurso de instrucção medica, unicamente feito pelo nosso erudito mestre e antigo amigo, sem que o Estado gastasse um real sequer, em um escripto nosso que naquella cidade publicámos acerca do gabinete anatomico, o denominámos, em honra ao illustre medico, *O Gabinete Abbott*.

A Faculdade medica da Bahia faz honra ao paiz, e nós nos desvanecemos em lhe pertencer.

lular. Os musculos que exprimem as paixões prendem-se á pelle que cobre o rosto.

A pelle é composta de 3 camadas, como já fizemos ver, mui differentes. 1.^a, o *chorion*, formado de um tecido denso semelhante ao systema fibroso, penetrado de pequenos orificios obliquos que servem á dar passagem aos vasos, nervos e pellos. 2.^o O *corpo reticular*, isto é, a rede vascular mui delicada que se associa ás papillas nervosas. Uma porção dos seus vasos contém estagnado um fluido sem côr nos Europeus e seus descendentes, e mais ou menos corado nos outros povos; a outra porção contém fluidos brancos em circulação, os quaes são substituidos pelo sangue, quando por qualquer irritação a sensibilidade da pelle se augmenta; d'ahi provém, que em certas circumstancias o rosto adquire subitamente uma côr vermelha (vêde *Meller e Magendy, Phys.*) 3.^o O *corpo papillar*, composto de pequenas elevações formadas pela expansão das extremidades nervosas, as quaes se perdem na pelle e então recebem o nome do corpo papillar.

O estado sadio da pelle, a sua maciez, a sua côr ou suas alterações, são quem dispertam nos sentidos ás diversas sensações que nos levam ao amor ou ao aborrecimento. Nas primeiras idades, a pelle destendida pela gordura e pela actividade organica dá o mais bello aspecto possivel á provocarnos paixões mais ou menos vehementes. Ella annuncia por si muitas vezes, por sua pallidez o estado da alma, ou pela côr subita o gráo de pejo que lhe provocou a presença de um objecto, ou a impressão de uma palavra. A pelle do rosto é um verdadeiro panorama, onde a cada instante se estão representando os diversos paineis da alma. As paixões deprimentes ou expansivas são manifestamente representadas alli em toda a sua magestade. A fraqueza e a força, a alegria e a dôr, a completa satisfação e os demais sentimentos são estampados na pelle do rosto. Passando ao resto do corpo, a pelle, em vez de reprimir as paixões as provoca, dando-lhes um gráo maior ou menor de permanencia á satisfação ou ao indifferentismo. A pelle, no nosso modo de pensar, é a séde da formosura, porque é sempre pela sua conformação e harmonia dos contornos que preferimos os individuos (1).

(1) D. Fr. Francisco de S. Luiz e o Sr. padre J. J. Roquete,

Polyphemo, levado pelos attractivos da formosa Galatéa, exprobrado por outro pastor e horrorizado do crime que premeditava, exprime-se assim :

Eu matar Galatéa ! oh que vileza !
Naquelle rara imagem da belleza
Descarregar o golpe penetrante !
E haviam ver meus olhos nesse instante
Aquelle branco peito traspassado !
O rosto, bem qual sol quando eclipsado
E os olhos, que daquelle sol são raios,
Perdendo a luz na sombra dos desmaiios !
Aquellas lindas faces tão coradas
Eu poderia vel-as desmaiadas !
A bocca robicunda e graciosa,
Bem qual entre jasmíns a linda rosa,
Eu teria valor, teria vida
Para vel-a sem graça amortecida !

discriminando o valor moral e philosophico da palavra formosura, dizem :

« Consiste a *belleza* e a *formosura* na boa proporção e harmonia das partes que compõem um todo : porém a palavra *formosura*, limita-se a representar aquella idéa com relação ao agradável ; a palavra *belleza* representa a idéa da perfeição possível.

« Neste sentido se admira a *belleza* do Laocoonte de Belvedere, do Hercules Farnesio, dos quaes não pôde, com igual propriedade, dizer-se que são *formosos* ; porém a Venus de Medicis e o Apólo Pythio tão *bellissimos* para os intelligentes e *formosos* para todos. São os olhos os juizes da *formosura*, e por isso acontece muitas vezes que o gosto viciado por capricho ou costume, põe a *formosura* no que está mais distante da *belleza*. Se a Venus de Médicis, em cujo corpo se não encontra defeito, se pudesse vestir á franceza, que zombaria não faria a maior parte de nossas damas de quem louvasse a *belleza* de seu talhe ?

A *formosura* só se applica ao physico, ao que obra sobre os sentidos ; a *belleza* applica-se tambem ao moral, ao que obra directamente sobre o animo. Assim não chamamos *formoso* a um poema, á expressão de um sentimento, á ternura de um affecto em que cabe muitissima *belleza*.

« Não damos por segura a opinião que vamos expôr, mas parece-nos que sendo a *formosura* o imperio da fórma sobre a materia, e nascendo para persuadir, reinar e avassallar corações, como disse um philosopho, deve especialmente applicar-se ás donas, e a *belleza* aos varões. Nem deixará de apoiar-se esta nossa opinião em mui boas autoridades. O padre Bernardes, fallando do menino Moysés, diz : « Livrou na sua *belleza* a sua vida (Flor. V. 117). » Vieira, fallando de Absalão,

E haviam escutar-lhe os meus ouvidos
O pranto, os ais e os ultimos gemidos :
Já com tremula voz e a cada instante
Vê-la convulsa, afflicta e delirante,
Sem alento, sem côr desfalecida,
Dando um suspiro e acabando a vida !
Oh Céos ! que horror concebo em ponderal-o
Eu tremo, gelo-me e de dôr estalo :
Que coração tão barbaro haveria
Que obrasse tão enorme tyrannia ?
Eu teria valor, se a offendesse,
Para vê-la morrer sem que eu morresse ?
Não, não teria tanta impiedade,
Que vendo cahir morta uma deidade
Não me sahisse deste insano peito
O duro coração de dôr desfeito.

diz: « Era Absalão tão galhardo mancebo, que do pé ao cabello da cabeça, como falla a Escriptura, nenhum pintou a natureza mais *bello* (V. 441). » Fallou muitas vezes este celebre orador de *formosura*, e sempre a applicou ás mulheres. Não será sem interesse transcrevermos aqui alguns lugares, que mais se recommendam por sua *belleza*.

« A *formosura* é um bem fragil, e quanto mais se vae chegando aos « annos, tanto mais vae diminuindo e desfazendo em si e fazendo-se « menor. Seja exemplo desta lastimosa fragilidade Helena, aquella fa- « mosa e *formosa* Grega, filha de Tindaro, rei de Laconia, por cujo « roubo foi destruida Troya. Durou a guerra dez annos, e, ao passo « que ia durando e crescendo a guerra, se ia juntamente com os annos « diminuindo a causa della. Era a causa a *formosura* de Helena, flôr « emfim da terra, e cada anno cortada com o arado do tempo (VIII, « 319). *Formosura* apregoada não está mui longe de vendida (*ibid.*, « 292). E' tão appetecida das mulheres a *formosura*, que só pela gloria « de a contemplarem, deixaram a maior dignidade (*ibid.*, 295). Aquella « graça da natureza, á que os olhos chamam *formosura*, não é mais « que uma apparencia da mesma vista, enganosa e vã... Socrates cha- « mou á *formosura* tyrannia, mas de breve tempo; Theophrasto cha- « mou-lhe engano mudo, porque sem fallar engana; S. Jeronymo diz « que é esquecimento do uso da razão... Os primeiros tyrannos da « *formosura* são os annos, e a sua primeira morte é o tempo. Debaixo « do imperio da morte acaba, debaixo da tyrannia do tempo muda-se; « e se algum perguntára á *formosura* qual lhe está melhor, se a morte, « ou a mudança, não ha duvida que havia de responder: Antes morta que « mudada. » (IV, 453.)

« Mui usado é de Camões o epitheto *formoso*, como tão harmonioso o poetico que é; citaremos só dois exemplos :

Sentimentos de Lavater em relação á côr e á physionomia da pelle.

Para melhor conhecer-se a estructura da physionomia, convém separar todas as partes e estudal-as de per si, para depois reunil-as, á se poder apreciar convenientemente as funcções. A parte fundamental da estructura da physionomia é o aparelho osseo, depois os musculos, e agora a pelle. Este orgão é notavel por sua estructura fina e delicada, por seu colorido, e, sobretudo, pela actividade predominante de suas propriedades vitaes, que dão tanta extensão ás sympathias, ás relações e ás communicações de toda a especie que entretêm com as diferentes partes da organização. A elevação de temperatura das propriedades vitaes da pelle do rosto, é que dá a esta região do corpo humano o aspecto e tintas tão variadas e tão importantes na physionomia para o medico observador. Por esta mesma disposição é que tantas

- « E como ia affrontada do caminho
- « Tão *formosa* no gesto se mostrava.
- « *Formosa* filha minha, não temaes
- « Perigo algum aos vossos Lusitanos. »

(Lus. II, 34, 44.)

« E na estancia 79 do Canto IX parece confirmar a differença que entre *belleza* e *formosura* fazemos, pois diz de Leonardo :

- « Quiz aqui sua ventura que corria
- « Após Ephyre, exemplo de *belleza*,
- • • • •
- « Já cansado correndo lhe dizia :
- « O' *formosura* indigna de aspereza,
- « Pois desta vida te concedo a palma,
- « Espera um corpo de quem levas a alma.

« Faz elle extensiva a significação de *formoso* a cousas inanimadas como na lingua castelhana, dizendo :

- « Tres *formosos* outeiros se mostravam
- « Erguidos com soberba graciosa,
- « Que de granineo esmalte se adornavam,
- « Na *formosa* ilha alegre e deleitosa.
- • • • •
- « *Formosos* leitões e ellas mais *formosas*. »

(Lus. IX, 54, etc.)

vezes a pelle da physionomia é excitada na occasião das impressões distantes e estranhas, que mudando de gradações sob a influencia de uma multidão de affecções interiores, é particularmente atormentada pelos signaes da bexiga, que muitas vezes é o lugar das empigens, das erysipelas, que ás vezes se cobre de botões durante o trabalho da dentição, ou na época e na crise da puberdade, que manchas e diversas erupções alteram-na em muitas mulheres e mesmo durante a gravidez; finalmente, ella torna-se amarella na ictericia, enegrece ou se avermelha em outras molestias; adquire na chlorose uma côr esverdeada: é eriçada de florescencias e de asperezas em diferentes molestias agudas, e póde revelar por seus diversos estados aquelle de todo o systema vivo com que suas vastas sympathias a tem em permanente e activa communicação.

O tegumento dos labios, da superficie dos olhos e da superficie interna das alas do nariz, cujo tecido é muito mais

« Mas não a applica aos homens. A nenhum dos navegantes que na ilha encantada se derramaram após as nymphas dá este epitho, senão outros que melhor ficam aos varões; e fallando do mais galhardo delles, diz:

« Leonardo, soldado bem disposto,
« Manhoso, cavalheiro e namorado,
« A quem amor não dera um só desgosto,
« Mas sempre fôra delle maltratado. »

(IX, 75.)

« *Gentileza* é a galhardia e bom ar acompanhado de nobre presença, é mais varonil que a *formosura*; e sendo esta privativa do sexo feminino, deve aquella usar-se particularmente quando se falla do masculino; disto nos deixaram exemplo dois mestres da lingua. Vieira, fallando de Absalão, a quem chama galhardo e *bello*, diz: « Esta foi a pensão que pagou Absalão á sua *gentileza* » (V, 441). E o padre Bernardes, fallando de Fortunato de Quiaromonte, diz: « Era de tão rara *gentileza*, ornada com os retoques da modestia » (V, 116).

« *Boniteza* é a qualidade do que é *bonito*, mas que não chega a ser *formoso*. *Bonito* é a palavra que indica cousa agradável á vista, e torna-se ordinariamente pelo opposto de feio, como diz o ditado vulgar: « Quem o feio ama *bonito* lhe parece. » Quando se diz das pessoas, entende-se particularmente das feições e expressão do rosto.

« *Lindeza* é palavra mais culta que *boniteza*, e tambem indica mór perfeição no objecto *lindo*, que á qualidade de *bonito*, junta certo ar e graça que muito o approxima de *bello* e *formoso*. Tambem se entende especialmente das boas proporções do rosto, acompanhadas de graça e donaire. »

delicado e irritavel que o das outras partes do involucro da physionomia, distinguem-se pelo rubor, pela sensibilidade, e pelas sympathias, ainda mais notaveis sobretudo nos labios, dos quaes a physionomia esclarece ao medico tão utilmente sobre as variedades individuaes da organização, do temperamento e da natureza de muitas constituições morbificas.

Os sabios, á quem se póde exprobar não terem feito sérias observações á respeito da sensibilidade moral em suas indagações, pretenderam explicar de uma maneira anatomica o effeito poderoso da commoção voluptuosa, do excitamento vivo e penetrante, causado pelo primeiro beijo do amor. Um aperto de mãos, um toque, uma caricia qualquer, não produzem o mesmo arrebatamento, a mesma embriaguez em circumstancias semelhantes? E não é abusar da sciencia, fazendo falsas applicações, em querer achar nas communicções estabelecidas por alguns ramos nervosos entre os labios e os órgãos do amor, a razão desse delirio tão eloquentemente descripto por João Jacques Rousseau? Se tão grosseira, tão mechanica explicação, podesse ser adoptada, o effeito do qual elle ousa dar o motivo, seria necessario o encanto do primeiro beijo de amor, e essa situação que não volta, que só se encontra uma vez na vida, renovar-se-ia ao menos algumas vezes. Esse encanto, ligado á um unico carinho, é aliás um effeito muito composto: essa sensação tão viva, deve sua energia á imaginação; não é o coração que a faz ser, e mesmo em seu effeito physico depende antes do estado momentaneo da exaltação vital dos órgãos, onde por sympathia ella chega, do que da sensibilidade do órgão affectado por essa sensação. Todavia, a sensibilidade dos labios nas mulheres, a vivacidade do seu brilho, a humidade que ahi se nota habitualmente, revelam disposições voluptuosas e são signaes de uma organização mais favoravel ao amor e ao prazer.

As outras gradações da pelle, e em geral, a côr habitual ou instantanea do semblante, os accidentes e as numerosas diversidades de encarnação, gozam de um importante lugar na physionomia: o tecido dos vasos capillares, que se acha collocado logo abaixo da epiderme, é a parte da pelle onde se formam de um modo tão variavel as côres dos tegumentos do semblante; a epiderme, que é um tecido transparente, modifica conforme seus grãos de espessura, os effeitos da

materia colorante. O tecido, que a transparencia da epiderme deixa tambem perceber, é uma das partes constituintes do orgão muito composto em sua estrutura e que tem muito prestimo e serventia na economia da vida. O tecido vascular, de que já fallámos, e as papilas nervosas, que são a séde do tacto, estão collocados entre a epiderme e o chorion ou couro, que está applicado sobre o tecido cellular e a gordura, que se devem olhar como partes deste tegumento, sobre os quaes já fallámos.

O couro é a parte fundamental, a alma da pelle, e não é a séde da côr, e parece tão branco no negro como no homem branco : tem uma vitalidade muito obscura, e não serve á transpiração, nem ao tacto, e nem toma parte alguma nos numerosos phenomenos da sensação e da circulação que se passam em sua superficie no estado de saude e de molestia. O chorion tem um duplo uso, segundo as observações de Bichat, e serve para o involucro defensivo ás partes do corpo que cobre; tem a firmeza vital, a resistencia elastica dos contornos dependente tanto da mocidade e força do chorion, como da animada turgidez do tecido cellular.

No semblante, é o chorion mais brando, flexivel, fino e delicado, e principalmente nas palpebras e nos labios. Seus vincos, formam as rugas. A parte da pelle onde está a côr, que se nota debaixo da epiderme, não consiste na camada mucosa estendida sobre o chorion e produzindo por seus diversos tecidos todas as variedades da encarnação. Bichat provou ser falsa a asserção de Malpighi, e que o tecido admiravel dos vasos capillares, que se acha entre o chorion e a epiderme era a unica séde da materia colorante da pelle em todos os individuos da raça humana. Os vasos collocados no exterior do corpo e na superficie de todos os orgãos formam um tecido verdadeiramente maravilhoso, com malhas extremamente finas, e no qual um fio não anda duas linhas sem reunir-se com os outros. Os corpos recticulares contêm maior ou menor quantidade de sangue, fluidos brancos de naturezas diversas nos brancos e um liquido engrecido ou avermelhado no negro Americano e Mongolo. O sangue no corpo recticular, bem como nos outros orgãos capillares, é agitado e circula pela mesma acção dos pequenos canaes animados, que os guardam sob a influencia do coração e das leis da grande circulação. Sabe-

se que, conforme esta lei, o sangue de uma bella côr rubra, passa pela parte esquerda, como adiante explicaremos, do coração, e vai para a circulação de todo o corpo e para a periferia, e dahí para o centro, e demora-se e elabora-se de diversos modos conforme os diferentes estados da acção infinitamente variavel que determinou sua agitação.

No semblante, os vasos capillares da pelle mais sensiveis e mais irritaveis chamam para ahi, e mesmo habitualmente retêm, uma maior quantidade de sangue onde a grande divisão dos seus globulos apresenta as gradações que se vêm conforme as mudanças physicas ou moraes da sensibilidade, do branco ou rubro do semblante, sob a influencia das paixões, desde a palidez do terror até o vivo rubro do pudor, e a tinta côr de violeta da colera. O vermelho côr de violeta, ás vezes é denegrido, como que uma emoção furiosa cobre, differe ainda mais por sua gradação do amavel e puro encarnado, com que de repente o pudor se envolve, embellezando as faces e a fronte de uma mulher. A tinta violeta e sombria da colera, o influxo de um sangue denegrido no corpo reticular, sob a influencia das paixões vingativas e homicidas, assemelha-se muito á côr que apparece na apoplexia e na asphyxia. O sangue puro e brilhante das arterias não é neste caso chamado de uma maneira activa aos capillares, como acontece no pudor, na vergonha, etc.; é um sangue venoso e destituído das materias proprias da vida, que a desordem da respiração e da momentanea obstrucção das veias retêm de uma maneira passiva nos vasos do corpo reticular, que se deixam então abundantemente penetrar sobretudo nos meninos, cujas coleras mais vivas têm mais largueza que as dos adultos, tornando ás vezes o rosto côr de violeta, apresentando todas as apparencias do que se passa n'um ataque de apoplexia. A palidez da colera tem lugar todas as vezes que esta paixão, sendo concentrada, se torna muito mais violenta: o coração e a região epigastrica comprimem-se de repente, e ás vezes resulta disso uma perigosa syncope, ou mesmo a morte subita.

As paixões, que produzem mudança da côr da pelle, podem-se dividir em 3 classes, a saber: 1.^a, paixões cuja subita expressão colóra a pelle do semblante de um modo passivo com sangue venoso; 2.^a, paixões em que o colorido do rosto é resultado de uma acção que chama o sangue arterial em

maior quantidade para os tecidos dos capillares do semblante; 3.^a, paixões, com descoramento mais ou menos completo do rosto e com espasmo ou fraqueza dos vasos do corpo rector. As paixões da primeira classe são todas as variações e modificações do furor e da colera. As paixões da segunda classe, muito mais variadas, são principalmente o desejo, o amor, as paixões expansivas em geral e as emoções subitas de vergonha e pudor. A vivacidade dos olhos ao fogo dos olhares, que os acompanham e que pintam a côr mais forte do semblante, na expressão do desejo, dependem da mesma causa : isto é, da actividade repentina ou augmentada nos vasos capillares.

As emoções que augmentam o colorido do semblante dos brancos, diminuem nos negros, fazendo passar mais ou menos do carregado para um preto avermelhado. Estas mudanças tão difficeis de observar, existem entretanto principalmente na vergonha e no pudor, cuja expressão é muito facil de perceber quando as emoções deste genero são mui vivas e a epiderme tem pouca espessura, sobretudo entre os Madagascareos.

O rubor de que o pudor e a voluptuosidade cobrem agradavelmente o semblante começa pela testa e espalha-se depois por todas as outras partes do rosto. Parece que a mudança activa e animada da côr não se limita só ao semblante, quando a impressão do pudor é muito forte e o habito lhe não tem feito perder a vivacidade. A côr mais viva do semblante depende ás vezes do fluxo do sangue arterial e do venoso, no corpo rector, como quando se acaba de uma viagem violenta, de um exercicio forçado, de uma luta em que se esgotam todas as forças vitaes, ou mais sensivelmente na occasião de uma bofetada, cujo effeito, relativamente á mudança da côr do semblante, depende de 3 causas : 1.^a, da irritação dos vasos capillares da pelle, pela acção immediata da bofetada; 2.^a, de uma subita acção de vergonha; 3.^a, de uma reacção repentina e furiosa que tem por fim, naquelle que a experimenta, tirar prompta vingança do mais cruel ultrage.

As emoções e as paixões que se pintam nas diversas modificações da pallidez do rosto, pertencem á classe das paixões deprimentes e timidas. No branco, a pallidez destas paixões, assim como o rubor do pudor, apparecem primeiro e com

mais intensidade na frente, pelo estado do qual os poetas muitas vezes exprimem figuradamente o estado geral da physionomia. Quando as paixões e as emoções oppressivas são levadas ao mais alto gráo, ha desmaios, syncopes, e a pallidez que então cobre o semblante pouco differe da da morte. Nos momentos de agitação e de perturbação, nas situações em que as emoções do amor, da vergonha e do temor se succedem, ha subitas passagens da pallidez para o rubor. As paixões que se annunciam por mudanças momentaneas na côr da pelle, qualquer que seja a sua causa ou origem, se referem mais em seu effeito ao coração, ao diafragma e ás entranhas; sua expressão é um phenomeno sympathico e quasi sempre involuntario, quando os mais fortes interesses ordenam dissimulação. Dá-se com facilidade aos musculos do semblante as attitudes e os movimentos de benevolencia, de admiração, de orgulho, etc.; mas não se evita e nem se dissimula com tanta facilidade o rubor ou a pallidez do pudor e do temor. Muitas vezes se conhece o sentimento interno pelo rubor das faces ao pronunciar-se um nome por demais amado e querido. Para conter este rubor e oppor-se á mudança da côr, que depende das paixões, são precisos os esforços constantes e habituaes dessa poderosa dissimulação com que o homem se reveste, abnegando-se de si mesmo. Os diversos estados habituaes da côr do semblante, ainda que muito menos significativos que suas alterações accidentaes, podem favorecer ao physionomista alguns signaes mais ou menos certos e indicações que não são para desprezar (1).

(1) Os antigos affirmavam que a côr do rosto alvarinha como de gesso ou de estanho, é um signal caracteristico de constituição fria; a côr rosada e abrasada, misturada com a brancura e com muitas sardas, exprime uma constituição quente. A côr alva do rosto, com seus visos de rosada, exprime uma constituição média. A côr morena do rosto exprime boa compleição. A côr roxa do rosto e das unhas significa pessima compleição. Os signaes que se acharem na testa correspondem ao pescoço ou aos peitos. Os que apparecem ao lado da testa têm correspondencia no pescoço ou peito do mesmo lado. Estes signaes, diziam, são o caracteristico natural dos cobiçosos á adquirir fortuna.

As pintas ou signaes que se acharem nos olhos correspondem aos bicos dos peitos, e estes individuos são naturalmente inclinados á maldade. As pintas que se acham no nariz correspondem ao rego do peito, e diziam que os individuos que as têm são dispostos ás viagens.

Em geral, o colorido um pouco vivo, é um caracter de vehemencia e de fraqueza, e quando é muito forte, de violencia, de impetuosidade e de propensão á brutalidade e á colera. As pessoas que têm este caracter e esta côr, não podem dissimular, e o corpo rector toma necessariamente mais actividade e desenvolvimento, retem e chama em um tempo marcado maior quantidade de sangue.

Conhece-se que taes disposições convêm aos militares e aos habitantes do campo : uma côr menos forte, uma especie de pallidez uniforme, é mais geral entre as pessoas dos grandes circulos, principalmente nos cortezãos, que são forçados a nada deixar vêr na superficie; seu semblante é ordinariamente sem côr, maximè se esses aulicos têm funcções importantes e multiplicadas relações com seu senhor (1). Uma tez pallida, biliosa e um pouco amarellada, tem sido sempre encarada como expressão de sensibilidade interior mui viva, de grande força moral, e de uma alma em geral ardente, apaixonada e igualmente apta para os grandes crimes e para

Os dos queixos correspondem ás nadegas; cada lado ao seu seguimento, isto é, a queixada direita á nadega direita : estes individuos são de má fé e de nenhuma confiança. As pintas que se acham nos beiços ou bocca correspondem aos genitais : destes se diz que casarão á sua vontade. As que se acham na barba correspondem aos hombros, e diziam ter observado todos virem a ser ricos. As que se acham aos lados da barba correspondem aos braços, cada lado a seu braço. As que se acham nas orelhas correspondem ás coxas; as que se acham atrás das orelhas correspondem ás espadoas; as que se acham no pescoço correspondem ás costas, e se estiverem na base do pescoço correspondem ao olho. As que se acham nas mãos correspondem aos pés, isto é cada mão a seu pé, e cada dedo a seu dedo. Se a pinta que se encontrar no rosto fôr pequena, a que corresponder no corpo será maior.

(1) E' um erro accusar (dizia *Frederico* o Grande) os cortezãos de falta de caracter e de sempre se modelarem por seus amos : é bem certo que se observam tristes, alegres, devotos ou libertinos com os que o são; mas por ventura se ha visto que sejam desgraçados quando os seus amos o são? O conde de *Segur* affirma que os cortezãos sempre são inimigos do merecimento que os fere e da superioridade que os humilha. Os cortezãos, como pensa *Chamfort*, são uns miseraveis que se enriquecem pela mendicidade. *Napolão* tendo comprehendido o caracter ordinario e baixo de um cortezão, dizia que elles vêm optimamente tudo quando seus amos lhes têm dado lunetas de diamantes. *Lemonty* os chamava carcereiros dos reis, que nunca os servem senão com má cara, e foi talvez fundado neste pensamento que o duque d'ORLÉANS disse que para um cortezão ser feliz não deve ter honra nem humanidade. Só os aulicos e os criados é que podem ser adulaadores vis.

as mais nobres e generosas acções. Foi esta côr que tornou Cassio suspeito á Cesar. O colorido do semblante e a encarnação, cuja séde collocamos no corpo reticular, dependem em suas gradações, em seus accidentes e em suas variações, de muitas outras causas de que os habeis pintores conhecem bem o effeito.

Nada mais diversificado e misturado que todas as gradações da côr do rosto humano, e muitas vezes para d'elle offerer uma imagem, o pintor é obrigado a empregar todas as côres de sua palheta : a maneira por que estas tintas estão confundidas não é menos admiravel que sua variedade. « Ha ahi (diz Bernardin de S. Pierre) branco puro para os dentes e para os olhos, depois as gradações do vermelho que entram na encarnação, como os pintores sabem; depois o encarnado, côr por excellencia que brilha nos labios; nota-se o mais bello azul das veias, e ás vezes o das pupillas e o negro dos cabellos, que por seu contraste faz sobresahir tanto as outras côres do semblante.

As vantagens da fórma que contribuem para a estructura do rosto humano, não são menos favoraveis á variedade dos aspectos e das côres.

Quantos elementos diversos entram nessa estructura e vêm formar um traço ou traços particulares na physionomia!

O rosto, pelo que parece, sendo bem observado, é não só o espelho da alma, como de todo o interior da organisação.

O poeta Dirceu, avaliando o poder do semblante, manifestou-se á sua Marilia nos termos seguintes :

Mal vi o teu rosto,
O sangue gelou-se
A lingua prendeu-se,
Tremi e mudou-se
Das faces a côr.

Marilia escuta
Um triste pastor.

A vista furtiva,
O riso imperfeito,
Fizeram a chaga,
Que abriste no peito,
Mais funda e maior.

Marilia escuta
Um triste pastor, etc.

O Sr. Costa e Silva, traduzindo livremente o episodio do Canto 4.^o da Eneida de Virgilio, onde falla a miseranda rainha de Carthago, engolfada no tormento de suas dores pela perfidia da Enéas, faz sentir que pelo ar do rosto o heróe Troyano não dava signaes de fementido, pelo que diz a infausta Dido :

· · · · ·
E' esta a fé (exclama em pranto a triste)
Desse heróe em piedade abalisado,
Que o velho pae salvou por entre as chammas
Da abrasada Dardania ! que blasona
De interessar os Céos no seu destino !
Se é tal um semi-deus, quem será monstro ?
Perseguido do mar, co'a morte á vista,
De um reino nas praças o recebo,
Franqueio-lhe o meu passo... e, o que é mais ainda,
Minha mão... e por premio me abandona !
Cabe tanta maldade em peito humano !
— Ah ! se o rosto é *fel* retrato d'alma,
Seu rosto taes perfidias não promette!...
Eu talvez me enganei !... suas palavras
Não percebi !...

PASSEIO. Canto 1.^o

Reflexões de Herder sobre o semblante.

O semblante humano é o quadro da alma e a imagem da Divindade.

A fronte é o lugar da serenidade, da alegria, dos desgostos, da agonia, da estupidez, da ignorancia e da maldade. E' uma lamina de bronze onde todos os sentimentos se gravam em caracteres de fogo. Não concebo como póde a testa ser em tempo algum um objecto indifferente. No lugar onde ella se abaixa, o entendimento parece confundir-se com a vontade. E' neste caso que a alma se concentra e ajunta forças para preparar-se á resistir.

Sentimentos de Lavater.

Uma testa curta, perpendicular, calombosa, muito e confusamente enrugada no alto, chata entre as sobranceiras ;

olhos pardos, azues, grandes, claros de mais; um nariz pequeno, o labio superior longo, mas, por assim dizer, imperceptível: tez pallida, ambos os labios sempre em movimento, são os traços que tenho encontrado nos homens de espirito, de mui rica memoria, de uma actividade propria, a mais de um genero, até para a intriga; ora doces e bons, ora severos e duros, tendo ás vezes espirito esclarecido, porém outras vezes tambem perfeitamente falsos.

Quanto mais elevada é a testa, mais as outras partes do semblante comparadas a ella parecem pequenas; quanto mais o arco da testa é nodoso, mais é o olho encovado e menos se percebe a concavidade entre a testa e o nariz; finalmente, quanto mais é a bocca serrada e o queixo largo, quanto mais é perpendicular o perfil no comprimento do rosto, mais obstinação achareis em tal homem, mais invencivel, mais duro e intractavel de character.

Quasi nunca vereis no queixo de um verdadeiro ente sabio e de character nobre e calmo, uma dessas verrugas grandes e escuras que se vêm tantas vezes nos homens de decidida imbecilidade; mas se por acaso encontrardes espirito em tal homem, descobrireis logo que elle tem frequentes distrações, momentos de estupidez e fraquezas incriveis.

Os homens amaveis e de espirito podem ter na testa ou entre as sobrancelhas verrugas, que não sendo nem muito escuras e nem muito grandes, nada têm de repugnante e nada indica de máo; porém, sempre que encontrardes uma grande verruga enterrada e cabelluda no labio superior de um homem, faltar-lhe-ha alguma qualidade essencial e se distinguirá, pelo menos, por algum defeito capital.

Faces balofas e murchas, bocca grande e espaçosa, sardas ruivas no rosto, cabellos chatos que se encrepam com custo, rugas confusamente entrecortadas na fronte, um craneo que se abaixa rapidamente para ella, olhos que nunca descansam naturalmente n'um ponto e que por baixo formam um angulo; todos estes caracteres acima compõem os signaes da depravação, isto é, compõem o individuo que vulgarmente se chama Biltre.

Acutelae-vos de todo o homem que *falla baixo*, mas cujo estylo é empolado e sarcastico; de todo o homem que quasi nunca ri, mas quando isto faz se sorri muitas vezes e cujo sorriso é sempre acompanhado de desprezo ou de desdem.

Fraqueza e vaidade, eis as origens da hypocrisia. Onde encontrardes os traços decisivos de uma e de outra, sob um character amavel e previdente; feições insipidas, pouco assignaladas, com uma especie de graça nos movimentos, e como que frieza na mesma vivacidade, esperae, senão hypocrisia, ao menos inconstancia e versatilidade que não estão delle mui afastadas.

Aquelle, cujo sorriso embelleza a physionomia, e cujo riso não é desvantajoso, que sem ter o sorriso nos labios, tem delle o ar e a graça; aquelle, que até silencioso inspira confiança e serenidade; que no sorriso mais alegre e mais machinal, já-mais traz o menor desdem, o menor desprezo; finalmente aquelle que docemente sorri, com a alegria da innocencia ou com o elogio de um merito superior, será esse um homem onde encontrareis, entre os traços e o character, a mais nobre e harmoniosa concordancia.

Tende a maior reserva possivel em presença do homem gordo e de temperamento colerico, que parece sempre mastigar, rolando sem cessar os olhos ao redor de si, nunca falando serio e dando-se entretanto ao habito de uma politica affectada, porém tractando com uma especie de desordem e impropriedade. Em seu nariz redondo, curto e arrebitado, em sua bocca aberta, nos movimentos irregulares do seu labio inferior, em sua fronte saliente e cheia de excrescencias, em seu andar, que se faz sentir de longe, encontrareis a expressão do desprezo e de dureza dos mediocres, com presumpção de talentoso, de maldade, sob a falsa apparencia de bonhomia.

Fugi do homem cuja voz sempre extensa, sempre exaltada, sempre alta e sonora, não cessa de impôr; os olhos quando elle o faz, crescem e sahem das orbitas; as sobrancelhas se eriçam; as veias se incham; o labio inferior se estende; o pescoço se entumece; as mãos se fecham, porque de repente elle se acalma, retoma o ar de fria polidez, e faz contraste entre seus olhos e seus labios, se é interrompido pela presença imprevista de uma pessoa que se diz ser amiga.

O homem, cujos traços e côr do rosto mudam subitamente, e que busca com muito cuidado occultar essa alteração repentina e sabe retomar o ar calmo; aquelle, sobretudo, que possui a arte de entezar e afrouxar com facilidade os musculos da bocca e detel-os pelo frio, particularmente quando

um olho observador se dirige á elle; tal homem tem menos probidade, que prudencia; é mais cortezão que sabio e moderado, e será antes um homem de sociedade amavel, que um amigo fiel.

Não será verdadeiro pensador aquelle em quem se não encontre por intervallo de sobrancelhas a passagem da fronte ao nariz, e se alli faltam certas sinuosidades, certas concavidades, um traço de frieza ou de energia, então procurareis em todo o resto do semblante, no todo desse homem, em sua conducta, nas operações do seu espirito, o character do pensador, isto é, o character do homem que tinha necessidade profunda de idéas verdadeiras, luminosas, precisas, consequentes e seguramente combinadas.

Fontes perpendiculares, mui nodosas, mui altas ou mui curtas; nariz pontudo ou grosseiramente arredondado, com ventas largas; os traços da face ou do nariz, mui pronunciados, agudos, compridos e não interrompidos, os dentes do queixo inferior avançados consideravelmente sobre os dentes superiores, quer estes sejam mui curtos, quer mui longos, é signal certo de pessoa de um character aspero.

Fugi do homem que tem olhos grandes em rosto pequeno, com nariz tambem pequeno e de talhe baixo, através do seu riso, percebe-se que elles não estão alegres e nem contentes; protestando quanto são felizes em ver-vos, não poderiam occultar a malignidade do seu sorriso.

Fugi daquelle que sem ser vesgo tem tomado o habito de olhar de ambos os lados ao mesmo tempo, sabendo dar a seus pequenos olhos vivos e scintilantes, direcções desiguaes ou contrarias, e que além disso deixa ver dentes mui negros; que, quer seja alto ou baixo, tem sempre as costas arqueadas e sorri de boa vontade, com ar falso e caçoador. Fugi desse homem, não obstante todo o seu espirito, toda a sua penetração e todos os seus conhecimentos, como de um impudente velhaco, cheio de astucias e vilmente interesseiro.

Corpo grande e massiço, pequenos olhos, faces redondas, cheias e pendentes, labios balofos, nariz em fórma de morcella, queixo em fórma de sacco, é o caracteristico de uma classe de homens que está sempre occupada de si, andam mascando sempre, escarrando, assuando-se, tomando tabaco; esses homens, em seu fundo são de character vão, ainda

que insignificantes, ambiciosos, bem que sem energia, mui doces, com pretensão de saberem tudo, pouco seguros, levianos, voluptuosos, difficeis além disto de conduzir, ávidos de tudo e de nada gozando.

Lembrae-vos dessas pessoas que antes andam dansando do que andam, que recuam e avançam dizendo grosserias em voz baixa e com ar timido, fixando-vos a vista atrevidamente logo que as não verdes mais, e não ousam jámais olhar-vos tranquillamente em face, que não dizem bem de ninguem, senão dos máos, achando expressões em tudo e parecendo ter sempre contra a mais simples asserção uma contradicção prompta. Até se puderdes apalpar seu craneo, vereis, que occulta desformidade, irregulares nós, pelle de pergaminho, extrayagante mistura de molleza e dureza. Fugi da atmosphaera em que respiram taes homens, crendo mesmo ganhar elles, não deixam de perder infinitamente. Observae, repito, observae os vincos de sua fronte quando julgam perder algum homem recto, innocente e religioso; quando tomam a causa de algum velhaco endurecido; as desordens desses vincos, serão a mais infallivel garantia de toda a desordem de seu character. Por mais prudente, por mais instruido, penetrante, desligado e habil, que seja um homem, e por mais util que vos possa ser, se se muda ou tem ar disso, se affecta gravidade para occultar o que lhe falta de energia interior, se andando sempre a passos contados, nunca se esquece de si mesmo e parece como altivo, de trazer o *seu caro eu* na cabeça, no pescoço, nas espadoas, não o desejeis para amigo: no fundo de suas inclinações, não é mais que homem de character leviano, de humor traiçoeiro e maligno. Logo que se acha só, despoja-se de toda a gravidade de seu ar, de toda a affectação do seu merito, e de toda a ostentação de sua dignidade: o que unicamente o occupa ainda, é sempre o *seu caro eu*.

Um homem, que com os outros é estabanado e grosseiro e toma comvosco um ar calmo, brando e polido; que affecta sorrir por tudo que dizeis, apressae-vos em collocar-o á seu gosto; voltae depressa, encarae-o, antes que tenha tempo de dar á seus traços a expressão de complacencia affectada; o vinco da fronte e da face que immediatamente precède sua artificiosa dissimulação, e que nesse instante pronuncia-se da maneira a mais sensivel, são as unicas rugas de seu sem-

blante que são naturaes e verdadeiras. Observae bem esses dous traços, serão elles no vosso alphabeto physionomico signaes de grande instrucção.

Se tendes uma frente ossuda, grande e elevada, não vos ligueis jámais com uma cabeça quasi em fórma de bola. Se tendes uma cabeça quasi em fórma de bola, não vos ligueis jámais em amizade com uma frente ossuda, grande e elevada; desconveniencias taes, são funestas, principalmente para a ventura do casamento. Não vos ligueis ao homem na physionomia do qual descobirdes um traço, por ligeiro que seja, que vos repelle, que apparece á menor emoção, e que quasi nunca desapparece inteiramente, maximè, se esse traço se encontra na bocca, ou no vinco, em torno della; vós vos esbarrareis infallivelmente e estareis sempre em duvida, ainda, que hajam excellentes qualidades no character de tal homem.

Fugi do homem cujo olhar e bocca são de través e de modo visivel, que tem queixo largo e muito saliente, principalmente quando vos diz palavras politicas, com ar de insulto mal disfarçado : observae os vincos de suas faces, porque nada pôde apagar-lhes a expressão ; dar-vos-ha pouca confiança e procurará entretanto surprender a vossa, primeiro com muitas caricias, e depois com ar de altivez e superioridade.

As frentes quasi sem rugas e nem perpendiculares, nem mui reentrantes, nem mui chatas, nem absolutamente redondas, porém quasi inferiores; sobranceiras espessas propriamente desenhadas, bem fornidas, que traçam o limite da frente de ume maneira sensivel e visivel; olhos abertos mais que metade, porém não de todo; uma escavação mediocre entre a testa e o nariz, e este quasi aquilino e largo no dorso; labios bem proporcionados e bem desenvolvidos, nem grandes, nem pequenos, nem abertos, nem fechados; finalmente, um queixo que não seja nem mui saliente, nem mui reentrante; a reunião destes traços annuncia espirito maduro, character varonil e firmeza, ao mesmo tempo activa e prudente.

Fugi daquelle homem que levanta a cabeça, dobrando-a para trás, quer seja ella mui grossa ou singularmente pequena; daquelle que mira seus pés delicados de uma maneira potavel; daquelle que querendo mostrar os olhos ainda maiores do que tem, volta-os estudadamente de lado para olhar tudo por cima do hombro; daquelle que depois de vos ter es-

cutado muito tempo em orgulhoso silencio, dá-vos depois uma resposta curta, secca e cortante, acompanhada de frio sorriso, e que logo que percebe a réplica em vossos labios, toma um ar arrogante, e murmura baixo em tom de vos ordenar silencio; esse homem tem pelo menos tres qualidades odiaveis, com todos os seus symptomas: a birra, o orgulho e a dureza: é muito natural que ahi ajunte ainda a falsidade, a velhacaria e a avareza.

Fugi de todo o rosto cheio e ossudo, de um amarello escuro (embaçado escuro), com veias azues, enrugado, cheio de expressão, rico de character, com olhos grandes e labios rijos e agudos (parecendo que mastiga quando falla), e que se approxima de vós, com ar submettido e adulator; será para vós um Achitophel, um Judas, um Satanaz; se o não tratares com a mais simples rectidão, a mais franca probidade, esgotará contra vós todas as mentiras que póde inspirar a raiva do odio; só vosso nome bastará para fazer inchar seus olhos e suas veias.

O homem amavel no tracto, diz Salomão, será mais um amigo do que um irmão (Cap. 18, V. 24).

Differença das côres e configuração nos homens.

Na *especie unica* dos homens, diz um escriptor portuguez, dão-se tão notaveis differenças de côr, talhe, feições, costumes e gostos, que alguns naturalistas, nimiamente precipitados em seus juizos, chegaram a afirmar que ella se dividia em muitos generos de diversa origem.

E' bastantemente conhecida a *Raça Branca*. Um talhe muito esbelto e melhor proporcionado, feições mais regulares, uma epiderme mais ou menos matizada de vermelho e branco, a distinguem do resto da especie humana. Desta raça é que se derivam as outras, que não são mais do que alterações della. Occupa toda a Europa e aquella parte da Asia que se extrema com o mar Negro e o mar Caspio, entre a parte occidental do mar Glacial e o Golfo Persico. As armas, as sciencias, as artes e o commercio lhe têm sujeitado uma grande porção da Africa, da India, e quasi toda a

America. Esta é de certo a mais antiga, mais espalhada e melhor organisada parte do genero humano. Della tem successivamente nascido as artes uteis e agradaveis, e todos os talentos que exigem genio e gosto.

E' igualmente conhecida a *Raça dos Negros*. Ventas largas e chatas, labios grossos, uma carapinha lanosa em lugar de cabellos parecem distinguil-a do resto dos homens, tanto como a côr do ebano.

A patria primitiva dos *Negros Simios*, ou negros de cabello revoltado e nariz chato está toda debaixo da Zona Torrida. Muitos se encontram na Europa e infinitos na America, e nãs Zonas temperadas da Asia, e são originarios daquella abrasadora parte da Africa e da Asia. Esta raça fórma a vigesima parte do genero humano.

Ha tambem algumas nações de raça negra na Asia e na Zona Torrida; são porém pouco numerosas e pouco multiplicadas, e os Mouros, de que abaixo fallaremos, formam alli a maior parte dos habitantes Indigenas. A America não tem povo Indigena que seja de raça preta. Todos os negros que lá se deparam desde o Equador até ás provincias, que se povoam de Esquimãos e Patagões, foram originariamente para lá transplantados do antigo continente.

A *Raça Tartara*, tem notavel differença das duas de que temos fallado. Côr azeitonada, feições grosseiras, mais pequenos e menos abertos olhos, nariz amacacado e esborrachado, cara redonda e estatura mediana, parecem especialmente caracterisal-os. Desde a parte Meridional do Mogol e da China até ao Mar Glacial, desde o Oby e o Mar Caspio até ao Japão e ás extremidades dos Kamschaka, parece a maior parte dos homens ser de *Raça Tartara*, e é igualmente a esta raça de homens, á parte que a America parece dever todos ou quasi todos os Indigenas, que alli se acharam no seculo de Christovão Colombo (1).

Os Mouros parecem-se com os Negros na côr, que é preta, bem que sejam de um negro menos fechado que os verdadeiros pretos. Differençam-se delles por cabello corre-

(1) Suppomos que a raça Americana é primitivamente originaria da Asia, e vinda para a America pelo estreito de Béring. Tudo o mais que a respeito se tem escripto, parece-nos sonhos de acordados, destituídos de fundamentos.

dio e fluctuante, talhe mais esbelto e mais bem proporcionado, e feições menos deformes. Um Mouro é um negro incompleto: um negro é um Mouro mais escuro. O habitante de Guiné e da Ethiopia é negro, o da Barbaria é Mouro sómente.

A patria primitiva dos Mouros é exclusivamente na Africa, na Asia, na Zona Torrida, ou nas cercanias della. Os que apparecem em outros paizes, tanto do antigo como do novo continente, parecem todos oriundos daquella parte da Africa e da Asia.

Ha na America algumas povoações Indigenas cuja côr dá ares da dos negros e dos Mouros; porém esta côr é artificial e não natural. E' mui geral entre os selvagens da America, a extravagancia de pintar-se artificialmente a pelle, e os que de negro a pintam, negros ou Mouros á primeira vista parecem; mas não ha um só Americano Indigena que seja preto de sua natureza, e pôde olhar-se como um facto certo serem as pequenas nações que na America têm naturalmente esta côr, de origem Africana ou Asiatica.

Os Americanos Indigenas, desde o fundo da Groenlandia até á raia extrema do paiz dos Patagões, são todos naturalmente de uma côr bronzeada. São tambem notaveis por faltarem á alguns as sobranceiras, e a barba a todos. « Os « Tartaros e os Chins, têm quasi o mesmo character (diz o « autor das investigações philosophicas sobre os Americanos), « com a differença porém de aos trinta annos lhes crescer « no labio superior um bigode em fórma de pincel, e alguns « esporões de cabello na extremidade inferior do queixo, « cousa que não acontece aos Americanos, que são absoluta- « mente imberbes, sem cabello no corpo, afora o da cabeça. »

A America, contemplada nos seus habitantes Indigenas, isto é, naquelles que descendem sem bastardia dos povos que a habitavam em 1492, época fatal do seu descobrimento, não apresenta mais do que uma especie de homens que são todos mais ou menos trigueiros ou bronzi-côres, e que naturalmente são todos, ou quasi todos, de extracção Tartara. « Temos para nós (diz Mr. de Buffon) que a razão « de tal uniformidade nos homens da America provém de « viverem todos do mesmo modo. Todos os Americanos « eram ou são ainda selvagens: os Mexicanos e os Peruvia- « nos eram de tão fresco civilizados que não podem fazer

« excepção : qualquer que seja a origem destas nações selvagens, ella parece ser commum á todos. Todos os Americanos sahem de uma mesma fonte, e têm até agora, sem a maior variação, conservado o character de sua raça, pois têm remanescido todos selvagens, e têm vivido pelo mesmo theor. Seu clima não é (com pouca differença) tão desigual para o frio e para a calma como o do antigo continente, e estando de pouco estabelecidos em seu paiz, não tiveram as causas que produzem variedades, sufficiente tempo para operar effeitos mui notaveis. » (1).

Os Laponios e os Esquimãos são os anões da especie humana; sua estatura não excede de ordinario á quatro pés e meio.

Os Laponios habitam a parte mais septentrional da Europa, entre o circulo Polar e o mar Glacial, e, afóra a pequenez de seu talhe, em nada differem dos demais Europeos. Costumes brandos e virtuosos, genio serviçal, alma tranquilla e limpa de ambição, extremo afferro á patria, de onde ninguem os arrança sem lhes arrancar a vida, formam o fundo de seu character nacional.

Os Esquimãos habitam a costa oriental da America, desde a terra do Lavrador, entre a bahia de Hudson e a ilha da Terra Nova, para 52 grãos de latitude. Todos os povos que divagam por esta immensidão de paiz, são anões e imberbes, vivem como selvagens, sustentam-se de caça e pesca, têm quasi o mesmo talhe, feições, costumes e fallam a mesma lingua. Um Dinamarquez, que tinha aprendido a fundo o Groenlandio, encontrou uma tribu de duzentos Esquimãos,

(1) Setenta e sete nações indigenas povoaram a America meridional, que são : 1.º, os *Cairos*, que occupavam o sul de S. Vicente, e senhores então da ilha de Santa Catharina (ilha dos Patos); 2.º, os *Tamoyos*, que habitavam os contornos do Rio de Janeiro, estendendo-se para S. Vicente, e que só reconheciam por alliados os *Tupinambás*, que eram seus visinhos e semelhantes em usos e costumes; 3.º, os *Bugrés*, que habitavam a comarca de S. Paulo; 4.º, os *Tupiniquins*, que occupavam Porto-Seguro e a costa dos Ilhéos, desde o rio Camamú até o Circar e, quasi 5.º ao N; 5.º, os *Tupinás*, visinhos dos *Tupiniquins*, que pactuavam com estes; 6.º, os *Tupinambás*, que habitavam a Bahía de Todos-os-Santos e suas encadas, conquistada por elles aos *Tupís*; 7.º, os *Cahetés*, selvagens que occupavam toda a costa de Pernambuco; 8.º, os *Tabayares*, da mesma familia, porém menos ferozes que os

fallou-lhes Groenlandez, e elles lhe responderam na mesma lingua, que é o idioma nacional do seu paiz, mas que não tem affinidade ou analogia com o Tinoez, com o Laponio, com o dialecto de Islandia, da Noruega ou da Samoyedia.

Todos os Pigmeos do Norte da America têm os pés muito pequenos, a cabeça enormemente grossa, o rosto chato, a bocca redonda, o nariz pequeno, sem ser esborrachado, a alva do olho amarellada, o iris negro e pouco brilhante, o queixo inferior alongado e saliente, além do superior, a côr

Cahetés, occupavam, com elles, a mesma costa; 9.º, os *Pitagonis*, crue-
lissimos, occupavam a Parahyba e Rio-Grande do Norte; 10, os *Tapuytaras*, occupavam o Maranhão; 11, os *Guajájáros*, que tambem occupavam o Maranhão. Diz-se que os Tupinambás são oriundos do Maranhão; 12, os *Tapuyas*, que occupavam o Pará, inimicissimos dos Tupinambás; 13, os *Canaris*, que residiam além do Rio Negro; 14, os *Apantos*, que habitavam mais acima do mencionado rio; 15, os *Taguans*, em seguida do mesmo rio, e mais acima; 16, os *Guacaraes*, visinhos dos Taguans; 17, as *Amazonas* (*), que habitavam em montanha, e particularmente sobre o Yacamiabo. Dizem alguns que esta tribo de mulheres guerreiras e varonis se mantêm e sustentam sem soccorro de homens, pois são assás laboriosas e providentes em agenciarem meios de subsistencia e mais precisões da vida. Habitam em montanhas escabrosas, e com particularidade sobre o Yacamiabo. São ellas mesmas que marcam as occasiões em que devem receber visitas de varões; e são os seus visinhos *Guacaraes*. Nas occasiões por ellas marcadas, cada uma leva uma maça, e a faz armar na sua cabana; e depois gostosamente se entrega ao *Guacaraes*, á quem pertence a maça. Passados alguns dias, os hospedes se retiram para o seu paiz, á virem todos os annos, que são chamados na mesma época, á repetirem a mesma visita. As filhas têm o mesmo caminho das mães á todos os respeito, sem que se saiba o fim que dão aos filhos varões. Conta-se, que se suppõe que são entregues aos paes, e que conforme outras autoridades, matam-nos, o que se não conforma pelas razões do sentimento maternal, mesmo pela permanencia da procreação; 18, os *Pajis*, tidos por sacerdotes e adivinhões, viviam em grutas sombrias, onde nenhum Indio se atrevia a penetrar; alli, dizem, se levava

(*) A narração relativa ás *Amazonas*, é devida ao Jesuita *Christovão da Cunha*, autor de grande sízudeza e circumspecção, o qual navegou e explorou o rio *Amazonas*, que tomou o nome das mulheres-homens que acima mencionámos. *Orelhano*, muito se conforma com a dita narração; e *Figueira*, com muita circumspecção abona á ambos estes senhores. Depois, na era de 1743, certo academico, que viajou sobre o *Amazonas*, por effeito de suas indagações, attesta ser verdade a existencia das ditas mulheres. Ora, a duvidarmos disto, por parecer impossivel que mulheres hajam de tanto valor, tambem poderemos duvidar das *Amazonas* da *Sythia* e *Lybia*, e das da *Africa*, que referem os padres *Gaspar de Mendonça* e outros!

bronzeada ou azeitonada. La Peyrere affirma que ha alguns tão negros como os Pretos do Senegal; Davis, Forbisher, Ellis, Egede e Creas, que mais por tal paiz se entranharam, não dão noticias de tal.

Os Patagões moram na parte mais austral da America, quasi desde o gráo 47 de longitude até ao Estreito de Magalhães e Terra do Fogo. São selvagens, sem pello nem barba, e seu talhe quasi iguala o dos Europeos. Ha entre elles algumas tribus ou familias de estatura gigantesca, a

quanto elle pedia, e era, pelo mysterio do seu vaticinio, attento ao fanatismo das tribus, que os prognosticos á morte, entregam-se á pessoas contentes e satisfeitas, sem constrangimento, deitando-se na cama, sem quererem tomar alimento e agua até expirar, com devota e voluntaria resignação; 19 e 20, os *Guayanares* e *Guayzacares* occupavam as planicies de Piratininga e os contornos de S. Vicente. Estas duas tribus eram em tudo differentes dos demais Indios; 21, os *Maraques* (que habitavam na distancia de quasi 8 leguas da Bahía de Todos-os-Santos), andavam nus, e as mulheres com tangas. Pescavam de linha, e faziam sal, sendo mui activos e trabalhadores (*); 22, os *Barbados*, conhecidos pelas grandes barbas de que usavam, e pelas quaes se distinguiam das outras nações, habitavam junto ao Paraguay; 23, os *Papanares*, que foram desalojados pelos *Goytacazes* e *Tupiniquins*, habitavam nas costas de Porto-Seguro e seus suburbios; 24, os *Tabajares*, habitavam a serra da Imbiaba. Com a chegada dos Portuguezes, passaram-se para a Parahyba, Rio-Grande do Norte e Ceará; 25, os *Guayós*; 26, *Iboros*; 27, *Apuyares*; 28, *Cuxarás*; 29, *Mandaveis*; 30, *Naporás*; 31, *Patiez*, que habitavam ao norte, descendiam dos Tabajares e Tapuias; 32, os *Guivos*; 33, *Aramitos*; 34, os *Cancaiares*, habitavam junto á costa maritima da Bahía de Todos-os-Santos. As mulheres Cancaiares tinham os peitos tão compridos que lhe chegavam ás coxas; quando sahiam, faziam delles embrulhos e os levavam ás costas; 35, os *Campechos*, que não comiam carne humana; 36, os *Aguigueros*; 37, os *Mariquitos*, habitavam as costas, entre a Bahía de Todos-os-Santos e Pernambuco; 38, os *Maragajás*, occupavam as costas, entre o Espirito-Santo e Rio de Janeiro; 39, os *Aymorés* ou *Aymores*, habitavam entre a Bahía de Todos-os-Santos e o Rio Doce. Eram ferozes, e bem assim. 40, os *Ighigríacupos*, seus alliados, e o exemplo dado, foi o que aconteceu na batalha que lhes deo o governador *Mem de Sá* quando elles foram atacar Porto-Seguro e Ilhéos; 41, os *Vaitagnaeses*, que habitavam os contornos de Cabo-Frio, entre o Rio de Janeiro e a Parahyba do Sul; 42, os *Guaytacazes*, visinhos dos *Vaitagnaeses*, estendiam-se desde as planicies que hoje são conhecidas por Campos dos Guaytacazes, ao longo da margem meridional da Parahyba do Sul, até a praia meridional do rio Xiquito, nos contornos de Villa-Rica: elles eram inimigos declarados dos Vaitagnaeses.

(*) Suppõe-se serem os habitantes da ilha de Itaparica.

qual os viajantes, quasi que sempre exageram, dão até doze pés de altura.

E' para admirar que na Europa se falle ha mais de duzentos annos em Gigantes Patagões, parecendo ainda duvidosa a sua existencia. As Tabas, ou Familias Gigantescas, de que fallamos, foram vistas no paiz dos Patagões, pelo Italiano Pigafetta em 1519; pelo Hespanhol Sarmiento em 1572; pelo Inglez Knivet em 1592; pelo Inglez Ricardo Hankins em 1593; pelo comodoro Biron em 1764. Grande

Dizem que, esta nação presumida e orgulhosa, e que habitava em um paiz de mais de 200 leguas, era o inimigo implacavel das outras nações, e jámais foi subjugada, e conserva ainda a sua independencia, se bem que occupando territorio menor: vivem em commum, e na mais perfeita união, sendo o seu brasão conservar boa harmonia, menos com os estranhos, pois se julgam superiores; 43, os *Botucados*, habitavam as visinhanças de Minas-Geraes; têm por brasão serem guerreiros e valentes; 44, os *Pariés*; 45, os *Onaimarés*, vivem afastados do littoral, e mostram ser de um caracter pacifico: as suas habitacões se encerram em redes de panno de algodão, suspensas entre arvores, e cobertas de um tecido de palha com que elles se abrigam das intemperies e calamidades das estações; 46, os *Molopaques*, occupavam os lugares além da Parahyba do Sul: seus costumes eram brandos e de maneiras affaveis: ao chefe sómente é permittido ter muitas mulheres. Seus terrenos abundam em minas de ouro, sem comtudo se aproveitarem mais do que daquella porção que o acaso lhes mostra; 47, os *Lopis*, montanhezes, que habitam mais distantes: sua alimentação é fructifera, e seus terrenos abundam em pedras preciosas; 48, os *Coramarés*, habitavam a ilha do Araguaes; têm brandura natural, e afeição aos bons usos e costumes; 49, os *Guegues*; 50, *Timbras*; 51, os *Jeicós*; 52, os *Aucapurás*, eram habitantes da comarca do Piahy, e alguma cousa para a banda do Maranhão: 53, os *Guarés*; 54, os *Arahis*; 55, e *Caicazes*, avizinhavam-se às Amazonas. No outra extremidade para a banda do Matto-Grosso habitavam: 56, os *Guaycurús*; 57, os *Carigés*, habitavam entre o Rio Grande do Sul e S. Vicente. Entre todos os Indianos, eram os Carigés os mais trataveis e humanos; 58, os *Petiguazes* ou *Petivozes*, habitavam as margens do Parahyba: ha em seu territorio abundancia de pão brasil. Elles são trataveis, civis e valorosos: admittem a polygamia, e talvez seja essa a razão delles não matarem animaes femeas, emquanto estão gravidas; têm os beigos furados; 59, os *Viataens*, foi uma nação muito numerosa, mas está reduzida a pequeno numero, porque foi destruida pelos primeiros, a quem os Portuguezes excitaram para que os Indios vendessem uns aos outros. E' gente barbara, porque se matam cruelmente a si proprios. Têm elles os seus estabelecimentos no interior; 60, os *Tupinaques*; 61, e os *Coroés*, são vingativos e irreflectidos, habitavam as proximidades do rio da Prata; 62, os *Anhelimes*; 63, *Aracuitas*; 64, e *Cosivares*, habitavam em subterraneos; 65, os *Tapiquiras*, são robustos, de

numero de outros viajantes, perlustraram a terra dos Patagões, e nunca lá viram Gigantes. Ora, parece que daqui resultam duas cousas : Primeira, que o paiz dos Patagões não é geralmente Giganti-fero, como tantas vezes se tem dito, e typographado. Segunda, que realmente ha algumas familias de gigantesca estatura em as terras pelos Patagões habitadas, mas que são muito raras, pois se alguns viajantes as têm visto, outros, depois de muitas indagações, não puderam dar com ellas.

estatura tão pequena que eram chamados pigmeos ; 66, os *Avaitagnedes*, são por natureza porcos, e vivem em paiz lodoso, e dormem no chão em esterqueiras, com o que se satisfazem e se nutrem ; 67, os *Onayvaneses*, são pequenos, valorosos e barrigudos, tendo os cabellos mui compridos ; 68, os *Anaynassones*, são simples e de boa altura, bem feitos, mas mui preguiçosos, passam os dias dormindo, enquanto que as mulheres trabalham. Elles não têm patria, nem governo ; quando acontece por causa de contendas, que uns matem os outros, entregam os matadores aos parentes dos mortos para serem sacrificados ; e as duas familias se reúnem e dão um banquete em signal de reconciliação. O adulterio entre elles é punido com a morte, um dia depois que a adúltera dá á luz o fructo de seu crime. A hospitalidade é acto sagrado entre elles, mas o hospedado não póde trocar a primeira cabana em que foi recebido por outra, seja o motivo qual fôr, sem que faça um ultraje ao seu primeiro hospedador. Elles praticam honras funebres : celebram as façanhas dos mortos, e depois os enterram em pé, com os seus ornamentos, que são uma maça, um arco e suas flexas ; 69, os *Pitaguares*, habitavam nas proximidades do Maranhão : eram ferozes, e por elles é que foram estrangulados os filhos do historiador portuguez João de Barros ; 70, os *Aramarizes*, habitavam o interior da Bahía de Todos-os-Santos, pelo lado do norte, eram briguentos e dados ao latrocínio ; 71, os *Tupinamborónós* ; 72, e os *Manés*, habitavam as vizinhanças do Pará. Fizeram por vezes guerras cruentas em defeza propria, aos povoadores europeos ; 73, os *Nheemgaibas*, habitavam nas proximidades do cabo do norte. Em 1659 o padre Antonio Vieira conseguiu que elles fizessem pazes com os Portuguezes, com quem andavam em guerra havia 20 annos, evitando com isto as vistas sinistras dos Hollandezes, attenta a confiança que nelles punham ; 74, os *Guarlés*, habitavam nas margens do rio de S. Lourenço, junto á Cuyabá, na provincia de Matto-Grosso ; 75, os *Guaycurús* ou *Charruas*, occupavam a ilha de Santa-Catharina ; 76, os *Tomonuymis*, habitavam no interior, em especies de cidades cercadas de palissadas e de muralhas de seixos ; suas casas eram construidas de tabique, o que comprova bem que eram trataveis, visto abominarem o ocio, e se darem a trabalhos que lhes promovem as commodidades da vida ; 77, os *Guaranys*, occupavam o Rio Grande do Sul e seus contornos, e a sua linguagem é a que se reconhece como a linguagem geral dos primitivos habitantes do Brasil.

Os Pretos-Branços, que se encontram em pequeno numero na Africa, na Asia e na America, não produzem na generalidade dos homens nenhuma especie, nenhuma raça, nenhuma nação, nenhuma variedade; porque são meramente individuos de raça Mouro ou Negro, cuja constituição foi grandemente alterada, e estão para a raça Negra na razão em que outr'ora estavam para a raça Branca na Europa e Asia, os Leprosos, isto é, são homens abastardados e degradados em suas faculdades naturaes. Taes são os Blafardos do Isthmo de Darien, na America, os Dondos da Africa, os Kackerlakes da Asia, tres nomes que não significam mais do que uma mesma classe de homens que muitas vezes se reúnem debaixo do nome commum de Negros ou de Albinos.

« Os Negros (diz o autor das Indagações sobre os Americanos) são sujeitos a certas molestias ou indisposições, que lhe fazem perder a côr natural; e esta metamorphose, que altera o fundo de sua constituição e organização, é nelles acompanhada de horriveis symptomas. Seu corpo se incha, sua pelle toma um branco de panno lavado, seu Iris se torna nebuloso, e todos os objectos lhe parecem descoloridos, como á aquelles que na Europa padecem de ictericia. Sua retina fraca e morbifica não basta a impressão da luz; durante o dia se fecha de tal modo o botalho do olho que parece não ser aberto, e de noite se abre tão sobejamente que recebe luz bastante para guiar-se e ir caçar nas mais espessas florestas. » Taes são os Albinos da Africa, America e Asia.

Conta Strahleberg, que ha na Siberia, nas cercanias de Crosnoyar, junto ao lago Janescy, homens malhados que se diz terem nascido de uma numerosa tribu que hoje está quasi extincta, chamada Tigrada ou Malhada. Gnelin, autor das notas sobre a historia genealogica dos Tartaros, depois de infatigaveis indagações na Siberia, conclue que nella houvera uma tribu de semelhante nome, porém nega que os individuos de que ella se compunha, fossem todos remendados de negro e branco, vindo por este modo todo o phenomeno a consistir em terem havido naquella familia e seus descendentes, alguns individuos sarapintados: e indagando-se destes, se tal variedade lhes provinha do nasci-

mento ou [de molestia, responderam que de uma e outra cousa.

Como os Tungusos são naturalmente bronzeados, não duvidamos que sejam sujeitos a algumas indisposições mui semelhantes áquellas que transformam os Negros em Albinos, e que estas indisposições, longe de affectar geralmente todo o corpo, como entre os Albinos, só affectem certas partes divididas em zonas ou plagas irregulares; e que esta variedade passe depois dos paes aos filhos, pelo mesmo mechanismo physico que transmite outras muitas entre todas as nações do mundo.

Houveram viajantes que affirmaram existir em algumas ilhas da Asia, por exemplo, na ilha de *Borneo*, e nas ilhas *Manilhas*, *homens com cauda* (1) isto é, selvagens de um e outro sexo, cuja espinha dorsal remata em uma pequena cauda, mui semelhante á das cabras e dos gamos. Isto assim posto, não vemos neste phenomeno mais que uma excrescencia singular, e um prolongamento insolito do coccix, o que não basta para fazer destes selvagens uma raça á parte.

Esta excrescencia, ou prolongamento do coccix, em fórma de cauda nos selvagens de que fallamos, não é mais admiravel que os *Aventaes Naturaes* que nas mulheres *Hottentots*, fórma a excrescencia insolita que lhe prolonga a pelle do ventre, desde o embigo até ao meio da perna, formando uma especie de pequeno avental flexivel e movel, inherente á sua substancia e pessoa.

Algumas historias, *mais que apocriphas*, fallam de homens aquaticos que vivem em certos rios e mares; de homens subterraneos que vivem nas cavidades da terra, como toupeiras e coelhos; de homens selvagens, ou de uma especie de brutos, mui semelhantes ao homem, que nos sertões de *Borneo* e das *Manilhas* se nutrem de hervas, raizes e casca de arvores. Mas taes historias, cujos contos pueris foram tão avidamente adoptados pelo autor de *Telliamed*, e por outros escriptores, são ao presente tidas em conta de fabulosas pelos naturalistas judiciosos. Mas, dando-lhe mesmo gratuitamente um gráo de autoridade, que ellas não têm, não provariam mais que a existencia de cer-

(1) Mais adiante fallaremos destes individuos e dos aquaticos justificados pelo Dr. *Guindaut*.

tas especies de brutos na parte solida ou liquida do nosso globo, que dão ares da figura humana. O homem marinho, que dizem apparecêra nos mares da Martinica em 1671, parecia-se com um rapaz da cintura para cima, o resto do corpo era de peixe, e terminava em uma cauda larga e forquçada. O homem selvagem de Borneo, cuja figura se diz mui parecida com a de certos selvagens da Africa, é reconhecido pelos nativos da ilha por um verdadeiro bruto.

« O padre le Comte, que viajou pela mais interessante parte da Asia, tanto como observador e philosopho como missionario, nos deu a conhecer nas suas Memorias uma especie de macaco que vira na Asia, o qual assemelhava-se mais ao homem que todos os homens aquaticos e subterraneos de que acabamos de fallar, e o qual seria talvez o mesmo, que o homem selvagem de Borneo. « Este macaco, diz « elle, anda naturalmente sobre os seus dous pés, como um « cão a quem se ensinou a dansar. Elle serve-se, como nós, « dos seus dous braços ; a sua cara é quasi semelhante á dos « selvagens do Cabo da Boa-Esperança ; mas o corpo é todo « coberto de uma lã branca, negra e grisalha. Tem o grito « perfeitamente semelhante ao de um menino, e toda a « acção exterior tão humana, e as paixões tão vivas e tão « designadas, que os mudos não podem exprimir melhor « seus sentimentos e suas vontades. Parece de um natural « tão terno, que para testemunhar sua affecção ás pessoas, « que conhece e que ama, as abraça e beija com o mais vivo « transporte. « Tambem tem outro movimento que se não « acha nos outros animaes, e que é mui proprio dos meni- « nos, e vem a ser : bater com os pés nas affecções de prazer « ou tristeza quando se lhe dá ou recusa o que deseja com « muita paixão. Ainda que sejam mui grandes (porque os « que tenho visto tinham quatro pés de alto), sua ligeireza « é incrível. E' um prazer vê-los correr pelas cordagens de « um navio ; os dansarinos de corda nem os emitam de « longe. »

De todas as differentes especies de animaes terrestres ou aquaticos, o macaco é a especie que se assemelha mais com o homem ; e entre as differentes raças de macacos, a que mais perfeitamente se parece com elle é o *Urang-Utangó*. « Este « animal, diz Buffon, tem uma lingua como nós, um cerebro « organizado como o nosso ; mas não falla, nem pensa. Desta

« maneira o intervalo que o separa da nossa raça, é total, im-
« menso, e tão grande e tão real quanto póde ser. A confor-
« midade da sua figura não o approxima da natureza humana,
« nem o eleva sobre os brutos: em uma palavra, se lhe tira-
« mos a mascara, só resta delle um macaco. » Apesar da
« mais perfeita semelhança da figura, é evidente que o homem
« e o macaco são duas especies essencialmente diferentes.
Logo, ainda sendo verdade que houvesse em a natureza al-
« gumas especies de peixes ou de quadrupedes que tivessem
« a mais pequena semelhança com a figura humana, seguir-se-
« ia sempre que estes animaes são diferentes da raça dos
homens. Disto resulta, que a especie humana se póde e deve
dividir entre raças accidentalmente diferentes; que são: a
Raça Branca, a *Raça Negra*, a *Raça Tartara*; e tal é a di-
visão que hoje dão os mais celebres naturalistas. Examine-
mos se estas tres raças podem ter uma origem commum ou
como se metamorphoseou uma em outra.

Emquanto á propagação e mistura destas diferentes ra-
ças, sabe-se que um negro e uma negra produzem um ne-
gro, tanto na Europa como na Africa, sem que a habita-
ção de um ou de muitos seculos nas zonas temperadas mu-
de sensivelmente a côr primitiva: que um branco com uma
negra, ou um negro com uma branca, produzem um mu-
lato, á quem no Brasil chamam cabras: metade branco e
metade negro; que um branco, com uma mulata, ou um ne-
gro com uma mulata, produzem um mulato, tres quartos
branco e um quarto negro; ou tres quartos negro e um quar-
to branco, á quem chamam Cafúa, e assim progressivamente
até produzirem ou um todo negro, ou um todo branco.

Daqui se conhece facilmente o que resultaria da mistura
da raça branca com a raça Tartara, ou da raça Tartara com
a raça negra. A mistura destas tres raças tem multiplicado
como ao infinito na Asia a gradação de côres differenciaes da
especie humana.

Alguns naturalistas são de parecer que a especie huma-
na só se deve dividir em duas raças, branca e negra, e que
a raça Tartara não differe bastante da raça branca e da raça
negra para fazer uma raça á parte. De um negro e de uma
mulata, dizem elles, nascerá um quarto, ou um oitavo, a
quem a differença dos climas e o genero de vida transforma
facilmente em Tartaro. As diferentes variedades que

se observam na especie humana podem derivar-se da influencia das causas physicas.

Em qualquer numero de Raças que se divida a especie humana, em 2, 3, 8 ou 10, o que é indifferente, póde-se dizer com toda a certeza philosophica de que uma tal materia é susceptivel, que é unicamente do clima, do alimento, da educação, do genero de vida, das enfermidades particulares ou nacionaes que dependem as *differenças dos povos*; isto é, a differença do humor geral e dominante; a differença de côr, de caracteres, de figura; a differença de prematuridade no augmento ou diminuição (1); a differença dos humores, das inclinações, dos gostos, dos sentimentos, das paixões e dos costumes.

Os maiores physicos, os mais celebres medicos, os mais habéis naturalistas, tanto antigos como modernos, concordam em reconhecer como um facto incontestavel, a *influencia do clima* tanto em toda a massa do sangue e dos humores, aos quaes secca mais ou menos, e dá mais ou menos unctuosidade, fluidez ou viscosidade, acção ou inercia, como em toda a constituição geral, exterior e interior, que faz mais, ou menos sã, mais ou menos robusta, mais, ou menos flaccida ou energica. O habitante da Laponia e da Siberia é degenerado e desgraçado em sua natureza, pelo vicio do seu gelado clima, cujas geadas atacam, corroem, alteram de continuo o mais sensivel e o mais solido da sua organização, e lhe tiram o meio de se formar e de se desenvolver em liberdade. O habitante de Guiné e do Congo, é degenerado pelo vicio do fogo abrasador do seu clima, o qual dessecca ou consome, desarranja ou destróe, e faz inutil a parte mais subtil e mais delicada dos orgãos, como tambem as funcções intellectuas do espirito e do genio. A natureza humana não está em suas forças ou riquezas senão nos climas felizes das zonas temperadas, onde nada altera o essencial da constituição e da organização.

Quando à differente influencia dos climas, se junta a dif-

(1) Em alguns lugares da Zona Torrida, as mulheres se casam aos nove annos; são mães aos dez, e velhas aos vinte ou vinte e cinco. Ellas nunca têm influencia no governo político, ou domestico porque entre ellas, o imperio da belleza não tem a mesma força que o imperio da razão.

ferente *influencia de um grande numero de causas*, não menos activas e efficazes, por exemplo, a diversidade das substancias do alimento, a diversidade da maneira de viver, a diversidade das doenças desusadas e violentas que de seculo em seculo parecem nascer sobre a terra para destruir nações inteiras, e que só desapparecem depois de terem, de alguma sorte, desnaturalizado as desgraçadas victimas que escapam á sua tyrannia, e depois de lhe terem impresso vicios transmissiveis de paes á filhos; poderemos admirar-nos das differenças que se acham entre um e outro povo, vergonteadas do mesmo tronco, e primitivamente filhos do mesmo pae?

A maior variedade que ha na especie humana é, sem contradicção, a que distingue os negros dos brancos; e é esta a que merece mais attenção.

« Fazendo-se a anatomia dos negros, e analyzingando-se seus humores essenciaes, tem-se observado que elles têm a substancia medullosa do cerebro denegrida; a glandula pineal quasi inteiramente negra; o enlaçamento dos nervos opticos tisdado; o sangue de um vermelho mais carregado que o nosso. Entre a epiderme e o pello do homem acha-se uma especie de geléa ou de substancia gelatinosa que os anatomicos chamam indifferentemente o corpo mucoso ou o redenho de Malpighi. Esta geléa é branca nos Europeos, negra nos negros, bronzeada nos mulatos, côr de grêda nos Albinos, manchada nos homens mui corados: ella é mais coagulada e mais viscosa nos negros que nos outros homens.

« Todas as plantas têm suas raizes cabelludas na terra á qual devem seu nascimento e crescimento: da mesma sorte todos os cabellos do corpo humano, que são uma especie de vegetação, têm suas raizes bulbosas na pelle, a qual é como a matriz e o terreno que os deve produzir e alimental-os. Os germens destes cabellos, recebidos neste terreno e desenvolvidos nas suas raizes bulbosas, crivam com suas pontas a membrana rectorial, e depois a epiderme, que não é mais que a superficie endurecida da geléa de que o pello está untado. Ora, como entre os negros, os cabellos têm de atravessar um meio mais tenaz e mais condensado, elles se entortam, revoltam, increpam e não se estendem, porque acham um alimento menos abundante e pouco

ductil, no tisso do pêllo e no seu envoltorio ou capa, quando no resto dos homens, elles se estendem e se alongam com liberdade, porque acham em sua pelle um alimento mui abundante, o qual se coalha e se consolida em seu desenvolvimento na sua maneira exterior. Daqui vem o cabello curto e crespo dos negros, e o cabello lizo e fluctuante do resto dos homens.

« Como as substancias do sangue, do fel, do cerebro e dos humores destinados para a conservação da especie, são em os negros mais sombrias, obscuras, mais negras emfim que nos outros individuos da especie humana, conhece-se facilmente que devem, pela secreção, sahir continuamente átomos colorados que, interceptados e suspensos pela viscosidade da membrana rectorial, pintam de negro mais ou menos fechado todo corpo dos pretos.

« Uma experiencia bem sensivel demonstra a existencia e a secreção destes átomos colorados em os negros. Quando um Africano tem transpirado muito, e limpa as mãos e a cara á um panno branco, seu suor fetido, impregnado de particulas da gordura rançosa, que tem permanecido por muito tempo entre a pelle e a epiderme, ennegrece o panno, e, observando-se com um microscopio, se distingue um sedimento formado de pequenos grãos negros, sedimento que não produz o suor de um branco.

« Os negros e as negras são brancos (diz o autor das Indagações sobre os Americanos) porque sua epiderme e sua geléa interior tendo sido banhada e destemperada pelo fluido em que o feto tem nadado, não podem ser assás compactos para reter, debaixo da pelle, a substancia negra que os vasos exhalantes attrahem : eis, porque vemos o corpo dos negros afogados fazer-se branco depois de estar alguns dias debaixo da agua.

« Outra razão da alvura do embryão é que a bilis ainda se não tem derramado no sangue, o que só succede ao terceiro ou quarto dia. Então, esta effusão se declara por um amarello em todo o corpo, que desde esta época ennegrece até á adolescencia. O signal distinctivo dos negros, no momento em que nascem, é um filete negro que têm na raiz das unhas. Finalmente, a differença que resta entre a raça branca e negra não basta para suppormos vir ella de uma origem primitivamente diversa. Todos os dias vemos exem-

plos de alterações não menos admiráveis, e que se transmitem de paes á filhos : taes são, familias inteiras de leprosos, gottosos, epilepticos, etc., cujo vicio primitivo os naturalistas attribuem, ou á natureza do clima, aos alimentos, ao modo de vida, ou á qualquer outra alteração dos órgãos interiores ou exteriores (1). »

Da physionomia da testa.

(SEGUNDO LAVATER.)

.....? A' frente,
Qual soberana, lhe preside, e manda!
MACEDO (*Medit.*)

Lavater, comprehendendo a importancia da testa, e ha-

(1) Os Indios, ácerca das perguntas sobre que foram consultados, e ácerca da tinta, especialmente, de como não conservavam as côres, responderam com a graça seguinte : Façamos uma experiencia diziam : trocai vós outros conosco os trajés, e andae nús ao sol e á chuva, quaes nós andamos ; e vereis logo que de brancos vos haveis de tornar da nossa côr. E quanto á mudança das linguas, diziam que com o decurso dos tempos, variedade dos lugares e divisões que tinham feito entre si, por causa de seus odios e guerras, foram forçados a chegar á esquecer-se dos vocabulos patrios e ajudar-se de outros de novo inventados.

Na resposta que deram, attribuiam a mudança das côres ao demasiado calôr que fere suas carnes, e parece que fallaram conforme a philosophia e experiencia ; porque os philosophos concordam que a côr branca procede de summa frialdade, como se vê nos pés. Por isso Aristoteles attribue a brancura do cysne á frialdade do ventre da mã, e a negrura do corvo, ao calor do ventre da mesma. E destes dous extremos se tiram as côres entremeias vermelha, amarella, verde, etc., segundo a diversa intensão do calor ou frio : quanto mais participam do calor, tanto mais se chegam ao preto ; e quanto mais do frio, tanto mais ao branco : assim, que foi a opinião dos Indios conforme a philosophia. E foi tambem conforme a experiencia, porque segundo isto, vemos, lançando os olhos por todos os climas do mundo, tanta differença de côres nos homens ; tudo nasce do temperamento diverso de que gozam Os Europeus, quanto mais chegados ao pólo gelado, tanto mais brancos são, como os Hollandezes, Flamengos, Allemães. E pelo contrario os Africanos, Asiaticos e Americanos, quanto mais chegados ao torrido da Zona, onde mais predomina o calôr, tanto mais pretos são. E daqui vem, que uns nascem alvissimos, outros mais brancos, outros tostados, outros fulos, outros vermelhos, outros pretos e outros sobre o preto azevichados.

Porém, não obstante toda esta doutrina, nem os Indios, nem os philosophos, nem a experiencia, parece satisfazerem bastantemente, porque

vendo estudado os phenomenos por ella manifestados, diz que com razão, esta parte do corpo tem bem merecido o nome de porta da alma e templo do pudor, *animi januam, templum pudoris*. Reconhecendo haver-se muito escripto sobre a physionomia da testa, transcreve as observações alheias, confirmando as exactas, e regeitando as que são falsas ou vagas.

A parte ossea da testa, sua fôrma, sua altura, seu arqueamento, sua proporção, sua regularidade, marcam a disposição e a quantidade de nossas faculdades, e de nossa maneira de pensar e de sentir. A pelle da testa, sua posição, sua côr, tensão ou relaxamento, fazem conhecer as paixões da alma, e o estado do nosso espirito; ou em outros termos, a parte solida da testa, indica a medida interna de nossas

padece as instancias seguintes: Se toda a causa da sua côr vermelha é a razão do clima e calôr, os Portuguezes, que vêm a viver entre elles, no mesmo clima e calôr, e ainda dentro de seus mesmos sertões, e talvez despidos, como elles, por toda sua vida, porque são sempre brancos? E porque de suas mulheres brancas geram-se brancos, e estes geram outros brancos e não vermelhos, como elles? E pelo contrario os Indios, que vão viver entre os Europeus no mesmo clima, e no mesmo frio, como elles, porque ficam sempre vermelhos, e estes geram outros semelhantes, e são brancos como os Europeus?

Aristoteles parece que attribue a differença destas côres á imaginação, segundo aquelle dito seu *Imaginatio facit causam*. Mas (deixemos a historia celeberrima da sagrada Escripura, Genesis 10, numero 3, das côres diversas das ovelhas de Jacob, nascidas da imaginação das mãis, e outras historias de animaes que trazem os autores), vamos aos homens. Quintiliano defendeu de adulterio a uma mulher branca que parira criança preta, só com mostrar que estava em seu aposento ao tempo da concepção o retrato de um Ethiope. Tasso, escreveu ácerca de Clorinda, que nasceu branca de paes pretos, só por estar onde foi concebida a pintura de uma virgem branca. Heliodoro, conta o mesmo de Caridea, que nasceu branca, só porque a rainha de Ethyopia, sua mãe, costumava olhar para um retrato de Andromeda branca. Outros casos semelhantes escrevem os autores a cada passo; e não ha duvida que tem a imaginação efficacia para maiores monstruosidades: de que se pôde vêr um livro inteiro do padre João Eusebio Nieremberg, em sua curiosa philosophia, e é o segundo. Porém a meu vêr, esta doutrina não tem aqui lugar, porque de successos singulares não se argumenta com efficacia para o geral, que sempre acontece: porque era necessario provar no nosso caso que sempre os Indios desta terra, ao tempo da sua concepção, têm na memoria a sua côr vermelha, o que não tem probabilidade alguma.

Chronica da Companhia de Jesus, por Vasconcellos.

faculdades, e a movel o uso que dellas fazemos. A parte solida fica sempre sendo o que é, ainda que a pelle exterior se enrugue : emquanto ás rugas, variam conforme a constituição ossea. As de uma testa chata são differentes das de uma arqueada, de sorte que, consideradas de um modo abstracto podem-nos fazer julgar da fôrma da testa, e reciprocamente se poderá determinar, segundo esta fôrma, as rugas que a testa deve produzir : tal testa não admite senão rugas perpendiculares; ellas serão exclusivamente horizontaes n'uma segunda; arqueadas n'uma terceira; misturadas e complicadas n'uma quarta. As testas lisas, e que menos angulos têm, são ordinariamente as que têm rugas mais simples e mais regulares.

Uma testa estreita annuncia um homem indocil; uma testa larga e escavada em baixo é indicio de estupidez, poltronice e incapaz de grandes cousas; uma testa quadrada, promette grande fundo de sabedoria e coragem.

Uma testa elevada e arredondada denota franqueza, benevolencia, beneficencia, facilidade de contentar, o ser serviçal, reconhecimento e virtude.

Uma testa mal feita e sem rugas é indicio de ferocidade e perfidia; uma muito grande e desforme, desigual e funda no meio é indicio de character timido, preguiçoso e estúpido; porém uma testa grande, bem feita e regularmente arqueada é signal de coragem, actividade e intelligencia.

Uma testa pequena e estreita demonstra inconstancia, inquietação e indocilidade. Se a testa é oblonga indica bom senso e espirito claro; se é quadrada indica magnanimidade de coração; se é circular arrebatamento e tolice.

Uma testa achatada indica um natural afeminado; uma testa regular e carregada de rugas denota espirito reflectido e melancolico, e ás vezes espirito limitado e leviano. A disposição das rugas é que decide, por sua regularidade ou irregularidade, sua tensão ou relaxamento. A abundancia de rugas caracteriza um homem assomado e violento, e que se não abranda facilmente, quando se encolerisa : se ellas occupam só a parte superior da testa exprimem espanto misturado de toleima; se ellas se concentram para a raiz do nariz, annunciam um homem grave e melancolico. Se a testa não tem signal de rugas, annuncia humor alegre e derretido. A testa muito aberta denota o homem lisongeiro;

uma testa sombria é signal de character rabugento, triste e cruel.

Uma testa desigual e dura, alternativamente cortada por elevações, apresenta o indicio de um homem prodigo, licencioso, infiel, duro, activo e cheio de projectos.

Diz um escriptor Allemão, que uma testa arredondada e elevada, annuncia franqueza, alegria, bom coração e juizo; sendo unida, lisa e sem rugas, prognostica character imperitante, enganador, porém pouco sensato.

Uma testa pequena occulta espirito ignorante, cruel e ambicioso; sendo redonda, saliente nos angulos e sem pello designa razão sã e desejos de grandes cousas, isto é, daquellas que se referem á gloria ou proveito. Sendo a testa aguda para as fontes é o signal de um homem máo, ignorante e versatil; se é carnuda no mesmo lugar é signal de homem arrogante, teimoso e grosseiro.

Uma testa encrespada e fendida pelo meio presagia espirito limitado e altivo, e revezes da fortuna. Testa volumosa em todas as partes, redonda e calva é signal de espirito fecundo em repentes e ardiz, orgulhoso, colerico e matreiro. Sendo a testa elevada, alongada, globulosa e acompanhada de um queixo pontudo denota um ente fraco e simples.

Idéas philosophicas de Peuschel sobre a physionomia da testa.

A extensão da testa, diz *Peuschel*, vae de uma fonte á outra, e comprehende ordinariamente o espaço de 9 polegadas. A testa, considerada em sua largura, divide-se em 3 partes iguaes, que, para um homem judicioso e bem organizado, devem ser delicadamente arqueadas em relevo, sem achatamento, nem covas. A primeira destas partes é que indica memoria; a segunda, dá a conhecer a força do juizo, e a terceira riqueza de espirito.

Uma testa perfeitamente redonda não prejudica á memoria, nem ao espirito; porém, se a parte média, é a mais espaçosa e saliente, tereis o character e distinctivo de um juizo superior. Ao contrario, se a secção superior é mais elevada que a inferior, é a memoria que sobresahe ás outras

partes intellectuaes. Se é emfim a secção inferior que tem mais elevação e mais extensão, é o espirito que predomina.

1.^a Uma testa bem proporcionada, que tem todas as suas dimensões em largura e em comprimento, e que não é muito carnuda, denota muita aptidão e capacidade para todas as cousas.

2.^a Uma testa excessivamente volumosa denuncia homem de concepção dura, mas que conserva bem o que aprende. Lento e preguiçoso para formar idéas, não terá menos trabalho e repugnancia para executal-as.

3.^a Uma testa muito larga indica homem colerico, orgulhoso, vão e fanfarrão.

4.^a Uma testa que exceda ao tamanho ordinario em comprimento e largura, e que é ao mesmo tempo muito elevada, póde ser collocada na mesma classe da segunda.

5.^a Uma testa pequena, curta e estreita, é signal de intelligencia muito limitada.

6.^a Uma testa redonda dá-nos idéa de homem colerico, altivo, impetuoso e vingativo.

7.^a Uma testa grande tem inclinação ao orgulho, e uma muito pequena significa colera e avareza.

8.^a Ha testas tão immoveis que a pelle que as cobre não é capaz de enrugar-se, salvo comprimindo-se ou estendendo-se as palpebras com esforço. Tambem ha homens que conservam os olhos continuamente baixos, simulando ar de sommo. Um tal olhar impede a mobilidade da testa, e indica uma indifferença e abandono invenciveis. A verdadeira causa da immobilidade da frente é a preguiça.

9.^a Uma testa cavada no meio caracteriza avareza.

Lavater não é favoravel á esta opinião e diz que a avareza é uma paixão tão complicada e depende de tal fórma da nossa posição, da nossa educação e de uma infinidade de circumstancias accessorias, que seria, conforme elle pensa, uma excessiva imprudencia sustentar que tal fórma de testa é signal de avareza, no mesmo sentido em que se tem dito, que outra fórma de testa indica character de juizo e bondade, sensivel ou duro, corajoso ou timido, suave ou arrebatado. No entretanto ha testas que trazem o sello de notavel inclinação para a avareza, e a menor conjectura bastará, talvez, para decidir. O avaro crê ter necessidades que não tem : não acha em si bastante energia, e nem esses re-

curso para prover suas necessidades, e julga-se por consequencia na precisão de recorrer a meios que sente lhe faltam. A escolha destes meios custa-lhe muitos cuidados e trabalhos, e o de occupar-se delles esquece-se do fim a que elles o deviam conduzir. Assim, a raiz da avareza provém de uma imaginação creada em necessidades, e que não encontra em si bastante força e poder para vencel-as ou satisfazel-as. A' vista disto, chama-se avaro áquelle que é atormentado por necessidades, que não é senhor; e esta definição prova-nos que a avareza é paixão de almas pequenas, pelo defeito da energia : aquelle que é bastante forte de si mesmo, póde passar sem soccorros extranhos.

O desinteresse distingue-se da avareza em que uma força interna basta para submeter as necessidades que nascem em nós, e que procurando vencer nossas paixões constitue um character generoso e desinteressado. A falta de uma força interna semelhante á esta, ou o sentimento desta falta de energia, eis o que torna o homem pusilanime e avaro. No entanto, a força ou a fraqueza de energia, tomando uma direcção perfeitamente differente, nem sempre póde degenerar em avareza. Com o mesmo gráo de força ou de fraqueza, um individuo collocado n'uma posição feliz, favorecido pela educação e pelas circumstancias, seguirá um caminho inteiramente opposto; creará outras necessidades, e se deixará dominar por paixões analogas, que talvez o dirijam á honra; no entanto que a avareza, propriamente dita, o afasta da vergonha : tornar-se-ha avaro do seu tempo, ávido de grandes acções, e invejoso de quem faz bem : por sua paixão, se limitará sempre ao objecto que de preferencia o occupa e o perseguirá com inquieta actividade.

Ora, que um character assim determinado tenha por attributo necessario uma testa cavada no meio, é uma affirmacção que não poderá ser adoptada senão á vista de inducção mais positiva. Por este exemplo, continúa Lavater, se vê quanto é imprudente o manchar a reputação de um homem por um signal unico e arbitrario, e particularmente quando este signal é tirado de partes solidas : entretanto, era este o methodo dos antigos e dos modernos, que os tem seguido passo á passo.

O physionomista philosopho deve seguir outro caminho, isto é, deve resolver as primeiras causas geraes da paixão,

para fixar o gráo e o genero de sensibilidade de que cada individuo é susceptível. Nunca esquece que a massa geral da nossa energia e a somma positiva dos sentimentos e das forças que nos são confiados, reside invariavelmente nas partes solidas do semblante, e que o uso voluntario e arbitrario que fazemos destas forças, explique-se pelas partes moveis. O systema osseo, mostra-nos o homem tal qual póde ser: as partes molles, fazem-nos conhecer o que elle é, e se se tem algum outro meio de examinal-o em estado perfeitamente pacifico, isento de paixões, ellas descobrirão até as suas mais occultas disposições.

10. Uma testa perfeitamente unida, sem rugas e sem vincos, e cuja pelle luzenta é muito adherente ao osso, denota homem sanguineo, impetuoso e amigo dos ornatos e das galantarias.

Lavater affirma ter encontrado estas especies de testas em pessoas mui fleumaticas e modestas.

11. Uma testa cabelluda, suppõe-se geralmente ser signal de concepção excessivamente dura; e quando as linhas da testa são interrompidas e cortadas, annunciam inclinação á libertinagem e á velhacaria, e mesmo torna-se presagio de morte violenta.

Dos olhos.

DESCRIPÇÃO PHYLOSOPHICA DO PADRE MACEDO

. ? A' frente,
Qual soberana, lhe preside e manda!

Quanto me assombram scintillantes olhos,
Que della, quaes dois soes, despedem luzes!
São mudos, mas interpretes fecundos;
Lenços, onde as paixões vivas se pintam!
Nelles se exprime a Natureza, e falla!
Mostra-se o crime, mostra-se a virtude;
Alli vêem d'alma os intimos arcanos!
Nelles se vê Caligula, e Antonio;
Nelles descubro Bonaparte, ou Tito;
Cezar mostra ambição, Pompeu grandeza,
Scipião mostra a pátria, e Scylla a morte;
Virgilio um nume, Tacito prodigios.

Turvos, se o odio, ou raiva, o peito inflamma ;
Serenos, se o prazer, um doce e meigo
Orvalhado fulgor nelles entorna :
A tristeza, o pezar, os turva, os fecha ;
Se teme o coração, com elle temem ;
A compaixão de lagrimas os banha ;
Prende nelles de amor o fogo, a chamma,
Na saudosa formosura morrem,
Na satisfeita formosura vivem :
Se geme o coração, tambem suspiram ;
Quaes vivos astros, que do eclipse emergem
Da sombra da tristeza ás luzes passam
Do, raro entre os mortaes, prazer ingenuo,
Que tecido de tunicas pasmoso !
Que lentes subtilissimas, por onde
(De todo a Newton, descoberto arcano !)
Ao centro d'alma a luz leva as especies,
Que do vasto espectaculo do mundo
(Simulacros incognitos) se espalham !

Descripção anatomica, physiologica e physionomica do olho e do apparelho da visão.

As funcções de relação, têm por fim não só aperfeiçoar a intelligencia do homem, como tambem estabelecer as suas relações com os objectos que o rodeam, e isto se faz por *impressões*, por *combinações*, e por acções e expressões com a voz, com a palavra, com o movimento e com os gestos.

São as sensações as impressões penosas ou agradaveis que resultam do exercicio da sensibilidade animal, e existem nos orgãos internos que transmittem ao cerebro sentimentos obscuros, mais ou menos agradaveis ou penosos, como acontece com a fome, a sêde e as dores internas. As sensações, propriamente ditas, são as que residem nos orgãos dos sentidos; e, portanto, devendo precedel-os, daremos a descripção do seu apparelho.

Compõe-se este apparelho de *partes accessorias* e *partes essenciaes*. As partes accessorias são : as *orbitas*, as *sobran-celhas*, as *palpebras* e seus *folliculos sebaceos*, as *carunculas*

lacrimaes, as *glandulas* e *vias lacrimaes*, e os *musculos do olho*. As partes essenciaes são : o *globo do olho*, suas *membranas*, seus *humores*, os *vasos* e *nervos* que entram em sua organização.

Da orbita.

A orbita é uma cavidade pyramidal ossea, um pouco quadrada, tendo a base para diante e algum tanto obliqua, e o vertice dirigido para a parte posterior e interna. Esta cavidade contém uma parte das *vias lacrimaes*, e o *globo do olho*, os *musculos* e os *nervos* que se distribuem no referido *globo*, e bem assim a *gordura* que envolve todas estas partes.

Das sobrancelhas.

As *sobrancelhas* são duas pequenas eminencias arqueadas, situadas na parte superior da base das orbitas : os *cabellos* que as *guarnecem*, moderam a intensidade da luz, e demoram os *corpos estranhos* que tendem á cair dentro dos olhos.

Das palpebras.

As *palpebras* são duas especies de véos moveis, estendidos diante dos olhos. As duas *palpebras*, superior e inferior, estão fixas na base da orbita e reunidas nas suas extremidades para formarem as *commissuras*. O bordo livre está *guarnecido* de *cabellos curtos* e *duros*, chamados *cilios* ou *pestanas*, que têm os mesmos usos que as *sobrancelhas*. Por sua face externa existem umas *glandulas sebaceas*, mui pequenas, *guarnecendo* os bordos, bem como no canto interno existem outras chamadas *carunculas lacrimaes*, que fornecem um *fluido unctoso*, facilita o movimento das *palpebras* e impede a *effusão* das *lagrimas* pela face. As *palpebras* servem para impedir a luz e interromper voluntariamente a vista, proteger os olhos e facilitar-lhes os movimentos.

Buffon, fallando desta parte da physionomia, diz : « Depois dos olhos, as partes do semblante que mais contribuem para marcar a physionomia são as sobrancelhas ; como ellas têm uma natureza differente das outras partes, são mais apparentes por este mesmo contraste, e chamam mais attenção do que qualquer dos outros traços ; as sobrancelhas são uma sombra no quadro, que anima as côres e as fôrmas.

As *pestanas* tambem fazem seus effeitos ; quando são longas e profusas, tornam os olhos mais bellos e o olhar agradável. Só o homem e o macaco é que têm pestanas em ambas as palpebras : os outros animaes não as têm na palpebra inferior e, mesmo no homem, ha menos cabellos na palpebra inferior, que na superior ; os cabellos das sobrancelhas ás vezes crescem muito na velhice, e é preciso cortal-os. As sobrancelhas só têm dous movimentos, que dependem dos musculos da testa, sendo um para erguel-as e outro para abaixal-as, approximando uma da outra. O professor Maygrier diz que o movimento de abaixamento e elevação da palpebra, resulta o primeiro da acção do musculo orbicular das palpebras, e o segundo da acção do musculo levantador da palpebra superior e do frontal.

Le Brun, tratando da expressão das paixões, diz que nas sobrancelhas ha dois movimentos que exprimem todos os movimentos das paixões. Estes dous movimentos têm perfeita relação com os dois appetites, na parte sensitiva da alma, o *appetite concupiscível* e o *appetite irascível*, que são os que levam ao cerebro todas as paixões ferozes e crueis. Ha diversas especies de elevações das sobrancelhas, uma em que a sobrancelha se eleva no meio, e esta elevação exprime sentimentos agradaveis ; outra quando a sobrancelha eleva-se no meio, a bocca ergue-se pelos cantos, como na tristeza. Quando o meio da sobrancelha abaixa-se, este movimento denota dôr corpórea, e então a bocca abaixa-se pelos cantos. No siso, todas as partes do semblante se harmonisam, porque as sobrancelhas, abaixando-se para o meio da frente, fazem com que o nariz, a bocca e os olhos sigam o mesmo movimento.

Lavater é de opinião que muitas vezes as sobrancelhas por si só servem de positiva expressão do character do homem, e disto são provas os retratos de Tasso, Alberto, Boileau, Turenne, Le Fèvre, Clarke, Newton, etc.

As sobrancelhas, brandamente arqueadas, estão de accordo com a modestia e simplicidade de uma joven virgem. Desenhadas em linha recta e horizontal, indicam character varonil e vigoroso. Quando sua fórma é meio horizontal, ou meio curva, annunciam força de espirito e ingenua bondade. As sobrancelhas grosseiras, e sem ordem, são sempre signal de intractavel vivacidade; porém, se os cabellos dellas são finos, esta mesma confusão annuncia ardor moderado. Quando ellas são espessas e compactas, e que têm os cabellos deitados parallelamente e, por assim dizer, sahidos da linha, promettem decididamente juizo maduro e solido, profunda sabedoria, senso recto e são. As sobrancelhas que se juntam, passam entre os Arabes por um traço de belleza; no entanto que os antigos physionomistas a ellas ligaram a idéa de um character taciturno.

Não posso adoptar, diz Lavater, nem uma nem outra destas duas opiniões: a primeira parece falsa, e a segunda exagerada, porque tenho encontrado estas especies de sobrancelhas nas physionomias mais honestas e amaveis. E' verdade entretanto que ellas dão ao semblante um ar mais ou menos carregado, e que assim, até certo ponto, podem fazer suppôr perturbação do espirito e do coração.

Winckelmann diz que as sobrancelhas apagadas dão á cabeça de Antonio uma expressão de rudez e de melancolia. Nunca vi, continúa elle, um pensador profundo, nem mesmo um homem firme e judicioso com sobrancelhas finas e muito altas, partindo a fronte em duas partes iguaes. As sobrancelhas finas são signal infallivel de fleuma e fraqueza. Isto não obsta que um homem muito colerico e energico possa ter sobrancelhas claras; porém, sua modicidade diminue sempre a vivacidade do character. As sobrancelhas angulosas e intercortadas denotam actividade de espirito productivo. Quanto mais ellas se approximam dos olhos, mais serio e profundo é o character: este perde sua força, firmeza e intrepidez, á medida que ás sobrancelhas sobem. A grande distancia de uma á outra, annuncia facil concepção, alma pacifica e tranquilla. As sobrancelhas esbranquiçadas, provém de um natural fraco; sendo de um pardo escuro são emblema de força.

O movimento das sobrancelhas é de uma infinita expres-

são : servem principalmente para assignalar as paixões ignobeis, o orgulho, a colera e o desdem. Um homem soberbo é um ente desprezador e desprezível.

Sentimentos de Herder sobre as sobrancelhas.

Abaixo da testa começam as sobrancelhas, arco-iris de paz por sua doçura : arco intezado pela discordia, quando exprime colera ; assim é elle, quer n'um quer n'outro caso, o signal das affeições. Não conhecemos nada mais attractivo e de expressão para o observador esclarecido, do que um angulo fino, bem pronunciado, que se termina com graça entre a fronte e o olho.

Do globo do olho (1).

O *globo do olho* está alojado na parte anterior e interna da cavidade *orbitaria*, e tem a fôrma de uma esphera ligeiramente aplanada em varios sentidos, cuja parte anterior se continúa com um seguimento de esphera muito menor.

Compõe-se o *globo do olho* de *membranas* e *humores* ; a primeira das *membranas* é a *conjunctiva*, de natureza mucosa ; esta membrana revestindo a face interna das palpebras, reflecte sobre a parte anterior do olho, e fôrma, junto ao seu angulo interno, uma prega triangular denominada *caruncula*, á que Bichat chamou *membrana pestenejante*. A segunda membrana é a *cornea transparente*, que se acha na parte anterior da abertura anterior da esclerotica, e como que engastada circularmente nesta ultima. Ella é formada de laminas e de uma natureza desconhecida. A terceira membrana é a *esclerotica* ou cornea opaca, que faz parte do *systema fibroso*. E' nesta membrana que se prendem

(1) Os olhos são órgãos de um sentido á que em parte devemos o conhecimento de nós mesmos, sem os quaes não podemos contemplar perfeitamente, nem distinguir facilmente e nem julgar com razão das differentes obras da natureza. Entretanto succede sermos privados delles totalmente ou em parte.

os musculos, rectos e obliquos do olho. Ella offerece duas aberturas; uma anterior, occupada pela cornea transparente, e outra posterior, atravessada pelo nervo optico e arteria ophthalmica. A quarta membrana é a *choroide*, que fica por detrás da esclerotica, cujo tecido está impregnado de uma materia negra pigmentosa, designada por Bichat com o nome de *fluido choroidiano*. A quinta membrana é a *retina*, que é a continuação do nervo optico que, entrando na esclerotica, se expande e forra ligeiramente o interior do olho. A sexta, finalmente, é o *iris*, especie de diaphragma, situado no interior do olho, cuja circumferencia se prende á face interna da esclerotica pelo *ligamento ciliar*, tendo no seu centro um buraco, perfeitamente redondo, chamado *pupilla*; a sua face anterior é de diversas côres; na face posterior prendem-se pequenos appendices membranosos, chamados *processos ciliares*.

Os humores do olho são: o *humor aquoso*, alojado na camara anterior do olho, entre a cornea transparente e o iris, e na camara posterior, entre o iris e o *crystalino*; o *crystalino*, especie de lentilha diaphana, formado de camadas concentricas, tanto mais duras quanto mais approximadas são do centro deste corpo. O *humor vitreo* que occupa mais das tres quartas partes posteriores do olho: este humor é mais consistente que o aquoso, e menos que o *crystalino*. Assemelha-se ao vidro derretido.

Glandula lacrimal.

A glandula lacrimal está de cada lado, situada em uma pequena escavação que se encontra na parte supero-anterior da orbita e sobre o olho. Ella tem a figura ovoide e achata-da, e o seu tamanho é pouco mais ou menos o de uma amendoa, tendo o seu grande diametro de diante para trás. Sua côr é de um vermelho amarellado, e se compõe de muitas glandulas unidas (conglumerada) pelo tecido cellular e separadas por vasos sanguineos e nervosos.

Por 7 ou 8 canaes excretores mui finos, despeja esta glandula as lagrimas, producto do seu trabalho, atrás da palpebra superior, e dahi, em differente direcção, vem formar os pontos lacrimaes em numero de dous aos lados do angulo

interno das palpebras, sendo um superior e outro inferior. Estes pontos, que estão sempre abertos, são arredondados e communicam-se tambem com o sacco lacrimal que se acha collocado na gotteira formada pelo osso unguis e apophyse montante do maxillar superior.

Os vasos e nervos lacrimaes são fornecidos pela arteria ophthalmica e veias do mesmo nome e palpebraes. O mais pequeno ramo do nervo ophthalmico é o que se vae distribuir na glandula lacrimal.

Das lagrimas.

São as lagrimas a expressão mais viva e característica dos sentimentos da alma. Ellas se manifestam nos olhos involuntariamente, quando o coração soffre ou são manifestadas pela violencia do tormento : ellas são, como bem diz Voltaire, a linguagem muda do padecimento.

A effusão das lagrimas, diz o celebre Dr. Darwin na sua Zoonomia, causada pelo pezar ou pela alegria, é sempre devida a um movimento sympathico. Logo que a terminação do canal do sacco lacrimal nas ventas é affectado por sensações agradaveis ou dolorosas, em consequencia dos estimulantes exteriores ou por sua associação com idéas agradaveis, os movimentos da glandula lacrimal, obrando ao mesmo tempo com mais energia, sobrevem um fluxo de lagrimas por uma associação sensitiva. Neste caso, existe um encadeamento de actos associados : a secreção da glandula lacrimal é augmentada por tudo que estimula a superficie do olho, ao mesmo tempo que a abundancia das lagrimas estimulando os pontos lacrimaes, augmenta a sua acção, e que o fluido assim absorvido, estimulando o sacco lacrimal em seu canal nasal, augmenta-lhe a acção. Este augmento de acção é determinado em direcção contraria á cadêa da associação : 1.º, o canal nasal do sacco lacrimal é excitado a augmentar sua acção por uma idéa despertadora; 2.º, os pontos lacrimaes, ou a outra extremidade do sacco lacrimal, sympathisam com elle, como as duas extremidades de todos os outros canaes sympathisam entre si; 3.º, os movimentos do canal excretor da glandula lacrimal estão associados com a acção augmentada dos pontos lacrimaes porque obram sempre juntos. Final-

mente, com as acções augmentadas do canal excretor desta glandula, vem-se associar os de sua extremidade porque muitas vezes obram conjunctamente, do mesmo modo que as extremidades dos outros canaes estão associadas e as lagrimas correm em abundancia.

Quando o pezar faz derramar lagrimas, acredita-se que ellas adoçam-lhe o amargor e isto merece algumas indagações ulteriores. Quando as sensações dolorosas são fortes, excitam a faculdade da volição, e o individuo continúa a recordar-se das idéas que occasionaram as sensações dolorosas; isto quer dizer, que o homem afflicto torna-se até então insensato ou melancolico; porém as lagrimas, sendo produzidas pela faculdade sensorial da associação, é provado que a dôr é mitigada a ponto de não excitar mais o poder excessivo da volição ou alienação; são por consequencia um signal da diminuição do estado doloroso do pezar, antes que causa deste consolo.

Os moralistas (1) e philologos, apreciando devidamente os caracteres das lagrimas, distinguem-as dizendo: « *Lagrimas* são gottas de humor aquoso que sahem aos pares dos olhos de quem chora. *Chôro* é acção de chorar ou derramar lagrimas por uma causa não estranha a nós, e por uma qualidade que nos é inherente. *Pranto* é a effusão do sentimento que naturalmente fazemos vertendo lagrimas a impulso de uma causa estranha a nós, e que nos produz grande dôr. O *chôro* pôde ser mudo e silencioso; o *Pranto* é sempre acompanhado de vozes sentidas e de gritos lamentaveis, e então se chama pranto desfeito. »

O Sr. Francisco Muniz Barreto, um dos nossos melhores poetas, sobre o tumulo de seu pae fallou d'est'arte:

Assim me vae descendo

Em pedaços a vida á sepultura (2).

(1) Yung tinha em tanto apreço o homem que chora, que se exprime assim: « Desprezemos o orgulhoso que tem pejo de verter lagrimas. »

Juvenal disse: « A natureza, dando-nos as lagrimas, prova que nos creou sensiveis. »

O celebre Pithagoras recommendava: « Poupae as lagrimas dos vossos filhos, para que possam derramal-as sobre o vosso tumulo. »

(2) A linguagem dos tumulos exprime tanta philosophia, significa

O restante do tronco
D'arvore, de que fui ramo bem triste,
De ha muito vacillante,
Lá em fim derribou a Mão do ETERNO:
O mal-cicatrizado
Golpe, que n'alma me fizera a parca,
Da vida á minha mãe cortando o estame,
Ei-lo de novo aberto
Co'a perda de meu pae; vertendo a frouxo
Sangue, em que se me vão prazer e alentos,
Já gastos na existencia amargurada.

Meu pae, que era o orgulho de seus filhos;
Que servio sua patria em quanto pôde,
Sem ambição de premios, que não teve,
Porque nunca a pedil-os
A grandes se humilhou, que vio pequenos;
Meu pae, que tão brioso, honesto e honrado
Nunca em acção ruim manchou seu nome;
Que á sombra de feliz independencia,
Em aurea mediania,
Contente viveo sempre no seu campo,
Sem cobiça ou remorso,
Que as horas do socego lhe turbasse;
Meu pae, meu charo pae — tão bom p'ra todos,
De todos tão querido onde habitava —
Para eu nunca mais vê-lo neste mundo
Lá comsigo o levou o anjo da morte! —
Assim me vae descendo
Em pedaços a vida á sepultura.

E que fôra de mim, se não tivesse
Estas lagrimas doces que derramo?
Meu DEOS! é o chorar um dos maiores
Beneficios que déste a humanidade.
Se dissolvida a angustia pelos olhos
Não vasasse aos mortaes, que peito houvera,
Que pudesse, da dôr no aperto inteiro,
Abrir-se, meu SENHOR, aos teus dictames?

tanto a dôr vivissima do coração, que se a não pôde ver sem ter humidos os olhos. A metaphora sublime com que o poeta principia a expôr a dôr de sua alma, vendo descer a vida em pedaços á sepultura, foi tão bem cabida que nos prendeu logo a attenção e nos chamou aos dominios da dôr a participarmos em commum dos seus sofrimentos.

Com elles me conformo, porque choro
A's vezes a razão nasce do pranto ;
Astro é que brilha ás vezes.
Só depois que de nuvens
Grossa chuva de lagrimas
Limpa e clarêa os horizontes d'alma.
O pranto q'inda estilla,
Meu DEUS e meu SENHOR, minha saudade,
Na escuridão da mágoa de perdê-lo
Foi que me deu q'eu visse
Os risos de meu pae na gloria tua —
Feliz que chorar sabe os paes que perde.
Emquanto cá na terra ora por elles.

Bocage disse :

Labéo da especie humana é quem não chora,
Por leões devorado em selva escura,
Aprenda a conhecer a dôr que ignora.

O Sr. Garrett, fazendo chorar ao divino Camões, disse em
presença de uma capella de rosas desprendida do ataúde :

Correi sobre estas flôres desbotadas,
Lagrimas tristes minhas, orvalhae-as,
Que a aridez do sepulchro as tem queimado,
Rosa d'Amor, rosa purpurea e bella,
Quem entre os goivos te esfolhou da campa?

O fido e inconsolavel amante de Lesbia, o desditoso cego e
insigne épico Thomaz Antonio dos Santos e Silva, sobre a
sepultura de sua amada, em lagrimas, exclamava :

Cavar-te-ha meu pranto gotta a gotta
Pranto que ás caras cinzas eu consagro
Até tornar-me secco ou ver-te rôta.

Adeus, ó Lesbia !... pranto não me afogue
Essa resignação que tu juraste,
Minha musa christã não se derogue.

Não, eu não choro mais a gotta fria
Que rebelde em meu rosto se congela
E' já costume e não minha agonía.

Mechanismo da visão.

A *visão*, ou a *vista*, é a sensação que, pelo soccorro da luz, nos faz distinguir as qualidades exteriores dos corpos.

A luz é o excitante particular da vista, isto é, um fluido ou principio subtil derramado no espaço pelo sol e as estrellas fixas, ou desenvolvido dos corpos terrestres pela electricidade, combustão, etc. Ella vem directa, quando chega ao olho sem obstaculo e immediatamente do corpo luminoso que a produziu; é refracta quando primeiramente passou através de um corpo diaphano que lhe fez perder a sua primeira direcção; e reflexa, quando retrocedeu de um plano opaco, sobre que tinha cahido (1).

A luz corre em linha recta; a sua velocidade é tal, que atravessa 72 mil leguas por segundo; a sua reflexão faz-se sempre debaixo de um angulo igual ao da incidencia: a sua refração varia em razão da densidade, da combustibilidade e da figura do novo meio. Refractados por um prisma, os raios luminosos decompõem-se em 7 côres primitivas, chamadas collectivamente *espectro solar*, que são: o *vermelho*, *alaranjado*, *amarello*, *verde*, *azul*, *purpureo* e *roxo*. Da sua reunião forma-se o *branco*; da sua ausencia resulta o *negro*; e das suas diversas combinações as *côres secundarias*.

De todos os pontos de um objecto resplandecente partem cones de luz cuja base se apoia sobre a cornea do *mechanismo da vista*: devemos suppôr tres cones luminosos partindo do objecto situado defronte do olho: cada um destes cones tem necessariamente tres raios principaes: um central, que lhe fórma o eixo, e dous que lhe formam os lados. O raio central do cone medio chama-se *eixo-visual* ou *optico*; como elle cahe perpendicularmente sobre a cornea, atravessa todo o interior do olho e chega á retina, sem ter experimentado refração alguma. Os dous raios lateraes do mesmo cone, que têm uma direcção obliqua, são refractados e approximados ao raio central, atravessando a cornea transparente, que é convexa e densa. O humor aquoso lhes conserva esta primeira convergencia: elles franqueiam a pupilla, e passam

(1) Vêde *Hauy-Phy e Chardel Psychol.*, art. Luz e theoria da visão.

através do *crystallino*, onde experimentam uma convergencia muito maior que a primeira, conservada tambem pelo corpo *vitreo* até que elles caiam sobre o mesmo ponto da *retina*, onde produziram a impressão.

A' vista deste mechanismo, é claro que os raios luminosos que partem de cada um ponto de um corpo illuminado formam dous cones; um exterior, que tem o seu vertice no objecto, este é o *cone objectivo*; outro interior, que tem o vertice na *retina*, e se chama *cone visual*.

Quanto ao raio central dos outros dous cones, experimenta, como os raios lateraes, refracções consideraveis, por causa da obliquidade de sua incidencia, e de tal modo, que se cruzam além do *crystallino*, separam-se e se apartam, para depois deste crescimento irem ferir os diversos pontos da *retina*. Os physicos que explicam a vista pela pintura de uma imagem no fundo do olho, dizem que os objectos estão voltados ás avessas sobre a *retina*, e que o motivo de se verem direitos, é por nos rectificarem insensivelmente deste erro por meio do tacto.

Dizem alguns pensadores que a vista não consiste na pintura de uma imagem no fundo do olho, como a audição não depende da repetição dos sons nos reconcavos da orelha interna. Ambas estas sensações se explicam mais naturalmente pela impressão da luz e dos raios sonoros sobre as delicadissimas extremidades dos nervos opticos e acusticos que transmittem estas impressões ao *sensu commum*.

A impressão do objecto faz-se nos dous olhos ao mesmo tempo, e comtudo não vemos senão objectos simples, do que resulta de que cada eixo optico cahe sobre pontos analogos das duas *retinas*, que estão habituadas a conduzirem ao cerebro uma impressão dupla, a qual o mesmo orgão julga como se fôra simples.

Os dous eixos opticos, partindo de um ponto luminoso, formam entre si um angulo, tanto maior quanto mais proximo está de nós o objecto; por isso se diz que é pela medida, que naturalmente fazemos deste angulo visual, que chegamos a julgar das distancias. Este juizo, para ser verdadeiro, deve ser confirmado e rectificado muitas vezes pelo tacto. Quando os eixos opticos não cahem sobre o mesmo ponto, nas duas *retinas*, resulta o *estrabismo*. Se o cone formado pela convergencia dos raios que atravessam os

humores do olho, se acha que não tem o seu vertice justamente sobre a retina, resulta perturbação na vista.

Chama-se *myopia* o estado no qual pela força refrigerante muito consideravel do olho, os raios são reunidos antes de terem chegado á retina; para se corrigir este defeito, deve-se usar de lentes de vidros concavos. Chama-se *presbytia* o estado contrario ao da *myopia*, isto é, aquelle no qual os raios da luz cahem sobre a retina antes de se reunirem, o que se remedeia com o uso das lentes convexas.

Se os raios da luz são muito intensos, affectam penosamente a retina; e então o tecido do iris posto em acção sympathicamente se entumece e aperta a pupilla, oppondo-se á passagem de uma parte dos raios luminosos. Quando a luz é muito fraca, o iris se contrahe, a pupilla é dilatada, e dá passagem a um maior numero de raios que fazem na retina uma impressão sufficiente (1).

Observações de Buffon sobre o olho.

E' sobretudo nos olhos, diz Buffon, que se pintam as imagens de nossas secretas agitações e que ellas se podem reconhecer: o olho, mais que nenhum outro órgão, pertence á alma: elle parece tocar e participar de todos os seus movimentos; elle exprime as paixões mais vivas e as emo-

(1) Apareceu em França, nestes ultimos annos, um escriptor de merecimento inqualificavel (Mr. *Chardel*), explicando admiravelmente os phenomenos da natureza organica pela theoria da *Luz*; elle faz sentir que algum dia o seu systema, quando fôr bem comprehendido, ha de fazer uma revolução nas doutrinas philosophicas e physiologicas.

A theoria de *Chardel* parece-nos fundada sobre estes elementos que muito bem estabeleceu o nosso padre Antonio Vieira (o maior homem que tem visto o mundo), e por isso podemos dizer que a theoria physiologica da Luz foi antes por elle comprehendida e explicada que por *Chardel*. Do mesmo modo que a lei da gravitação dos corpos foi conhecida e explicada pelo celebre physico portuguez Antonio Luiz, no seu tratado *De Occultis Proprietatibus*, 100 annos antes que por Newton, que tomou a si esta importante descoberta.

« E' a luz (diz o nosso Antonio Vieira) mais benigna que a do sol; a luz alumia e não offende. Quereis ver a differença da luz ao sol? olhae para o mesmo sol, e para a mesma luz de que elle nasce, a aurora. A

ções mais tumultuosas, como os movimentos os mais doces e os sentimentos mais delicados. O olho recebe ao mesmo tempo e reflecte a luz do pensamento e o calor do sentimento; elle é o sentido do espirito e a linguagem da intelligencia.

As côres mais ordinarias do olho são : o alaranjado e o azul; e a maior parte das vezes estas côres se pintam no mesmo olho. Os olhos que se julgam negros, não são senão de um amarello pardo, ou de um alaranjado carregado; basta, para certificar-se disso, olhal-os de perto; quando se os vê a qualquer distancia, ou quando elles estão voltados contra a luz, parecem negros, porque a côr amarella parda affecta fortemente sobre o branco do olho, que se julga negra pela opposição do branco. Os olhos, que são de um amarello menos pardo, passam tambem por olhos negros; porém não se os observa tão bellos como os outros, porque esta côr affecta menos sobre o branco. Ha tambem olhos amarellos claros : estes não parecem negros, porque estas côres são mui carregadas para desapparecerem na sombra. Vê-se no mesmo olho, mui commumente, as gradações do alaranjado, do amarello, do pardo e do azul : logo que ha azul, por mais diminuto que seja, torna-se a côr dominante. Esta côr apparece por fios em toda a extensão do iris, e o alaranjado por frocos ao redor, e á pequena distancia da pupilla; o azul apaga de tal maneira essa côr, que o olho parece todo azul, e só se percebe a mistura do alaranjado olhando-o de perto. Os olhos

aurora é o riso do céu, a alegria dos campos, a respiração das flôres, a harmonia dos ares, a vida e o alento do mundo. Começa a sahir e a crescer o sol, eis o gesto agradavel do mundo e a composição da mesma natureza toda mudada. O céu accende-se, os campos seccam-se, as flôres murcham-se, as aves emmudecem, os animaes buscam as covas, os homens as sombras. E se Deus não cortára a carreira ao sol com a interposição da noite, fervêra e abrasara-se a terra, arderam as plantas, seccaram os rios, sumiram-se as fontes, e foram verdadeiros e não fabulosos os incendios de Phaetonte. A razão natural desta differença é porque o sol (como dizem os philosophos) ou verdadeiramente é fogo ou de natureza mui semelhante ao fogo; elemento terrivel, bravo, indomito, abrasador, executivo e consumidor de tudo. Pelo contrario, a luz em sua pureza é uma qualidade branda, suave, amiga, emfim creada para companhia e instrumento da vista, sem offensa dos olhos que são em toda a organização do corpo humano a parte mais humana, mais delicada e mais mimosa.

mais bellos são aquelles que parecem negros ou azues; a vivacidade, que é o principal dos olhos, brilha mais nas côres carregadas que nas meio-tintas de côr; os olhos negros têm mais força de expressão, e mais vivacidade; porém ha mais doçura e, talvez, mais finura nos olhos azues; nos primeiros, vê-se um fogo que brilha uniforme, enviando para todas as partes os mesmos reflexos; porém na luz que animas os azues, distinguem-se modificações, porque alli ha muitas côres que produzem diferentes reflexos.

Ha *olhos* que se fazem notar, sem terem, por assim dizer, côr: parecem ser compostos differentemente dos outros; o iris não tem senão as gradações de azul e pardo, e tão fracas, que são quasi brancas em alguns lugares; as gradações do alarajado, que ahí se encontram, são tão ligeiras, que apenas se as distingue do pardo e do branco, não obstante o contraste de suas côres; o *negro* da *pupilla* é então muito notavel, porque a *côr do iris* não é muito carregada: só se vê, por assim dizer, a pupilla isolada no meio do olho; esses olhos nada dizem, e o olhar parece fixado ou espantado.

Ha tambem olhos que têm o iris de uma côr tirando para a verde; esta côr é mais rara que a azul, o pardo, o amarello, e o amarello escuro encontra-se tambem nas pessoas cujos olhos não são da mesma côr; e esta variedade que se observa nos olhos, é particular á especie humana, ao cavallo, etc.

Observações de Lavater sobre os olhos e sobranceiras (1).

Os movimentos do olho, quaesquer que sejam, não são

(1) Difficultosa cousa é conhecer (diz um escriptor) os progressos da vista, e talvez não haja sobre isto mais exacta observação que a do anatomico *Guilherme Cheseldem*, cirurgião celebre de Londres, morto em 1752. Tirou elle as cataratas a um rapaz de 13 para 14 annos de idade que o cegavam de nascença, e com grande custo e perspicacia foi observado o progresso da vista do rapaz. Ainda que este até então estava impossibilitado de ver, não era comtudo absolutamente cego; elle podia, como qualquer que tem a vista obstruida e encoberta pelas cataratas, distinguir o dia da noite, e até mesmo o branco do preto e ainda do escarlata: da fôrma porém dos corpos nada podia distinguir, mesmo das côres só conhecia quando a luz era forte. Fez o cirurgião primeiro em um olho a operação, e quando o rapaz viu pela primeira

mais, que o resultado de sua fôrma e de sua natureza específica. Quando se não conhece o character geral do olho, pôde-se imaginar mil movimentos individuaes, que lhe sejam exclusivamente proprios, n'uma infinidade de casos. Dizemos mais só sua fôrma, seu conterno, ou mesmo uma simples secção exacta do contorno, bastará ao physionomista exercitado para determinar em cheio o character physico, moral e intellectual do olho.

Começaremos por algumas observações complicadas que nossas observações nos hão fornecido.

Os *olhos azues*, annunciam mais fraqueza, character mais brando e mais afeminado, que os olhos pardos ou negros. Isto não obsta comtudo, que hajam pessoas muito energicas de olhos azues; mas na totalidade os olhos pardos, são indi-

vez, estava tão longe de fazer a menor idéa das distancias, que suppoz (como elle mesmo se explicava) que tudo quanto via lhe tocava nos olhos do mesmo modo que tudo o que sentia lhe tocava na pelle. Os objectos que mais lhe agradavam eram os que tinham a superficie lisa e regular a figura, apezar de não poder julgar de suas fôrmas diversas, nem dar razão alguma de preferir umas cousas ás outras. As idéas que fazia das côres no seu precedente estado de escuridão, eram tão imperfeitas que, quando as pôde ver realmente, custava-lhe a persuadir-se que eram as mesmas. Quando se lhe mostrava algumas cousas com que elle dantes se tinha familiarizado pelo tacto, fitava nellas muito os olhos afim de segunda vez as ficar bem distinguindo. Como elle comtudo tinha de conservar presentes muitas destas cousas ao mesmo tempo, esquecia-se da maior parte dellas, e por uma cousa de que se recordava quando pela segunda vez a via, havia mil de que não tinha a menor lembrança. Ficou muito admirado de vir ao conhecimento de que aquellas pessoas e aquelles objectos de que dantes mais gostára, nem por isso eram as mais agradaveis á vista; nem pôde deixar de exprimir o engano em que estava de que seus paes eram mais bellos que ninguém. Primeiro que distinguisse que uma pintura se assemelhava a um corpo solido passaram mais de dois mezes: até então só a considerava como uma superficie diversificada por uma variedade de côres; porém quando começou a perceber que aquelles claros e escuros representavam seres humanos, começou tambem a examinar pelo tacto se lhes faltavam as usuaes qualidades de semelhantes corpos, e grande foi sua admiração quando conheceu que tudo o que tinha julgado superficie muito desigual, era liso e plano. Mostraram-lhe um retrato de seu pae em miniatura, pintado na caixa do relógio de sua mãe, e posto que percebeu realmente a semelhança, expressou com tudo sua admiração de ver como era possível que em tão pequeno espaço pudesse encerrar-se um rosto tão grande. Ao principio só podia tolerar muito pequena porção de luz, e todos os objectos lhe pareciam muito maiores que o natural; mas á proporção que ia vendo os objectos que realmente

cio mais ordinario de espirito varonil, vigoroso e profundo; e o genio, propriamente dito, associa-se quasi sempre a olhos de um amarello tirando para o pardo. Seria interessante, como excepção á esta regra, saber-se porque os olhos azues são tão raros na China e nas ilhas Philippinas; porque razão não se encontram alli, senão nos Europeus ou nos creoulos, entretanto que os Chinezes são os mais brandos, os mais voluptuosos, os mais pacificos e os mais preguiçosos de todos os povos da terra.

As pessoas colericas têm os olhos de diferentes côres; raramente azues, e muitas vezes pardos ou esverdeados. Os olhos desta especie são de alguma maneira signal distinctivo de vivacidade e coragem. Temos visto bem poucas vezes olhos azues claros em pessoas colericas, e quasi nunca nos

eram grandes, percebia então serem menores os outros. Não formava idéa de cousa alguma fóra das que via. Bem que soubesse que o quarto que occupava era uma parte da casa, não podia comprehender como o resto poderia parecer maior. Antes de se lhe fazer a operação, nem por isso demonstrava grande esperanza do contentamento que havia de receber do novo sentido que se lhe promettia. O seu grande objecto e desejo de ver era para poder ler. Dizia que não podia gozar de maior satisfação em passear no jardim com este sentido do que sem elle, por quanto já passeava desembaraçadamente e conhecia todos os passeios do mesmo jardim. Notava tambem com grande verdade que a sua cegueira lhe dava uma grande vantagem sobre o resto da gente; vantagem que elle com effeito conservou por muito tempo depois de cobrar a vista, o saber, o poder andar ás escuras confiada e seguramente. Porém assim que começou a gozar deste novo sentido, ficou summamente maravilhado e disse que cada objecto lhe patenteava nova fonte de prazer. Passado um anno foi levado á villa de Epton, cousa de 5 leguas de Londres, onde ha uma bella e extensa perspectiva, com a qual se mostrou grandemente encantado, e chamou á paizagem que tinha presente um novo methodo de ver. Um anno depois fez-se-lhe ao outro olho a operação, e foi igual o successo de ambas as operações. Quando vio com ambos os olhos, tudo lhe parecia de dobrado tamanho do que antes quando via de um só olho, ainda que não via as cousas dobradas, nem dava signaes alguns de que tal conclusão pudesse inferir-se.

A distancia só por experiencia se concebe, porque quanto mais distante está um objecto mais pequeno nos parece. Quando por certas circumstancias não podemos formar justa idéa da distancia, e quando não podemos julgar dos objectos senão pelo angulo ou antes pela figura que elles fazem nos nossos olhos, necessariamente nos enganamos sobre o seu tamanho. Todos sabem quão facil é a quem viaja de noite tomar um arbusto que está perto por uma arvore ao longe, e tambem uma arvore distante julga-a um arbusto ao pé de nós. Do mesmo mo-

melancolicos. Esta côr parece ligar-se particularmente aos fleugmaticos que ainda conservam um fundo de actividade. Quando a beira ou a ultima linha circular da palpebra superior descreve um arco perfeito, é signal de bom natural e de muita delicadeza; ás vezes tambem de character timido, feminimo ou infantil. Os olhos que não estando abertos ou que não estando comprimidos, formam um angulo alongado, agudo e pontudo para o nariz, pertencem, por assim dizer, ás pessoas ou muito judiciosas ou muito finas. O canto do olho, sendo obtuso, o semblante tem sempre alguma cousa de infantil.

Quando a palpebra desenha-se quasi horizontalmente sobre o olho, e corta diametralmente a pupilla, supponho ordinariamente homem muito fino, muito astuto e mui ve-

do se não distinguimos os objectos por sua formatura, e se por esta não podemos julgar de sua distancia, continuará o mesmo engano. Neste caso uma mosca, que passe pelo pé de nós com rapidez, parecerá ser um passaro em distancia consideravel, e um cavallo que esteja no meio de uma campina ao longe, sem se mover e n'uma attitude semelhante, por exemplo, á de um carneiro, parecerá ser do tamanho de um carneiro, emquanto nos não certificarmos que é um cavallo.

Se portanto nos anoitece em um lugar estranho, onde nenhum juizo podemos formar da distancia, a cada instante estamos sujeitos a enganar-nos de nossa vista. Daquí nascem os contos medonhos dos espectros ou fantasmas, e de outras visões loucas de que tanta gente falla e se capacita de realmente as ter visto. Ainda que semelhantes figuras só existam na imaginação, comtudo é mui provavel que no escuro taes se tenham pintado aos nossos olhos: isto tanto mais provavel parecerá, se considerarmos que quando não podemos julgar de um objecto se não pelo angulo que elle fórma no olho, segundo o mesmo objecto mais perto está d'elle, assim se nos vae engrandecendo; e se considerarmos tambem que, se o objecto parecia ao principio de alguns palmos de altura ao espectador que não póde igualmente distinguir a cousa e julgar em que distancia está quando dista, por exemplo, vinte passos, deve neste caso, quando estiver longe d'elle poucos palmos, parecer-lhe de uma grandeza augmentada a um ponto extraordinario. Isto de noite é natural que o a terre emquanto não tocar e distinguir o ficticio objecto gigantesco, pois no mesmo instante que elle vier no actual conhecimento do que a cousa é, logo ella diminue em sua idéa e lhe fica parecendo o que é na realidade. Se a pessoa, pelo contrario, teme chegar-se ao objecto e foge precipitadamente do lugar, a unica idéa que ha de formar do que se lhe representou, será a de uma figura de uma grandeza enorme e de horrivel aspecto. Esta preocupação, a respeito de espectros nasce por conseguinte da natureza; e semelhantes visões não dependem só da imaginação como têm supposto alguns philosophos.

lhaco; comtudo, isto não é dizer que esta fórma de olhos exclua a candura do coração; porém temo-nos muitas vezes convencido do contrario. Uns olhos grandes, onde apparece muito branco por cima da pupilla, são communs a temperamentos fleugmaticos e aos sanguineos. Na comparação distinguem-se facilmente: uns são fracos, pisados e vagamente desenhados; outros são cheios de fogo, mui pronunciados e menos chanfrados; têm as palpebras mais iguaes, mais certas, porém menos curvadas. As palpebras mui afastadas e mui chamfradas, annunciam a maior parte das vezes humor colerico; ahí tambem se reconhece o artista e o homem de gosto: são raras nas mulheres mui reservadas para as que se distinguem por uma força de espirito e de juizo extraordinario.

Ha em geral duas especies de vista, uma longa, outra curta. Os que não podem ver bem os objectos senão ao pé, chamam-se *myopes*, ou pessoas de vista curta; e os que só ao longe podem ver bem as cousas, chamam-se *présbytos*, ou de vista longa. Os velhos vêm de ordinario a ser *présbytos*, porque o *crystallino* de seus olhos se chega mais á retina, por motivo da diminuição dos humores dos olhos. Pelo contrario, nos de vista curta está o *crystallino* afastado da retina. Os que têm a vista muito delicada vêm melhor ás escuras que ás claras; por isso os animaes nocturnos, como os morcegos, corujas, borboletas nocturnas, etc., se deslumbram com a claridade do dia.

A primeira tunica, ou pellicula do olho (como já descrevemos), chama-se *esclerotica* (que quer dizer *dura*, porque o é mais que as outras) a qual é branca, opaca, e cêrca todo o olho, excepto a frente onde está o *iris*, ou circulo da pupilla, que é coberto por uma membrana ou teagem transparente chamada *cornea*. Reveste o interior da esclerotica outra membrana fina e molle por nome *choroide*. Sua côr é mais ou menos escura, como se vê no *iris* ou circulo da pupilla, que em uns é azulado, pardo em outros, etc.: no meio do *iris* ha um buraquinho chamado *pupilla* ou menina do olho, que se aperta ao ver a luz, um como anel franzido, a que se dá o nome de *anel ciliar*, sustem uma lentezinha transparente que é o *crystallino*, adiante do qual está o *humor aqueo*, humor limpidissimo; por detrás do *crystallino* fica o *humor vitreo*, especie de gelêa transparente que enche todo o vão posterior do olho: no fundo deste está uma membrana a que chamam *retina*, a qual cobre toda a parte opposta ao *iris*, e é onde se fórma a vista, chamou-se *retina* por ter o feitio de uma redesinha, e vem a ser uma *expansão* ou dilatação do *nervo optico*, ou *nervo da visão*. O *iris* pôde dividir-se em duas membranas, uma se chama *uvea*, outra *ruischiana*. Além do *nervo optico* ainda ha outros ramos de nervos que vão entrar nos olhos; parece principalmente ter grande influencia na visão um ramo de *grão sympathico*, que, segundo *Bichat*, é uma serie de centros nervosos reunidos.

Dos musculos dos olhos.

Os musculos dos olhos são o *levantador da palpebra superior*, situado na parte superior da orbita desde o cume desta cavidade até a cartilagem torsa da palpebra superior : serve de levantador á palpebra superior, e puxa-a para cima e para dentro da orbita. O musculo *recto* ou *levantador superior* do olho, situado na orbita desde a apophyse de Ingrasias até a extremidade superior do diametro vertical ou superior do globo do olho. Seu uso é de levantar o olho. O musculo *recto inferior* ou abaixador do olho, situado na orbita, estendendo-se desde o corpo do sphenoide e contorno do buraco optico até a esclerotica por sua parte interna, serve para puchar o olho para dentro. O musculo *recto externo* ou abductor do olho, situado como os outros desde o corpo do sphenoide e contorno do buraco optico até a esclerotica, serve para puchar o olho para fóra. O musculo *grande obliquo* ou grande rotador do olho, collocado na parte superior e interna do olho desde o corpo do sphenoide até a parte posterior e externa do globo do olho, serve para puchar o globo do olho para dentro e para diante, imprimindo-lhe um movimento de rotação. O musculo *pequeno obliquo*, ou pequeno rotador do olho, situado na parte antero-inferior da orbita desde a parte anterior interna desta cavidade até a parte posterior e externa do globo do olho, serve para levar o globo do olho para diante e para dentro.

Physionomia moral do olho, por Salomão.

Os teus olhos olhem direito, e as tuas palpebras precedam os teus passos.

Olhos altivos, lingua mentirosa, mãos que derramam sangue innocente, coração que machina malvadisimos projectos, pés velozes para correr ao mal, testemunha falsa que profere mentiras e o que semeia discordias entre seus irmãos : o que dá de olho, causará dôr, e o insensato será estimulado pelos labios. Os olhos do Senhor em todo lugar contemplam aos bons e máos. A luz dos olhos alegre a alma; a boa reputação engorda os ossos. Os olhos do Senhor guar-

dam a sciencia ; mas as palavras do iniquo são postas por terra (1).

Observações de Lavater.

Os olhos pequenos, baços, mal desenhados, olhar sempre de esguelha, tês plumbea, cabellos negros, curtos e chatos, nariz arrebitado, o labio inferior mui levantado e mui saliente, e com uma fronte espirituosa e bem feita, formam uma reunião de traços que só se encontrará n'um archisophista máo, trapasseiro, velhaco, fraudulento, desconfiado, sordidamente interesseiro, intrigante vil, finalmente, n'um homem abominavel.

Observações de Herder.

Os olhos, a não julgar mesmo senão pelo tacto, são por sua fórma as portas da alma ; globulos diaphanos, fontes de luz e de vida. O simples tacto descobre que sua fórma arredondada artisticamente, sua abertura e sua grandeza, não são objectos indifferentes.

Não é menos essencial observar se os ossos da região dos olhos avançam muito, ou se se perdem imperceptivelmente ; se as fontes ou temporas se afundam, formando cavernas, ou se apresentam uma superficie unida. Em geral, a região onde se ajuntam as relações mutuas entre as sobranceiras, os olhos e o nariz, é a séde da expressão da alma em nosso semblante, isto é, a expressão da vontade e da vida activa.

Physionomia de uns olhos, pelo Sr. V. da S. Pereira.

Que olhos tão lindos, tão meigos, tão puros,
Tão vivos, tão ternos, tão cheios de amor,
Tão castos, tão bellos, risonhos affaveis,
Que acordam a lyra do humilde cantor.

(1) Cap. 4.º, V. 25. Cap. 6.º, V. 17, 18, 19. Cap. 10, V. 10. Cap. 15, V. 3.º e 30. Cap. 22, V. 12.

São astros brilhantes em fronte mimosa,
D'affectos mortaes divina pintura,
São laços que enleam, que levam minh'alma
Após esse Deos d'extrema ternura ;

E' a Phenis altiva d'aspecto gentil
São espelhos luzentes da sabia natura,
De arcanos do peito são mudos arautos
Que adoçam-me a vida de p'renne tristura,
Não têm de esmeralda a côr peregrina,
D'um céu de saphyras o brando sorrir,
Tambem não são pardos, têm côr mais jucunda :
São negros ! são astros no céu a luzir.

Seu brilho me encanta, me prende, me mata,
Meu peito electriza, me faz delirar ;
N'um mar de venturas me sinto arrojado...
Só posso anhelante — gemer, suspirar ! —

Observações philosophicas do conde Oxenstirn, ácerca da vista.

E' a vista a alampada do corpo e a guarda que a natureza poz de proposito ao lado do juizo, para que com sua vigilancia e cuidado podesse o homem arredar os perigos que o cercam, e depois os afugentasse pela prudencia. E' todavia o primeiro dos sentidos que se rebella contra a razão ; é a mãi das nossas paixões desordenadas. Foi ella a que primeiro acommetteo a bemaventurança de Eva no Paraiso Terrestre, e que ainda hoje cega a razão de muitos mortaes.

Os olhos enganam aleivosamente o coração ; são a origem de nossos máos desejos ; fallam sem terem lingua, e explicam-se com facilidade ainda que sejam mudos. Os antigos imaginaram o amor cégo, que comtudo se divisa nos olhos ; e dahi é que principia a atacar-nos.

Post visum, risum ; post risum venit ad actum ;

Post tactum, factum ; post factum penitet actum.

Se David não olhara Bethzabé, a mulher de Putifar o prudente José, os dous velhos a casta Suzana, Herodes sua cunhada, e outros muitos que pela vista caíram em culpa, não teriam experimentado o castigo do céu.

São sómente os olhos as fontes do coração, e as lagrimas

suas testemunhas; quando estas procedem da amizade, parecem perolas; mas quando a raiva é quem as causa, parecem gottas venenosas.

Da audição.

O sentido nobre, profundo e occulto do ouvido, foi collocado pela natureza aos lados da cabeça, onde está meio occulto. O homem deve ouvir por si mesmo : a delicadeza, a finura e profundeza, formam o adorno da orelha, e é neste orgão que se executa a importante função da harmonia.

A audição é a sensação pela qual adquirimos o conhecimento das qualidades sonoras dos corpos. Divide-se em tres partes o seu apparelho, que são : a *orelha externa*; a *parte media* ou *cavidade do tympano*; a *parte interna* (chamada orelha interna) ou *labyrintho*.

A *orelha externa* comprehende a *orelha*, propriamente dita, e o *conducto auricular externo*.

A *orelha* é a especie de concha ou pavilhão que se observa aos lados da cabeça, composta de eminencias e cavidades que mostram na sua face externa, principiando da parte posterior para a anterior, e da superior para a inferior, que são o *helix* ou *rebordo*, e sua *cavidade*; o *anthelex*, a *fossa navicular*, o *trago*, o *antitrago*, a *concha* e o *lobulo*, que inferiormente termina a orelha. A orelha tambem tendo seus movimentos, a natureza lhe forneceu orgãos para este fim, que são os tres musculos auriculares de que já fizemos menção. Os anatomicos têm descripto outros a que chamam intrinsecos, os quaes são tão pequeninos que não vale o momento de os mencionar.

O *conducto auricular* principia no fundo da concha, dirige-se obliquamente da parte posterior para a anterior, e da externa para a interna, terminando na membrana do tympano que o tapa. Elle é em parte osseo, e em parte fibro-cartilaginoso. A pelle que o forra está impregnada de folliculos que servem para segregar um humor *seruminoso* que serve não só para lubrificar estas partes, como tambem impedir que nesta importante cavidade entrem impunemente corpos estranhos a embaraçar-lhe o trabalho.

A *caixa do tympano* é uma cavidade hemispherica, ca-

vada na face externa do rochedo do osso temporal, e separada do conducto auricular pela *membrana do tympano*. As suas paredes, quasi totalmente osseas, são atravessadas por muitos buracos, dos quaes os mais consideraveis são posteriormente o orificio das cellulas mastoidéas, anteriormente o orificio da *trompa de Eustachio*; externamente, a *scisura glenoidea*; internamente o *buraco* ou *janella oval*, e a *janella redonda*. Estas duas ultimas, no estado ordinario, estão tapadas pela membrana *fibro-mucosa* que se desdobra na cavidade do tympano. A *caixa do tympano* contém os quatro *ossiculos* do ouvido articulados entre si, que são : o *martello*, a *bigorna*, o *estribo* e o *orbicular*. Estes ossos são movidos por tres musculos mui pequenos, sendo dous para o *martello* e um para o *estribo*. O labyrintho compõe-se de *tres cavidades*, que se acham na espessura do rochedo, posteriormente os *canaes semicirculares*, no meio o *vestibulo*, e anteriormente o *caracol*. Estas tres cavidades communicam-se entre si, e estão cheias de um fluido particular denominado *limpha* ou *humor de Cotumni*, bem como os demais canaes e aqueductos.

O nervo acustico, partindo do cerebro, entra no labyrintho com o nervo facial, pelas aberturas que se acham no fundo do conducto auditivo interno, onde se distribue por filetes polposos que estão banhados pelo humor *Cotumni*. Os vasos sanguineos que se distribuem nas tres partes da orelha, são deduzidos das arterias e veias que partem da temporal e carotida.

Mechanismo da audição.

A audição, para se effectuar, tem necessidade de ser excitada pelo som, e este não é outra cousa senão o resultado das vibrações das moleculas dos corpos que successivamente chegam á orelha, onde produzem a impressão auditiva. A percussão e fricção subita dos corpos sonoros são as causas productoras do som. Os sons differem entre si pela *força*, pelo *tom* e pelo *timbre*. Pela *força*, a differença nasce da extensão das vibrações; pelo *tom*, nasce a differença pelo numero em um tempo determinado, e pelo *timbre*, nasce a differença da natureza do corpo que os produziu. O som propaga-se em

linha recta, e com tal velocidade, que corre pela atmospherá 173 toezas por segundo. O ar é o seu vehiculo ordinario; porém os corpos solidos e liquidos tambem podem servir á sua transmissáo. Quando o som encontra no seu progresso alguma superficie solida, e reflectido debaixo de um angulo igual ao da incidencia, produz o que se chama *echo*.

Os raios sonoros, que cahem sobre a orelha, ajuntam-se na concha onde passam para o conducto auditivo, que lhe conserva o gráo de intensidade já adquirido pela sua reunião. Concentrados neste conducto, os raios sonoros propagam-se até á membrana do tympano que a fazem vibrar. Ella se estende ou se afrouxa conforme a gravidade do som. A vibração da membrana do tympano agita os ossinhos do ouvido, e o ar contido na caixa e cellulas mastoidéas; este abalo communica-se ás paredes osseas da caixa do tympano, e ás pequenas membranas que fecham a janella redonda e oval, e é immediatamente transmittido pelo *humor de Cotumni*, que delle participa aos filetes do *nervo acustico*, onde finalmente produz a impressão auditiva.

Relação da impressão auditiva com a intelligencia.

Os antigos e os modernos physiologistas chamam o sentido do ouvido, propriamente fallando, o sentido da intelligencia, pelas noções que elle nos dá das qualidades ou conhecimentos moraes dos objectos com quem nos pomos em relação. De accordo com o orgáo vocal, a cuja educação preside, estabelece entre os homens um commercio de pensamentos que engrandece o seu ser moral, multiplicando-lhe os recursos da intelligencia (1).

(1) O som tem, assim como a luz, a propriedade de se diffundir extensamente, e tambem admite reflexáo como a luz, ainda que as leis da reflexáo do som são menos distinctamente conhecidas que as da reflexáo da luz. Tudo o que sabemos é que o som é principalmente reflectido pelos corpos duros, e que o serem ôcos tambem muitas vezes augmenta a reverberação. A cavidade interna da orelha, que está formada no exterior do osso das fontes, como uma caverna em um rochedo, parece ser adaptada ao fim de repercutir o som com a maior exactidão.

Pensamentos de Salomão sobre a importancia do ouvido.

O ouvido, que ouve as reprehensões da vida, terá a sua morada no meio dos sabios. Aquelle que regeita a disciplina, despreza a sua alma; mas o que está pelas reprehensões, é possuidor do seu coração. Ouve o conselho e recebe a correção, para que sejas sabio no fim da tua vida. O ouvido que ouve e o olho que vê, ambas estas cousas fez o Senhor :

Uma das queixas mais communs da velhice é a surdez, a qual procede provavelmente da rijeza dos nervos no *labiryntho* da orelha. Esta desordem procede tambem ás vezes da detenção da cera, o que a arte pôde facilmente remediar. Para saber se o defeito é interno ou externo, ponha o surdo na bocca um relógio de repetição, se o ouvir dar horas, pôde estar certo que o mal nasce de causa exterior.

Muitas vezes acontece ouvirem algumas pessoas mais de um ouvido que do outro; porém essas têm, como os musicos dizem, má orelha. Tem-se feito nestas pessoas algumas experiencias, e tem-se achado que o não julgarem bem dos sons nasce da desigualdade de suas orelhas, e de receberem por ambas são mesmo tempo sensações desiguaes. Taes pessoas, assim como ouvem de falso, tambem, sem o conhecerem, cantam de falso e do mesmo modo se enganam frequentemente a respeito do lugar donde vem o som, suppondo-o geralmente vir do lado da orelha melhor.

O ouvido é para o homem um sentido mais necessario que aos animaes. Nestes é só uma advertencia contra o perigo, ou um incentivo para mutuo soccorro; porém no homem é a fonte da maior parte dos seus prazeres, e sem este sentido seriam todos os outros de pequeno beneficio. Um homem surdo de nascença deve ser necessariamente mudo, e toda a esphera de seu saber se limita em os objectos sensuaes. Ha um exemplo singular de um moço que, tendo nascido surdo, foi casualmente restituído, na idade de 13 a 14 annos, a ouvir perfeitamente, do qual fallaremos, mencionando primeiro de passagem a experiencia notavel de um portuguez por nome *Jacob Rodrigues Pereira*, feita em Pariz no anno de 1746, o qual em menos de 3 annos deu o uso da palavra a Mr. d'*Azé d'Etavigny*, surdo de nascença, e que tinha 13 annos quando foi posto nas mãos deste habil mestre. (Este Portuguez viveu muito tempo em Bordeaux, e morreu em Pariz em 1780, tendo de idade 65 annos, onde foi chamado para alli praticar a arte de fazer fallar os mudos, em que era habillissimo: o mesmo celebre abbade de *l'Epée* se aproveitou de grande parte do methodo deste Portuguez. Luiz XV lhe fez mercê, em 1760, de um lugar de interprete com uma pensão de 800 libras, em *atenção*, diz a provisão, *da arte que adquiriu de poder dar aos surdos e mudos de nascença uma educação de que elles dantes estavam privados, como incapazes de se aproveitarem disso.* Pereira tinha levado alguns de seus discipulos ao ponto de comprehenderem o sentido das palavras pelo movimento dos beiços. *Buffon*,

ouve, filho meu, e sê sabio, e dirige a tua alma pelo caminho direito. Não falles ao ouvido dos insensatos, porque elles desprezarão a doutrina das tuas palavras. Ouve a teu pae que te gerou; não desprezes a tua mãe quando fôr velha (1).

Reflexões de Lavater sobre a orelha.

No que pertence ao estudo physionomico da orelha, aconselha Lavater que se preste attenção : primeiro, á totalidade

contando o caso acima mencionado, elogia o seu talento na sua Historia Natural. *Condamine*, protector de Pereira, foi quem o levou á côrte e o apresentou a diversos principes. Quantos homens, grandes Portuguezes, têm deixado no esquecimento a incuria de seus compatriotas! O outro exemplo vem transcripto nas Memorias da Academia das Sciencias de Pariz no anno de 1703, pag. 18, do modo seguinte : —

« Mr. *Felibien*, da Academia das Inscriptões e Bellas Lettras, fez saber á Academia das Sciencias um acontecimento singular, talvez nunca ouvido, que acabava de succeder em *Chartres*. Um moço de 23 para 24 annos, filho de um artista, surdo e mudo de nascença, começou de repente a fallar com grande admiração de toda a villa : delle se soube que alguns quatro mezes antes tinha ouvido o som dos sinos, e tinha ficado summamente admirado desta sensação nova e desconhecida; que depois lhe tinha sahido da orelha esquerda uma especie de agua, e que tinha ouvido perfeitamente de ambas as orelhas : que durante os 4 mezes esteve ouvindo sem dizer nada, acostumando-se a repetir consigo as palavras que ouvia, e firmando-se na pronunciação e nas idéas ligadas ás palavras; que por fim se julgou em estado de romper o silencio e declarou que fallava, posto que ainda fosse imperfeitamente. Pouco depois foi interrogado por alguns Theologos habéis sobre o seu estado passado e versaram as principaes perguntas sobre DEUS, sobre a alma, sobre a bondade ou maldade moral das acções: mostrou que seus pensamentos não se tinham extendido a tanto. Ainda que nascido de paes catholicos, que assistia á Missa, que estava instruido em se benzer e ajoelhar em ar de quem reza, nunca havia a isto ajuntado intenção alguma, nem comprehendido a que os outros lhe ajuntavam. Não sabia bem que cousa era a morte e nunca em tal pensára; passava uma vida puramente animal : occupado todo com os objectos sensiveis e presentes, e com as poucas idéas que recebia pelos olhos, não tirava sequer da comparaçào destas idéas tudo o que parece poderia tirar; não que elle não tivesse naturalmente entendimento; mas o entendimento de um homem privado do commercio dos outros é tão pouco exercitado, e tão pouco cultivado, que não pensa senão á proporçào de quanto a isso é indispensavelmente obrigado pelos objectos exteriores. » Eis-aqui uma exuberante prova de quanto os sentidos têm relação uns com outros.

(1) Cap. 15, V. 31 e 32. Cap. 19, V. 20. Cap. 20, V. 12. Cap. 23, V. 19 e 22.

de sua fórma e de sua grandeza; segundo, a seus contornos interiores e exteriores, ás suas cavidades e á sua profundidade; terceiro, á sua posição. E' mister ver-se se ella é pegada á cabeça, ou se é destacada della. Examine-se esta parte em um homem corajoso e em um poltrão; n'um philosopho e n'um imbecil de nascimento, e perceber-se-ha então as differenças distinctas que se referem a cada character.

Pensamentos moraes de diversos philosophos sobre os ouvidos.

A natureza, dizia *Zenon*, deu-nos dous ouvidos e uma bocca afim de nos ensinar que é preciso escutar mais do que fallar.

E' preciso, dizia *P. Syrus*, ter o ouvido duro para o mal, porque como bem pensa *Shakespeare*, o successo de uma boa palavra depende mais do ouvido que a ouvio do que da lingua que a proferio.

Mme de *Puisseau*, recommenda ouvir-se com dous ouvidos e ver com ambos os olhos, sempre que se trata de decidir da reputação alheia.

Juizo do Dr. Antonio Ferreira.

Para o publico bem, tão bem estudam.
E cantam os bons poetas, deleitando
Ensinam, e aos mãos afeitos em bons mudam,
E ás vezes aos reis vão declarando
Mil segredos que então só vêm e sabem,
Mil rostos falsos, linguas más mostrando.
Em poucas boccas a verdade cabe:
Terão ás vezes a culpa os *ouvidos*:
Os versos ousam e em toda a parte cabem.

(*P. Lus. L. 2, Cart. 2.*)

Da musica.

O illustre medico o Dr. *Hanin*, em seu curso de *Materia Medica*, fallando dos agentes therapeuticos, menciona a musica como um poderoso excitante nervoso, e mais que ne-

nhum outro adequado ás circumstancias. Exprimindo as propriedades dos sons que são capazes de produzir harmonia e mover os affectos da alma, a musica (diz o illustre professor) é uma arte encantadora que modifica a seu bel-prazer os caracteres e as paixões, enfraquece-os, faz verter lagrimas ou torna inflexivel, embelleza e ennobrece os pensamentos, e finalmente causa os mais deliciosos gozos. Os antigos encaravam a musica como uma parte essencial da educação; os Romanos, e sobretudo os Gregos, davam á esta arte as maiores prerogativas (1). Companheira da poesia, a musica é muitas vezes della o interprete: ella conduz á sensibilidade e imita os sons, dispõe o coração a essa doce melancolia, a esses prazeres da solidão que os bosques, as fontes, os ribachos e os valles inspiram na volta da primavera quando apresentam aos olhos toda a frescura de uma paizagem. Esta vantagem, que resulta das duas artes unidas, foi bem comprehendida pelos antigos cuja poesia era sempre cantada, e os poemas não eram recitados senão do mesmo modo.

O fim de toda a musica natural é de renovar na alma certas affeições e dispol-a a recebel-as (2).

A musica é nada sem imagens e sem interpretações: é assim que o gorgueio dos passaros, o murmurio dos regatos, o ruido dos ventos nas florestas, o ribombar do trovão e da tempestade, o som dos sinos, os prolongadós accordes de uma flauta campestre, nos despertam ás vezes sentimentos

(1) « O' lyra de Apollo (exclama Pindaro em uma de suas Olympícas), és tu que dás o signal de alegria; és tu que presides ao concerto das Musas; logo que teus sons se fazem ouvir, o raio se apaga e a aguia adormece sob o sceptro de Jupiter; suas azas rapidas se abaixam de ambos os lados enfraquecidas pelo somno; um vapor sombrio espalha-se pelo curvo bico da rainha das aves e sobrecarrega-lhe as palpebras; sua plumagem se intumece pelo doce estremo-cimento que nella excitam sua harmonia: Marte, o implacavel Marte, deixa cahir a lança e entrega o coração á voluptuosidade; mas não podem soffrer tuas divinas cantigas aquelles que Jupiter aborrece. » Plutarco, Thucidedes, Herodato, Quinto Curcio, Ovidio, Horacio, Cicero, Virgilio e outros tambem fazem elogios á musica.

(2) O fundamento de toda a musica verdadeira é a voz humana; ella é o mais perfeito dos instrumentos musicos; os que della mais se approximam são os mais harmoniosos e agradaveis. A voz do homem, quando bem cheia, bem movel e bem melodiosa, e a voz da mulher modelada pela sensibilidade, tem incomparavelmente tudo quanto a natureza e arte pedem de mais agradável e tocante.

esquecidos, communicando á nossa alma uma doce voluptuosidade, conduzindo-nos ao tempo de nossa infancia, onde tudo era sensação e prazer, quando nossa innocencia permittia-nos de entregarmo-nos a elles sem remorsos.

A musica dissipa nossos temores, augmenta nossa coragem (1), suspende nossos soffrimentos, faz-nos supportar os

(1) A musica guerreira augmenta a coragem do soldado, tira-lhe a idéa do perigo deixando-lhe a da gloria. Uma tocata marcial e cantada no meio dos destroços da guerra, accende na alma dos soldados intrepida coragem e muda as queixas dos feridos em gritos de alegria. Cyro ordenou, para animar a seus soldados aterrados com a vozeria dos inimigos, que se cantasse o hymno de Castor e Pollux.

O nosso harmonioso e gentil poeta o Sr. Costa e Silva (fallecido em Abril de 1854), sobre os encantos da harmonia, tambem se exprime assim :

Branda musica, és tu, que vens no mundo
Alardear universal dominio !
Quem ha ahí que resista aos teus feitiços !
O racional e irracional se alegram
Com teus suaves sons, que a dôr acalmam,
E a fadiga adormentam ! Nos ardentes,
Enfadonhos areaes do Ismaelita,
Cançado Dormedario apenas ouve
Do conductor o canto, ou rude avena,
Novas forças recobra e mais ligeiro
Na escaldada viella os passos move !
Cantando o navegante esquece as furias
Do encapellado, tumido Oceano !
As som de hymnos guerreiros marcha afouto
O soldado a encarar no campo a morte ;
Ao som de psalmos lugubres á campa
O cadaver descendo, e em torno della
Os Manes delle co'a harmonia exultam,
Recream, se os imitam teus encantos,
Ais de pezar, suspiros de ternura,
E da melancolia as meigas vozes !
Quanto encerra no seio a Natureza
Mais terno, mais pathetico, resumbra
Meiga, suave, harmonica tristeza !
Suspira a viração, o arroio geme,
Echo piedoso lhe responde e chora
Em seus gorgeios Rouxinol saudoso !
Amo, ó Lientard, a musica na scena
Porém amo ainda mais, mais me commove
Entre os quadros da mesta Natureza.
Pelo silencio da intempesta noite,
Da muda solidão por entre as sombras !
Melodioso canto que retumba
Pelos ramos dos robles do deserto,

males da vida, faz-nos derramar, lagrimas e achar ventura nisto, e finalmente é que dissipa as inquietações do viajante perdido no meio da floresta; que consola o prisioneiro sob seus ferros; que lembra a patria ao infeliz exilado e o transporta pela imaginação ao seu paiz, ao seio de sua familia, aos braços da esposa amada; é ella que ennobrece o pensa-

Opacos campos, torreões mouriscos,
Gothicos templos, funebres arcadas,
Faz que o espirito prove embevecido
Grata, religiosa, indefinivel
Sensação, que em suave devaneio,
Mystico meditar o emmerge inteiro.
Quanto podem os musicos primores
No bravio selvagem, vós mostrates,
Piedosos Missionarios que outro tempo
Amansastes as Tabas vagabundas
Do rapido Uruguay na esquerda margem!
Lá, vetustas florestas se levantam
Sobre outras que a velhice consumira;
Distendem-se Paúes e longos plainos
Que na hiberna estação se alagam todos
E obrigam os grosseiros habitantes
A usurparem dos passaros os ninhos
Mezes vivendo nos arboreos crutos,
Vagando entre elles nas subtis canôas.
Sobem ao céu montanhas escarpadas,
Desertos a desertos sobrepondo.
Rugem onças alli, sibilam cobras,
Estridulos, innumeros enxames
De engenhosas Tapuicas colmeando
Nos carcomidos troncos lá preparam
Odorifero mel e a branda cera.
Por estas solidões entra sem susto
Ardendo o Missionario em santo zelo
De Evangelica Luz levar aos povos,
Que sentados estão da morte á sombra.
Como ousado Libreu de mouta em mouta
Vae farejando a timorata Corsa,
Arteira rulpe ou montesino cerdo,
Estes de Christo intrepidos guerreiros
Sem mais armas que a Cruz na dextra erguida
E o lithurgico livro, alagadiças
Taperas passam, atravessam matos,
Registam alcantis e horridas grutas
E abençoam o céu por taes fadigas
Quandó um Indio sómente a voz lhe escuta!
Quantas vezes o Apostolo depara
De algum rio sem nome sobre as margens

mento e engrandece e sustenta o genio e preside ás suas divinas creações; não ha um só ente a quem ella não lisongeie e seduza; que não o arraste, e que não haja sentido algum bem por sua deliciosa influencia (1).

A musica é um desses grandes motores d'alma e das paixões, e não se póde negar sua influencia sobre o homem doente.

Ou de ignota collina sobre o cume
Do companheiro o livido cadaver
Victima do cansaço e crua fome,
Ou varado de setta! eil-o enxota
Famintos urubús que o devoravam,
Abre co'as proprias mãos mesquinha cova
Nella depõe as miseras reliquias,
E dos mortos o officio solitario
Na presença do ETERNO entôa ao martyr!
Sabe que sorte igual o espera em breve,
E supplica ao SENHOR lhe apresse a hora.
Tanto a Religião eleva os homens
Ácima das paixões da humanidade!
Já escassos neophytas o seguem
E a caridade industrias innocentes
Suggere ao Missionario! eil-o cortando
Em pequena canôa vae com elles
Do coroado rio á azul espalda.
Sôam em riba, e riba ao som da Lyra
Com voz sonora canticos devotos.
Assim o caçador em nossos bosques
Esconde na gaiola em verdes ramos
As domesticas aves, cujos cantos
Chamam as da floresta ao visgo, ás redes,
Attrahidos da insolita harmonia.
Dos montes, das cavernas correm Indios
Para os novos arions de perto ouvirem!
Homens, mulheres, velhos e meninos
Pelas orlas do rio o vão seguindo!
Quantos fóra de si n'agua se arrojaram
E o canoro batel a nado buscam!
As virtudes sociaes antigostando
Larga o arco o selvagem, larga as settas,
Vê a esposa chorar, chorar os filhos,
Eil-os aos pés da Cruz a fronte inclinam
E o salutar lavacro alfim recebem.
Assim christã republica se funda
Nos campos do Uruguay; de Europa as artes,
As virtudes de Europa alli florescem,
O trabalho é commum, communs os fructos
E á musica se deve um tal prodigio!

(1) Os antigos, para consolar suas esposas em sua ausencia, recorre-

Zamolxis, philosopho e medico da antiguidade, dizia :
« que era mister não esquecer a alma, quando se curava
« o corpo; que se devia conduzir-a á serenidade pela musica
« e pelas distrações. »

A musica é evidentemente um excitante; uma musica viva e ardente augmenta sensivelmente a actividade da circulação, e se está intermittente, torna-se regular; a pelle cora-se e a imaginação se anima. Haller (o professor) foi o primeiro que notou que o sangue sahe mais depressa das veias quando o tambor rufa. Uma musica alegre tem muitas vezes provocado a menstruação : sem duvida era com o intuito de favorecer a digestão, que os antigos associavam a musica á seus banquetes : nossos maiores substituíram este uso pelos cantos, que entretinham a alegria dos convivas e facilitavahes a digestão; porém este uso, fundado sobre o bem-estar e a conservação do homem, está quasi geralmente desprezado, porque tudo geralmente envelhece, tudo se gasta, até as melhores cousas.

A musica proporciona aos doentes um somno mais tranquillo e mais prolongado; concorre para a cura das molestias; abrevia a convalescença e estende a vida.

Aretro e Haller attribuíram á musica a longevidade de muitos homens celebres que passavam sua vida nos prazeres que ella proporciona, visto que ella conduz a alma á doçura e á beneficencia, a eleva ácima de si mesma até o heroismo.

Os antigos legisladores, reconhecendo esta maravilhosa influencia, deram á musica os maiores estimulos. *Polybio* attribuiu á sua influencia a doçura dos Arcadeos, e a crueldade dos Cynithianos seus visinhos ao desprezo que della faziam.

Quintiliano (o rhetorico) prodigalisa á musica os maiores

ram á musica a conservar assim a sua castidade. Clytmestra não foi adultera enquanto Demodochus lhe inspirou por uma harmonia grave e séria a fidelidade que devia guardar a Agamemnon. O prudente Ulysses confiou Penolope aos cuidados do cantor Phemius.

Sabe-se o effeito que produz nos Suissos a aria tão original chamada *Ramides-vaehe* : quando elles a ouvem longe de seus lares, não podem reter as lagrimas. A Tyroleana é uma aria deste genero, canto nacional por excellencia, que produz nos montanhezes o maior enthusiasmo e até os leva á revolta. Cada nação tem a sua canção patriotica para excitar o enthusiasmo no povo.

louvores : chama-a agulhão do valor, instrumento da ordem moral e intellectual, distracção e sustentaculo dos trabalhos.

Montesquieu dá-lhe a preferencia sobre todos os prazeres, como a que menos enerva a alma e o corpo. Não se tem podido explicar de um modo satisfactorio os effeitos extraordinarios da musica sobre os nossos orgãos; não se sabe donde nos vem o prazer da harmonia, quando os mesmos sons modificados parecem elevar a alma como por uma especie de encanto aos mais poderosos interesses da vida, e a penetram dessas idéas tocantes que ora a quebram voluptuosamente e adormecem, ora a estimulam e abalam á sua sensibilidade, até provocar lagrimas, soluços e todos os symptomas da exaltação.

E' aos nervos que se devem attribuir todos estes phenomenos, e a historia das funcções nervosas, em physiologia, é a que está mais atrazada, embora se tenha escripto muito. A vantagem que se tira da musica no tratamento das molestias é : 1.^o, *divertir os enfermos, afastando-os do aborrecimento, da inquietação e da tristeza*; 2.^o, *activar as funcções organicas, principalmente as funcções nervosas e circulatorias*; 3.^o, *adoçar e suspender ao mesmo tempo as dôres agudas e inspirar coragem para supportal-as*; 4.^o, *acalmar a agitação e o delirio*.

Os modos da nossa musica obram bem differentemente sobre os sentidos : os *tons medios*, cheios e sonoros, fazem nascer paixões fortes e energicas, como a piedade, a coragem, o amor e a ternura; os *tons menores* a piedade, a tristeza e a commiseração. Estes modos hão substituido os dos antigos (1). Sabe-se que elles inspiram paixões differentes; o *phnygiano*, coragem e furor; o *lydiano*, tristeza, queixas e saudades; o *eolico*, amor; o *dorico*, cantos graves e religiosos.

(1) Um jornalista antigo, historiographando a musica e remontando-se ao seu berço, diz que os Israelitas a praticaram para proclamar os louvores do Creador e dar prazer e consolação em preceitos moraes : consequentemente seus canticos deviam ser graves, solidos e patheticos. Os Hebreus, segundo a Escriptura, já faziam uso da musica instrumental, que causava effeitos sobrenaturaes pelos seus instrumentos de corda e de vento. Sabe-se que no tempo de David, esta arte floresceu muitissimo, e que mais de 200 musicos eram nomeados para cantar no Templo e instruir a muitos discipulos. O canto dos Hebreus era ordinariamente acompanhado com dansa e côro de cantores. Os Egyptios, se-

A musica obra differentemente nos individuos conforme os temperamentos. O *sanguineo*, disposto a paixões expansivas, será vivamente affectado pela musica alegre e ardente; o *nervoso*, pela delicadeza e pureza dos sons; o *melancolico*, pelos sons tristes e queixosos; o *lymphatico*, só receberá da musica fraca e passageira impressão; o *bilioso*, só será sensivel á musica que elle souber com antecedencia que estará de accordo com suas paixões. Note-se que as mulheres sentem mais que os homens os effeitos da musica; bem que pela fraqueza de sua constituição raramente primam n'uma arte que reclama muita força de espirito e de genio. Os moços são mais sensiveis que os velhos; os povos dos climas quentes são mais que os dos climas frios.

A musica póde ser nociva em diversas circumstancias: um prazer cujo encanto vae sempre em augmento, póde tornar-se em uma paixão dominante e perigosa que exalta a sensibilidade e a imaginação, além do que convem ao livre exercicio da vida organica e intellectual. As pessoas naturalmente melancolicas, as que tem soffrido longas desgra-

guindo o exemplo dos Israelitas, consagraram a musica á religião, e como esta arte nunca havia sido empregada em profanidades, rejeitaram as canções afeminadas, que sómente inspiravam falso prazer, conservaram os hymnos harmoniosos e proprios para excitar os corações e os espiritos. Foi no Egypto que Pithagoras adquiriu gosto e conhecimento de musica para o communicar aos Gregos. Foi elle que achou novos tons e gradações harmoniosas pelas differentes pancadas do martello na bigorna, quando Tubal havia descoberto pelo ouvido os rudes sons que agradavam aos nossos primeiros paes antes do diluvio. A musica naquellas idades tinha um character masculino e guerreiro; era designada para inspirar a virtude e celebrar os heróes: Pericles no seu tempo fez edificar o *Odeon* e instituir os divertimentos, os combates e os concertos musicaes nas festividades Athenienses, onde os premios e signaes de honra eram dados áquelles que excediam em merito, o que causava grande emulação entre os espiritos naturalmente zelosos e ambiciosos de gloria.

O poder que a harmonia instrumental ou vocal tem sobre nós, é um figurativo daquella que abrange e contém toda a natureza, cujo poder sentem os elementos, as creaturas e ainda todos os seres inanimados. Sem a harmonia estabelecida pelo Creador, os astros e os planetas não guardariam suas gradações: o ar, a terra, a agua, o fogo, etc., não conservariam sua ordem natural.

A harmonia da musica, quando é composta por pessoa de imaginação profunda e polida, deve representar alegria, tristeza, magestade, veneração, actividade, ou qualquer outro affecto a que nossos sentidos

gas, experimentam as mais dolorosas impressões com a musica.

Conta-se que um mancebo teve um accesso de mania furiosa depois de ter ouvido uma marcha militar. Uma musica terna e muito apaixonada tem causado muitas vezes accidentes funestos, no tempo da puberdade, nas mulheres dotadas de muita sensibilidade e a quem se contrariam as inclinações. E' mister, além disto, em todas as circumstancias, ter muito imperio sobre si para não prestar á musica senão limitada attenção, e não fazer desta arte apaixonada mais que uma distracção necessaria.

A musica, empregada como meio therapeutico, não póde curar só as molestias, porém em muitas circumstancias póde servir-lhe de um grande auxiliar. Muitos factos concernentes ao curativo das febres intermittentes rebeldes têm-se colhido só pelo effeito da musica : não é inutil observar que é quasi sempre nos amantes ou nos artistas que semelhantes curas têm sido operadas. A musica tem servido ás vezes para dissipar o terror que faz nascer a apparição de uma

estão sujeitos quando são excitados pela vista ou pelos ouvidos. A composição da musica alegre é como o dia sereno e bello que nos excita prazer, e não precisamos de palavras para sentir este effeito : assim tambem a composição da musica triste, bem como o dia nublado, nos conduz á melancolia, e assim as mais sortes de composições, conforme o que ellas representam. A harmonia da musica tem poder ainda mais activo do que a pintura; porque esta em si é muda e estatica, e não é capaz de infundir espirito, nem extasiar aos seus admiradores como aquella aos seus ouvintes. A musica pela união dos instrumentos graves e agudos, e pela união de sons accordes, descreve ou pinta ao vivo uma batalha, uma tempestade, um terremoto, e quaesquer outros incidentes da natureza. E' pela propriedade dos sons harmoniosos e da melodia dos instrumentos ou vozes, que esta nobre arte tem o poder de suavisar paixões d'alma, lançar fóra melancolias e abrandar a loucura humana, e ainda domar as próprias feras, ao que não chega a poesia e nem a pintura. A causa destes effeitos é evidente, porque a força da vibração do ar, graduada pelos sons graves e agudos, formados nos instrumentos de corda ou de sopro, vem tocar nos tympanos acusticos do racional ou irracional, e a alma e o coração, como centro, se despertam e recebem o effeito que lhes infunde a representação harmonica.

Finalmente, a musica, pela variedade de sons e modulações com que representa os nossos affectos, tem poder illimitado sobre todas as creaturas; por onde quer que ella appareça executada, o sabio ou ignorante, o polido ou o rustico, o homem ou a fera, todos param, attendem, ouvem, e, immediatamente, são affectados conforme suas imaginações ou sua natureza.

molestia contagiosa. Diemberbroek recommendava que se fizesse ouvir aos pestilentos uma musica alegre e estrepitosa para animar-lhes a confiança e a coragem. Porém, é principalmente nos nervosos que a musica produz effeitos mais salutareos : ella tem dissipado frequentemente as nevroses do ouvido, orgão que recebe immediatamente a impressão dos sons.

A musica tem tambem ás vezes prevenido accessos de catalepsia e moderado os ataques de epilepsia, cuja violencia faz tremer pela vida da pessoa atacada. Galeno recommenda a musica para adormecer as creanças e acalmar-lhes as convulsões. Tem-se obtido, com o emprego do mesmo meio, uma constante melhora nos symptomas da melancolia, da hypocondria, da mania e de muitas outras especies de vezanias. Nada melhor provaria a benefica influencia da musica que os effeitos da harmonia sobre as pessoas mordidas pela Torantola, se se pudesse dar credito ao absurdo e maravilhoso conto ao qual, entretanto, alguns dos maiores medicos têm dado fé. Finalmente Desault, de Bordeaux, diz ter empregado a musica com successo nos symptomas da raiva (1).

Do nariz ou orgão do cheiro (2)

O *nariz*, conforme o sentir de *Herder*, é o orgão que ajunta todas as feições do rosto e fórma, por assim dizer, uma montanha de separação entre duas cidades oppostas. A raiz do nariz, sua espinha, sua ponta, sua cartilagem, as aberturas por onde elle respira a vida, quantos signaes expressivos não manifesta elle do espirito e do caracter!

(1) No *Panorama* de 1841 (periodico portuguez), á pag. 148, vem um excellente elogio feito á musica, que o não extractamos por termos fallado assás a respeito desta arte divina em relação ás paixões.

(2) Assegura-se que os Peruanos e Brasileiros (os Indios), e os Canadianes, têm o olphato tão fino, que, pelo faro, distinguem um Francez de um Hespanhol ou de um Inglez, e vice-versa. Os Carahibas conhecem um Francez pela voz, e sabem distinguil-a da de um Inglez ou de um Hollandez. Estes povos têm uma memoria tão feliz, que se recordam no fim de muitos annos, sem se equivocarem, de tudo quanto entre elles se passou, e dos estrangeiros que os visitaram.

O *nariz*, em suas relações anatomicas, compõe-se de *duas partes*, que são o *nariz*, propriamente dito, e as *fossas nazaes*. O *nariz* é a parte externa deste aparelho, formado pelos dous ossos proprios articulados entre si; por 5 cartilagens, das quaes 4 são para os lados e formam as alas do *nariz*, e em media, situada entre as ventas, e serve para dividilas, por musculos, pela pelle que o cobre e pela membrana pituitaria que o forra internamente.

As *fossas nazaes* occupam' o meio da região profunda do rosto; são duas cavidades de fórma irregular, com 6 faces distinctas: 1.^a, interna recta, formada pelo tabique quasi plano; 2.^a, externa obliqua, onde se acham as 3 *cornetas* distinctas em *superior*, *média* e *inferior*; e as goteiras, ou mettos, que as separam umas das outras; 3.^a, anterior; 4.^a, posterior, que corresponde ás aberturas anteriores e posteriores; 5.^a, superior estreita, que se chama *abobada*; 6.^a, inferior, que é chamada *pavimento*.

Os *seios nazaes* são cavidades accessorias e abrem-se sobre a face externa e superior das fossas nazaes.

Uma membrana fibro-mucosa, chamada *pituitaria*, se desdobra nas fossas nazaes e reveste todas ás suas partes. Esta membrana contém em sua estructura uma prodigiosa quantidade de folliculos que segregam a mucosidade que se observa no *nariz*.

O nervo olfactivo (1.^o par), descansando sobre a lamina crivosa do ethimoide, atravessa por seus filetes as aberturas deste osso, e se vem derramar na membrana pituitaria para receber e apreciar as moleculas odoriferas espalhadas na atmosphaera.

São òs cheiros emanações subtis, desenvolvidas dos corpos pela acção do calor e dissolvidas no ar atmospheric. A fricção, a dissolução, a combustão e outros processos, são os meios que fazem desenvolver o calorico proprio para os produzir. Os animaes fornecem poucos cheiros; os vegetaes exhalam muitos e mui agradaveis: é principalmente no tempo em que estes entes se reproduzem, que elles o desenvolvem com abundancia. Os mineraes só produzem cheiros fortes e abundantes.

Mechanismo do cheiro.

A cartilagem firme, que no centro
Do rosto se devisa a vital aura
Com compassada aspiração recebe,
Ao fundo peito vae; do peito torna,
Té que em final expiração se acabe.

MACEDO.

O ar atmospherico saturado de atomos odorificos, e atraído pela inspiração, passa ás fossas nazaes para se precipitar nos pulmões. Nesta passagem, o calor rarefaz-se e de algum modo sublima os pequenos corpos odoriferos junto á abobada nazal, onde as mucosidades as prendem e fixam nas extremidades nervosas distribuidas na membrana pituitaria.

Quando os cheiros são agradaveis, fecha-se a bocca para se inspirar sómente pelo nariz, onde o ar entra por curtas e repetidas inspirações : a expiração faz-se pela bocca, para não perturbar a sensação, succedendo o contrario quando estamos postados no meio de um ar impuro e alterado por cheiros fetidos.

Utilidade do olfacto.

Os physiologistas affirmam que o olfacto é um dos sentidos que tem usos mais variados, porque elle nos lisongea com a agradável impressão dos cheiros; examina as qualidades inspiratorias do ar; precede ao gosto na exploração dos alimentos, e a sua influencia sobre o systema nervoso é por demais espantosa, muito principalmente nas mulheres.

Physionomia do nariz, por Lavater.

Um nariz bem feito, diz Lavater, jámais se associa a um semblante disforme: póde-se ser feio e ter bellos olhos, mas um nariz regular exige necessariamente uma analogia feliz das outras feições. Vê-se mil olhos bellos, contra um nariz de perfeita belleza; e onde se o encontra, suppõe-se que ahí ha um character excellente e de espirito. Conforme nossas

idéas, as condições precisas para se ter um nariz perfeitamente bello, são : 1.º o seu comprimento deve ser igual ao da testa ; 2.º deve ser ligeiramente cavado em sua raiz ; 3.º a espinha, vista por diante (*spina dorsum nasi*), deve ser larga e quasi parallela dos dous lados ; 4.º a ponta ou a maçã do nariz (orbiculos), não ha de ser nem dura nem carnuda ; o contorno inferior deve ser desenhado com precisão e com correcção, nem muito largo, nem muito pontudo ; 5.º de frente, é necessario que as azas do nariz se mostrem distinctamente, e que as ventas se encolham agradavelmente para cima ; 6.º em perfil, o nariz, em baixo, só deve ter um terço do seu comprimento ; 7.º. as ventas devem seguir mais ou menos em ponta e redondamente pelo lado posterior, e em geral serão docemente arqueadas e partidas em duas partes iguaes pelo perfil do labio superior ; 8.º os flancos do nariz ou do seu arco, formarão especie de paredes ; 9.º para cima, elle alcançando perto do arco do osso do olho, sua largura deste lado deve ser pelo menos de meia pollegada.

Um nariz que tem todas estas qualidades, exprime tudo o que se póde exprimir. Entretanto, as pessoas de maior merito têm muitas vezes nariz disforme ; mas é preciso muitas vezes differençar a especie de merito que as distingue. Tem-se visto homens mui probos e generosos, e mui judiciosos, com pequeno nariz, chanfrado em perfil, ainda que vantajosamente organizado : possuem qualidades estimaveis, porém estas limitam-se a um espirito brando e tolerante, attento, docil e feito para receber e gozar sensações delicadas. Os narizes que se curvam no alto da raiz, convém a caracteres imperiosos, destinados a mandar, a obrar grandes cousas, firmes em seus projectos e ardentes em seguil-os. Os narizes perpendiculares, isto é, que se approximam desta fórma (pois estamos sempre firmes no nosso primeiro proposito, de que em todas as suas producções a natureza aborrece as linhas naturalmente rectas, podem ser olhados como as chaves do arco das outras duas), promettem uma alma que sabe obrar e soffrer tranquillamente e com energia. *Socrates* e *Boerhave* tinham narizes mui feios, e nem por isso deixaram de ser grandes homens, sendo o fundo do seu character brando e paciente.

Um nariz, cuja espinha é larga, quer seja direito ou curva-

do, annuncia sempre faculdades superiores; nunca nos enganemos sobre isto, mas esta fórma é mui rara.

Sem a espinha ser larga e com a raiz mui estreita, o nariz muitas vezes indica extraordinaria energia; pois esta reduz-se quasi sempre a uma elasticidade sem consequencia e sem duração. Os povos Tartaros têm geralmente nariz chato e cavado; os negros d'Africa tem-no esborrachado; os Judeus, pela maior parte, tem-no aquilino; os Inglezes, cartilaginoso e raramente pontudo. A julgar-se pelos quadros e pelos retratos, os bellos narizes não são communs entre os Holandezes. Ao contrario, nos Italianos é este traço distincto e da maior expressão. A venta pequena é signal certo de espirito timido e incapaz de ensaiar a menor empreza. Quando as alas do nariz são bem afastadas e bem moveis, denotam grande delicadeza de sentimento, que facilmente póde degenerar em sensibilidade e voluptuosidade.

Da respiração.

O apparelho da respiração se compõe de dous generos de orgãos, uns externos que comprehendem o thorax, composto de *ossos, cartilagens e musculos*; e outros internos, que são a *trachea-arteria, os bronchios, os pulmões e a pleura*.

O thorax, ou peito, é uma especie de gaiola ossea, cartilaginosa, conoide, um pouco achatado pela parte anterior e arredondado pelos lados: a sua base é obliquamente cortada de cima para baixo e de diante para atrás; o seu vertice é rombudo e obliquamente disposto em sentido inverso. Os ossos que compõem a caixa do peito são as 12 vertebrae dorsaes pela parte posterior; pela anterior o osso sterno, pelos lados as 24 costellas sendo, as 7 de cima (de cada lado) chamadas verdadeiras, e as 5 inferiores as falsas. As costellas prendem-se ás vertebrae por intermedio de ligamentos, e anteriormente ao externo pelas cartilagens costaes.

Os musculos do peito são (na região anterior): 1.º, o *grande peitoral*, situado na parte anterior do peito e adiante da axilla, estendendo-se desde a clavicula até á face anterior do sterno, as cartilagens das verdadeiras costellas, com exclusão da primeira, até o bordo anterior da corrediça bici-

pital do humerus; seus usos são mover o braço e contribuir para suspender as costellas na respiração; 2.^o o *pequeno peitoral*, situado por baixo do precedente, e partindo desde a apophyse caracoide da espadao até á 3.^a, 4.^a e 5.^a verdadeiras costellas; elle tem os mesmos usos do precedente, e bem assim puxar a apophyse caracoide para diante, para baixo e para dentro; 3.^o *sob-clavio*, posto na parte supero-anterior do peito, collocado desde a parte externa da face inferior da clavicula á face superior da cartilagem da primeira costella; seus usos são abaixar a clavicula e levar-a para diante e levantar a primeira costella; 4.^o *grande dentado* (região lateral), collocado aos lados do peito, que se estende desde a base da espadao até á 8.^a ou 9.^a costellas; seus usos são puxar a espadao para diante e suspender as costellas em que se ataca por suas digitações; 5.^o o *angular*, collocado atrás e ao lado do pescoço, e na parte superior do dorso; estende-se das quatro primeiras vertebrae do pescoço ao angulo superior da espadao; elle puxa o angulo superior da espadao para cima e imprime a este osso um movimento de rotação, e, deprimindo o manubrio do omoplata, póde tambem concorrer para levantar a espadao e dobrar o pescoço do seu lado, ou fixal-o em sua posição vertical; 6.^o os *intercostaes externos* (região intercostal), em numero de 12 de cada lado, collocados entre as costellas desde a columna vertebral em direcção obliqua até á união das costellas com as cartilagens; servem para levantar e abaixar as costellas; 7.^o os *intercostaes internos* (em numero de 12 de cada lado), são como os precedentes, porém em direcção opposta, se estendem desde o angulo das costellas até ao bordo do sterno; seus usos são os mesmos que os dos inter-costaes externos; 8.^o os *super-costaes*, são tambem em numero de 12 para cada lado, e collocados na parte posterior do tronco, estendendo-se do cume da apophyse transversa de cada vertebra ao bordo superior da costella que lhe fica em baixo; elles servem para levantar as costellas; 9.^o o *triangular do sterno*, collocado na face interna do sterno e das cartilagens costaes; estende-se deste osso ás cartilagens da 3.^a, 4.^a, 5.^a e 6.^a verdadeiras costellas; serve para puxar para dentro, para trás e para baixo as cartilagens onde se pega; 10, o *pequeno dentado, postero-superior*, situado (região vertebro-costal) nas partes postero-inferior

do pescoço e superior do dorso; estendendo-se desde a parte inferior do ligamento super-espinhoso cervical e das apophyses espinhosas da ultima vertebra do pescoço e das duas ou tres primeiras do dorso até á face externa e bordo superior da segunda, terceira, quarta e quinta costellas; serve para levantar as costellas onde se fixa; 11, o *pequeno dentado, postero-inferior*, situado abaixo do dorso na região lombar, estendendo-se desde a apophyse espinhosa das duas ou tres ultimas vertebrae dorsaes e das tres primeiras lombares até o bordo inferior das quatro ultimas falsas costellas em que se prende; 12, o *grande dorsal* (região posterior), situado nas partes posterior, lateral e inferior do tronco, desde o humerus ás apophyses espinhosas da 6.^a ou 7.^a ultimas vertebrae dorsaes e de todas as lombares ao sacro até aos ossos iliacos, e as 4 ultimas falsas costellas; elle puxa o membro superior para baixo e para atrás, e bem assim para cima e para fóra as costellas onde se insere; tambem move o tronco sobre o membro superior; 13, o *diaphragma*, é um musculo impar, situado obliquamente na parte inferior do peito e superior do abdomen, servindo de separação entre estas duas grandes cavidades: as suas parte lateraes são carnosas, e a média é a ponevrotica, em modo a ser chamado pelos anatomicos centro phrenico: a sua face superior é convexa e a inferior concava. Elle se estende desde o *appendice xiphoide* aos corpos das vertebrae lombares e das 6 ultimas costellas inferiores em cada lado. Além de ser o principal agente da respiração, este musculo serve igualmente para facilitar a digestão e para a evacuação das materias fecaes e urina.

Cavidade do peito.

A cavidade do peita tem a mesma configuração que a sua caixa: é forrada pelos *pleuras*, que são duas membranas serrosas que a revestem e se denominam pleura central; bem como os pulmões e mais partes, chamada pleura visceral. Estas duas membranas ao encontrarem-se no meio do thorax, deixam, anterior e posteriormente, um intervallo conhecido pelo nome de mediastino, anterior e posterior.

De cima para baixo encontra-se a trachéa-arteria (que pa-

rece ser continuação do larynge), formada de arcos cartilagosos, terminados posteriormente e reunidos entre si por uma membrana fibrosa. O seu interior é forrado pela mucosa que reveste a bocca e o larynge. A trachéa-arteria estende-se desde o larynge pela parte media e anterior do peçoço até ao nivel da quinta vertebra dorsal, onde se divide em dois ramos chamados bronchios, os quaes chegando aos pulmões se repartem em tres divisões para os tres lobulos do pulmão direito, e em dois para o esquerdo : depois desta divisão os bronchios se terminam por uma ramificação extremamente nervosa.

Pulmões.

Massa subtil, e fragil e esponjosa
Do ar, que se introduz, s'enche e dilata,
E logo comprimida o ar transmittit.
Continua ondulação, continuo motu!
Quando tu páras, Atropos de tudo
Corta o precario miseravel fio,
De que é pendente a duração da vida.

MACEDO (*Medit.*)

Os *pulmões* são em numero de dois, tendo a fórma de um cone irregular, cuja base olha para baixo e o vertice para cima; sua côr é pardacenta, misturada de um grande numero de nodoas ennegrecidas, que circumscrevem os lobulus pulmonares e dão aos pulmões uma apparencia jaspeada. O pulmão direito é menor e tem duas fendas, emquanto o esquerdo é maior e tem tres fendas. Seu peso é mais consideravel do que o d'agua, não tendo elles em seu interior ar algum. No interior, os pulmões representam uma cavidade irregular ou sinuosa, communicando-se com o ar por via da trachéa-arteria. Offerecem elles na sua composição um tecido fibroso, cartilagens, fibras musculares e uma membrana mucosa; porém entre estas partes, a trachéa-arteria é que serve de base a todas as outras; é a mais importante por causa de suas funcções (1).

(1) Os *pulmões*, pouco mais ou menos, nos offerecem o mesmo phenomeno que o coração: têm apparecido fetos que os não têm mostrado como aquelle monstro de Mr. Meray. Ha pessoas que têm vivido com

A *arteria pulmonar* forma o segundo elemento organico especial do pulmão; este vaso parte do coração, e ao depois se ramifica em dous braços e segue as divisões bronchicas até ás extremidades do orgão, onde concorre a formar o tecido do pulmão.

As *veias pulmonares* nascem nos pulmões, de todos os pontos onde o fluido nutritivo em contacto com o ar é transformado em sangue. Suas radículas são ahí tão pouco perceptíveis, como as ramificações bronchicas e arteriaes; mas pouco a pouco se reúnem em vesiculos, que, ajuntando-se, formam quatro grossos troncos pelos quaes vem em ultimo resultado abrir-se no coração.

Do ar atmospherico (1).

O ar atmospherico é um fluido invisivel, insipido, sem cheiro, pesado, compressivel e perfeitamente elastico, formado de 0,78 partes de azoto, 0,21 de oxygeneo e 0,10 ou

um sómente, como aquelle rapaz serralheiro cuja historia é referida pelo jornal de Verdun no anno de 1733. Em outras pessoas se têm encontrado 5 pulmões, como se observou no homem de 27 annos de que deram testemunho as Memorias da Academia Real das Sciencias, do anno de 1728.

(1) A respiração (diz o Dr. Guindant, Exp. des Varit. de la Nat. dans L'Esp. Hum., pag. 48, etc.), é a primeira lei que a natureza nos impõe logo que sahimos do ventre materno. O ar é o elemento que excita nossas primeiras sensações (e que no momento fatal de nossa destruição, ainda sustenta nossos languidos movimentos), torna-se depois tão precioso e tão necessario á nossa existencia, que, se por qualquer obstaculo, o canal que o transmite e o leva ao peito vem a ser interceptado ou cortado, só um passo nos separa da suffocação á morte.

O ar é, para o homem que vive sobre a terra, o mesmo que a agua para os habitantes do mar; isto é, seu principal alimento, e sem o qual elle não poderia subsistir desde que sahe do ventre materno. Sendo esta a regra commum, tem-se visto excepções:

1.º Esses famosos mergulhadores que a antiguidade tanto tem engrandecido, e cuja historia nos diz ficarem debaixo d'agua horas inteiras, sem alguma communicação com o ar;

2.º Aquelles que sem precaução fazem habitualmente nas Indias as pescas das perolas, do coral e das esponjas, e que desaparecem por longo tempo aos olhos dos espectadores;

3.º Os Javeus, negros da Martinica e S. Domingos, que para procurar lindas conchinhas vão em canoas mergulhar a meia legua de dis-

0,02 de acido carbonico. Sendo o elemento natural da respiração e o vehiculo das emanções que o calor desenvolve, convém que se o estude para que o homem permaneça onde elle fôr o mais puro e saudavel. A atmospheria envolvendo a terra, sobe até á altura de 15 a 16 leguas, sempre diminuindo de densidade.

Mechanismo da respiração.

Por dous actos inteiramente distinctos preenche o apparelho organico esta importante funcção, que são : a *inspiração* e a *expiração*.

Logo que se faz sentir a necessidade de inspirar, o peito, apartando suas paredes, augmenta de capacidade, e o ar se precipita nas ramificações bronchicas. A dilatação do peito tem lugar do modo seguinte : o diaphragma se contrae, a face convexa torna-se plana e concava, o que faz augmentar a cavidade do peito na direcção do seu diametro vertical :

tancia da praia, e em muitas braças d'agua, sem outra precaução mais que encherem a bocca de azeite de palma;

4.º Os infatigaveis mergulhadores da Europa, que sem socorro da lanterna de Telleamed, sem a bexiga de Drebell com seu licor, demoram-se debaixo d'agua meia hora completa, quer por prazer, quer para se metterem nas covas de alguns peixes;

5.º Os homens lethargicos, que se conservam no leito da morte duas semanas, e até mezes, sem dar signal algum de vida, e por consequencia sem respirar (*);

6.º Finalmente, essas desgraçadas victimas que têm sido encerradas nas catacumbas e carneiros, que se tem visto reclamarem seus direitos à vida fazendo retinir as abobadas sepulchraes com seus lugubres gemidos de raiva desesperada.

Ninguém poderá duvidar destas observações e exemplos; elles são attestados por homens mui circumspectos.

Backer, capitão Hollandez, achando-se nas costas da Hollanda no principio do seculo passado (1700), viu um homem lançar-se subitamente dentro do seu navio, entre muitos marinheiros. A novidade de um tal espectaculo surprehendeu-o muito mais quando esse homem lhe fallou em hollandez, pedindo-lhe um cigarro para fumar. Sendo perguntado quem era, disse ser Hollandez, que se tendo embarcado na

(*) Diz a *União Maloisine* que uma rapariga de 46 annos de idade, cahira n'um lethargo que durou 6 semanas, e durante este tempo nada comeu, e foi visitada por centenaes de pessoas.

este é o primeiro processo da inspiração. Neste caso as costellas e o sternão são levantadas, e o peito se estende no sentido dos seus diâmetros transversos e de diante para trás. O facto da elevação e abaixamento das costellas é incontestavel: a capacidade do thorax sendo augmentada, o pulmão que lhe é contiguo se dilata tambem, e o ar exterior vem-no penetrar pelo unico facto do equilibrio. Obedecendo aos seus differentes movimentos, passando pelas vias naturaes, adquire neste trajecto humidade e calor. Bem que a dilatação do peito faça ahi penetrar o ar, o seu apertado comprimindo o pulmão deve lhe operar a expulsão. Este movimento é passivo e consiste na cessação da acção dos agentes productores da inspiração. No canto, a compressão do pulmão é augmentada por certos musculos cuja contracção traz um abaixamento mais consideravel das costellas.

O ar expellido dos pulmões atravessa a trachéa-arteria, a bocca e as fossas nazaes, e como se tinha no peito carregado das sorosidades formadas pela respiração pulmonar (respiração insensivel) as abandona, resfriando-se, como se póde

idade de 8 annos em um navio que havia ido a pique com toda a equipagem, tinha vivido depois deste tempo no mar sem saber como. Porém percebendo que o capitão queria agarra-lo, lançou-se logo n'agua. Immediatamente redigiu-se um processo verbal deste phenomeno, e á chegada do navio o depozeram nos archivos do almirantado de Amsterdam.

Na historia antiga de Portugal se memora que os Lusitanos mandaram uma embaixada a Tiberio com a noticia de um homem marinho, apparecido na praia junto a Lisboa.

Em 1726 o joven Dutremby, de Burgos (o mesmo que foi advogado do Rei no Baliado dessa cidade), indo banhar-se com muitos de seus camaradas, sabendo todos nadar, mergulharam em uma bacia que tinha pouco mais de 8 pés d'agua. Depois de certo tempo reappareceram todos á excepção de Dutremby. Até ahi não se inquietaram a respeito delle, mas um quarto de hora depois não se o tendo visto, julgaram-no perdido ou afogado. Um dos companheiros mergulhando, foi encontra-lo sentado tranquillamente em uma pedra: e conduzindo-o pelos cabellos, perguntou-lhe depois o que fazia debaixo d'agua, ao que respondeu que tinha ficado ali sem saber como, e sem sentir o menor vexame.

Na cidade de Nevers era por todos sabida a historia de um homem que o seu maior prazer era andar por baixo d'agua muito tempo.

Um jardineiro Suecco, de quem fallam as Ephemerides da Allemanha, conservou-se 16 horas debaixo do gèlo, sem suffocar-se. Telasis, guarda da bibliotheca real de Stockholmo, falla de uma mulher que esteve 3 dias debaixo d'agua, e que depois que foi tirada viveu muitos annos, etc.

ver no tempo frio, onde o ar expirado sahe da bocca ou do nariz sob a fórma de vapor.

Ao sahir dos pulmões, o ar é privado de uma porção consideravel de oxygeno e, de mais, alterado por uma quantidade de acido carbonico que leva consigo na expiração.

Assim, no acto da respiração, o ar tem perdido uma grande porção do seu oxygeno, e absorvido alguns dos outros principios que tinha em suspensão, ao mesmo tempo que se tem saturado de uma quantidade proporcional de acido carbonico e de sorosidade animal. O sangue, com este processo, experimenta uma mudança espantosa, porque de negro que era torna-se vermelho purpurino, escumoso, mais leve e mais quente dois grãos que então, e neste ultimo caso passa ao coração e dahi para as arterias. A expiração é separada da inspiração por um intervallo pouco mais ou menos igual em duração á expiração e inspiração reunidas. Em quanto os órgãos exteriores repousam, continúa a elaboração e a absorção da pequena quantidade do ar que escapou á acção expiratoria, ficando em reserva nos lobulos do pulmão. A respiração tem certos phenomenos accessorios, dos quaes uns estão ligados á inspiração, da qual são causa ou effeito, taes são, o cheiro, o bocejo, a succão; outros pertencem á expiração, taes como a palavra, a vóz e o espirro; outros, finalmente, são communs com ambos os movimentos, taes como o soluço, o riso, o espirro, etc. (Leg. Zoon.)

Do calor animal, sua introdução e conservação no corpo organizado e vivo.

O Sr. *Legouas*, resumindo a doutrina de Richerand e de outros physiologistas, apresenta em substancia as idéas por elles observadas, dizendo que a caloricidade é a faculdade pela qual os corpos organizados e vivos se conservam na sua temperatura propria, e resistem aos grãos extremos do calor e frio da atmosphaera (1).

(1) O maior grão de calor externo que tem o corpo humano é de 28 a 29 grãos e meio do thermometro de Réaumur. O ar onde nem ha calor nem frio, tem 15 a 16 grãos de calor; o calor do corpo na

Esta propriedade, admittida por Chaussier e sustentada por outros physiologistas, não se deve mais confundir com a calorificação, bem como a sensibilidade se não confunde com a sensação. A caloricidade principia com a vida, cuja existencia ella concorre a demonstrar. Nos germens fecundados dos animaes e vegetaes, e nos differentes tecidos de uns e outros, é a caloricidade uma das principaes condições do desenvolvimento, do exercicio da sensibilidade e da motilidade. A sua diminuição e extensão trazem comsigo alterações semelhantes nas propriedades da vida organica, em cujo lugar deve ella ser considerada. A uniformidade da caloricidade em todas as partes do corpo é apparente, porque ella varia tanto como as outras duas propriedades de que fallamos. As propriedades vitaes modificadas infinitamente nos tecidos, órgãos e regiões do corpo, são sujeitas tambem a continuas variações que dependem da idade, do sexo, dos temperamentos, dos climas, das estações e outras circumstancias. Os solidos não gozam de uma vida exclusiva, porque tambem os fluidos gozam de vida, ainda que em gráo menor. O sangue, a lymphá, e principalmente o chylo, possuem elementos de vida; se elles fossem mortos não estimulariam os tecidos que os recebem. E' por virtude desta sombra de vida que elles se conservam em estado de liquido, enquanto se movem em seus vasos; se decompõem pelo repouso e se alteram promptamente com o contacto dos virus que lhes são introduzidos por meio da absorpção. A calorificação, conforme os extractos do Sr. *Legouas*, é a acção por meio da qual os corpos organisados conservam o seu calor proprio no meio das variações da temperatura e da atmospherá.

O calorico é introduzido no nosso corpo por via da respiração, absorpção e digestão (1).

cama ordinariamente é de 22 e meio : não se sente frio em uma casa a que se deram 12 grãos de calor, e sente-se de 9 até 11 grãos. Com 5 grãos arripiam-se as mãos. As differentes partes do corpo têm diversos grãos de calor : o maior é o da barriga, depois o do peito e das axillas, e ultimamente o das mãos e pés. O calor do sangue lançado sobre o thermometro quando sahe da veia é de 27 a 28 grãos; a urina deitada immediatamente sobre o thermometro, tem sempre e em toda a idade quasi 29 grãos como tambem o leite da mulher ou da vacca.

(1) A respiração é o meio mais poderoso da calorificação : introdu-

Do aparelho da voz.

A voz, ou *phonação*, é o som que é produzido dentro da cavidade do larynge, logo que o ar tenha atravessado a trachea-arteria, quer entre para os pulmões, quer delles saia. Mr. Adelon define a voz um som que é produzido no larynge no momento em que o ar expirado atravessa este órgão, e que os musculos intrinsecos da glotte estão no estado de contracção; o ar que a inspiração tem introduzido no pulmão é empurrado deste órgão no larynge, pelo jogo do aparelho muscular thoracico, pelo movimento da expiração. E' lá o primeiro acto necessario para a producção da voz. E' no tempo da expiração que a voz é produzida. A palavra *larynge* traz a sua etymologia da palavra grega *Λάρυγξ*, guela, apito, ou *caput arpræ arteriæ gutur*. Esta passagem do ar que nós observamos através deste órgão, é absolutamente indispensavel para a formação da voz. A voz é formada dentro da glotte. A situação do larynge é na parte superior da trachea-arteria e inferior da base da lingua, sendo aberto pelas suas duas extremidades, superior e inferior, e tendo apenas na sua ex-

zido por este meio o principio do calor em grande quantidade, circula com o sangue e cada parte o desenvolve e segrega por si mesma. O fogo exterior concorre á colorificação, oppondo-se á sahida do calor interior, e entretanto a força tonica dos órgãos necessaria para se effectuar esta especie de secreção. A' vista disto, se vê a precisão de se admittir alguma differença entre o calorico interior ou vital e o calorico exterior ou physico.

O calorico exterior conserva-se tanto melhor quanto maior é a actividade vital e mais livres são as funcções. Elle espalha-se uniformemente por todas as partes, de modo que as que têm mais cedem ás que têm menos para se equilibrarem. A temperatura humana ordinariamente é de 28.º do thermometro de R., e 36.º do Cent. sendo o calorico interior, que é excessivo, escapado pelas excreções em geral, e com mais particularidade pela transpiração pulmonar e cutanea; por isso, quando nos achamos em uma athmosphera elevada, os vasos exhalantes da pelle entram em acção, e o suor que disto resulta leva comsigo uma grande quantidade de calorico, e a outra porção deste principio é subtrahida para servir á evaporação do suor juntamente com o calorico da athmosphera.

Sabe-se que a temperatura do corpo do homem apresenta ás vezes mudanças dependentes do estado morbido; porém deve attender-se que em muitos casos estas variações são subordinadas ás alterações da sensibilidade organica.

tremidade superior uma valvula parabolica, qua é chamada epiglote pelos anatomicos, tendo por uso não deixar entrar algum outro corpo para a cavidade laryngea, e de lhe servir para economizar o ar, como faz a mão ou o lenço do musico que toca trompa ou corneta, na bocca do instrumento, para melhor produzir o som que quer, *id est*, modifical-o.

Este orgão, o larynge, que é a continuação do canal aereano (trachéa-arteria), que vae para os dous pulmões, com este nome, e depois em baixo se bifurca, então ahi recebe o nome de bronchios, e entrando nos pulmões se distribuem em muitos canudinhos até por fim perderem-se no parenchima desta viscera. O larynge é formado de quatro cartilagens e uma fibro-cartilagem (a valvula epiglótica); as cartilagens são: Thyroide (Θυροεις *scutum quod ita dicitur a forma januæ*, por se assemelhar com os antigos escudos; á esta cartilagem o vulgo chama pomulo de Adão: está situada na parte supero-anterior do pescoço. A segunda cartilagem é uma mais pequena, em fórma de anel, chamada cricoide (Κρικκος *annulus circulus*), situada na parte inferior da primeira, e duas pequenas cartilagens situadas na parte postero-superior da cartilagem cricoide, chamadas Arytenoides (Αρυταινα *genus cyathi aut poculi, haustum, ειδοσ forma*).

Chama-se glote aquelle espaço que fica entre as cordas vocaes superiores e inferiores, *id est*, aquella parte do larynge onde é formado o som vocal. A palavra glote traz a origem da grega — Γλωσσα, ou Γλωττα —, lingua. São quatro as cordas vocaes, duas de cada lado; as inferiores ou cordas de Ferrein, são formadas pelos dous musculos tyroaritenoideanos, cobertos pela membrana mucosa laryngea; contractil (propriedade muscular), e goza essencialmente de grande utilidade na formação da voz. As outras são as cordas vocaes superiores não musculosas; formadas por uma dobra (de cada lado) da mucosa laryngea: estas duas cordas são por experiencias inertes na formação da voz.

Bichat e *Magendie*, por experiencias directas, provaram serem estas cordas estranhas á formação da voz, e que apenas podem pôr um pequeno obstaculo á passagem do ar expirado, e não modifical-o, e que as cordas vocaes inferiores são as unicas que vibram. *Ferrein*, foi o primeiro que em

1747 comparou o larynge a um instrumento de cordas, e que os sons eram provenientes das vibrações effectuadas pelas cordas vocaes inferiores na passagem do ar expirado. A Memoria foi apresentada á Academia Real das Sciencias de Pariz, e por esse tempo fez muita bulha entre os sabios, sendo acolhido o seu sentimento quasi por todos; explicava elle a sua hypothese engenhosa desta fórma: « Os ligamentos da glote representam as cordas do instrumento; a columna do ar expirado, o arco que as põe em vibração; a cartilagem thyroide, o ponto de apoio; as arytenoides, as cravelhas, e os musculos desta parte, as potencias que as põe em movimento. » Explicava tambem as differentes variedades dos tons pelo maior ou menor gráo de tensão e longura das cordas inferiores. Dizia elle que para produzir sons agudos era necessario tensão e encurtamento das cordas; para os tons graves, laxidão, e por conseguinte alguma longura das mesmas cordas, e que esta tensão é devida aos musculos crico-thyroideanos que fazem com que a cartilagem thyroide soffra um tal ou qual movimento de balanço para diante, e que a acção dos musculos crico-arytenoideanos posteriores fazem balançar para trás as cartilagens arytenoides. Conheceu-se depois que esta hypothese, posto que muito engenhosa, não podia ser admittida, porquanto não ia de accordo com os verdadeiros principios de Physica, que são: para que uma corda possa produzir som e vibrar, deverá ter elastério, tensão, estar secca e livre; ora vemos que nada disto têm as cordas laryngeas, porque estão constantemente lubrificadas pela mucosidade da membrana que as cobre, e por isso não gozando de liberdade, etc.

Com a quédia desta hypothese compararam de novo o larynge a um instrumento *de vento*, opinião antiga de Aristoteles, e seguida depois por *Galleno*, que o comparavam a um instrumento do genero dos clarins ou das trompas Σάκιξ, e diziam ser o ar a séde das vibrações sonoras, e que a estreiteza de que o canal é susceptivel era uma das principaes causas da entoação do som (1).

Mr. *Adelon* diz: « O lugar do larynge onde se fórma a

(1) Val a pena ler-se os trabalhos, sobre a formação da voz, dos Srs. *Bichat*, *Cuvier*, *Magendie*, *Dodart*, *Dutrochet*, etc.; d'alguns referiremos passagens, já que não os podemos citar por extenso.

voz é na abertura da glote e nos dois ligamentos ditos cordas vocaes inferiores que cinge esta abertura. »

Sobre um cadaver, com effeito, se introduz com um folles o ar para a parte inferior da trachéa-arteria, e dirigindo-se este ar do lado do larynge se consegue produzir um som vocal; se se comprime ao mesmo tempo sobre as cartilagens arytenoides, de maneira que estas cartilagens se toquem por sua face interna; nesta experiencia se vê claramente que estes são os ligamentos inferiores da glote, porque suas vibrações produzem o som. Póde-se demais destruir todas as outras partes do larynge sem que a voz seja aniquilada, e não é ella inteira senão pela lesão daquelle. Comtudo, eis aqui o que nós podemos já estabelecer sobre o mechanismo da phonação : o ar da expiração é introduzido no larynge pelo apparelho muscular thoracico; os musculos proprios do larynge contrahidos, dão aos rebordos da glote, as cordas vocaes inferiores muita tensão para romper este ar, e dar-lhe vibrações, das quaes resulta o som. O apparelho muscular thoracico representa o folles, a trachéa-arteria o porta-vento; a glote e seus rebordos a palheta de quem o ar recebe as vibrações. O som assim produzido se escapa pela bocca e fossas nazaes.

Mr. *Magendie* explica de uma maneira satisfactoria este mechanismo : « Eis ahi, pensamos, para tirar toda a duvida, que a voz é formada na glote pelos movimentos dos seus ligamentos inferiores. Bem estabelecido uma vez este factó, póde-se, pelos principios de Physica, dar a razão da formação da voz? Aqui está a explicação que nos parece mais provavel. O ar expellido do pulmão, segue por um canal assás largo; immediatamente este canal se estreita, e o ar é obrigado a passar atravez de uma fenda estreita, cujos dois lados são laminas vibrantes, as quaes da mesma maneira que as laminas das palhetas dos instrumentos de sopro (como v. g. a do clarinette) permittem e interceptam alternativamente a passagem do ar, e que por estas alternativas determinam ondulações sonoras na corrente do ar transmittido. »

Não ha duvida que o tubo vocal tem a propriedade de se alongar e se estreitar, pois se puzermos a mão sobre a parte anterior do pescoço, veremos este phenomeno : nos sons agudos elle se eleva, e nos graves se abaixa; e por este motivo tem a voz a intensidade que se quer produzir. Aqui

faremos uma não menos importante observação e é, que o instrumento vocal possui em alto gráo as condições para a producção da voz as mais favoraveis que é possível; além disso, vemos que elle produz todos os sons, e os modifica tanto sob as relações do metal da voz, como sob a sua intensidade. Para se passar de um som a outro, para se augmentar o seu volume, o larynge póde tomar o diametro que lhe parecer, e então com o exercicio conveniente e gosto ás leis da harmonia, toma a voz humana uma força que é capaz de nos excitar as sensações mais agradaveis, e o deleite mais innocente.

A voz humana differe muito emquanto ao sexo, idade, etc., e se acha estrictamente ligada por uma lei organica ou sympathica com o apparelho genital, de sorte que na idade da puberdade (além do grande desenvolvimento que experimenta o larynge), a voz se torna mais forte, e em alguns mais sonora.

Quando o ar sahe dos pulmões, passa com rapidez para o larynge, que constricto atravessa a glote entrando em vibração, e produzindo consequentemente o rectumbamento na cavidade ventricular do orgão; a este acto chamam os physicos Timbre.

Durante a producção da voz na cavidade laryngea, este orgão em sua totalidade põe-se em continuo movimento, para por este meio fazer com que as cordas vocaes (contrahindo-se), se intesem e se approximem, produzindo os sons agudos, e, relaxando-se, se alonguem para produzir sons graves: assim pois a fraqueza ou a força da voz depende tão sómente, conforme as experiencias, da quantidade em volume do ar lançado dos pulmões e do gráo de força dos diversos apparelhos que concorrem á respiração.

A voz, tal qual se fórma, isto é, a voz *bruta*, de pouco ou quasi de nada serve; porém á medida que atravessa a bocca e fossas nazaes, se vae tornando mais sonora e mais bella, por isso que tem de passar por cavidades e tortuosidades que para isto se prestam.

A voz, logo que é articulada ou modificada por meio da bocca e suas dependencias, no larynge e fossas nazaes, produz o que se chama *palavra*.

Do canto.

Conviria mais que muito, quando tratámos da musica, termos dito alguma cousa sobre o canto; porém como aquella trata da harmonia dos sons vocal e instrumental, e este das modulações variadas que a voz recebe no mesmo instante em que é produzida, por isso julgamos não confundil-os.

O poder associar a palavra ao canto, e fazel-a servir para exprimir as paixões e communicar os pensamentos, eis o grande talento do homem.

Os antigos cantavam, nos templos, em louvor da Divindade, as orações de graça; e os poetas em vez de recitarem as suas producções simplesmente, expunham-nos cantando ao som dos instrumentos; as acções heroicas eram cantadas ao som da trombeta; a lyra era para cantar amores; a flauta para os mysteres do campo em mãos dos pastores, e tambem para celebrar os seus amores: é isto o que fez dizer ao doutissimo Antonio Ferreira, na carta oitava do livro primeiro:

. Versos dão vida
Ao digno de memoria, e o accrescentam.
As musas cantam: dellas é sabida,
Não de metaes, de cedros, de esculpturas.
A fama aos claros feitos concedida.
Cahem as estatuas, gastam-se as pinturas;
Aquelle brando canto é só mais forte
Contr' o tempo, que ferro ou pedras duras;
Contra fogo, contra agua e contra a morte
Fica soando sempre.

Da poesia.

A poesia é a imitação da natureza no universal ou no particular, feita em versos para utilidade ou para deleite dos homens, ou juntamente para ambas as cousas.

A poesia, imitando as acções humanas e exprimindo todas as cousas em uma linguagem cadente, á medida que vae expondo o que sente, deleita a imaginação com a ligação dos pensamentos. Para este fim o poeta escolhe o genero

de poesia que melhor convém ao objecto de que vae cantar, e tambem o estylo que deve empregar; porque, como disse o Dr. Antonio Ferreira (L. 1.º, C. 8.º) :

Não soffrem as altas musas meamente
Serem tratadas; tanto que do extremo
Um pouco desço, cáhio baixamente.

E na carta 12.

Conheça-me a mim mesmo : siga a vêa
Natural, não forçada.

Do grito, do riso, do suspiro e do soluço.

O *grito* é uma especie de voz inarticulada, commum aos homens e aos animaes, e produzido por contracções e esforços exaggerados dos órgãos da voz. Um duplo som, difficil de ser apreciado, constitue o grito. Conforme as observações do Dr. Colombat, de l'Isere, feitas sobre a voz humana, diferentes acentos exprimem os sentimentos internos que causarão o grito. O Dr. *Darwin*, na sua preciosa *Zoonomia*, faz sentir que o grito exprime ordinariamente a dôr, e serve para mitigal-a, porque com elle se pôde dissipar com mais rapidez o poder sensorial accumulado nos órgãos musculares ou sensitivos. Esta facilidade que tem o animal para com o grito mitlgar a dôr, é a origem do riso.

O *riso*, conforme o Dr. *H. Cloquet*, é um movimento involuntario dos musculos da face e dos labios em particular, acompanhado de uma inspiração sonora, interrompida, que annuncia ordinariamente alegria.

O Dr. *Darwin*, pensando que as sensações agradaveis que occasionam o *riso* são continuamente susceptiveis de se tornarem dolorosas, quer que o prazer e a dôr sejam muitas vezes produzidas pelos grãos diferentes de um mesmo estimulo : com effeito, o calor, a luz, os cheiros volateis tornam-se dolorosos por seu excesso, e a cocega na planta dos pés nos meninos é uma sensação dolorosa, desde o instante que se quer fazel-o rir. Logo que as idéas agradaveis que nos provocam o riso, produzem dôr, nós gritamos para nos alliviar, e nos calamos depois para não perdermos esta sorte de gozo,

e assim procedemos entre o grito e a quietação alternativamente : de sorte que no riso ha tres periodos, o primeiro de prazer, o segundo de dôr, e o terceiro é uma suspensão para mitigal-a. Se o riso é excessivo, que muitas vezes nos perturba, nós sentimos grandes movimentos em todo o corpo, porque apparecem lagrimas e dôres no rosto com excesso de sangue para a cabeça, dôres nos musculos do ventre, etc. A physiologia pathologica ainda reconhece outra especie de riso, a que chama *sardonico*, que é aquelle em que se nota um apartamento convulsivo dos labios, da face, que precede e acompanha muitas vezes o tetano geral.

E' o *suspiro* uma contracção lenta dos movimentos inspiradores, provocado ordinariamente pelo transtorno da inspiração por um peso que se faz sentir atrás do osso sterno : elle é uma inspiração mais prolongada que a ordinaria. O *suspiro* tem lugar nas diversas situações moraes, e é muitas vezes provocado pela prisão da respiração. Nas molestias febris que apresentam *suspiros*, indicam em geral perigo de vida.

As paixões, ordinariamente, são que provocam os *suspiros*, taes como o amor, a tristeza, a melancolia, etc., e servem nestes sentimentos para alliviar o peso que o coração supporta pela compressão que o abate.

O *solução* é uma inspiração instantanea, produzida pela contracção subita e involuntaria do diaphragma, e o aperto simultaneo da glote que suspende a acção do ar na trachéa-arteria, e desenvolve um som rouco. Este phenomeno de physiologia pathologica tem lugar em uma multidão de doenças, e frequentemente se observa em pessoas que, aliás, gozam de perfeita saude; porém a medicina pratica tem conhecido que em algumas molestias quando o *solução* apparece, é um signal de máo agouro (1).

As paixões deprimentes que desafiam as lagrimas, al-

(1) O celebre Darwin quer que o *solução* provenha do estímulo do orificio cardiaco ou superior do estomago, provocado pela presença forçada do alimento, e nas febres mortaes pela presença da morte em uma parte do estomago, ou da acrimonia do alimento não digerido. A dôr do orificio cardiaco é a causa proxima da pouca acção das fibras deste orgão, e a remota acção dos musculos inspiradores é o effeito proximo; e a repercução da materia nociva é o effeito remoto. Muitas vezes o *solução* é um effeito sympathico.

gumas vezes provocam soluços, como tambem na alegria excessiva.

Do gosto e do apparelho gustador.

O *gosto* é o sentido que nos faz apreciar os sabores.

Este sentido, assim como o cheiro, foram com bastante fundamento chamados sentidos chymicos, por se exercerem sobre as moleculas destacadas das substancias dos corpos que elles sabem reconhecer e apreciar.

A lingua, órgão principal do gosto, está situada na bocca (1). A sua face superior é lisa e coberta pela membrana mucosa boccal; em sua superficie se nota um grande numero de pequenas saliencias que se chamam papillas; sua face inferior é igualmente forrada pela mesma membrana mucosa, a qual fórma sobre a linha média uma dobra, a que se tem chamado freio da lingua.

A lingua é um corpo muscular, susceptivel de muitos movimentos : entre as suas duas faces se lhes destingue uma ponta, uma base e dous bordos lateraes. Seus limites são, em cima, o véo do paladar, em baixo, o osso hyoideo e o larynge; adiante a maxilla, e atrás a epiglote. Os labios, o véo do paladar, a abobada palatina, as bochechas, contribuem muito tambem para effectuar a impressão dos corpos sapidos; porém a lingua é exclusivamente o principal órgão desta funcção.

O gosto se augmenta em razão dos progressos da idade, e é o unico sentido que o velho conserva em sua integridade até a morte. Os musculos de que se compõe a lingua são: 1.º, o estylo-glosso; 2.º, o genio-glosso; 3.º, o hyo-glosso; 4.º, o lingual.

As arterias e veias que se distribuem na lingua são : a ar-

(1) Mr. de Jussieu conta que na viagem que fez em 1718 a Portugal, vio uma moça de 15 annos sem lingua. Ella, em vez deste órgão, tinha uma pequena eminencia em fórma de mamilo, que se elevava do meio da bocca á altura de 3 a 4 linhas. Assim como esta aberração apparece, tambem se tem visto nascerem crianças com duas linguas, como aquella rapariga de *Vitrey* cuja observação foi referida pelo Dr. Roux no *Mercurio* do anno de 1763.

teria e veias linguae fornecidas pela arteria carotida externa.

As papillas disseminadas sobre a face superior da lingua distinguem-se em tres ordens: 1.^o, lenticulares, que são folliculos mucosos situados principalmente na base da lingua; 2.^o, fungiformes; 3.^o, conicas, que são elevações nervosas que se suspendem na superficie deste orgão. Os nervos da lingua são os ramos do nervo glosso pharyngeo, e o grande hypoglosso, e o lingual, ramo do nervo maxillar inferior, que é o que vae formar as papillas fungiformes e conicas. Este ultimo nervo é, propriamente fallando, a sede do gosto.

Mechanismo do gosto (1).

O gosto se opéra quando os alimentos, introduzidos na cavidade da bocca, são submettidos á mastigação e dissolvidos

(1) A vista e o ouvido são, sem duvida, os sentidos mais delicados, mais sensiveis e, se pôde assim dizer, os mais vizinhos da alma: o cheiro, o gosto e o tacto, ficam algum tanto mais longe della, e daqui vem que seus prazeres são menos vivos que os dos outros sentidos, porém mais tranquillos e mais solidos. O orgão principal do gosto é a lingua; sua sensibilidade reside nas papillas nervosas (ou mamilozinhos) que se observam sobre toda a superficie, e particularmente na ponta da lingua; estas papillas são umas diffusões do nervo chamado *gustativo*.

Tambem ha papillas no paladar, e este participa juntamente com a lingua e outras partes da bocca dos diversos gostos ou sabores, os quaes consistem nas vibrações mais ou menos fortes dos saes que obram sobre o sentido do gosto, bem como os sons consistem nas vibrações mais ou menos fortes do ar, que opéra sobre o ouvido (e o mesmo podemos dizer do cheiro).

Entre os povos selvagens está menos desenvolvido o sentimento do gosto do que entre as nações policidadas; o mesmo acontece a respeito do sentido do tacto. Esses sentidos influem certamente muito na extensão do juizo, comtudo o do gosto é quasi todo physico, pois de ordinario se observa, que as pessoas gulosas e delicadas, em que este sentido está mui desenvolvido, têm commummente o juizo menos extenso e menos bom que os outros.

O sentido do gosto recebe grande numero de modificações da parte do principio interno da vida. O mesmo objecto parece-nos mais ou menos saboroso e agradável, segundo a fome, a sede, o bom estado do estomago, etc. Os alimentos que ao principio da comida agradam, nós enjoam quando estamos fartos. O habito tem grande influencia nos orgãos do gosto; e faz que muita gente coma cousas que aos outros parecem incapazes de se poderem comer. O gosto de tal modo foi disposto em nós pelo Autor da natureza, que quasi todas as cousas ven-

pela saliva, e então as suas moléculas sapidas obram sobre as papillas nervosas que entram em acção e recebem a impressão.

A sensação do gosto se desenvolve somente pela immediata applicação dos corpos saborosos, e se desenvolve e aperfeiçoa com o habito e exercicio. O gosto (diz Leg.) determina as qualidades saudaveis ou damnosas dos alimentos. Os prazeres annexos ao seu exercicio encontram-se no orgão do gosto; porém a alma retém pouco a lembrança, e dahi procede o attractivo sempre novo que encontramos nos alimentos: se os tornamos a procurar, é mais pelo prazer que nos promettem, que por aquelle que já nos deram e que nós fruimos.

Dos sabores.

Os sabores variam muito, e por isso é mui difficil o classificá-los. Para se poder apreciar as differenças e a quali-

nas repugnam ao nosso paladar, por seu sabor ser corrosivo, enjoativo, ou de máo gosto. O recém-nascido menino, e o animalzinho, têm logo que vêm á luz, já tão firmado este sentido, que por instincto mesmo rejeitam as materias que lhes não são convenientes. Vê-se pois uma previsão, um fim, que excepções mui raras não destroem, no sabor agradável e doce que têm todas as cousas proprias á subsistencia da vida.

Os orgãos do gosto variam muito nas diversas classes de animaes; porém é bem notavel a correspondencia que em quasi todos têm, assim como no homem, este sentido do gosto com o do cheiro, o qual se póde considerar menos como um sentido particular do que como supplemento ou parte do sentido do gosto.

Consiste o sentido do cheiro em uma membrana mucosa muito sensivel, em cujo tecido vem desabrochar-se os nervos do olfacto: chama-se pituitaria aquella membrana, porque recebe a pituita, humor aquoso e branco que corre do cerebro, e que por ella se filtra. Como o cheiro é, por assim dizer, uma especie de gosto delicado, o Autor da natureza os approximou ambos de tal modo que mutuamente se servissem; assim o nariz e a bocca estão sempre vizinhos, e em communicação um e outro orgão.

As particulas volateis dos corpos são mais ou menos odoríferas, segundo sua natureza; e é cousa observada que alguns cheiros possuem qualidades nutrientes. Democrito refere ter vivido tres dias sustentado só com o vapor de pão quente; e Hipocrates recommenda se sustente por via do cheiro aquella pessoa cahida em demasiada fraqueza que carecer de prompto sustento.

Os cheiros produzem grande numero de effeitos singularissimos sobre o systema nervoso; alguns fazem a gente estúpida e entorpecida, outros embebedam e envenenam, uns causam convulsões, outros som-

dade da substancia, é mister que seja dissolvida na bocca, e posta em contacto com a lingua para se poder apreciar devidamente.

Reflexões philosophicas do conde de Oxensfirn, sobre o gosto.

E' o gosto filho bastardo da imaginação e tem muitos paes, por isso se diz : *gustibus non est disputandum*. Sua vivenda está na lingua, os dentes são os seus vizinhos, e todos os rendimentos do estomago pagam os direitos de alfandega passando pelas suas terras. Servem-lhe de nordeste os suspiros de amor, e os arrotos de crueis tempestades. Os manjares delicados são seus lisongeiros, e a medicina o desespera. E' naturalmente inimigo da saude, e só em doenças é liberal. Assim fornece ao medico com que subsistir, e consigna um lugar de renda aos boticarios as partes do corpo que só ser-

no, outros vigilia, etc. Os cheiros fetidos tornam a si de suas syncopes as mulheres hystericas; o vapor do arsenico é muitas vezes mortal, e delle morreo o chimico Dippel. As communicações nervosas do grão sympathico com a membrana pituitaria são a origem dos espirros que causa o tabaco, a euforbia, etc. Da mesma causa nascem outros muitos effeitos na economia animal. Tambem é muito notavel a grande correlação que tem o olfacto com os órgãos generativos pelo quanto interessa, excita e embriaga a imaginação. Do conhecimento desta correlação se têm aproveitado muitas pessoas para formarem certas composições odoríferas que por sua sympathia ou antipathia, pretendem attrahir ou repulsar as affeições de outras, as quaes composições sympathicas, ainda que não tenham toda a virtude que se lhe attribue, concorrem para a damnificação da pureza de costumes, e por isso merecem ser punidos seus compositores, que entre o vulgo passam por feiticeiros.

A actividade do cheiro depende muito da sensibilidade do systema nervoso; e esta é a razão porque os homens melancolicos e nervosos, e as mulheres delicadas têm o sentido do cheiro muito exaltado. Uns e outras experimentam sabores, e sentem cheiros puramente imaginarios; bem como se sentem muitas vezes zumbidos nas orelhas, ou illusões na vista. Póde-se finalmente considerar este e os precedentes sentidos como partes integrantes do sentido do tacto.

O mais geral de todos os sentidos é certamente o tacto, pois delle nenhum animal é de todo privado; parece ser o sentido primitivo e o fundamento próprio que dá a conhecer a animalidade; por quanto a essencia desta depende totalmente da faculdade de sentir por uma ou por muitas e modificadas fórmulas o contacto dos corpos externos sobre a pelle.

O ser mais ou menos abundante a diffusão dos grupos nervosos na

vem ajoelhadas. E' o mais cruel inimigo do estomago, e os effectos da sua brutalidade vão até á parte mais baixa do ventre. Muitas vezes escreve o passaporte para o outro mundo, e a morte não faz mais que assignal-o. O guloso é o intendente das rendas, e o bebedo o mata com os mais beneficios que lhe faz. E' um dos primeiros ministros do demonio e paga muitos tributos ao inferno. Dá muitas vezes, em recompensa a seus validos, o hospital neste mundo, e a seus queridos uma indigencia eterna no outro.

Esta moralidade disfarçada póde mui bem servir de guia para os que ignoram os elementos da sobriedade.

Da bocca.

A bocca, igual prodigio! órgão primeiro,
Onde recebe a machina o sustento
Onde se fórma a voz que exalta o homem
Canal pasmoso dos conceitos d'alma!

MACEDO *M.*

pelle, a maior ou menor delicadeza desta, sua maior ou menor flexibilidade produz diversos grãos de perfeição, e diversos modos de sensação em cada animal. O mesmo interior do corpo não é privado deste sentido, quando os órgãos nelle estão em um estado de excitação ou de sensibilidade, como succede em algumas doenças. Além disso, a dor e o prazer, a fome, a sêde, a fartura, etc., são especies de tactos, ou, para melhor dizer, sensações que podemos referir ao mesmo genero.

A dureza e a molleza dos corpos, suas superficies lizas ou desiguaes, a humidade e a seccura, o calor e o frio, a mobilidade e a immobillidade, a compressão, a percussão, a configuração, eis aqui os objectos principaes do tacto. Todas estas qualidades dos corpos que nos cercam só se consideram taes a nosso respeito, pois que uma cousa que para os nossos órgãos é branda, porque facilmente lhes cede, é dura para órgãos mais debeis que os nossos. Não são por conseguinte as sensações senão congruencias variaveis segundo as qualidades dos órgãos dos animaes. A um calor menor que o do nosso corpo chamamos frio; mas é evidente que este grão de frio ha de ser ainda calor para os animaes muito frios.

O tacto varia segundo as diversas partes do corpo. O tacto da mão é muito mais perfeito que o de muitos outros órgãos; o tacto dos beiços não é semelhante ao dos bicos dos peitos: as coegas das ilhargas, das solas dos pés e das ventas, as titilações, as comichões, differem umas das outras, e todas diversificam da sensação viva dos órgãos sexuaes. A lingua tambem sente o contacto dos corpos, além de seu gosto; o tacto dos olhos é mui sensível, o do meato das orelhas tambem é muito vivo, e differe das outras especies de tactos.

As linhas da pelle interior das mãos mostram a disposição das papillas ou eminencias nervosas. Para melhor sentir é preciso que os nervos se inchem e se dilatam: disto se observa um admiravel exemplo no

Eis-me chegado, diz *Herder*, á parte inferior do rosto humano, rodeada pela natureza de uma nuvem nos homens, e com razão sem duvida. E' aqui que se desenvolvem os traços da sensibilidade que convem occultar.

Todos sabem quanto o labio superior caracteriza o gosto, a inclinação, o appetite e o sentimento do amor, que o orgulho e a colera o curvam; que a astucia o guia; que a bondade o arredonda; que a libertinagem o abate e desbota; que o amor e o desejo a elle se ligam por um attractivo inexplicavel. O uso do labio inferior serve-lhe de apoio.

Nada mais articulado no homem que o labio superior no lugar em que fecha a bocca. O arranjo dos dentes e a conformação das faces, é ainda de maior importancia para o observador. Uma bocca delicada e pura é uma das mais bellas recommendações; a belleza do portal annuncia a dignidade do que deve por ali passar; é a voz interprete do coração e da

sentido do gosto, que não é mais que uma especie de tacto; porque é necessario que o orgão se disperte, se estimule, e se adiante para tactear, sem a qual preparação é impossivel que elle sinta, porquanto é preciso que se estabeleça uma relação entre o orgão que sente e o corpo sentido. Quanto mais ligeira é a sensação, tanto mais exaltada deve ser a sensibilidade para a perceber. A perfeição do tacto depende tambem da facilidade dos orgãos em apalpar os objectos em todo o sentido: eis aqui a razão porque as mãos do homem e seus dedos flexiveis, são instrumentos tão importantes, e lhe dão tão grande superioridade sobre os animaes.

Parece que as funcções do tacto servem principalmente para rectificar os erros dos outros sentidos; pois que a vista e o ouvido estão sujeitos a enganarem-se, por não terem relações senão com objectos distantes; eis aqui a razão porque o tacto activo depende da vontade; com effeito, era necessario para qualquer se assegurar das cousas, que a alma tivesse á sua disposição um sentido seguro que firmasse os seus juizos. O tacto é este sentido reflexivo e philosophico que dos objectos nos dá as noções mais certas. O gosto e o cheiro são, rigorosamente fallando, umas especies de tactos; um é o tacto das moleculas do sabor, o outro das particulas odoríferas.

Se melhor quizermos saber quaes são os uteis e grandes effeitos do tacto, perguntemol-o ao Universo; consideremos esses immensos globos que a mão do homem, ajudada do compasso e da regua por elle inventados, hoje sabe medir; perguntemol-o á terra que elle ára e aformosea; ás artes que elle inventa e aperfeiçoa; perguntemol-o finalmente ao amor physico, chamado por *Buffon*, com sua costumada energia, *sexto sentido*, e conheceremos sua excellencia, e a preciosa alliança dos sentidos do homem.

alma, expressão da verdade, da amizade e dos mais ternos sentimentos. O labio inferior começa já a formar o mento, e o osso maxillar que desce dos dous labios o termina. Como elle arredonda toda a ellipse do semblante, póde ser tomado pela chave da abobada do edificio. Para corresponder á bella proporção dos Gregos, não deve ser pontudo nem cavado, porém unido, e sua descida deve ser insensivelmente suave.

Descripção anatomico-physiologica da bocca.

A bocca é a maior abertura que existe no rosto, e é formada pelos labios reunidos nas comissuras : a sua cavidade superiormente está limitada na abobada palatina, formada pelos ossos palatinos e maxillares, e forrada péla membrana mucosa que forra estas partes : inferiormente serve-lhe de pavimento a lingua; anteriormente as arcadas dentarias; lateralmente as bochechas, e posteriormente o véo do paladar, cuja extremidade livre fórma a uvula (vulgo campainha), e terminado aos lados por duas columnas carnosas ou pilares, entre os quaes existe um grupo de folliculos mucosos, denominados glandulas amygdalas.

A bocca, entrando no apparelho da digestão, mais adiante fallaremos dos seus prestimos a este respeito, emquanto aqui a encaramos sob as vistas physiologicas, physionomicas e philosophicas.

Physionomia da bocca e dos labios, por Lavater.

A bocca é o interprete e o representante do espirito e do coração; em seu estado de repouso e na variedade infinita de seus movimentos, ella reúne um mundo de caracteres : é eloquente até em seu silencio. Se o homem sentisse a dignidade de sua bocca, não proferiria senão palavras divinas, e estas santificariam suas acções... A bocca é a séde da sabedoria e da loucura, da força e da fraqueza, da virtude e do vicio, da grosseria e da delicadeza do espirito; a séde do amor e do odio, da sinceridade e da falsidade, da humildade

e do orgulho, da dissimulação e da verdade... Ha entre os labios e o caracter do individuo, uma perfeita relação; quer sejam firmes, quer moles e moveis, sempre o caracter é de tempera analoga.

Labios grossos, bem pronunciados e bem proporcionados, que de ambos os lados apresentam a linha mediana bem saliente e facil de reproduzir no desenho, são incompativeis com a baixeza; elles tambem repugnam a falsidade e a maldade; porém ás vezes elles se approximam á voluptuosidade.

Uma bocca apertada, que corta em linha recta, e onde a borda dos labios não apparece, é indicio certo de sangue frio, de espirito applicado, amigo da ordem, da exactidão e da propriedade. Se ella ao mesmo tempo regaça pelas duas extremidades, promette um fundo de affectação, de pretenção e de vaidade, e talvez tambem um pouco de malicia, resultado ordinario da frivolidade.

Labios carnudos têm sempre de combater com a sensualidade e a preguiça. As boccas que são trombudas e mui pronunciadas, inclinam-se á timidez e á avareza. Quando a bocca se fecha brandamente e sem esforço, e que o desenho é correcto, indica caracter firme, reflectido e judicioso.

Um labio superior, que excede um pouco, é igualmente o signal distinctivo de bondade; e com isto não se quer dizer absolutamente que essa qualidade não pertença ao labio inferior que avança; mas neste caso espera-se antes fria e sincera bonhomia, do que um sentimento de viva ternura.

Um labio inferior cavado no meio, é proprio dos espiritos joviaes. Reparae com attenção para um individuo alegre, no momento em que vae fazer uma graça, e vereis sempre no centro de seu labio uma abertura ou cova um pouco ligeira.

Uma bocca bem fechada, se todavia não é affectada e pontuda, annuncia coragem, e mesmo nas occasiões que se trata de provocal-a, mesmo ás pessoas que têm o habito de a conservar aberta, ordinariamente a fecham. Uma bocca aberta é queixosa; uma fechada soffre com paciencia. A bocca é a parte do semblante que marca mais particularmente os movimentos do coração. Quando a alma soffre, a bocca abaixa-se pelos cantos; quando ella está satisfeita, os cantos se erguem; quando sente aversão, a bocca avança para diante, e eleva-se pelo meio.

A parte carnosa que cobre a fileira superior dos dentes,

e que conduz ao labio propriamente dito, não tem nome proprio, pelo menos que se tenha escripto, a não ser a dobra da mucosa boccal. Se ella é alongada, mais o labio se retrahê, e neste caso ella é larga e arqueada, o intervallo que o separa do nariz é curto e concavo : nova prova da conformidade das feições do rosto.

Physionomia moral da bocca, por Salomão.

Remove de ti a bocca maligna, e estejam longe de ti os labios que detrahem. Os labios da meretriz são como o favo que destilla mel, e a sua garganta é mais lustrosa do que o azeite. Filho meu, se ficares por fiador do teu amigo, dêste por elle a tua mão a um estranho, com as palavras da tua bocca te metteste no laço e ficaste preso pelas tuas proprias expressões. O homem apóstata é um homem inutil, caminha com bocca perversa; elle faz signaes com os olhos, bate com o pé, falla com os dedos, com depravado coração machina o mal, e em todo o tempo semeia disturbios. As palavras dos impios armam traições, afim de verter sangue : a bocca dos justos será a que os livre. O labio da verdade será sempre constante; mas a testemunha que é inconsiderada, urde uma linguagem de mentira. Os labios mentirosos são abominações para o senhor; mas os que obram fielmente lhe agradam.

As palavras compostas são um favo de mel; a doçura da alma é a saude dos ossos. As palavras sahem da bocca do varão como uma agua profunda, e a fonte da sabedoria é como a torrente que transborda; os labios do insensato mettem-se em disputas, e a sua bocca provoca as contendas. A bocca do insensato fere-o a elle mesmo, e os seus labios são a ruina da sua alma. As palavras do homem de lingua dobre parecem singellas, mas ellas penetram até o intimo das entranhas. Melhor é o pobre, que anda na sua simplicidade, do que o rico torcendo os seus beiços e sendo insensato. A testemunha iniqua faz zombaria da justiça, e a bocca dos impios devora a iniquidade (1).

(1) Prov. Cap. 4.º. V. 24. Cap. 6.º, V. 3.º, Cap. 6.º, V. 12, Cap. 12, V. 6.º, 19, 22. Cap. 16, V. 10, 13, 24. Cap. 18, V. 4.º, 6.º, 7.º, 8.º Cap. 19, V. 1.º, 28.

Da palavra.

A voz é a propriedade dos animaes que respiram pelos pulmões; porém a palavra é exclusiva á especie humana; os vocabulos de que ella se compõe são dictados pela intelligencia. E' por meio da palavra que o homem amplia o circulo de suas idéas, de suas relações sociaes, e cultiva o seu espirito.

A palavra é a voz articulada pela lingua, labios, dentes, véo do paladar, e modificada pela acção dos differentes órgãos da bocca, do pharynge e do nariz.

A palavra compõe-se de letras, das quaes umas se chamam vogaes, e representam por si; outras têm necessidade de serem auxiliadas para significarem as ideas que se pretende exprimir. As vogaes conservam por mais tempo o som na cavidade do larynge, emquanto as consoantes dependem de todo o apparelho naso-boccal. Os physiologistas, de accordo com os grammaticos e os rhetoricos, têm reconhecido que as linguas que mais numero de vogaes têm em suas palavras, são as mais faceis na pronuncia, e mais melodiosas e euphonicas, ao contrario, mais difficeis e penosas. Para o primeiro caso temos como exemplo as linguas Grega, Latina, Portugueza, Hespanhola, Italiana e Franceza; para o segundo temos a Ingleza, Allemã, e as que mais se approximam para o norte (1).

(1) ANTIGUIDADE DA ESCRIPTURAÇÃO.

A arte de escrever (diz o marquez de Fortia) é uma invenção muito util e muito antiga, cujos começos, bem como os fundamentos dos maiores imperios, são geralmente incertos. Não é isto por que não se tenha sobre esse assumpto um grande numero de obras, de tratados e de dissertações: isso mesmo prova a incerteza em que se está sobre tal questão, porque os sabios só escrevem muito sobre as materias que menos conhecem. Pode-se pois, se se julgar a proposito, consultar, entre muitos, Polidorio Virgilio, *de rerum inventoribus*, lib. 1.º, cap. 6.º; Athanasio Kircher, *in Œdipo Egyptiaco*, tomo 1.º, class. 2.ª, cap. 1.º; Thomas Bangius, *in Cælo orientis*, Exercitat. 1.º; Joseph Scaliger: *in Animadversionibus in chronolog. Eusebii*, pag. m. 109; Samuel Bochart, *Chanaam*, lib. 1.º, cap. 20; Etienne Moren, *de lingua primævã*, Exercitat. 2; *de Leteris*; Gaspard Schott, *Mirabilium*, lib. 7.º, cap. 7.º; *de Scriptoriæ artis inventione*; João Henrique Heidegger, *Histor. Patriarcharum*, tomo 1.º Exercitat. 16; Herman Hugo, *de prima scribendi origine*; Pierre Holm, *Disputatione de scriptione, in analictis*

Considerações philosophicas sobre a palavra.

O homem quando sahio das mãos do Creador, já sabia falar perfeitamente, porque o Ente necessario tinha em vista crear o homem para gozar da criação e das regalias sociaes.

As palavras, ou se consideram soltas ou ligadas, formando orações; e de qualquer fórma consideradas, se deve attender muito ás lettras com que se escrevem; ao tom, ao acento com que se pronunciam, e ao valor ou differença que têm entre si, pelo que significam, o contexto na ordem que levam, sua correspondencia; porque sendo ellas as manifestações dos sentimentos, têm sua physionomia mais ou menos expressiva, conforme as circumstancias.

A faculdade da palavra, diz o professor *Felice*, foi-nos dada como um meio muito prompto e commodo para communi-

Thoma Grenii; e principalmente: Job. Nicolae Funecci Marburgensis, *de scriptura veterum commentatio*, Marbugi e Riutellii, 1143. Basta indicar estes autores e estas obras: seria uma grande e penosa empreza querel-as compilar. Somente observaremos o seu resultado:

1.º Que se hão extremamente dividido entre a origem das lettras, e aquelles a que devemos a obrigação dessa invenção.

2.º Que uns fazem honra a Moysés, como S. Cyrillo de Alexandria; Eupolemo, citado por Clemente de Alexandria e por Euzebio; finalmente Isidoro de Sevilha; porém este ultimo só attribue a Moysés a invenção das lettras hebraicas.

3.º Que segundo outros, as lettras foram inventadas por Abraham, como Philon e Suidas no monte *Ahra*, e outros por Seth, como Flavius Joseph no 1.º livro de suas Antiquidades Judaicas, Cap. 4.º, e Suidas mesmo na palavra *Sethe*. Segundo Isidoro de Sevilha, Abraham inventou as lettras serianas e chaldeanas, e que, ajunta elle, concordam com as hebraicas pelo numero e pelo som, e só dellas differem na fórma.

4.º Que a opinião mais seguida foi sempre que as lettras eram conhecidas de Adão, e esse sentimento é seguido por Santo Agostinho, por Suidas muito inconstante em sua opinião, ou simples compilador sem critica, na palavra *Adão*; e *ó* era ainda no ultimo seculo pela multidão de commentadores e de criticos. A obra que os Sabinos dizem ter sido composta por Adão, ainda hoje existe (*).

(*) Dicionario da Biblia por D. Calmete. [Genova 1730, artigo lettras. Vêde João Alberto Fabricius *in codice pseudépigrafo veteris testamenti*. Esse livro foi publicado por Mathias Norberg em 1815 e 1816. Adão não o pôde ter composto. Vêde um artigo do *Jornal dos Sabios* de 1819, por Silvestre de Sacy, e a *Necrologia* de 1827, 2.ª parte, p. 573.

carmos nossos pensamentos uns aos outros, e por este modo procurarmos os soccorros, as vantagens e as doçuras da sociedade. E se outras provas não tivessemos de que o homem é destinado á sociedade, bastaria certamente a faculdade da palavra de que elle é enriquecido, para provar sufficientemente que o homem deve viver com seus semelhantes. Sobre isto mui bem observou *Cicero* no capitulo 16 do seu 1.^o livro *de officiis*, quando disse : « O primeiro principio da sociedade humana, é aquelle que fórma a sociedade geral, onde todo o genero humano é comprehendido; e este principio não é outra cousa senão o commercio da razão e da palavra. Pois que isto só fórma entre os homens uma sociedade que os faz communicarem seus pensamentos, instruirem-se mutuamente, discutir e regular os negócios que elles têm de commun.

Por ahi vê-se que todos os que attribuem a invenção das letras a Abraham, a Seth e a Adão, encaram a arte de escrever como mais antiga que Moysés. Se só fosse preciso computar os suffragios, a questão se decidiria contra os que fazem a honra della ao Legislador dos Judeus. Porém não contamos as opiniões um tanto arbitrarias, discutimos os principios.

Os principios reduzem-se a este dilema : ou fois DEUS que ensinou a Adão a escrever, ou essa arte é unicamente devida á industria dos homens que della sentindo a necessidade, imaginaram os meios.

A primeira destas opiniões é mais conforme ao systema da fé catholica. DEUS ensinou a Adão a lingua com a qual elle impoz as leis a todos os animaes. E' pois natural que ensinando-lhe essa lingua, ensinasse-lhe tambem a escrevel-a. Esta que ha sido sentida pela maior parte dos criticos, os tem levado quasi todos a concordarem na opinião de que Adão conheceo as letras. Elles não hão feito nisso senão seguir o sentimento de Santo Agostinho, pelo aviso de qual não é possível mais crer e que foi imaginado por alguns, que só existia a lingua hebraica, que foi conservada por Heber, de quem os Hebreus tomam o nome, e que passou delle a Abraham : de sorte que os caracteres da escripta hebraica começaram só quando a lei foi dada a Moysés. Vale mais admittir que essa lingua foi conservada com seus caracteres pela successão dos patriarchas. *Non est credendum quod nonnulli arbitrantur hebræam tantum linguam per illum qui vocatur Heber, undè Hebræorum vocabulum est, fuisse servatum, atque indè pervinisse ad Abrahamum : hebræas autem literas à lege capisse, quæ data est per Mozen ; sed potius per illam successionem patrum memoratam linguam cum suis literis custodisse.* Uma opinião tão formal, basta para fechar a bocca a todo o catholico, e prova a alta antiguidade da escripta que Heber só conservou, e que nada impede de retroceder até ao primeiro homem.

E' bom tambem saber-se aqui que o estabelecimento da significação das palavras não é feito por uma convenção propriamente dita, e sim por um uso que, considerado em si mesmo, e independente da obrigação em que se está de descobrir aos outros o que se pensa, nada tem de obrigatorio. Igualmente acontece todos os dias um simples particular inventar novas palavras, e dar ás que já estão introduzidas nova significação, que é seguida ou repetida pelos outros em tudo ou parte, por algum tempo ou para sempre com inteira liberdade; o que se não poderia fazer se ahi houvesse alguma convenção obrigatoria, porque então a menor mudança ao uso admittido, e que não fosse feita de commum accordo, teria alguma cousa de criminoso.

Horacio disse destas mesmas vozes, cujo conhecimento o tempo já tem apagado, haverá muitas que de novo renasceram, fenecendo igualmente quantidade de outras que agora correm com approvação geral; o ponto está que assim o queira o uso, o que nas linguas é o unico e soberano arbitro que lhes estabelece leis e regras certas (1).

(1) *Multa renascentur, quæ jam cecidere cadentque,
Quæ nunc sunt in honore vocabulo, si volet usus,
Quum penes arbitrium est, et jus, et norma loquendi.*

A. PAET. V. 70.

O Snr. Pedro José da Fonseca nos commentarios que fez á sua traducção de *Horacio*, tratando do *si volet usus*, affirma que as palavras estejam inteiramente submettidas á jurisdicção do uso, o qual é o soberano arbitro que dellas dispõe, é doutrina corrente e em todos os tempos incontestavel. Porém aquillo que em Athenas e Roma se entendia por uso (é observação de *Dacier*) não tem ao presente o mesmo significado. Lá era uso o modo ordinario de fallar de todo o povo, porque toda a nação vivia de mistura e confundida sem haver em todo o seu corpo differença sensivel. Mas em todos os estados e monarchias de agora o uso do povo é sempre máo, vicioso e sem nenhuma autoridade, e só deve ter-se por uso bom aquelle dos cavalleiros polidos e pessoas civilizadas, isto é, educados com cuidado, e que tenham sempre vivido onde se conserva a fonte mais pura da linguagem e se pratica o estudo dos bons autores do tempo, ou dos havidos por classicos neste genero. *Quintilliano* diz tudo n'uma palavra, denominando-a conformidade de fallar entre os homens eruditos. A este uso competem unicamente as propriedades que inculcam os termos de *Horacio*, cuja intelligencia convém distinguir com o abbade *Batteux*, para que se não presuma serem todos synonymos. Quando ha contestação em pontos de linguagem, o uso é quem decide, *arbitrium*. Quando é preciso cortar com autoridade, com razão, ou ainda contra a mesma razão, o uso tem

Notemos finalmente que os diferentes actos que se referem ás palavras, são o discurso, o silencio, a verdade, a falsidade, o fingimento, a dissimulação, etc. Toma-se aqui a verdade pela conformidade de nossas palavras com os nossos pensamentos; e a falsidade, ao contrario, pela conformidade ou opposição de uns com os outros. Convém que se não confunda tambem a verdade com a falsidade de que se trata, com a

para isto direito e jus. Quando é preciso fazer leis ou derogal-as, ao uso toca fazel-as ou derogal-as, elle mesmo é a lei. *Norma loquenti* (*).

(*) DA MUSICA.

Na origem das linguas, a prosodia, diz o marquez de Fortia, sendo muito variada, as inflexões da voz eram-lhe naturaes. O acaso não podia pois deixar de ali levar ás vezes passagens, que lisongeassem o ouvido; notou-se-as e formou-se o habito de repetil-as. Tal é primeira idéa que se teve da melodia.

A ordem diatonica, queremos fallar daquella em que os sons se succedem por tons e por semi-tons, parece hoje tão natural, que se julgaria que ella foi a primeira conhecida; porém se acharmos sons, cujas relações são muito mais sensiveis, teremos direito de concluir que a sensação nella ha sido notada antes.

Pois que está demonstrado que a progressão pela terceira, pela quinta e pela oitava, tendem immediatamente ao principio donde a harmonia se origina, isto é, a resonancia dos corpos sonoros; e que a ordem diatonica se fórma dessa progressão; segue-se, por consequencia, que devemos ser mais na successão, que na ordem diatonica. Esta, alongando-se do principio da harmonia, não pode conservar relações entre si, senão emquanto lhe são transmitidas pela successão que a fórma. Por exemplo, *ré*, na ordem diatonica, só está ligado ao *dó*, porque *dó ré*, é produzido pela progressão de *dó sol*, e a ligação destes ultimos sons, nasce da harmonia dos corpos sonoros de que fazem parte. O ouvido confirma este raciocinio, porque sente melhor a concordancia dos sons *dó mi sol dó*, que a dos sons *dó ré mi fa*. Os intervallos harmonicos têm pois sido notados em primeiro lugar.

Ainda ha aqui progressos que observar; porque os sons harmonicos formam intervallos mais ou menos faceis á entoar, e sendo as concordancias mais ou menos sensiveis, não é natural que os sons tenham sido percebidos e comprehendidos logo uns e outros. É verosimil que só se tenha tido a progressão inteira, *dó mi sol dó*, depois de muitas experiencias. Conhecida essa, fez-se outras pelo mesmo modelo, assim como *sol, si, ré, sol*. Quanto á ordem diatonica, só foi descoberta pouco a pouco, e depois de muitas apalpadelas, pois que a geração só foi ensinada em 1712 por Rameau.

Os primeiros progressos desta arte, foram pois fructo de longa experiencia. Multiplicaram-se tanto os principios, que se não tem conhecido os verdadeiros. Rameau foi o primeiro que descobriu a origem de toda a harmonia na resonancia dos corpos sonoros, e que baseou a theoria desta arte em um só principio. Os Gregos, cuja musica é tão gabada, não conheciam mais que os Romanos, a composição de muitas partes. Entretanto, é verosimil que elles tivessem executado algumas consonancias, que o acaso os tivesse feito notar ferindo ao mesmo tempo duas cordas de um instrumento, dellas, sentissem a harmonia.

verdade e falsidade logica, porque estas consistem na conformidade de nossas idéas com a natureza e estado das cousas.

Após estas reflexões geraes sobre a natureza, uso e propriedade das palavras, para fazer-se uma idéa justa de nossos deveres a este respeito, é preciso notar primeiramente o bom ou máo uso da palavra, e tudo o que nisso pôde haver de bom ou de máo, de louvavel ou de inconsiderado.

Tendo sido os progressos da musica tão lentos, muito tempo se esteve sem cuidar em separal-a das palavras: teria parecido totalmente despida de expressão. Além disso, a prosodia tendo apossado-se dos tons que a voz pôde formar, e havendo ella só fornecido occasião de notar sua harmonia, era natural que a musica só fosse encarada como arte que podia dar mais graça ou mais força aos discursos. Eis a origem do prejuizo dos antigos, em não quere-rem separal-a das palavras. Ella foi, pouco mais ou menos, a respeito daquelles, entre os quaes nasceo, o que é a declamação em relação a nós; ella ensinava a regrar a voz, o que antes era conduzido ao acaso. Devia parecer tão ridiculo separar o canto das palavras, como hoje separar de nossas os sons de nossa declamação.

DO CANTO SEPARADO DAS PALAVRAS

Pouco a pouco a musica se aperfeiçãoou: insensivelmente conseguiu igualar-se á expressão das palavras: depois tentou excedel-a. Foi então, que se pôde perceber que ella por si mesma era susceptivel de muita expressão. Separal-o das palavras não pareceu mais ridiculo. A expressão que os sons tinham na prosodia, que participava do canto, a que tinham na declamação, que era cantada, prepararam a que elles diziam ser quando fossem ouvidos sós. Duas razões asseguraram o successo para os que, com algum talento, se ensaiaram nesse novo genero de musica. A primeira, era que sem duvida elles escolheriam passagens que pelo uso da declamação estavam acostumados á ligarem certa expressão, ou que pelo menos, as imaginavam semelhantes. A segunda, era a admiração que, por sua novidade, não podia essa musica deixar de produzir. Quanto mais surpresos ficavam, mais deviam-se entregar á impressão que ella podia occasionar. Tambem viam-se os que eram menos difficéis de commover passarem da alegria á tristeza successivamente, e mesmo ao furor pela força dos sons. A esta vista, outros, que não teriam sido abalados, quasi que igualmente o foram. Os efeitos dessa musica tornaram-se o assumpto das conversações, a imaginação esquentava-se só com o que ouvia cantar. Cada qual a queria julgar por si mesmo; e os homens communmente gostando de ver confirmar as cousas extraordinarias, vinham ouvir essa com as mais favoraveis disposições. Ella repetio pois muitas vezes os mesmos milagres.

Hoje, nossa prosodia e nossa declamação estão bem longe de produzir o effeito que nossa musica deveria produzir. O canto para nós, é uma linguagem tão familiar como era para os antigos: e a musica separada das palavras, já não tem esse ar de novidade que tanto pôde sobre a imaginação. Além disso na occasião da sua execução, conservamos todo o sangue frio, de que somos capazes, mas são devidos unicamente á acção dos sons sobre o ouvido. Os sentimentos não ajudam ao musico a nos commover, e os sentimentos, que experimentamos, são devidos unicamente á acção dos sons sobre o ouvido. Os sentimentos da alma são ordinariamente tão fracos quando a imaginação por si mesma reage sobre os sentidos, que não deve surpreender que a nossa musica não produza effeitos tão espantosos como a dos antigos. Era necessario para julgar de seu poder, executar della pedaços diante de homens cheios de muita imaginação,

Filynto Elysis, reconhecendo a importancia da palavra, impõe aos poetas os proceitos seguintes :

Contempla que nasceo o homem sugeito
A muitos estos revoltosos, torvos ;
Que ora a cobiça, out'ora a mágoa o vence,
Que este confia, aquelle desespera :
A alegria ao mancebo instiga a dansas :

para que ella adquirisse o merito da novidade, e que a declamação, feita depois de uma prosodia, que participasse do canto, fosse mesmo cantada. Esta experiencia seria inutil, se estivessemos tão dispostos a admirar o que está em nossa alçada, assim como estamos com quem está longe de nós.

O canto feito para as palavras é hoje tão differente de nossa pronunciação ordinaria e de nossa declamação, que a imaginação com difficuldade se presta á illusão de nossas tragedias postas em musica. De outro lado os Gregos eram mais sensiveis que nós, porque tinham a imaginação mais viva. Finalmente, os musicos escolhiam os momentos mais favoraveis para commovel-os. Alexandre, por exemplo, estava á mesa, como nota Burette, e provavelmente esquentado pelas fumaças do vinho, quando uma musica propria a inspirar furor, fel-o tomar as armas. E' verdade que temos soldados que fariam outro tanto sô ao ruido dos tambores e das cornetas. Não julgemos pois a musica dos antigos pelos effeitos que lhe são attribuidos, mas sim pelos instrumentos de que usavam, e não será fóra de proposito, a presumpção de que ella deveria ser inferior á nossa.

Pode-se observar que a musica separada das palavras, foi preparada entre os Gregos, por progressos semelhantes áquelles á que os Romanos devem a arte das pantomimas, e que essas duas artes causaram, em sua nascença, a mesma surpresa entre os dous povos, e produziram effeitos igualmente maravilhosos. Esta conformidade parece curiosa, e confirma as conjecturas precedentes.

É sabido que os Gregos tinham a imaginação mais viva que os demais povos; a verdadeira razão dessa differença não deve só ser attribuida ao clima. Suppondo-se que o da Grecia conservou-se sempre tal qual era, a imaginação de seus habitantes devia pouco enfraquecer-se. Ver-se-ha, pelo que se segue, que isso é um effeito natural das mudanças que se deram nas linguas.

A imaginação obra mais vivamente nos homens que não têm ainda uso dos signaes de instituição; por consequencia a linguagem da acção, sendo immediata obra da imaginação, deve ter mais fogo. Na yerdade, para os que com ella se familiarisam, um só gesto equivale muitas vezes a uma longa phrase. Pela mesma razão os idiomas feitos pelo modelo dessa linguagem, devem ser mais vivos: e os outros devem perder de sua vivacidade, á proporção que mais se alongam desse modelo, d'elle conservam menos character. Ora, o que temos dito sobre a prosodia mostra que, por esse lado, a linguagem grega resente-se, mais que nenhuma outra, das influencias da linguagem da acção, e as inversões que habitualmente nella se encontram, provam que não são esses os unicos defeitos dessa influencia. Essa linguagem era muito propria para exercer a imaginação. Ao contrario, a nossa é tão simples em sua construcção, e em sua prosodia, que quasi que só exige o exercicio da memoria. Nós nos contentamos, quando fallamos das cousas, lembrar os signaes; e raramente despertamos-lhe as idéas. Assim, a imaginação mais vezes exercitada, torna-se naturalmente mais difficil de commover. Devemos, pois, ser menos vivos que os Gregos.

O deleite requebra o resto ameno
De quem do amado bem logrou o agrado.
A triste dôr quebranta o vivo lume
No esmorecido olhar. Quando um prospéra,
Outro cahe da roda derribado :
Um periga, quando outro em salva praia
Corre afouto a abraçar-se co'a columna
De segurança. Almeno sente as puas

A prevenção pelo costume tem sido, em todos os tempos, um obstaculo ao progresso das artes; a musica principalmente se ha disso resentido. A Lacedemonia, onde Licurgo juntou a musica aos exercicios militares, não era permittido fazer mudança alguma á musica antiga. Aconteceo que Terpandro, o melhor tocador de lyra do seu tempo, excellente na arte de celebrar as acções heroicas, ainda que muito instruido nos usos antigos, accrescentasse uma corda á lyra para variar os sons.

Os Ephoros condemnaram essa novidade, e pregaram sua lyra a um muro; tão ligados estavam á simplicidade dos acordes! O musico Timotheo tendo accrescentado duas cordas á sua lyra, quando disputou o premio nos jogos Carneanos, um dos Ephoros veio com uma faca na mão perguntar-lhe de que lado queria que fossem cortadas as cordas, que excediam ao numero de sete.

Vê-se por estes factos a importancia que os antigos davam á musica, ao canto e mesmo aos instrumentos. Esses signaes de instituição eram destinados a aperfeiçoar o primeiro de todos, que era a linguagem. Porém ambos não bastavam para conservar a memoria dos acontecimentos passados. A escriptura era absolutamente necessaria, não só para a historia, como para a composição de todas as obras em que o conhecimento dos factos era indispensavel e por consequencia para a composição dos poemas epicos.

DA ESCRIPTURA DOS SONS.

(Segundo o Marquez de Fortia.)

Emquanto a escriptura dos pensamentos esteve só em uso, o animal, ou a cousa, que serve para representar as idéas, desenhava-se ao natural. Mas logo que o estudo da philosophia, que foi causa da escripturação symbolica, levou os sabios do Egypto a escreverem sobre diversos assumptos, esse desenho exacto multiplicando muitos volumes pareceo insupportavel. Gradualmente se foram servindo de outro caracter, que podemos chamar escripturação corrente de hyerogliphos. Assemelhavam-se aos caracteres chinezes; e depois de terem sido formados primeiramente de um só contorno da figura, tornou-se ao depois uma especie de marca. O effeito que produziu essa escripturação intelligivel foi diminuir muito a attenção que se dava aos symbolos e de fixar sobre a cousa significada. Por esse meio tornou-se a escripturação symbolica resumida, não tendo outra cousa que fazer senão recordar o poder do signal symbolico; no entanto que antes era preciso estar instruido das propriedades da cousa ou do animal, que era empregado como symbolo. Em uma palavra, isso reduziu essa especie de escriptura ao estado em que presentemente está a dos Chinezes.

Estes caracteres tendo soffrido tantas variações, não era facil conhecer como elles provinham de uma simples escriptura, que não tinha sido mais que uma simples pintura. Por isso é que alguns sabios hão cahido no erro de acreditar que a escriptura dos Chinezes não começou como a dos Egyptios.

Do rigor do desdem da sua Filis
Espinhar-lhe as entranhas dolorosas ;
Emquanto Elio assustado acanha os membros ;
E todo se encolhêra n'uma cifra
Por esconder-se ao malfeitor phantasma
Que elle a si proprio ergueo na eivada mente
Jaz estirado em tormentoso equuleo,
Quebrado a tratos do odio e da vingança

Eis a historia geral da escriptura conduzida por simples gradação desde o estado da pintura até ao da letra ; porque as letras são os ultimos passos que restam á fazer depois das marcas chinezas, que por um lado participavam da natureza dos hyeroglyphos egypcianos, e pelo outro das letras, precisamente do mesmo modo que os hyeroglyphos participavam das pinturas mechanicas e dos caracteres chinezes. Esses caracteres estão tão visinhos de nossa escriptura, que um alphabeto diminue simplesmente o embaraço de seu numero, do qual é um resumo succinto. A difficuldade de exprimir uma infinidade de pensamentos intellectuaes e metaphysicos, fez inventar a *escriptura dos sons*. Em vez de uma infinidade de traços e de caracteres, que isolados tinham um sentido determinado muito extenso, reduziram-se a vinte e quatro signaes, pouco mais ou menos, aos quaes se deo um som de convenção ; depois, por diversas reuniões e diferentes combinações desses caracteres sonoros approximados, formaram-se primeiramente palavras equivocas ou monosyllabicas, portanto por si mesmas expressivas ; porém, que foram ao depois raizes de outras muitas palavras compostas desses monosyllabos. Serviram umas e outras para representar os pensamentos e differencal-os segundo seu gráo de semelhança, de analogia, ou de de semelhança. Tal tem sido a marcha gradual do espirito humano na invenção da escripturação.

Experimentamos algum custo para comprehender bem esta ultima invenção naquellas de nossas linguas, que nisso perderam vantagens, por serem derivadas do latim. Se a lingua franceza é preferivel ás outras por causa de sua clareza, de sua precisão, e de sua elegancia, diz muito bem um autor moderno, ainda que Allemão (Schœl) : « Se a lingua hespanhola e portugueza, distingue-se por sua pompa e magnificencia, e a italiana por sua harmonia, a lingua allemã ou teutonica, tem um caracter que lhe é proprio, e que, nesse ponto, a colloca acima de todas as linguas que se derivam da latina. Nestas ultimas, todas as palavras parecem ter recebido do acaso ou do capricho daquelles que primeiro as empregaram a significação que lhes é propria, de modo que para o vulgo, que não sabe latim, não existe outra razão senão o acaso, para que a palavra *revolução*, por exemplo, seja destinada á exprimir o movimento de um planeta, em preferencia á palavra *contribuição*. Não acontecia o mesmo com o Romano, a quem fomos pedir estes termos. A medida que pronunciavam as palavras *re-volu-ção* e *contribui-ção*, cada uma destas syllabas fazia nascer na alma de quem as ouvia uma idéa particular, ainda que imperfeita, e a reunião dessas idéas, por assim dizer parciaes, formava a idéa perfeita e composta, que devia ser exprimida. Assim *re-volu-ção*, significava uma acção (*ção*), pela qual um certo objecto fazia um movimento de rotação (*volu*), pelo meio do qual tornava a vir ao ponto donde tinha partido (*re*). *Con-tribui-ção* exprimia a idéa de uma acção (*ção*), pela qual muitos se reuniam (*con*) para tomarem parte em certo dispendio (*tribui*). Póde-se consultar sobre estas etymologias um dicionario latino-inglez, com o titulo de *Stennata latinitalis* (por Nicoláo Salmon). As duas origens de que acabamos de fallar referem-se ás palavras *volvo* e *tribus*, donde ellas se derivam.

Esse altivo que um gesto, uma palavra
Mal julgada accendeo em chammas de ira.

Cuidas que não tem sempre a mente abertas
As portas ao tropel das infinitas
Variadas pinturas ou chymeras,
Que indefessa a imaginação lhe arroja?
Ó colorido da fileira immensa
De quadros que offerece nesses homens
O nascimento, a compleição, a plana,
As companhias, habitos, usanças,
São exercicio, são liberta alçada
Do pincel dos poetas, a quem coube
Abranger c'os seus braços alentados
Quanta apparencia ostenta esse universo,
É o que a nossa alma no seu peito encerra.

Vê-se ahi lingua tão valente e rica
Que acuda com palavras ajustadas
A' descripção, clareza e louçania
De que um vate carece quando as pinta!
Sejam pois teus estudos e ousadias
Enriquecer a lingua, que te valha
Quando avivas com rasgos eloquentes
Quanto na alma arrojado debuxaste.
Alli estanca a força, abarca os meios
De dar valia ás vis, ennobrecendo-as
C'o lugar em que as pões: (lidado-emprego!)
Tecer, co'as de bom uso, na urdidura,
Reclamadas, antigas; com bons laços
Duas encadeiar, que uma componham,
Forjar novas, energicas, sonoras,
Com que agrados, te louvem e te admirem:
Sejas vergel, jardim, com fructos, flôres,
Estas vistosas, succulentos esses
Com que brindes, contentes (1) gôsto e vista
Dos que cheguem a ver o teu cultivo.

Que enfeite e gala não recebe a lingua
Quando são per mão sábia collocadas
Compostas (2) que nos forram largas prosas,

(1) Satisfaças, recrees.

(2) Palavras compostas.

E que dão novidade, e dão deleite
A quem lhes sabe dar o apreço e estima.
Tão pèco é o Camões quando descreve
Do *estellifero* pólo os moradores,
E a *belligera* gente! E' despiciendo
O Garção, o Diniz, quando com duas
Já conhecidas vozes compõe uma
Imitando Camões e antigos vates?
Que bem pintou Alfeno, alumno destes,
O carro que briosos vão tirando
Os *auriverdes bipedes* cavallo (1)!

Do aparelho da digestão.

Este aparelho existe, não sómente no homem e nos animaes que lhe são inferiores, como nos vegetaes; com effeito

(1) A primeira regra geral sobre essa materia é que o uso que fazemos da palavra não deve jámais e de modo algum ser opposto ao que devemos a Deus, a nós mesmos e aos nossos semelhantes.

Para qualquer detalhe é preciso estabelecer por *segunda regra* em que todas as vezes que a religião ou o respeito que devemos a Deus exige que fallemos ou que guardemos silencio, tornem-se para nós em ambos os casos deveres indispensaveis.

Convém fallar sempre de Deus com soberano respeito e com *summa circumspecção*.

Quando se falla a Deus, dirigindo-se directamente a ELLE, é preciso dizer sempre a verdade e observar a mais perfeita sinceridade.

A causa por si mesma é clara, e essa regra não pôde receber limitação alguma. Não só haveria extrema irreverencia em usar para com Deus da menor dissimulação, como seria ainda uma grandissima extravagancia querer enganar aquelle cujo conhecimento é sem limites, e que para certificar-se de nossos sentimentos e de nossos pensamentos mais secretos não necessita ser instruido por nossa bocca.

A *palavra* tem tambem alguma relação comnosco, por isso que não nos foi dada só em favor dos outros homens, porém tambem que por meio della possamos procurar-nos as vantagens e as doçuras que a sociedade nos apresenta, com tanto que isso de modo algum seja opposto á gloria de Deus e nem tambem ás leis da justiça e da humanidade.

E' de nosso dever por nós mesmos guardarmos silencio ou fallarmos seguindo sempre as regras da prudencia, quer por nossa conservação ou por nossa defesa, quer por nos procurar qualquer vantagem innocente e legitima.

Quando fallamos por nós mesmos, a lei natural exige que digamos a verdade. E' comtudo bem permitido, e algumas vezes mesmo é dever nosso, occultarmos certas cousas que nos dizem respeito, e que na-

em todos os seres viventes se encontra uma superficie destinada á absorpção das substancias alimentares, collocadas umas vezes no exterior, outras no interior. No homem, que faz especialmente o objecto de nossas indagações, todos os phenomenos da digestão se passam no transitio de um canal que se estende da bocca ao anus; este canal é uniforme, e apresenta grandes e numerosas differenças que convém mencionar. Sua entrada estreita alarga-se logo para formar uma cavidade, conhecida sob o nome de bocca, que faz parte da face, cujas partes anteriores e lateraes são circumscriptas pelos labios reunidos nas commissuras e bochechas, lateralmente, guarnecidas interiormente pelos dentes, pela abobada palatina, e pela *wula*, que termina em dous pilares, entre os quaes estão as glandulas amygdalas. Nesta mesma cavidade se acha ainda a lingua, formando o seu pavimento infe-

da interessam aos outros, porém nunca alterar a verdade. De outra fórma toda a crença se perderia, e longe de haver vantagem em fallar, essa astucia se tornaria inteiramente em prejuizo daquelle que a empregasse.

Se nessa regra ha algumas excepções, só podem ser muito raras e somente em caso de extrema necessidade. E como o amor proprio poderia seduzir por mil illusões e fazer-nos esperar a permissão bem fóra do caso em que ella poderia ser applicada, firmar-se com força na regra e ser sempre sincero.

Emquanto ao que é do uso da *palavra*, em relação aos outros homens, eis o que de nós exige a sociabilidade.

Devemos guardar inviolavel silencio em materia de cousa que póde prejudicar a outrem, quer em sua pessoa, quer em seus bens ou em sua reputação.

Ha verdades que devemos calar; sendo-nos a faculdade da palavra dada para o bem commum da sociedade, seria sem duvida abusar criminosamente, servindo-nos della em prejuizo dos outros homens.

Assim, é defendido por lei natural dizer-se do proximo um mal verdadeiro; porém, sem necessidade, chama-se a isso *maledicencia*.

Com mais forte razão devemos guardar os segredos que se nos confiam, quanto todavia não demos de mão a deveres mais essenciaes e de que nos não seja possivel dispensar-nos. O fim do segredo está em calar a verdade. E devemos calar todas aquellas que nos são confiadas sobre esse ponto e essa condição. Pode-se confessar a intenção daquelle que nos fez uma confidencia por duas maneiras: primeiro, se declara formalmente que não é sob a condição de segredo que comnosco se explica; segundo, pela natureza mesmo das cousas que se nos confiam, quando vemos que sua revelação poderia prejudicar aquelle que nol-as disse ou a outros que não o merecem e a quem devemos acatamento. E' verdade que se os homens estivessem

rior para apreciar o alimento ou a substancia que tem de atravessar, e que lhe serve como que de guia em sua entrada : nesta mesma cavidade sahem os orificios das glandulas salivares por onde passa a saliva que serve para facilitar a trituração das substancias alimentares, humedecendo-as, afim de que ellas atravessem o caminho que tem de percorrer da bocca ao estomago. A bocca, depois de se ter alargado para conter estes orgãos (os dentes e as aberturas das glandulas salivares e as amygdalas), se estreita pouco a pouco, e fórma o *pharynge*, lugar de passagem, especie de vestibulo, e toma o nome de *esophago*, um pouco mais abaixo do meio do pescoço : sua fórma é de um cylindro alguma cousa achatado. Desce assim apoiado sobre a columna vertebral, passando por detrás do coração, através do peito, por entre os pilares do dyaphragma, até o

sempre na disposição em que deviam estar, não querendo jámais senão o que devem querer, raramente haveria segredos na sociedade. Porém feitos como são, o segredo torna-se uma precaução necessaria contra a malignidade do coração, a indiscripção e a fraqueza de espirito dos outros; e por consequência um dever indispensavel.

O segredo é sobretudo necessario nos grandes pleitos e nos negocios importantes. Mas tambem é verdade que a necessidade dessa precaução diminue á proporção que as emprezas que se formam são justas e razoaveis.

Em todos os tempos se ha sentido a obrigação e a necessidade de guardar segredo, e que os que commettem essa falta atrahem sobre si a colera de Deus e o desprezo dos homens. « O segredo (dizia Horacio) pede fidelidade, e essa fidelidade não fica sem recompensa. Livrar-me-hei de morar debaixo do mesmo tecto, ou de embarcar no mesmo navio em que estiver o homem que houver revelado os segredos que se lhe hão confiado. »

Se devemos guardar silencio todas as vezes que nossos discursos puderem ter alguma cousa opposta aos deveres para com os outros homens, devemos ao contrario fallar em todas as occasiões em que nosso silencio puder ferir esses mesmos deveres. E' deste modo que convém dar conselhos a quem nol-os pede : mostrar o caminho aos que delle se deviam ; um soldado de sentinella deve advertir a approximação do inimigo, etc.

E' ainda um dever indispensavel observar a verdade em nossos discursos e nunca enganar pessoa alguma com as nossas *palavras*, ou com nenhum outro signal estabelecido para manifestar nossos pensamentos todas as vezes que aquellos com quem temos de tratar têm algum direito, perfeito ou imperfeito para exigir de nós, ou têm algum interesse razoavel para saber o que pensamos.

A obrigação em que estamos de dizer a verdade funda-se :

abdomen (onde muda de figura), terminando-se na valvula *cardiaca*, e dilatando-se de novo para formar o estomago, grande reservatorio, collocado transversalmente no ventre, por baixo e á esquerda do *figado*, semelhante a uma retorta de chimica, ou mesmo a uma gaita de folles. E' nesta parte do tubo digestivo que os alimentos experimentam a segunda e a mais importante preparação (a chymificação). O canal alimentar partindo do estomago (1), e formando uma especie de funil ás avessas, marca os limites deste orgão por meio de um anel chamado valvula *pylorica*; e continúa immediatamente formando o *duodeno*, lugar onde recebe do figado a bilis, e do *panchreas* o humor que é preparado por esta glandula, que concorrem ahi para a formação do chylo. Continuando do duodeno o tubo intestinal fórma o *jejuno* e o *ilion*, os quaes por seu comprimento formam a metade do

1.º Em geral, sobre o fim para que Deus nos deu a faculdade da palavra, e sobre a harmonia que quiz estabelecer entre nossos pensamentos e nossos discursos.

2.º Depois é preciso notar que a lei geral da sociabilidade dá aos outros homens o direito de conhecer nossos pensamentos, e por consequencia obrigamo-nos a fallar sinceramente, todas as vezes que isso pôde servir de desviar qualquer mal que os ameaça ou procurar-lhes algumas vantagens positivas.

3.º A mesma natureza do negocio de que se trata nos põe ás vezes ainda na obrigação mais particular de fallar com sinceridade, e isso em todos os negocios que em virtude de nosso consentimento devem algum direito ou alguma obrigação: é o que acontece em todos os contractos.

4.º Ha mesmo casos em que o direito que os outros homens têm de conhecer nossos pensamentos, está estabelecido sobre uma convenção particular entre elles e nós; como quando se está encarregado de ensinar a alguma uma sciencia, ou se vae da parte de outro informar de alguma cousa; porque então fica-se expressamente empenhado a nada occultar dessa sciencia, ou a referir fielmente o estado das cousas.

5.º Finalmente, pôde-se dizer que mesmo nas cousas indifferentes devemos sempre dizer a verdade, quer em consequencia do respeito que lhe devemos, quer para manter essa confiança tão necessaria ao bem da sociedade, e sem a qual ella não poderia procurar aos homens as vantagens e as doçuras para que Deus a estabeleceu.

Convém acrescentar a isso que a experiencia faz ver que, se é permittido mentir, fingir ou dissimular nos assumptos ligeiros, insensivelmente contrahe-se um habito que nos leva depois a faltar á sinceridade nas occasiões mais importantes, e em que é de summa necessidade descobrir nossos pensamentos.

(1) O Dr. Larenvald affirma ter encontrado uma mulher de 45 annos sem estomago.

comprimento do tubo digestivo. Esta porção do canal está posta como em espiral ao redor do *mesenterio* e presa á columna vertebral. No seu interior se abre um sem numero de boccas dos vasos absorventes, por onde passa o chylo, e delles pera o *canal thoraxico*. Distingue-se o intestino *jejunno* do *ilion* por o primeiro sempre se encontrar vasio. O *ilion* termina-se no *cæcum* (cégo) onde o canal alimentar se dilata de novo para formar uma especie de sacco, no qual os alimentos, despídos das partes nutritivas que deixaram por onde atravessaram, principiam a tomar o character de materia fecal ou escrementicia. Chegando ao *cæcum*, a substancia alimentar não póde mais tornar para o *ilion*, porque este intestino termina-se por uma especie de abertura semelhante a uma casa de vestido que se fórma no meio das paredes do *cæcum*; bem como as lavagens ou clysteres que se tomam não passam além deste orgão.

O intestino *cego* (*cæcum*), continúa com o *colon*, acha-se situado na fossa iliaca direita, e a natureza, que nada faz de balde, e por isso nada quer perder, tem estabelecido nesta porção do canal alimentar, cujo comprimento é consideravel, *cellulas*, ou especie de pregas, que retardam a marcha dos alimentos e dão assim aos vasos absorventes mui numerosos, existentes no *colon*, a facilidade de extrahir algum resto de chylo que ainda possa conter a substancia fecal que por ahí atravessa. O *colon* vem terminar-se no intestino *recto*, onde os restos da digestão vem depositar-se depois de ter adquirido, atravessando o precedente intestino, todos os caracteres das materias fecaes. E' dalli que as materias fecaes são expelidas.

O tubo intestinal é formado de tres tunicas : primeira, uma tunica *sorosa*; segunda, *musculosa*; terceira, *mucosa* ou *folliculosa*.

A extensão do canal digestivo está em relação com a natureza dos alimentos com os quaes os individuos se nutrem.

Os animaes herbivoros, cujo estomago é mui amplo, e muitas vezes multiplo, seu comprimento é de 15 a 17 vezes mais que todo o corpo : o tubo intestinal tem 86 pés do pyloro ao anus.

Nos carnivoros é curto e estreito, e, para não fallar senão do lobo, apenas tem 17 pés de comprimento entre aquelles limites.

O homem, que é omnívoro por facto, o é também por sua organização; o comprimento do seu tubo digestivo é de 5 á 6 vezes do comprimento do seu corpo. Por duas vezes tivemos occasião de verificar isto, medindo precisamente o comprimento do tubo digestivo. A razão de todas estas differenças repousam sobre a natureza da alimentação.

Era necessario, com effeito, que as substancias animaes, cuja digestão é mais facil e mais prompta, e que uma prolongada demora expozesse a decomposição putrida, percorresse com rapidez o intestino do animal carnívoro. Pela razão contraria, os alimentos vegetaes têm necessidade de se demorar maior espaço de tempo no intestino do herbívoro, como se assemelhando mais lentamente á substancia do animal.

Em toda a sua extensão o canal alimentar é guarnecido por uma membrana *mucosa*, a qual forra toda a sua superficie interna, e lança ahí um humor proprio a facilitar a passagem das substancias alimenticias. A elasticidade de que toda a porção intestinal, sobretudo, é dotada, lhe permite de se dilatar seguindo as circumstancias. Esta parte do organismo animal goza de varias sortes de movimentos; e a contractibilidade organica parece se exercer, quer no sentido do seu comprimento, quer parcialmente, segundo a sua largura. O ultimo movimento que se executa por fibras carnudas circulares, toma sempre nascimento no *pyloro* (valvula pylorica), donde successivamente, e de uma fibra á outra, até o anus, o intestino se contrae. A este movimento se tem chamado *peristaltico*: seu fim é de impedir pela impulsão graduada que lhe imprime por detrás, todo o extase ou demora prolongada das materias alimentares. Existe um terceiro movimento intestinal chamado *anti-peristaltico*, porque é opposto ao precedente, principiando no *anus*, e se terminando no *pyloro*, donde se continúa muitas vezes a produzir o vomito; o que as mais das vezes é um symptoma de molestia.

A fome e a sede (1) apparecendo, o homem leva á bocca o

(1) A *fome* e a *sede*, são dous sentimentos internos que nos despertam a necessidade de alimento solido e liquido. A fome nem sempre é, como dizem os physiologistas, annunciada pelo appetite; o estomago é a sua sede; a fome annuncia a falta de alimento no estomago, e faz pro-

alimento necessario, e este é moido ou triturado, dividido e humedecido; a lingua correndo as paredes da bocca, os amassa e fórma um bolo, para o mandar proporcionalmente ao pharynge, e deste para o esophago, e dalli para o estomago, onde fica retido por meio das valvulas *cardiaca* e *pylorica*, a não permittir que torne para a bocca e nem passar para os intestinos, sem que se acabe o phenomeno da *chymificação*, que consiste em dar á massa alimentar uma natureza idêntica, propria á fornecer um *chymo* homogêneo. Para que este phenomeno tenha lugar, as paredes do estomago se applicam brandamente sobre os alimentos, esta contracção se succede durante todo o tempo da *chymificação*, e se effectua

pagar os seus effectos sobre toda a economia, occasionando accidentes funestos.

A sêde limita-se primeiro á bocca e ao pharynge, onde produz uma seccura em pouco espaço de tempo, assim como a dissipação de todos os fluidos segregados, occasionando em todos os órgãos grande destruição. O appetite ordinariamente precede a fome: conhece-se por um desejo moderado de alimentos, acompanhado de prazer: interessa particularmente á bocca, onde determina o fluxo da saliva e mucosidades, e a erecção das papillas da lingua (*).

(*) A fome é, diz o Dr. *Guindant*, que governa o genero humano; é uma necessidade que é preciso absolutamente satisfazer, para manter-se na boa ordem de sua existencia. A natureza prevendo isso, offerece-nos para esse effeito uma grande parte de suas produções. Convém sómente dar-lhe uma preparação analoga a nosso gosto, e então obedecemos á sua voz com sensualidade. De qualquer especie que sejam essas produções, nós as chamamos alimentos, porque, com effeito, ellas nutrem-nos, restabelecem o movimento no systema nervoso, refazem (em razão de sua propria actividade e da dos elementos de que se compõe) os recursos da machina que começava a enfraquecer-se e a aluir-se pelas perdas soffridas. Comer e beber, eis o tributo de todos os homens; é preciso que elles ao menos satisfaçam essa necessidade de vinte em vinte e quatro horas, quando não cahem gradualmente em marasmo, e encaminham-se a uma morte inevitavel. Entretanto essa regra não é tão universal como a principio parece,

Que pensariamos nós das relações que se nos fizeram das abstinencias observadas pelos antigos, e daquellas que nos hão conservado as obras, tanto academicas como periodicas? Que pensariamos dessa mulher de que falla o Patriarcha Hermolans, que passava vinte e mesmo trinta dias sem comer? De um homem, segundo refere o mesmo autor, que só viveo do ar durante quarenta annos? Que diriamos nós do melancolico Alberto o Grande, que esteve sete semanas sem tomar outra cousa senão agua, isso mesmo de dous em dous dias? D'aquella rapariga de Narbone, que, sob o testemunho de Jacques Silvius, levou, durante tres annos inteiros, a vida mais sadia e tranquillã, sem comer e sem beber? Da Allemã, que observava a mesma abstinencia como o mesmo rigor

successivamente da periferia para o centro da massa alimentar por camadas concentricas da espessura de uma linha pouco mais ou menos. A' medida que uma camada *chymosa* é formada, o movimento de peristola (contrações) a faz passar pelo pyloro com tanta maior facilidade, quanto menos consistente e mais liquida é a substancia alimentar. Esta camada tendo sahido, o estomago se aperta mais sobre a que era subjacente, a qual estando elaborada do mesmo modo, este mechanismo continua como começou, até que todo o alimento contido no estomago esteja inteiramente *chymificado*.

A *chymificação* começa a operar-se uma hora e meia depois da *ingestão dos alimentos*, e se pôde avaliar a sua du-

e o mesmo successo? Que diremos dessa outra mulher Allemã, citada por João Bocatius, que no espaço de trinta annos absteve-se de toda a especie de nutrição? Daquella filha de um alcaide Palatino, que viveo sete annos sem comer e sem beber? Com que olhos encararemos essa filha de Spira, de quem falla Joubert, que guardou durante tres annos a mais severa abstinencia, e que tornou depois a tomar o uso dos alimentos? Aquella de Commerci, referida pelo abade de Ursperg, que não tomou nutrição alguma no espaço de dous annos e meio?

Aquí cita Pogge, que viveo doze annos sem comer e sem beber! Que juizo fariamós nós de Nicollet de Pallet, que esteve cinco semanas sem absolutamente comer e beber?

(*Jornal dos Sabios, março de 1688.*)

Daquelle homem encerrado no hospital dos loucos, referido pelo autor da Republica das Lettras, que durante quarenta dias e quarenta noites não tomou nutrição alguma? Do Ferquissen Inglez, que viveo dezoito annos, não usando de outro alimento que agua?

(*Jornal da Inglaterra, 1742.*)

Finalmente, que idéa fariamos nós dessa rapariga da Diocese de Toul, que passou vinte e oito mezes sem comer e sem beber, e só tomando cada dia um pouco de mel na ponta de uma faca?

(*Mercurio, agosto de 1722.*)

De Jacobson, Escossez, que passavã mezes inteiros sem comer?

(*Transact. Philos., anno de 1120.*)

Daquella moça observada por Bleguy, e consignada no Jornal de Medicina, que só tomou durante setes semanas, por toda nutrição, um unico caldo? E de muitas outras observações reunidas na Bibliotheca escollida de Medicina, que todas confirmam, que o homem pôde viver muito tempo sem comer e sem beber, e ás vezes passar bem apezar dessa rigorosa abstinencia.

Porque, á vista destes exemplos, não daremos nós fé ao que nos diz d'Anville, do pontífice do Thibet, ou do Dalai Lama? Só se serve diariamente ao pontífice Tartaro, diz esse autor, uma onça de farinha desfeita em vinagre, e uma chavena de chá. E' com esse alimento que o pontífice Thibetano, não obstante o alto lugar que occupa, está acostumado a contentar-se.

ração de 4 a 5 horas para um jantar ou refeição ordinaria.

O alimento, depois de ter sido assim elaborado no *estomago*, chega ao *duodeno* (intestino que começa no *pyloro* e acaba na extensão de 12 dedos transversos desta abertura): este novo *estomago* é notavel por suas villusidades em sua superficie interna, e por dois orificios separados, e confundidos algumas vezes, que são a terminação dos *canaes biliario e pancreatico* (cujo fluido digestivo importa conhecer a formação e os usos).

Apparelho biliario.

O *figado*, a mais consideravel de todas as glandulas do corpo, está situado no *hypocondrio* direito, que o enche, e bem uma parte do *epigastro*, abaixo do diaphragma por cima do estomago, atrás da parede anterior do abdomen (os hypocondrios são as duas regiões superiores e lateraes do abdomen sob as falsas costellas). Por baixo do figado, e em uma escavação particular da superficie deste orgão, se acha uma pequena bexiga ovoide, que tem o nome de *bexiga biliaria* (fel), que serve para deposito da bilis (1). Esta materia evidentemente segregada pelo figado, é recebida por todos os pequenos vasos secretorios que a conduzem por um canal commum chamado *canal hepatico*, sendo derramada no *duodeno* por meio do canal *collecho*, que é a continuação do canal hepatico e *cystico* que vem á bexiga felea, serve para a perfeição do chylo.

O *pancreas* offerece muita semelhança com as glandulas salivares, e por isso se a tem chamado glandula salivar abdominal. Sua fórmula é mui alongada: está situada transversalmente na parte superior da cavidade do abdomen, por diante da sua parede posterior e entre as tres porções do *duodeno*, atrás do estomago, e á direita do baço. O canal excretor do

(1) O Dr. Lettre vio uma creança de 9 dias, sem signal algum da existencia da bexiga felea, apesar de ter o figado mui bem conformado. Este factio vem transcripto nas Memorias da Academia Real das Sciencias no anno de 1705.

pancreas une-se ao *colledoch*, e vem-se abrir com elle no *duodeno* no lugar que corresponde ao espaço de cinco dedos transversos de comprimento, partindo do pyloro. A massa chymosa, chegando ao duodeno, distende as paredes desta viscera, e provoca a entrada dos dous fluidos de que acabamos de fallar, os quaes lançados sobre o chymo, se misturam e separam o chylo de tudo o que não é nutritivo.

Um physiologista moderno assevera nestes ultimos tempos que a bilis serve somente a favorecer a expulsão das materias fecaes. Esta separação é favorecida pelas mesmas circumstancias que tem influido sobre a mudança dos alimentos em chymo no estomago, a saber : os movimentos, a sensibilidade organica e a temperatura. Quanto á natureza intima da acção pela qual o succo extrahido do chymo é mudado em chylo, inteiramente se ignora; o que se sabe é sómente o que se passa nas ultimas radículas dos vasos chyliferos.

O movimento peristaltico bota para trás a massa chymosa, cuja progressão é tambem mui ajudada por mucosidades abundantes exhaladas na superficie interna dos intestinos : esta massa chega assim toda espessa em maior ou menor espaço de tempo ao intestino cego. Quanto mais o chymo se afasta do duodeno, tanto mais se espessa e se torna mais amarello; porém uma observação muito importante é que o desenvolvimento que se faz então no interior do *jejuno* de certos productos gazosos chamamos ventos ou gazes intestinaes, a não serem produzidos pela dilatação dos gazes ahí contidos, não se sabe como este phenomeno se opéra. O *chymo*, chegando na extremidade do *ilion*, passa para o *cego*: de molle e pouco cheiroso que era, adquire nesta viscera, depois de algum tempo, grande dureza e um máo cheiro, sempre analogo á natureza dos alimentos. A marcha do alimento e os phenomenos que se succedem por onde atravessa, não nos fazem pensar outra cousa senão que os grossos intestinos são reservatorios economicos destinados pela natureza a conter as materias durante um certo tempo, afim de nos poupar o penoso incommodo de as vomitar depois de elaboradas.

O movimento peristaltico continuando-se ao longo de todo o canal intestinal, vae mandando para o recto as materias fecaes, onde se vão accumulando, até que o peso ou estimulo

annuncie a necessidade de as deitar para fóra por meio da defecação. Esta necessidade uma vez reconhecida pelo incommodo que desperta, um novo mechanismo emprega a natureza para este fim, que vem a ser, o diaphragma se contrahe e faz força sobre as visceras, afim de que ellas, pesando sobre a bacia, comprimam o recto, ao mesmo tempo que os musculos das paredes anteriores e lateraes do ventre comprimem os grossos intestinos, que se acham distendidos pelas materias fecaes : os musculos da parte inferior da bacia contrahindo-se, mantêm a compressão que faz o dyaphragma, e então as fezes chegando ao sphyncter o estimulam, e como acha resistencia feita pelos constrictores, o sphincter do anus se relacha e a evacuação se opéra (1).

(1) O Dr. Legouas, explicando seguidamente o mechanismo da digestão, diz : « A mandibula inferior, approximada á superior pelos musculos *temporales* e *masseteres*, seus levantadores, torna-se o ponto de apoio de outros muitos musculos que movem a lingua, o pharynge e o larynge no acto da deglutição; a lingua suspende a sua ponta e applica contra a abobada palatina, curvando-se ao mesmo tempo segundo o seu [diâmetro transverso, para formar uma gotteira longitudinal inclinada, pela qual escorregue o bolo alimentar até ao isthmo da guela, que deve atravessar. Esta passagem do bolo alimentar é tambem auxiliada pela elevação da lingua, cuja base está então dirigida para a parte posterior, e pelas mucosidades que provêm das amygdalas e cryptas mucosas das partes vizinhas. Emquanto esta acção se executa, o véo do paladar, que tomou uma direcção horizontal, se oppõe á volta dos alimentos pelas fossas nazaes, impedindo tambem a sua entrada no canal aereo, a epiglottle se abate sobre a abertura superior do larynge.

O pharynge, elevado ao mesmo tempo que o larynge, pela acção dos musculos *tyro hyoideo-genio-hyoideo*, etc., se inclina adiante dos alimentos que recebe e lança no *esophago*, contrahindo-se da parte superior para a inferior, e da circumferencia para o centro, tornando outra vez tudo ao estado natural.

Os alimentos, chegando ao esophago, passam por elle até ao estomago, atravessando o orificio cardiaco, acompanhados sempre por uma porção de ar que com elle fóra engolido. A passagem dos alimentos pelo esophago é devida á contracção do mesmo.

A apprehensão das bebidas executa-se por meio de um vaso que se situa entre os beiços, ou pela sucção, ou finalmente precipitando-as no pharynge, tendo a bocca amplamente aberta e a cabeça revirada para a parte posterior. A sua deglutição effectua-se do mesmo modo que a dos solidos, porém exige maior exactidão na acção dos orgãos, pela extrema mobilidade das moleculas que compõem as substancias liquidas.

As substancias alimentares, accumulando-se no estomago, dilatam as

O *baço* é também uma entranha que se acha collocada no flanco esquerdo junto á grande curvatura do estomago : seu volume varia muito, e sua fórma é a de um grão de feijão.

suas paredes, augmentando todos os diâmetros de sua cavidade. Quando o estomago está sufficientemente destendido com os alimentos, experimenta-se o sentimento da replecção, e então assim o pyloro como o *cardia* se contraem, e se concentram as forças vitæes no estomago, que se entrega a um movimento tonico e vago, pelo qual abraça a materia que é brandamente agitada. O calor se desenvolve e o succo gastrico é exhalado em abundancia, e é então que principia o trabalho da digestão propriamente dito.

A massa alimentar, amollecida pelo concurso de todas estas cousas, se animalisa e converte-se em uma polpa cinzenta, homogenea, e de um cheiro acetoso chamado *chymo*.

O movimento vago do estomago se regularisa e se torna constante do *cardia* para o *pyloro* : este mecanismo completa a *chymificação*, dilata-se (o pyloro), para dar passagem ao *chymo*, que se despeja gradualmente no *duodeno*. Enquanto o *chymo* se demora no *duodeno*, opéra-se a sua mistura com a *bilis* e succo *pancreatico*, que neste momento ahí se despejam.

O *chymo*, adquirindo por esta mistura um novo grão de animalisação, separa-se em duas partes : uma mais leve, fluida semelhante ao leite, que sobrenada sempre exteriormente, chamada *chylo* ; outra mais espessa e amarellada, é a parte excrementicia, que occupa o centro da polpa alimentar.

Esta polpa, assim preparada, é transmittida pelo *duodeno* ao *jejuno* e *illon* ; a sua progressão, favorecida pelo movimento *peristaltico* e de *retracção* das tunicas do canal intestinal, afrouxa-se nos intestinos delgados pelas innumeradas circumvoluções que estes formam, e pela demora que lhe produzem as valvulas conniventes que guarnecem o seu interior. Esta disposição permite ás boccas dos *vasos inhalantes* absorver todo o *chylo*, que, como fica dito, occupa o exterior da massa *chymosa*, e por consequencia está em contacto com a superficie interna dos intestinos.

As materias alimentares, despojadas da maior parte da sua porção nutritiva, chegam ao cego, primeiro dos intestinos grossos, onde adquirem os caracteres que as constituem *materias fecaes*. Estes caracteres são mais consideraveis depois que se tem absorvido o resto da materia nutritiva, enquanto as materias fecaes se demoram no *colon*, onde ellas se movem e adquirem um cheiro fetido. O curso destas materias nos intestinos é favorecido pelas *mucosidades* que elles segregam, e pelo estímulo que a *bilis* produz nas suas membranas, cuja parte corante e amarga se concentra, á proporção que os excrementos perdem a sua liquidez approximando-se ao *recto*. Logo que as materias fecaes chegam ao intestino *recto*, tornam-se mais unidas e dansas, e determinam neste orgão um sentimento incommodo que nos adverte a necessidade da sua evacuação, e então o *recto* entra em contracção, e

Ignoram-se os seus usos, e o que até hoje se tem conjecturado é que elle serve como que de descarga ou aperfeiçoador do sangue que vae para o estomago (1).

auxiliado pela acção do *dyaphragma* e musculos do baixo-ventre, as expelle, vencendo a resistencia que o *sphincter do anus* lhe oppõe (*)

(1) Por multiplicadas observações prova-se que o *baço* não é absolutamente necessario á vida, e entre as observações vem a de um moço que Dulaurent vio dessecar, e não tinha baço, e o Dr. Kerckring foi testemunha desta mesma singularidade em dous meninos.

(*) EXCREÇÕES.

Ir á banca é, diz o Dr. *Guindant*, um tributo que devemos pagar de vinte em vinte quatro horas, ou, ao mais tardar, de trinta em trinta e seis horas. Por esse meio botamos para fóra todas as impurezas grosseiras que continuamente se amassam em nosso corpo, e desembaraçamos as vias por onde se fazem a nutrição e o crescimento. Sem essas excreções o exercicio de todas as nossas funções suspende-se: nossas forças se esgotam, a natureza revolta-se, e uma guerra intestina leva a dissolução a todas as partes de sua obra; eis o que mais commummente succede. Entretanto, quantas pessoas ha que passam longo tempo sem evacuar, e que nenhuma especie de incommodo e nem desarranjo experimentam na maneira de viver? A tradição de todos os seculos, de todas as idades, e de todos os tempos disso nos offerece muitos exemplos.

Quantas mulheres, principalmente, desde o momento em que concebem até que parem, quasi que não vão á banca? Alexandre Benedicto cita-nos uma Veneziana, que durante todo o tempo de sua gravidez só evacuava no fim de cada semana, e ainda assim deitava uma pequena fese. Nicoláo Florontino fallanos de uma dama que esteve desde o momento em que concebeo até aos quarenta e cinco dias de sua gravidez sem evacuar uma unica vez, e que passou muito bem durante esse intervallo bebendo e comendo sempre com muito appetite. Antonio Brassovavola passava nove dias, e ás vezes doze, sem ir á banca, apezar disso gozava de perfeita saude, e montava todos os dias a cavallo. As Ephemerides de Allemanha não nos fornecem o exemplo de uma moça que passou treze mezes sem urinar e sem evacuar? Luiza Bourbonne, citada por Ponme, é disso outro exemplo. Os ensaios d'Edimbourg não fazem menção de uma rapariga, chamada Joanna Yomarg, que durante dezeseis annos consecutivos só ia á banca uma vez por anno? Era sempre no mez de março, e as fezes que deitava eram como as do cabrito.

Uma senhora da parochia de S. Roque esteve sete semanas inteiras e consecutivas com o ventre totalmente preso, sem experimentar o menor incommodo. Essa senhora passou dous annos alimentando-se exclusivamente de leite de vacca, e foi nas sete primeiras semanas que fez uso dessa nutrição, que teve a prisão do ventre. Conhecemos dous homens dos quaes um só ia á banca de dez em dez dias, e o outro de seis em seis, e no entanto gozavam da melhor saude. Conhecemos tambem uma moça muito fresca e muito sadia que só evacuava de cinco em cinco dias, e assim viveo muito tempo. A lei natural que nos sujeita a ir á banca, pelo menos todas as vinte e quatro horas, ou ao mais tardar, de trinta em trinta e seis horas, não é pois tão geral que não possa soffrer algumas excepções.

Dos vasos chylicos,
e dos demais fluidos do corpo do homem,
sua passagem e mechanismo.

Os vasos lymphaticos são canaes extremamente finos, delgados e valvulosos que levam a lymphá e chylo para as veias do corpo. Elles têm uma disposição semelhante á das arvores, ao modo dos outros vasos, e se encontram em todas as partes do corpo humano, excepto na medula da espinha, no cerebro, no olho e na placenta.

Nos membros e nas paredes do tronco formam, como as veias, dous planos, um superficial e outro profundo, que segue os vasos sanguineos e os nervos: o numero dos vasos lymphaticos é mui consideravel, e originam-se na superficie e na profundidade de todas as nossas partes, onde entortilhando-se sobre si algumas vezes, constituem uma especie de rede de malhas mui unidas, as quaes pouco a pouco se reúnem para formar muitos troncos communs que têm sempre direcções tortuosas e communicações mui multiplicadas entre si. De distancia em distancia se vê sobre o seu transitio pequenos corpos ovoides, de natureza glandulosa, chamados *ganglios*, onde as materias que acarretam são submettidas á um processo particular. Estes orgãos glandulosos, espalhados por todas as partes, encontram-se em maior numero nas curvas das pernas, nas verilhas, nas axillas, nas dobras dos braços, etc.

Outros vasos chamados *chylicos*, são encarregados especialmente da absorvição do *chylo*: estes nascem na superficie interna do canal digestivo, e sobretudo nos intestinos delgados, onde são em grande numero, mui delicados em sua origem e passam através do mesenterio á formar troncos communs mui volumosos á se irem abrir no *canal thoraxico*. Este canal toma sua origem na parte superior do ventre, e no lugar onde os troncos *chylicos* se reúnem com os troncos *lymphaticos* das partes inferiores, apresenta neste mesmo lugar uma intumescencia chamada reservatorio do Pequet. Atravessa o *canal thoraxico*, o diaphragma, e entra no peito, apoiando-se sobre a columna dorsal, e chegando á parte superior do peito passa por detrás do *esophago*, e vae entrar no angulo reentrante da *veia subclavea esquerda*. O

canal thoraxico recebe successivamente no seu trajecto ao longo da columna vertebral, os troncos lymphaticos do ventre, do peito e da cabeça.

Antes que se tivessem descoberto os vasos lymphaticos, as *veias* eram olhadas como os unicos agentes da absorvição; mas logo que foram conhecidos e estudados os vasos *lymphaticos* e *chyliferos*, verificou-se que a absorvição dos alimentos era effectuada por um systema organico especial.

Absorção do chylo.

Isto posto, vejamos como a absorção interna e externa se effectua.

A absorvição digestiva é a que se faz no canal alimentar.

O *chylo* é de um branco côrd e leite, de uma consistencia variavel, cheiro um pouco espermatico e de sabor adocicado. E' mais pesado que a agua destillada, porém menos do que o sangue. Este liquido não é somente preparado pelos *vasos chyliferos*, porque sendo ainda lançado por elles no *canal thoraxico*, não se pôde perfeitamente explicar o mechanismo pelo qual esta preparação tem lugar.

O *chylo* (diz o compilador Legouas), absorvido pelos orificios inhalantes dos vasos chyliferos, e conduzido pela força tonica dos mesmos para os *ganglios lymphaticos* do mesenterio, onde experimenta uma nova preparação: conduzido depois ao *canal thoraxico*, mistura-se nelle com os succos lymphaticos, que de toda a vizinhança se descarregam no mesmo canal, o qual o despeja na *veia sub-clavea* esquerda, onde pela primeira vez entra em contacto immediato com o sangue. Conhece-se a entrada do *chylo* na torrente da circulação, pela accelleração do pulso, augmento de calor e corroboração de todos os orgãos.

Absorvição cutanea.

No exterior da pelle a absorvição não se faz com tanta rapidez, porém de uma maneira curta, porque se tem notado que quando se passeia em um tempo humido, o peso do corpo augmenta; o mesmo acontece com a secreção das

urinas que se augmentam depois de um banho prolongado; que quando se permanece em algum quarto pintado de fresco com o oleo essencial da therebentina, as urinas adquirem um cheiro de violeta. Esta observação é tanto mais facil, quanto a pelle exterior é mais fina; assim a ablação da epiderme permite a absorvição de se effectuar nas partes do corpo, onde sua acção é de todo insolita. Mais de um parteiro tem soffrido molestias graves pela absorvição dos humores de pessoas infectadas. A absorvição é muito mais activa nas mulheres, e muito principalmente se o systema lymphatico predomina nellas.

Nas meninas este phenomeno ainda é por demais activo do que nas mulheres refeitas.

Absorvição mucosa.

A membrana *mucosa* que forra todo o interior do *tubo digestivo*, *fossas nazaes*, *bexiga urinaria*, *larynge*, etc., tem maior actividade no mechanismo da *absorvição* que a pelle exterior, e a razão é porque estando ella perfeitamente mais desembaraçada da epiderme, permite que os vasos absorvam promptamente; e por isso é que as infecções miasmaticas, os vermes, etc., invadem o organismo com a promptidão que se observa.

A absorpção interna torna a tomar os restos que resultam da continua destruição de nossas partes, isto é, as moleculas que abandonam os órgãos depois de ter servido á sua nutrição.

Sabe-se que os vasos *lymphaticos* e as *veias* são os órgãos que concorrem para a absorpção interna.

Apparelho da circulação do coração.

Um coração de elastica substancia
(Singular estructura!) o sangue acolhe:
Em systole, em dyastole se agita;
E com perene pulsação na arteria
Continuo o lança; serpeando corre
Com elle a vida pelas fundas veias:

Assim rios caudaes correm dos montes,
Gyram nos poros da fecunda terra,
Levando ás plantas vegetal substancia.
Ou moto, ou fogo, os alimentos cose,
Que dão vigor à machina vivente.

MACEDO (*Medit.*)

O coração é o agente central da impulsão, collocado na cavidade do peito, formando um aparelho importantissimo á vida, pelo qual o sangue é mandado a todos os pontos do corpo, para os animar e vivificar. Elle é o começo do systema arterial e a terminação do venoso.

Como orgão central da vida, elle é o centro das paixões mais tumultuosas dos sentimentos os mais mysteriosos que experimenta o homem. Vejamos, antes do mais que possamos delle dizer, o que seja o coração em si.

E' o coração um musculo, collocado na cavidade do pericardio (seu involucro exterior), no meio do peito, e um pouco á esquerda entre os dous pulmões: sua direcção é obliqua de cima para baixo, de trás para diante, e da direita para á esquerda, tendo o seu bordo direito apoiado immediatamente sobre o diaphragma. No interior, o coração é dividido em quatro cavidades, sendo duas á direita e duas á esquerda. As duas direitas contêm sempre sangue negro (venoso); as esquerdas sangue vermelho (arterial): as cavidades direitas e esquerdas não se communicam no homem feito: offerece cada uma duas divisões: a primeira chama-se *auricula*, e a segunda *ventriculo*. As auriculas e os ventriculos, tendo muita semelhança entre si, convem descrevel-as de uma maneira geral, indicando o que têm de particular (1).

(1) O Dr. *Guindant* (na sua importante obra), fallando das aberrações naturaes, diz que sendo o coração absolutamente necessario á vida, esta asserção acha-se dismentida pela historia daquella menina de seis mezes que Mr. *Mery* dissecou em 1720, que era um perfeito monstro, porque não tinha coração, nem pulmões, figado, estomago, intestinos delgados, haço e nem rins... (Memoria da Academia Real das Sciencias, anno de 1720).

Alguns factos, diz o mesmo escriptor, têm apparecido em individuos com dous corações, como o que Mr. *Callamb*, cirurgião de Lião, vio em 1744. Outros com tres ventriculos em vez de dous, como foi observado pelo Dr. *Chemineau*, medico da faculdade de Pariz. Algumas vezes enfim, só ha um ventriculo, como aquelle homem de 25 annos, de quem as *Ephemerides da Allemanha* fallaram.

Aurículas. Cada aurícula tem quatro paredes : na anterior se observa um prolongamento cravado no anterior da cavidade, que se chama *apendice auricular*, é uma abertura á que se tem chamado *auriculo-ventricular*. Na parede interna acha-se uma depressão, que é o indicio de uma abertura de comunicação que na vida fetal existia chamado buraco do *Botal*.

Os *ventriculos* são dispostos da mesma maneira : em cada uma das cavidades existe uma multidão de columnas carnosas, notando-se de mais na base de cada ventriculo uma abertura que se communica com a aurícula correspondente. Neste mesmo lugar se encontra no ventriculo direito a valvula *tricuspede*, divida em tres linguetas, e no ventriculo esquerdo as *mytraes* divididas em duas. Estas valvulas são circulares, e se applicam contra as paredes dos ventriculos, das quaes não se apartam senão para impedir que o sangue retroceda, quando o ventriculo o força por suas contracções a penetrar a arteria correspondente. Os dous ventriculos não differem sómente por sua grandeza : seu interior é guarnecido, assim como temos visto, de columnas carnosas, sendo ellas mais numerosas na aurícula e ventriculo direito, áfim de melhor operar a mistura do chylo e lympha com o sangue venoso. Este ventriculo tem paredes menos asperas do que o ventriculo esquerdo, porque projecta o sangue a uma menor distancia.

Uso das aurículas.

As *aurículas* servem para receber o sangue de todas as veias, a transmittil-o aos *ventriculos*, que o lançam nas arterias ; sendo o *ventriculo direito* o que manda o sangue para os pulmões, e o *ventriculo esquerdo* para todas as partes do corpo.

E' na *aurícula direita* que vem abrir-se os dous grossos troncos venosos, conhecidos sob o nome de *veias cavas*, superior e inferior, que são os vasos que trazem de todas as partes da organização o producto das diversas absorpções ; e é nessa *aurícula esquerda* que é vasado pelas quatro *veias pulmonares*, o sangue que acaba de ser oxygenado nos pulmões.

O ventriculo direito dá nascimento á *arteria pulmonar*, que traz aos pulmões o fluido a sanguinificar.

A *arteria aorta* começa na parte superior e direita do ventriculo esquerdo, donde, por divisões successivas, vem transmittir o verdadeiro sangue a todo o corpo.

Mechanismo da circulação.

Vista a estructura do coração, vejamos o mechanismo que elle emprega para fazer circular o sangue. Recebendo em si todo o sangue venoso, a lympha e o chylo pelos troncos venosos (*veias cavas, superior e inferior*) pela auricula direita, sendo os liquidos das paredes do peito, dos membros superiores, pescoço e cabeça, conduzidos pela *veia cava superior*, e pela *cava inferior*, o liquido das partes inferiores: acontece que a *auricula* direita, provida de um numero consideravel de columnas carnudas, quebra o fluido composto, e opéra uma mistura mais perfeita, e o lança por suas contracções no ventriculo correspondente: este, irritado ou estimulado pela presença do liquido, contrahe-se, e o lança na *arteria pulmonar*, unica via que lhe está aberta para este fim, visto que seu fluxo sendo impedido de tornar para a auricula, pelo obstaculo que lhe offerece a valvula tricuspede, que á cada contracção se levanta entre estas duas cavidades, o sangue se vê por isso forçado a sahir pela abertura que encontra sem obstaculo.

O sangue que assim caminha, não póde voltar ao ventriculo, porque o seu orificio e abertura, é tambem guarnecido de tres valvulas chamadas *sygmoïdes* (em fórma de s grego), que impedem por sua disposição que o sangue, se precipite no ventriculo. Esta *arteria* leva o sangue, deste modo preparado, para se sanguinificar nos pulmões, onde pondo-se em contacto com o ar, apodera-se do elemento vivificador (o oxygeneo), e torna dahi pelas *veias pulmonares* (que são em numero de 4), e vae para a auricula esquerda, que por igual mechanismo que o que fez a direita, passa para o ventriculo esquerdo, e deste para a *arteria aorta*, que o distribue por todos os pontos do corpo.

Observações physiologicas.

O coração contrahe-se 4000 vezes em uma hora; sendo de 20 a 25 libras a quantidade de sangue que tem o corpo do homem; toda a massa do sangue passa em uma hora 18 vezes pelo coração humano.

A velocidade da circulação do sangue é tal, diz um escriptor, que corre em um minuto ao menos 125 pés.

Do pericardio.

O pericardio é uma membrana fibro-sorosa que envolve o coração e lhe faz conservar a sua posição, e obstar que elle siga as inclinações do corpo. E' formado de duas folhas, uma externa, fibrosa, que se continúa com o centro aponevrotico do diaphragma; e outra sorosa, que se prolonga sobre o coração, á cuja face externa dá um aspecto polido e luzente.

A folha interna do pericardio exhala constantemente uma quantidade de liquido soroso que envolve o coração a fazer com que os grandes movimentos do corpo não perturbem os seus movimentos vitaes.

INDICE

	Pag.
Considerações geraes e phylosophicas sobre o homem	1
Do homem e da mulher em geral	21
Reflexões geraes e paralelo entre o homem e a mulher	25
Analogias physionomicas dos dous sexos	31
Parallelo do homem e da mulher	32
Dos caracteres exteriores das mulheres	35
Idéa geral dos caracteres interiores e da natureza da mulher	41
Influencia da mulher na obra da geração	50
Do effeito da imaginação da mãe sobre o filho	68
Modificações naturaes na constituição das mulheres segundo as idades.	72
Considerações sobre as causas do amor entre os sexos	78
A mulher considerada em relação ás suas paixões.	91
Da amizade entre a mulher e o homem	99
Da mulher como mãe	105
Da mulher como esposa.	112
Da mulher como filha	128
Da mulher como irmã.	142
Da mulher como amante	145
A mulher é generosa, magnanima e sublime!!! ninguem a imita	151
Da mulher como irmã da caridade	166
Da mulher perante o Evangelho.	173
Do bello e da belleza	176
O merecimento das mulheres	190
Das mulheres illustres em letras e em bellas artes	212
Modo de conhecer a mulher pelos caracterès physionomicos.	217
Da physionomia das mulheres, consideradas em suas diferentes idades.	219
Da mulher virtuosa e da má mulher.	221
Do Pudor	224
Importancia da mulher	242
Organographia physiologica, physionomica e philosophica do homem e da mulher.	250

	Pag.
Enumeração dos musculos	256
Da cabeça	273
Considerações physiologicas e physionomicas do craneo do homem.	274
Sentimentos de Herder	275
Lavater e Gall, comparados em seus systemas por seus commenta- dores	275
Da face	277
Considerações physiologicas dos dentes.	278
Physionomia dos dentes.	278
Dos caracteres do genero humano, tirados da formá do semblante, e extrahido das observações de Lavater	279
Musculos do craneo, que servem para exprimir as paixões e os sen- timentos.	283
Musculos da face, que exprimem as paixões.	284
Da pelle sob as relações anatomicas, physiologicas e moraes.	287
Sentimentos de Lavater, em relação á côr e á physionomia da pelle.	291
Reflexões de Herder sobre o semblante	300
Sentimentos de Lavater	301
Diferença das côres e configuração nos homens	306
Da physionomia da testa.	321
Idéas phylosophicas de Peusebell sobre a physionomia da testa	324
Dos olhos	327
Descripção anatomica, physiologica e physionomica do olho e do apparelho da visão	328
Da orbita; das sobrancelhas; das palpebras.	329
Sentimentos de Herder sobre as sobrancelhas.	332
Do globo dos olhos	332
Glandula lacrimal.	333
Das lagrimas	334
Mechanismo da visão	338
Observações de Buffon sobre o olho.	340
Observações de Lavater sobre os olhos e sobrancelhas.	342
Dos musculos dos olhos	347
Physionomia moral do olho, por Salomão	347
Observações de Lavater e de Herder.	348
Physionomia de uns olhos, poesia de V. S. Pereira	348
Observações philosophicas do conde Oxenstirn, ácerca da vista	349
Da audição	350
Mechanismo da audição.	351
Relação da impressão auditiva com a intelligencia	352
Pensamentos de Salomão sobre a importancia do ouvido	353
Reflexões de Lavater sobre a orelha.	354
Pensamentos moraes de diversos philosophos sobre os ouvidos; juizo do Dr. Antonio Ferreira; da musica	355
Do nariz ou orgão do cheiro.	364
Do mechanismo do cheiro; utilidade do olfacto; physionomia do nariz por Lavater	366

	Pag.
Da respiração.	368
Cavidade do peito.	370
Pulmões.	371
Do ar atmosphérico.	372
Mechanismo da respiração.	373
Do calor animal, sua introdução e conservação no corpo organico e vivo.	375
Do apparelho da voz.	377
Do canto; da poesia.	382
Do grito, do riso, do suspiro e do soluço.	383
Do gosto e do apparelho gostador.	385
Mechanismo do gosto.	386
Dos sabores.	387
Reflexões philosophicas do conde de Oxensirn sobre o gosto.	388
Da bocca.	389
Descripção anatomico-physiologica da bocca; physionomia da bocca e dos labios por Lavater	391
Physionomia moral da bocca por Salomão.	393
Da palavra.	394
Considerações philosophicas sobre a palavra	395
Do apparelho da digestação.	404
Apparelho biliarie.	412
Dos vasos chyliferos, e dos demais fluidos do corpo do homem e mechanismo.	417
Absorpção do chylo; absorpção cutanea.	418
Absorpção mucosa; apparelho da circulação do coração.	419
Uso das aurículas.	421
Mechanismo da circulação	422
Observações physiologicas; do pericardio	423

ST/0308

mda

L9 C44